



---

REVISTA DA ASBRAP

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES  
DE HISTÓRIA E GENEALOGIA

---

2024

A  
A S B R A P  
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES  
DE HISTÓRIA E GENEALOGIA tem por finalidade:

- Promover o intercâmbio entre pesquisadores de História, Genealogia e demais ciências afins, de todo o território nacional, bem como integrá-los com os arquivos de fonte primária existentes no país.
  - Promover, em âmbito nacional, cadastramento de arquivos civis, militares, eclesiásticos, diplomáticos, universitários, particulares e outros, bem como o estudo e a divulgação de sua documentação.
  - Coordenar e divulgar projetos de pesquisa em todo o território nacional, podendo firmar convênios e promover publicações de pesquisas.
  - Promover cursos e palestras de História, Genealogia e ciências correlatas.
  - Despertar o interesse das autoridades e do público em geral, para a importância dos arquivos.
  - Apresentar propostas de melhorias no atendimento aos pesquisadores e na preservação de documentos.
  - Colaborar com entidades e com órgãos públicos em todas as iniciativas que a ASBRAP julgar por bem.
  - Credenciar pesquisadores junto às entidades e aos arquivos públicos e privados, nacionais e estrangeiros.
  - Envidar esforços junto às autoridades competentes com vistas ao reconhecimento e regulamentação da profissão de pesquisador em História e Genealogia.
- 

Participam desta revista:

**Adriana da Cunha Sinibaldi**  
**Alessandra Choairy Coelho Myrrha**  
**Antônio Seixas**  
**Camila Sanchez Diodato**  
**Decio Ferraz da Silva Junior**  
**Gilberto de Abreu Sodrê Carvalho**  
**Marcel Wagner Defensor Dias**  
**Maria Celina Exner Godoy Isoldi**  
**Maria Manuela Pereira**  
**Paulo Roberto Paranhos da Silva**  
**Rafael José Nogueira**  
**Rui Miguel Faisca Rodrigues Pereira**

# REVISTA DA ASBRAP

31





**REVISTA DA ASBRAP Nº 31**



**2024**

## **RESPONSABILIDADE**

Os conceitos e informações contidos nos artigos assinados são de exclusiva responsabilidade dos seus autores.

## **DIREITOS AUTORAIS**

Os direitos autorais sobre os artigos ora publicados foram cedidos, por seus autores, gratuitamente, para a presente edição e disponibilização na internet (*site* da ASBRAP).

## **PROPRIEDADE**

ASBRAP

Associação Brasileira de Pesquisadores de História e Genealogia

## **ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA:**

Caixa postal 6921

30190-970 – Belo Horizonte, MG - BRASIL

Visitem o nosso *site* na Internet: **[www.asbrap.org.br](http://www.asbrap.org.br)**

E-mail de Contato: **[contato@asbrap.org.br](mailto:contato@asbrap.org.br)**

.....

---

DIRETRIZES , METODOLOGIA, MEDIDAS E PARÂMETROS DA REVISTA DA  
ASBRAP

(acessar a página: <https://www.asbrap.org.br/index.php?mpg=09.01.00>)

---

#### COMISSÃO DE PUBLICAÇÕES

Membros titulares:

*Luiz Gustavo de Sillos*

*Marco Polo Teixeira Dutra Pheneé Silva*

*Maria Aparecida Almeida Dias de Souza*

*Paulo Roberto Paranhos da Silva*

*Rafael de Castro Baker Botelho*

Membro coordenador e suplente:

*Carlos Alberto da Silveira Isoldi Filho*

## SUMÁRIO DA REVISTA ASBRAP Nº 31

APRESENTAÇÃO DA REVISTA .....	9
BOAS PRÁTICAS PARA PRODUÇÃO DE TEXTOS PARA A REVISTA DA ASBRAP .....	11
<i>Comissão de Publicações</i>	
IDENTIDADES DOS PERSONAGENS GENEALÓGICOS .....	15
<i>Gilberto de Abreu Sodré Carvalho</i>	
FONTES DE PESQUISAS HISTÓRICAS E GENEALÓGICAS EM CARAGUATATUBA .....	21
<i>Adriana da Cunha Sinibaldi</i>	
DOCUMENTOS INÉDITOS DA FREGUESIA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO DO CAMPO ALEGRE DA PARAÍBA NOVA, ATUAL MUNICÍPIO DE RESENDE (RJ): UMA DESCOBERTA AO ACASO .....	29
<i>Décio Ferraz da Silva Júnior</i>	
AS VIAGENS DOS RODRIGUES – UMA FAMÍLIA SEFARDITA IBÉRICA NO TEMPO DA INQUISIÇÃO (SÉCULOS XVII – XVIII) .....	71
<i>Rui M. F. R. Pereira e Maria Manuela Pereira</i>	
DESCENDÊNCIA DE BALTAZAR DE GODOY MENDONÇA, ACHEGAS A SILVA LEME ...	99
<i>Maria Celina Exner Godoy Isoldi</i>	
A FAMÍLIA FRANCO, EM PIRAÍ (RJ), NOS SÉCULOS XIX E XX .....	137
<i>Antônio Seixas</i>	
DA ESPANHA AO BRASIL: TRAJETÓRIA E GENEALOGIA DE UMA FAMÍLIA DE IMIGRANTES .....	165
<i>Camila Sanchez Diodato</i>	
DOIS IRMÃOS CHOIRY NO BRASIL NO CONTEXTO DA IMIGRAÇÃO LIBANESA .....	271
<i>Alessandra Choairy Coelho Myrrha</i>	
O CASO POLYCARPO RIBEIRO BORGES: UM SUPERCENTENÁRIO EM PONTA GROSSA? .....	331
<i>Rafael José Nogueira</i>	
A ANTIGA TATUÍ E A SESMARIA SOBRE A MARGEM DO RIO SOROCABA .....	353
<i>Marcel Wagner Defensor Dias</i>	
LUZ, MOOCA E BRÁS, NÃO ESQUECEREMOS JAMAIS! (UMA REVISÃO HISTORIOGRÁFICA DA REVOLUÇÃO DE 1924) .....	373
<i>Paulo Paranhos</i>	
NECROLÓGICO .....	405
<i>A Diretoria</i>	

## **APRESENTAÇÃO DA REVISTA N.º 31**

Publicada anualmente desde 1994, a Revista da ASBRAP tem servido para divulgar informações inéditas de cunho histórico e genealógico, notadamente com base em fontes primárias, resultantes de pesquisas realizadas por nossos associados.

Visando aperfeiçoar os textos encaminhados para publicação em nosso periódico, divulgamos, no presente volume, boas práticas para produção de artigos para a Revista da ASBRAP, que podem nortear as mais variadas publicações relacionadas às ciências histórica e genealógica.

Esta edição da Revista da ASBRAP contém dois artigos de caráter histórico, além de textos de interesse genealógico que evidenciam a interdisciplinaridade entre essas duas ciências e outras disciplinas, tais como sociologia, demografia, arquivística, biografia e cronologia.

Isso evidencia a importância da cooperação entre os vários ramos do conhecimento em prol da sociedade.

Boa leitura a todos!

Comissão de Publicações

---



**BOAS PRÁTICAS PARA PRODUÇÃO DE ARTIGOS PARA A REVISTA DA ASBRAP**

*Comissão de Publicações*

Visando ao aperfeiçoamento dos textos encaminhados para a Revista da ASBRAP, a Comissão de Publicações recomenda algumas boas práticas, quais sejam:

- 1) Observar as diretrizes da Revista da ASBRAP em relação aos parâmetros de editoração (formatação do texto), a metodologia para descrição de ascendentes e descendentes e a convenção de abreviaturas (se forem utilizadas), constantes do nosso *site*:

<https://www.asbrap.org.br/index.php?mpg=09.01.00>

<https://www.asbrap.org.br/index.php?mpg=09.01.03>

<https://www.asbrap.org.br/index.php?mpg=09.01.04>

- 2) Providenciar a revisão ortográfica do texto, de preferência por um profissional da área, antes de enviarem para a Comissão de Publicações.
- 3) Citar as fontes de forma precisa, observando-se as normas da ABNT. Considerando que a ABNT não contém norma para citação de fontes primárias em arquivos, sugerimos o seguinte padrão para citação:

Exemplo *a*: Arquivo Público Mineiro, Mapas de População, caixa 1, documento 9.

Exemplo *b*: Arquivo Eclesiástico da Arquidiocese de Mariana, Livro de Óbitos da Freguesia de Cachoeira do Campo – 1788 a 1822 - fl. 64. Caso a fonte primária esteja disponível *on-line*, indicar o site e a data de acesso.

- 4) Dar os devidos créditos aos trabalhos e pesquisas publicados por outros genealogistas ou historiadores que foram utilizados na elaboração do texto.
- 5) Verificar se há trabalho sobre a mesma família ou mesmo assunto já publicado na Revista da ASBRAP para devida citação.
- 6) Empenhar-se em aprender conceitos, expressões, termos, etc., comuns à genealogia ou à história, o que resultará em aprimoramento de suas publicações, evitando erros causados por desinformação.

- 7) Fundamentar adequadamente suas conclusões genealógicas, levando em conta todas as provas encontradas.
- 8) Tratar com imparcialidade seu texto/artigo, a fim de evitar que questões ideológicas “distorçam” ou “contaminem” os resultados de suas pesquisas, assim como acendam debates inoportunos ou desagregadores.
- 9) Ao utilizar brasões e títulos nobiliárquicos, observar as regras de sua titularidade, bem como demonstrar os vínculos históricos dessas honrarias com as pessoas referidas no texto.
- 10) Tratar as informações de pessoas vivas com a devida cautela, especialmente dados *sensíveis*, *restritos* ou *sigilosos* que digam respeito a informações pessoais sobre origem racial ou étnica, convicção religiosa, opinião política, filiação a sindicato ou a organização de caráter religioso, filosófico ou político, dado referente à saúde ou à vida sexual, dado genético ou biométrico (art. 5º, inc. II, da Lei nº. 13.709/18 – Lei Geral de Proteção de Dados); ilegitimidade de filiação, adoção, perfilhação, mudança de prenome e/ou do gênero de pessoa transgênero (arts. 45 e 95, parágrafo único, da Lei nº. 6.015/73; art. 6º, §§ 1º e 2º, da Lei nº. 8.560/92; e art. 519 do Provimento CN-CNJ nº 149/2023); ou ainda quando a alteração de nome for concedida em razão de fundada coação ou ameaça decorrente de colaboração com a apuração de crime, pelo juiz competente (art. 57, § 7º, da Lei nº. 6.015/73).
- 11) Registrar os nomes próprios na ortografia atual, à exceção das pessoas vivas com o propósito de salvaguardar seus direitos individuais (exemplos: João, e não Joam; José, e não Jozé; Luísa, e não Luiza; Tomás, e não Thomaz; Rui, e não Ruy ...). Se a pessoa tratada for estrangeira, o nome deve seguir as regras ortográficas do país de origem.
- 12) Registrar as mulheres sempre com o nome de solteira e, se desejado pelo autor, o nome de casada virá depois com a devida distinção.
- 13) Flexionar os nomes próprios quanto ao número, segundo as mesmas regras autorizadas para os substantivos (ou nomes) comuns. Então, deve-se utilizar “os Carneiros”, e não “os Carneiro”; ou “os Alvarengas Lemes”, e não “os Alvarenga Leme”. Para maiores detalhes das regras de flexão de nomes próprios, consulte o artigo: CAMPOS, Arthur Nogueira. *Nomes Próprios: Flexão, Ortografia e Indexação Alfabética*. In: Revista da ASBRAP nº 2, p. 261-266, também disponível em: [https://www.asbrap.org.br/artigos/rev2\\_art20.pdf](https://www.asbrap.org.br/artigos/rev2_art20.pdf).
- 14) Aos registrar cargos ou funções, eles devem ser iniciados por letra maiúscula quando precederem nomes próprios; se empregados de forma geral, em minúsculas. Ex.: o Capitão-mor Vicente da Costa...; quando se



vagou o posto de capitão-mor da vila de Itu...

- 15) Nunca considerar uma fonte bibliográfica como verdade absoluta (desenvolver uma visão crítica). Por mais conceituado que seja o autor/pesquisador, um trabalho genealógico nunca é completo. Sempre haverá acréscimos ou correções, posto que muitas das obras consagradas foram escritas em períodos nos quais o acesso às fontes primárias eram mais difíceis, até mesmo por questões geográficas, obrigando o autor a se valer de troca de correspondências com pessoas que eram representantes das famílias estudadas. Não sendo possível a apuração dos fatos, por vezes, esses indivíduos valiam-se apenas das tradições orais, que não necessariamente estavam corretas.
- 16) Evitar a transcrição/cópia de “genealogias fantásticas” que remontam à Idade Média ou antes, pois, devido à escassez de fontes primárias desses períodos, torna-se inviável o cotejamento de informações eventualmente publicadas em antigos nobiliários, o que gera muitas ilações, dúvidas e polêmicas. Se o autor achar imprescindível, basta a menção em nota sobre a existência da antiga publicação que dá continuidade aos ascendentes da família tratada, mas sem a necessidade de repetição dos dados no texto atual produzido.
- 17) Considerar que as publicações genealógicas não representam apenas a descrição de ascendentes ou descendentes, informando datas e locais de nascimento, casamento ou óbito. Desse modo, tendo em conta que a genealogia é uma ciência que tanto auxilia quanto é auxiliada pela história e outras disciplinas, é importante conhecer (ou procurar conhecer) e considerar o momento/período (usos e costumes da época) em que a famílias tratadas no trabalho estavam inseridas.

Comissão de Publicações da ASBRAP

*Carlos Alberto da Silveira Isoldi Filho*

*Luiz Gustavo de Sillos*

*Marco Polo Teixeira Dutra Pheneé Silva*

*Maria Aparecida Almeida Dias de Souza*

*Paulo Roberto Paranhos da Silva*

*Rafael de Castro Baker Botelho*



## IDENTIDADES DOS PERSONAGENS GENEALÓGICOS

*Gilberto de Abreu Sodré Carvalho*

**Resumo:** *Este artigo é sobre a formação continuada das “identidades” dos ora viventes e dos seus ancestrais, como o resultado da interação entre a “autoidentidade”, como a pessoa se percebe, e a “identificação social” da pessoa pelos vários ambientes sociais onde vive ou viveu. A “identidade” é objeto de pesquisa na Genealogia, do mesmo modo que o levantamento das relações entre as pessoas.*

**Abstract:** *This article discusses the ongoing formation of the “identities” of living individuals and their ancestors, resulting from the interaction between “self-identity” (how a person perceives themselves) and the “social identification” of that individual by the various social environments in which they live or have lived. “Identity” is a subject of research in genealogy, along with the relationships among individuals.*

### Introdução

O objeto das pesquisas genealógicas são os antepassados de alguém e/ou os que descendem de um dado personagem do passado. Daí surgem as questões: Quais os seus nomes? Quando nasceram, onde e quando morreram? Que vida tiveram? Com quem tiveram filhos? Que profissões e/ou cargos tiveram? Qual o âmbito e peso de sua importância em seu meio familiar e na sociedade? Quais as circunstâncias culturais e socioeconômicas que enfrentaram? Quais as mudanças de *status* social que experimentaram?

Os seres humanos, constantes nos resultados das pesquisas genealógicas, são como nós somos, os hoje viventes. A cada tempo, e cada um no seu tempo e ambiente social, queremos nos afirmar no curso de nossas vidas. Isso ocorre desde as primeiras comunidades organizadas de humanos, há muitos milhares de anos. A organização social implica em distribuição de tarefas, definição de níveis de autoridade e de responsabilidade no grupo, e estabelecimento de regras de ascensão, estabilidade e descensão social, e de repasse de condição social para os descendentes. Essa é a dinâmica das vidas dos humanos em sociedade, no

presente, no passado próximo e no remoto; inclusive no plano intergeracional.

No plano intergeracional, forma-se um colar e uma rede de histórias das vidas interconectadas. Este é, parece, o campo de estudos da Genealogia mais difícil. A ideia de *homo genealogicus* é a de que cada ser humano é um elo dessa teia de narrativas e que a sua história importa no entendimento das influências de uns sobre os outros elos.

Como escrevi em Carvalho (2017), somos *homo genealogicus* desde quando nascemos até morrermos, e ficarmos então à disposição dos pesquisadores para contarem sobre nós. Vamos, em vida, nos autobiografando enquanto vivemos, a construir nossa narrativa em interação com os outros e com as histórias dos outros, frente às estruturas e em meio às circunstâncias. Para tanto, cada qual de nós busca elementos de um bom enredo dentro das nossas possibilidades.

Os exemplos mais evidentes desse traço humano de autoafirmação estão nos faraós, imperadores e reis, e ainda os grandes senhores e aristocratas em geral. Todos esses querem pontuar-se como especiais e merecedores de sua posição social. No entanto, os demais humanos têm também esse impulso na vida em sociedade. Até os escravizados tinham e têm (onde o escravismo ainda existir) essa conduta, na medida em que ou se rebelavam ou buscavam agradar para obter uma vida melhor.

A Genealogia, por conta desse impulso generalizado entre os humanos em sociedade, pode ser vista como um estudo seriíssimo para entender-se o desejo de poder/sobrevivência de cada um de nós. O impulso por de alguma forma nos impormos no meio social estabelece a competição pela ascensão social e a fuga da descensão. Serve para nos autopercebermos hoje, em nossas vidas, como roteiristas e atores de autobiografias em curso de encenação e ajustes. Auxilia para entendermos, em nós e nos ancestrais, a ação, a omissão e/ou a interação que levaram a cada biografia.

### **Três planos de investigação a respeito dos antepassados**

O primeiro é o da investigação sobre como o personagem se autopercebia, ou seja, como se posicionava na hierarquia social e porquê, como avaliava suas chances de ascensão ou ameaças de descensão. Isso pode ser visto por cartas, crônicas e outros documentos.

O segundo é de como o meio social do personagem o percebia e avaliava. Como seu ambiente familiar próximo e expandido, e ainda a sociedade local e o

mundo social amplo, o posicionavam a cada tempo ou momento de sua vida? São fontes de pesquisa os jornais, livros, menções de terceiros e o mais.

O terceiro é de como a autoidentidade e a identificação social do personagem se organizaram para gerar a sua identidade, a cada tempo ou momento de sua vida. A identidade é dinâmica e mutável, tanto quanto os demais planos.

### **O *self* como o gerador da vida relacional**

A autoidentidade é resultado do *self* de cada um (o seu “eu” profundo), que se manifesta, interna e externamente, nas várias formas de pensar, sentir, agir, reagir, julgar, motivar-se e remontar ao seu passado. O *self* não parece ser inteiramente consistente, mas algo com nuances e incoerências na sua camada mais externa ou menos profunda.

Para cada pessoa ter algum conhecimento objetivo (demonstrável aos outros) de como é a sua própria autoidentidade, seria preciso um modelo gráfico complexo, com conexões e setas direcionais incontáveis, de modo a reproduzirem visualmente os possíveis padrões. Mesmo assim, o modelo, que fosse desenhado na máxima boa-fé e cuidado descritivo, só teria aproveitamento por pouco tempo, uma vez que a autoidentidade se altera na experiência de vida do indivíduo que a apresenta, ainda que se mantenha menos mutável no campo da *identidade*, no qual se estabelece a conexão entre a autoidentidade e a identificação social.

As designações pessoais em geral, como os nomes, os sobrenomes, os nomes completos, as alcunhas, os diminutivos afetuosos, os axiônimos e mesmo as designações ou vocativos circunstanciais (como “moço”, “menino”, “senhor” etc.) têm imbricação com a autoidentidade em geral e com âmbitos específicos da mesma autoidentidade. Isto se observa nos estudos sobre a prática da psicanálise e de psicologia clínica (Barron, 2006). Cada designação pessoal vai tocar a autoidentidade de um acesso, ou interfaceamento diferente, e indicar um setor de narrativas, temáticas, atitudes e reações práticas distintas. Para complicar, a simples designação pessoal será alterada em seus efeitos avocatórios pelo contexto da ocasião e por quem seja o interlocutor.

O *self* é a origem da autoidentidade. É um *constructo* teórico, ou seja, uma noção que se faz necessária para ser possível qualquer exposição intelectual sobre a autoidentidade. É ele que cria a autoidentidade.

Por que a noção de *self* seria tão importante para o estudo da hierarquia social? Porque o *self* de cada um de nós exerce uma busca fundamental pela própria

relevância, por se ser de algum modo especial. Ou seja, o *self* quer ser durável. Quer ter uma essência própria, autônoma, diferente de tudo que lhe é externo. Determina-se a ser o protagonista da vida que ele percebe em si mesmo, a qual é a única manifestação vital que lhe é evidente. Dúvidas sobre este “individualismo” do *self* poderia haver na Índia das castas ou em outras culturas orientais, mas não no mundo judaico-cristão e na nossa universal civilização capitalista.

Cada *self* busca posicionar-se o mais alto que puder na estrutura e dinâmica sociais, bem como em qualquer grupo organizado menor, como a família. Na medida em que a avaliação e a identificação coletiva da relevância social de alguém são feitas por julgamentos comparativos, de cada um em relação aos outros, qualquer pequena diferença a maior em imanência comparada é um trunfo notável.

A autoidentidade é construção, no tempo, da autopercepção da personalidade tendo como ponto de observação o interior de cada um para fora, ou seja, para a vida social. Apresenta-se uma composição de autonarrativas do já vivido mais as expectativas de autonarrativas projetadas para o futuro. A autoidentidade de uma pessoa é produto de sua compreensão de si mesma como indivíduo no meio social onde interage. Valho-me dos conceitos dos sociólogos Giddens e Sutton (2016).

Na medida em que as pessoas com quem eu interajo também me percebem, as autoidentidades, a minha e a dos outros, são interativas. Essas relações são numerosas; multiplicam-se na nossa Alta Modernidade do século 21. Ver Giddens (2002) sobre a Alta Modernidade. Ela teria começado por volta de 1980.

As autoidentidades são construídas, monitoradas, ressignificadas e transformáveis em contínuo processo de interação da pessoa com as outras. A identidade altera-se conforme as sinalizações vindas da identificação social. A autoidentidade inclui a autopercepção da pessoa como praticante de uma ocupação ou de ocupações, como detentora de papel ou papéis sociais, como inserida em nível de poder na hierarquia social.

O corpo de cada um de nós é o *locus* da nossa autoidentidade, para a generalidade dos efeitos. O corpo, inafastavelmente, ao menos na normalidade psicológica, irá condicionar e modelar, em alguma medida, a autoidentidade. Importam na construção da autoidentidade: o gênero identitário assumido, o volume corporal, a raça, o vigor sexual, a idade, os defeitos físicos etc. Mesmo que os fatores do corpo venham a ser vencidos ou superados como condicionadores, terão tido o seu impacto.

As mudanças na autoidentidade não significam a perda, pela pessoa, de sua própria noção de continuidade, ou de a pessoa ser, o tempo todo, o mesmo ente. Só em casos psiquiátricos graves ou na condição dos pacientes da doença

de Alzheimer se tem a perda de si. No âmbito da autoidentidade regular, de que aqui tratamos, mudanças importantes ocorrem sem que se perca o sentimento de continuidade. As mudanças são revelações ou apresentações do que era antes latente ou potencial, ou são o que se tornou possível (como latente ou potencial) por efeito de pequenos ajustes de interação precedentes. Tudo sem perda da continuidade narrativa da vida do indivíduo.

### **Autoidentidades, identidades e identificação social dos personagens**

A identidade não é só autoidentidade, mas também não é apenas a identificação social de alguém. É, como já dito, o terreno de uma disputa construtiva cujos resultados vão afetar tanto a autoidentidade como a identificação social do indivíduo. Isso ocorre ainda que os núcleos de cada dimensão (autoidentidade, identidade e identificação social) não se confundam um com o outro. Quem viveu até a idade adulta sabe disso. Quem viveu mais que isso, chegando à velhice, sabe que a sua identidade foi mudando ou se transformado a cada tempo, mediante a superação, ou não, dos obstáculos e o aproveitamento das oportunidades.

Cada personagem genealógico teve suas preferências quanto a ligar-se a e inspirar-se em certos antepassados e não a outros, ao ponto de esconder esses últimos. Ou seja, a sentir-se e mostrar-se um Almeida que o liga à família da mãe e não ao Pereira que o liga ao pai. Observa-se que cada um escolhe uma origem, ou uma linhagem que lhe seja proveitosa em algum sentido. E tenta obter a aceitação dessa sua escolha pela identificação social.

Esse fato – o da escolha de como cada um quer ser genealogicamente faz com que tenhamos, por exemplo, bisavós mais importantes que outros, aos nossos olhos e na nossa vontade de nos “alinarmos” a eles. Os demais são esquecidos. Geneticamente, nossos dezesseis bisavôs são iguais em relevância (caso não haja duplicidades, de alguém mais de uma vez bisavô ou bisavó), mas não genealogicamente. Pode também ocorrer de certos netos de um casal sejam mais reconhecidos como herdeiros da tradição familiar que outros. As relações genealógicas subjetivas são resultado de escolhas de pertencimento, para cima e para baixo, e dos lados e de volta. A escolha de um sobrenome para uso social é uma indicação do como a pessoa se vê genealogicamente. A que pertencimento ela quer ativar em detrimento de outros possíveis? Observa-se que até 1940, com a Lei dos Registros Públicos, as pessoas, no Brasil, escolhiam como serem conhecidas com a sobrenomeação que entendessem. Por vezes, substituíam a sobrenomeação, sem que isso fosse ilegal. Só se recebia, no batismo, o primeiro nome (José, Maria, Afonso, Rita etc.).

O genealogista pesquisa sobre documentos diretamente pertinentes e sobre o contexto histórico, com isenção, rigor e boa-fé. Busca levantar a evolução da identificação social dos seus personagens. Também pesquisa como seriam as autoidentidades dos mesmos personagens; como eles teriam se autopercebidos no curso de suas vidas. E a identidade? Essa é o objeto último da pesquisa sobre o personagem genealógico; leva a noção equilibrada do indivíduo. Quando não houver provas diretas, somente são aceitáveis as conjecturas do genealogista sobre a identidade do personagem, se isso for declarado expressamente como hipótese pessoal do mesmo estudioso. Nunca como algo comprovado. Os historiógrafos também ponderam e procuraram preencher os vazios entre os fatos documentados, o que se permite na medida em que a subjetividade do autor seja informada a quem o leia.

Haveria um só desenho de como seria a identidade do personagem? Não. Pode haver divergências entre apreciações. Há a questão das visões díspares, ou seja, de como frente aos mesmos fatos os pesquisadores dão as suas versões. Um caso típico disso é o do personagem Napoleão Bonaparte. Em geral, para os autores britânicos e de tradição inglesa, Napoleão é tomado como um ogro, um Hitler ou um Stalin, vivente na virada do século 18 para o 19. Para os biógrafos franceses e os francófonos em geral, Napoleão é (ou foi) um transformador nas práticas de governo, um iluminado.

### Referências

BARRON, Grace Caroline. What is in a name: what analyst and patient call each other. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 54(3), p. 903-917, Sep. 2006.

CARVALHO, Gilberto de Abreu Sodré. Homo Genealogicus – Gênese e Evolução do Ser Humano Socialmente Importante. São Paulo, Edição do Autor, 2017.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002. (Ed. orig. *Modernity and Self-Identity*, 1991)

GIDDENS, Anthony; SUTTON, Philip W. Identidade. *Conceitos essenciais da Sociologia*. São Paulo: Unesp, 2016.



## FONTES DE PESQUISAS HISTÓRICAS E GENEALÓGICAS EM CARAGUATATUBA

*Adriana da Cunha Sinibaldi*

**Resumo:** *O município de Caraguatatuba, localizado no litoral norte de São Paulo, possui diversas fontes de pesquisa genealógicas. Este resumo aborda as principais fontes disponíveis para o estudo da história das famílias que ali se estabeleceram. Entre as fontes documentais, destacam-se os registros civis, paroquiais e outros documentos importantes e menos explorados sob a guarda de arquivos públicos municipal e estadual, que podem ampliar a genealogia e história familiar, parte destes não disponíveis online e descobertos através de pesquisas de campo.*

**Abstract:** *The municipality of Caraguatatuba, located on the northern coast of São Paulo, has various genealogical research sources. This abstract discusses the main resources available for studying the history of families that settled there. Among the documentary sources, civil and parish records stand out, along with other important yet less explored documents preserved in municipal and state public archives. These materials can expand family genealogy and history, some of which are not available online and were discovered through field research.*

Ao tentar fazer uma pesquisa genealógica sobre Caraguatatuba, SP, encontrei poucas fontes documentais. Com o objetivo de localizar mais documentos, fui pessoalmente à cidade. Neste artigo apresento visitas investigativas sobre acervos e fontes de pesquisa em Caraguatatuba em 2024. Uma cidade pequena, mas de interesse para muitos paulistas que tem seus antepassados nas cidades costeiras. Convido o leitor a participar da minha viagem e descobertas.

### **Caraguatatuba**

Caraguatatuba é um município brasileiro no litoral norte do estado de São Paulo. Conhecida como a capital do litoral norte, integra a região imediata de Caraguatatuba-Ubatuba-São Sebastião, localizando-se a leste da capital do estado e distando desta cerca de 178 km. A cidade ocupa uma área de 484,947 km<sup>2</sup>. De acordo com o Censo 2022, a população do município é de 134.873 habitantes<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Caraguatatuba> - Acesso em 19-ABR-2024

*Vista Panorâmica da Cidade de Caraguatatuba.*



Autor Desconhecido, ano Desconhecido, fonte: IBGE

### **Breve Histórico**

Século XVI - Após 1534, os primeiros vestígios de ocupação surgiram quando o rei Dom João III de Portugal dividiu o território brasileiro em 15 Capitanias Hereditárias e as concedeu em regime de hereditariedade a nobres, militares e navegadores ligados à Corte. O intuito da coroa portuguesa era simplificar a administração e acelerar o processo de colonização das novas terras brasileiras. Dessa forma, foi estabelecida a Capitania de Santo Amaro, abrangendo a região desde a foz do Rio Juqueriquerê em Caraguatatuba até Bertioga. Essa área foi destinada ao navegador Pero Lopes de Sousa, um destacado nobre português daquela época<sup>2</sup>.

Século XVII - A colonização de Caraguatatuba teve início no começo deste, por meio das sesmarias. A primeira área ocupada, em 1609, abrangia a região do Rio Juqueriquerê e foi concedida aos antigos habitantes de Santos, Miguel Gonçalves Borba e Domingos Jorge. A partir desse momento, surgia o embrião do que viria a se tornar a vila de Santo Antônio de Caraguatatuba<sup>3</sup>.

Entre os anos de 1664 e 1665, Caraguatatuba foi oficialmente estabelecida por Manuel de Faria Dória, que era o Capitão-Mor da Capitania de Itanhaém na época.

Em 1693, um violento surto de varíola vitimou parte da população da vila, o restante dirigiu-se para a cidade de Ubatuba e São Sebastião, ficando então

2 Fonte: <https://www.camaracaragua.sp.gov.br/sobre-o-municipio>.

3 Fonte: <https://www.camaracaragua.sp.gov.br/sobre-o-municipio>

o local conhecido como a “vila que desertou”. Devido a epidemia que se abateu sobre o povoado, o pequeno vilarejo ficou deserto, permanecendo somente a capelinha de invocação a Santo Antônio. Décadas depois, a Vila de Caraguatatuba foi sendo repovoada. Em 27 de setembro de 1770, Santo Antônio de Caraguatatuba foi elevado à condição de vila, sem emancipação político-administrativa.

Século XIX - Em 1847, Caraguatatuba foi elevada à condição de “freguesia” e em 1857, foi elevada, novamente, à categoria de vila tendo, nesta data, sua emancipação política-administrativa, deixando de pertencer ao Município de São Sebastião.

### **Museu de Arte e Cultura de Caraguatatuba**

O Museu de Arte e Cultura de Caraguatatuba, fundado em 2002 pelo Governo Municipal e pela Fundação Educacional e Cultural de Caraguatatuba, é o mais antigo do litoral norte de São Paulo. A tipologia do MACC é museu de arte, porém dispõe de um acervo histórico e uma galeria de exposição permanente sobre a história da cidade, com maquete e cenário de casa tradicional caiçara<sup>4</sup> 5.



Foto: INSTITUTO MIGUEL DE SOUZA, 1946, *Praça Cândido Mota*.

4 <https://cem.sisemsp.org.br/instituicao/20055/#:~:text=O%20Museu%20de%20Arte%20e,Escolar%20Professora%20Adaly%20Coelho%20Passos%2C> - Acesso em 28-ABR-2024.

5 Caiçara é a denominação dada à população tradicional dos litorais de São Paulo e do Paraná e das regiões de Paraty e Angra dos Reis, formada pela miscigenação entre indígenas, portugueses e escravos africanos. Esse povo tem como parte da sua cultura a pesca artesanal, cultivo de pequenos roçados, a caça, o extrativismo vegetal e o artesanato.

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Cai%C3%A7aras> - Acesso em 19-ABR-2024.

### Arquivo Público Municipal de Caraguatatuba Arino Sant'Ana de Barros

O Arquivo Público, nascido em 20 de março de 1998, vinculado à FUNDACC - Fundação Educacional e Cultural de Caraguatatuba, guarda documentos de valor permanente e histórico. O Arquivo Municipal dispõe e dá acesso à população aos documentos históricos pertencentes a fundos e coleções municipais, oriundos de secretarias da Prefeitura, da Câmara Municipal e de particulares, como de ex-prefeitos. No Arquivo Municipal são realizados projetos como o *Projeto História Oral "Recontando Caraguá"* (registro de depoimentos de moradores e veranistas sobre Caraguatatuba, com publicação de livros e produção de documentários), e outros trabalhos voltados para a História e Memória do município<sup>6</sup>.

Esse arquivo abriga uma diversidade importante de registros de interesse Histórico e Genealógico da cidade, dos quais faço um breve relato a seguir.

- 5 Fichas de Registros de Escravos alforriados e/ou doados;
- 15 livros de Atas do Cemitério do Indaiá, de setembro de 1956 até agosto de 2010, contendo dados como nome dos falecidos, datas de óbito, certidão de óbito, *causa mortis*;
- Jornais locais da década de 1950 até os mais recentes, entre eles:
  - A Voz do Litoral*, de 1960 até os dias atuais;
  - Jornal *Expressão Caiçara*, da década de 1980 até 2024, além de outros jornais.
- Cartas e documentos dos órgãos públicos;
- Fotos e cartas doadas pelas famílias da cidade;
- Livros de ata de chamada, livros de diários de classe, e outros livros escolares, a partir de 1891, de diversas escolas da cidade;
- Livros de Matrículas Escolares das seguintes escolas e períodos:
  - 2ª Escola Intermédia de Caraguatatuba de 1905 a 1912;
  - Escola Intermédia de Caraguatatuba de 1895 a 1901;
  - 3ª Escola Masculina de Caraguatatuba de 1916 a 1922;
  - 2ª e 3ª Escolas Masculina de Caraguatatuba 1923;
  - Escolas Reunidas Urbanas de Caraguatatuba 1923 a 1933;
  - Grupo Escolar de Caraguatatuba 1933 a 1972;
  - 1ª, 2ª e 3ª Escolas Bairro Massaguassú de 1902 a 1974;
  - Escola do Bairro Mococa de 1923 a 1929 e 1942 a 1957;
  - Escola Bairro Tabatinga de 1916 a 1920;
  - Escola Fazenda Jituba/Getuba de 1949 a 1972;
  - Escola Sítio Pegorelli de 1962 a 1973;
  - Escola do Camburu de 1956 a 1967;
  - Escola Fazenda Rio Claro de 1961 a 1974;

<sup>6</sup> <https://arquivopublico.fundacc.sp.gov.br/apmc/> - Acesso em 28-ABR-2024

2ª Escola do Bairro Pirassununga de 1963 a 1967;  
Escola do Gentio de 1949 a 1962;  
1ª Escola do Pirassununga de 1963 a 1967 e 1969 a 1974;  
Escola Juqueriquerê (Poro Novo) de 1939 a 1960;  
Escola do Bairro Porto Novo de 1957 a 1960;  
Escola do Sítio Velho / Praia das Palmeiras de 1961 a 1972;  
Escola Bairro Algodão de 1965 a 1974;  
Escola Fazenda Poiares de 1953 a 1966;  
1ª Escola Santo Antônio (Tinga) de 1953 a 1972;  
2ª Escola Bairro Tinga / Santo Antônio de 1964 a 1971;  
3ª Escola Santo Antônio (Tinga) de 1967 a 1970;  
1ª Escola Rio do Ouro 1967;  
Curso de Alfabetização Adultos Jituba/Getuba 1964;  
Curso Adultos Camburu 1967;  
Aulas de Alfabetização de Adultos 1966;  
Serviço de Educação Supletiva de 1970 a 1972.

Além desses, existem outros fundos e coleções no Arquivo Municipal de menor interesse genealógico.

### **Arquivo da Cúria Diocesana de Caraguatatuba**

A Cúria de Caraguatatuba guarda os livros de registros religiosos das cidades de São Sebastião, Ilhabela, Ubatuba e Caraguatatuba. A pesquisa presencial não é permitida, sendo necessário solicitar e pagar pela pesquisa ou busca de registros e, se for localizado, pagar também a emissão do documento. O prazo para pesquisa é de aproximadamente 30 dias. Costuma ter recesso no mês de janeiro. Não há registros digitalizados dessa Cúria.

Conforme informado pela secretaria em 29-ABR-2024, possui os livros de Caraguatatuba como segue: Batismos a partir de 1876, Matrimônios a partir de 1917 e Óbitos a partir de 1874.

### **Arquivo Público do Estado de São Paulo**

Um pouco distante de Caraguatatuba, na capital do estado, estão guardados documentos que podem complementar a pesquisa genealógica e familiar. Trata-se de Listas de Eleitores, do período de 1847 até 1880. Apenas eleitores masculinos são listados. Pude verificar que de 1847 até 1874, as listas trazem os nomes dos eleitores, estado civil, idade e profissão. Em 1875 foi acrescentada a informação sobre rendimentos. A partir de 1876 até 1880, foram adicionadas informações sobre filiação e alfabetização. Junto dessa documentação encontram-se registros de alguns escravos da cidade em 1874.

Sob a guarda deste arquivo, encontram-se os Maços de População, que diz respeito ao recenseamento da população de 1765 a 1866, onde é possível encontrar informações de algumas famílias da cidade.

### **Centro do FamilySearch**

Há um Centro do FamilySearch em Caraguatatuba. O acervo possui livros digitalizados de Registro Civil de Nascimentos, Casamentos e Óbitos no período de 1875 a 1932, com consulta apenas presencial nos Centros do FamilySearch. Também conta em seu acervo registros dos Livros Talão, do período de 1929 a 1975, de acesso livre no *site*. A pesquisa é gratuita e visitantes são bem-vindos.

### **Outras Possibilidades de Pesquisa**

Consultar inventários e testamentos são uma boa opção para ampliar a pesquisa, para isso, precisa verificar junto ao Fórum que atende a cidade a disponibilidade de consulta.

### **Conclusão**

As visitas de campo em Caraguatatuba e São Paulo, realizadas no Centro Histórico, Museu, Arquivos Públicos, Cúria e Centro do FamilySearch, revelaram a existência de registros e documentos importantes para fins Históricos e Genealógicos. A maioria desses registros não está disponível *online*, sendo necessário ao pesquisador identificar possíveis locais e acervos para pesquisa, além do tradicional registro civil.

Espero que esse levantamento venha a ajudar interessados com antepassados nessa cidade a ampliar a sua pesquisa e servir como inspiração para quem busca documentos em qualquer local e não os encontra disponíveis *online*.

### **Agradecimentos**

Registro um agradecimento especial à equipe do Arquivo Público Municipal de Caraguatatuba Arino Sant'ana de Barros, pela atenção, presteza e colaboração durante as pesquisas. Agradeço a atenção e cordialidade da secretaria da Cúria Diocesana de Caraguatatuba. Gratidão pelo excelente atendimento recebido da equipe da Sala de Pesquisa do Arquivo Público do Estado de São Paulo e agradecimento aos voluntários do Centro do FamilySearch de Caraguatatuba.

## **FONTES DE PESQUISA**

### **Museu e Arquivos Públicos:**

MACC - Museu de Arte e Cultura de Caraguatatuba

APMC – Arquivo Público Munic. de Caraguatatuba Arino Sant’Ana de Barros

APESP – Arquivo Público do Estado de São Paulo

### **Arquivos Eclesiásticos:**

Arquivo da Cúria Diocesana de Caraguatatuba

Centro do FamilySearch de Caraguatatuba

### **Sítios na internet:**

<https://fundacc.sp.gov.br/categorias/macc>

[https://www.facebook.com/museumacc/?locale=pt\\_BR](https://www.facebook.com/museumacc/?locale=pt_BR)

[facebook.com/arquivopublicodecaraguatatuba](https://www.facebook.com/arquivopublicodecaraguatatuba)

<https://fundacc.sp.gov.br/categorias/arquivo-publico>

<https://dicaragua.org.br/contato>

<https://www.camaracaragua.sp.gov.br/sobre-o-municipio>

<http://familysearch.org>

<https://www.wikipedia.org>

<https://www.arquivoestado.sp.gov.br/web>

### **Livro:**

CAMPOS, Jurandyr Ferraz de. *Santo Antônio de Caraguatatuba: memória e tradições de um povo*. Caraguatatuba: Fundacc, 2000. 468 páginas.

### **Mensagem ao Leitor**

Caso você conheça outros locais e fontes não citadas sobre Caraguatatuba e queira compartilhar, pode enviar uma mensagem para a autora desse artigo no endereço eletrônico [adriana.sinibaldi@hotmail.com](mailto:adriana.sinibaldi@hotmail.com).





**DOCUMENTOS INÉDITOS DA FREGUESIA DE NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO  
DO CAMPO ALEGRE DA PARAÍBA NOVA, ATUAL MUNICÍPIO DE RESENDE  
(RJ): UMA DESCOBERTA AO ACASO**

*Décio Ferraz da Silva Júnior*

**Resumo:** *Documentos genealógicos inéditos encontrados no Arquivo Histórico Municipal de Resende.*

**Abstract:** *Unpublished genealogical documents found in the Municipal Historical Archive of Resende.*

Quando se adentra o mundo da pesquisa genealógica, o pesquisador se depara por vezes com situações inusitadas e curiosas, não raro constrangedoras, ao se descobrir um ancestral envolvido em circunstâncias, no mínimo, desabonadoras e se ver ignorado ou criticado por familiares que não aceitam a verdade histórica de que um antigo membro da família fora um ladrão, ou assassino, ou quiçá uma mulher de “vida fácil”, como se dizia antigamente. Todo bom pesquisador já de deparou com tal situação.

Mas as horas “gastas” nos arquivos e bibliotecas, respirando ácaros e papéis mofados, são mais repletas de bons acontecimentos que experiências ruins, como as maledicências de qualquer parente rabugento. Digo isso ao me recordar da sensação que tive quando descobri o inventário de meu tetravô, que confirmava uma hipótese aventada pelo meu cérebro inquieto de que o nome “Silva” de minha família não tinha uma origem aleatória, como se pensava, mas uma ramificação de sefarditas portuguesas da casa dos “Bicudo Carneiro”, como já comprovado por pesquisas outras devidamente documentadas. Mas isso é uma outra história que não convém aqui alongar, pois o objeto do texto é compartilhar com os leitores uma outra descoberta ao acaso que me trouxe a satisfação que só quem pesquisa dados genealógicos sente.

Quando os efeitos da pandemia de coronavírus arrefeceram e as restrições foram suavizadas por conta da campanha de vacinação pública, resolvi retomar, em parte, as pesquisas de outro ancestral que muito me interessava, e ainda

interessa, do ramo familiar de minha falecida mãe, os “Fortes Bustamante”, que provem do primeiro aqui chegado, Antônio Fortes de Bustamante, nascido na Vila de Ourém, Santarém, em Portugal, que para tal exigia o deslocamento, pela segunda vez, até a cidade de Resende/RJ, já que a primeira tentativa de localização do inventário na sede da justiça fluminense, antes do evento pandêmico, resultou em verdadeiro fracasso. Na tentativa de contornar o obstáculo anterior, descobri a existência de um arquivo histórico na cidade, que me permitiu agendar uma rápida visita vespertina.

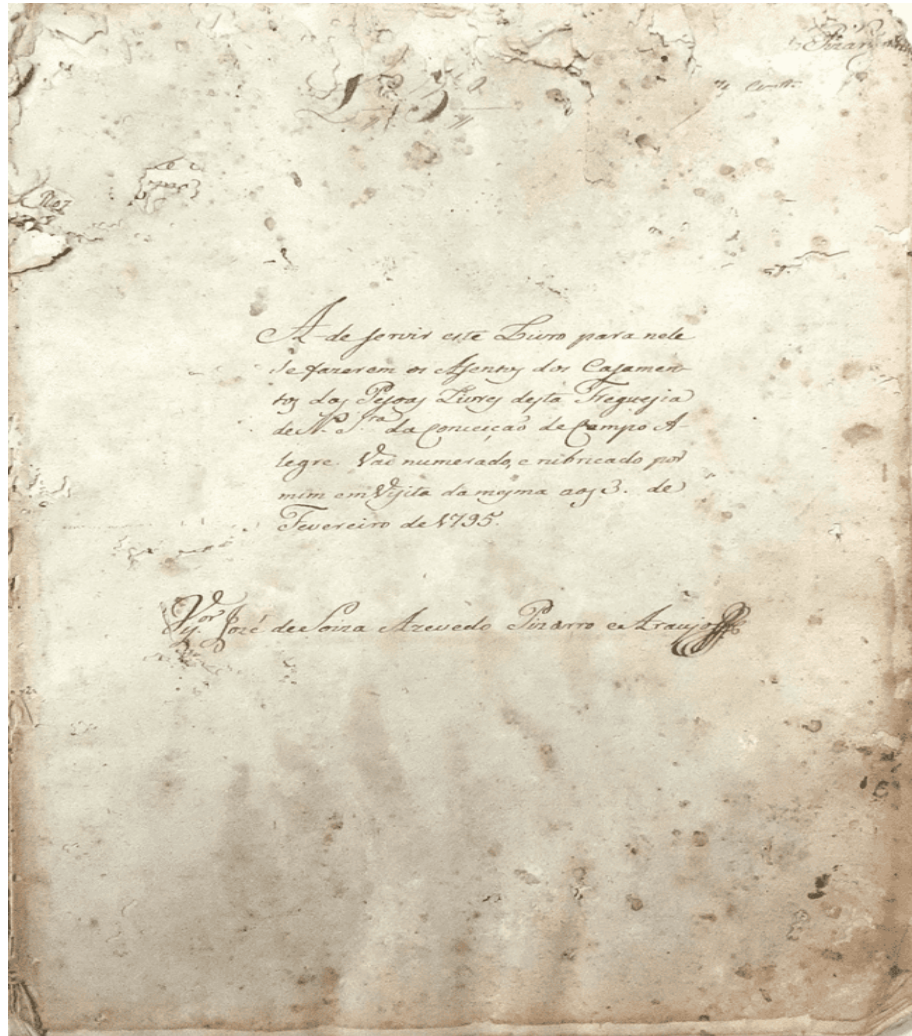
Lá chegando, logo constatei que o acervo documental não era robusto o suficiente para completar as pesquisas pretendidas, o que deu espaço para uma longa conversa com o responsável do museu sobre outro trabalho em desenvolvimento pela ASBRAP para publicação de texto dos 200 anos da independência do Brasil<sup>1</sup>. Conversa vai, conversa vem, buscando demonstrar que o acervo ainda carecia de catalogação, o historiador responsável retirou aleatoriamente uma caixa da estante que guardava parte de um acervo particular doado pela família de um falecido membro da sociedade local. Aberta sobre a mesa, percebemos a existência de alguns documentos pessoais como cartas e um volume de papel almaço pautado com diversas anotações à mão, que folheado por mim por pura curiosidade de pesquisador revelou-se uma preciosidade até então desconhecida por todos ali no recinto. Para nossa surpresa diversas folhas originais do livro de casamento da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Campo Alegre, do período de 1795 e 1796, que o falecido guardava consigo em casa, encontravam-se encartadas entre os papéis. Mais que depressa solicitei fotografar os documentos e alertei sobre o ineditismo do conteúdo, pois certamente fazia parte do acervo da matriz de Resende/RJ, que segundo relatos fora perdido no incêndio ocorrido na década de 1960<sup>2</sup>.

De posse das cópias dos fragmentos descobertos, já disponibilizados aos associados na página da ASBRAP, passo agora a transcrevê-los para que os leitores tenham acesso às informações:

---

1 SILVA JÚNIOR, Décio Ferraz e outros. Genealogia das Testemunhas da Independência do Brasil. Revista da ASBRAP, São Paulo, n. 29, 2022, p. 12-267.

2 Segundo o amigo Roberto de Menezes Moraes, os livros eclesiásticos não foram perdidos no incêndio da matriz, pois se encontravam guardados na casa paroquial. A descoberta das folhas avulsas no museu, pertencentes ao acervo pessoal, confirma a informação e revela aquilo que os pesquisadores mais antigos há anos já identificaram: o desmazelo das paróquias e dioceses na guarda dos antigos livros, seja ao permitir a retirada de folhas por pessoas influentes na comunidade, seja pela deterioração do material sensível por inadequação no armazenamento.



Transcrição: Lº 5º

A de servir este Livro para nele se fazerem os assentos dos Casamentos das Pessoas Livres desta Freguesia de N. S<sup>ta</sup> da Conceição de Campo Alegre. Vai numerado e rubricado por mim em Visita da mesma aos 3 de Fevereiro de 1795.

Vis<sup>or</sup> José de Soiza Azevedo Pizarro Araujo

1773

Aos sete dias do Mes de Fevereiro de mil, e setenta e sete  
 cento e vinte e seis annos, as quatro horas e meia da tarde,  
 nesta Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição do Campo Alegre,  
 fuitas as de nunciacao, na forma do sagrado Concilio Tridentino, na Igreja de  
 São João Marcos, onde se encontrão os Senhores  
 Parocho, e os Provisores do Mosteiro Reverendo Doutor  
 Visitador Jozé de Souza Naveiro Pinheiro, e Fr.  
 Jozé, e de Licença do Reverendo Parocho Compitente,  
 e sendo presentes as testemunhas o Capytano Com-  
 mandante do Distrito Henrique vicente Loureiro Maga-  
 lhães, e o Tenente Jozé de Queiroz Mascarenhas, a-  
 basda e signadas, se celebraram em face da Igreja de  
 São João Marcos, com palavras de presente Francisco Martim  
 de Siqueira viuvo de Margarida da Costa de Oliveira  
 natural de Guaratim quetta, e baptyzado no Pa-  
 ro, com Nora Maria natural, e baptyzada na frega-  
 zia da Mãe Grande, filha legitima de Elzabete For-  
 teira, e de Narciza do Sordão, e logo se deu a sen-  
 cação, conforme aos ritos, e Cerimonias da Santa  
 Madre Igreja; de que tudo para constar foy ute  
 acento no mesmo dia, e por verdade a signey.

Antonio de Mattos Nobrega  
 Jozé de Souza Mascarenhas  
 Nigr. En Com.

Aos sete dias do Mes de Fevereiro de mil, e setenta e sete  
 cento e vinte e seis annos, as quatro horas e meia da tarde  
 nesta Igreja Matriz de Nossa Senhora da Conceição do Campo Alegre,  
 fuitas as de nunciacao, na forma do sagrado Concilio Tridentino  
 na Igreja de São João Marcos, onde se encontrão os Senhores  
 Parocho, e os Provisores do Mosteiro Reverendo Doutor Visitador  
 Jozé de Souza Naveiro Pinheiro, e Fr. Jozé, e de Licença do Paro-  
 cho Compitente, e sendo presentes as testemunhas o  
 Capytano Com mandante Henrique vicente Loureiro Magalhães,  
 e o Tenente Jozé de Queiroz Mascarenhas, a basda e signadas,  
 se celebraram em face da Igreja de São João Marcos, com  
 palavras de presente Francisco Martim de Siqueira viuvo de  
 Margarida da Costa de Oliveira, e baptyzada no Paro, com Nora  
 Maria natural, e baptyzada na freguezia da Mãe Grande, filha  
 legitima de Elzabete Forteira, e de Narciza do Sordão, e logo se  
 deu a sencação, conforme aos ritos, e Cerimonias da Santa Madre  
 Igreja; de que tudo para constar foy ute acento no mesmo dia, e  
 por verdade a signey.

Antonio de Mattos Nobrega  
 Jozé de Souza Mascarenhas  
 Nigr. En Com.

Fran<sup>co</sup> Mis

com

Roza M<sup>a</sup>

Aos Sette dias do Mes de Fevereiro de mil, e Sette Centos e noventa e cinco annos, as quatro horas e meya da tarde, nesta Igreja Matris de Nossa Senhora da Conceiçam de Campo Alegre; feitas as denunciaçõs na forma do Sagrado Consilio Tridentino, na Igreja de Sam Joam Marcos, onde os contraentes Sam moradores, por Provizam do Muito Reverendo Doutor Vizitador José de Soiza Azevedo Pizarro, e Araujo, e de Licença do Reverendo Parocho competente e sendo presentes as testemunhas o Cappitam Commendante do distrito Henrique Vicentte Louzada Magalhaens, e o Tenente José de Queiroes Mascarenhas, abaixo assignadas, se casaram em face da Igreja Solenemente con palavras de presente Francisco Martiens de Siqueira, viuvo de Margarida da Cunha de Oliveira natural de Guaratinguetá Bispado de Sam Paulo, com Roza Maria natural, e baptizada na freguezia da Ilha Grande, e filha Legitima de Fellis Ferreira, e de Narciza do Rozario, e logo lhe dey as bencaons conforme aos Ritos, e Ceremonias da Santta Madre e Igreja; de que tudo para Constar fiz este acento no mesmo dia, e por vendade asigney

Henrique Vic<sup>te</sup> Louzada Mag

Antonio de Mattos Nobrega

José de Queiros Mascarenhas

Vigr.<sup>o</sup> Encom.<sup>do</sup>

Felippe Fer<sup>a</sup>

com

M<sup>a</sup> Palmeira

Aos Sette dias do Mes de Fevereiro de Mil, e Sette Centos, e noventa, e cinco annos, as quatro horas e meya da tarde nesta Igreja Matris de Nossa Senhora da Conceiçam de Campo Alegre; feitas as denunciaçoens na forma do Sagrado Concilio Tridentino na Igreja de Sam Joam Marcos, onde os contrahentes Sam freguezes, por Provizam do Muito Reverendo Doutor Vizitador José de Souza Azevedo Pizarro, e Araujo, e de licença do Reverendo Parocho competente, e sendo presentes as testemunhas o Cappitam Commendante Henrique Vicentte Louzada Magalhaens, e o Tenente José de Queiroes Mascarenhas, abaixo assignadas, se casaram em face da Igreja Solenemente por palavras de presente Felippe Ferreira da Silva, filho legitimo de Francisco Ferreira da Silva, e de Roza



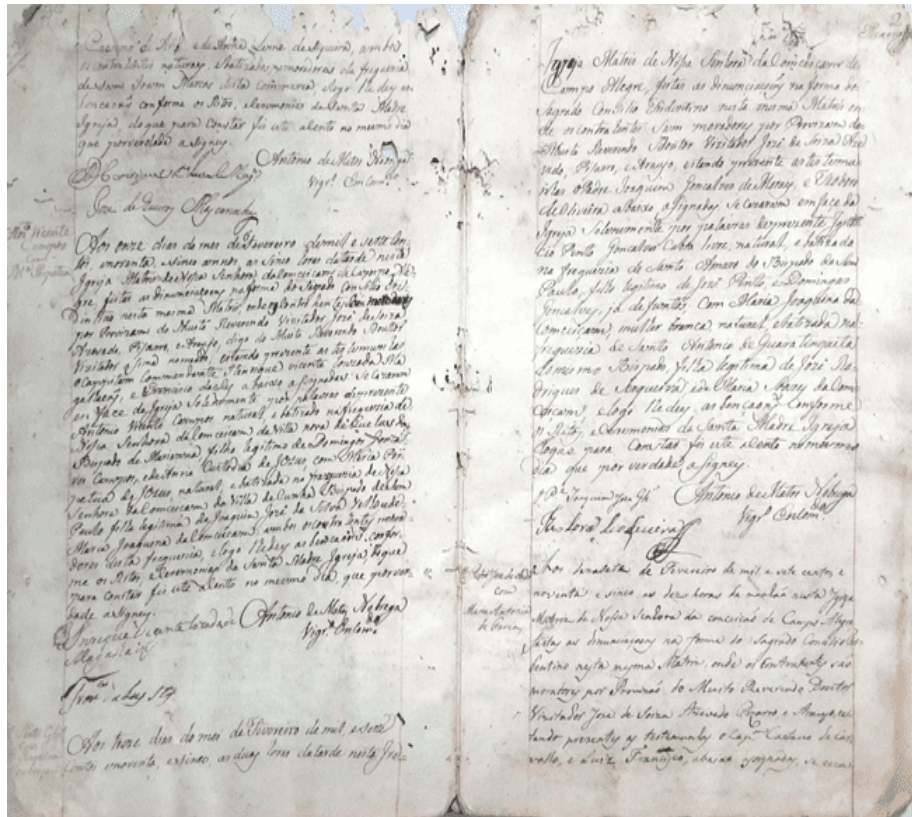
de Oliveira Neves; e Maria Palmeira de Jesus, filha legitima de José Caetano de Avila, e de Anna Leme de Siqueira, ambos os contrahentes naturaes, e batizados, e moradores da freguezia de Sam Joam Marcos desta Commarca, e logo lhe dey as bencaons conforme aos Ritos, e Ceremonias da Santa Madre Igreja, do que para Constar fiz este acento no mesmo dia que por verdade assigney

Henrique Vic<sup>te</sup> Louzada Mag<sup>as</sup>

Antonio de Matos Nobrega

José de Queiros Mascarenhas

Vigr.<sup>o</sup> Emcom<sup>do</sup>.



An<sup>to</sup> Vicente Campos

com

M<sup>a</sup> Perpetua

Aos onze dias do mes de Fevereiro de mil e Sette Centos, e noventa, e cinco annos, as cinco horas da tarde nesta Igreja Matris de Nossa Senhora da Conceiçam de Campo Alegre; feitas as denunciaçoens na forma do Sagrado Consilio Tridentino nesta mesma Matris, onde os contrahentes Sam moradores por Provizam do Muito Reverendo Doutor Vizitador José de Soiza Azevedo, Pizarro, e Araujo, digo do Muito Reverendo Doutor Vizitador asima nomeado; estando presente as testemunhas o Cappitam Commendante Henrique Vicente Louzada Magalhaens, e Francisco da Luz abaixo assignadas: se cazaram em face da Igreja Solenemente por palavras de presente Antonio Vicente Campos natural, batizado na freguezia de Nossa Senhora da Conceiçam da Villa nova de Quelus do Bispado de Marianna, filho legitimo de Domingos Gonçalves Campos, e de Anna Custodia de Jesus, com Maria Perpetua de Jesus, natural e batizada na freguezia de Nossa Senhora da Conceiçam da Villa de Cunha Bispado de Sam Paulo filha legitima de Joaquim José da Silva Velho e de Maria Joaquina da Conceiçam: ambos os contrahentes moradores desta freguezia, e logo lhe dey as bencaons conforme aos Ritos, e Ceremonias da Santa Madre Igreja, do que para Constar fiz este acento no mesmo dia, que por verdade asigney

Henrique Vicente Lozada Magalhains

Antonio de Matos Nobrega

Fran<sup>co</sup> da Luz Stos

Vigr.<sup>o</sup> Encom<sup>do</sup>.

Ignacio Pinto Gl<sup>ves</sup>

com

M<sup>a</sup> Joaquina da Conceiçam

Aos treze dias do mes de Fevereiro de mil, e Sette Centos e noventa, e cinco, as duas horas da tarde nesta Igreja Matris de Nossa Senhora da Conceiçam de Campo Alegre, feitas as denunciaçoens na forma do Sagrado Consilio Tridentino nesta mesma Matris onde os contrahentes Sam moradores por Provizam do Muito Reverendo Doutor Vizitador José de Soiza Azevedo, Pizarro, e Araujo, estando presente as testemunhas o Padre Joaquim Gonçalves de Moraes, e Teodoro de Oliveira abaixo assignados; se cazaram em face da Igreja Solenemente por palavras de presente Ignacio Pinto Goncalves Cabra livre, natural, e batizado na freguezia

de Santo Amaro do Bispado de Sam Paulo, filho legitimo de José Pinto, e de Domingas Goncalves, já defuntos; Com Maria Joaquina da Conceiçam, mulher branca, natural, e batizada na freguezia de Santo Antonio de Guaratingueta do mesmo Bispado, filha legitima de José Rodrigues de Siqueira, e de Maria Soares da Conceiçam, e logo lhe dey as bencaons conforme aos Ritos, e Ceremonias da Santa Madre Igreja do que para Constar fiz este acento no mesmo dia que por verdade asigney.

P<sup>o</sup> Joaquim Jose Gls

Antonio de Matos Nobrega

Teodoro de Oliveira

Vigr.<sup>o</sup> Encom<sup>do</sup>.

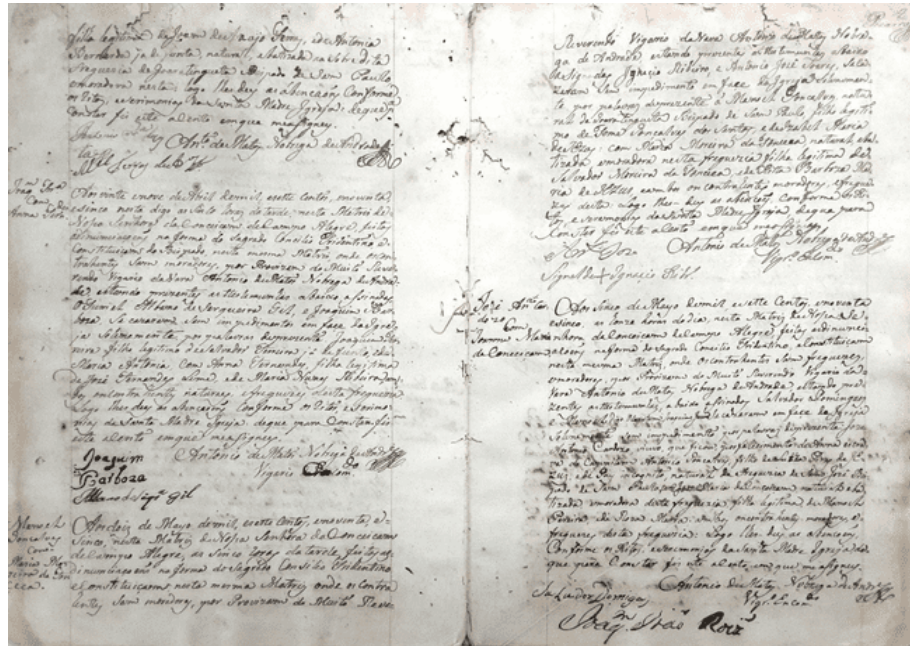
Pedro Jose de And<sup>e</sup>

com

Maria Antonia de Farias

Aos dezasete de Fevereiro de mil, e sete centos, e noventa, e sinco as dez horas da manhã nesta Igreja Matriz de Nossa Senhora da conceição de Campo Alegre, feitas as denunciaçoens na forma do Sagrado Concilio Tridentino nesta mesma Matriz, onde os contrahentes são moradores por Provizão do Muito Reverendo Doutor Vizitador José de Soiza Azevedo Pizarro, e Araujo, estando presentes as testemunhas o Cap<sup>m</sup> Caetano de Carvalho, e Luiz Francisco, abaixo assignados; de caza [...]





[...] filha legitima de Joam de Araujo Ferraz, e de Antonia Bernarda já defunta, natural, e batizada na sobredita freguezia de Guaratingueta Bispado de Sam Paulo, e moradora nesta; e logo lhe dey as bencaons Conforme aos Ritos, e Serimonias da Santa Madre e Igreja: de que p<sup>a</sup> constar fiz este acento em que me asigney.

Antonio Ferr<sup>a</sup>

An<sup>to</sup> de Matos Nobrega de Andrade

M<sup>el</sup> Ferraz de Ar<sup>jo</sup>

Joaq<sup>m</sup> Ferr<sup>a</sup>

com

Anna Fern<sup>des</sup>

Aos vinte e nove de Abril de mil, e sette Centos, e noventa, e sinco nesta digo as sinco horas da tarde nesta Matris de Nossa Senhora da Conceiçam de Campo Alegre, feitas as denunciaçoens na forma do Sagrado Concilio Tridentino, e Constituiçam do Bispado, nesta mesma Matris, onde os contrahentes Sam moradores, por Provizam do Muito Reverendo Vigario da Vara Antonio de Matos Nobrega de

Andrade, estando presentes as ttestemunhas abaixo assignados, o Furriel Albano de Serqueira Gil, e Joaquim Barbosa; se cazaram sem impedimentos em face da Igreja Solenemente por palavras de presente Joaquim Ferreira filho legitimo de Salvador Ferreira já defunto, e de Maria Antonia, com Anna Fernandes, filha legitima de José Fernandes Leme, e de Maria Nunes Ribeira, ambos os contrahentes naturais, e freguezes desta freguezia: logo lhes dey as bencaons Conforme os Ritos, e serimonias da Santa Madre Igreja de que para Constar fiz este acento em que me asigney.

Joaquim Barbosa

Antonio de Matos Nobrega de Andr<sup>e</sup>

Albano de Siqr<sup>a</sup> Gil

Vigario Encom<sup>do</sup>

Manoel Goncalves

com

Maria Moreira da Fonceca

Aos doiz de Mayo de mil, e sette Centos, e noventa, e sinco, nestta Matriz de Nossa Senhora da Conceiçam de Campo Alegre as sinco horas da tarde, feitas as denunciaçoens na forma do Sagrado Consilio Tridentino e Constituiçam nesta mesma Matriz onde os contrahentes Sam moradores, por Provizam do Muito Reverendo Vigario da Vara Antonio de Mattos Nobrega de Andrade, estando presentes as ttestemunhas abaixo assignadas, Ignacio Ribeiro, e Antonio José Soares; se cazaram sem impedimento em face da Igreja Solenemente por palavras de presente a Manoel Goncalves, natural de Guaratingueta Bispado de Sam Paulo, filho legitimo de Tome Gonçalves dos Santos, e de Izabel Maria de Jesus: com Maria Moreira da Fonceca, natural, e batizada, e moradora nesta freguezia filha legitima de Salvador Moreira da Fonceca, e de Ritta Barboza Maria de Jesus, e ambos os contrahentes moradores, e freguezes desta: logo lhes dey as bencoes conforme aos Ritos, e seremonias da Santa Madre Igreja, de que para Constar fiz este acento em que me asigney.

Ant. José

Antonio de Matos Nobrega de Andr<sup>e</sup>

Signal + Ignacio Ribr<sup>o</sup>

Vigr.<sup>o</sup> Encom<sup>do</sup>.

José An<sup>to</sup> Cardozo

com

Joanna Maria da Conceiçã

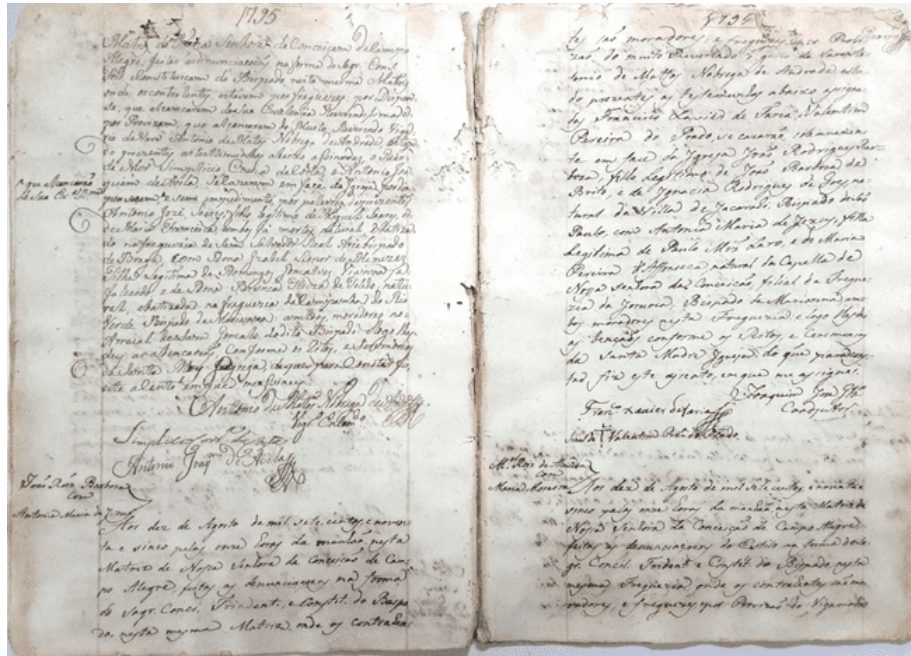
Aos Sinco de Mayo de mil, e sette Centos, e noventa e sinco, as honze horas do dia, nesta Matriz de Nossa Senhora da Conceiçã de Campo Alegre, feitas as denunciaçoens na forma do Sagrado Concilio Tridentino, e Constituiçã nesta mesma Matriz, onde os contrahentes Sam freguezes, e moradores, por Provizam do Muito Reverendo Vigario da Vara Antonio de Matos Nobrega de Andrade, estando presentes as ttestemunhas, abaixo assignados Salvador Dominguez e Manoel digo Capitã Joaquim Joã se cazaram em face da Igreja Solenemente sem impedimento por palavras de presente: Jose Antonio Cardozo, viúvo, que ficou, por falecimento de Anna escrava do Cappitã Antonio Goncalves, filho de Luiza Pires de Jesus, e de pai incognito, natural da freguezia de Sam Jose Bispado de Sam Paulo, com Joanna Maria da Conceiçã, natural e batizada, e moradora desta freguezia, filha legitima de Manoel Pereira, e de Roza Maria, ambos os contrahentes moradores, e fregueses desta freguezia: logo lhes dey as bençoens Conforme aos Ritos, e seremonias da Santa Madre Igreja, de que para Constar fiz este acento em que me asigney.

Salvador Domi<sup>gs</sup>

Antonio de Matos Nobrega de Andr<sup>e</sup>

Joaq<sup>m</sup> Joã Roiz

Vigr.<sup>o</sup> Encom<sup>do</sup>.



## A que alcançaram de sua Exª Rª

[...] Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Campo Alegre; feitas as denunciaçãoes na forma do Sagr. Cons. Trid. e Constituição do Bispado, nesta mesma Matriz onde os contrahentes estavam por fregueses: por Dispensa, que alcançaram de Sua Excelencia Reverendissima e por Provizam, que alcançaram do Muito Reverendo Vigario da Vara Antonio de Matos Nobrega de Andrade, estando presentes as testemunhas abaixo assignadas, Guarda Mor Simplicio Correa da Costa, e Antonio Joaquim de Avila; e se cazaram em face da Igreja por dispensaçam e sem impedimento, por palavras do presente, Antonio Jose Soares, filho legitimo de Miguel Soares, e de Maria Francisca, ambos já mortos, natural, e batizado na freguezia de Sam Salvador Real Arcebisado de Braga, com Dona Izabel Leonor de Menezes filha legitima de Domingos Goncalves Vianna já falecido, e de Dona Branca Tereza de Toledo, natural, e batizada na freguezia da Campanha do Rio Verde Bispado de Marianna: ambos moradores no Arraial de Sam Goncalo do dito Bispado: logo lhes dey as bencaons, Conforme os Ritos, e Seremonias da Santa Mae Igreja, de que para Constar fiz este acento em que me assigney.

Simplicio Corr<sup>a</sup> da CostaAntonio de Matos Nobrega de Andr<sup>e</sup>Antonio Joaq<sup>m</sup> de AvilaVigr.<sup>o</sup> Encom<sup>do</sup>.

João Roiz Barbosa

com

Antonia Maria de Jesus

Aos dez de Agosto de mil sete centos, e noventa e cinco pelas onze horas da manhã, nesta Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Campo Alegre, feitas as denunciaçoens na forma do Sagr. Conci. Trident., e Constit. do Bispado, nesta mesma Matriz, onde os contrahentes são moradores, e freguezes, por Provizão do muito Reverendo Vigario da Vara Antonio de Mattos Nobrega de Andrade, estando presentes as testemunhas abaixo assignadas Francisco Xavier de Faria, e Valetim Pereira do Prado, se cazarão solenemente em face da Igreja João Rodrigues Barbosa, filho legitimo de João Barbosa de Brito, e de Ignacia Rodrigues de Goes, natural da Villa de Jacarehi; Bispado de São Paulo, com Antonia Maria de Jesus, filha legitima de Paulo M<sup>s</sup> Lara, e de Maria Pereira D'Affonseca, natural da Capella de Nossa Senhora da Conceição, filial da Freguezia de Joruoca, e Bispado de Marianna, ambos moradores nesta freguezia: e logo lhes dei as benções conforme os Ritos, e Ceremonias da Santa Madre Igreja: do que para constar fiz este assento, em que me assignei.

Fran<sup>co</sup> Xavier de Faria

Joaquim Jose Gls

Sinal de + Valentim Per<sup>ra</sup> do Prado

Coadjutor

M<sup>el</sup> Roiz de Almeida

com

Maria Moreira

Aos dez de Agosto de mil sete centos, e noventa e cinco pelas onze horas da manhã, nesta Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Campo Alegre, feitas as denunciaçoens do Estilo na forma do Sagr. Concil. Trident. e Constit. do Bispado, nesta mesma Freguezia, onde os contrahentes são moradores, e freguezes, por Provizão do Vigario da [...]



[...] Vara Joaquim Jose Gonçalves de Moraes, sendo presentes as testemunhas abaixo assignadas Luiz Francisco da Silva, e Francisco Jose de Carvalho, se carazão solenemente em face da Igreja Manoel Rodrigues de Almeida, filho legitimo de Estevão Rapozo Gago, já defunto, e de Antonia Fragosa Paes, natural, e baptizado nesta Freguezia, com Maria Moreira, filha legitima de Joaquim Rodrigues Moreira, e de Catharina Maria, já defunta, natural da Villa de Pindaminhangava, Bispado de São Paulo, ambos moradores nesta freguezia; e logo lhes dei as benções conforme os Ritos e Ceremonias da Santa Madre Igreja: do que para constar fiz este assento, em que me assignei.

Luiz Fran<sup>co</sup> da S<sup>a</sup>

Joaq<sup>m</sup> Jose Gls

Fran<sup>co</sup> Jose de Carvalho

Coadjutor.

Fran<sup>co</sup> de Mattos

com

Margarida Nunes

Aos treze de Agosto de mil sete centos, e noventa e sinco, pelas douze horas do dia, nesta Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Campo Alegre, feitas as denunciaçoens do estilo na forma do Sagr. Concili. Tridenti. e Constit. do Bispado, nesta mesma Matriz, onde os contrahentes são moradores, por Provizão do Vigario da Vara Joaquim Jose Gls de Moraes, sendo presente as testemunhas abaixo assignadas o Reverendo Padre Francisco Xavier de Toledo, e Manoel Dinis de Silveira, se carazão solenemente em face da Igreja Francisco de Mattos, filho legitimo de João de Mattos, já defunto, e de Brazida Maria, natural da Villa de Parati deste Bispado, com Margarida Nunes, filha legitima de Pedro de Goes, já defunto, e de Margarida Nunes, natural desta Freguezia, ambos nella moradores; e logo lhes dei as benções conforme os Ritos, e Ceremonias da Santa Madre Igreja; do que para constar fiz este assento, em que me assignei.

Francisco X<sup>er</sup> de Toledo

Joaq<sup>m</sup> Jose Gls

M<sup>el</sup> Dinis da Silv<sup>ra</sup>

Coadjutor.

Bento Pires Nardes

com

Anna Ignacia de Moraes

Aos vinte e quatro de Agosto de mil sete centos e noventa e sinco, nesta Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Campo Alegre, feitas as denunciaçoens do estilo na forma do Sagrado Conci. Trident. e Consti. do Bispado, nesta mesma Matriz, onde os contrahentes são moradores: por dispença que alcançarão de sua Excelencia Reverendissima, e por Provizão do Vigario da Vara Joaquim Jose Gonçalves de Mo [...]





[...] raes, estando presentes as testemunhas abaixo assignadas Manoel Antonio da Rocha, e Joaquim Pedroso de Araujo pelas cinco horas da tarde revallidarão seo Matrimonio, que nullamente tinham contrahido, em face da Igreja sem impedimento por palavras de presente Bento Pires Nardes natural de Santo Amaro, Bispado de São Paulo, filho legitimo de Pedro Domingues Pires, e de Rita Nardes de Mendonça, com Anna Ignacia de Moraes, natural da referida Freguezia de Santo Amaro do mesmo Bispado, filha legitima de Sipriano Mendes Raposo, e de Izabel de Moraes: ambos moradores nesta Freguezia e logo lhes dei as benções conforme os Ritos e Ceremonias da Santa Madre Igreja: do que para constar fiz este assento, em que me assignei.

M<sup>o</sup> Antonio da Rocha

Joaquim Jose Gls

Joaquim Pedroso

Coadjutor.



Jeronimo da Silva

com

Anna Maria de Miranda

Aos vinte, e dous de Setembro de mil sete centos, e noventa e cinco, pelas nove horas do dia na Capella de Santa Anna em Pirahi, filial da Freguezia de São João Marcos, feitas as denunciaçoens do Estilo na forma do Sagr. Concil. Trident. e Constit. nesta Matriz, onde os contrahentes são moradores, e Freguezes, se carazão solenemente em face da Igreja sem se descobrir impedimento, em presença do Reverendo Padre Agostinho Luiz Paxeco de Andrade, coadjutor de São João Marcos, e atual capellão da Capella de Santa Anna da referida Freguezia com licença minha, e por provizão do Vigario da Vara Joaquim Jose Gonçalves de Moraes, e em presença das testemunhas o Tenente Jose Soares Louxada, e Joaquim Soares, Jeronimo da Silva natural da Villa de Jacarahi, Bispado de São Paulo, filho legitimo de Felipe Gomes da Silva, e de Ignacia Pimenta, com Anna Maria de Miranda natural desta Freguezia, filha legitima de Jose Moreira Leme, e de Anna Maria de Miranda ambos Freguezes desta Freguezia; e lhes deo as bençãos conforme os Ritos, e Ceremonias da Santa Madre Igreja: do que para constar fiz este assento, em que me assignei.

Jose Soares Louzada

Joaq<sup>m</sup> Jose Gls

Joaq<sup>m</sup> Soares

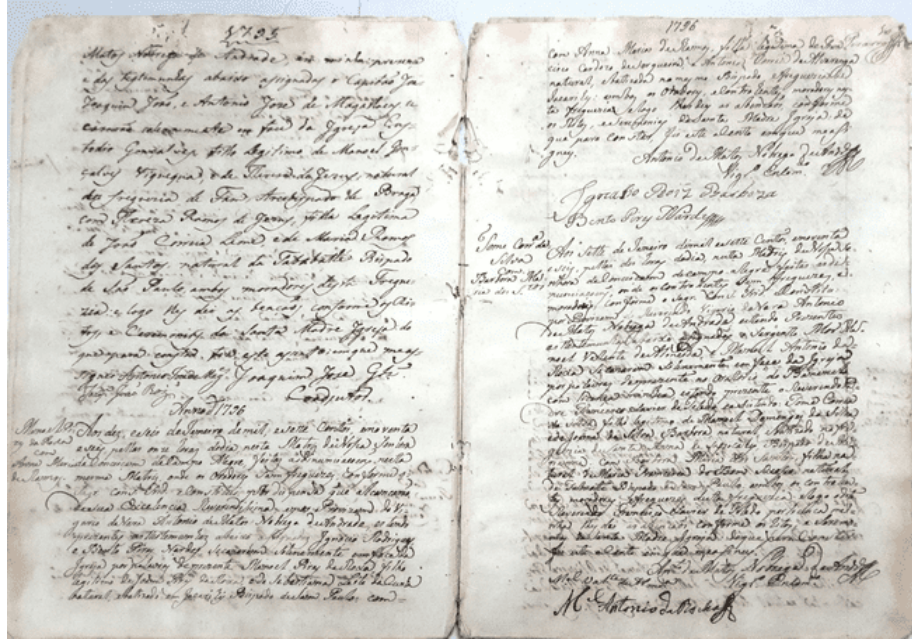
Coadjutor.

Custodio Gls

com

Teresa Ramos de Jesus

Aos dous de novembro de mil, e sete centos, e noventa, e cinco, pelas onze horas do dia, nesta Matriz de Nossa Senhora da Conceição, feitas as denunciaçoens na forma do Sagr. Conci. Trident. e Consti., sem se descobrir impedimento algu, e por Provisão do muito Reverendo Vigario da Vara Antonio de [...]



[...] Matos Nobrega de Andrade, em minha presença e das testemunhas abaixo assignadas o Capitão Jose Joaquim João, e Antonio Jose de Magalhaes se casarão solenemente em face da Igreja Custodio Gonçalves filho legitimo de Manoel Gonçalves Viquequa, e de Theresa de Jesus, natural da freguezia de Fam, Arcebispado de Braga, com Thereza Ramos de Jesus, filha legitima de João Correia Leme, e de Maria Ramos dos Santos, natural de Tababathé Bispado de São Paulo, ambos moradores desta Freguezia: e logo lhes dei as benções conforme os Ritos, e Ceremonias da Santa Madre Igreja: do que para constar fiz este assento; em que me assignei.

Antonio Jose de Mag<sup>es</sup>

Joaquim Jose Gls

Joaquim João Roiz

Coadjutor.

Anno 1796

Manoel Pires da Roxa

com

Anna Maria de Ramos

Aos dez, e seis de Janeiro de mil, e sette Centos, e noventa e seis, pellas onze horas do dia, nesta Matriz de Nossa Senhora da Conceiçam de Campo Alegre, feitas as denunciaçoens nesta mesma Matriz, onde os oradores sam freguezes, conforme o Sagr. Cons. Trid. e Constitui. por dispensa que alcanção de sua Excelencia Reverendissima, por Provizam do Vigario da Vara Antonio de Matos Nobrega de Andrade, estando presentes as ttestemunhas abaixo assignadas Ignacio Rodrigues, e Bento Pires Nardes, se cazaram solenemente em face da Igreja por palavras de presente Manoel Pires da Roxa, filho legitimo de Joam Pires da Roxa, e de Sebastiana Leite da Cunha natural, e batizada em Jacarehi Bispado de Sam Paulo: com Anna Maria Ramos, filha legitima de Francisco Cardozo de Serqueira, e Antonia Correia de Alvarenga natural, e batizada no mesmo Bispado, e freguezia de Jacarehi: ambos os Oradores, e contrahentes, moradores nesta freguezia: e logo lhes dey as benções, conforme os Ritos, e Seremonias da Santa Madre Igreja: de que para constar, fiz este acento em que me assigney.

Ignacio Roiz Barboza

Antonio de Matos Nobrega de Andr<sup>e</sup>

Bento Pires Nardes

Vigr.º Encom<sup>do</sup>.Tome Corr<sup>a</sup> da Silva

com

Barbara Maria dos S<sup>tos</sup>

Aos Sette de Janeiro de mil e sette Centos, e noventa e seis, pellas dez horas do dia, nesta Matriz de Nossa Senhora da Conceiçam de Campo Alegre feitas as dinunciaçoens, onde contraentes sam fregueses, e moradores, conforme o Sagr. Cons. Trid. e Constitu.: por Provizam do Reverendo Vigario da Vara Antonio de Matos Nobrega de Andrade, estando presentes as ttestemunhas abaixo asignadas o Sargento Mor Manoel Valente de Almeida, e Manoel Antonio da Roxa se casaram solenemente em face da Igreja por palavras de presente no Oratorio do Bananal com licença minha, estando presente o Reverendo Padre Francisco Xavier de Toledo e assistindo: Tome Correia da Silva filho legitimo de Manoel Domingos

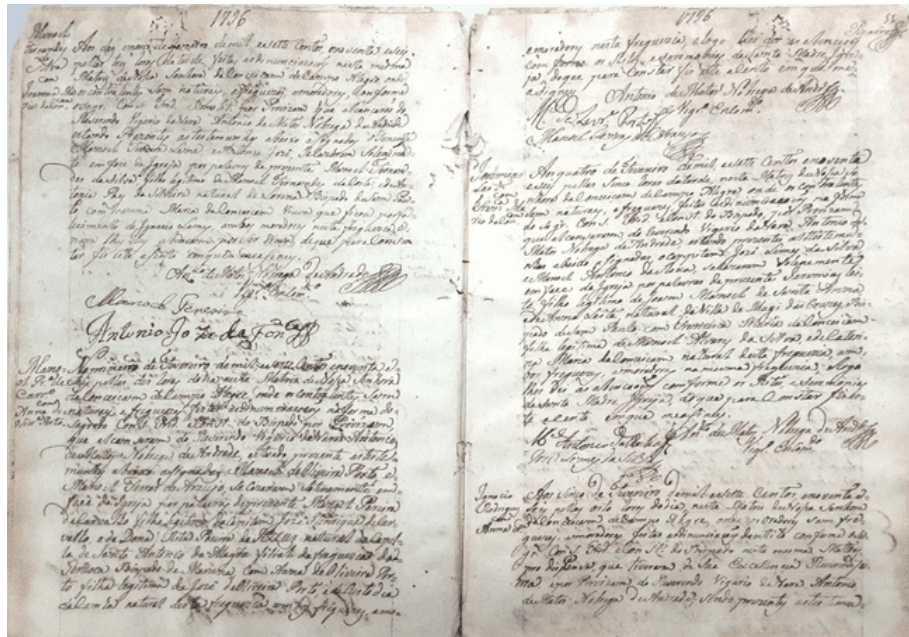
da Silva, e de Joanna da Silva Barbara, natural, e batizado na freguezia de Santa Anna de Sapocahi, Bispado de Marianna; com Barbara Maria dos Santos, filha natural de Maria Francisca do Bom Sucesso natural de Tabuate Bispado de Sam Paulo: ambos os contrahentes moradores, e fregueses desta freguezia: e logo o dito Reverendo Francisco Xavier de Toledo por licença minha lhes dey as benções conforme os Ritos, e Seremonias da Santa Madre Igreja: do que para constar fiz este acento em que me assigney.

M<sup>el</sup> Val<sup>te</sup> de Alm<sup>da</sup>

An<sup>to</sup> de Matos Nobrega de Andr<sup>e</sup>

M<sup>el</sup> Antonio da Rocha

Vigr.<sup>o</sup> Encom<sup>do</sup>.



Manoel Fernandes da Silva

com

Joanna Maria da Conc<sup>eam</sup>

Aos dez e nove de Janeiro de mil, e sette Centos, e noventa, e seis pellas tres horas da tarde, feitas as denunciaçoens nesta mesma Matriz de Nossa Senhora da Conceiçam de Campo Alegre onde contrahentes Sam naturais, e freguezes, e moradores, conforme o Sagr. Cons. Trid. e Constit. por Provizam que alcançarão do Reverendo Vigario da Vara Antonio de Matos Nobrega de Andrade estando Presentes as testemunhas abaixo asignados o Tenente Manoel Ferreira Leme, e Antonio José, se casaram solenemente em face da Igreja por palavras de presente Manoel Fernandes da Silva, filho legitimo de Manoel Fernandes da Costa, e de Antonia Paes da Silveira natural de Lorena Bispado de Sam Paulo, com Joanna Maria da Conceiçam viuva que ficou por falecimento de Ignacio Lemes, ambos moradores nesta freguezia, e lhes dey bencans por ser viuva, de que para Constar fiz este asento em que me asigney.

Manoel Ferreira

An<sup>to</sup> de Matos Nobrega de Andrade

Antonio José da Fon<sup>ca</sup>

Vigr.<sup>o</sup> Encom<sup>do</sup>.

Manoel Pr<sup>a</sup> de Carv<sup>o</sup>

com

Anna de Oliv<sup>a</sup> Porto

No primeiro de Fevereiro de mil, e Sette Centos e noventa, e seis pellas des horas do dia, nesta Matriz de Nossa Senhora da Conceiçam de Campo Alegre, onde os contrahentes Sam naturais, e fregueses, feitas as denunciaçoens na forma do Sagrado Cons. Trid. e Const. do Bispado por Provizam, que alcansaram do Reverendo Vigario da Vara Antonio de Matos Nobrega de Andrade, estando presente as testemunhas abaixo asignadas Manoel de Oliveira Porto, e Manoel Ferras de Araujo, se casaram solenemente em face da Igreja por palavras de presente Manoel Pereira de Carvalho filho legitimo do Capitam José Henrique de Carvalho, e de Dona Rita Pereira de Jesus natural da Capella de Santo Antonio da Alagoa filial da freguezia da Geruoca Bispado de Mariana, com Anna de Oliveira Porto filha legitima de José de Oliveira Porto, e de Custodia da Cunha natural desta freguezia, ambos fregueses, e moradores nesta freguezia, e logo lhes dei as bençoes com forma os Ritos, e seremonias da Santa Madre Igreja, do que para Constar fiz este acento em que me asigney.

M<sup>el</sup> de Oliv<sup>a</sup> Porto

Antonio de Matos Nobrega de Andr<sup>e</sup>

Manoel Ferras de Araujo

Vigr.<sup>o</sup> Encom<sup>do</sup>.

Jeremias Leite

com

Fran<sup>ca</sup> Maria da Con<sup>cam</sup>

Aos quatro de Fevereiro de mil, e Sette Centos e noventa e seis pellas Sinco horas da tarde, nesta Matriz de Nossa Senhora da Conceiçam de Campo Alegre, onde os contrahentes sam naturais, e fregueses, feitas as dinunciaçoens na forma do Sagr. Cons. Trid. e Const. do Bispado, por Provizam que alcansaram, do Reverendo Vigario da Vara Antonio de Matos Nobrega de Andrade, estando presentes as ttestemunhas abaixo asignadas, o cappitam José Lemes da Silva, e Manoel Antonio Roxa, se cazaram solenemente em face da Igreja por palavras de presente Jeremias Leite, filho legitimo de Joam Manoel de Santa Anna, e de Anna Leite, natural da Villa de Mogi das Cruzes, Bispado de Sam Paulo; com Francisca Maria da Conceiçam filha legitima de Manoel Alvares da Silva, e de Catarina Maria da Conceiçam natural desta freguezia, ambos fregueses, e moradores na mesma freguezia, e logo lhes dei as bençoes conforme os Ritos, e Seremonias da Santa Madre Igreja, do que para Constar fiz este acento em que me assigney.

M<sup>el</sup> Antonio da Rocha

An<sup>to</sup> de Matos Nobrega de Andr<sup>e</sup>

José Lemes da Silva

Vigr.<sup>o</sup> Encom<sup>do</sup>.

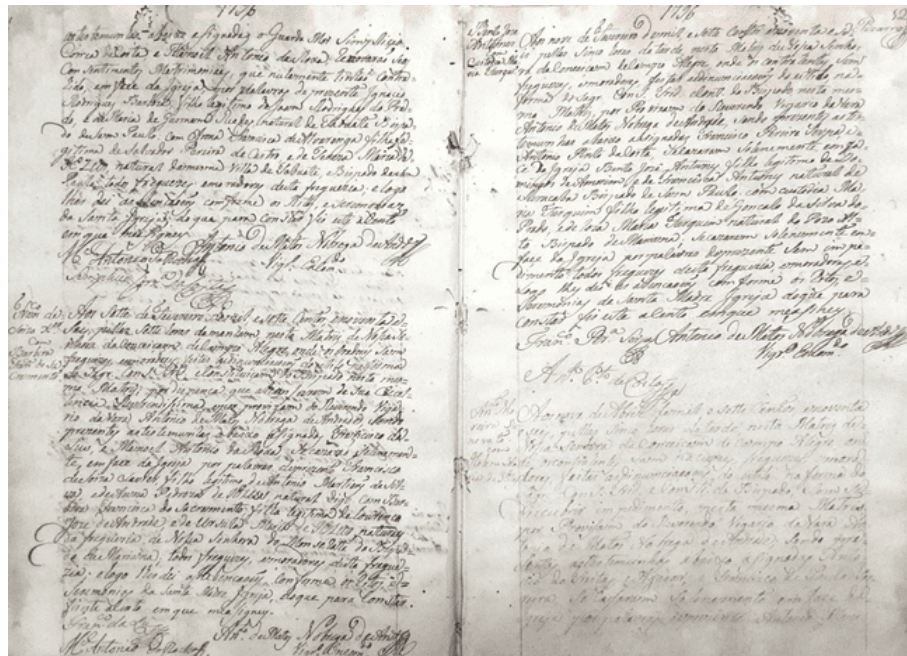
Ignacio Rodrigues

com

Anna

Aos sinco de Fevereiro de mil e sette Centos, e noventa e seis pellas oito horas do dia, nesta Matriz de Nossa Senhora da Conceiçam de Campo Alegre, onde os oradores sam freguezes, e moradores, feitas as dinunciações de estilo conforme o Sagr. Cons. Trid. e Const. do Bispado nesta mesma Matriz, pro dispensa que tiveram de sua Excellencia Reverendissima, e por Provizam do Reverendo Vigario da Vara Antonio de Matos Nobrega de Andrade; sendo presentes as testemu [...]





[...] as testemunhas abaixo assignadas o Guarda Mor Simplicio Correa da Costa, e Manoel Antonio Roxa; se novarão seos Consentimentos Matrimoniaes, que nularmente tinham contrahido, em face da Igreja, por palavras de presente Ignacio Rodrigues Barboza, filho legitimo de Joam Rodrigues do Prado, e de Maria de Gusmam Guedes, natural da Tabuate Bispado de Sam Paulo: com Anna Francisca de Alvarenga filha legitima de Salvador Pereira de Castro, e de Tereza Maria de Jesus, natural da mesma villa de Tabuate, Bispado de Sam Paulo, todos fregueses, e moradores desta freguezia, e logo lhes dei as bençoes conforme os Ritos, e Seremonias da Santa Igreja, do que para Constar fiz este acento em que me assigney.

M<sup>el</sup> Antonio da Rocha

Antonio de Matos Nobrega de And<sup>e</sup>

Simplicio Corr<sup>a</sup> da Costa

Vigr.<sup>o</sup> Encom<sup>do</sup>.

Fran<sup>co</sup> de Soiza X<sup>er</sup>

com

Barbara Fra<sup>ca</sup> do Sacramento

Aos Sette de Fevereiro de mil, e Sette Centos, e noventa e seis, pellas Sette horas da manham, nesta Matriz de Nossa Senhora da Conceiçam de Campo Alegre, onde os Oradores sam fregueses, e moradores, feitas as dinunçãõens do estilo na forma do Sagr. Cons. Trid. e Constituiçam do Bispado nesta mesma Matriz; por dispença que alcansaram de sua Excellentissima Reverendissima, e por provizam do Reverendo Vigario da Vara Antonio de Matos Nobrega de Andrade, sendo presentes as testemunhas abaixo asignadas, Francisco da Lus, e Manoel Antonio Roxa, se casarão solenemente, em face da Igreja por palavras de presente Francisco de Soiza Xavier, filho legitimo de Antonio Martins da Silva, e de Anna Pedroza de Jesus, natural digo com Barbara Francisca do Sacramento, filha legitima de Lourenço Jose de Andrade, e de Ursula Maria de Jesus, naturaes da freguezia de Nossa Senhora do Monseratte do Bispado de Mariana; todos fregueses, e moradores desta freguezia, e logo lhes dei as bençãoes, Conforme os Ritos, e Seremonias da Santa Madre Igreja, do que para Constar fiz este acento em que me assigney.

Fran<sup>co</sup> da Lus

An<sup>to</sup> de Matos Nobrega de Andr<sup>e</sup>

M<sup>el</sup> Antonio da Rocha

Vigr.<sup>o</sup> Encom<sup>do</sup>.

Bento Jose Antunes

com

Custodia Maria Furqui

Aos nove de Fevereiro de mil, e Sette Centos e noventa e seis pellas Sinco horas da tarde, nesta Matriz de Nossa Senhora da Conceiçam de Campo Alegre, onde os contrahentes Sam fregueses, e moradores, feitas as dinunçãõens do estilo, na forma do Sagr. Cons. Trid. e Const. do Bispado, nesta mesma Matriz, por Provizam do Reverendo Vigario da Vara Antonio de Matos Nobrega de Andrade, sendo presentes as testemunhas abaixo asignadas Francisco Pereira Serpa, e Antonio Pinto da Costa, se casaram solenemente, em face da Igreja Bento José Antunes filho legitimo de Domingos de Amorim, e de Francisca Antunes natural de Surucaba Bispado de Sam Paulo; com custodia Maria Furquim filha legitima de Goncalo da Silva do Prado, e de Roza Maria Furquim natural de Pozo Alto



Bispado de Mariana; se casaram solenemente em face da Igreja por palavras de presente sem impedimento: todos fregueses desta freguezia, e moradores, e logo lhes dei as benções conforme os Ritos, e Seremonias da Santa Madre Igreja do que para Constar fiz este acento em que me asigney.

Fra<sup>co</sup> Per<sup>a</sup> Serpa

Antonio de Matos Nobrega de Andr<sup>e</sup>

Ant. P<sup>to</sup> da Costa

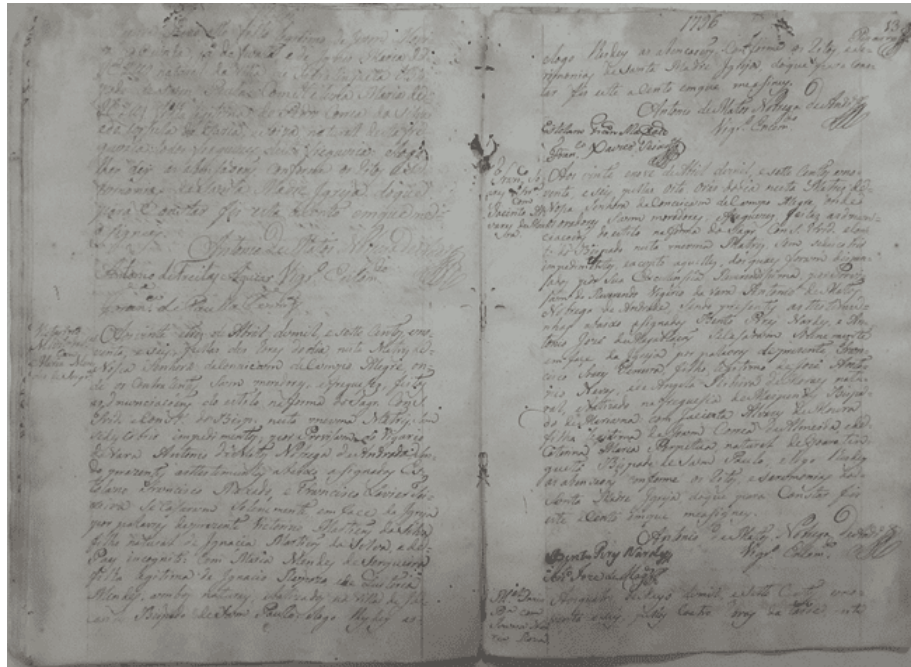
Vigr.<sup>o</sup> Encom<sup>do</sup>.

An<sup>to</sup> Moreira Renovato

com

Helena Maria da Silva

Aos nove de Abril de mil, e Sette Centos, e noventa e seis, pellas Sinco horas da tarde, nesta Matriz de Nossa Senhora da Conceiçam de Campo Alegre, onde os contrahentes Sam naturaes, fregueses, e moradores, feitas as dinunciaçoens do estilo na forma do Sagr. Cons. Trid. e Consti. do Bispado, sem se descobrir impedimento, nesta mesma Matris, por Provizam do Reverendo Vigario da Vara Antonio de Matos Nobrega de Andrade; sendo presentes as ttestemunhas abaixo assignadas Antonio de Freitas e Aguiar, e Francisco de Paula Ferreira, se casaram solenemente em face da Igreja por palavras de presente Antonio More[...]



[...] Moreira Renovatto, filho legítimo de Joam Moreira da Cunha, já defunto, e de Iignes Maria de Jesus natural da Villa de Guaratingueta Bispado de Sam Paulo: com Helena Maria de Jesus filha legítima de Pedro Correa da Silva e de Ursula de Faria, e Soiza, natural desta freguezia, todos freguezes desta freguezia: logo lhes dey as benções Conforme os Ritos e Seremonias da Santa Madre Igreja do que para Constar fiz este acento em que me assigny.

Antonio de Freitas de Aguiar

Antonio de Matos Nobrega de Andr<sup>e</sup>

Fran<sup>co</sup> de Paulla Ferr<sup>a</sup>

Vigr<sup>o</sup> Encom<sup>do</sup>.

Victorino M<sup>us</sup> da S<sup>a</sup>

com

Maria Mendes de Serqr<sup>a</sup>

Aos vinte e tres de Abril de mil, e Sette Centos, e noventa, e seis, pellas dez horas do dia, nesta Matriz de Nossa Senhora da Conceiçam de Campo Alegre, onde os contrahentes sam moradores, e freguezes, feitas as denunciaçõens do estilo na forma do Sagr. Cons. Trid. e Const. do Bisp. nesta mesma Matriz, sem se descobrir impedimentos; por Provizam do Vigario da Vara Antonio de Matos Nobrega de Andrade, sendo presentes as ttestemunhas abaixo assignadas Estolano Francisco Maxado, e Francisco Xavier Teixeira se casaram solenemente em face da Igreja por palavras de presente Victorino Martins da Silva filho natural de Ignacia Martins da Silva e de pai incognito: com Maria Mendes de Serqueira filha legitima de Ignacio Rapozo, e de Quiteria Mendes, ambos naturais, batizados na Villa de Jacarehi Bispado de Sam Paulo, logo lhes dey as bençoes Conforme os Ritos, e Serimonias da Santa Madre Igreja, do que para constar fiz este acento em que me assigney.

Estolano Fran<sup>co</sup> Maxado

Antonio de Matos Nobrega de Andr<sup>e</sup>

Fran<sup>co</sup> Xavier Teixeira

Vigr.<sup>o</sup> Encom<sup>do</sup>.

Fran<sup>co</sup> Soares Ferr<sup>a</sup>

com

Jacinta Alvares de Moura

Aos vinte e nove de Abril de mil, e Sette Centos, e noventa, e seis, pellas oito oras do dia nesta Matriz de Nossa Senhora da Conceiçam de Campo Alegre, onde os oradores sam moradores, e freguezes, feitas as denunciaçoens do estilo na forma do Sagr. Cons. Trid. e Const. do Bispado nesta mesma Matriz, sem se descobrir impedimentos, excepto aquelles, dos quaes foram dispensados por sua Excellentissima Reverendissima, por Provizam do Reverendo Vigario da Vara Antonio de Matos Nobrega de Andrade, sendo presentes as ttestemunhas abaixo assignadas Bento Pires Nardes, e Antonio José de Magalhães se casaram solenemente em face da Igreja por palavras de presente Francisco Soares Ferreira, filho legitimo de Antonio Neves, e de Angela Ribeira de Moraes natural, batizado, na freguezia de Maipendy Bispado de Mariana: com Jacinta Alvares de Moura filha legitima de Joam Correa de Almeida, e de Catarina Maria Perpetua, natural de Goaratingueta Bispado de Sam Paulo, e logo lhes dey as bençaons conforme os Ritos, e Seremonias da Santa Madre Igreja, do que para Constar fiz este acento em que me assigney.

Bento Pires Nardes

Antonio de Matos Nobrega de Andr<sup>e</sup>

An<sup>to</sup> José Mag<sup>es</sup>

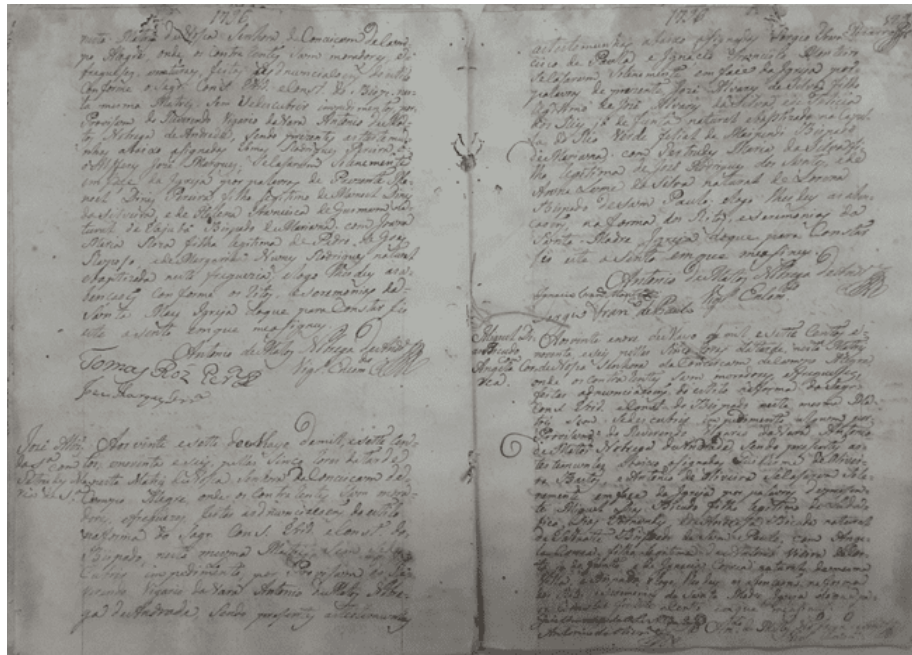
Vigr<sup>o</sup> Encom<sup>do</sup>.

M<sup>o</sup> Dinis Pr<sup>a</sup>

com

Joanna Maria Roza

Aos quatro de Mayo de mil, e Sette Centos, e noventa e seis, pellas Coatro horas da tarde, nesta [...]



[...] nesta Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Campo Alegre, onde os contrahentes Sam moradores, e freguezes, e naturaes, feitas as denunciações do estilo Conforme o Sagr. Cons. Trid. e Const. do Bisp. nesta mesma Matriz, sem se descobrir impedimentos, por Provizam do Reverendo Vigario da Vara Antonio de Matos Nobrega de Andrade, sendo presentes as ttestemunhas abaixo assignadas Tomas Rodrigues Pereira, e o Alferes José Marques; se casaram Solenemente em face da Igreja por palavras de Presente Manoel Dinis Pereira, filho legitimo de Manoel Dinis da Silveira, e de Helena Francisca de Gusmam natural de Itajubá Bispado de Mariana; com Joana Maria Roza filha legitima de Pedro de Goes Raposo, e de Margarida Nunes Rodrigues natural e baptizada nesta freguezia; e logo lhes dey as benções Conforme os Ritos, e Seremonias da Santa Mae Igreja do que para Constar fiz este asento em que me asigney.

Tomas Roz Per<sup>a</sup>

Antonio de Matos Nobrega de Andr<sup>e</sup>

José Marques Ferra

Vigr.º Encomdo.

José Alv<sup>es</sup> da S<sup>a</sup>

com

Gertrudes Maria da S<sup>a</sup>

Aos vinte e Sette de Mayo de mil, e Sette Centos, e noventa e seis, pellas Sinco horas da tarde nesta Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Campo Alegre, onde os Contrahentes Sam moradores, e freguezes, feitas as denunciações do estilo na forma do Sagr. Cons. Trid. e Const. do Bispado, nesta mesma Matriz, Sem se descobrir impedimento, por Provizam do Reverendo Vigario da Vara Antonio de Matos Nobrega de Andrade, sendo presentes as testemunhas abaixo assignadas Sergio Francisco de Paula, e Ignacio Francisco Monteiro se casaram Solenemente em face da Igreja por palavras de presente José Alvares da Silva, filho legitimo de José Alvares da Silva, e de Felicia dos Reis já defunta natural e baptizado na Capella do Rio Verde filial de Maipendi Bispado de Mariana; com Gertrudes Maria da Silva filha legitima de José Rodrigues dos Santos, e de Anna Leme da Silva natural de Lorena Bispado de Sam Paulo, e logo lhes dey as benções, na forma dos Ritos, e Seremonias da Santa Madre Igreja, do que para Constar fiz este asento em que me asigney.

Ignacio Fran<sup>co</sup> Montr<sup>o</sup>

Antonio de Matos Nobrega de Andr<sup>e</sup>

Sergio Fran<sup>co</sup> de Paula

Vigr.º Encom<sup>do</sup>.

Miguel Dias Bicudo

com

Angela Correa

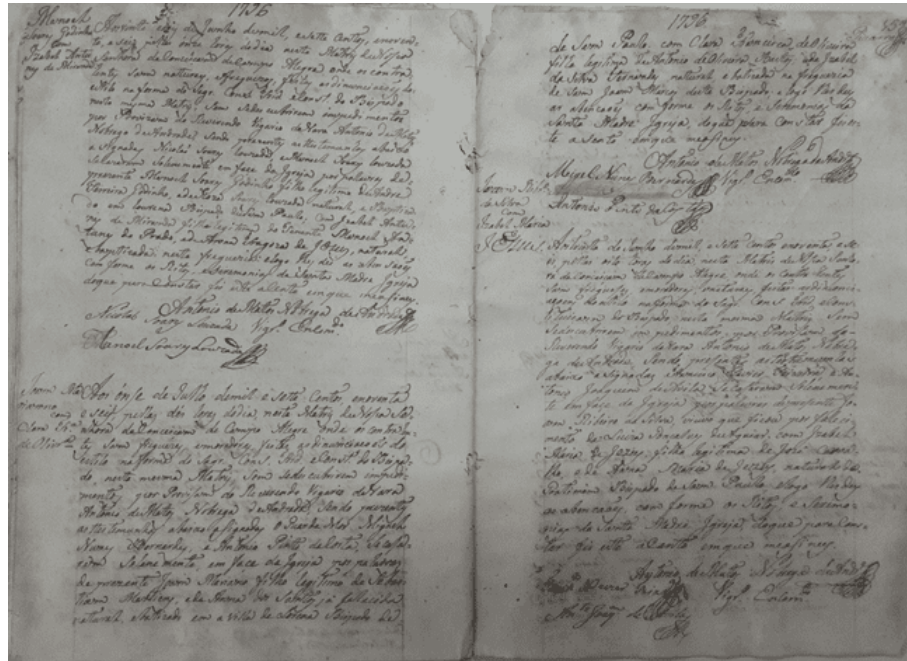
Aos vinte e nove de Mayo de mil, e Sette Centos e noventa, e seis pellas Cinco horas da tarde, nesta Matriz de Nossa Senhora da Conceiçam de Campo Alegre, onde os contrahentes Sam moradores, e freguezes, feitas as denunciaçõens do estilo na forma do Sagr. Cons. Trid. e Const. do Bispado nesta mesma Matriz sem se descobrir impedimento algum por Provizam do Reverendo Vigario da Vara Antonio de Matos Nobrega de Andrade, sendo presentes as testemunhas abaixo assignadas Guilherme de Oliveira Bastos, e Antonio de Oliveira se casaram Solenemente em face da Igreja por palavras de presente Miguel Dias Bicudo filho legitimo de Ludobico Dias Fernandes, e de Andreza Bicuda natural de Tabuate Bispado de Sam Paulo; com Angela Correa filha legitima de Antonio Viera da Costa já defunto, e de Ignacia Correa natural da mesma Villa e Bispado; e logo lhes dey as bençãoes, na forma dos Ritos, e Seremonias da Santa Madre Igreja de que para Constar fiz este acento em que me assigney.

Guilherme de Olivr<sup>a</sup> Bastos

An<sup>to</sup> de Matos Nobrega de Andr<sup>c</sup>

Antonio de Olivr<sup>a</sup>

Vigr.<sup>o</sup> Encom<sup>do</sup>



Manoel Soares Godinho

com

Izabel Antunes de Miranda

Aos vinte e dois de Junho de mil, e Sette Centos, e noventa, e seis pellas onze horas do dia nesta Matriz de Nossa Senhora da Conceiçam de Campo Alegre, onde os contrahentes sam naturaes, e freguezes, feitas as dinunciações do estilo na forma do Sagr. Cons. Trid. e Const. do Bispado nesta mesma Matriz, sem se descobrirem impedimentos por Provizam do Reverendo Vigario da Vara Antonio de Matos Nobrega de Andrade, sendo presentes as testemunhas abaixo assignadas Nicolão Soares Louzada, e Manoel Soares Louzada se casaram Solenemente em face da Igreja por palavras de presente Manoel Soares Godinho filho legitimo de Andre Ferreira Godinho, e de Roza Soares Louzada natural, e baptizado em Lourena Bispado de Sam Paulo; com Izabel Antunes de Miranda filha legitima do Tenente Manoel Antunes do Prado, e de Anna Fragoza de Jesus, natural e baptizada, nesta freguezia: e logo lhes dei as bensões conforme os Ritos, e Seremonias da Santa Madre Igreja do que para Constar fiz este acento em que me assigney.

Nicolal Soares Louzada                      Antonio de Matos Nobrega de Andrade

Manoel Soares Louzada                      Vigr.º Encom<sup>do</sup>.

Joam Marianno

com

Clara Fr<sup>a</sup> de Olivr<sup>a</sup>

Aos onse de Julho de mil e Sette Centos, e noventa e seis, pellas des horas do dia, nesta Matriz de Nossa Senhora da Conceiçam de Campo Alegre onde os contrahentes Sam freguezes, e moradores, feitas as dinunciações do estilo na forma do Sagr. Cons. Trid. e Const. do Bispado nesta mesma Matriz, sem se descobrirem impedimentos por Provizam do Reverendo Vigario da Vara Antonio de Matos Nobrega de Andrade, sendo presentes as ttestemunhas abaixo assignadas o Guarda Mor Miguel Nunes Bernardes, e Antonio Pinto da Costa, se casaram Solenemente, em face da Igreja por palavras de presente Joam Mariano filho legitimo de Sebastiam Martins, e de Anna dos Santos já falecida natural, batizado em a villa de Lorena Bispado de Sam Paulo; com Clara Francisca de Oliveira filha legitima de Antonio de Oliveira Bastos; e de Izabel da Silva Fernandes natural, e batizada na freguezia de Sam Joam Marcos deste Bispado; e logo lhes dey as bençãoes conforme os Ritos, e Seremonias da Santa Madre Igreja, do que para Constar fiz este asento em que me assigney.

Miguel Nunes Bernardes                      Antonio de Matos Nobrega de Andr<sup>e</sup>

Antonio Pinto da Costa                      Vigr.º Encom<sup>do</sup>.

Joam Ribr<sup>o</sup> da Silva

com

Izabel Maria de Jesus

Aos trinta de Junho de mil, e Sette Centos e noventa, e seis, pellas oito horas do dia, nesta Matriz de Nossa Senhora da Conceiçam de Campo Alegre, onde os contra hentes sam fregueses, e moradores, e naturaes, feitas as dinunciações do estilo na forma do Sagr. Cons. Trid. e Constituiçam do Bispado, nesta mesma Matriz sem se descobrirem impedimentos, por Provizam do Reverendo Vigario



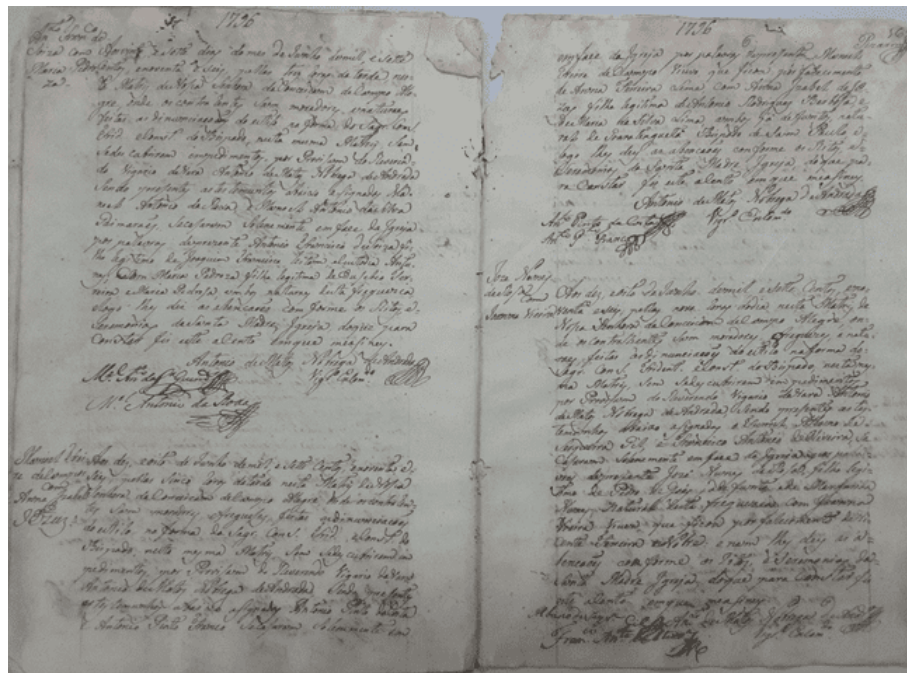
da Vara Antonio de Matos Nobrega de Andrade, sendo presentes as testemunhas abaixo assignadas Francisco Xavier Teixeira, e Antonio Joaquim de Avila se casaram Solenemente em face da Igreja por palavras de presente Joam Ribeiro da Silva, viúvo que ficou por falecimento de Luiza Gonçalves de Aguiar, com Izabel Maria de Jesus, filha legitima de José de Carvalho, e de Anna Maria de Jesus, natural de Goatimim, Bispado de Sam Paulo, e logo lhes dey as benções, com forme os Ritos, e Serimonias da Santa Madre Igreja, do que para Constar fiz este acento em que me assigney.

Fran<sup>co</sup> Xavier Teixr<sup>a</sup>

Antonio de Matos Nobrega de Andr<sup>e</sup>

An<sup>to</sup> Joaq<sup>m</sup> de Avila

Vigr.<sup>o</sup> Encom<sup>do</sup>.



An<sup>to</sup> Fran<sup>co</sup> de Soiza

com

Maria Pedroza

Aos vinte e sette dias do mes de Junho de mil, e Sette Centos, e noventa e seis, pellas tres horas da tarde, nesta Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Campo Alegre, onde os contrahentes Sam moradores, e naturaes feitas as dinunciações do estilo na forma do Sagr. Cons. Trid. e Const. do Bispado, nesta mesma Matriz, Sem se descobrirem impedimentos, por Provizam do Reverendo Vigario da Vara Antonio de Matos Nobrega de Andrada sendo presentes as testemunhas abaixo assignadas Manoel Antonio da Roxa, e Manoel Antonio da Silva Guimarães, se casaram Solenemente em face da Igreja por palavras de presente Antonio Francisco de Soiza filho legitimo de Joaquim Francisco Leitam, e Custodia Antunes; Com Maria Pedroza filha legitima de Eusebio Ferreira, e Maria Pedrosa, ambos naturaes desta freguezia; e logo lhes dei as bençoes com forme os Ritos, e Seremonias da Santa Madre Igreja, do que para Constar fiz este acento em que me asigney.

M<sup>el</sup> An<sup>to</sup> da S<sup>a</sup>. Guim<sup>s</sup>

Antonio de Matos Nobrega de Andrada

M<sup>el</sup> Antonio da RoxaVigr<sup>o</sup> Encom<sup>do</sup>.

Manoel Freire de Campos

com

Anna Izabel de Jesus

Aos des, e oito de Junho de mil, e Sette Centos, e noventa, e seis, pellas Sinco horas da tarde nesta Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Campo Alegre, onde os contrahentes Sam moradores, e fregueses, feitas as dinunciações do estilo na forma do Sagr. Cons. Trid. e Const. do Bispado, nesta mesma Matriz, Sem Se descobrirem impedimentos, por Provizam do Reverendo Vigario da Vara Antonio de Matos Nobrega de Andrada, sendo presentes as testemunhas abaixo assignadas Antonio Pinto da Costa, e Antonio Pinto Franco se casaram Solenemente em face da Igreja por palavras de presente Manoel Freire Campos viuvo que ficou por falecimento de Anna Ferreira Leme, com Anna Izabel de Jesus filha legitima de Antonio Rodrigues Barbosa, e de Maria da Silva Lima, ambos já defuntos, natural de Goaratinguetá Bispado de Sam Paulo, e logo lhes dey as bençoes conforme os Ritos, e Seremonias da Santa Madre Igreja, do que para Constar fiz este acento em que me asigney.

An<sup>to</sup> Pinto da Costa

Antonio de Matos Nobrega de Andrada

An<sup>to</sup> P<sup>to</sup> FrancoVigr<sup>o</sup> Encom<sup>do</sup>.

Jose Nunes da Rosa

com

Joanna Vieira

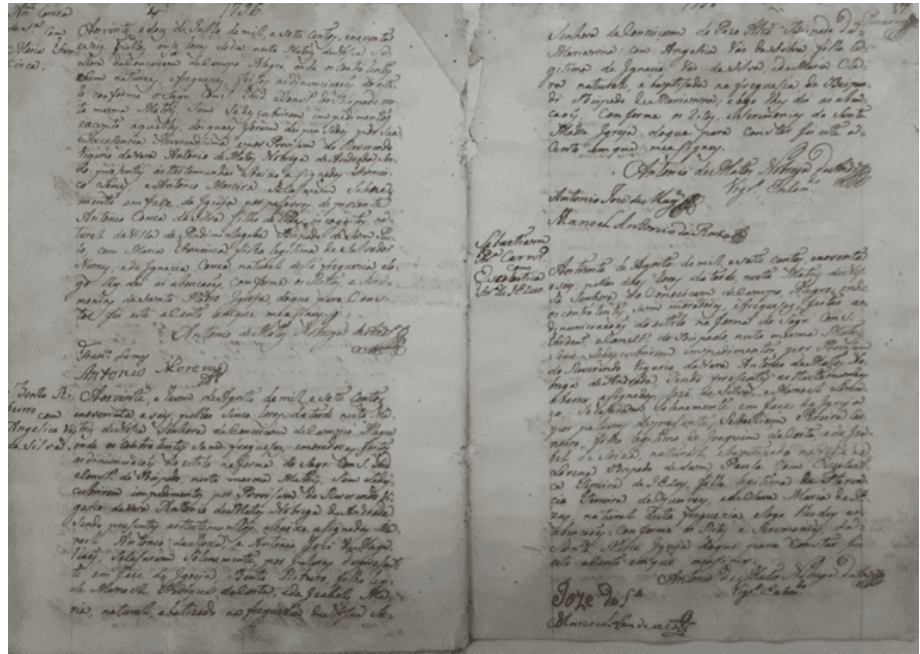
Aos dez, e oito de Junho de mil, e Sette Centos, e noventa e seis, pellas nove horas do dia nesta Matriz de Nossa Senhora da Conceiçam de Campo Alegre, onde os contrahentes sam moradores, e freguezes, e naturaes, feitas as dinunciações do estilo na forma do Sagr. Cons. Trident. e Const. do Bispado, nesta mesma Matriz, Sem Se descobrirem impedimentos por Provizam do Reverendo Vigario da Vara Antonio de Matos Nobrega de Andrada, sendo presentes as testemunhas abaixo assignadas o Furriel Albano de Serqueira Gil, e Francisco Antonio de Oliveira, se casaram Solenemente em face da Igreja por palavras de presente José Nunes da Rosa, filho legitimo de Pedro de Goes já defunto, e de Margarida Nunes, natural desta freguezia; com Joanna Vieira viuva, que ficou por falecimento de Vicente Ferreira Nobre: e nam lhes dey as bençãos conforme os Ritos, e Seremonias da Santa Madre Igreja, do que para Constar fiz este acento em que me asigney.

Albano de Siqr<sup>a</sup>

An<sup>to</sup> de Matos Nobrega de Andr<sup>e</sup>

Fran<sup>co</sup> An<sup>to</sup> Olivr<sup>a</sup>

Vigr.<sup>o</sup> Encom<sup>do</sup>.



An<sup>to</sup> Correa S<sup>a</sup>

com

Maria Francisca

Aos vinte e dois de Julho de mil, e Sette Centos, e noventa e seis pellas onse horas do dia nesta Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Campo Alegre, onde os contrahentes Sam naturaes, e fregueses, feitas as dinunciações do estilo conforme o Sagr. Cons. Trid. e Const. do Bispado nesta mesma Matriz, Sem Se descobrirem impedimentos excepto aquelles, dos quaes foram dispensados por sua Excellencia Reverendissima, e por Provizam do Reverendo Vigario da Vara Antonio de Matos Nobrega de Andrada, sendo presentes as ttestemunhas abaixo assignadas Francisco Lemes, e Antonio Moreira, se casaram Solenemente em face da Igreja por palavras de presente Antonio Correa da Silva filho de Pay incognito natural da Villa de Pindimonhagaba Bispado de Sam Paulo; com Maria Francisca, filha legitima de Salvador Nunes, e de Ignacia Correa, natural desta freguezia; e logo lhes dei as bençoes Conforme os Ritos, e Seremonias da Santa Madre Igreja, do que para Constar fiz este acento em que me assigney.

Fran<sup>co</sup> Lemes

Antonio Matos Nobrega de Andr<sup>e</sup>

Antonio Moreira

Bento Ribeiro

com

Angelica Vas da Silva

Aos vinte, e hum de Agosto de mil, e Sette Centos e noventa, e seis, pellas Sinco horas da tarde, nesta Matriz de Nossa Senhora da Conceiçam de Campo Alegre onde os contrahentes Sam fregueses, e moradores feitas as dinunciações do estilo na forma do Sagr. Cons. Trid. e Const. do Bispado, nesta mesma Matriz, Sem Se descobrirem impedimentos, por Provizam do Reverendo Vigario da Vara Antonio de Matos Nobrega de Andrade sendo presentes as ttestemunhas abaixo asignadas Manoel Antonio da Roxa, e Antonio José de Magalhães, se casaram Solenemente, por palavras de presente, em face da Igreja, Bento Ribeiro, filho legi de Manoel Fradique da Costa, e de Izabel Maria, natural, e batizado na freguezia de Nossa Senhora da Conceiçam de Pozo Alto Bispado de Marianna: com Angelica Vas da Silva, filha legitima de Ignacio Vas da Silva, e de Maria Clara natural, e baptizada na freguezia de Baependi Bispado de Marianna; e logo lhes dei as bençãoes, Conforme os Ritos, e Seremonias da Santa Madre Igreja do que para Constar fiz este acento em que me asigney.

Antonio José Mag<sup>a</sup>

Antonio Matos Nobrega de Andr<sup>e</sup>

Manoel Antonio da Roxa

Vigr.<sup>o</sup> Encom<sup>do</sup>.

Sebastiam Per<sup>a</sup> Carnr<sup>o</sup>

com

Escolastica Fer<sup>a</sup> de Jesus

Aos trinta de Agosto de mil, e Sette Centos, e noventa e seis, pellas duas horas da tarde, nesta Matriz de Nossa Senhora da Conceiçam de Campo Alegre, onde os contrahentes, sam moradores, e fregueses, feitas as dinunciações do estilo na forma do Sagr. Cons. Trident. e Const. do Bispado, nesta mesma Matriz, Sem se descobrirem impedimentos, por Provizam do Reverendo Vigario da Vara Antonio de Matos Nobrega de Andrada, sendo presentes as ttestemunhas abaixo asignadas, José da Silva, e Manoel Lorengo, se casaram Solenemente em face da Igreja por

palavras de presentte, Sebastiam Pereira Carneiro, filho legitimo de Joaquim da Costa, e de Izabel de Soiza, natural, e baptizado na Villa de Lorena Bispado de Sam Paulo; com Escolastica Ferreira de Jesus, filha legitima de Florencio Ferreira de Queiroes, e de Clara Maria de Jesus, natural desta freguezia; e logo lhes dey as benções, Conforme os Ritos e Seremonias da Santa Madre Igreja do que para Constar fiz este acento em que me asigney.

Joze da S<sup>a</sup>

Antonio Matos Nobrega de Andr<sup>e</sup>

Manoel Lourenço

Vigr.<sup>o</sup> Encom<sup>do</sup>.





Manoel Fer<sup>s</sup> Nogueira

com

Izabel de Olivr<sup>a</sup>

Aos trinta de Agosto de mil, e Sette Centos, e noventa e seis, pellas duas horas da tarde, nesta Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Campo Alegre, onde os contrahentes Sam moradores, e fregueses, feitas as dinunciações do estilo na forma do Sagr. Cons. Trid. e Const. do Bispado, nesta mesma Matriz, Sem Se descobrirem impedimentos, por Provizam do Reverendo Vigario da Vara Antonio de Matos Nobrega de Andrade, sendo presentes as ttestemunhas abaixo assignados, Ignacio Correa Barbosa, e José da Silva, se casaram Solenemente em face da Igreja por palavras de presente Manoel Fernandes Nogueira filho de paes incognitos, natural da Villa de Jacarehi, Bispado de Sam Paulo; com Izabel de Oliveira filha legitima de Manoel de Oliveira Porto, e de Bernarda da Silva já defunta, natural desta freguezia; e logo lhes dey as benções Conforme os Ritos, e Seremonias da Santa Madre Igreja, do que para Constar fiz este asento em que me assigney.

Joze da S<sup>a</sup>

An<sup>to</sup> Matos Nobrega de Andr<sup>c</sup>

Ignacio Cor<sup>a</sup> Barboza

Vigr.<sup>o</sup> Encom<sup>do</sup>.

Antonio Ferr<sup>a</sup>

com

Anna Maria de Jesus

Aos dez, e seis de Outubro de mil, e Sette Centos, e noventa, e seis, pellas onze horas do dia, nesta Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Campo Alegre, onde os contrahentes, Sam moradores, e freguezes, feitas as dinunciações do estilo na forma do Sagr. [...]

Os dados que ora se observam nestes novos assentos de casamento da Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Campo Alegre confirmam o que se extrai dos manuscritos pessoais de Itamar Bopp, posteriormente publicados na Revista Genealógica Latina de 1960 e outras, quanto à origem dos primeiros povoadores de Resende, RJ.



Famílias originárias das vilas de Guaratinguetá, Lorena, Cunha, entre outras, deslocaram-se para as novas terras no caminho novo para o Rio de Janeiro, fixando moradia na Freguesia de Campo Alegre da Paraíba Nova. Das tradicionais famílias da Vila de Guaratinguetá que constam dos manuscritos de Itamar Bopp incluem-se, por exemplo, os “Barbosa Lima”, como se vê no casamento de Izabel Rodrigues Barbosa com Januário Soares Louzada, ela filha de Diogo Barbosa Lima e s/m. Maria da Silva Fonseca, em consonância com os novos registros encontrados, a exemplo do casamento de Francisco Martins de Siqueira, natural de Guaratinguetá, SP, com Roza Maria, natural da Ilha Grande, RJ. Também é o caso de uma filha de João de Araújo Ferraz com sua mulher Antônia Bernarda, natural de Guaratinguetá, SP<sup>3</sup>.

Da Vila de Lorena podemos encontrar o casamento de Manoel Fernandes da Silva, filho legítimo de Manoel Fernandes da Costa, e de Antônia Paes da Silveira, natural de Lorena, com Joana Maria da Conceição, representantes das famílias “Fernandes da Silva” e “Paes da Silveira”.

Por fim, da Vila de Cunha, o casamento de Maria Perpétua de Jesus, filha Joaquim da Silva Velho e sua mulher Maria Joaquim da Conceição, seu pai ligado ao tronco da antiga família “Velho Cabral”, a qual teve como membro o Cap. Domingos Velho Cabral, notável construtor do novo caminho entre a Vila de Guaratinguetá e a então Freguesia do Facão, local onde o Padre João Velho Cabral já constava como vigário nos idos de 1740<sup>4</sup>.

---

3 Itamar Bopp relaciona na Revista Genealógica Latina uma filha de João de Araújo Ferraz com sua mulher Antônia Bernarda de Pádua, de nome Ana Francisca de Moura, que se casou com Bento Ferraz de Araújo em 08-ABR-1795 (BOPP, Itamar. Primeiros casamentos na matriz de Resende. **RGL/IGB** - *Revista Genealógica Latina*, publicação do Instituto Genealógico Brasileiro, vol. XX, 1968). Todavia, não acredito que se trate dos mesmos nubentes, pois os demais assentos desses novos documentos aqui relacionados não constam das anotações do genealogista.

4 COELHO, Helvécio V. Castro. Povoadores de S. Paulo: Capitão Mor e Ouvidor Jorge Ferreira (Adendas às primeiras gerações). Revista da ASBRAP, São Paulo, n. 14, 2008, p. 165-204.

## Fontes de Pesquisa

### Arquivos Particulares:

Fichas documentais de Itamar Bopp

### Arquivos Públicos e Privados:

Arquivo Histórico Municipal de Resende

### Sítios na internet:

<http://www.asbrap.org.br>

## Referência Bibliográfica

BOPP, Itamar. Primeiros casamentos na matriz de Resende. **RGL/IGB - Revista Genealógica Latina**, publicação do Instituto Genealógico Brasileiro, vol. XX, 1968.

COELHO, Helvécio V. Castro. Povoadores de S. Paulo: Capitão Mor e Ouvidor Jorge Ferreira (Adendas às primeiras gerações). *Revista da ASBRAP*, São Paulo, n. 14, 2008, p. 165-204.

SILVA JÚNIOR, Décio Ferraz e outros. Genealogia das Testemunhas da Independência do Brasil. *Revista da ASBRAP*, São Paulo, n. 29, 2022, p. 12-267.

## AS VIAGENS DOS RODRIGUES – UMA FAMÍLIA SEFARDITA IBÉRICA NO TEMPO DA INQUISIÇÃO (SÉCULOS XVII-XVIII)

*Rui M. F. R. Pereira e Maria Manuela Pereira*

**Resumo:** *As raízes da família Rodrigues podem ser traçadas até ao casal de cristãos-novos Domingos da Costa e Maria Rodrigues, que viveu na cidade espanhola de Zamora no início do século XVII. Vários fatores, incluindo ações frequentes das Inquisições espanhola e portuguesa, levaram à migração de membros desta família, primeiro em Espanha e Portugal, e depois para locais mais distantes. Utilizando vários tipos de fontes, desde registos paroquiais e processos da Inquisição até outros documentos existentes em vários locais, traçaremos os caminhos de vários indivíduos desta família ao longo do século XVII e início do século XVIII. Serão também brevemente descritas ligações entre descendentes dos Rodrigues e destacadas famílias sefarditas.*

**Abstract:** *The roots of the Rodrigues family can be traced to the Converso couple Domingos da Costa and Maria Rodrigues, who lived in the Spanish city of Zamora in the early 17<sup>th</sup> century. Multiple factors, including frequent encounters with the Spanish and Portuguese Inquisitions, led to the migration of family members, first within Spain and Portugal, and later to more distant locations. Using a variety of sources, including parish records and Inquisition proceedings, as well as other documents found in various locations, we will trace the paths of individuals from this family during the 17<sup>th</sup> and early 18<sup>th</sup> centuries. Connections between the descendants of the Rodrigues family and prominent Sephardic families will also be briefly described.*

*À memória de Marcelo Meira Amaral Bogaciovas (1952-2020)*

### Introdução

A pesquisa genealógica em Portugal é, em geral, mais fácil que na maioria dos restantes países europeus. Não ocorrem conflitos armados em larga escala no seu território há quase dois séculos. A revolução republicana de 1910 levou à criação de um Registro Civil obrigatório e ao confisco de todos os registos vitais da Igreja Católica até essa data (que cobriam praticamente toda a população portuguesa) para serem usados para fins civis. Esses registos paroquiais estão atualmente depositados em arquivos estatais facilmente acessíveis, e nas últimas décadas foram microfilmados e digitalizados, estando as suas imagens a ser

disponibilizadas online, um processo que se encontra agora quase concluído<sup>1</sup>. As fronteiras europeias de Portugal estão praticamente inalteradas há mais de 700 anos, e a documentação produzida pelas autoridades nacionais durante esse período foi em grande medida preservada, nomeadamente no seu mais importante arquivo, a Torre do Tombo<sup>2</sup>.

Como outros bastiões do Catolicismo, Portugal teve uma Inquisição poderosa em operação durante o início da Era Moderna. A sua causa imediata foi a expulsão e conversão em massa dos judeus em Espanha (1492) e Portugal (1497)<sup>3</sup>. A Inquisição portuguesa foi criada em 1536<sup>4</sup> e a maioria dos seus processos foram de pessoas de ascendência judaica sefardita (*Cristãos-Novos*) acusadas de judaísmo. A distinção entre cristãos-novos e cristãos-velhos foi oficialmente abolida em 1773<sup>3</sup>, embora uma Inquisição enfraquecida tenha continuado a existir até 1821<sup>4</sup>.

Dezenas de milhares de pessoas foram julgadas pela Inquisição portuguesa. Durante a maior parte da sua existência, estiveram ativos quatro tribunais: três em Portugal continental (Lisboa, Coimbra, Évora) e um em território ultramarino (Goa). Quase todos os processos dos tribunais de Portugal continental sobreviveram até aos dias de hoje. Estão depositados na Torre do Tombo<sup>4</sup> e proporcionam uma imensa fonte de informação sobre a vida e famílias das vítimas. Uma grande fração desses processos, incluindo a totalidade dos processos do Tribunal de Lisboa<sup>5</sup>, já está digitalizada e disponível online. Estão atualmente em curso esforços para se obter uma transcrição automática do texto destes documentos<sup>6</sup>.

### **Marcelo Bogaciovás e a família Pardo**



**Marcelo Bogaciovás<sup>7</sup>**

Marcelo Meira Amaral Bogaciovas (1952-2020)<sup>7</sup> foi um notável genealogista brasileiro com uma carreira que se estendeu por meio século. Natural de São Paulo, filho de pai lituano e de mãe com ascendência colonial portuguesa, foi o principal fundador da ASBRAP, Associação Brasileira de Pesquisadores de História e Genealogia<sup>8</sup>, criada em 1993, da qual foi várias vezes Presidente<sup>7</sup>.

Bogaciovas deslocava-se com frequência a Portugal e era um membro ativo da Associação Portuguesa de Genealogia (APG), organizando cuidadosamente a sua agenda muito preenchida para participar nos encontros mensais da APG em Lisboa quando possível. Foi através destes encontros que um dos autores (R. P.) teve a oportunidade de conhecer Bogaciovas pessoalmente.

Em 2016 recebemos um presente de Bogaciovas: um exemplar do seu livro *Cristãos-Novos em São Paulo*<sup>9</sup>. Quando analisámos o conteúdo da obra, e em particular a história de uma família de sobrenome Pardo<sup>10</sup>, apercebemo-nos de que estávamos na presença de um ramo brasileiro de uma família que já estávamos a estudar, os Rodrigues. A discussão posterior com Bogaciovas fez-nos compreender que, por sua vez, ele não tinha conhecimento do nosso ramo português.

Essa família é o tema deste artigo, que dedicamos à memória de Marcelo Bogaciovas.

## Genealogia da família Rodrigues

### § 1

I – **DOMINGOS DA COSTA**<sup>11</sup> e **MARIA RODRIGUES**<sup>11</sup> eram mercadores e tinham parentes em Zamora, Espanha<sup>12</sup>. Tiveram:

1(II) – **FRANCISCO RODRIGUES DA COSTA**, que segue abaixo.

2(II) – **ISABEL RODRIGUES**, que segue no § 2.

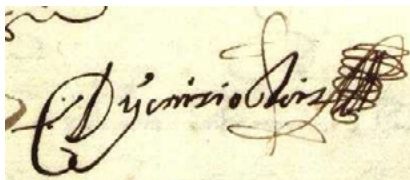
3(II) – **D. ANTÓNIO PARDO**, nascido cerca de 1612 em Castela<sup>13</sup>, passou a Portugal em perseguição de sua irmã Isabel depois de esta ter fugido para casar com Gabriel Rodrigues<sup>12</sup>. Em 1673 era notário em São Paulo, no Brasil<sup>13</sup>. Casou com **JULIANA NOGUEIRA**<sup>12,13</sup>. O casal não teve filhos<sup>12,13</sup>.

4(II) – **D. LUÍS PARDO**, que também passou a Portugal em perseguição de sua irmã<sup>12</sup> e que também viveu em São Paulo<sup>12,13</sup>. Sabe-se que casou, mas o nome da sua mulher não é conhecido<sup>12,13</sup>.

II – **FRANCISCO RODRIGUES DA COSTA** (referido como **Abraham** no contrato para o casamento judaico de seu filho Luís/Daniel<sup>14</sup>), mercador<sup>11</sup>, nascido na Galiza, Espanha<sup>11</sup>. Casou com **BRANCA RODRIGUES**, cristã-

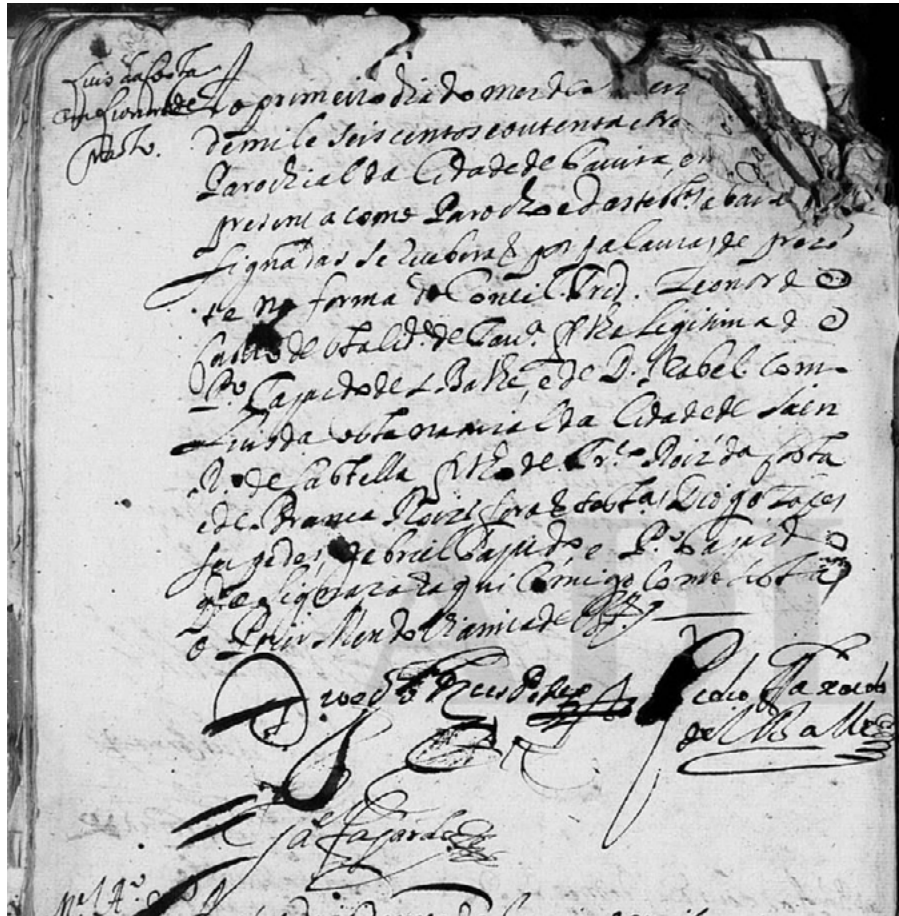
nova, natural de Vila Real, Portugal<sup>11</sup>, filha de Leonor Dias<sup>11</sup> (ver *A família de Branca Rodrigues*). Viveram em Lisboa<sup>11</sup> e tiveram:

- 1(III) – **D. MARIA ALEXANDRA RODRIGUES**, que segue abaixo.
- 2(III) – **DIONÍSIO RODRIGUES**, mercador<sup>11</sup>, nascido cerca de 1639 em Puebla de Sanabria, Espanha<sup>11</sup>. Foi preso pela Inquisição portuguesa em 17-JUN-1672, sendo então ainda solteiro e residente em Lisboa<sup>11</sup>. No seu testemunho declarou que já tinha estado no Brasil e em quase todos os lugares de Portugal e da Andaluzia<sup>11</sup>. Foi condenado a prisão e outras penas pela Inquisição no auto de fé de 10-DEZ-1673<sup>11</sup>.

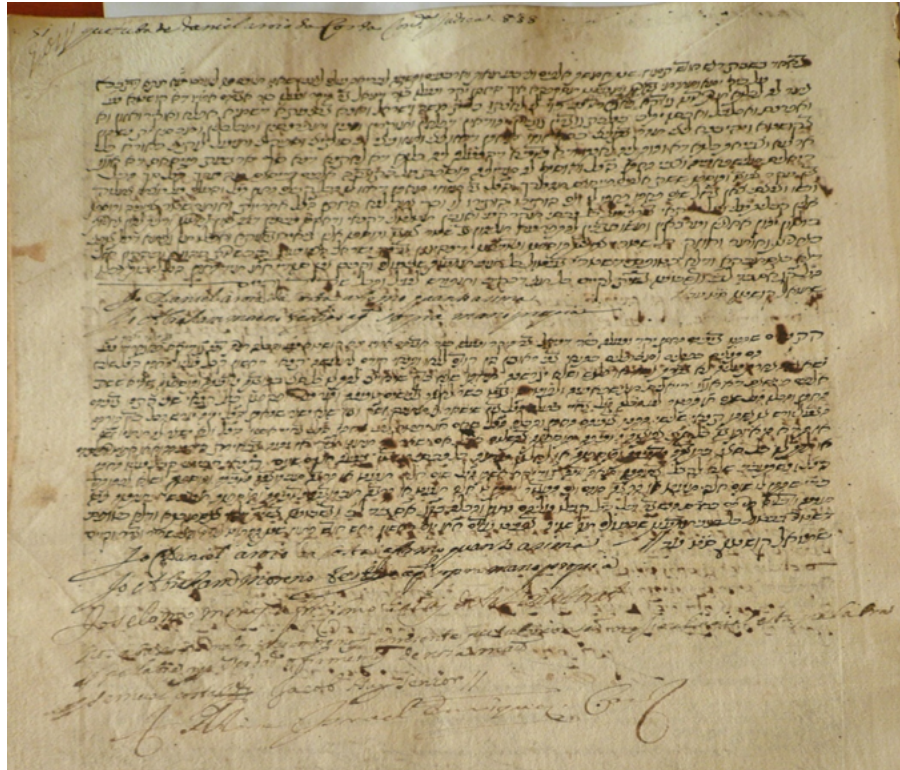


Assinatura de Dionísio Rodrigues<sup>11</sup>

- 3(III) – **PANTALEÃO RODRIGUES**, mercador<sup>11</sup>. Em 1672 não tinha filhos e vivia “na vila de Alcaudete junto a Madrid”<sup>11</sup>. A identificação desta localidade não é totalmente clara, pois existem duas vilas em Espanha com este nome, nenhuma das quais é especialmente próxima de Madrid: *Alcaudete de la Jara*, na província de Toledo (a cerca de 150 km from Madrid) e *Alcaudete*, na província de Jaén (a quase 400 km de Madrid). Inclino-nos para a hipótese de, apesar da distância, a vila em questão ser a segunda Alcaudete, que fica próxima de Jaén e Mancha Real, onde a presença desta família está bem documentada. Casou com **MARIA RODRIGUES**<sup>11</sup>.
- 4(III) – **MICAEL RODRIGUES**, mercador<sup>11</sup>. Em 1672 vivia na referida vila de Alcaudete<sup>11</sup>. Casou com **MICAELA SALGADO**<sup>11</sup>. Tiveram:
- 4.1(IV) – **BALTAZAR**, nascido cerca de 1664<sup>11</sup>.
- 4.2(IV) – **FRANCISCO**, nascido cerca de 1669<sup>11</sup>.
- 5(III) – **DOMINGOS DA COSTA**, nascido cerca de 1646<sup>11</sup>, passou a Castela com seus irmãos sendo ainda solteiro, cerca de 1658<sup>11</sup>.



Registro de casamento católico de Luís da Costa e Leonor de Castro Fajardo (Tavira, 1683) – as testemunhas que assinam no final incluem o pai da noiva e seu irmão Gabriel<sup>16</sup>



**Contrato para o casamento judaico de Daniel Arroio da Costa e Judite Fajardo (Livorno, 1689)**<sup>15</sup> – *cortesia Cercle de Généalogie Juive*

6(III) – **LUÍS DA COSTA**, nascido cerca de 1647<sup>11</sup> em Jaén<sup>16</sup> ou em Mancha Real<sup>11</sup>, Espanha. Em 1672 ainda era solteiro, vivendo em Lisboa na Rua das Mudanças<sup>11</sup>. Casou (1-JAN-1683, paróquia de Santiago, Tavira, Portugal<sup>16</sup>) com **LEONOR DE CASTRO FAJARDO**, natural de Tavira<sup>16</sup>, filha de D. Pedro Fajardo del Valle<sup>16</sup> (referido como Isaac no contrato para o casamento judaico de sua filha<sup>14</sup>),



natural de Toledo, Espanha<sup>17</sup>, e de D. Isabel de Castro<sup>16</sup> (ver *A família Fajardo / del Valle*). Cerca de 1686 Luís e Leonor viajaram da Península Ibérica para Itália, estabelecendo-se em Génova como judeus com os nomes de **Daniel Arroio da Costa e Judite Fajardo**, afirmando terem vindo de Amesterdão mas levantando suspeitas por só falarem espanhol<sup>18</sup>. A 19-JUN-1689 o contrato para o seu casamento judaico (*ketubah*) foi assinado em Livorno, Itália, com um valor de dote de 6000 pezze<sup>14</sup>. Nesse mesmo ano foram denunciados e presos por algum tempo, acabando por ser libertados<sup>18</sup>. A 6-JAN-1700 o Tribunal da Inquisição de Livorno escreveu uma carta ao seu congénere de Évora (cuja área de jurisdição correspondia à parte sul de Portugal, onde o casal antes vivera) pedindo informações sobre eles. Foi enviada uma resposta a 9-AGO-1700, que incluiu uma certidão do casamento católico do casal<sup>18</sup>. A sua descendência não é bem conhecida, mas um livro publicado em 1780 no actual Haiti relacionado com um caso judicial envolvendo a família Fajardo menciona Leonor como avó de um **Jutais**, “primeiro Tenente de Louveterie de França”<sup>17</sup>.

7(III) – **SALVADOR**, morreu novo<sup>11</sup>.

8(III) – **JOANA DA COSTA**. Em 1672 vivia na “vila de Alcaudete junto a Madrid”<sup>11</sup>. Casou com **ANDRÉ DIAS**, mercador cristão-novo<sup>11</sup>. Tiveram pelo menos:

8.1(IV) – **uma filha**<sup>11</sup>.

capia, convicta, y confitente en su relapua.

12. Maria Alexandra Rodriguez, natural de la Mancha Real, Reyno de Jaen, y vezina de Malaga, de edad de 90. años, fue relaxada en persona por Herege judayzante relapsa, convicta, y confitente en su relapsia.

13. Inês Francisca Rodriguez, hija de dicha Maria Alexandra, natural del Puerto de Santa Maria, y vezina de Malaga, de edad de 50. años, fue relaxada en persona por Herege judayzante relapsa, convicta, y confitente en su relapsia.

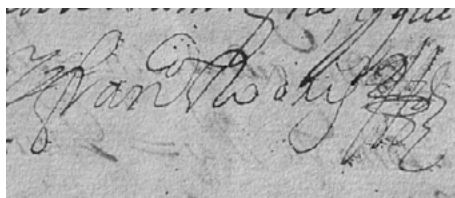
14. Blanca Maria Rodriguez, segūda hija de la dicha Maria Alexandra, natural de el Puerto de Santa Maria, y vezina de Malaga, de edad de 40. años, fue relaxada en persona por Herege judayzante relapsa, convicta, y confitente en su relapsia.  
Die-

15. Diego de Leyba, marido de dicha Blanca, natural de Eitepa, y vezino de Malaga, Eitanquero de Tabaco, de edad de 42. años, fue relaxado en persona por Herege judayzante relapso, convicto, y confitente en su relapsia.

16. Iosepha Enriquez, mizer de Simon de Andrade. natu-

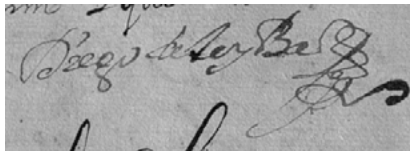
Extrato da relação de pessoas condenadas no auto de fé de 30 de Novembro de 1721 em Granada, referindo D. Maria Alexandra Rodrigues (número 12), suas filhas Inês e Branca (13 e 14) e genro Diego (15). Todos os quatro foram condenados à morte.<sup>19</sup>

III – D. MARIA ALEXANDRA RODRIGUES, nascida cerca de 1631 em Mancha Real, Espanha<sup>19</sup>, executada aos 90 anos de idade pela Inquisição espanhola no auto de fé de 30-NOV-1721 em Granada<sup>19</sup>. Casou com FRANCISCO RODRIGUES CARDOSO, nascido cerca de 1633<sup>20</sup>. Em 1672 viviam na vila fronteiriça de Campo Maior, em Portugal<sup>11</sup>, onde Francisco era feitor da Alfândega<sup>11</sup> e em 1683 em Puerto de Santa María, Espanha, na Calle de la Sangre<sup>20</sup>. Foi presa pela Inquisição a 20-OUT-1720 em Málaga, onde vivia com sua filha Inês num quarto alugado do mestre carpinteiro Andres de la Peña<sup>21</sup>, e condenada à morte<sup>19</sup>. Maria e Francisco tiveram:



Assinatura de Francisco Rodrigues Cardoso<sup>20</sup>

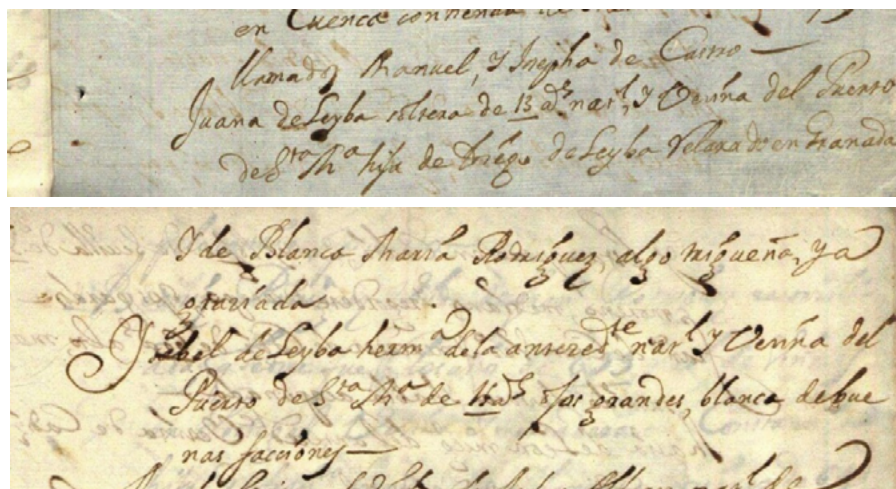
- 1(IV) – **LEONOR**, nascida cerca de 1664<sup>11</sup>.
- 2(IV) – **D. HELENA MARIA DE CASTRO**, que segue abaixo.
- 3(IV) – **RAFAEL**, nascido cerca de 1668<sup>11</sup>.
- 4(IV) – **BRANCA**, batizada a 7-DEZ-1671 na paróquia de Nossa Senhora da Expectação, em Campo Maior<sup>22</sup>. O registro indica o nome de sua mãe como *Alexandra Maria*. O padrinho do batismo foi seu tio Dionísio Rodrigues<sup>22</sup>.
- 5(IV) – **INÊS FRANCISCA RODRIGUES.**, nascida cerca de 1671 em Puerto de Santa María, Espanha<sup>19</sup>, presa com sua mãe em Málaga a 20-DEZ-1720<sup>21</sup>. Depois da sua prisão foi levada para a casa de Bernabé González<sup>21</sup>. Foi executada em Granada no mesmo auto de fé que a sua mãe<sup>19</sup>.



Assinatura de Diego de Leyba<sup>23</sup>

- 6(IV) – **BRANCA MARIA RODRIGUES**, nascida cerca de 1681 em Puerto de Santa María<sup>19</sup>, também executada no auto de fé de 30-NOV-1721 em Granada<sup>19</sup>. Casou duas vezes, a primeira cerca de 1696 com **JOSÉ RODRIGUEZ CEVALLOS**<sup>23</sup>, que faleceu cerca de 1700 em Puerto de Santa María<sup>23</sup>, e a segunda (autorização para o casamento concedida a 27-SET-1702, Triana, Sevilha, Espanha<sup>23</sup>) com **DIEGO DE LEYBA**, estanqueiro de tabaco<sup>19</sup>, nascido cerca de 1679 em Estepa, Espanha<sup>19,23</sup>, também executado no auto de fé de 30-NOV-1721<sup>19</sup>, filho de Simón de Leyba e de Isabel de la Peña<sup>23</sup>. Diego de Leyba viveu em Estepa até aos 10 anos de idade, depois 5 anos em Osuna, tornando-se depois soldado do castelo de Santa Catalina em Cádiz, mudando-se para a paróquia de Santa Ana da cidade de Sevilha cerca de 1696<sup>23</sup>. Do seu segundo casamento, Branca teve:
- 6.1(V) – **JUANA DE LEYBA**, nascida cerca de 1709 em Puerto de Santa María<sup>24</sup>, algo trigueira<sup>24</sup>, referida como estando presa em Sevilha numa carta enviada pelo Tribunal da Inquisição de Sevilha ao de Lisboa em 24-MAR-1722<sup>24</sup>.

6.2(V) – **ISABEL DE LEYBA**, nascida cerca de 1711 em Puerto de Santa María<sup>25</sup>, de olhos grandes, branca, de boas feições<sup>25</sup>, também referida como estando presa em Sevilha na mesma carta<sup>25</sup>.



Carta de 1722 referindo as irmãs Leyba<sup>25</sup>

IV – **D. HELENA MARIA DE CASTRO**, nascida cerca de 1665 em Lisboa<sup>20</sup>, falecida a 26-MAR-1690 na paróquia de Santiago, Tavira, Portugal<sup>26</sup>. Casou (casamento autorizado a 23-MAR-1683, Puerto de Santa María, Espanha<sup>20</sup>) com **GABRIEL FAJARDO DEL VALLE**, nascido cerca de 1662 em Tavira<sup>20</sup>, filho de D. Pedro Fajardo del Valle e de D. Isabel de Castro<sup>20</sup> (ver *A família Fajardo / del Valle*). Em 1699 Gabriel vivia em Tavira e tinha um rendimento anual de 75.000 réis<sup>27</sup>. Um dos sobrinhos de Gabriel, Juan Fajardo, declarou à Inquisição que ele foi casado duas ou três vezes e morreu em Puerto de Santa María<sup>28</sup>. Helena e Gabriel tiveram a seguinte filha:

1(V) – **ISABEL MARIA**, que segue abaixo.

V – **ISABEL MARIA**, batizada a 16-OUT-1685 em Moncarapacho, Olhão, Portugal<sup>29</sup>. Os seus padrinhos foram seu tio-avô Luís da Costa e sua tia Leonor de Castro Fajardo<sup>29</sup>, que pouco tempo depois fugiriam para Itália. Casou (paróquia de Santiago, Tavira, 19-OUT-1701<sup>30</sup>) com **MANUEL DE SEQUEIRA**, ourives<sup>31</sup>, batizado a 14-DEZ-1670 na paróquia de Santiago, Tavira<sup>32</sup>, falecido na mesma paróquia a 27-MAR-1718<sup>31</sup>, filho de António Vaz Serrão e de Catarina de Sequeira<sup>30</sup>. Manuel de Sequeira era baço ou

pardo, muito fraco e de cara comprida<sup>33</sup>. Isabel foi mãe aos 17 anos, avó aos<sup>31</sup> e, se ainda era então viva (o que não é certo), bisavó aos 50 anos de idade. Tiveram:

1(VI) – **HELENA DE CASTRO DE SEQUEIRA**, que segue abaixo.

VI – **HELENA DE CASTRO DE SEQUEIRA**, nascida a 28-DEZ-1702 na paróquia de Santiago, Tavira<sup>34</sup>. Casou (paróquia de Santiago, Tavira, 25-FEV-1716<sup>35</sup>) com **RODRIGO ALONSO NÚÑEZ**, mercador<sup>36</sup>, nascido cerca de 1696 em Écija, Espanha<sup>36</sup>, falecido em Castro Marim, Portugal, onde foi sepultado a 15-MAIO-1744<sup>36</sup>, filho de João António, natural de Génova, Itália<sup>36</sup>, e de Brites Ângela de Tapia, natural de Cádiz, Espanha<sup>36</sup>. Rodrigo apresentou-se à Inquisição de Évora em 1738 para confessar práticas judaicas, e voltou a Évora quando foi chamado em 1741<sup>36</sup>. Em 1744 voltou a ser chamado, mas a resposta de Castro Marim foi a da notícia da sua morte<sup>36</sup>. O seu nome figurou no auto de fé de 18-MAR-1747 na lista dos defuntos<sup>36</sup>. Em Castro Marim Rodrigo foi feitor do assento<sup>36</sup>. Helena e Rodrigo tiveram:

1(VII) – **D. ISABEL JOSEFA FAJARDO**, nascida a 11-ABR-1717 na paróquia de Santiago, Tavira<sup>37</sup>. Casou (24-ABR-1735, Castro Marim, Portugal<sup>38</sup>) com **JOÃO DE TORRES**, filho de D. Gaspar Francisco Lopez de Rivera, nascido a 25-AGO-1659<sup>39</sup> na paróquia de San Sebastián, Marchena, Espanha<sup>40</sup>, e de D. Isabel Maria Rodriguez de la Torre, nascida cerca de 1660 em Villena, Espanha<sup>40</sup> (ver *A família Rivera / Torres*). Com descendência até à atualidade, em que se incluem os autores do presente trabalho.

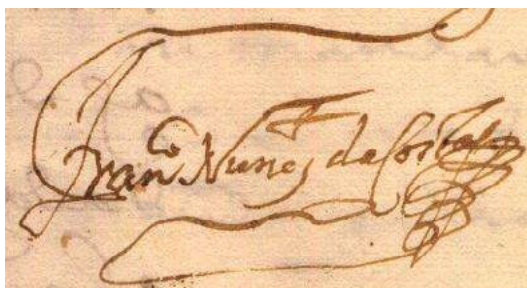
2(VII) – **MANUEL FAJARDO DO VALE**, nascido a 14-MAR-1719 na paróquia de Santiago, Tavira<sup>41</sup>. Casou (6-ABR-1739, paróquia de São Sebastião, Lagos, Portugal<sup>42</sup>) com sua prima direita **MARIANA JOSEFA DA ROSA**, nascida a 7-MAIO-1714 na paróquia de São Sebastião, Lagos, filha de José Rodriguez Torrones, nascido cerca de 1685 em Sanlúcar de Barrameda, Espanha<sup>36</sup>, e de Maria da Rosa<sup>42</sup>, natural de Écija<sup>36</sup> (que era irmã de Rodrigo Alonso Núñez<sup>43</sup>). Com geração.

## § 2

II – **ISABEL RODRIGUES**, filha de Domingos da Costa e de Maria Rodrigues (§ 1 n.º I). Nasceu em Zamora, Espanha<sup>12</sup>, e faleceu no Rio de Janeiro<sup>11</sup>. Casou duas vezes, a primeira com **GABRIEL RODRIGUES**, natural de Lisboa<sup>12</sup>, mercador que fazia negócios com os pais de Isabel, e com quem ela fugiu

para Portugal para casar quando tinha 14 anos<sup>12</sup>, e depois com **ANTÓNIO DIAS GARCIA**<sup>11</sup>. De acordo com Marcelo Bogaciovas, pelo menos quinze descendentes de Isabel e Gabriel (filhos, netos e bisnetos) foram presos pela Inquisição<sup>44</sup>. No entanto, não são conhecidas linhas descendentes deste casal até à atualidade<sup>45</sup>. Isabel teve do primeiro casamento:

1(III) – **SIMÃO RODRIGUES**, que viveu no Rio de Janeiro e não casou<sup>12</sup>.



**Assinatura de Francisco Nunes da Costa**

2(III) – **FRANCISCO NUNES DA COSTA**, meirinho e escrivão<sup>12</sup>, nascido cerca de 1642 na paróquia da Candelária, Rio de Janeiro<sup>12</sup>. Casou duas vezes, primeiro com **MARIA DE MORAIS**<sup>12</sup> e depois com **JOANA DAS NEVES RANGEL**<sup>12</sup>. No Rio de Janeiro teve os ofícios de meirinho dos contos e escrivão da almotaçaria<sup>12</sup>. Foi preso pela Inquisição a 8-NOV-1715 e condenado a várias penas no auto de fé de 16-FEV-1716<sup>12</sup>. Teve do primeiro casamento:

2.1, 2.2, 2.3, 2.4(IV) – **Quatro filhos** que faleceram todos solteiros<sup>12</sup>.

Teve do segundo casamento:

2.5(IV) – **ISABEL DAS NEVES RANGEL**, que em 1715 vivia no Rio de Janeiro<sup>12</sup>. Casou com **FILIPPE RODRIGUES DE OLIVEIRA**, soldado<sup>12</sup>. Tiveram:

2.5.1(V) – **FRANCISCO**<sup>12</sup>.

2.5.2(V) – **MARIA**<sup>12</sup>.

2.6(IV) – **ROSA DAS NEVES RANGEL**, que em 1715 era solteira e vivia no Rio de Janeiro<sup>12</sup>.

2.7(IV) – **INÁCIA**, que em 1715 era solteira e vivia no Rio de Janeiro<sup>12</sup>.

3(III) – **MARIA RODRIGUES**, nascida cerca de 1647 no Rio de Janeiro<sup>46</sup>,

casou com o Capitão **DIOGO LOPES SIMÕES**<sup>46</sup>. Maria viveu no Rio de Janeiro, foi presa pela Inquisição a 31-DEZ-1713 e condenada no auto de fé de 14-OUT-1714. Tiveram:

3.1(IV) – **FRANCISCO MENDES SIMÕES**<sup>12,47</sup>, mestre de meninos<sup>12,47</sup>, casou com **TERESA PAIS DE JESUS**<sup>12,47</sup>. Foi também preso pela Inquisição a 31-DEZ-1713, e condenado em 24-OUT-1717<sup>47</sup>.

3.2(IV) – **PEDRO MENDES SIMÕES**<sup>12,48</sup>, que tratava para as Minas<sup>12</sup>, solteiro em 1715<sup>12,48</sup>. Foi preso pela Inquisição a 14-NOV-1715, e condenado em 17-FEV-1716<sup>48</sup>.

3.3(IV) – **MARGARIDA RODRIGUES DA GAMA**<sup>12</sup>, casou com **ANTÓNIO PIRES MOREIRA**<sup>12</sup>, dono de uma roça<sup>12</sup>. Viveram no Rio de Janeiro<sup>12</sup>.

4(III) – **DOMINGOS NUNES**<sup>11,12</sup>, nascido cerca de 1653<sup>11</sup>, não casou<sup>12</sup>.

#### A família de Branca Rodrigues

**Branca Rodrigues**, mulher de **Francisco Rodrigues da Costa** (§ 1 n.º II), é um dos três filhos conhecidos de **Leonor Dias**<sup>11</sup>, sendo os outros **Roque Rodrigues**<sup>11</sup>, que deixou Lisboa sendo ainda solteiro<sup>11</sup>, e **Luísa Dias**<sup>11</sup>, que casou com **António Rodrigues Nunes**<sup>11</sup>. O nome do seu pai, marido de Leonor, não é conhecido.

Luísa e seu marido António viveram em Castelo de Vide, uma vila fronteiriça portuguesa<sup>11</sup>, onde António era feitor da Alfândega<sup>11</sup>, o mesmo cargo que Francisco Rodrigues Cardoso, genro de Branca, tinha na vila vizinha de Campo Maior<sup>11</sup>. António Rodrigues Nunes, natural de Setúbal<sup>49</sup>, morreu de doença em Castelo de Vide, na paróquia de Santa Maria da Devesa, a 8-SET-1673<sup>50</sup>, quatro dias depois de fazer o seu testamento deixando todos os seus bens à esposa<sup>49</sup>.

Um documento fascinante de Inglaterra sugere que esta família poderia já estar ligada a Livorno muito antes da fuga de Luís da Costa e Leonor de Castro Fajardo. Esse documento é o longuíssimo testamento de Diogo Rodrigues Marques<sup>51,52</sup>, feito em Londres em novembro de 1675, no qual dois itens consecutivos mencionam um **António Rodrigues Nunes** e um **Roque Rodrigues Vila Real** de Livorno. Acreditamos que estes possam corresponder ao cunhado e ao irmão de Branca com estes nomes, tendo Roque adicionado Vila Real pela sua naturalidade. Não há parentesco conhecido entre Diogo Rodrigues Marques e as famílias estudadas neste artigo.

Também não há parentesco conhecido entre estas famílias e o bem conhecido clã Fernandes Vila Real, que começou a usar o nome da sua terra de origem como sobrenome por volta de 1600, embora algumas semelhanças sejam

bastante sugestivas. O membro mais conhecido deste clã foi **Manuel Fernandes Vila Real** (1608-1652), um destacado homem de negócios cristão-novo que acabou por ser vítima da Inquisição e foi executado em Lisboa<sup>53</sup>.

### A família Fajardo / del Valle

**Leonor de Castro Fajardo**, mulher de Luís da Costa (§ 1 n° III), e **Gabriel Fajardo del Valle**, marido de **D. Helena Maria de Castro** (§ 1 n° IV), são dois dos três filhos conhecidos<sup>17</sup> de **D. Pedro Fajardo del Valle**, um mercador que chegou a ser cônsul de França em Faro, Portugal<sup>54</sup>, e **D. Isabel de Castro**. O outro filho foi o **Dr. Rafael Fajardo**, médico, nascido a 31-OUT-1669 em Puerto de Santa María<sup>17</sup>, que casou com **D. Jacinta Magdalena Pineda de Guzmán**, de 14 anos, em Sevilha, de onde ela era natural, em 1696<sup>55</sup>.

Apesar da sua formação como médico, Rafael teve várias ocupações ao longo da sua vida, entre as quais as de negociante e de militar<sup>56</sup>. Após muitos anos em Espanha, em 1719 vivia em Tavira, Portugal, e em 1721 foi nomeado vice-cônsul de França nessa cidade<sup>56</sup>. Fugiu com a sua família para França em Agosto de 1722<sup>56</sup>, estabelecendo-se em Bordéus com o nome de **Abraham Fajardo**, e casou de novo com Jacinta, que passara a chamar-se **Sara Pinedo**, de acordo com o rito judaico in 1723<sup>17</sup>. O filho mais velho do casal, **Juan Alonso Fajardo**<sup>17,28</sup> (chamado **Isaac** em França<sup>17</sup>), nascido cerca de 1701 em Medina Sidonia<sup>28</sup>, regressou a Portugal e apresentou-se à Inquisição de Lisboa em 1724<sup>28</sup>.

Descendentes de Rafael e Jacinta acabaram por se mudar para as Caraíbas francesas, estabelecendo-se no atual Haiti. Em 1779, membros da família estiveram envolvidos num processo judicial relacionado com a lei aplicável às heranças em França, que previa que os bens de judeus portugueses revertssem para a Coroa e não para as suas famílias. Os Fajardos conseguiram aparentemente evitar que tal acontecesse demonstrando que eram originalmente cristãos espanhóis (!) e não judeus portugueses. Um livro sobre este processo judicial foi publicado em 1780, e um exemplar desta obra ainda existia em meados do século XX na École Rabbiniqne em Paris<sup>17</sup>, onde foi consultado pelo investigador Zosa Szajkowski<sup>57</sup>. Este exemplar parece estar perdido, mas alguns dados essenciais da família são mencionados por Szajkowski nas suas obras, especialmente em *Franco-Judaica*<sup>17</sup> (ver imagem), incluindo a mulher e filhos de D. Pedro Fajardo del Valle (em total concordância com outras fontes), local de nascimento de Pedro (Toledo), e ano de nascimento (1623, um diferença de cerca de 20 anos em relação ao que consta dos documentos relativos ao casamento de seu filho Gabriel), e os nomes dos pais de Pedro, **D. Lázaro Pérez de Fajardo**, de Arganza, no norte de Espanha, e **D. Eugenia de Sedano**.



1061. *Mémoire pour le sieur Alexandre Faxardo, neveu & légataire de Salomon-Pierre Faxardo, appellant de sentence du juge du Cap du 27 mars 1779, aux fins d'arrêt & exploits des 19 & 21 juillet suivant; contre le receveur actuel de l'aubaine . . .* [Signé: Me. Bourbon.] Le Cap, 1780. 60,1 pp. 4°. <ER.>

Contains also a “Généalogie de la famille Faxardo, originaire d’Espagne, passée en France en 1722, & depuis 1735 en cette Colonie:” Dom Lazaro Perès de Faxardo (“Gentilhomme d’Argansa, au Royaume de Leon”), husband of Donna Eugenia de Sedano, was the father of Dom Pedro de Faxardo (born in 1623). Pedro de Faxardo and Isabelle de Castro had three children: (1) Léonore de Faxardo (grandmother of Jutais, “premier Lieutenant de Louveterie de France”), (2) Gabriel de Faxardo, (3) Raphaël de Faxardo, born on Oct. 31, 1669, husband of Dona Hyacinthe-Magdeleine de Pinedo Gusman (“Mariage renouvelé à Bordeaux en 1723, sous le noms Hébreux d’Abraham Faxardo & Sara Pinedo”). Raphaël was the father of nine children. Only the last two of them were born in France; the first seven children were all born in Spain and upon their arrival in Bordeaux they adopted Hebrew names (Jean Alonzo, “connu ensuite à Bordeaux sous le nom Hébreux d’Isaac,” etc.). See also Saint-Méry, VI, 260.

**Verbete de Zosa Szajkoswki sobre a “Mémoire...” na sua obra *Franco-Judaica*, a principal informação sobrevivente do livro perdido de 1780 que detalhava a ascendência Fajardo<sup>17</sup>**

D. Lázaro Pérez de Fajardo parece ter pertencido a uma família Fajardo de Arganza que em 1585 esteve envolvida num processo para estabelecer o seu estatuto como nobre (*pleito de hidalguía*)<sup>58,59</sup>. Este processo foi conduzido por **Marcos Pérez de Secos Fajardo**, pai de três filhos, um dos quais é referido como **Lázaro Álvarez de Secos Fajardo**. O pai de Pedro poderá ser este Lázaro ou, com maior probabilidade, um parente próximo da geração seguinte como um filho ou sobrinho. O processo enumera um total de seis gerações<sup>59</sup>, dando informação que remontará ao século XV nos antepassados por varonia da família, que se mudaram para Arganza da aldeia de Vilamaior<sup>60</sup> na paróquia de San Martín de Arroxo, parte do município de A Fonsagrada<sup>59</sup>.

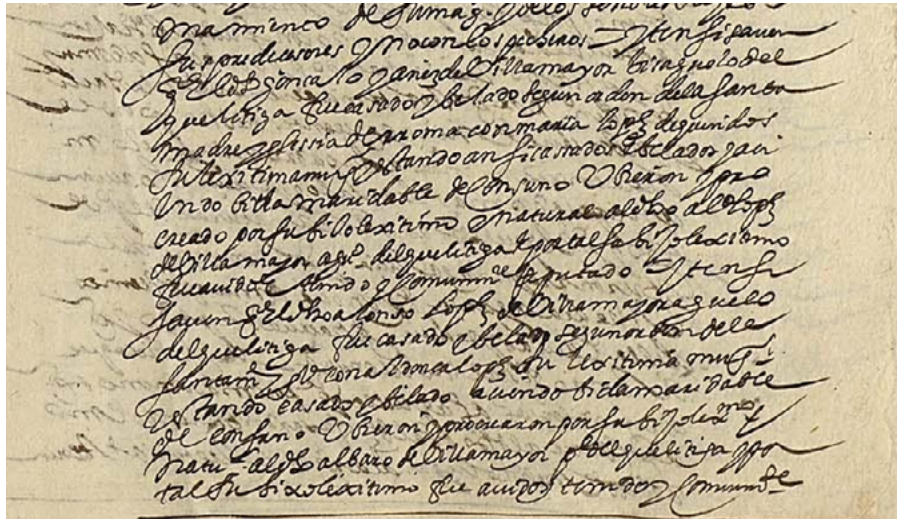
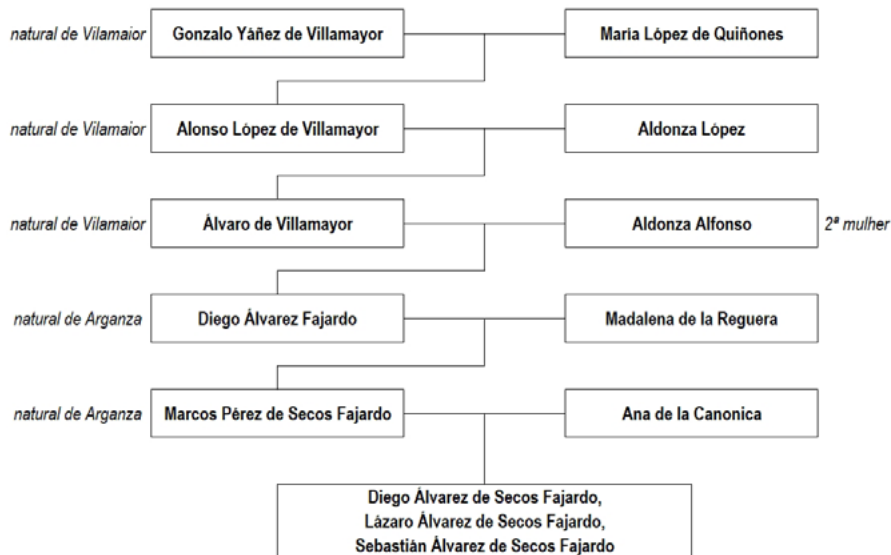


Imagem da ejecutoria do pleito de hidalguía dos Fajardos de Arganza do ano de 1585<sup>59</sup>

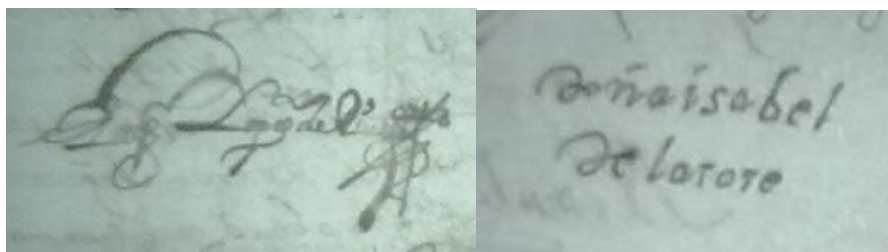


Árvore genealógica da família Fajardo conforme descrita no *pleito de hidalguía* apresentado por Marcos Pérez de Secos Fajardo em 1585<sup>59</sup>

Nada se sabe da ascendência de D. Isabel de Castro; em particular, não se sabe sequer se o seu sobrenome tem a mesma origem do de sua nora Helena.

### A família Rivera / Torres

**João de Torres**, marido de **D. Isabel Josefa Fajardo** (§ 1 n.º VII), era um dos vários filhos de **D. Gaspar Francisco López de Rivera**, nascido a 25-AGO-1659 na paróquia de San Sebastián<sup>39</sup>, na cidade de Marchena, Espanha<sup>40</sup>, e de **D. Isabel Maria Rodriguez de la Torre**, nascida cerca de 1660 em Villena, Espanha<sup>40</sup>.



**Assinaturas dos pais de João, Gaspar e Isabel, do seu processo de casamento realizado em Granada em 1680<sup>40</sup>**

Gaspar era filho de **Miguel López de Rivera**, natural de Sevilha<sup>61</sup>, e de **D. Leonor Rodríguez**, natural de Mérida, Espanha<sup>62</sup>, mas de nação portuguesa<sup>63</sup>. Casou em Granada em 1680<sup>40</sup> e viveu em vários locais de Espanha até cerca de 1694, quando ele<sup>64</sup> e seus irmãos José<sup>65</sup> e Antonio<sup>66</sup> se mudaram para Santiago do Cacém, em Portugal. Em 1704 Gaspar mudou-se com a sua família para França, estabelecendo-se em Bayonne<sup>67</sup>, e é mencionado mais tarde como vivendo em Bordéus<sup>68</sup>. Não é claro onde nasceu seu filho João.

Miguel López de Rivera e D. Leonor Rodríguez tiveram um total de sete filhos que atingiram a idade adulta<sup>69</sup>, e são antepassados da notável família Lopez-Rivera de Newport, Rhode Island, pelo casamento de sua filha **D. Isabel Maria Vaz de Rivera** com **D. Diego Rodríguez Montalbán**<sup>70,71</sup>. O mercador de Newport **Jacob Rodriguez Rivera** (1717-1789) era neto de Diego e Isabel, e as duas mulheres de **Aaron Lopez** (1730-1782), o “Príncipe Mercador” de Newport<sup>72</sup>, eram ambas bisnetas de Diego e Isabel (a segunda, **Sarah Rivera**, era filha de Jacob)<sup>70-71</sup>. Os autores do presente trabalho têm publicados estudos aprofundados da ascendência europeia do clã Lopez-Rivera<sup>70-71-72</sup>.



**Jacob Rodriguez Rivera (1717-1789), sobrinho-neto de Gaspar<sup>73</sup>**



**Aaron Lopez (1730-1782)<sup>74</sup> e sua segunda mulher, Sarah Rivera (1747-1840)<sup>75</sup>, filha de Jacob**

Isabel, mulher de Gaspar, era filha de **D. Antonio de la Torre** e de **D. Maria de Espinosa**<sup>40</sup>. A história de Antonio é descrita detalhadamente no processo da Inquisição de um dos seus irmãos que, apesar de ter tido lugar em Granada, se encontra no Arquivo Diocesano de Cuenca<sup>76</sup>. É uma história que vale a pena ser contada: o nome verdadeiro de Antonio era **Domingos Pereira**<sup>76</sup> e ele nasceu cerca de 1639 na vila da Torre de Moncorvo, em Portugal<sup>77</sup>, sendo o mais velho de quatro irmãos varões<sup>76</sup>. Quando o seu pai António Pereira foi condenado à morte pela Inquisição portuguesa<sup>76,78</sup>, Domingos, então adolescente, fugiu para Espanha e assumiu uma nova identidade tomando o sobrenome Torre do seu local de origem<sup>76</sup>. Os seus irmãos nunca mudaram os seus nomes originais, embora dois deles tenham adoptado o sobrenome Torre<sup>76</sup>, e as verdadeiras origens de Antonio não pareçam ter sido um grande segredo – aliás, o irmão de Gaspar José López de Rivera<sup>79</sup> até casou com Beatriz López Pereira<sup>68</sup>, que era prima segunda de Domingos/Antonio. Os descendentes portugueses desta família adoptaram a forma plural do sobrenome, Torres.

### Agradecimentos

O presente trabalho foi originalmente apresentado no II Colóquio Internacional de Genealogia, Heráldica e Vexilologia, que teve lugar em Vilnius, Lituânia, de 9 a 11 de junho de 2023, e o correspondente artigo, aqui traduzido, publicado em inglês no número 3 da *Genealogija, heraldika ir veksilologija*, revista da instituição organizadora, o *Genealogijos, heraldikos ir veksilologijos institutas* (GHVI), como parte das atas desse colóquio. Agradecemos à ASBRAP o convite, que muito nos honrou, para a publicação desta versão portuguesa, assim como ao GHVI e em particular ao seu Presidente, Remigijus Bimba, o excelente acolhimento em Vilnius e a autorização que nos concedeu para podermos responder afirmativamente ao convite da ASBRAP.

Agradecemos à Associação Portuguesa de Genealogia, e em particular ao falecido Sr. José Caldeira, muitos anos Diretor e Secretário-Geral da APG, o encorajamento para a publicação da nossa investigação sobre as famílias Lopez e Rivera (e outras) na sua revista *Raízes & Memórias*. Temos também uma dívida de gratidão para com o Doutor George M. Goodwin, da Rhode Island Jewish Historical Association, que publicou o seu trabalho na revista *Notes* daquela associação, tornando-o acessível a uma audiência internacional muito mais vasta, conhecedora da língua inglesa.

A nossa pesquisa da família Fajardo foi apresentada pela primeira vez em 2013 na edição desse ano do Encontro de Genealogistas do Algarve, realizado em Moncarapacho, terra natal de Isabel Maria, uma de muitas apresentações que fizemos nesses encontros. É um privilégio fazer parte de uma comunidade florescente que nada deixa por investigar no estudo das famílias do Algarve.

Agradecemos a Alain Nédjar pela imagem única do *ketubah* Costa-Fajardo incluída neste artigo, e pelo maravilhoso trabalho da sua equipa do Cercle de Généalogie Juive com os registos de Livorno.

### Referências

BOGACIOVAS, Marcelo Meira Amaral, Cristãos-novos em São Paulo (séculos XVI-XIX): assimilação e nobilitação. São Paulo: ASBRAP, 2015.

NEDJAR, Alain, BOULU, Gilles, NEDJAR, Liliane, e ATTIAS, Raphaël, Registres de ketubbot de la Nation juive de Livourne (1626-1890) / Ketubbot registers of the Jewish Nation of Livorno (1626-1890). Paris: Cercle de Généalogie Juive, 2020, vol. II.

PEREIRA, Rui Miguel Faisca Rodrigues, «Several other near connections of the Lopez name»: As origens ibéricas de Aaron Lopez e Jacob Rodriguez Rivera, in Raízes & Memórias, n. 21 (Dezembro 2005), p. 103-126.

PEREIRA, Rui Miguel Faisca Rodrigues, The Iberian Ancestry of Aaron Lopez and Jacob Rodriguez Rivera of Newport, in Rhode Island Jewish Historical Notes, vol. 14, n. 4 (Novembro 2006).

PEREIRA, Rui M. F. R., e PEREIRA, Maria Manuela, «By the second wife of my husband who was of the Lopez family»: A descoberta da família materna de Aaron Lopez, in Raízes & Memórias, n. 34 (Dezembro 2017), p. 227-280.

Relacion del Auto Particular de Fee, que celebrò el Santo Oficio de la Inquisicion de la Ciudad, y Reyno de Granada, el día 30 de Noviembre de este presente año de 1721.

SZAJKOWSKI, Zosa, Franco-Judaica: An Analytical Bibliography of Books, Pamphlets, Decrees, Briefs and Other Printed Documents Pertaining to the Jews in France 1500-1788. New York: American Academy for Jewish Research, 1962.

SZAJKOWSKI, Zosa, Population Problems of Marranos and Sephardim in France, from the 16th to the 20th Centuries, Proceedings of the American Academy for Jewish Research, 27 (1958), p. 83-105.

VIEIRA, Carla, Fundo Marques, desde 1675 a dotar as órfãs da nação portuguesa de Londres, in M. M. L. ARAUJO, M. F. REIS, B. F. REIS (coords.), Caridade e Assistência na Diáspora Sefardita (séculos XVI-XVIII): Contributos Documentais. Braga: Santa Casa da Misericórdia de Braga, 2020, p. 99-125.

**Fontes***Archivio Storico della Comunità Ebraica di Livorno*

Livros de registo de Kettubot, Livro F (1686-1695).

*Archivo Diocesano de Cuenca*

Leg. 543, n. 6853 (processo de Gaspar de la Torre).

*Archivo General del Arzobispado de Sevilla*

Expedientes de Matrimonio:

- Ordinarios, letra G, ano 1683, n. 31 (Gabriel Fajardo del Valle e D. Helena Maria de Castro).
- Ordinarios, letra D, ano 1702, n. 45 (Diego de Leyba e Branca Maria Rodrigues).
- Ordinarios, letra R, ano 1696, n. 1 (Rafael Fajardo e Jacinta Magdalena de Pineda y Guzmán).

*Archivo Histórico Diocesano de Granada*

Expedientes de Matrimonio, n. 53 (Gaspar Lopez de Rivera e Isabel de la Torre), microfilme FamilySearch n. 1459166.

*Archivo Histórico Nacional – Madrid*

Inquisición

- 186, 2 (processo de Francisco Gabriel de Torres Cevallos, Tribunal of Toledo).
- 189, 9 (processo de Manuel de Espinosa, Tribunal de Toledo).
- 2660, 4.
- 2660, 48.
- 3012.

*Archivo Historico Provincial de Granada*

Leg. 3062, n. 02 (processo fiscal contra D. Maria Alexandra Rodrigues e Inês Francisca Rodrigues).

*Archivo de la Real Chancilleria de Valladolid*

Sala de hijosdalgo, caja 220, 3.

Registro de ejecutorias, caja 2591, 61.

*Arquivo Distrital de Faro*

Registros paroquiais

- Paróquia de Sé (Faro), Batismos 1676-1698, fl 28.

*Arquivo Distrital de Portalegre*

Provedoria da Comarca de Portalegre, caixa 007, 03509.

Registros paroquiais

- Paróquia de Nossa Senhora da Expectação (Campo Maior), Batismos 1667-1678.
- Paróquia de Santa Maria da Devesa (Castelo de Vide), Óbitos 1663-1684.

*Arquivo Distrital de Setúbal*

Registros paroquiais

- Paróquia de Santiago do Cacém, Batismos 1628-1731.

*Arquivo Nacional da Torre do Tombo – Lisboa*

Casa Fronteira, Vária, n. 360, doc. 74.

Habilitações do Santo Ofício

Jacinto, maço 4, n. 51 (Jacinto Ribeiro Lobo).

Inquisição de Coimbra

- Proc. 8786 (António Pereira).

Inquisição de Évora

- Livro 55.
- Proc. 1594 (Miguel Francisco de Torres).
- Proc. 3700 (Rodrigo Alonso Núñez).
- Proc. 6375 (Rosa Margarida).
- Proc. 8596 (José Lopez de Rivera).

Inquisição de Lisboa

- Livro 26.
- Proc. 773 (Dionísio Rodrigues).



- Proc. 3321 (Juan Fajardo).
- Proc. 7794 (Manuel Fernandes Vila Real).
- Proc. 7915 (Maria Rodrigues).
- Proc. 7958 (Pedro Mendes Simões).
- Proc. 10697 (Francisco Nunes da Costa).
- Proc. 11597 (Francisco Mendes Simões).

#### Registros paroquiais

- Paróquia de Castro Marim, Casamentos 1724-1742.
- Paróquia de Moncarapacho, Batismos 1670-1685.
- Paróquia de Santa Maria (Tavira), Casamentos 1704-1717.
- Paróquia de Santiago (Tavira), Batismos 1664-1675, 1700-1709, 1709-1719; Casamentos 1666-1684, 1684-1708, 1708-1732; Óbitos 1684-1695, 1712-1731.
- Paróquia de São Sebastião (Lagos), Casamentos 1738-1775.

#### *Igreja de San Sebastián, Marchena, Espanha*

Registros Paroquiais, Batismos.

#### **Notas**

##### Notas finais

1 Os registos paroquiais portugueses estão distribuídos por mais de 20 arquivos espalhados por todo o país, por vezes de forma pouco intuitiva por razões históricas, e os sites desses arquivos nem sempre são fáceis de navegar. A forma mais simples de aceder aos registos paroquiais portugueses é através do diretório independente [tombo.pt](https://tombo.pt/en) (<https://tombo.pt/en>) que tem links directos para os livros de registo organizados pelas divisões administrativas modernas (distrito/região, concelho, freguesia).

2 <https://antt.dglab.gov.pt/> . Acesso em: 13-JUN-2024.

3 <https://antt.dglab.gov.pt/wp-content/uploads/sites/17/2021/04/Cronologia-TSO.pdf>. Acesso em: 13-JUN-2024.

4 <https://digitarq.arquivos.pt/details?id=2299703>. Acesso em: 13-JUN-2024.

5 <https://antt.dglab.gov.pt/exposicoes-virtuais-2/inquisicao-de-lisboa-online/> . Acesso em: 13-JUN-2024.

6 <https://trapinq.mozellosite.com/> . Acesso em: 13-JUN-2024.

7 <https://www.asbrap.org.br/index.php?apg=marcelo&ori=home>. Acesso em: 13-JUN-2024.

8 <https://www.asbrap.org.br/> . Acesso em: 13-JUN-2024.

9 BOGACIOVAS, Marcelo Meira Amaral, *Cristãos-novos em São Paulo (séculos XVI-XIX): assimilação e nobilitação*. São Paulo: ASBRAP, 2015.

10 BOGACIOVAS, *op. cit.*, p. 233-237.

11 Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT), Inquisição de Lisboa, proc. 773 (Dionísio Rodrigues).

12 ANTT, Inquisição de Lisboa, proc. 10697 (Francisco Nunes da Costa).

13 BOGACIOVAS, *op. cit.*, p. 233.

14 NEDJAR, Alain, BOULU, Gilles, NEDJAR, Liliane, e ATTIAS, Raphaël, *Registres de ketubbot de la Nation juive de Livourne (1626-1890) / Ketubbot registers of the Jewish Nation of Livorno (1626-1890)*. Paris: Cercle de Généalogie Juive, 2020, vol. II, p. 113.

15 Archivio Storico della Comunità Ebraica di Livorno, Livros de registro de Kettubot, Livro F (1686-1695).

16 ANTT, Paróquia de Santiago (Tavira), Casamentos 1666-1684, fl. 129v.

17 SZAJKOWSKI, Zosa, *Franco-Judaica: An Analytical Bibliography of Books, Pamphlets, Decrees, Briefs and Other Printed Documents Pertaining to the Jews in France 1500-1788*. New York: American Academy for Jewish Research, 1962, p. 92.

18 ANTT, Inquisição de Évora, livro 55, fl. 150.

19 *Relacion del Auto Particular de Fee, que celebrò el Santo Oficio de la Inquisicion de la Ciudad, y Reyno de Granada, el dia 30 de Noviembre de este presente año de 1721*, p. 2-3.

20 Archivo General del Arzobispado de Sevilla (AGAS), Expedientes de Matrimonio, Ordinarios, letra G, ano 1683, n. 31 (Gabriel Fajardo del Valle e D. Helena Maria de Castro).

21 Archivo Historico Provincial de Granada, leg. 3062, n. 02 (processo fiscal contra D. Maria Alexandra Rodrigues e Inês Francisca Rodrigues).

22 Arquivo Distrital de Portalegre (ADPortalegre), Paróquia de Nossa Senhora da Expectação (Campo Maior), Batismos 1667-1678, fl. 89.

23 AGAS, Expedientes de Matrimonio, Ordinarios, letra D, ano 1702, n. 45 (Diego de Leyba e Branca Maria Rodrigues).

- 24 ANTT, Inquisição de Lisboa, livro 26, fl. 27.
- 25 ANTT, Inquisição de Lisboa, livro 26, fl. 27v.
- 26 ANTT, Paróquia de Santiago (Tavira), Óbitos 1684-1695, fl. 51v.
- 27 ANTT, Casa Fronteira, Vária, n. 360, doc. 74.
- 28 ANTT, Inquisição de Lisboa, proc. 3321 (Juan Fajardo).
- 29 ANTT, Paróquia de Moncarapacho, Batismos 1670-1685, fl. 178.
- 30 ANTT, Paróquia de Santiago (Tavira), Casamentos 1684-1708, fl. 96v.
- 31 ANTT, Paróquia de Santiago (Tavira), Óbitos 1712-1731, fl. 42.
- 32 ANTT, Paróquia de Santiago (Tavira), Batismos 1664-1675, fl. 52.
- 33 ANTT, Habilitações do Santo Ofício, Jacinto, maço 4, n. 51 (Jacinto Ribeiro Lobo). Manuel de Sequeira foi investigado pela Inquisição em 1758 devido a rumores de que ele seria o pai de Manuel de Abreu do Ó, um filho de mãe solteira nascido em Tavira em 1698 cuja filha Ana Peregrina de Abreu estava contratada para casar com Jacinto Ribeiro Lobo, familiar do Santo Ofício na cidade de Évora. Da investigação concluiu-se que Manuel de Sequeira não era o pai – caso o fosse, Ana não seria aprovada para casar com Jacinto pois seria neta de alguém que era bem sabido ser cristão-novo.
- 34 ANTT, Paróquia de Santiago (Tavira), Batismos 1700-1709, fl. 46v.
- 35 ANTT, Paróquia de Santiago (Tavira), Casamentos 1708-1732, fl. 39v.
- 36 ANTT, Inquisição de Évora, proc. 3700 (Rodrigo Alonso Núñez).
- 37 ANTT, Paróquia de Santiago (Tavira), Batismos 1709-1719, fl. 104.
- 38 ANTT, Paróquia de Castro Marim, Casamentos 1724-1742, fl. 48v.
- 39 Igreja de San Sebastián, Marchena, Espanha, Registros Paroquiais, Batismos, fl. 128v.
- 40 Archivo Histórico Diocesano de Granada, Expedientes de Matrimonio, n. 53 (Gaspar Lopez de Rivera e Isabel de la Torre), microfilme FamilySearch n. 1459166.
- 41 ANTT, Paróquia de Santiago (Tavira), Batismos 1709-1719, fl. 134v.
- 42 ANTT, Paróquia de São Sebastião (Lagos), Casamentos 1738-1775, fl. 12.
- 43 ANTT, Paróquia de Santa Maria (Tavira), Casamentos 1704-1717, fl. 59.
- 44 BOGACIOVAS, *op. cit.*, p. 235-237.
- 45 Comunicação privada da ASBRAP, 15-MAR-2023.

- 46 ANTT, Inquisição de Lisboa, proc. 7915 (Maria Rodrigues).
- 47 ANTT, Inquisição de Lisboa, proc. 11597 (Francisco Mendes Simões).
- 48 ANTT, Inquisição de Lisboa, proc. 7958 (Pedro Mendes Simões).
- 49 ADPortalegre, Provedoria da Comarca de Portalegre, caixa 007, 03509.
- 50 ADPortalegre, Paróquia de Santa Maria da Devesa (Castelo de Vide), Óbitos 1663-1684, fl 86.
- 51 <https://synagoguescribes.com/blog/the-will-of-diego-rodrigues-marques-dated-1675/> (transcrição integral do original em inglês). Acesso em: 13-JUN-2024.
- 52 VIEIRA, Carla, *Fundo Marques, desde 1675 a dotar as órfãs da nação portuguesa de Londres*, in M. M. L. ARAÚJO, M. F. REIS, B. F. REIS (coords.), *Caridade e Assistência na Diáspora Sefardita (séculos XVI-XVIII): Contributos Documentais*. Braga: Santa Casa da Misericórdia de Braga, 2020, p. 99-125 (artigo sobre o Fundo Marques criado a partir deste testamento, incluindo transcrição integral traduzida para português).
- 53 ANTT, Inquisição de Lisboa, proc. 7794 (Manuel Fernandes Vila Real).
- 54 Arquivo Distrital de Faro, Paróquia de Sé (Faro), Batismos 1676-1698, fl 28.
- 55 AGAS, Expedientes de Matrimonio, Ordinarios, letra R, ano 1696, n. 1 (Rafael Fajardo e Jacinta Magdalena de Pineda y Guzmán).
- 56 SZAJKOWSKI, Zosa, *Population Problems of Marranos and Sephardim in France, from the 16th to the 20th Centuries*, *Proceedings of the American Academy for Jewish Research*, 27 (1958), p. 83-105.
- 57 Zosa Szajkowski (1911-1978) é uma figura extremamente controversa. A sua biografia está para lá do âmbito deste artigo. Para uma breve nota biográfica veja-se: [https://en.wikipedia.org/wiki/Zosa\\_Szajkowski](https://en.wikipedia.org/wiki/Zosa_Szajkowski). Acesso em: 13-JUN-2024.
- 58 Archivo de la Real Chancilleria de Valladolid (ARCV), Sala de hijosdalgo, caja 220, 3.
- 59 ARCV, Registro de ejecutorias, caja 2591, 61.
- 60 *Vilamaior* é o equivalente galego do castelhano *Villamayor*.
- 61 ANTT, Inquisição de Évora, proc. 6375 (Rosa Margarida).
- 62 Archivo Histórico Nacional – Madrid (AHNMadrid), Inquisición, 2660, 48.
- 63 AHNMadrid, Inquisición, 3012, item não numerado.
- 64 Arquivo Distrital de Setúbal (ADSetúbal), Paróquia de Santiago do Cacém, Batismos 1628-1731, f. 212v.

- 65 ADSetúbal, Paróquia de Santiago do Cacém, Batismos 1628-1731, f. 221v.
- 66 ADSetúbal, Paróquia de Santiago do Cacém, Batismos 1628-1731, f. 209v.
- 67 AHNMadrid, Inquisición, 189, 9 (processo de Manuel de Espinosa, Tribunal de Toledo).
- 68 ANTT, Inquisição de Évora, proc. 1594 (Miguel Francisco de Torres).
- 69 AHNMadrid, Inquisición, 186, 2 (processo de Francisco Gabriel de Torres Cevallos, Tribunal of Toledo).
- 70 PEREIRA, Rui Miguel Faisca Rodrigues, «*Several other near connections of the Lopez name*»: *As origens ibéricas de Aaron Lopez e Jacob Rodriguez Rivera*, in *Raíces & Memórias*, n. 21 (Dezembro 2005), p. 103-126.
- 71 PEREIRA, Rui Miguel Faisca Rodrigues, *The Iberian Ancestry of Aaron Lopez and Jacob Rodriguez Rivera of Newport*, in *Rhode Island Jewish Historical Notes*, vol. 14, n. 4 (Novembro 2006).
- 72 PEREIRA, Rui M. F. R., e PEREIRA, Maria Manuela, «*By the second wife of my husband who was of the Lopez family*»: *A descoberta da família materna de Aaron Lopez*, in *Raíces & Memórias*, n. 34 (Dezembro 2017), p. 227-280.
- 73 Retrato atribuído a Gilbert Stuart, Redwood Library and Athenaeum, Newport.
- 74 Detalhe de retrato por autor desconhecido, American Jewish Historical Society.
- 75 Detalhe de retrato de Sarah (Rivera) Lopez e seu filho Joshua, Gilbert Stuart, Detroit Institute of Arts.
- 76 Archivo Diocesano de Cuenca, leg. 543, n. 6853 (processo de Gaspar de la Torre).
- 77 AHNMadrid, Inquisición, 2660, 4.
- 78 ANTT, Inquisição de Coimbra, proc. 8786 (António Pereira).
- 79 ANTT, Inquisição de Évora, proc. 8596 (José Lopez de Rivera).



**DESCENDÊNCIA DE BALTAZAR DE GODOY MENDONÇA, ACHEGAS A SILVA  
LEME**

*Maria Celina Exner Godoy Isoldi<sup>1</sup>*

**Resumo:** *Genealogia da família Godoy Moreira, de Atibaia, contendo descendentes de Baltazar de Godoy Mendonça, os quais passaram para Campinas e, por fim, Serra Negra, no Estado de São Paulo.*

**Abstract:** *Genealogy of the Godoy Moreira family from Atibaia, including the descendants of Baltazar de Godoy Mendonça, who moved to Campinas and, ultimately, to Serra Negra in the State of São Paulo.*

A pesquisa sobre meus antepassados da família Godoy Moreira certamente foi uma das primeiras que fiz, ainda na segunda metade dos anos 1980, buscando informações em fontes primárias tanto no Arquivo Público do Estado de São Paulo quanto na Cúria Metropolitana de São Paulo, além de outras.

Embora possuísse as informações sobre eles há algumas décadas, somente em 2020 percebi que não havia nenhuma publicação (livro, artigo ou *site na internet*) com dados a respeito da prole completa de Baltazar de Godoy Mendonça, que foi casado duas vezes, tendo dois filhos do primeiro leito e nove do segundo, dos quais Silva Leme omite quatro filhos do último consórcio.

Então, visando suprir essa lacuna, em 2021, publiquei as informações que coligi sobre essa antiga família paulista, estabelecida inicialmente em Atibaia, depois na antiga Vila de São Carlos (hoje Campinas), em artigo na Revista *Brasil Genealógico*, intitulado *Um ramo inédito da família Godoy Moreira*<sup>2</sup>. Agora apresento nova versão do trabalho, com ampliações, para a Revista da ASBRAP.

---

1 NOTA DA REDAÇÃO: a autora faleceu em 20-JUL-2024, a quem rendemos homenagem no necrológico ao final desta edição.

2 ISOLDI, Maria Celina Exner Godoy. Um ramo inédito da família Godoy Moreira, Revista Brasil Genealógico, tomo VI, n. 2, p. 347-366.

## § 1º

- I- **BALTAZAR DE GODOY MENDONÇA**, filho de **Belchior de Godoy** e de sua mulher, **Catarina de Mendonça**, neto paterno de **Baltazar de Godoy** e de **Paula Moreira** (casal tronco da família Godoy no Brasil); neto materno de **Francisco de Mendonça** e de **Maria Diniz**. Casou-se duas vezes: primeiro com **MARIANA BUENO DO AMARAL**, batizada na Sé de São Paulo, em 5-JAN-1642, filha do Capitão Antônio Bueno e de Maria do Amaral Sampaio<sup>3</sup>. Os padrinhos do batismo dela foram: João Ribeiro de Proença e Maria Bueno. Ela faleceu, com testamento realizado em 12-OUT-1685, em seu sítio, na Freguesia de São João (atual Atibaia), sendo sepultada na Igreja de São Francisco<sup>4</sup>.

Baltazar de Godoy Mendonça casou-se, pela segunda vez, com **FRANCISCA CORDEIRO ALMADA** ou, apenas, **FRANCISCA CORDEIRA** ou, ainda, **FRANCISCA CORDEIRA DE PAIVA**, natural de Jundiá, filha de **Domingos Cordeiro de Paiva** e de **Suzana de Almada**<sup>5</sup>.

Baltazar de Godoy Mendonça faleceu entre 1717-1718. Francisca Cordeiro Almada faleceu em Atibaia, aos 25-OUT-1738, com 80 anos de idade, mais ou menos, deixando testamento, datado de 9-OUT-1738, assinado a rogo pelo Padre Bernardino de Almeida, por ela não saber ler e escrever. Além de declarar a naturalidade e filiação, ela pediu que seu corpo fosse sepultado na Igreja de São João de Atibaia, sob o altar de Nossa Senhora do Rosário, amortalhado com o hábito de Nossa Senhora do Carmo. Entre outras disposições, declarou possuir um sítio com três lanços de casas de telhas, com 400 braças de terras, correndo até o Rio Jaguari. Foram nomeados testamentários seus filhos Baltazar de Godoy Mendonça e Francisco de Godoy Moreira, bem como seu genro Marcelino de Camargo Silveira<sup>6</sup>. Da primeira mulher teve<sup>7</sup>:

1(II)- ANTÔNIO.

2(II)- FRANCISCA.

Baltazar de Godoy Mendonça e sua segunda mulher, Francisca Cordeiro Almada, tiveram<sup>8</sup>:

3 LEME, Luiz Gonzaga da Silva. *Genealogia Paulistana*, v. 6, p. 13, nº. 1-8 do § 8º; vol. 1, p. 422, nº. 2-3.

4 Arquivo Público do Estado de São Paulo.

5 LEME, Luiz Gonzaga da Silva. *Genealogia Paulistana*, v. 7, p. 289, nº. 2-2 do § 1º.

6 Arquivo do Público Estado de São Paulo, caixa 39, ordem 516, antigo maço 21.

7 LEME, Luiz Gonzaga da Silva. *Genealogia Paulistana*, v. 6, p. 13, nº. 1-8 do § 8º.

8 Silva Leme relaciona cinco filhos do casal, quando na verdade tiveram nove, conforme testamento de Francisca Cordeiro Almada (Arquivo Público do Estado de São Paulo, caixa



- 3(II)- MELCHIOR DE GODOY.
- 4(II)- BALTAZAR DE GODOY MOREIRA ou, apenas, BALTAZAR DE GODOY, faleceu em Atibaia, sua terra natal, aos 29-MAIO-1770, com cerca de 75 anos de idade, sem testamento. Contraiu núpcias na Igreja de São João de Atibaia, em 7-JAN-1727, com ROSA DA ROCHA, filha de Jeronimo da Rocha Pimentel e de sua mulher, Joana de Lima. As testemunhas do ato nupcial foram: João de Araújo, João Franco da Rocha, Maria da Rocha e Mécia de Siqueira. Tiveram geração<sup>9</sup>.
- 5(II)- **FRANCISCO DE GODOY MOREIRA** casou-se com **MARIANA CORREIA DE MORAIS**, com quem teve geração que segue.
- 6(II)- JOÃO DE GODOY.
- 7(II)- CATARINA DE GODOY casou-se em Itu, aos 27-FEV-1707, com JOÃO DE FRIAS TAVEIRA ou JOÃO DE FRIAS, filho de Manuel de Frias e de Felipa Gaga. Na ocasião, os nubentes e seus genitores eram moradores na Vila de Itu. As testemunhas do ato nupcial foram: Jordão Homem, José Dias, Maria Leme da Silva e Isabel Cubas. O casal teve geração<sup>10</sup>.
- 8(II)- MARIA DE GODOY ou MARIA DE GODOY MENDONÇA casou-se, pela primeira vez, aos 21-FEV-1708, em Itu, com TOMÉ CORREIA DA CÂMARA, filho de João de Freitas Lopes e de Marcela da Câmara, naturais do Rio de Janeiro. As testemunhas desse matrimônio foram: João Homem, Antônio Pedroso, Maria Cordera e Maria Leme. Contraiu núpcias, pela segunda vez, no dia 7-JAN-1711, também em Itu, com MANUEL ALVARES PIMENTEL, filho de Antônio Pimentel e de Maria Rodrigues, sendo padrinhos: Filipe Cardoso, Domingos Leme, Maria da Cruz e Maria Soares. Deixou geração do segundo consórcio<sup>11</sup>.
- 9(II)- LUZIA DE GODOY, que se casou em Itu, no dia 5-ABR-1717, com MANUEL DE ARRUDA, filho de Antônio de Arruda e de Maria Correia. As testemunhas desse matrimônio foram: Antônio Pedroso, Antônio Leme, Catarina de Godoy e Maria Cordeira. Tiveram uma filha<sup>12</sup>.

---

39, ordem 516, antigo maço 21).

9 LEME, Luiz Gonzaga da Silva. *Genealogia Paulistana*, v. 6, p. 13, nº. 2-3.

10 LEME, Luiz Gonzaga da Silva. *Genealogia Paulistana*, v. 6, p. 24, nº. 2-4.

11 LEME, Luiz Gonzaga da Silva. *Genealogia Paulistana*, v. 6, p. 26, nº. 2-6.

12 LEME, Luiz Gonzaga da Silva. *Genealogia Paulistana*, v. 6, p. 27, nº. 2-7.

- 10(II)- **ARCÂNGELA DE GODOY**, casada com **SALVADOR CORREIA DE ARZAM**, com geração<sup>13</sup>. Casaram-se em Itu, aos 12-MAIO-1718, ocasião em que ele usou o nome **SALVADOR DOS SANTOS** e o pai dela já era falecido. As testemunhas do ato nupcial foram: Diogo Mendes, José Francisco, Domingas Antunes e Maria de Godoy.
- 11(II)- **ANA DE GODOY MOREIRA** faleceu, com testamento, aos 26-MAIO-1759, com cinquenta e tantos anos de idade, na Freguesia de Atibaia, onde nasceu e morava. Casou-se na mesma localidade, no dia 21-JAN-1725, com **MARCELINO DE CAMARGO SILVEIRA** ou, apenas, **MARCELINO DE CAMARGO**, filho de Francisco de Camargo e sua mulher Isabel da Silveira, todos moradores na Freguesia de São João de Atibaia. As testemunhas do matrimônio foram: João Delgado de Camargo, João da Rocha Pimentel, Inês Franca e Ana Maria da Silveira.

II- **FRANCISCO DE GODOY MOREIRA** faleceu com mais ou menos 40 anos de idade, aos 24-MAIO-1740, em Atibaia, onde foi sepultado na Matriz de São João, no corpo da igreja, defronte ao altar das almas. De seu inventário, iniciado em 15-NOV-1749, no Bairro de São João de Atibaia, na Cidade de São Paulo, consta que era proprietário de um sítio, de sua vivenda, havido por herança de Baltazar de Godoy, com 100 braças e uma légua de sertão, sendo o monte-mor avaliado em 527\$546<sup>14</sup>. Foi casado com **MARIANA CORREIA DE MORAIS**, falecida em Atibaia, com 85 anos, aos 21-NOV-1781, filha de **Salvador Correia de Lemos** e de **Maria das Neves Morais**<sup>15</sup>. Pais de:

- 1(III)- **JOÃO DE GODOY MOREIRA** casou-se em Atibaia, no dia 5-JUL-1746, com **MARIA DE LIMA MACHADO**, filha de Sebastião Machado de Lima e de Maria da Rocha Pimentel. As testemunhas do matrimônio foram: Fernando de Camargo Pimentel e Lourenço Franco da Rocha. Sem geração<sup>16</sup>.
- 2(III)- **FRANCISCA DE GODOY MOREIRA**, casada com **PEDRO DE LIMA CAMARGO**, com quem teve geração que segue.
- 3(III)- **FRANCISCO DE GODOY MOREIRA**, natural de Atibaia, onde foi batizado em 17-MAIO-1733. Casou-se em sua terra natal, no

13 LEME, Luiz Gonzaga da Silva. *Genealogia Paulistana*, v. 7, p. 338, nº. 3-1 de 2-2.

14 Arquivo Público Estado de São Paulo, nº. 14922, ordem 725, lata 113.

15 LEME, Luiz Gonzaga da Silva. *Genealogia Paulistana*, v. 7, p. 8, nº. 4-1.

16 LEME, Luiz Gonzaga da Silva. *Genealogia Paulistana*, v. 1, p. 58, nº. 5-4.

dia 8-JAN-1754, com ANA FRANCO ou ANA FRANCA DA SILVA, filha de João Franco Viegas e Maria de Souza da Silva, ambos da Freguesia de São João de Atibaia. As testemunhas do ato nupcial foram: Lourenço Franco do Prado, João Pereira Camargo e Antônio Domingues da Silva. Com geração<sup>17</sup>.

- 4(III) MARIA DE GODOY MOREIRA casou-se em Atibaia, no dia 12-DEZ-1757, com JORGE RODRIGUES DE SIQUEIRA, filho de Domingos Rodrigues dos Ouros e de Mariana de Siqueira<sup>18</sup>. Ele era viúvo de Úrsula Franco de Camargo. Houve dispensa para esse matrimônio<sup>19</sup>.

III- **FRANCISCA DE GODOY MOREIRA** ou **FRANCISCA DE GODOY**, natural da Vila de Atibaia, onde faleceu no dia 15-JUN-1801, com mais ou menos 80 anos de idade, sendo sepultada na Matriz. Casou-se na referida localidade, aos 21-NOV-1747, com **PEDRO DE LIMA CAMARGO**, também natural de Atibaia, filho de **João de Lima do Prado** e de **Francisca da Rocha Bueno**<sup>20</sup>. As testemunhas do ato nupcial foram: João do Prado de Camargo e Diogo Bueno de Camargo. O casal figura no censo de Atibaia em 1765, ele com 40 anos de idade, ela com 36 anos, com os sete primeiros filhos. Pedro de Lima Camargo faleceu aos 31-AGO-1779, em Atibaia. O casal teve nove filhos<sup>21</sup>:

- 1(IV)- MARIA DE MORAIS com 16 anos de idade, no censo de Atibaia, em 1765.
- 2(IV)- JOANA DE GODOY LIMA tinha 13 anos de idade no referido censo de 1765. Casou-se três vezes: primeiro com VITOR SOARES DE OLIVEIRA, depois com JOAQUIM JOSÉ DE FARIA e, por fim, com JOSÉ SIMÕES SALGADO. Com geração dos três consórcios<sup>22</sup>.
- 3(IV)- ESCOLÁSTICA DE GODOY LIMA tinha 12 anos em 1765. Contraíu núpcias, pela primeira vez, com MANUEL SIMÕES SALGADO; depois com o Alferes ANTÔNIO SOARES MUNIZ, com geração apenas do segundo consórcio<sup>23</sup>.

17 LEME, Luiz Gonzaga da Silva. *Genealogia Paulistana*, v. 2, p. 286, nº. 6-5.

18 LEME, Luiz Gonzaga da Silva. *Genealogia Paulistana*, v. 2, p. 115, nº. 5-4 de 4-5.

19 Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo, Dispensa Matrimonial, nº. 4-64-431.

20 LEME, Luiz Gonzaga da Silva. *Genealogia Paulistana*, v. 3, p. 159, nº. 5-8.

21 LEME, Luiz Gonzaga da Silva. *Genealogia Paulistana*, v. 3, p. 159, nº. 5-8.

22 LEME, Luiz Gonzaga da Silva. *Genealogia Paulistana*, v. 3, p. 159-161, nº. 6-2 de 5-8; v. 2, p. 540, nº. 7-6.

23 LEME, Luiz Gonzaga da Silva. *Genealogia Paulistana*, v. 2, p. 149, nº. 5-2.

- 4(IV)- BENTO DE GODOY LIMA figura com 9 anos de idade no mencionado censo de 1765, em Atibaia. Foi casado com HELENA MARIA, com quem teve descendência<sup>24</sup>.
- 5(IV)- GERTRUDES DE GODOY casou-se com INÁCIO TAQUES POMPEU, com geração que segue.
- 6(IV)- ANA DE GODOY figura com 4 anos de idade no censo de Atibaia em 1765.
- 7(IV)- JOSEFA DE GODOY LIMA foi casada com JOÃO PIMENTEL DE CAMARGO, geração que segue no § 2º.
- 8(IV)- **ANTÔNIO DE GODOY LIMA**, casado com **ANA CORREIA DA LUZ** ou **ANA DA LUZ CORREIA** ou, apenas, **ANA DA LUZ**, com geração que segue no § 3º.
- 9(IV)- JOSÉ DE GODOY LIMA casou-se em Campinas, aos 25-MAIO-1796, com ANA PIRES DE CAMARGO, filha de João Pimentel de Camargo e de Maria Pires Garcia<sup>25</sup>.

IV- GERTRUDES DE GODOY tinha 7 anos em 1765, segundo censo de Atibaia. Aí se casou, em 6-FEV-1790, com INÁCIO TAQUES POMPEU, filho de José Pompeu de Almeida e de Maria de Godoy, neto paterno do Capitão Inácio Taques de Almeida e Margarida da Silva, neto materno do Tenente José Correia de Moraes e Maria de Godoy<sup>26</sup>. Ele faleceu em 1835, em Campinas, deixando oito filhos<sup>27</sup>:

- 1(V)- MARIA GERTRUDES, batizada apenas como MARIA, em Atibaia, no dia 17-DEZ-1790, sendo padrinhos: Francisca de Godoy, viúva, e Inácio da Silva Pinto, filho solteiro de Manuel da Silva<sup>28</sup>. Casou-se no ano de 1814, em Campinas, com VICENTE BUENO DE CAMARGO, natural de Bragança, filho de Inácio de Camargo Pimentel e de Inês Francisca de Moraes<sup>29</sup>. Com geração.

24 LEME, Luiz Gonzaga da Silva. *Genealogia Paulistana*, v. 3, p. 161, nº. 6-4.

25 LEME, Luiz Gonzaga da Silva. *Genealogia Paulistana*, v. 1, p. 349, nº. 4-4.

26 LEME, Luiz Gonzaga da Silva. *Genealogia Paulistana*, v. 4, p. 236, nº. 5-2 de 4-1 de 3-3; v. 7, p. 138, nº.5-2, p.142, nº. 6-5, p. 259, nº. 4-2; e v. 6, p. 57, nº. 3-1.

27 LEME, Luiz Gonzaga da Silva. *Genealogia Paulistana*, v. 4, p. 236, nº. 5-2.

28 Livro de Batismos n. 7 (1782 a 1807), fl. 64v, da Matriz de São João Batista, em Atibaia (*site* <https://www.familysearch.org>).

29 LEME, Luiz Gonzaga da Silva. *Genealogia Paulistana*, v. 1, p. 325-326, nº. 4-7; v. 4, p. 236, nº. 6-1.

- 2(V)- PEDRO POMPEU, batizado aos 20-OUT-1792, em Atibaia, sendo padrinhos: Joaquim José Pinto, casado, e Maria de Godoy (sua avó paterna)<sup>30</sup>. Casou-se em Campinas, em 1812, com ANA ANTÔNIA SOARES, filha de Antônio Soares de Camargo e de Ana Emerenciana de Campos<sup>31</sup>. Com geração.
- 3(V)- ANA MARIA DE GODOY, batizada em Atibaia, aos 26-OUT-1794, sendo padrinhos: José, filho solteiro de Pedro de Lima, e Ana da Luz, mulher de Antônio de Godoy<sup>32</sup>. Casou-se em Campinas, no ano de 1817, com MANUEL DE SOUZA MURÇA, natural de Itu, filho de Matias de Souza Murça e de Ana Francisca Barbosa<sup>33</sup>. Com geração.
- 4(V)- CRISTINA MARIA, gêmea da anterior, batizada como CRISTINA, na mesma data e local, sendo padrinhos: Manuel da Silva e sua mulher, Cristina Maria<sup>34</sup>. Casou-se em Campinas, em 1819, com JOAQUIM BUENO DE GODOY, filho de Bartolomeu Bueno Cordeiro e de Romualda da Silva<sup>35</sup>.
- 5(V)- ANTÔNIO JOAQUIM DE GODOY, natural de Atibaia, casou-se em Campinas, no dia 20-MAR-1821, com ANA FRANCISCA DA SILVA, viúva de Joaquim Mariano de Ávila<sup>36</sup>. Ela era filha de Bartolomeu Franco de Azevedo e de Gertrudes Cordeiro Bueno<sup>37</sup>.
- 6(V)- ROSA, batizada aos 24-JUN-1798, em Atibaia<sup>38</sup>.

---

30 Livro de Batismos n. 7 (1782 a 1807), fl. 77v, da Matriz de São João Batista, em Atibaia (site <https://www.familysearch.org>).

31 LEME, Luiz Gonzaga da Silva. *Genealogia Paulistana*, v. 1, p. 349, nº. 5-1 de 4-1; v. 4, p. 236, nº. 6-2.

32 Livro de Batismos n. 7 (1782 a 1807), fl. 89, da Matriz de São João Batista, em Atibaia (site <https://www.familysearch.org>).

33 LEME, Luiz Gonzaga da Silva. *Genealogia Paulistana*, v. 4, p. 237, nº. 6-3.

34 Livro de Batismos n. 7 (1782 a 1807), fl. 89, da Matriz de São João Batista, em Atibaia (site <https://www.familysearch.org>).

35 LEME, Luiz Gonzaga da Silva. *Genealogia Paulistana*, v. 1, p. 484, nº. 6-1 de 5-6, onde figura como Ana Franco; v. 4, p. 237, nº. 6-5.

36 Livro de Casamentos n. 3 (1818 a 1826), fl. 39, da Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em Campinas (site <https://www.familysearch.org>).

37 LEME, Luiz Gonzaga da Silva. *Genealogia Paulistana*, v. 1, p. 311, nº. 6-2 de 5-1; v. 4, p. 237, nº. 6-4.

38 Livro de Batismos n. 7 (1782 a 1807), fl. 113, da Matriz de São João Batista, em Atibaia (site <https://www.familysearch.org>).

- 7(V)- FRANCISCA MARIA casou-se em Campinas, no ano de 1819, com João Bueno de Godoy, filho de Domingos Rodrigues das Neves e de Ana Bueno de Godoy<sup>39</sup>. Foi batizada apenas como FRANCISCA, no dia 9-FEV-1800, em Atibaia, sendo padrinhos: João da Silva Bueno, solteiro, filho de Luzia Bueno e Joana de Godoy Lima, viúva<sup>40</sup>.
- 8(V)- GERTRUDES, nasceu em 2-MAR-1802 e foi batizada, no dia 7-MAR-1802, em Campinas<sup>41</sup>. Casou-se com FRANCISCO DE OLIVEIRA BUENO, morador no Belém de Jundiá (Itatiba), com geração<sup>42</sup>.

§ 2º

- IV- JOSEFA DE GODOY LIMA, filha de Pedro de Lima Camargo e de Francisca de Godoy Moreira (nº. III do § 1º). Ela tinha um ano e meio de idade por ocasião do censo de Atibaia, em 1765. Casou-se em Atibaia, em 1788, com JOÃO PIMENTEL DE CAMARGO, viúvo de Maria Pires Garcia, filho de Joaquim de Camargo Pimentel e de Maria Franco da Cunha<sup>43</sup>. Ele faleceu em Campinas, em 1813. Com geração<sup>44</sup>:
- 1(V)- JOÃO, batizado em Atibaia, no dia 3-SET-1789, sendo padrinhos: José de Godoy Lima, solteiro, e Francisca de Godoy Moreira (tio e avó do batizando)<sup>45</sup>.
- 2(V)- FRANCISCO ANTÔNIO DE CAMARGO, batizado em Atibaia, no dia 5-NOV-1791, sendo padrinhos: Pedro Bueno e sua irmã, Ana Maria Bueno<sup>46</sup>. Faleceu no ano de 1831, em Campinas, onde havia se casado por volta de 1809-1810, com MARIANA BUENO

39 LEME, Luiz Gonzaga da Silva. Genealogia Paulistana, v. 4, p. 237, nº. 6-7.

40 Livro de Batismos n. 7 (1782 a 1807), fl. 132, da Matriz de São João Batista, em Atibaia (site <https://www.familysearch.org>).

41 Livro de Batismos n. 2 (1797 a 1813), fl. 56, da Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em Campinas (site <https://www.familysearch.org>).

42 LEME, Luiz Gonzaga da Silva. Genealogia Paulistana, v. 4, p. 237, nº. 6-8.

43 LEME, Luiz Gonzaga da Silva. Genealogia Paulistana, v. 1, p. 348, nº. 3-5.

44 LEME, Luiz Gonzaga da Silva. Genealogia Paulistana, v. 1, p. 348-350, nº. 3-5.

45 Livro de Batismos n. 7 (1782 a 1807), fl. 52v, da Matriz de São João Batista, em Atibaia (site <https://www.familysearch.org>).

46 Livro de Batismos n. 7 (1782 a 1807), fl. 70v, da Matriz de São João Batista, em Atibaia (site <https://www.familysearch.org>).

DE CAMARGO, filha de João de Camargo Pimentel e de Maria Custódia de Oliveira. Com geração<sup>47</sup>.

- 3(V)- JOÃO, batizado em Campinas, no dia 7-JUL-1794<sup>48</sup>.
- 4(V)- PEDRO ANTÔNIO DE CAMARGO, batizado em Campinas, aos 28-OUT-1795, sendo padrinhos: João de Camargo Pimentel e sua mulher, Custódia de Oliveira<sup>49</sup>. Casou-se em 1815, em Campinas, com MARIA ANTÔNIA, natural de Atibaia, filha de Joaquim José Pinto e de Mariana Bueno<sup>50</sup>.
- 5(V)- MARIA GERTRUDES DO CARMO, batizada apenas como MARIA, aos 29-ABR-1798, em Campinas, sendo padrinhos: Inácio Bueno de Camargo e sua mulher, Maria Correia de Oliveira<sup>51</sup>. Casou-se em Campinas, no ano de 1812, com ANTÔNIO SOARES DE OLIVEIRA, natural de Atibaia, filho de Manuel Antônio Soares e de Ana Maria Barbosa<sup>52</sup>.
- 6(V)- RAQUEL, nascida no dia 7-SET-1800 e batizada aos 12-SET-1800, em Campinas, tendo como padrinhos: Inácio Taques Pompeu, casado, freguês de São João de Atibaia, e Ana Francisca de Camargo, casada<sup>53</sup>. Faleceu na mesma localidade, aos 22-FEV-1803, sendo sepultada na Matriz de Nossa Senhora da Conceição<sup>54</sup>.
- 7(V)- RAQUEL UMBELINA DE CAMARGO nasceu em 4-JAN-1805 e foi batizada, no dia 8-JAN-1805, em Campinas, tendo como padrinhos: José Joaquim de Camargo, casado, e Maria Josefa Barbosa, mulher de Antônio Furquim de Campos<sup>55</sup>. Casou-se em

47 LEME, Luiz Gonzaga da Silva. Genealogia Paulistana, v. 1, p. 350, nº. 4-8; v. 2, p. 153, nº. 6-6.

48 Livro de Batismos n. 1 (1774 a 1797), fl. 96, da Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em Campinas (site <https://www.familysearch.org>).

49 Livro de Batismos n. 1 (1774 a 1797), fl. 171, da Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em Campinas (site <https://www.familysearch.org>).

50 LEME, Luiz Gonzaga da Silva. Genealogia Paulistana, v. 1, p. 350, nº. 4-10.

51 Livro de Batismos n. 2 (1797 a 1813), fl. 14, da Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em Campinas (site <https://www.familysearch.org>).

52 LEME, Luiz Gonzaga da Silva. Genealogia Paulistana, v. 1, p. 350, nº. 4-9; v. 8, p. 313, nº. 8-2.

53 Livro de Batismos n. 2 (1797 a 1813), fl. 40, da Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em Campinas (site <https://www.familysearch.org>).

54 Livro de Óbitos n. 1 (1774 a 1806), fl. 107, da Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em Campinas (site <https://www.familysearch.org>).

55 Livro de Batismos n. 2 (1797 a 1813), fl. 86v, da Matriz de Nossa Senhora da Conceição,

- 10-MAIO-1819, em Campinas, com ANTÔNIO FERNANDES DE ABREU<sup>56</sup>, natural de Parnaíba, falecido em 1844, filho de Cláudio Fernandes de Sampaio e de Rosa Maria de Abreu. Com geração<sup>57</sup>.
- 8(V)- ANA foi batizada, com oito dias de idade, aos 25-AGO-1807, em Campinas. Seus padrinhos foram: Antônio Furquim de Campos e Gertrudes de Godoy, mulher de Inácio Taques Pompeu<sup>58</sup>.
- 9(V)- FRANCISCO foi batizado com cinco dias de idade, aos 2-FEV-1810, em Campinas. Padrinhos: Francisco Antônio de Camargo, solteiro, e Ana Pires, mulher de José de Godoy<sup>59</sup>.
- 10(V)- GERTRUDES, batizada com três dias de idade, aos 27-ABR-1813, em Campinas, tendo como padrinhos o Alferes Francisco Teixeira de Toledo e sua filha, Maria Rosa<sup>60</sup>.

## § 3º

- IV- **ANTÔNIO DE GODOY LIMA**, também conhecido como **ANTÔNIO DE GODOY**, filho de Pedro de Lima Camargo e de Francisca de Godoy Moreira (nº. III do § 1º). Natural de Atibaia, onde se casou aos 30-SET-1788, com **ANA CORREIA DA LUZ** ou **ANA DA LUZ CORREIA** ou, apenas, **ANA DA LUZ**, natural de Atibaia, filha de **José Pompeu de Almeida** (ou **José Pompeu**), natural de Curitiba<sup>61</sup>, e de **Maria de Godoy**, nascida em Atibaia, neta paterna do Capitão **Inácio Taques de Almeida** e **Margarida da Silva**, neta materna do Tenente **José Correia de Morais** e **Maria de**

---

em Campinas (site <https://www.familysearch.org>).

56 Livro de Casamentos n. 3 (1818 a 1826), fl. 9, da Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em Campinas (site <https://www.familysearch.org>).

57 LEME, Luiz Gonzaga da Silva. Genealogia Paulistana, v. 1, p. 350, nº. 4-11; v. 8, p. 506-507, nº. 8-2 de 7-3.

58 Livro de Batismos n. 2 (1797 a 1813), fl. 125v, da Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em Campinas (site <https://www.familysearch.org>).

59 Livro de Batismos n. 2 (1797 a 1813), fl. 166, da Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em Campinas (site <https://www.familysearch.org>).

60 Livro de Batismos n. 3 (1813 a 1819), fl. 5, da Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em Campinas (site <https://www.familysearch.org>).

61 Do batismo de João de Godoy Moreira consta que José Pompeu era natural do Continente do Sul, Bispado do Rio de Janeiro.



**Godoy**<sup>62</sup>. O casal transferiu-se para Campinas por volta de 1807. Ele faleceu com 80 anos de idade, aos 21-OUT-1844, em Campinas, onde foi sepultado na Matriz. Foi inventariado em Campinas, em 1845<sup>63</sup>. Teve os seguintes filhos de seu matrimônio:

- 1(V)- FRANCISCO DE GODOY MOREIRA ou FRANCISCO DE GODOY foi batizado em Atibaia, no dia 20-JUL-1789. Em 1845, encontrava-se ausente para as bandas do Rio de Janeiro, segundo inventário paterno, processado em Campinas. Foi casado duas vezes, primeiro com MANUELA ANTÔNIA, depois com GERTRUDES MARIA<sup>64</sup>.
- 2(V)- GABRIEL DE GODOY MOREIRA foi batizado em Atibaia, no dia 12-FEV-1791. Casou-se com ANA JOAQUINA BARBOSA PIRES, filha do Alferes Bento Barbosa Pires e de Isabel da Silva<sup>65</sup>, todos naturais de Atibaia, onde o matrimônio foi celebrado em 4-JUL-1809. Na ocasião, o noivo tinha 18 anos de idade e a noiva 14 anos. Houve dispensa do impedimento de terceiro grau de consanguinidade, no dia anterior<sup>66</sup>. Com descendência<sup>67</sup>.
- 3(V)- JOSÉ, batizado em Atibaia, aos 25-MAR-1793. Provavelmente faleceu criança, pois não figura no inventário paterno.
- 4(V)- BENTO DE GODOY LIMA, batizado em Atibaia, aos 25-MAR-1793. Foi casado com GERTRUDES MARIA DAS NEVES. Ele já havia falecido por ocasião do inventário paterno, em 1845, tendo deixado filhos<sup>68</sup>.
- 5(V)- **JOÃO DE GODOY MOREIRA**, casado com **JACINTA ANGÉLICA DE MORAIS CAMARGO** ou **JACINTA ANGÉLICA DE MORAIS** ou, ainda, **JACINTA EUFRÁSIA DE MORAIS**, com geração que segue.
- 6(V)- MANUEL, batizado aos 28-DEZ-1798, em Atibaia, ocasião em que seus pais residiam no Bairro Campo Largo. Seus padrinhos

62 LEME, Luiz Gonzaga da Silva. *Genealogia Paulistana*, v. 4, p. 236, nº. 5-1 de 4-1 de 3-3; v. 7, p. 138, nº.5-2, p.142, nº. 6-5, p. 259, nº. 4-2; e v. 6, p. 57, nº. 3-1.

63 LEME, Luiz Gonzaga da Silva. *Genealogia Paulistana*, v. 3, p. 162-163, nº. 6-8.

64 LEME, Luiz Gonzaga da Silva. *Genealogia Paulistana*, v. 3, p. 162, nº. 7-1.

65 LEME, Luiz Gonzaga da Silva. *Genealogia Paulistana*, v. 7, p. 276, nº. 6-2 de 5-5.

66 Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo, Dispensa Matrimonial, nº. 8-21-3706.

67 LEME, Luiz Gonzaga da Silva. *Genealogia Paulistana*, v. 3, p. 162-163, nº. 7-2.

68 LEME, Luiz Gonzaga da Silva. *Genealogia Paulistana*, v. 3, p. 163, nº. 7-3.

foram: Alferes Bento Barbosa, casado, e Mariana Paes de Queirós, mulher de Joaquim Silva Pinto. Não figura no inventário paterno.

- 7(V)- FRANCISCO DE GODOY LIMA, batizado no dia 10-AGO-1800, em Atibaia, tendo como padrinhos: Crispim da Silva França, casado, e Escolástica de Godoy, mulher de Antônio Soares Muniz. Foi casado e morador em Limeira.
- 8(V)- MANUELA JOAQUINA DE GODOY, casada com MANUEL BUENO DA CUNHA.
- 9(V)- MANUEL foi batizado em Atibaia, aos 22-NOV-1806, sendo padrinhos: Joaquim da Silva França e sua mulher Maria Gonçalves dos Santos. Não figura no inventário paterno.
- 10(V)- ANTÔNIO FRANCISCO DE GODOY, batizado em Campinas, aos 26-MAIO-1808, tendo como padrinhos: Estevão Soares da Rocha, casado, e Ana, filha solteira do Alferes Bento Barbosa, todos do Rio Abaixo. Foi casado com sua sobrinha MANUELA JOAQUINA, filha de Gabriel de Godoy Moreira e de Ana Joaquina Barbosa Pires<sup>69</sup>.

- V- **JOÃO DE GODOY MOREIRA**<sup>70</sup>, natural de Atibaia, onde foi batizado na Matriz, aos 19-MAR-1797, tendo como padrinhos: Francisco Soares das Neves, casado, e Joana de Godoy Lima, viúva. Casou-se em Campinas, no dia 28-ABR-1824, com **JACINTA ANGÉLICA DE MORAIS CAMARGO** ou **JACINTA ANGÉLICA DE MORAIS** ou, ainda, **JACINTA EUFRÁSIA DE MORAIS**, batizada em Campinas, aos 22-AGO-1809, filha do Alferes **Antônio Bueno de Camargo** e de **Joaquina Eufrásia Morais Pinto**, neta paterna de **Francisco Xavier Paula Camargo**<sup>71</sup> e de **Isabel Maria de Jesus**<sup>72</sup>, neta materna do Capitão **José de Oliveira** e de **Ana Esméria**

69 LEME, Luiz Gonzaga da Silva. Genealogia Paulistana, v. 3, p. 162-163, nº. 8-2 de 7-2 e nº. 7-7.

70 LEME, Luiz Gonzaga da Silva. Genealogia Paulistana, v. 3, p. 163, nº. 7-4, não faz referência ao seu casamento.

71 ISOLDI, Maria Celina Exner Godoy. Um Ramo da Família Bueno de Camargo, Edição Comemorativa do Cinquentenário do Instituto Genealógico Brasileiro, p. 302-303, nº. 5-1 de 4-1 de 3-1, nº. 7-2.

72 ISOLDI, Maria Celina Exner Godoy. Esboço sobre a descendência de Domingos da Rocha e de sua mulher, Domingas Ribeiro, Revista da ASBRAP nº. 1, p. 137-138, nº. 1(VIII) de 2(VI) de 3(V).

**Jacinta Ribeira Silva (ou Ribeira Pinto da Silva)**<sup>73</sup>. As testemunhas do ato nupcial foram o Capitão Francisco José de Camargo Andrade e Álvaro de Camargo Andrade.

João de Godoy Moreira foi lavrador em Campinas e também vivia de suas tropas<sup>74</sup>. Ele faleceu com 50 anos de idade, no dia 11-FEV-1845, em Campinas, deixando viúva Jacinta Eufrásia de Moraes, falecida depois de 1881. O casal teve os seguintes filhos:

- 1(VI)- JOAQUINA MARCELINA DE MORAIS GODOY casou-se com seu primo-irmão JOÃO GABRIEL DE GODOY, com geração que segue.
- 2(VI)- ANTÔNIA, batizada com 8 dias de vida, em 12-JAN-1828, em Campinas, tendo como padrinhos os avós paternos<sup>75</sup>.
- 3(VI)- FRANCISCO, batizado com 8 dias de idade, aos 28-JUL-1829, em Campinas. Padrinhos: Alferes Antônio Bueno de Camargo e sua mulher, Joaquina Eufrásia<sup>76</sup>.
- 3(VI)- JOSÉ INOCÊNCIO DE GODOY, que foi batizado com 8 dias de idade, em 7-AGO-1831, em Campinas, sendo padrinhos: Gabriel de Godoy Moreira e sua mulher, Ana Joaquina<sup>77</sup>. Casou-se na mesma localidade, pela primeira vez, aos 21-ABR-1853, com CAROLINA ANGÉLICA DE CAMARGO ou CAROLINA ÂNGELA DE CAMARGO, filha de José Ortiz de Camargo e de Brandina de Camargo Penteado. Os padrinhos do matrimônio foram o Capitão Francisco José de Camargo e o Ajudante Álvaro Xavier de Camargo e Silva. Havia impedimento de terceiro grau de

73 LEME, Luiz Gonzaga da Silva. Genealogia Paulistana, v. 4, p. 260, nº. 4-1, em que há omissão da filha Joaquina Eufrásia de Moraes Pinto, que foi batizada em Campanha, Minas Gerais, no dia 19-JAN-1780, filha do Capitão José de Oliveira, natural de São Gregório da Fanadia, Óbidos, Portugal, e sua mulher Ana Esméria Jacinta Ribeira Pinto da Silva, da Sé de São Paulo; neta paterna de Manuel de Oliveira e Maria Josefa; neta materna do Coronel Francisco Pinto do Rego e Escolástica Jacinta Ribeira Góis e Moraes (agradeço à falecida amiga Marta Maria Amato pelas informações desse batismo). Joaquina Eufrásia de Moraes Pinto foi inventariada em Campinas, no ano de 1831.

74 ISOLDI, Maria Celina Exner Godoy. Um Ramo da Família Bueno de Camargo, Edição Comemorativa do Cinquentenário do Instituto Genealógico Brasileiro, p. 303-307.

75 Livro de Batismos n. 4 (1819 a 1830), fl. 161, da Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em Campinas (site <https://www.familysearch.org>).

76 Livro de Batismos n. 4 (1819 a 1830), fl. 189, da Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em Campinas (site <https://www.familysearch.org>).

77 Livro de Batismos n. 5 (1830 a 1839), fl. 30, da Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em Campinas (site <https://www.familysearch.org>).

consanguinidade em linha transversal. Ele se casou, pela segunda vez, em 13-MAIO-1871, também em Campinas, com MARIA FRANCISCA DE ANDRADE, filha de Francisco Antônio de Andrade e de Maria Miquelina de Andrade<sup>78</sup>. No ano de 1873, ele figura como juiz da Irmandade de Nossa Senhora da Conceição, em Campinas, e tinha endereço na Rua do Comércio, nº. 66<sup>79</sup>. Foi proprietário da Fazenda Santo Inácio, na estação de Valinhos. Teve descendência de ambas as mulheres<sup>80</sup>.

- 4(VI)- FLORIANO ANTÔNIO DE MORAIS, batizado em Campinas, no dia 9-AGO-1833, sendo padrinhos: Francisco de Godoy Lima e Gertrudes Maria<sup>81</sup>. Foi casado com MARIA DA SILVEIRA CAMPOS, filha do Coronel Camilo José Pires e de Ana de Siqueira Campos<sup>82</sup>. Com geração<sup>83</sup>.
- 5(VI)- FRANCISCO XAVIER DE MORAIS GODOY, casado com ANA PUREZA DE CAMPOS, com geração que segue no § 5º.
- 6(VI)- Capitão **ANTÔNIO DE GODOY MOREIRA** ou **ANTÔNIO MANUEL DE MORAIS GODOY** ou **ANTÔNIO MANUEL DE MORAIS**, que foi casado com sua prima-irmã **FRANCISCA EULÁLIA DE MORAIS PINTO** ou **FRANCISCA EULÁLIA DE MORAIS CAMARGO** ou **FRANCISCA EULÁLIA DE MORAIS**, com descendência que segue no § 6º.
- 7(VI)- ANA FRANCISCA DE MORAIS ou ANA DE MORAIS GODOY, batizada com 13 dias, aos 31-OUT-1839, em Campinas, tendo como padrinhos: Inácio Ribeiro do Prado e sua mulher, Joaquina de Godoy Moreira<sup>84</sup>.

78 LEME, Luiz Gonzaga da Silva. Genealogia Paulistana, v. 6, p. 196, nº. 11-4 de 10-1.

79 LUNÉ, Antonio José Baptista de; FONSECA, Paulo Delfino da (org.). Almanak da Província de São Paulo para 1873, p. 323.

80 ISOLDI, Maria Celina Exner Godoy. *Um Ramo da Família Bueno de Camargo*, Edição Comemorativa do Cinquentenário do Instituto Genealógico Brasileiro, p. 305, nº. 6-2.

81 Livro de Batismos n. 5 (1830 a 1839), fl. 86v, da Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em Campinas (site <https://www.familysearch.org>).

82 LEME, Luiz Gonzaga da Silva. Genealogia Paulistana, v. 2, p. 91, nº. 9-3 de 8-1.

83 ISOLDI, Maria Celina Exner Godoy. *Um Ramo da Família Bueno de Camargo*, Edição Comemorativa do Cinquentenário do Instituto Genealógico Brasileiro, p. 305, nº. 6-3.

84 Livro de Batismos n. 6 (1838 a 1850), fl. 8v, da Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em Campinas (site <https://www.familysearch.org>).

- 8(VI)- FRANCISCA, batizada com 9 dias de idade, em Campinas, aos 22-MAR-1842, sendo padrinhos: Tenente Sebastião José de Brito e sua mulher, Francisca Cândida Xavier<sup>85</sup>.
- 9(VI)- JOÃO BATISTA DE MORAIS GODOY foi casado com sua sobrinha MARIA FRANCISCA DE MORAIS GODOY, com descendência que segue no § 4º.



José Inocêncio de Godoy e sua segunda mulher, Maria Francisca de Andrade (*Photographia Campinense*, de Henrique Rosén, fundada em 1862 – Rua Direita, n.º. 50, em Campinas).

---

<sup>85</sup> Livro de Batismos n. 6 (1838 a 1850), fl. 51v, da Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em Campinas (site <https://www.familysearch.org>).

VI- JOAQUINA MARCELINA DE MORAIS GODOY, batizada no dia 3-JAN-1826, em Campinas, sendo padrinhos o Capitão-mor Floriano de Camargo Penteado e sua mulher, Paula Joaquina<sup>86</sup>. Casou-se em Campinas, aos 13-NOV-1838, com seu primo-irmão JOÃO GABRIEL DE GODOY, filho de Gabriel de Godoy Moreira e de Ana Joaquina Barbosa Pires<sup>87</sup>. Com descendência:

1(VII)- JOÃO, batizado no dia 8-JUL-1842, de licença, na Freguesia do Belém (hoje Itatiba), sendo padrinhos os avós paternos, Gabriel de Godoy Moreira e Ana Joaquina, estes do Belém<sup>88</sup>.

2(VII)- JACINTA foi batizada em Campinas, com dois meses de idade, em 20-SET-1844. Teve como padrinhos os avós maternos, João de Godoy Moreira e Jacinta Angélica de Moraes<sup>89</sup>.

3(VII)- GABRIEL, batizado em Campinas, com 20 dias de idade, aos 25-MAIO-1846, sendo padrinhos: Manuel João Bueno e sua mulher, Maria Joaquina, estes do Belém<sup>90</sup>.

4(VII)- ANA, batizada aos 22-JUL-1848, com dois meses de idade, em Campinas. Padrinhos: Joaquim Ferreira Penteado e sua mulher, Francisca de Paula Camargo<sup>91</sup>.

5(VII)- FRANCISCO DE GODOY MOREIRA, casado com BRANDINA CAROLINA DE CAMARGO, com geração que segue.

6(VII)- URSULINA DE GODOY, que foi casada com o Coronel JACINTO PIRES DA SILVEIRA<sup>92</sup>.

---

86 Livro de Batismos n. 4 (1819 a 1830), fl. 123, da Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em Campinas (site <https://www.familysearch.org>).

87 LEME, Luiz Gonzaga da Silva. Genealogia Paulistana, v. 3, p. 162-163, nº. 7-2, que omite o filho João Gabriel de Godoy.

88 Livro de Casamentos n. 6 (1838 a 1850), fl. 56, da Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em Campinas (site <https://www.familysearch.org>).

89 Livro de Casamentos n. 6 (1838 a 1850), fl. 89, da Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em Campinas (site <https://www.familysearch.org>).

90 Livro de Casamentos n. 6 (1838 a 1850), fl. 117v, da Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em Campinas (site <https://www.familysearch.org>).

91 Livro de Casamentos n. 6 (1838 a 1850), fl. 155, da Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em Campinas (site <https://www.familysearch.org>).

92 ISOLDI, Maria Celina Exner Godoy. Um Ramo da Família Bueno de Camargo, Edição Comemorativa do Cinquentenário do Instituto Genealógico Brasileiro, p. 304, nº. 7-2 de 6-1.

7(VII)- BÁRBARA, batizada aos 26-ABR-1863, com 10 dias de idade, tendo como padrinhos: Floriano Ferreira de Camargo e sua mulher, Delfina Novais Camargo Andrade<sup>93</sup>.

VII- FRANCISCO DE GODOY MOREIRA foi casado com BRANDINA CAROLINA DE CAMARGO, filha de José Inocêncio de Godoy e de Carolina Angélica de Camargo<sup>94</sup>. Pais de:

1(VIII)- JOÃO, batizado em Campinas<sup>95</sup>.

2(VIII)- LEONOR, batizada com 30 dias de idade, aos 14-JUL-1877, em Campinas, sendo padrinhos: João Gabriel de Godoy e Joaquina Marcelina de Godoy<sup>96</sup>.

3(VIII)- CAROLINA, nascida aos 26-ABR-1879 e batizada em ...-MAIO-1879, em Campinas, sendo padrinhos: João Batista de Moraes Godoy e sua mulher, Maria Francisca de Jesus<sup>97</sup>.

4(VIII)- ADERVAL, nascido aos 28-JAN-1882 e batizado no dia 19-FEV-1882, em Campinas, sendo padrinhos ... e Ana Leduína Ferreira<sup>98</sup>.

#### § 4º

VI- JOÃO BATISTA DE MORAIS GODOY, filho de João de Godoy Moreira e de Jacinta Angélica de Moraes Camargo (n.º. V do § 3º). Foi batizado em Campinas, com 16 dias, em 1º-NOV-1844, sendo padrinhos: Manuel

---

93 Livro de Casamentos n. 9 (1861 a 1863), fl. 116v, da Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em Campinas (site <https://www.familysearch.org>).

94 ISOLDI, Maria Celina Exner Godoy. Um Ramo da Família Bueno de Camargo, Edição Comemorativa do Cinquentenário do Instituto Genealógico Brasileiro, p. 304, n.º. 7-1 de 6-1.

95 Cf. índice - Livro de Batismos n. 11, fl. 192v, da Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em Campinas (site <https://www.familysearch.org>). Assento não localizado no livro disponível on-line.

96 Livro de Casamentos n. 12 (1876 a 1888), fl. 310v, da Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em Campinas (site <https://www.familysearch.org>).

97 Livro de Casamentos n. 12 (1878 a 1883), fl. 26v, da Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em Campinas (site <https://www.familysearch.org>).

98 Livro de Casamentos n. 12 (1878 a 1883), fl. 209, da Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em Campinas (site <https://www.familysearch.org>).

Joaquim da Silva e Ana Franca de Camargo<sup>99</sup>. Era cafeicultor e foi proprietário da Fazenda Boa Vista, na estação de Quilombo. No dia 14-AGO-1870, em Campinas, contraiu matrimônio com sua sobrinha MARIA FRANCISCA DE MORAIS GODOY, filha de José Inocêncio de Oliveira e da primeira mulher, Carolina Angélica de Camargo. Tiveram os seguintes filhos, que descobrimos<sup>100</sup>:

- 1(VII)- SILVANO, batizado com 26 dias de idade aos 17-MAIO-1875, em Campinas. Seus padrinhos foram: José Inocêncio de Godoy e Jacinta Angélica de Morais<sup>101</sup>.
- 2(VII)- ALICE, nascida no dia 9-FEV-1880, sendo batizada aos 29-FEV-1880, em Campinas. Padrinhos: José Inocêncio de Godoy Júnior e Ana Francisca de Morais<sup>102</sup>.
- 2(VII)- JOSÉ DE MORAIS GODOY, batizado em Campinas, no dia 10-ABR-1882, com 42 dias de idade, sendo padrinhos: Floriano Pereira de Camargo Andrade e Bárbara de Campos Novais<sup>103</sup>. Foi coletor estadual e, por muitos anos, promotor de justiça em Serra Negra. Tomou parte na Revolução Paulista de 1932. Casou-se em São Paulo, aos 25-MAR-1905, com LEONOR GARONI, filha de Antônio Garoni e de Rosa Spinelì<sup>104</sup>.
- 6(VII)- JOÃO, batizado em Campinas<sup>105</sup>.

---

99 Livro de Batismos n. 6 (1838 a 1850), fl. 90v, da Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em Campinas (site <https://www.familysearch.org>).

100 ISOLDI, Maria Celina Exner Godoy. Um Ramo da Família Bueno de Camargo, Edição Comemorativa do Cinquentenário do Instituto Genealógico Brasileiro, p. 306-307, nº. 6-7, em que mencionamos os filhos Jota, Alcina, Cotinha, Cássio e Cyro, conforme informações orais da família.

101 Livro de Batismos n. 12 (1872 a 1876), fl. 140, da Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em Campinas (site <https://www.familysearch.org>).

102 Livro de Batismos n. 12 (1878 a 1883), fl. 86, da Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em Campinas (site <https://www.familysearch.org>).

103 Livro de Batismos n. 12 (1878 a 1883), fl. 212v, da Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em Campinas (site <https://www.familysearch.org>).

104 ISOLDI, Maria Celina Exner Godoy. Um Ramo da Família Bueno de Camargo, Edição Comemorativa do Cinquentenário do Instituto Genealógico Brasileiro, p. 307, nº. 7-1 de 6-7.

105 Cf. índice - Livro de Batismos n. 11, fl. 318, da Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em Campinas (site <https://www.familysearch.org>). Assento não localizado no livro disponível on-line.



## § 5º

- VI- FRANCISCO XAVIER DE MORAIS GODOY, batizado com 4 dias de idade, em 6-MAR-1835, em Campinas<sup>106</sup>, filho de João de Godoy Moreira e de Jacinta Angélica de Morais Camargo (n.º. V do § 3º). Cafeicultor, foi proprietário da Fazenda Riachuelo, na estação de Valinhos. Casou-se em Capivari, aos 24-SET-1867, com ANA PUREZA DE CAMPOS, filha de Tibúrcio de Campos Leite e de Ana Rodrigues do Amaral<sup>107</sup>. Ele faleceu em Campinas, aos 30-MAR-1892. Tiveram<sup>108</sup>:
- 1(VII)- ADOLFO DE GODOY, batizado em Campinas, no dia 7-FEV-1869, com 11 dias, sendo padrinhos: José Joaquim de Godoy e Ana Correia do Amaral<sup>109</sup>.
  - 2(VII)- ADELINA foi batizada com 50 dias de idade, aos 31-JUL-1871, em Campinas, sendo padrinhos: Floriano Ferreira de Camargo Andrade e Jacinta Angélica de Morais. Provavelmente faleceu criança.
  - 3(VII)- AVELINO DE GODOY nasceu aos 22-JUN-1872, em Campinas, onde foi batizado no dia 13-JUL-1872, sendo padrinhos: Floriano Antônio de Morais e Maria da Silveira Campos. Casou-se em 14-FEV-1927, na Cidade do Rio de Janeiro, com HERMELINDA DOMINGUEZ FRANCO, nascida na Espanha, em 1º-NOV-1889, filha de Venâncio Dominguez e Tomasa Franco. Ela era viúva de Joaquim Ramires Gonzalez, falecido no Rio de Janeiro, em 1º-MAIO-1924.
  - 4(VII)- Tenente-coronel ARTUR DE GODOY MOREIRA ou ARTUR GODOY, nascido no dia 30-SET-1873 e batizado aos 30-OUT-1873, em Campinas, tendo como padrinhos: Elias Juvenal de Souza Melo e Jesuína Cândida de Campos Mello. Foi casado com sua prima-irmã MARIA DAS DORES GODOY ou MARIA MOREIRA DE GODOY, filha do Capitão Antônio de Godoy

---

106 Livro de Batismos n. 5 (1830 a 1839), fl. 116v, da Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em Campinas (site <https://www.familysearch.org>).

107 LEME, Luiz Gonzaga da Silva. Genealogia Paulistana, v. 4, p. 110, n.º. 6-9.

108 ISOLDI, Maria Celina Exner Godoy. Um Ramo da Família Bueno de Camargo, Edição Comemorativa do Cinquentenário do Instituto Genealógico Brasileiro, p. 306, n.º. 6-4.

109 Livro de Batismos Suplementar n. 11, da Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em Campinas, fl. 66 (site <https://www.familysearch.org>)

Moreira e de Francisca Eulália de Moraes Pinto<sup>110</sup>. Ele ingressou na Força Pública de São Paulo como praça em MAR-1902, tornando-se 2º sargento em novembro do mesmo ano. Em NOV-1903, foi promovido a 2º tenente. Em 1904, foi mandado para o Rio de Janeiro para colaborar na repressão de um movimento de indisciplina das forças armadas. Em MAIO-1907, foi promovido a 1º tenente, posto no qual exerceu o cargo de ajudante de ordens da presidência do Estado de São Paulo. Em MAIO-1909, foi promovido a capitão, sendo que, em 1912, foi exonerado da função de ajudante de ordens da presidência do estado. Então, passou a comandar a 3ª companhia do 4º batalhão, sendo nomeado delegado de polícia, em comissão, de Pederneiras. Ao ser dispensado desse cargo em comissão, foi transferido para o 5º batalhão e classificado no comando da 4ª companhia, passando, também, a fiscalizar interinamente esse batalhão, do qual tornou-se ajudante em 1913. Foi promovido a major em AGO-1919, sendo classificado no Estado Maior do 1º corpo da Guarda Cívica, cujo comando interino lhe foi dado em JUN-1919. Durante a Revolução de 1924, na capital paulista, ele se apresentou para cooperar do lado das forças legalistas, tomando parte da defesa do quartel da Guarda Cívica e do Almoarifado da Secretaria de Justiça, além de fiscalizar o 1º Batalhão de Guerra e de participar dos combates na Vila Seckler, no Cambuci e na Aclimação. Por decreto de 4-NOV-1924, foi promovido a tenente-coronel e classificado no Estado Maior da Força, sendo que, no dia seguinte, foi para Santos, com o 1º Batalhão ao qual se achava adido, a fim de impedir que os marinheiros rebeldes do couraçado “São Paulo” desembarcassem naquele porto. Aos 21-JAN-1925, assumiu o comando do 3º Batalhão de Infantaria da Força Pública de São Paulo. Nessa condição, em 16-JAN-1926, ele partiu em operação pelo interior do Ceará e da Bahia, em perseguição à Coluna Miguel Costa – Prestes<sup>111</sup>. Ele faleceu, de síncope cardíaca, em 7-MAIO-1926, às 5h30min, no então Arraial de Itiúba, Termo de Queimadas, Comarca de Bonfim, Estado da Bahia, sendo o cadáver removido para a capital paulista, onde ele residia, na Rua dos Lavapés, nº 1, sobrado<sup>112</sup>.

---

110 ISOLDI, Maria Celina Exner Godoy. *Um Ramo da Família Bueno de Camargo*, Edição Comemorativa do Cinquentenário do Instituto Genealógico Brasileiro, p. 307, nº. 7-1, de 6-5.

111 *Correio Paulistano*, de 8-MAIO-1926, ano 1926/edição 22553, p. 6; e de 9-MAIO-1926, ano 1926/edição 22554, p. 6 (*site* da Biblioteca Nacional, <https://bndigital.bn.gov.br> – consultado em 28-FEV-2021).

112 Registro Civil de Itiúba, Estado da Bahia, Livro de Óbitos (1889 – 1934), fls. 65/v, n. 181 (*site* <https://www.familysearch.org>).



Artur de Godoy Moreira, então capitão e ajudante de ordens do Presidente de São Paulo<sup>113</sup>

---

113 Fotografia em: REQUIÃO, José A. (diretor). Revista do Brasil. Bahia, 30-OUT-1911, Ano VI, n.º. 11 e 12, p. 26 (agradecemos ao amigo Rodney Brunete da Cruz, por nos enviar essa imagem, localizada pelo site da Biblioteca Nacional <https://memoria.bn.br>, consultado em 20-MAR-2023).

- 5(VII)- ALBERTO nasceu aos 26-DEZ-1874 e foi batizado em 17-JAN-1875, em Campinas, sendo padrinho Augusto Afonso de Campos Rangel e sob a proteção de Nossa Senhora das Dores. Provavelmente faleceu criança.
- 6(VII)- Dra. AMÉLIA DE GODOY casou-se no dia 6-ABR-1893, em Campinas, com seu primo-irmão JOSÉ INOCÊNCIO DE GODOY JÚNIOR, este batizado na referida localidade, aos 16-JAN-1864, com 15 dias de idade, filho de José Inocência de Godoy e de Carolina Angélica de Camargo<sup>114</sup>. Ela era médica e faleceu aos 86 anos de idade, em 15-JUN-1955, na Cidade do Rio de Janeiro, deixando dois filhos maiores.
- 7(VII)- AUGUSTO nasceu aos 28-SET-1876 e foi batizado em 11-OUT-1876, em Campinas. Padrinhos: Joaquim Ferreira Penteado e sua mulher Francisca de Paula Camargo.
- 8(VII)- Dr. ALCIDES DE GODOY, médico, foi diretor do Instituto Oswaldo Cruz, em Manguinhos, no Rio de Janeiro. Nasceu em 7-JAN-1880, em Campinas, onde foi batizado aos 14-FEV-1880, sendo padrinhos: Floriano de Camargo Campos e sua mulher Paula Joaquina de Andrade. Casou-se na Cidade do Rio de Janeiro, em 5-SET-1923, com DULCE LEITE DE CASTRO, nascida aos 23-OUT-1892, no Rio de Janeiro, filha do Dr. Joaquim Domingues Leite de Castro e de Clotilde Rocha. O casal teve geração.

Dr. Alcides Godoy iniciou seus estudos de medicina na Bahia, formando-se na Faculdade Nacional de Medicina do Rio de Janeiro, em 1903, obtendo grau de doutor no ano seguinte, com a tese “Electrodiagnostico”. Em 1903, ainda como estudante (auxiliar acadêmico), ingressou no Instituto Oswaldo Cruz, no serviço de profilaxia da febre amarela. Então, tornou-se um grande colaborador de Oswaldo Cruz e de seu sucessor Carlos Chagas. Em 1906, descobriu a vacina contra o carbúnculo, vulgarmente conhecida como peste da manqueira ou mal-de-ano. Ele patenteou a vacina em 1908, mas cedeu, por escritura pública, ao Instituto Oswaldo Cruz, os direitos de exploração comercial do seu privilégio de invenção. O sucesso comercial dessa vacina rendeu ao Instituto Oswaldo Cruz uma expressiva renda própria, por cerca de 30 anos. Em 25-JAN-1939, ele e Astrogildo Machado fundaram a empresa “Produtos Veterinários Manguinhos Ltda.”, para fabricar e comercializar vacina de carbúnculo e de pneumoenterite de porcos<sup>115</sup>.

114 ISOLDI, Maria Celina Exner Godoy. *Um Ramo da Família Bueno de Camargo*, Edição Comemorativa do Cinquentenário do Instituto Genealógico Brasileiro, p. 305, nº. 7-1, de 6-2.

115 GODOY, Oswaldo. Primeira vacina veterinária desenvolvida e fabricada no Brasil



Casa-sede da Fazenda Santo Antônio, em Louveira, Estado de São Paulo (foto datada de 01/04/2001, gentilmente fornecida pelo primo Luiz Tadeo Siqueira Prado, já falecido).

§ 6º

- VI- Capitão **ANTÔNIO DE GODOY MOREIRA**<sup>116</sup> ou **ANTÔNIO MANUEL DE MORAIS GODOY** ou, ainda, **ANTÔNIO MANUEL DE MORAIS**, filho de João de Godoy Moreira e de Jacinta Angélica de Moraes Camargo (n.º. V do § 3º). Foi batizado, com 9 dias de idade, aos 12-MAIO-1837, tendo como padrinhos: Francisco de Godoy Moreira e sua mulher Cecília Maria de Moraes, ambos fregueses de Água Choca<sup>117</sup>. Casou-se em 9-ABR-1864, na casa do Sr. Joaquim Ferreira Penteado (futuro Barão de Itatiba), em

---

completa 100 anos, Agência Fiocruz de Notícias, publicado em 17-OUT-2008 (site <https://agencia.fiocruz.br>, consultado em 2-MAR-2021).

116 A informação de que Antônio de Godoy (Moreira) era capitão consta de: BROTERO, Frederico de Barros. A família Jordão, aditamentos a Silva Leme, p. 207, n. 2-5.

117 Livro de Batismos n. 5 (1830 a 1839), fl. 155v, da Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em Campinas (site <https://www.familysearch.org>).

Campinas, com sua prima-irmã **FRANCISCA EULÁLIA DE MORAIS PINTO** ou **FRANCISCA EULÁLIA DE MORAIS CAMARGO** ou, apenas, **FRANCISCA EULÁLIA DE MORAIS**, filha de **Francisco Pinto de Camargo** e de **Isabel de Almeida Bueno** (ou **Isabel Bueno de Sampaio**)<sup>118</sup>, neta paterna do Alferes **Antônio Bueno de Camargo** e de **Joaquina Eufrásia de Moraes Pinto**, neta materna de **Manuel José Sampaio** e de **Isabel Maria de Arruda**. As testemunhas desse matrimônio foram: Floriano Antônio de Moraes e Francisco Xavier de Moraes Godoy, irmãos do noivo.

Antônio Manuel de Moraes Godoy (ou de Godoy Moreira) era morador da Rua José Paulino, nº. 52, em Campinas. Foi proprietário da Fazenda Santo Antônio, nas proximidades da estação de Louveira. Ele faleceu em Campinas, no dia 5-NOV-1912. Tiveram a seguinte descendência:

- 1(VII)- **ADÃO AVELINO DE GODOY**, casado com **ANA ELISA AMARAL MELLO**, com geração que segue.
- 2(VII)- **JOÃO**, nascido aos 21-SET-1868 e batizado em Campinas, no dia 5-DEZ-1869, no oratório de Dona Jacinta Angélica de Moraes (sua avó paterna), pelo Reverendo Padre Antônio Cândido de Mello. Seus padrinhos foram: José Inocêncio de Godoy e sua mãe, Jacinta Angélica de Moraes<sup>119</sup>. Provavelmente faleceu criança.
- 3(VII)- **JOSINO DE GODOY**, batizado em Campinas, no dia 1º-MAR-1870, com dois meses de idade, sendo padrinhos: João Batista de Moraes Godoy e Isabel Bueno de Sampaio<sup>120</sup>. Faleceu antes de 1838<sup>121</sup>.

118 ISOLDI, Maria Celina Exner Godoy. *Um Ramo da Família Bueno de Camargo*, Edição Comemorativa do Cinquentenário do Instituto Genealógico Brasileiro, p. 303, nº. 5-3, e p. 307, nº. 6-5. **Francisco Pinto de Camargo** e **Isabel Buena de Sampaio** casaram-se em Capivari, aos 20-FEV-1840, sendo ele filho de **Antônio Bueno de Camargo** e de **Joaquina Eufrásia de Moraes**, e ela filha de **Manuel José Sampaio** e **Isabel Maria de Arruda**. A nubente era viúva de Luís Antônio de Oliveira e figura como Isabel Maria Bueno em: LEME, Luiz Gonzaga da Silva. *Genealogia Paulistana*, v. 4, p. 161-162, nº. 5-7 de 4-8. O casal figura no censo de Capivari em 1846, sendo Francisco Pinto de Camargo com 25 anos de idade e Isabel Bueno Sampaio com 34.

119 Livro de Batismos n. 10 (1868 a 1872), fl. 54, da Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em Campinas (*site* <https://www.familysearch.org>).

120 Livro de Batismos n. 10 (1868 a 1872), fl. 136v, da Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em Campinas (*site* <https://www.familysearch.org>).

121 Cf. obituário de seu irmão Adão Avelino de Godoy, publicado no *Correio Paulistano*, de 25-SET-1938, ano 1938/edição 25322, p. 8 (*site* da Biblioteca Nacional, <https://>

- 4(VII)- EZARTINA, batizada com 29 dias de idade, aos 31-MAR-1872, em Campinas, tendo como padrinhos: João Gabriel de Godoy e Joaquina Marcelina de Godoy<sup>122</sup>. Provavelmente faleceu criança.
- 5(VII)- MARIA DAS DORES GODOY, nascida aos 28-JUN-1874 e batizada aos 25-JUL-1874, em Campinas, sendo padrinhos: Antônio José Machado e Benedita Luísa de Oliveira, como procuradores de José Inocêncio de Godoy e Maria Joaquina de Andrade Godoy<sup>123</sup>. Casou-se em Campinas, aos 20-MAIO-1893, com seu primo-irmão Tenente-coronel ARTUR DE GODOY MOREIRA ou ARTUR DE GODOY, da Força Pública de São Paulo, batizado no dia 30-OUT-1873, em Campinas, filho de Francisco Xavier de Morais Godoy e de Ana Pureza de Campos<sup>124</sup>.
- 6(VII)- HORTÊNCIA DE GODOY, que foi casada com DÁVIO RODRIGUES DO PRADO, com geração que segue no § 7º.
- 7(VII)- RANULFO, nascido em 13-SET-1877 e batizado em 10-NOV-1877, em Campinas, sendo padrinhos: Álvaro Xavier de Camargo Andrade e sua mulher, Ângela Isabel Ferreira de Camargo<sup>125</sup>. Provavelmente faleceu criança.
- 8(VII)- URSULINA DE GODOY MOREIRA ou URSULA DE GODOY, nascida em 5-MAIO-1879 e batizada em 13-MAIO-1879, em Campinas, tendo como padrinhos: Francisco Bueno de Lacerda e sua mulher, Ana Francisca de Morais<sup>126</sup>. Aí contraiu núpcias, aos 25-AGO-1900, com ALFREDO RODRIGUES DO PRADO, natural de Mogi Guaçu, residia em Mogi Mirim por ocasião do matrimônio, filho do Dr. Antônio Rodrigues do Prado e de Mariana Clementina Rodrigues do Prado. As testemunhas do ato nupcial foram: José Rodrigues do Prado, Dávio Rodrigues do Prado e Hortência de Godoy Prado. Ele foi fazendeiro em Limeira.

---

[bndigital.bn.gov.br](http://bndigital.bn.gov.br) – consultado em 20-FEV-2021).

122 Livro de Batismos n. 10 (1868 a 1872), fl. 230v, da Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em Campinas (*site* <https://www.familysearch.org>).

123 Livro de Batismos n. 12 (1872 a 1876), fl. 90, da Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em Campinas (*site* <https://www.familysearch.org>).

124 ISOLDI, Maria Celina Exner Godoy. *Um Ramo da Família Bueno de Camargo*, Edição Comemorativa do Cinquentenário do Instituto Genealógico Brasileiro, p. 306, nº. 7-1.

125 Livro de Batismos n. 12 (1876 a 1888), fl. 318, da Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em Campinas (*site* <https://www.familysearch.org>).

126 Livro de Batismos n. 12 (1878 a 1883), fl. 19, da Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em Campinas (*site* <https://www.familysearch.org>).



Adão Avelino de Godoy e Ana Elisa do Amaral Mello

- VII- **ADÃO AVELINO DE GODOY** nasceu no dia 8-NOV-1866, em Campinas, onde foi batizado aos 19-NOV-1866, tendo como padrinhos: Francisco Pinto de Camargo e Francisca do Rosário<sup>127</sup>. Casou-se em Serra Negra, em oratório particular, aos 31-OUT-1891, “pelas 8 horas da tarde”, com **ANA ELISA DO AMARAL MELLO**, batizada em Capivari, no dia 30-AGO-1871, filha do Major **Elias Juvenal de Souza Mello**<sup>128</sup> e de **Josina Cândida**

<sup>127</sup> Livro de Batismos n. 10 (1863 a 1868), fl. 180, da Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em Campinas (*site* <https://www.familysearch.org>).

<sup>128</sup> Major **Elias Juvenal de Souza Mello** ou **Elias Juvenal de Mello** foi batizado em Capivari, com 11 dias de idade, aos 9-MAIO-1848, sendo filho de **Elias de Mello Castanho** e de **Ana Eufrosina de Arruda**. Teve como padrinhos: Luciano Francisco Pacheco e sua mulher Maria de Arruda, fregueses da Vila de Capivari. Ele faleceu em Amparo, no dia 7-AGO-1909. Sobre sua genealogia ver: ISOLDI, Maria Celina Exner Godoy. *A descendência de Elias de Mello Castanho*, Edição Comemorativa do Cinquentenário do Instituto Genealógico Brasileiro, p. 292, n.º. 1-4.



**de Campos**<sup>129</sup>, neta paterna de **Elias de Mello Castanho**<sup>130</sup> e de **Ana Eufrosina Vaz de Arruda Amaral** (ou **Ana Eufrosina de Arruda**)<sup>131</sup>, neta materna de **Tibúrcio de Campos Leite** e de **Ana Rodrigues do Amaral**<sup>132</sup>. As testemunhas desse matrimônio foram: José Rebelo de Amorim e Balduino Camires de Arruda Amaral.

Adão Avelino de Godoy exerceu, por muitos anos, o cargo de escrivão do registro de hipotecas e anexos em Serra Negra, onde também foi escrivão do júri e vereador, além de coletor estadual. Participou da reunião de fundação do Hospital Santa Rosa de Lima, em Serra Negra. Foi presidente do *Club 1º de Janeiro*, em Serra Negra. Faleceu no dia 23-SET-1938, em São José do Rio Pardo, onde foi sepultado. Tiveram<sup>133</sup>:

- 1(VIII)- LYDIA DE MELLO GODOY, nascida no dia 3-AGO-1894, em Serra Negra, onde se casou, em oratório particular, aos 21-JUN-1920, com JOAQUIM CARNEIRO LIMA, nascido em Piracaia, Estado de São Paulo, filho de Cândido Carneiro Lima e de Mariana Olímpia de Lima. Ambos tinham 25 anos de idade por ocasião do matrimônio, sendo testemunhas: Edgard de Mello e Maria Adelaide Pimentel de Mello. Tiveram descendentes.
- 2(VIII)- ACÁCIO DE MELLO GODOY foi batizado em Serra Negra aos 29-AGO-1896, com 25 dias de idade, com o nome de “Cassio”.

---

129 **Josina Cândida de Campos** foi batizada em Capivari, com 2 meses e 9 dias de idade, aos 22/9/1855, tendo como padrinhos Delfino Paes de Campos Mello e a mãe dele, Ana Euquéria de Campos, sendo os pais da criança e a madrinha originários de Capivari, e o padrinho de Porto Feliz. Era filha de **Tibúrcio de Campos Leite** e de **Ana Rodrigues do Amaral**, neta paterna de **Saturnino Paes Leite** e **Ana Euquéria de Campos** (ou **Ana Pulquéria de Campos**, segundo Silva Leme), neta materna do Capitão **Manuel José Vaz do Amaral** e **Ana Rodrigues Leite** (ISOLDI, Maria Celina Exner Godoy. *A descendência de Elias de Mello Castanho*, Edição Comemorativa do Cinquentenário do Instituto Genealógico Brasileiro, p. 292, nº. 1-4; LEME, Luiz Gonzaga da Silva. *Genealogia Paulistana*, v. 4º, p. 211, nº. 4-3; v. 6º, p. 257, 6-5).

130 BOGACIOVAS, Marcelo Meira Amaral. *Os irmãos Mello de Itu*, Edição Comemorativa do Cinquentenário do Instituto Genealógico Brasileiro, p. 710-711, F8; e LEME, Luiz Gonzaga da Silva. *Genealogia Paulistana*, v. 4º, p. 249, nº. 7-2 de 6-6.

131 LEME, Luiz Gonzaga da Silva. *Genealogia Paulistana*, v. 4º, p. 114, nº. 5-10.

132 LEME, Luiz Gonzaga da Silva. *Genealogia Paulistana*, v. 4º, p. 110, nº. 6-9.

133 ISOLDI, Maria Celina Exner Godoy. *A descendência de Elias de Mello Castanho*, Edição Comemorativa do Cinquentenário do Instituto Genealógico Brasileiro, p. 292-295, nº. 2-1; ISOLDI, Maria Celina Exner Godoy. *Um Ramo da Família Bueno de Camargo*, Edição Comemorativa do Cinquentenário do Instituto Genealógico Brasileiro, p. 308, nº. 7-2.

Era professor e foi diretor do Grupo Escolar “Cândido Rodrigues”, em São José do Rio Pardo. Casou-se com ÂNGELA BORELLA, com geração.

- 3(VIII)- **MESSIAS DE MELLO GODOY**, casado com **CÂNDIDA PACHECO SILVEIRA** (*Candy*), com geração que segue.
- 4(VIII)- **MARIA DO CARMO DE MELLO GODOY** (*Carminha*) nasceu em 5-JUL-1903, em Serra Negra, aí batizada na Matriz, no dia 7-SET-1903, sendo padrinhos: Dávio Rodrigues do Prado e Hortência de Godoy Prado. Casou-se aos 22-JUN-1924, na sua residência situada na Rua José Bonifácio, nº. 34, em Serra Negra, com **GASTÃO RAMOS**, professor, então com 37 anos de idade, viúvo<sup>134</sup>, natural de Anchieta, no Estado do Espírito Santo, filho de Fortunato Francisco Pereira Ramos e de Maria Isabel Scorrar, estes já falecidos, respectivamente, há 27 e 26 anos. Ele foi delegado geral do ensino em Sorocaba. Com geração.
- 5(VIII)- **PLÍNIO DE MELLO GODOY**, nascido aos 28-OUT-1905 e batizado, na Matriz de Serra Negra, em 13-JAN-1906. Faleceu solteiro.
- 6(VIII)- **DIRCE DE MELLO GODOY** nasceu em 12-OUT-1908 e foi batizada no dia 9-JAN-1909, na Matriz de Serra Negra, sendo padrinho Edgard de Mello e sob a proteção de Nossa Senhora. Foi casada com seu primo **BALDUÍNO DO AMARAL PENTEADO**, filho de Pedro Leite Penteado e de Márcia do Amaral Mello. Com geração.

---

<sup>134</sup> Gastão Ramos foi casado, em primeiras núpcias, com Elisa dos Santos, falecida em Serra Negra, no dia 6-SET-1918.



Da esquerda para a direita, os irmãos Lydia de Mello Godoy, Messias de Mello Godoy e Acácio de Mello Godoy (cerca de 1900).

VIII- **MESSIAS DE MELLO GODOY**, nascido em Amparo, a 1h20min do dia 27-DEZ-1898. Casou-se em São Paulo, no dia 6-JAN-1926, com sua parente **CÂNDIDA PACHECO SILVEIRA** (vovó *Candy*)<sup>135</sup>, professora, nascida em Amparo, aos 29-AGO-1901, filha de **Cândido José da Silveira** (vô *Candico*) e de **Maria Augusta Vaz Pacheco** (vó *Mariquinha*), neta paterna do Capitão **Leopoldino Augusto Silveira Vasconcellos** e de **Maria Vitorina de Souza Azevedo**<sup>136</sup>, neta materna do Tenente-coronel **Manuel José Vaz Pacheco** (que foi presidente da Câmara e prefeito Municipal em

---

135 Messias de Mello Godoy e sua mulher, Cândida Pacheco Silveira, eram parentes porque o avô materno dele (Major Elias Juvenal de Souza Mello) era primo do avô materno dela (Tenente-coronel Manuel José Vaz Pacheco).

136 ISOLDI, Maria Celina Exner Godoy. Família Silveira Vasconcellos, de Bragança Paulista, Revista da ASBRAP n.º 24 (eletrônica), p. 120, n.º III do § 4º; p. 124, n.º IV do § 7º, e p. 127, n.º 6(V) do § 7º (site: [http://asbrap.org.br/artigos\\_asbrap.html](http://asbrap.org.br/artigos_asbrap.html), consultado em 14-MAIO-2020).

São José do Rio Pardo)<sup>137</sup> e de **Joaquina Augusta Ribeiro de Camargo**<sup>138</sup>.

Messias de Mello Godoy cresceu em Serra Negra, mas transferiu-se para São Paulo com o objetivo de seguir seus estudos. Foi alto funcionário do Banco do Estado de São Paulo - Banespa, trabalhando no departamento jurídico, onde se aposentou. Concomitantemente, dedicou-se ao comércio, estabelecendo-se no centro da capital paulista: primeiro, no ramo de casimiras inglesas, na Rua Três de Dezembro; depois, por muitos anos, na Rua Sete de Abril, com a loja *A Principal*, de artigos masculinos. Também foi diretor financeiro da Metalúrgica Nossa Senhora Aparecida, em Sorocaba.

Foram proprietários de cerca de 130 alqueires situados na Fazenda São João das Três Barras, no Município de Tabatinga, interior paulista. Em 1977, cerca de 31 alqueires dessa propriedade foram doados aos filhos, no lugar denominado Córrego do Meio ou Sítio Retiro do Meio. A parte remanescente, com cerca de 99 alqueires, passou a ser chamada Fazenda Santa Cândida, contendo uma casa sede, três casas de morada, galpão para guarda de veículos e implementos, um paiol, um curral, além de energia elétrica. Nessa propriedade, Messias de Mello Godoy dedicava-se à criação de gado nelore.

O casal residia na capital paulista, inicialmente na Rua Tabatinguera; depois na Rua Gualachos, onde permaneceram até a segunda metade da década de 1930, quando se mudaram para uma casa na Rua Haddock Lobo, nº. 1709. Este imóvel foi vendido em meados da década de 1960, ocasião na qual eles passaram para uma casa na Rua Fernandes Borges, onde moraram por poucos anos. Por fim, transferiram-se para um apartamento na Rua Padre João Manuel, nº. 1175, ap. 1-B, onde residiram até falecerem. Foram sócios do Clube Atlético Paulistano.

Ambos faleceram em São Paulo, ele no dia 30-JAN-1981 e ela em 7-JUN-1988. Tiveram os seguintes filhos, todos com descendentes:

1(IX)- **CYRO RUBENS SILVEIRA GODOY** foi casado com **CARLOTA EXNER**, com geração que segue.

---

137 Sobre o Tenente-coronel Manuel José Vaz Pacheco, ver artigo: ISOLDI FILHO, Carlos Alberto da Silveira. “Major” Pacheco, Revista da ASBRAP nº 6, p. 259-264, republicado com correções e ampliações sob o título “Major” Pacheco, um abolicionista em São José do Rio Pardo, Cidade Livre do Rio Pardo, de 18-MAR-2017, p. 3.

138 Joaquina Augusta Ribeiro de Camargo, natural de Campinas, faleceu com 54 anos, aos 18-OUT-1899, em sua casa no Largo da Matriz, em São José do Rio Pardo. Ver: DAUNT, Ricardo Gumbleton. Diogo Antônio Feijó na tradição da família Camargo, Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo v. XLIII, p. 136, n. 7-6.

- 2(IX)- LINCOLN SILVEIRA GODOY nasceu no dia 9-FEV-1930, em São Paulo, onde faleceu em 7-JUL-1987. Foi casado com SANDRA CANCHERINI, com descendência.
- 3(IX)- NELSON SILVEIRA GODOY ou NELSON SILVEIRA DE GODOY, engenheiro civil, nascido em São Paulo aos 20-NOV-1934, casado com SYLVIA LIMA KUNTZ, com geração.
- 4(IX)- LUIZ ROBERTO SILVEIRA GODOY, que nasceu no dia 7-JAN-1938, na capital paulista, e faleceu aos 12-MAR-2019, em Florianópolis, Estado de Santa Catarina, onde residia nos últimos anos. Foi casado com MARIA LÚCIA OCCHIALINI, com quem teve descendentes.



Messias de Mello Godoy, jovem.

- IX- **CYRO RUBENS SILVEIRA GODOY**, formado em contabilidade, era bancário e proprietário do Sítio Santa Lourdes, em São José do Rio Pardo, Estado de São Paulo. Nasceu aos 22-NOV-1926, na capital paulista, tendo falecido aos 25-DEZ-2014, em São José do Rio Pardo. Aí se casou, em 4-JUL-1951, com **CARLOTA EXNER**, nascida aos 23-JUN-1929, em São José do Rio Pardo, filha de **Francisco Exner**<sup>139</sup> e de **Aloisia Weishaupt (Luísa Exner)**<sup>140</sup>, neta paterna de **Johann Exner** e de **Emilie Pelzl**<sup>141</sup>, neta materna de **Franz Weishaupt** e **Julia Marie Augesky**<sup>142</sup>. Pais de:
- 1(X)- **MARIA CELINA EXNER GODOY**, formada em matemática, genealogista, autora deste trabalho<sup>143</sup>, viúva de **CARLOS ALBERTO DA SILVEIRA ISOLDI**, corretor de valores mobiliários, com geração.
  - 2(X)- **CYRO RUBENS SILVEIRA GODOY JÚNIOR** nasceu em São José do Rio Pardo aos 28-OUT-1953, tendo falecido no dia 20-JUN-1954, em Campinas, onde foi sepultado.
  - 3(X)- **ANA LÚCIA EXNER GODOY**, física nuclear, casou-se, primeiro, com o argentino **CARLOS GUSTAVO PARRILLA**, de quem não teve filhos. Após se divorciar, casou-se com **JORGE ALBERTO ROSENBERG**, com geração.
  - 4(X)- **CARLOS EDUARDO EXNER GODOY**, comerciante, nascido em São José do Rio Pardo, aos 27-DEZ-1959, faleceu em Taubaté, no dia 24-JUL-2023. Residia em Cruzeiro, Estado de São Paulo. Foi casado com **MARIA FRANCISCA DE SOUZA** e, depois, uniu-se a **CLÁUDIA APARECIDA NOVAES**. Com geração de ambas.
  - 5(X)- **LUIZ FERNANDO EXNER GODOY**, divorciado de **ZORAYA SANTOS REIS**, com geração.

---

139 ISOLDI FILHO, Carlos Alberto da Silveira. Verbete Exner, Famílias Brasileiras de Origem Germânica, vol. IX, p. 81 e 84, F3.

140 ISOLDI FILHO, Carlos Alberto da Silveira. Alemães em São José do Rio Pardo, Cidade Livre do Rio Pardo, de 29-OUT-2016, p. 10.

141 Sobre a ascendência de Emilie Pelzl, ver: PELZEL, Michael J. Pelzl/Pelzel/Pelcl Past and Present, vol. II, p. 1017, nº. 1 do nº. 12.

142 AUJESKY, Norbert. Árvore genealógica da família Aujesky no site My Heritage, consultada em 20-NOV-2020.

143 Os nomes destacados em negrito são de antepassados da autora.



Carlota Exner e Cyro Rubens Silveira Godoy

## § 7º

VII- HORTÊNCIA DE GODOY, filha do Capitão Antônio de Godoy Moreira e de Francisca Eulália de Morais Pinto (n.º VI do § 6º). Nascida em 14-SET-1875, em Campinas, onde foi batizada aos 26-OUT-1875, sendo padrinhos João Ortiz de Camargo e sua mulher, Joaquina Eufrásia de Morais Pinto<sup>144</sup>. Casou-se na Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Campinas, aos 28-MAIO-1898, com DÁVIO RODRIGUES DO PRADO, cafeicultor em Campinas, filho de José Rodrigues do Prado (*Juca Cuiabano*) e Ana Leduína de Morais Ferreira (que eram primos)<sup>145</sup>, neto paterno de Antônio Rodrigues do Prado e de Maria Joaquina Ferreira<sup>146</sup>, neto materno do Comendador Francisco Benedito Ferreira e de Escolástica Jacinta de Queirós<sup>147</sup>, por esta

144 Livro de Batismos n. 12 (1872 a 1876), fl. 167, da Matriz de Nossa Senhora da Conceição, em Campinas (site <https://www.familysearch.org>).

145 BROTERO, Frederico de Barros. A família Jordão, aditamentos a Silva Leme, p. 207-208, n. 2-5.

146 LEME, Luiz Gonzaga da Silva. Genealogia Paulistana, v. 7º, p. 46, n.º 7-1 de 6-1; p. 47, n.º 7-1 de 6-2.

147 LEME, Luiz Gonzaga da Silva. Genealogia Paulistana, v. 7º, p. 32, n.º 7-6; p. 47, n.º 6-2.

bisneta do Sargento-mor Antônio de Queirós Teles e de Ana Leduína de Moraes Jordão (Barões de Jundiá)<sup>148</sup>. As testemunhas do ato nupcial foram: José Rodrigues do Prado Júnior e Artur de Godoy. Herdaram do pai dela a Fazenda Santo Antônio, na região da estação de Louveira. Pais de<sup>149</sup>:

- 1(VIII)- JOSÉ RODRIGUES DO PRADO, professor diplomado pela Escola Normal de Campinas, foi guarda-livros na capital paulista. Casou-se, mas não teve filhos<sup>150</sup>.
- 2(VIII)- ANTÔNIO DE PÁDUA RODRIGUES DO PRADO (*Butifu*), comerciante em Santo Amaro. Casou-se com ELVIRA COELHO, com descendência<sup>151</sup>.
- 3(VIII)- JOÃO BATISTA RODRIGUES DO PRADO (*Pradinho*), foi casado com MARIA NAIR FRANCO SIQUEIRA, com geração que segue. Após ficar viúvo, casou-se com ANA MARIA CAMPAGNOLO, sem geração.
- 4(VIII)- MARIA APARECIDA DO PRADO, que foi casada com CARLOS DE BARROS BOHN, bancário, filho de Hermano Bohn e de Amélia de Barros.
- 5(VIII)- HORTÊNCIA RODRIGUES DO PRADO, casada com LUÍS FLÁVIO ZARZANA<sup>152</sup>.

VIII- JOÃO BATISTA RODRIGUES DO PRADO (*Pradinho*), contador, nascido em Campinas, no dia 4-DEZ-1904, falecido em São Paulo, aos 17-SET-1991. Casou-se na capital paulista, no dia 3-DEZ-1935, com MARIA NAIR FRANCO DE SIQUEIRA ou NAIR ALVES DE SIQUEIRA, nascida aos 15-JUL-1911, em São Paulo, aí falecida em 4-OUT-1979, filha de Luís Alves de Siqueira e Maria Elisa Franco de Oliveira<sup>153</sup>, neta paterna de

148 BROTERO, Frederico de Barros. A família Jordão, aditamentos a Silva Leme, p. 206, § 4, e p. 178, Capítulo 13; LEME, Luiz Gonzaga da Silva. Genealogia Paulistana, v. 7º, p. 29, nº. 7-1, de 6-1; e MOYA, Salvador de (organizador). Titulares do Império, Anuário Genealógico Brasileiro, vol. III, p. 114 (n. 453) e p. 117 (F6, N. 10 e BN. 32, no qual Dávio Rodrigues do Prado é equivocadamente referido como “Dário Rodrigues do Prado”).

149 BROTERO, Frederico de Barros. A família Jordão, aditamentos a Silva Leme, p. 206, n. 1-1.

150 PRADO, Luiz Tadeo Siqueira – comunicação pessoal.

151 PRADO, Luiz Tadeo Siqueira – comunicação pessoal.

152 PRADO, Luiz Tadeo Siqueira – comunicação pessoal.

153 SILVEIRA, Carlos da. Subsídios Genealógicos, Biblioteca Genealógica Latina v. 3, p. 143-142, nº. 2, letra h.



Tristão Alves de Siqueira e de Escolástica Maria de Jesus<sup>154</sup>. Herdaram da família dela o Sítio Bananal, no lugar outrora conhecido como Cabeceira do Cabuçu, parcialmente loteado por eles em 1963, dando origem ao Jardim Vista Alegre, bairro da capital paulista. Pela segunda vez, casou-se com ANA MARIA CAMPAGNOLO, sem geração. Da primeira mulher teve os filhos:

- 1(IX)- LUIZ TADEO SIQUEIRA PRADO, nascido no dia 2-MAIO-1944, em São Paulo, onde faleceu, aos 22-FEV-2023. Casou-se duas vezes, primeiro com ERIKA INGEBOG SPERLING, depois com MARIA LUIZA GOMES BRANDÃO. Com geração de ambas.
- 2(IX)- MARIA SALETE SIQUEIRA PRADO, casada com RUY GILLET SOARES, com descendência<sup>155</sup>.

## FONTES DE PESQUISA

### Arquivos Eclesiásticos:

Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo

Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias (microfilmes)

### Arquivos Públicos:

Arquivo Público do Estado de São Paulo

Cartório de Registro Civil das Pessoas Naturais de Amparo

Cartório de Registro Civil das Pessoas Naturais de Serra Negra

### Sítios na Internet:

Associação Brasileira de Pesquisadores de História e Genealogia (*site*: <http://>

---

154 LEME, Luiz Gonzaga da Silva. Genealogia Paulistana, v. 7º, p. 498, nº. 8-2 de 7-2.

155 PRADO, Luiz Tadeo Siqueira – comunicação pessoal.

asbrap.org.br/artigos\_asbrap.html).

Biblioteca Nacional (site: <https://bndigital.bn.gov.br> e <https://memoria.bn.br>)

Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias (site: <http://familysearch.org>)

My Heritage (site: <https://www.myheritage.com.br>).

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUJESKY, Norbert. *Árvore genealógica da família Aujesky* (site My Heritage, <https://www.myheritage.com.br>).

BOGACIOVAS, Marcelo Meira Amaral. *Os irmãos Mello de Itu*. Edição Comemorativa do Cinquentenário do Instituto Genealógico Brasileiro (1939-1989), São Paulo, 1991.

BROTERO, Frederico de Barros. *A família Jordão, aditamentos a Silva Leme*. São Paulo, 1948.

*Correio Paulistano*, de 8-MAIO-1926, ano 1926/edição 22553; de 9-MAIO-1926, ano 1926/edição 22554; e de 25-SET-1938, ano 1938/edição 25322 (site da Biblioteca Nacional, <https://bndigital.bn.gov.br>).

DAUNT, Ricardo Gumbleton. Diogo Antônio Feijó na tradição da família Camargo. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, v. XLIII. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1944.

GODOY, Oswaldo. Primeira vacina veterinária desenvolvida e fabricada no Brasil completa 100 anos. *Agência Fiocruz de Notícias*, publicado em 17-OUT-2008 (site: <https://agencia.fiocruz.br>).

ISOLDI, Maria Celina Exner Godoy. *A descendência de Elias de Mello Castanho*. Edição Comemorativa do Cinquentenário do Instituto Genealógico Brasileiro (1939-1989), São Paulo, 1991.

ISOLDI, Maria Celina Exner Godoy. Esboço sobre a descendência de Domingos da Rocha e de sua mulher, Domingas Ribeiro. *Revista da ASBRAP – Associação Brasileira de Pesquisadores de História e Genealogia* n.º. 1. São Paulo, 1994.

ISOLDI, Maria Celina Exner Godoy. Família Silveira Vasconcellos, de Bragança Paulista. *Revista da ASBRAP - Associação Brasileira de Pesquisadores de História e Genealogia* n.º. 24 (eletrônica), 2017 (site: [http://asbrap.org.br/artigos\\_asbrap.html](http://asbrap.org.br/artigos_asbrap.html)).

ISOLDI, Maria Celina Exner Godoy. *Um ramo da família Bueno de Camargo*. Edição Comemorativa do Cinquentenário do Instituto Genealógico Brasileiro (1939-1989). São Paulo, 1991.

ISOLDI, Maria Celina Exner Godoy. Um ramo inédito da família Godoy Moreira. *Revista Brasil Genealógico*, tomo VI, n. 2. Rio de Janeiro: Colégio Brasileiro de Genealogia, 2021.

ISOLDI FILHO, Carlos Alberto da Silveira. Alemães em São José do Rio Pardo. *Cidade Livre do Rio Pardo*, ano 6, n.º. 64, de 29-OUT-2016.

ISOLDI FILHO, Carlos Alberto da Silveira. Verbete Exner. *Famílias Brasileiras de Origem Germânica*, vol. IX. São Paulo: Instituto Martius-Staden, 2021.

ISOLDI FILHO, Carlos Alberto da Silveira. “Major” Pacheco. *Revista da ASBRAP - Associação Brasileira de Pesquisadores de História e Genealogia* n.º. 6. São Paulo, 1999.

ISOLDI FILHO, Carlos Alberto da Silveira. “Major” Pacheco, um abolicionista em São José do Rio Pardo. *Cidade Livre do Rio Pardo*, ano 7, n.º. 66, de 18-MAR-2017.

LEME, Luiz Gonzaga da Silva. *Genealogia Paulistana*, v. 1. São Paulo: Duprat & Cia., 1903.

LEME, Luiz Gonzaga da Silva. *Genealogia Paulistana*, v. 2, 3 e 4. São Paulo: Duprat & Cia., 1904.

LEME, Luiz Gonzaga da Silva. *Genealogia Paulistana*, v. 6 e 7. São Paulo: Duprat & Cia., 1905.

LUNÉ, Antonio José Baptista de; FONSECA, Paulo Delfino da. *Almanak da Província de São Paulo para 1873*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, Arquivo do Estado, 1985.

MOYA, Salvador de (organizador). Titulares do Império. *Anuário Genealógico Brasileiro* v. 3. São Paulo: Instituto Genealógico Brasileiro, 1941.

PELZEL, Michael J. *Pelzl / Pelzel / Pelcl Past and Present*, v. II. Baltimore, MD: Gateway Press, 1995.

REQUIÃO, José A. (diretor). *Revista do Brasil*. Bahia, 30-OUT-1911, Ano VI, nº. 11 e 12 (*site* da Biblioteca Nacional, <https://memoria.bn.br>).

SILVEIRA, Carlos da. Subsídios Genealógicos. *Biblioteca Genealógica Latina* v. 3. São Paulo: Instituto Genealógico Brasileiro, 1942.

**A FAMÍLIA FRANCO, EM PIRAÍ (RJ), NOS SÉCULOS XIX E XX.**

*Antônio Seixas<sup>1</sup>*

**Resumo:** *O Município de Pirai, no Vale do Paraíba fluminense, foi um importante centro cafeeiro no século XIX. Com o presente artigo, procuramos analisar a trajetória da família Franco, em Pirai, através dos descendentes do imigrante português Manuel Franco dos Santos (1857-1917).*

**Abstract:** *The Municipality of Pirai, in the Paraíba Valley region of Rio de Janeiro, was an important coffee-growing center in the 19th century. This article aims to analyze the trajectory of the Franco family in Pirai through the descendants of the Portuguese immigrant Manuel Franco dos Santos (1857-1917).*

**Pirai**

Em tupi, Pirai significaria “rio do peixe” (Pirá-y).<sup>2</sup> Pedro Guedes Alcoforado contesta essa tradução afirmando que o Rio Pirai é pobre em pescado e que mais acertado seria traduzir para “rio que só dá peixinho”.<sup>3</sup> O vale do Rio Pirai, que faz parte da bacia do Rio Paraíba do Sul, só foi colonizado no final do século XVIII e início do século XIX, graças à concessão de sesmarias. Objetivava o governo português ocupar a região e afastar os índios Puri a fim de que a lavoura,

---

1 Advogado e historiador. Especialista em História do Brasil (IUPERJ), em História do Rio de Janeiro (UFF), em História da Arte Sacra (FSBRJ) e em História Militar (UNISUL). Mestre em História (UNIVERSO). Doutor em História (UNIVERSO). Membro titular da Academia Mageense de Letras, do Instituto Histórico e Geográfico de Niterói e do Instituto Histórico e Geográfico de Teresópolis. Sócio Adjunto do Colégio Brasileiro de Genealogia. Filiado ao Centro de Estudos da Imaginária Brasileira – CEIB, à Associação Nacional de História – Seção do Rio de Janeiro (ANPUH-RJ) e à Sociedade Brasileira de Estudos do Oitocentos – SEO. Membro do Instituto dos Advogados Brasileiros e do Conselho Estadual de Tombamento do Rio de Janeiro. E-mail: antonioseixasadv@gmail.com.

2 SAMPAIO, Teodoro. O tupi na geografia nacional. 5 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional; Brasília: INL, 1987, p. 302.

3 ALCOFORADO, Pedro Guedes. O tupi na geografia fluminense. Niterói: Oficinas de A Palavra, 1950, p. 160-161.

especialmente a cafeeira, pudesse se desenvolver.<sup>4</sup>

Conta-nos Monsenhor Pizarro que os moradores e vizinhos do Rio Pirai, em 1772, receberam provisão para construir uma capela, origem da Freguesia de Sant'Ana do Pirai, criada durante visita pastoral, em 1811, mas oficializada somente pelo Alvará Régio de 17 de outubro de 1817.<sup>5</sup> É que a Igreja Católica, à época, estava subordinada à Coroa, em decorrência do Padroado Régio, sendo a criação, manutenção e extinção de freguesias uma atribuição do monarca, que remunerava os bispos, prelados e padres através do Tesouro Régio. Inclusive, a cobrança e administração do dízimo era um direito do rei português. Como ensina Américo Jacobina Lacombe, “o padroado constituiu praticamente no controle das nomeações das autoridades eclesiásticas pelo Estado e na direção, por parte deste, das finanças da Igreja”.<sup>6</sup>

Durante sua passagem pelo Brasil, nos anos de 1820/1830, o suíço-alemão Carl Seidler excursionou até Sant'Ana do Pirai, a descrevendo como um lugarejo onde se cultivava o café que era enviado à Corte.<sup>7</sup> Como observou Alberto Ribeiro Lamego, o café foi o responsável pelo crescimento de Pirai no século XIX e pela fortuna das famílias Gonçalves de Morais, Breves, Monteiro de Barros e Oliveira Roxo, nobilitadas por Dom Pedro II.<sup>8</sup>

O Comendador José Joaquim de Souza Breves foi o primeiro presidente da Câmara Municipal de Pirai (1838-1844), sendo sucedido por seu irmão, o Comendador Joaquim José de Souza Breves, o “Rei do Café”, que exerceu a presidência das câmaras de Pirai (1845-1846) e de São João do Príncipe (1857-1864). Unidos pelos laços do matrimônio, as famílias Breves, Gonçalves de Morais, Monteiro de Barros, Oliveira Roxo e Lima e Silva dominaram parcela significativa das terras de Pirai e de São João do Príncipe.<sup>9</sup>

O Município de Pirai foi criado pela Lei Provincial n.º 96, de 6 de dezembro

---

4 MACHADO, Humberto F. *Escravos, Senhores & Café: a crise da cafeicultura escravista do Vale do Paraíba Fluminense (1860-1888)*. Niterói: Cromos, 1993, p. 24-29.

5 ARAUJO, José de Souza Azevedo Pizarro e. *Memórias históricas do Rio de Janeiro: volume cinco*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1946, p. 244-246.

6 LACOMBE, Américo Jacobina. *A Igreja no Brasil Colonial*. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *A época colonial: administração, economia, sociedade*. São Paulo: Difel, 1973, p. 51-75.

7 SEIDLER, Carl. *Dez anos no Brasil: eleições sob Dom Pedro I, dissolução do Legislativo, que redundou no destino das tropas estrangeiras e das colônias alemãs no Brasil*. Brasília: Senado Federal, 2003, p. 477-481.

8 LAMEGO, Alberto Ribeiro. *O Homem e a Serra*. 2 ed. Rio de Janeiro: IBGE, 1963, p. 116-118.

9 PESSOA, Thiago Campos. *O império da escravidão: o complexo dos Breves no vale do café (Rio de Janeiro, c. 1850 - c. 1888)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2018, p. 47-61.

de 1837, com sede na Freguesia de Sant'Ana da Vila de Pirai, e instalado a 11 de novembro de 1838, com a posse dos primeiros vereadores. Compreendia ainda as freguesias de São João Batista do Arrozal, de Santa Cruz de Mendes, de Nossa Senhora das Dores e de São José do Turvo, além do povoado de São Benedito de Barra do Pirai e dos arraiais de São João Batista e São José dos Tomazes e de Nossa Senhora da Conceição do Rumo. A Lei Provincial n.º 2.041, de 17 de outubro de 1874, conferiu à Vila de Pirai os foros de cidade.<sup>10</sup>

Já a Comarca de Pirai foi criada pela Lei Provincial n.º 667, de 16 de fevereiro de 1871. Extinta em 1901, foi restaurada pelo Decreto n.º 1840, de 22 de setembro de 1921. O atual prédio do fórum foi inaugurado em 1966, onde antes existiu o sobrado do Grupo Escolar Martins Teixeira.<sup>11</sup>

No fim do Império, a exportação de seus produtos agrícolas (café, verduras, legumes, açúcar e aguardente) para o mercado da Corte era feita pela Estrada de Ferro Piraiense que se ligava a Estada de Ferro Dom Pedro II. A população livre era de 11.938 habitantes, havendo 14.359 cativos matriculados. A Irmandade do Santíssimo Sacramento reunia as famílias mais abastadas da freguesia. A cidade era iluminada a querosene e contava com água canalizada, Delegacia de Polícia, Coletoria de Rendas, Consulado de Portugal e Agência dos Correios, destacando-se na paisagem a Igreja Matriz e o Paço Municipal.<sup>12</sup>

A crise do sistema escravista é apontada como a principal responsável pela decadência de Pirai, no fim do século XIX. O desgaste do solo, o alto custo da utilização de mão de obra escrava, as práticas conservadoras de produção agrícola (incluindo o uso de queimadas, empobrecendo o solo, e o plantio em linha nas encostas, favorecendo a erosão por ocasião das chuvas), a não utilização de fertilizantes e as leis abolicionistas seriam fatores do declínio econômico da região.<sup>13</sup>

Francisco Carlos Teixeira da Silva contesta a tese da abolição do trabalho servil como fator da crise fluminense no final dos anos de 1880. A falta de um projeto político para enfrentar o problema e a crença da elite provincial de que conseguiria prorrogar a escravidão negra por mais alguns anos teriam resultado em um baixo investimento na substituição do cativo pelo imigrante. Mesmo após

10 ABREU, Antônio Izaías da Costa Abreu. *Municípios e Topônimos Fluminenses: Histórico e Memória*. Niterói: Imprensa Oficial do Estado do Rio de Janeiro, 1994, p. 82-83.

11 ABREU, Antônio Izaías da Costa Abreu. *O Judiciário Fluminense e suas Comarcas: interior*. Rio de Janeiro: {s.n.}, 2009, p. 489-493.

12 *Almanak Laemmert*, Rio de Janeiro (RJ), 1880, p. 194; *Almanak Laemmert*, Rio de Janeiro (RJ), 1883, p. 478; *Almanak Laemmert*, Rio de Janeiro (RJ), 1885, p. 1038.

13 AZEVEDO, André Nunes de; ARAÚJO, Valdei Lopes de. *A História de Pirai*. Rio de Janeiro: UERJ, 1997, p. 65-71.

a abolição, os cafeicultores fluminenses insistiam no pagamento de indenizações e no apoio governamental para a quitação de empréstimos bancários. Com o advento da República, Rui Barbosa cancelou os auxílios financeiros e extinguiu as esperanças dos escravagistas fluminenses de serem indenizados.<sup>14</sup>

A tentativa de substituição do escravo negro pelo imigrante europeu assalariado no Município de Pirai ficou restrita a iniciativa de poucos particulares. O Padre Breves menciona as licenças concedidas, em 1887, ao Dr. Jean Sauzey para introduzir, em sua Fazenda Botafogo, 20 agricultores europeus, com suas respectivas famílias, e ao Comendador Maurício Haritoff, de 30 famílias para sua Fazenda Bela Aliança.<sup>15</sup> Já a firma Carvalho & Faro, em meados de 1888, obteve do governo imperial licença para que 50 famílias italianas fossem enviadas à Fazenda Ibitira, em Barra do Pirai.<sup>16</sup>

Em 19 de fevereiro de 1890, o Município de Pirai foi extinto e seu território usado para formar o Município de Barra do Pirai, que ainda recebeu o distrito de Mendes, desmembrado de Vassouras. Pirai passou a condição de 2.º distrito de Barra do Pirai, situação que perdurou por poucos dias, até 10 de março, quando foi restabelecido, mas sem os distritos de Dores (atual Dorândia) e de São José do Turvo.<sup>17</sup>

José Mattoso Maia Forte comenta que questões políticas e o desenvolvimento trazido pela ferrovia influenciaram na decisão do Governador Francisco Portella de elevar Barra do Pirai à categoria de cidade ao mesmo tempo em que rebaixava Pirai. Reconsiderada a decisão, Pirai reconquistou sua autonomia, mas com um território muito menor, reduzido à sede e ao distrito de Arrozal. Foi por isso que recebeu a Freguesia de São José do Bom Jardim, transferida de São João do Príncipe. Em 1891, os distritos foram assim enumerados: 1.º distrito: Pirai; 2.º distrito: São José do Bom Jardim; 3.º distrito: Arrozal, compreendendo também o povoado de Pinheiro, que, em 1916, passou ser o 4.º distrito.<sup>18</sup>

---

14 SILVA, Francisco Carlos Teixeira. Abolição e crise na província do Rio de Janeiro: um balanço das principais perspectivas de pesquisa. *Acervo*: Revista do Arquivo Nacional, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, 1988, p. 61-70.

15 BREVES, Padre Reynato. *Pirai nas atas da Câmara*. Valença: Editora Valença, 2000, p. 302-303.

16 BAUMGRATZ, Gilson. *Barra do Pirai: cronologia histórica*. Niterói: Imprensa Oficial do Estado do Rio de Janeiro, 1991, p. 80-81.

17 BARCELLOS, Amaral. *Barra do Pirai: registros históricos e contemporâneos (1853-1968)*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1970, p. 50-53.

18 FORTE, José Matoso Maia. O centenário do município fluminense de Pirai. *Revista da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro*, t. XLIII, 1936, p. 101-103.



Em 1893, Pirai contabilizava 12 mil habitantes e 2.490 prédios. As principais povoações eram Tomazes, Rumo, Feliz Retiro, Jacu, Rosa Machado e Henrique Nora, as duas últimas surgidas no entorno de estações da Estrada de Ferro Piraiense.<sup>19</sup>

A cidade de Pirai contava, no ano de 1900, com a Estrada de Ferro Sapucaí (antiga Piraiense) e o serviço de navegação à vapor pelo Rio Pirai, mantido pela firma José Borges de Oliveira & Cia. Além da Igreja Matriz e do Paço Municipal, destacava-se na paisagem a Capela da Santa Cruz. A agricultura continuava centrada no café e, em menor escala, na cana de açúcar, sendo que a produção de aguardente se destinava mais ao mercado interno.<sup>20</sup>

Nos anos que se seguiram, Pirai manteve-se essencialmente como produtor de café. O município contabilizava 15 mil habitantes, sendo que dois mil viviam na sede. A Câmara Municipal e a Irmandade do Santíssimo Sacramento continuavam sendo os principais espaços de sociabilidade dos negociantes e fazendeiros da cidade.<sup>21</sup> O período ficou marcado pelo início das operações da empresa canadense *Light and Power*, instalada em Fontes, no Ribeirão das Lages, responsável pelo fornecimento de energia elétrica para o Rio de Janeiro.<sup>22</sup>

Em 27 de julho de 1922, Otávio Teixeira Campos foi eleito primeiro Prefeito de Pirai (1922-1924), mas pouco durou seu mandato, pois foi decretada a intervenção federal no Rio de Janeiro, de 11 de janeiro a 23 de dezembro de 1923, tendo em agosto assumido um prefeito-interventor, realizando-se eleições para o triênio 1924-1926.<sup>23</sup>

Quando Milburges Franco dos Santos, nossa avó materna, nasceu a 28 de agosto de 1923, Pirai possuía apenas oito logradouros públicos (sendo três calçados) e três praças ajardinadas: a Praça de Sant'Ana (Fig. 1), a Praça Municipal (onde está o prédio da prefeitura) e a Praça Marechal Bittencourt (atual Praça Getúlio Vargas). O Paço Municipal, o Grupo Escolar, a Casa de Caridade, a Igreja Matriz e o Quartel da Polícia, que servia de cadeia (atual Casa de Cultura), eram as principais edificações. O comércio era pequeno (em todo o município havia

---

19 SILVA, Antônio José Caetano da. *Corografia Fluminense: o Estado do Rio de Janeiro em 1896*. RIHGB, t. 67, v. 110, Rio de Janeiro, 1904, p. 351.

20 *Almanak Laemmert*, Rio de Janeiro (RJ), 1900, p. 320.

21 *Almanak Laemmert*, Rio de Janeiro (RJ), 1910, p. 74.

22 ESTADO DO RIO DE JANEIRO. *Mensagem apresentada à Assembleia Legislativa na 2.ª sessão ordinária da 8.ª Legislatura em 1.º de agosto de 1914 pelo Presidente do Estado Dr. Francisco Chaves de Oliveira Botelho*. Rio de Janeiro: Tipografia do Jornal do Commercio, 1914, p. 105.

23 BREVES, Padre Reynato. *Pirai nas atas da Câmara*. Valença: Editora Valença, 2000, p. 408-415.

apenas 56 casas comerciais registradas) e os arraiais dos Tomazes e do Rumo vivenciavam a decadência.<sup>24</sup>

**Fig. 1** – Praça de Sant’Ana



**Fonte:** VASCONCELOS, Clodomiro Rodrigues de. *Centenário da Independência do Brasil*: álbum do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Pimenta de Mello & Cia, 1922.

A trajetória da família Franco, em Pirai, ficou marcada por três personagens: o imigrante português Manuel Franco dos Santos (1857-1917), lavrador; o seu filho Antônio Franco dos Santos (1884-1933), negociante e lavrador; e o seu neto Miguel Franco dos Santos (1914-2000), que ocupou uma cadeira na Câmara Municipal e foi eleito Vice-Prefeito.

A pesquisa genealógica se deu, principalmente, nos acervos do Cartório do Registro Civil de Pirai, do Cartório da Vara Única da Comarca de Pirai, da Biblioteca Nacional e do Arquivo Nacional. Entre as fontes consultadas, livros de registros, autos de inventários e periódicos. Recorremos, ainda, aos livros escritos pelo Padre Reynato Breves, *Sant’Ana do Pirai e sua história* (1994) e *Pirai nas atas da Câmara* (2000).

<sup>24</sup> VASCONCELOS, Clodomiro Rodrigues de. *Centenário da Independência do Brasil*: álbum do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Pimenta de Mello & Cia, 1922.

### Manuel Franco dos Santos

A família Franco se estabeleceu, em Pirai, na década de 1880, quando nasceram os irmãos Antônio Franco dos Santos, Malvina Franco dos Santos e Laura Franco dos Santos, filhos do imigrante português Manuel Franco dos Santos e de Maria Tomásia da Glória. Já na viuvez, Manuel se casou, a 7 de agosto de 1897, com Emília Rosária da Silva.<sup>25</sup>

Manuel assistiu à chegada do primeiro trem a Pirai e ao lançamento do primeiro jornal local, “O Pirahyano”, de Francisco Leite de Moura, ambos em 1883; à criação da Freguesia de Santo Benedito da Barra do Pirai, em 1885, e a sua emancipação, em 1890; a chegada da *Light*, no ano de 1900; o desvio do Rio Pirai, em 1913; e o início do governo de Domingos Mariano Barcellos de Almeida, Presidente da Câmara Municipal (1916-1918), cujo busto está em frente ao prédio da prefeitura desde 1925.<sup>26</sup>

No fim do Império, Pirai era descrito como um dos mais ricos municípios da Província do Rio de Janeiro, essencialmente produtor de café e de legumes, cultivando-se em pequena escala a cana-de-açúcar para o fabrico de açúcar e aguardente.<sup>27</sup> De fato, o município iniciou o período republicano como o mais próspero do Estado do Rio de Janeiro, mas as suas mais produtivas freguesias foram desanexadas para constituírem o Município de Barra do Pirai.<sup>28</sup>

Segundo seu registro de óbito, Manuel Franco dos Santos, 58 anos, lavrador, faleceu na Fazenda das Palmeiras (Fig. 2), a 2 de setembro de 1917, deixando viúva Emília Franco, de cujo consórcio não teve filhos. Foi sepultado no Cemitério Municipal de Pirai.<sup>29</sup> Assim, a sua descendência se resume aos filhos Antônio, Laura e Malvina, de seu primeiro casamento.

---

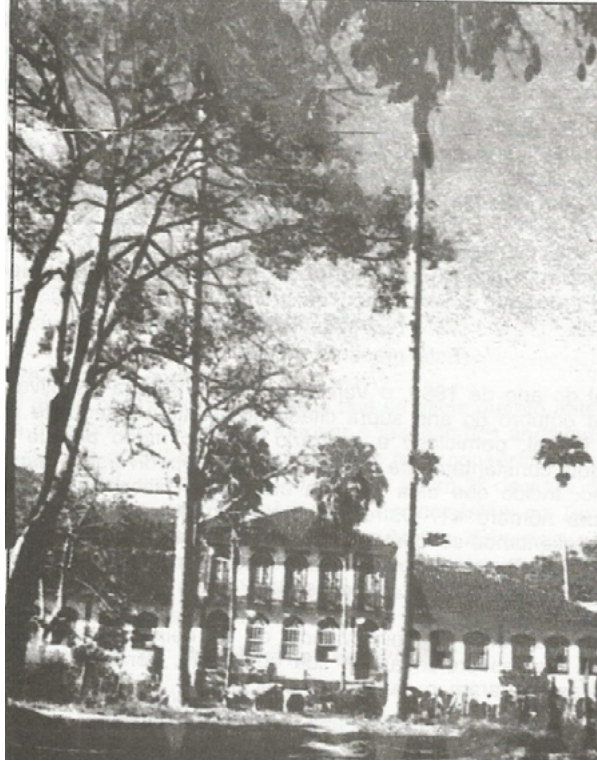
25 Cartório de RCPN do 1.º Distrito de Pirai. Livro de Registro de Casamentos (1893-1899), fl. 151.

26 BREVES, Padre Reynato. *Pirai nas atas da Câmara*. Valença: Editora Valença, 2000, p. 294-395

27 *Almanak Laemmert*, Rio de Janeiro (RJ), 1885, p. 1039.

28 SILVA, Antônio José Caetano da. *Corografia Fluminense: o Estado do Rio de Janeiro em 1896*. *RIHGB*, t. 67, v. 110, Rio de Janeiro, 1904, p. 351.

29 Cartório de RCPN do 1.º Distrito de Pirai. Livro de Registro de Óbitos (1914-1919), fl. 111v.

**Fig. 2** – Fazenda das Palmeiras.

**Fonte:** BREVES, Reynato. *Pirai nas Atas da Câmara*. Valença: Editora Valença, 2000, p. 172.

Em 1917, o Município de Pirai era formado pelos distritos de Pirai, Bom Jardim, Arrozal e Pinheiro. A população girava em torno de 17 mil habitantes, sendo 987 eleitores. A economia municipal continuava baseando-se na agricultura, destaque para o cultivo de café, cana de açúcar e cereais, e na criação de gado vacum, que se desenvolvia progressivamente.<sup>30</sup>

Emília Franco era filha legítima de Evaristo Marciano da Silva Leite, por ter sido perfilhada. Seu pai era natural de São João Batista de Arrozal, e se casou, em primeiras núpcias, com Alexandrina de Oliveira Campos, com quem teve duas filhas, e, em segundas núpcias, com Amélia Veríssimo da Silveira, advindo outros seis filhos.<sup>31</sup>

<sup>30</sup> *Almanak Laemmert*, Rio de Janeiro (RJ), 1917, p. 4066.

<sup>31</sup> Cartório de RCPN do 1.º Distrito de Pirai. Livro de Registro de Casamentos (1893-1899), fl. 172v.

A Fazenda das Palmeiras foi fundada pelo Comendador Antônio Estevão de Magalhães Pusso, um dos responsáveis pela emancipação de Pirai, em 1837, sendo adquirida pelo Dr. José Frazão de Souza Breves, comissário de café na Corte e filho do “Rei do Café”. A partir de 1881, passou a ser atendida pela Estrada de Ferro Piraiense. A ferrovia ligava Pirai a Barra do Pirai, onde havia o entroncamento com a Estrada de Ferro Dom Pedro II, contribuindo para o escoamento do café para a Corte.<sup>32</sup> O Padre Breves registra que a Fazenda das Palmeiras, que era administrada, desde 1875, pela viúva Cecília Costa de Souza Breves, entrou em decadência na década de 1890.<sup>33</sup>

Como explica Stanley J. Stein, o termo lavrador incluía grandes e pequenos agricultores, proprietários de terras, sítiantes arrendatários, agregados (homens livres que os fazendeiros permitiam residir em suas terras e cultivá-las, sem possuírem títulos de propriedade) e colonos (mão de obra alugada).<sup>34</sup> Como as terras pertenciam à família Breves, podemos imaginar que Manuel fosse sítiante na Fazenda das Palmeiras, pois se fosse agregado ou colono a informação constaria nos registros consultados.

Manuel Franco dos Santos é um exemplo dos homens brancos, livres e pobres que experimentaram o acesso à terra, ainda no tempo do Império, ao morar em propriedade alheia, a Fazenda das Palmeiras, no momento em que já estava em decadência, onde viveu da lavoura por sua própria conta e risco.

O lavrador livre e pobre ou remediado, que não figurava nas páginas do almanaque *Laemmert*, constitui uma parcela significativa da população fluminense, que se dedicava ao trabalho agrícola independente, nem sempre proprietários da terra que exploravam.<sup>35</sup>

### **Antônio Franco dos Santos**

Quando Antônio Franco dos Santos nasceu em Sant’Ana do Pirai, em 1884, o Município de Pirai era formado ainda pelas freguesias de São João Batista de Arrozal, de Nossa Senhora das Dores e de São José do Turvo e pelo povoado

---

32 BREVES, Padre Reynato. *Sant’Ana do Pirai e sua História*. Rio de Janeiro: Diadorim, 1994, p. 134-138.

33 BREVES, Padre Reynato. *Pirai nas atas da Câmara*. Valença: Editora Valença, 2000, p. 343.

34 STEIN, Stanley J. *Grandeza e decadência do café no Vale do Paraíba, com referência especial ao Município de Vassouras*. São Paulo: Brasiliense, 1961, p. 143.

35 MATTOS, Hebe. *Ao Sul da História: lavradores pobres na crise do trabalho escravo*. 2 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2009, p. 73.

de Barra do Pirai. A Estrada de Ferro Piraiense mantinha transporte regular de passageiros e de mercadorias para a Corte, saindo diariamente às 8:30 da cidade. O Dr. Eugênio Augusto de Carvalho Menezes presidia a Câmara Municipal e o Comendador Sá era o provedor da Irmandade do Santíssimo Sacramento.<sup>36</sup>

Em 28 de setembro de 1905, Antônio Franco dos Santos, solteiro, 21 anos, lavrador, nascido e batizado na Cidade de Pirai, onde residia, casou-se com Benedita Maria de Moura, solteira, 18 anos, de serviços domésticos, nascida, batizada e também residente no primeiro distrito.<sup>37</sup>

Em 1909, trabalhavam como jornaleiros, na Fazenda Bela Vista, em Pirai, que pertencia ao espólio do “Rei do Café”, onde faleceram suas filhas Maria e Marietta:

*Que ontem às três horas da tarde, neste distrito, faleceu, de morte natural e sem assistência médica, a menor Maria, de cor branca, com dois anos e seis meses de idade, natural deste Estado, filha legítima de Antônio Franco dos Santos e Benedita Maria dos Santos, jornaleiros, naturais deste Estado, residentes neste distrito.*<sup>38</sup>

*Que no lugar denominado Bela Vista, neste primeiro distrito, faleceu, ontem, às onze horas da noite, de morte natural e sem assistência médica, a inocente Marietta, de cor branca, com seis meses de idade, natural deste município, filha legítima de Antônio Franco dos Santos e Benedita Maria dos Santos, jornaleiros, fluminenses e residentes neste distrito.*<sup>39</sup>

Jornaleiro era o trabalhador rural que recebia por diária. Entre as atividades e ocupações agrícolas, cabia aos empreiteiros fazer roçadas, derrubadas de matas e queimadas; jornaleiros eram empregados no cuidado de valas, cercas etc.; colonos, no cultivo do café; e mensalistas, nos serviços diversos.<sup>40</sup>

---

36 *Almanak Laemmert*, Rio de Janeiro (RJ), 1883, p. 478-481; *Almanak Laemmert*, Rio de Janeiro (RJ), 1885, p. 1039.

37 Cartório de RCPN do 1.º Distrito de Pirai. Livro de Registro de Casamentos (1899-1907), fl. 125v.

38 Cartório de RCPN do 1.º Distrito de Pirai. Livro de Registro de Óbitos (1908-1909), fl. 136v.

39 Cartório de RCPN do 1.º Distrito de Pirai. Livro de Registro de Óbitos (1908-1909), fl. 185.

40 BEIGUELMAN, Paula. *A formação do povo no complexo cafeeiro*: aspectos políticos. 2 ed. São Paulo: Livraria Pioneira, 1977, p. 105.

Os registros de seus filhos revelam que Antônio passou à condição de lavrador, com sítio em Salto das Lajes, onde ficava a cachoeira denominada Salto do Ribeirão das Lajes, desaparecida com a construção da represa pela *Light*:

*Aos vinte e oito dias do mês janeiro do ano de mil novecentos e treze, nesta cidade de Pirai, Estado do Rio de Janeiro, em meu cartório compareceu Antônio Taranto Sobrinho [...] declarou que no lugar denominado Rio das Lajes, neste distrito, faleceu de meningite, conforme atestado médico apresentado, a menor Minervina, de cor branca, natural deste distrito, com dois anos de idade, filha legítima de Antônio Franco dos Santos e de Benedita dos Santos, residentes neste distrito.*<sup>41</sup>

*Aos dezesseis dias do mês de abril de mil novecentos e quatorze, nesta cidade de Pirai, Estado do Rio de Janeiro, em meu cartório compareceu Antônio Taranto Sobrinho [...] declarou que no lugar denominado Salto, no dia sete do corrente, às dez horas do dia, nasceu uma criança de cor branca do sexo masculino que tomou o nome de Miguel, filho legítimo de Antônio Franco dos Santos e sua mulher Benedita Maria dos Santos, residentes neste município, casados, lavradores, residentes neste distrito.*<sup>42</sup>

Além de lavrador em Salto das Lajes, Antônio foi negociante, a partir dos anos de 1920, estabelecido na Rua Barão de Pirai, 94 (atual Rua Comendador Sá, 120), onde residia e mantinha o Armazém Franco, em frente ao Quartel da Polícia, que servia também como Cadeia Pública (Fig. 3):

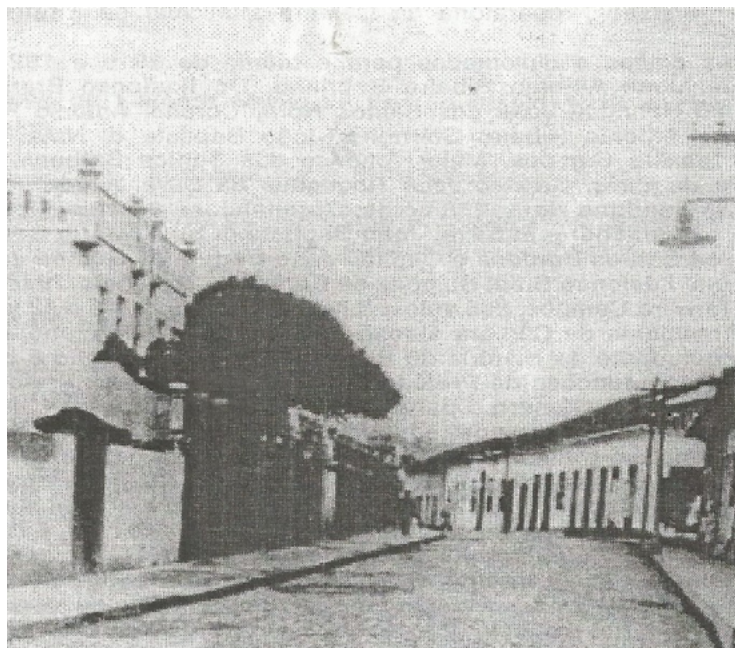
*Aos treze dias de março de mil novecentos e vinte e um, nesta cidade do Pirai, Estado do Rio de Janeiro, em meu cartório compareceu Antônio Franco dos Santos [...] declarou que nesta cidade à rua Barão do Pirai, número noventa e quatro, onde reside, ontem, às dezenove horas, nasceu uma criança de cor branca, do sexo masculino, que tomou o nome de Maurílio, filho legítimo dele declarante e de sua mulher Benedita Maria dos Santos, naturais deste Estado, casados, negociantes, residentes nesta cidade.*<sup>43</sup>

---

41 Cartório de RCPN do 1.º Distrito de Pirai. Livro de Registro de Óbitos (1911-1914), fl. 103.

42 Cartório de RCPN do 1.º Distrito de Pirai. Livro de Registro de Nascimentos (1912-1914), fl. 161.

43 Cartório do RCPN do 1.º Distrito de Pirai. Livro de Registro de Nascimentos (1921-1922), fl. 19v.

**Fig. 3** – O Quartel de Polícia e Cadeia Pública

**Fonte:** BREVES, Reynato. *Pirai nas Atas da Câmara*. Valença: Editora Valença, 2000, p. 405.

Em 1923, Antônio Franco dos Santos foi nomeado 2.º suplente do substituto do Juiz Seccional em Pirai.<sup>44</sup> O 1.º suplente do substituto do Juiz Seccional tinha um papel importante no processo eleitoral, sendo substituído em suas faltas e impedimentos pelos seus imediatos (o 2.º e o 3.º suplentes, respectivamente). As mesas eleitorais, encarregadas de apurar os votos, eram compostas pelo Juiz de Direito, pelo Presidente da Câmara Municipal e pelo 1.º suplente do substituto do Juiz Seccional. Controlando as mesas eleitorais, a força policial e os cofres públicos, os grupos políticos perpetuavam-se no poder.<sup>45</sup>

<sup>44</sup> *O Jornal*, Rio de Janeiro (RJ), 29 de maio de 1923, p. 2; *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro (RJ), 29 de maio de 1923, p. 4.

<sup>45</sup> LEAL, Victor Nunes. *Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo no Brasil*. 3 ed. São Paulo: Alfa-Ômega, 1978, p. 228-229.



No início dos anos 1930, Antônio figurava no *Almanak Laemmert* entre os principais negociantes de Pirai, no ramo de secos e molhados, que abrangia a venda de gêneros alimentícios, bebidas, fazendas, roupas feitas, calçados, armarinho, ferragens e utensílios.<sup>46</sup>

Antônio Franco dos Santos faleceu, aos 49 anos, de causa natural, em sua residência, à Rua Barão de Pirai, em 17 de novembro de 1933, deixando viúva e oito filhos, sendo um maior (Miguel Franco dos Santos). Foi sepultado no Cemitério Municipal de Pirai.<sup>47</sup>

### **Miguel Franco dos Santos**

Em 11 de outubro de 1933, Miguel Franco dos Santos, então com 19 anos e empregado no comércio, casou-se com Josefa de Barros Pinto, 16 anos, de serviços domésticos, nascida em Rio Claro e residente em Pirai.<sup>48</sup> O casal teve seis filhos:

1. MARIA DA CONCEIÇÃO FRANCO DOS SANTOS, n. 20-JUL-1934, Pirai, RJ. Casada em 11-OUT-1958, Pirai, RJ, com CIRILO FERREIRA DOS SANTOS, n. 09-JUL-1929, BA, fal. 11-NOV-2013, Pirai, RJ, filho de Francisco Xavier dos Santos e de Josefa dos Santos.<sup>49</sup> Com descendência.
2. JORGE FRANCO DOS SANTOS, n. 27-DEZ-1935, Pirai, RJ, fal. 27-NOV-2002, Pirai, RJ. Casado em 20-SET-1958, Pirai, RJ, com HELZA CLERK, n. 05-MAR-1942, RJ, filha de Waldemar Clerk e de Maria Clerk.<sup>50</sup> Com descendência.
3. IRENE FRANCO DOS SANTOS, n. 10-MAI-1937, Pirai, RJ, fal. 29-DEZ-2004, Pirai, RJ. Casada em 19-DEZ-1959, Pirai,

---

46 *Almanak Laemmert*, Rio de Janeiro (RJ), 1930, p. 910; *Almanak Laemmert*, Rio de Janeiro (RJ), 1931, p. 1011.

47 Cartório de RCPN do 1.º Distrito de Pirai. Livro de Registro de Óbitos (1928-1934), fl. 194v.

48 Cartório do RCPN do 1.º Distrito de Pirai. Livro de Registro de Casamentos (1930-1942), fl. 68v.

49 Cartório da Vara Única da Comarca de Pirai. Inventário n.º 0000181-67.2000.8.19.0043, Maria da Conceição Franco dos Santos (Inventariante) e Miguel Franco dos Santos (Inventariado), fl. 114.

50 Cartório da Vara Única da Comarca de Pirai. Inventário n.º 0000181-67.2000.8.19.0043, Maria da Conceição Franco dos Santos (Inventariante) e Miguel Franco dos Santos (Inventariado), fl. 116 e 118.

- RJ, com CAMILO FERREIRA DOS SANTOS, n. 22-FEV-1932, BA, filho de Francisco Xavier dos Santos e de Josefa dos Santos.<sup>51</sup> Com descendência.
4. JOEL FRANCO DOS SANTOS, n. 03-JUL-1942, Pirai, RJ.<sup>52</sup> Com descendência.
  5. IVONE FRANCO DOS SANTOS, n. 23-OUT-1943, Pirai, RJ. Casada em 16-DEZ-1961, Pirai, RJ, com VALCEDI ZEFERINO DE FARIAS, n. 13-OUT-1934, PB, fal. 03-SET-2011, Barra Mansa, RJ, filho de Manuel Zeferino Irmão e de Maria Emília de Farias.<sup>53</sup> Com descendência.
  6. ÂNGELA MARIA FRANCO DOS SANTOS, n. 15-JUL-1952, Pirai, RJ. Casada em 20-DEZ-1980, Pirai, RJ, com LUIZ CARLOS PEREIRA LIMA, n. 23-FEV-1954, RJ, filho de Liberalino Pereira Lima e Maria Neiva de Lima.<sup>54</sup> Com descendência.

Dez anos depois do casamento de Miguel e Josefa, o Município de Pirai era constituído por cinco distritos: Pirai, Arrozal (ex-São João Batista do Arrozal), Monumento (ex-São José do Bom Jardim), Pinheiral (ex-Pinheiro) e Santanésia. Pelo censo de 1940, a população total era de 16.133 habitantes, dos quais 11.666 viviam em Pirai. Sua agricultura baseava-se na produção de arroz em casca, milho, banana e cana-de-açúcar. A principal indústria era a de papel, a Companhia Industrial de Papel Pirai, em Santanésia. O município era servido pela Estrada de Ferro Central do Brasil, que passava pelo distrito de Pinheiral e pela Estrada de Rodagem Rio-São Paulo. Em 1945, Pirai contava com 28 logradouros públicos, dos quais 25 possuíam iluminação pública. Apenas 170 casas contavam

---

51 Cartório da Vara Única da Comarca de Pirai. Inventário n.º 0000181-67.2000.8.19.0043, Maria da Conceição Franco dos Santos (Inventariante) e Miguel Franco dos Santos (Inventariado), fl. 107 e 110.

52 Cartório da Vara Única da Comarca de Pirai. Inventário n.º 0000181-67.2000.8.19.0043, Maria da Conceição Franco dos Santos (Inventariante) e Miguel Franco dos Santos (Inventariado), fl. 480.

53 Cartório da Vara Única da Comarca de Pirai. Inventário n.º 0000181-67.2000.8.19.0043, Maria da Conceição Franco dos Santos (Inventariante) e Miguel Franco dos Santos (Inventariado), fl. 100 e 454.

54 Cartório da Vara Única da Comarca de Pirai. Inventário n.º 0000181-67.2000.8.19.0043, Maria da Conceição Franco dos Santos (Inventariante) e Miguel Franco dos Santos (Inventariado), fl. 142.

com fornecimento de luz elétrica e 147 com abastecimento de água.<sup>55</sup>

O jornalista Edmar Morel esteve em Pirai, em 1946, e encontrou uma cidade cheia de sobrados e casarões em ruínas. Além do temor de ser inundada, como aconteceu com São João Marcos (ex-São João do Príncipe), o impaludismo fazia suas vítimas, sem que a Casa de Caridade tivesse estrutura para tratar os doentes. As irmandades do Santíssimo Sacramento de Pirai e de São João Batista de Arrozal estavam em decadência. Os trilhos da Estrada de Ferro Piraiense já não existiam mais.<sup>56</sup>

Otávio Teixeira Campos era o prefeito-interventor (1936-1946). Em 1947, finda a ditadura do Estado Novo, voltaram a ocorrer eleições municipais, mas não se tem de fato uma renovação política, pois a família Teixeira Campos continuou elegendo os prefeitos de Pirai: Otávio Teixeira Campos (1951-1955) e Nilo Teixeira Campos (1959-1962). Aliás, a grande figura política da época foi Manuel Teixeira Campos Júnior, o Coronel Manequinho, casado com uma descendente dos Breves, irmão de Otávio e pai de Nilo, chefe político por mais de 50 anos, falecido em 1965.<sup>57</sup> Surgem, então, novas forças políticas: Aurelino Gonçalves Barbosa (Prefeito de 1967-1970, 1977-1982 e 1989-1992) e Nurdin Noro Hassum (Prefeito de 1973-1976 e 1983-1988).<sup>58</sup>

A trajetória política de Miguel Franco dos Santos começou em 1950, quando a UDN dominava a política local e ele foi nomeado Subdelegado de Polícia de Pirai.<sup>59</sup> O Subdelegado de Polícia era nomeado pelo Governador por ter alguma participação na política local ou por ser conhecido e respeitado no distrito. O cargo não exigia conhecimento técnico, nem o diploma de bacharel em Direito; era exercido de forma permanente, mas não remunerado. Em vários casos, os Subdelegados utilizavam suas atribuições com fins políticos, para obter vantagens nas eleições.

Tornou-se ainda membro da Irmandade do Santíssimo Sacramento, em 1952, fato que o inseriu na elite de seu tempo. Em 1966, seu nome consta entre os festeiros responsáveis pela inauguração da Capela de Nossa Senhora Aparecida do Rumo, no bairro Casa Amarela, construída pelos pais do Padre Breves.<sup>60</sup>

55 PEDROSO, José; PORTO, Adolpho. *Rio de Janeiro: o Estado e o Município*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1950, p. 493-499.

56 *A Cigarra*, Rio de Janeiro (RJ), março de 1946, p. 119-121 e 140.

57 BREVES, Padre Reynato. *Pirai nas atas da Câmara*. Valença: Editora Valença, 2000, p. 480-484.

58 BREVES, Padre Reynato. *Pirai nas atas da Câmara*. Valença: Editora Valença, 2000, p. 492-502.

59 *A Noite*, Rio de Janeiro (RJ), 19 de fevereiro de 1954, p. 1.

60 BREVES, Padre Reynato. *Sant'Ana do Pirai e sua História*. Rio de Janeiro: Diadorim,

Em 1972, Miguel Franco dos Santos foi o candidato a vereador mais votado no Município de Pirai.<sup>61</sup> Nas eleições de 1976, foi eleito Vice-Prefeito, pela ARENA, na chapa encabeçada por Aurelino Gonçalves Barbosa, ex-vereador, ex-prefeito e ex-deputado estadual.<sup>62</sup> Em 1987, figurava como membro do diretório municipal do PDT, ao lado do Prefeito Nurdin Noro Hassum e de outros egressos do PDS.<sup>63</sup>

Faleceu no Hospital Flávio Leal, da Casa de Caridade de Pirai, a 23 de fevereiro de 2000, e foi sepultado no Cemitério Municipal de Pirai.<sup>64</sup> Ainda em maio daquele ano, a Praça Pirai, na Avenida Beira Rio, no centro da cidade, passou a se chamar Praça Miguel Franco dos Santos.<sup>65</sup>

### Genealogia da Família Franco

MANUEL FRANCO DOS SANTOS, n. 1857, Portugal, fal. 02-SET-1917, Pirai, RJ.<sup>66</sup> Filho de Joaquim Franco dos Santos e de Joaquina da Conceição. Lavrador. Casado com MARIA TOMÁSIA DA GLÓRIA, n. 1867, Pirai, RJ, fal. 03-OUT-1893, Pirai, RJ.<sup>67</sup> Casado em 07-AGO-1897, Pirai, RJ,<sup>68</sup> com EMÍLIA ROSÁRIA DA SILVA, n. 1871, Barra Mansa, RJ, filha de Evaristo Marciano da Silva Leite e de Rosária Maria da Silva. Pais de:

I-1 - ANTÔNIO FRANCO DOS SANTOS, n. 1884, Pirai, RJ, fal. 17-NOV-1933, Pirai, RJ.<sup>69</sup> Lavrador. Negociante. Casado em 28-SET-1905, Pirai, RJ,<sup>70</sup> com BENEDITA MARIA DE MOURA, que passou a assinar

---

1994, p. 81 e 104.

61 *O Fluminense*, Niterói (RJ), 18 de novembro de 1972, p. 1.

62 Arquivo Nacional. Fundo Serviço Nacional de Informação (SNI). Ofício do Juízo Eleitoral da 30ª Zona – Pirai, RJ, 28 de setembro e 1976; *O Fluminense*, Niterói (RJ), 25 de novembro de 1976, p. 8

63 Arquivo Nacional. Fundo Serviço Nacional de Informação (SNI). Relatório sobre as convenções municipais do PDT em Volta Redonda e Pirai, 25 de outubro de 1987.

64 Cartório de RCPN do 1.º Distrito de Pirai. Livro de Registro de Óbitos (1995-2000), fl. 193.

65 Município de Pirai. Lei Municipal n.º 548, de 4 de maio de 2000.

66 Cartório de RCPN do 1.º Distrito de Pirai. Livro de Registro de Óbitos (1914-1919), fl. 111v.

67 Cartório de RCPN do 1.º Distrito de Pirai. Livro de Registro de Óbitos (1892-1895), fl. 100.

68 Cartório de RCPN do 1.º Distrito de Pirai. Livro de Registro de Casamentos (1893-1899), fl. 151.

69 Cartório de RCPN do 1.º Distrito de Pirai. Livro de Registro de Óbitos (1928-1934), fl. 194v.

70 Cartório de RCPN do 1.º Distrito de Pirai. Livro de Registro de Casamentos (1899-1907), fl. 125v.

BENEDITA MARIA DOS SANTOS, n. 1887, Pirai, RJ, fal. 28-NOV-1957, Pirai, RJ,<sup>71</sup> filha de Benedito Leite de Moura e de Maria da Silveira Moura. Pais de:

II-1 - MARIA FRANCO DOS SANTOS, n. 10-AGO-1906, Pirai, RJ,<sup>72</sup> fal. 29-JAN-1909, Pirai, RJ.<sup>73</sup>

II-2 - MARIETTA FRANCO DOS SANTOS, n. 04-SET-1908, Pirai, RJ,<sup>74</sup> fal. 09-MAR-1909, Pirai, RJ.<sup>75</sup>

II-3 - MINERVINA FRANCO DOS SANTOS, n. 19-OUT-1910, Pirai, RJ,<sup>76</sup> fal. 28-JAN-1913, Pirai, RJ.<sup>77</sup>

II-4 - MANUEL FRANCO DOS SANTOS, n. 13-ABR-1912, Pirai, RJ,<sup>78</sup> fal. 16-ABR-1912, Pirai, RJ.<sup>79</sup>

II-5 - MIGUEL FRANCO DOS SANTOS, n. 07-ABR-1914, Pirai, RJ,<sup>80</sup> fal. 23-FEV-2000, Pirai, RJ.<sup>81</sup> Funcionário Público Municipal. Casado em 11-OUT-1933, Pirai, RJ,<sup>82</sup> com JOSEFA DE BARROS PINTO, n. 04-JUL-1917, Rio Claro, RJ, fal. 14-JUN-2006, Pirai, RJ,<sup>83</sup> filha de Antônio de Barros Pinto e de Maria de Barros da Silva. Com descendência.

---

71 Cartório de RCPN do 1.º Distrito de Pirai. Livro de Registro de Óbitos (1956-1961), fl. 76v.

72 Cartório de RCPN do 1.º Distrito de Pirai. Livro de Registro de Nascimentos (1904-1907), fl. 134v.

73 Cartório de RCPN do 1.º Distrito de Pirai. Livro de Registro de Óbitos (1908-1909), fl. 136v.

74 Cartório de RCPN do 1.º Distrito de Pirai. Livro de Registro de Nascimentos (1907-1910), fl. 120v.

75 Cartório de RCPN do 1.º Distrito de Pirai. Livro de Registro de Óbitos (1908-1909), fl. 185.

76 Cartório de RCPN do 1.º Distrito de Pirai. Livro de Registro de Nascimentos (1910-1912), fl. 51v.

77 Cartório de RCPN do 1.º Distrito de Pirai. Livro de Registro de Óbitos (1911-1914), fl. 103.

78 Cartório de RCPN do 1.º Distrito de Pirai. Livro de Registro de Nascimentos (1910-1912), fl. 183v.

79 Cartório de RCPN do 1.º Distrito de Pirai. Livro de Registro de Óbitos (1911-1914), fl. 56.

80 Cartório de RCPN do 1.º Distrito de Pirai. Livro de Registro de Nascimentos (1912-1914), fl. 161.

81 Cartório de RCPN do 1.º Distrito de Pirai. Livro de Registro de Óbitos (1995-2000), fl. 193.

82 Cartório do RCPN do 1.º Distrito de Pirai. Livro de Registro de Casamentos (1930-1942), fl. 68v.

83 Cartório de RCPN do 1.º Distrito de Pirai. Livro de Registro de Óbitos C-7, fl. 189.

II-6 - MAURINA FRANCO DOS SANTOS, n. 12-FEV-1917, Pirai, RJ.<sup>84</sup> Casada em 17-ABR-1941, Pirai, RJ,<sup>85</sup> com JÚLIO PENNA, n. 20-MAI-1913, Rio Branco, MG, mecânico, filho de Manuel José da Cruz Penna e de Maria Bárbara de Jesus. Com descendência.

II-7 - MAURÍCIO FRANCO DOS SANTOS, n. 1919, Pirai, RJ, fal. 19-JUL-1943, Pirai, RJ.<sup>86</sup> Carpinteiro. Sem descendência.

II-8 - MAURÍLIO FRANCO DOS SANTOS, n. 12-MAR-1921, Pirai, RJ,<sup>87</sup> fal. 29-DEZ-1982, Barra do Pirai, RJ.<sup>88</sup> Negociante. Casado em 16-JAN-1947, Pirai, RJ,<sup>89</sup> com HILDETH PACIELLO E SILVA, n. 26-ABR-1920, Pirai, RJ, fal. 1.º-MAR-2008, Pirai, RJ,<sup>90</sup> filha de Vicente Paciello e de Zulmira Bueno Paciello, viúva de Oswaldo de Oliveira e Silva. Com descendência.

II-9 - MILBURGES FRANCO DOS SANTOS, n. 28-AGO-1923, Pirai, RJ,<sup>91</sup> fal. 10-OUT-2005, Teresópolis, RJ.<sup>92</sup> Funcionária Pública Estadual. Casada em 05-SET-1946, Pirai, RJ,<sup>93</sup> com JOSÉ DE LIMA SEIXAS, n. 05-SET-1916, Penedo, AL, fal. 1.º-SET-1997, Magé, RJ,<sup>94</sup> militar, filho de José Ignácio de Seixas e de Enedina de Lima Seixas. Com descendência.

---

84 Cartório do RCPN do 1.º Distrito de Pirai. Livro de Registro de Nascimentos (1914-1917), fl. 174v.

85 Cartório do RCPN do 1.º Distrito de Pirai. Livro de Registro de Casamentos (1930-1942), fl. 259v.

86 Cartório do RCPN do 1.º Distrito de Pirai. Livro de Registro de Óbitos (1940-1945), fl. 162v.

87 Cartório do RCPN do 1.º Distrito de Pirai. Livro de Registro de Nascimentos (1921-1922), fl. 19v.

88 Cartório do RCPN do 1.º Distrito de Barra do Pirai. Livro de Registro de Óbitos (1982-1983), fl. 93v.

89 Cartório de RCPN do 1.º Distrito de Pirai. Livro de Registro de Casamentos (1942-1949), fl. 198.

90 Cartório de RCPN do 1.º Distrito de Pirai. Livro de Registro de Óbitos C-8, fl. 101.

91 Cartório do RCPN do 1.º Distrito de Pirai. Livro de Registro de Nascimentos (1922-1924), fl. 115.

92 Cartório do RCPN do 1.º Distrito de Teresópolis. Livro de Registro de Óbitos C-61, fl. 238.

93 Cartório do RCPN do 1.º Distrito de Pirai. Livro de Registro de Casamentos (1942-1949), fl. 175.

94 Cartório do RCPN do 1.º Distrito de Magé. Livro de Registro de Óbitos 46-C, fl. 240.

II-10 - MARIA JOSÉ FRANCO DOS SANTOS, n. 28-DEZ-1925, Pirai, RJ,<sup>95</sup> fal. 16-JUL-2019, Cabo Frio, RJ.<sup>96</sup> Casada em 26-MAI-1952, Pirai, RJ,<sup>97</sup> com JOSÉ BEZERRA DE ALMEIDA, n. 16-JAN-1918, Jaguaribe, CE, mecânico, filho de Pedro Bezerra de Menezes e de Maria Amélia de Menezes. Com descendência.

II-11 - MATILDE FRANCO DOS SANTOS, n. 17-MAR-1928, Pirai, RJ,<sup>98</sup> fal. 17-JAN-2000, Pirai, RJ.<sup>99</sup> Sem descendência.

II-12 - MARINA FRANCO DOS SANTOS, n. 27-JAN-1931, Pirai, RJ,<sup>100</sup> fal. 11-JUL-2012, Rio de Janeiro, RJ.<sup>101</sup> Casada em 16-MAI-1953, Pirai, RJ,<sup>102</sup> com WASHINGTON VALENTE DE MENEZES, n. 11-JAN-1925, Santa Isabel, MG, fal. 21-FEV-2011, Rio de Janeiro, RJ,<sup>103</sup> soldador elétrico, filho de João Antônio de Menezes e de Marina Valente de Menezes. Com descendência.

I-2 - LAURA FRANCO DOS SANTOS, n. 10-MAR-1886, Pirai, RJ. Casada em 18-MAI-1912, Rio Claro, RJ,<sup>104</sup> com ANTÔNIO RIBEIRO BASTOS, n. 1889, Rio Claro, RJ, fal. 12-OUT-1916, Rio Claro, RJ,<sup>105</sup>

---

95 Cartório do RCPN do 1.º Distrito de Pirai. Livro de Registro de Nascimentos (1924-1927), fl. 86v.

96 Cartório do RCPN do 1.º Distrito de Cabo Frio. Livro de Registro de Óbitos C-121, fl. 94.

97 Cartório do RCPN do 1.º Distrito de Pirai. Livro de Registro de Casamentos (1949-1956), fl. 136.

98 Cartório do RCPN do 1.º Distrito de Pirai. Livro de Registro de Nascimentos (1927-1929), fl. 52v.

99 Cartório do RCPN do 1.º Distrito de Pirai. Livro de Registro de Óbitos (1995-2000), fl. 188v.

100 Cartório do RCPN do 1.º Distrito de Pirai. Livro de Registro de Nascimentos (1929-1933), 90v.

101 Cartório da 11.ª Circunscrição do RCPN do Rio de Janeiro. Livro de Registro de Óbitos C-154, fl. 284.

102 Cartório do RCPN do 1.º Distrito de Pirai. Livro de Registro de Casamentos (1949-1956), fl. 170.

103 Cartório da 8.ª Circunscrição do RCPN do Rio de Janeiro. Livro de Registro de Óbitos C-942, fl. 252.

104 Cartório do RCPN do 1.º Distrito de Rio Claro. Livro de Registro de Casamentos (1910-1916), fl. 73v.

105 Cartório do RCPN do 1.º Distrito de Barra Mansa. Livro de Registro de Óbitos (1916-1917), fl. 56.

lavrador, filho de Joaquim Ribeiro Bastos e de Maria de Oliveira Bastos. Casada em 25-MAR-1920, Pirai, RJ,<sup>106</sup> com ANTÔNIO BENEDITO DE MOURA, n. 24-JUN-1892, Pirai, RJ,<sup>107</sup> fal. 15-MAI-1938, Pirai, RJ,<sup>108</sup> carpinteiro, filho de Benedito Leite de Moura e de Maria da Silveira Moura. Pais de:

II-1 - EVANDRO RIBEIRO BASTOS, n. 18-JAN-1916, Rio Claro, RJ. Casado em 15-DEZ-1938, Pirai, RJ,<sup>109</sup> com Maria Ismael, n. 29-MAI-1917, Rio Claro, RJ, filha de Vicente Ismael e de Benedita Ismael. Com descendência.

II-2 - PEDRO MOURA, n. 08-NOV-1920, Pirai, RJ,<sup>110</sup> fal. 24-MAI-1921, Pirai, RJ.<sup>111</sup>

II-3 - MILTON MOURA, n. 17-DEZ-1923, Pirai, RJ,<sup>112</sup> fal. 17-FEV-2000, Volta Redonda, RJ.<sup>113</sup> Casado em 12-MAR-1955, Nova Iguaçu, RJ,<sup>114</sup> com Myrian Soares, n. 13-FEV-1935, Nova Iguaçu, filha de Samuel Soares e de Enedina Soares. Com descendência.

II-4 - NORIVAL MOURA, n. 11-MAR-1926, Pirai, RJ,<sup>115</sup> fal. 19-SET-1991, Barra do Pirai, RJ.<sup>116</sup> Com descendência.

---

106 Cartório do RCPN do 1.º Distrito de Pirai. Livro de Registro de Casamentos (1920-1924), fl. 2.

107 Cartório de RCPN do 1.º Distrito de Pirai. Livro de Registro de Nascimentos (1891-1893), fl. 110.

108 Cartório do RCPN do 1.º Distrito de Pirai. Livro de Registro de Óbitos (1934-1940), fl. 163.

109 Cartório do RCPN do 1.º Distrito de Pirai. Livro de Registro de Casamentos (1930-1942), fl. 172.

110 Cartório do RCPN do 1.º Distrito de Pirai. Livro de Registro de Nascimentos (1919-1921), fl. 183.

111 Cartório do RCPN do 1.º Distrito de Pirai. Livro de Registro de Óbitos (1919-1924), fl. 98v.

112 Cartório do RCPN do 1.º Distrito de Pirai. Livro de Registro de Nascimentos (1922-1924), fl. 132v.

113 Cartório da 2.ª Circunscrição do RCPN de Volta Redonda. Livro de Registro de Óbitos 49-C, fl. 104.

114 Arquivo da Cúria Diocesana de Nova Iguaçu. Paróquia Santo Antônio da Jacutinga. Livro de Registro de Casamentos (1954-1955), fl. 35.

115 Cartório do RCPN do 1.º Distrito de Pirai. Livro de Registro de Nascimentos (1924-1927), fl. 101v.

116 Cartório do RCPN do 1.º Distrito de Barra do Pirai. Livro de Registro de Óbitos (1990-1991), fl. 510.



II-5 - LOURDES MOURA, n. 12-DEZ-1928, Pirai, RJ.<sup>117</sup> Casada em 15-DEZ-1949, Pirai, RJ,<sup>118</sup> com Waldir Ribeiro, n. 30-ABR-1919, Cantagalo, RJ, soldador elétrico, filho de Sebastião José Ribeiro e de Antônia Felicíssima Curty. Com descendência.

II-6 - STELLA MOURA, n. 15-FEV-1931, Pirai, RJ,<sup>119</sup> fal. 13-OUT-2020, Pirai, RJ.<sup>120</sup> Casada em 03-MAI-1951, Pirai, RJ,<sup>121</sup> com Ricardo Fcamidu Filho, n. 03-MAI-1926, Pirai, RJ, mecânico, filho de Ricardo Fcamidu e de Acidália dos Santos. Sem descendência.

I-3 - MALVINA FRANCO DOS SANTOS, n. 1890, fal. 29-OUT-1930, São Paulo, SP.<sup>122</sup> Casada em 1.º-SET-1906, Pirai, RJ,<sup>123</sup> com JOAQUIM DE FREITAS, n. 03-FEV-1878, empregado na *Light*, filho de Joaquim de Freitas Júnior e de Matilde Maria de Jesus, viúvo de Eugênia Trindade de Freitas, fal. 07-OUT-1904, Pirai, RJ. Pais de:

II-1 - Natimorta, n. 24-JAN-1909, Pirai, RJ,<sup>124</sup> fal. 24-JAN-1909, Pirai, RJ.<sup>125</sup>

II-2 - WALDEMIRO FREITAS, n. 1911, f. 19.02.1930, São Paulo, RJ.<sup>126</sup>

II-3 - GERALDA FREITAS, n. 19-DEZ-1912, Rio Claro, RJ.

---

117 Cartório do RCPN do 1.º Distrito de Pirai. Livro de Registro de Nascimentos (1927-1929), fl. 121v.

118 Cartório do RCPN do 1.º Distrito de Pirai. Livro de Registro de Casamentos (1949-1956), fl. 23.

119 Cartório do RCPN do 1.º Distrito de Pirai. Livro de Registro de Nascimentos (1929-1933), fl. 254.

120 Cartório do RCPN do 1.º Distrito de Pirai. Livro de Registro de Óbitos C-14, fl. 219.

121 Cartório do RCPN do 1.º Distrito de Pirai. Livro de Registro de Casamentos (1949-1956), fl. 84v.

122 Cartório do RCPN de São Paulo (Santo Amaro). Livro de Registro de Óbitos (1930-1931), fl. 14.

123 Cartório do RCPN do 1.º Distrito de Pirai. Livro de Registro de Casamentos (1899-1907), fl. 151v.

124 Cartório do RCPN do 1.º Distrito de Pirai. Livro de Registro de Nascimentos (1907-1910), fl. 152.

125 Cartório do RCPN do 1.º Distrito de Pirai. Livro de Registro de Óbitos (1908-1909), fl. 121v.

126 Cartório do RCPN de São Paulo (Consolação). Livro de Registro de Óbitos (1930), fl. 104.

Casada em 06-ABR-1946, Barueri, SP,<sup>127</sup> com JOSE OLIVEIRA DA SILVA, n. Nova Lima, MG, maquinista, filho de José Francisco da Silva e de Maria José de Oliveira.

II-4 - EDMIR FREITAS, n. 28-AGO-1914, Pirai, RJ.<sup>128</sup> Casado em 07-JUL-1935, Santo Amaro, SP,<sup>129</sup> com MARIA DE LOURDES RAMOS, n. 06-MAI-1915, Barra do Pirai, RJ, filha de Antônio Ramos e de Maria Benedita do Prado. Com descendência.

II-5 - ARY FREITAS, n. 22-ABR-1918, Pirai, RJ.<sup>130</sup> Operário. Casado em 13-MAI-1939, São Paulo, SP,<sup>131</sup> com LUIZA LEMOS, n. 23.-ABR-1919, Cravinhos, SP, filha Amarílio Lemos e de Elisa Lemos.

II-6 - DARCY FREITAS, n. 1.º-MAI-1921, Pirai, RJ.<sup>132</sup>

II-7 - Natimorto, n. 08-MAR-1922, Pirai, RJ, fal. 08-MAR-1922, Pirai, RJ.<sup>133</sup>

---

127 Cartório do RCPN de Barueri. Livro de Registro de Casamentos (1946-1947), fl. 13.

128 Cartório do RCPN do 1.º Distrito de Pirai. Livro de Registro de Nascimentos (1914-1917), fl. 193v.

129 Cartório do RCPN de São Paulo (Santo Amaro). Livro de Registro de Casamentos (1933-1934), fl. 191.

130 Cartório do RCPN do 1.º Distrito de Pirai. Livro de Registro de Nascimentos (1917-1919), fl. 100v.

131 Cartório do RCPN de São Paulo (Perus) Livro de Registro de Casamentos (1935-1940), fl. 173.

132 Cartório do RCPN do 1.º Distrito de Pirai. Livro de Registro de Nascimentos (1921-1922), fl. 45v.

133 Cartório do RCPN do 1.º Distrito de Pirai. Livro de Registro de Óbitos (1919-1924), fl. 133v.

## **Fontes**

### **Arquivo da Cúria Diocesana de Nova Iguaçu**

Paróquia Santo Antônio da Jacutinga. Livro de Registro de Casamentos (1954-1955).

### **Arquivo Nacional – Fundo Serviço Nacional de Informação (SNI)**

Ofício do Juízo Eleitoral da 30ª Zona – Pirai, RJ, 28 de setembro de 1976.

Relatório sobre as convenções municipais do PDT em Volta Redonda e Pirai, 25 de outubro de 1987.

### **Biblioteca Nacional**

*A Cigarra*, Rio de Janeiro (RJ), março de 1946.

*A Noite*, Rio de Janeiro (RJ), 19 de fevereiro de 1954.

*Almanak Laemmert*, Rio de Janeiro (RJ), 1880.

*Almanak Laemmert*, Rio de Janeiro (RJ), 1883.

*Almanak Laemmert*, Rio de Janeiro (RJ), 1885.

*Almanak Laemmert*, Rio de Janeiro (RJ), 1900.

*Almanak Laemmert*, Rio de Janeiro (RJ), 1910.

*Almanak Laemmert*, Rio de Janeiro (RJ), 1917.

*Almanak Laemmert*, Rio de Janeiro (RJ), 1930.

*Almanak Laemmert*, Rio de Janeiro (RJ), 1931.

*Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro (RJ), 29 de maio de 1923.

*O Fluminense*, Niterói (RJ), 18 de novembro de 1972.

*O Fluminense*, Niterói (RJ), 25 de novembro de 1976.

*O Jornal*, Rio de Janeiro (RJ), 29 de maio de 1923.

### **Câmara Municipal de Pirai**

Lei Municipal n.º 548, de 4 de maio de 2000.

### **Cartório da Vara Única da Comarca de Pirai**

Inventário n.º 0000181-67.2000.8.19.0043, Maria da Conceição Franco dos Santos (Inventariante) e Miguel Franco dos Santos (Inventariado).

**Cartório da 8.<sup>a</sup> Circunscrição do RCPN do Rio de Janeiro**

Livro de Registro de Óbitos C-942.

**Cartório da 11.<sup>a</sup> Circunscrição do RCPN do Rio de Janeiro**

Livro de Registro de Óbitos C-154.

**Cartório da 2.<sup>a</sup> Circunscrição do RCPN de Volta Redonda**

Livro de Registro de Óbitos 49-C.

**Cartório do RCPN do 1.<sup>o</sup> Distrito de Cabo Frio**

Livro de Registro de Óbitos C-121.

**Cartório do RCPN do 1.<sup>o</sup> Distrito de Barra do Pirai**

Livro de Registro de Óbitos (1982-1983).

Livro de Registro de Óbitos (1990-1991).

**Cartório do RCPN do 1.<sup>o</sup> Distrito de Barra Mansa**

Livro de Registro de Óbitos (1916-1917).

**Cartório do RCPN do 1.<sup>o</sup> Distrito de Magé**

Livro de Registro de Óbitos 46-C.

**Cartório de RCPN do 1.<sup>o</sup> Distrito de Pirai**

Livro de Registro de Casamentos (1893-1899).

Livro de Registro de Casamentos (1899-1907).

Livro de Registro de Casamentos (1920-1924).

Livro de Registro de Casamentos (1930-1942).

Livro de Registro de Casamentos (1942-1949).

Livro de Registro de Casamentos (1949-1956).

Livro de Registro de Nascimentos (1891-1893).

Livro de Registro de Nascimentos (1904-1907).

Livro de Registro de Nascimentos (1907-1910).

Livro de Registro de Nascimentos (1910-1912).  
Livro de Registro de Nascimentos (1910-1912).  
Livro de Registro de Nascimentos (1912-1914).  
Livro de Registro de Nascimentos (1914-1917).  
Livro de Registro de Nascimentos (1917-1919).  
Livro de Registro de Nascimentos (1919-1921).  
Livro de Registro de Nascimentos (1921-1922).  
Livro de Registro de Nascimentos (1922-1924).  
Livro de Registro de Nascimentos (1924-1927).  
Livro de Registro de Nascimentos (1927-1929).  
Livro de Registro de Nascimentos (1929-1933).  
Livro de Registro de Óbitos (1892-1895).  
Livro de Registro de Óbitos (1908-1909).  
Livro de Registro de Óbitos (1911-1914).  
Livro de Registro de Óbitos (1914-1919).  
Livro de Registro de Óbitos (1919-1924).  
Livro de Registro de Óbitos (1928-1934).  
Livro de Registro de Óbitos (1934-1940).  
Livro de Registro de Óbitos (1940-1945).  
Livro de Registro de Óbitos (1956-1961).  
Livro de Registro de Óbitos (1995-2000).  
Livro de Registro de Óbitos C-7.  
Livro de Registro de Óbitos C-8.  
Livro de Registro de Óbitos C-14.

**Cartório do RCPN do 1.º Distrito de Rio Claro**

Livro de Registro de Casamentos (1910-1916).

**Cartório do RCPN do 1.º Distrito de Teresópolis**

Livro de Registro de Óbitos C-61.

**Cartório do RCPN de Barueri**

Livro de Registro de Casamentos (1946-1947).

**Cartório do RCPN de São Paulo (Consolação)**

Livro de Registro de Óbitos (1930).

**Cartório do RCPN de São Paulo (Perus)**

Livro de Registro de Casamentos (1935-1940).

**Cartório do RCPN de São Paulo (Santo Amaro)**

Livro de Registro de Casamentos (1933-1934).

Livro de Registro de Óbitos (1930-1931).

**Referências**

ABREU, Antônio Izaías da Costa Abreu. *Municípios e Topônimos Fluminenses: Histórico e Memória*. Niterói: Imprensa Oficial do Estado do Rio de Janeiro, 1994.

ABREU, Antônio Izaías da Costa Abreu. *O Judiciário Fluminense e suas Comarcas: interior*. Rio de Janeiro: [s.n.], 2009.

ALCOFORADO, Pedro Guedes. *O tupi na geografia fluminense*. Niterói: Oficinas de A Palavra, 1950.

ARAÚJO, José de Souza Azevedo Pizarro e. *Memórias históricas do Rio de Janeiro*: volume cinco. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1946.

AZEVEDO, André Nunes de; ARAÚJO, Valdeci Lopes de. *A História de Pirai*. Rio de Janeiro: UERJ, 1997.

BARCELLOS, Amaral. *Barra do Pirai: registros históricos e contemporâneos (1853-1968)*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1970.

BAUMGRATZ, Gilson. *Barra do Pirai: cronologia histórica*. Niterói: Imprensa Oficial do Estado do Rio de Janeiro, 1991.

BEIGUELMAN, Paula. *A formação do povo no complexo cafeeiro: aspectos políticos*. 2 ed. São Paulo: Livraria Pioneira, 1977.

BREVES, Reynato. *Pirai nas atas da Câmara*. Valença: Editora Valença, 2000.

BREVES, Reynato. *Sant'Ana do Pirai e sua História*. Rio de Janeiro: Diadorim, 1994.

ESTADO DO RIO DE JANEIRO. *Mensagem apresentada à Assembleia Legislativa na 2.ª sessão ordinária da 8.ª Legislatura em 1.º de agosto de 1914 pelo Presidente do Estado Dr. Francisco Chaves de Oliveira Botelho*. Rio de Janeiro: Tipografia do Jornal do Commercio, 1914.

FORTE, José Matoso Maia. O centenário do município fluminense de Pirai. *Revista da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro*, t. XLIII, p. 97-109, 1936.

LACOMBE, Américo Jacobina. A Igreja no Brasil Colonial. In: HOLANDA, Sérgio Buarque de. *A época colonial: administração, economia, sociedade*. São Paulo: Difel, 1973.

LAMEGO, Alberto Ribeiro. *O Homem e a Serra*. 2 ed. Rio de Janeiro: IBGE, 1963.

LEAL, Victor Nunes. *Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo no Brasil*. 3 ed. São Paulo: Alfa-Ômega, 1978.

MACHADO, Humberto F. *Escravos, Senhores & Café: a crise da cafeicultura escravista do Vale do Paraíba Fluminense (1860-1888)*. Niterói: Cromos, 1993.

MATTOS, Hebe. *Ao Sul da História: lavradores pobres na crise do trabalho escravo*. 2 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2009.

PEDROSO, José; PORTO, Adolpho. *Rio de Janeiro: o Estado e o Município*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1950.

PESSOA, Thiago Campos. *O império da escravidão: o complexo dos Breves no vale do café (Rio de Janeiro, c. 1850 - c. 1888)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2018.

SAMPAIO, Teodoro. *O tupi na geografia nacional*. 5 ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional; Brasília: INL, 1987.

SEIDLER, Carl. *Dez anos no Brasil: eleições sob Dom Pedro I, dissolução do Legislativo, que redundou no destino das tropas estrangeiras e das colônias alemãs no Brasil*. Brasília: Senado Federal, 2003.

SILVA, Antônio José Caetano da. Corografia Fluminense: o Estado do Rio de Janeiro em 1896. *RHGB*, t. 67, v. 110, Rio de Janeiro, 1904.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira. Abolição e crise na província do Rio de Janeiro: um balanço das principais perspectivas de pesquisa. *Acervo: Revista do Arquivo Nacional*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, 1988.

STEIN, Stanley J. *Grandeza e decadência do café no Vale do Paraíba, com referência especial ao Município de Vassouras*. São Paulo: Brasiliense, 1961.

VASCONCELOS, Clodomiro Rodrigues de. *Centenário da Independência do Brasil: álbum do Estado do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Pimenta de Mello & Cia, 1922.





## DA ESPANHA AO BRASIL: TRAJETÓRIA E GENEALOGIA DE UMA FAMÍLIA DE IMIGRANTES

*Camila Sanchez Diodato*

**Resumo:** *Este trabalho relata a história de uma família espanhola que migrou para o Brasil no início do século XX, analisando os motivos por trás dessa decisão e as consequentes mudanças nas suas vidas. Além disso, oferece informações sobre a história de Lorca e detalha a genealogia dos membros dessa família.*

**Abstract:** *This study presents the story of a Spanish family that migrated to Brazil in the early 20th century, analyzing the reasons behind their decision and the subsequent changes in their lives. Additionally, it provides information about the history of Lorca and details the genealogy of the family members.*

### Introdução

A presença espanhola no Brasil remonta ao século XVI, com a chegada de exploradores que participaram, juntamente com os portugueses, da conquista e da colonização das novas terras. Desde então, inúmeros espanhóis seguiram para o país, incluindo figuras conhecidas como o Padre José de Anchieta e o bandeirante Alonso Peres Calhamares.

Porém, foi após a abolição da escravidão que testemunhamos um aumento significativo no fluxo migratório espanhol para o Brasil. A imigração aconteceu em duas ondas distintas, sendo que a primeira se estendeu até a década de 30 e ocorreu devido a problemas econômicos e ao desenvolvimento industrial tardio na Espanha.

No total, 587.114 espanhóis imigraram ao país entre 1884 e 1933, ficando atrás apenas dos italianos (1.401.335) e dos portugueses (1.145.737). Mais da metade tinha como destino o Estado de São Paulo, com o objetivo de trabalhar nas lavouras de café.

**Imigração no Brasil, de 1884 a 1933<sup>1</sup>**

Nacionalidade	1884-1893	1894-1903	1904-1913	1914-1923	1924-1933
Alemães	22778	6698	33859	29339	61723
Espanhóis	113116	102142	224672	94779	52405
Italianos	510533	537784	196521	86320	70177
Japoneses	0	0	11868	20398	110191
Outros	66524	42820	109222	51493	164586
Portugueses	170621	155542	384672	201252	233650
Sírios e Turcos	96	7124	45803	20400	24491
Total	883668	852110	1006617	503981	717223

O governo espanhol tentou desacelerar a imigração em 26 de agosto de 1910, quando promulgou um real decreto<sup>2</sup> proibindo temporariamente a imigração com bilhete gratuito ao Brasil. Os motivos seriam as péssimas condições de vida, com inúmeros espanhóis sendo vítimas de enfermidades, com alimentação escassa e sendo reféns dos representantes das fazendas, que não pagavam em dinheiro, mas com vales para comprar o que era necessário apenas no armazém local.

A atitude do governo parece que não alterou significativamente o fluxo de espanhóis no país, visto que continuou a ocorrer um elevado índice de entrada nos anos seguintes, ficando até superior ao dos italianos.

Com relação à origem dessa leva de imigrantes, a maioria dos que vieram para o Estado de São Paulo procedia da Andaluzia, seguida da Galícia e depois de Castilla-León, como é possível conferir na tabela seguinte:

1 INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Brasil: 500 anos de povoamento*. Rio de Janeiro, 2000. Apêndice: Estatísticas de 500 anos de povoamento, p. 226.

2 Publicado na Gaceta de Madrid, nº 243, de 31 de agosto de 1910.

**Distribuição de imigrantes espanhóis por região  
no Estado de São Paulo, entre 1893 e 1922<sup>3</sup>**

Regiões de origem	1893-1902	1903-1912	1913-1922
Andalucía	43,6%	53,0%	50,0%
Galícia	22,6%	14,5%	10,3%
Castilla y León	10,4%	12,0%	10,6%
Aragón	0,8%	2,0%	1,4%
Asturias	1,1%	0,4%	0,7%
Baleares	0,2%	0,4%	0,3%
Canárias	2,0%	0,7%	0,3%
Cantabria	0,3%	0,1%	0,2%
Castilla la Mancha	1,1%	1,2%	3,0%
Cataluña	6,9%	2,3%	1,8%
Extremadura	0,7%	1,2%	6,2%
La Rioja	0,7%	0,6%	0,9%
Madrid	1,9%	0,7%	0,7%
Murcia	0,7%	5,2%	8,5%
Navarra	1,3%	2,0%	0,9%
País Vasco	2,9%	1,0%	1,0%
Valencia	2,1%	1,9%	1,8%
Outros/não declarados	0,7%	0,8%	1,4%

Já sobre a segunda onda de imigração, esta perdurou até os anos 60 e estava relacionada com a Guerra Civil Espanhola, que se iniciou em julho de 1936 e gerou uma disputa entre dois grupos opostos que lutavam pelo controle do Estado.

Neste estudo, pretendemos explorar a história de uma família espanhola, composta, na verdade, por oito famílias interligadas, que fez parte desse movimento migratório na segunda década do século XX. Abordaremos as razões para deixar sua terra natal - como fome, falta de água e pouco trabalho - e ofereceremos um breve panorama de suas vidas na Espanha, acompanhado de uma genealogia familiar.

<sup>3</sup> CÁNOVAS, Marília Dalva Klaumann. *Imigrantes espanhóis na Paulicéia: trabalho e sociabilidade urbana, 1890-1922*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2009, p. 80.

### **Situação na Espanha durante os séculos XIX e XX**

Apesar da rica história e dos recursos naturais, a Espanha enfrentou, entre os séculos XIX e XX, desafios significativos que afetaram profundamente sua população. O período foi marcado por uma série de mudanças políticas, sociais e econômicas que tiveram impactos duradouros na vida dos espanhóis.

O país passava por uma crise econômica e estrutural profunda, pois sua economia, fortemente baseada na agricultura, sofria com a falta de modernização e investimentos em infraestrutura. A maior parte da população rural vivia em condições de pobreza extrema, com acesso limitado a alimentos e recursos básicos, levando a altas taxas de mortalidade e sofrimento generalizado.

O fracasso da modernização agrícola, em particular, lançou as bases para a migração em massa. A pressão demográfica exacerbou a situação, com um aumento populacional significativo sobre um modelo agrário de subsistência já debilitado. Além disso, a lentidão no ritmo do crescimento industrial agravou a crise, pois não foi capaz de absorver o elevado número de trabalhadores deslocados do setor agrícola. Esses fatores combinados precipitaram o início de um êxodo de espanhóis em busca de oportunidades além-fronteiras para obter melhores condições de vida.

Já no século XX, o país enfrentou uma instabilidade política e uma série de conflitos internos. A Guerra Civil Espanhola (1936-1939), em especial, teve um impacto devastador na sociedade, resultando em perdas humanas e destruição em todo o país.

O Brasil atraiu um grande número de imigrantes espanhóis devido às oportunidades de trabalho e às terras disponíveis para cultivo, principalmente de café. Além disso, eles foram atraídos pelo subsídio de transporte proporcionado pelo governo.

Para muitos espanhóis, a decisão de sair de sua terra natal não foi fácil. Significava deixar para trás suas famílias, suas tradições e tudo o que conheciam, em busca de um futuro incerto em uma terra distante. No entanto, a perspectiva de uma vida melhor, muitas vezes, superava essas preocupações, levando milhares de pessoas a embarcarem em jornadas arriscadas à procura de esperança e novas oportunidades.

## De Lorca ao Brasil

Localizada no sudeste da Espanha, mais precisamente na Região de Murcia, Lorca é uma cidade histórica que se estende pelas encostas da serra de Almenara. Conhecida como *Ciudad del Sol*, por seus dias ensolarados durante a maior parte do ano, também recebeu o título de *Tierra de Frontera*, devido à proximidade com a província de Almería, que outrora fez parte do antigo Reino de Granada.

Sua história remonta à Antiguidade e, durante a Idade Média, tornou-se uma localidade importante, principalmente depois da Reconquista Cristã, dada sua posição estratégica na fronteira com o Reino de Granada.

Apesar de sua riqueza cultural e da longa trajetória histórica, as duas primeiras décadas do século XX foram marcadas por uma onda migratória de lorquinos, impulsionada pela pobreza e pela escassez de água, que devastavam a economia local e oprimiam as comunidades rurais, levando muitos à fome e à falta de oportunidades de trabalho.

Nesse contexto, insere-se a história de um grupo familiar que, entre 1912 e 1913, tomou a decisão de deixar Lorca em busca de uma vida melhor no Brasil. Dentre os relatos preservados, destaca-se o de Pedro Díaz Plazas, um dos membros dessa família, cujas palavras oferecem um testemunho direto da jornada.

*“¿Por qué emigró tanta gente de España en el comienzo de este século? Esta pregunta me la hago yo mismo muchas veces. Yo cuando era niño leí en un libro que España era muy rica en clima, en minerales y en otras muchas cosas. Mas yo de España sólo conozco el campo de Lorca, adonde nací y allí en aquel tiempo no había ninguna riqueza, allí no llovía, algunas veces se pasaba el año sin caer una gota de agua y el agua era mucho escasa, sólo había en pozos y muy hondos y pocos y los que no tenemos medios de transporte teníamos que cargarnos el agua en cántaros al hombro, en algunas casas a más de tres kilómetros. [...] En este tiempo estaba abierta la emigración y mucha gente ya había emigrado, mi padre no quería abandonar a España porque hay algo que prende la gente a el lugar que se nace, mas se agotaron todas las esperanzas de continuar allí con la falta de trabajo y miedo de la guerra de Melilla y asin como yo tanto habían emigrado nosotros también emigremos”.*<sup>4</sup>

4 “Por que emigraram tantas pessoas da Espanha no começo deste século? Esta pergunta me faço muitas vezes. Quando era criança, li em um livro que a Espanha era muito rica em clima, em minerais e em muitas outras coisas. Mas, da Espanha, só conheço o campo de Lorca, onde nasci. E lá, naquele tempo, não havia nenhuma riqueza. Lá não chovia. Às vezes, passava o ano inteiro sem cair uma gota de água e a água era muito escassa. Só havia água em poços - muito profundos e poucos - e aqueles que não tinham meios de transporte carregavam a água em cântaros no ombro, em algumas casas a mais de três quilômetros. [...] Naquele tempo, a emigração estava aberta e muita gente já havia emigrado. Meu pai

Foi em uma manhã do começo de fevereiro de 1912 que três famílias deixaram para trás parte de sua história e iniciaram uma nova jornada.

1- Antonio Díaz Pelegrín, sua mulher María Plazas Carrasco e três filhos: Catalina, Pedro e Rosa Díaz Plazas.

2- Juan Díaz Pelegrín (irmão de Antonio), sua mulher Antonia Sicília Masegosa e três filhos: Pedro, Catalina e Beatriz Díaz Sicília.

3- Catalina Sicília Masegosa, viúva de Pedro Cortijos e irmã de Antonia Sicília Masegosa, com seis filhos: Antonio, José, Pedro, Juan, Miguel e Ana Cortijos Sicília.

Neste grupo, somente Pedro Díaz Plazas sabia ler um pouco. Os demais eram analfabetos e se dedicavam exclusivamente ao trabalho rural.

Em seu depoimento para a revista<sup>5</sup>, Pedro também narra que o trajeto de Lorca até o interior de São Paulo levou vários dias. Primeiro, se deslocaram até o porto de Águilas e entraram em um barco com destino a Málaga, onde permaneceram por aproximadamente cinco dias, alimentando-se do que era distribuído aos pobres por um Quartel do Exército. A seguir, embarcaram em outro navio, desta vez para Gibraltar.

Ficaram cerca de cinco dias em Gibraltar, até que entraram no navio Espagne com destino ao Brasil. Apesar de não ser um local muito cômodo, tinham comida e cama para dormir.

O navio passou uma noite na África, no porto de Dakar, para abastecer carvão. Depois, seguiu para o Rio de Janeiro e, por fim, ao porto de Santos, onde desembarcaram na manhã do dia 18 de março de 1912. Na tarde do mesmo dia, seguiram a São Paulo e ficaram na Hospedaria de Imigrantes.

Pedro continua em sua carta para a revista que estiveram por alguns dias na Hospedaria, até que foram contratados pelo fazendeiro Telesphoro de Almeida Campos<sup>6</sup>, dono da Fazenda Monte Branco, em Indaiatuba, onde iriam trabalhar como colonos na plantação de café. Ele narra ainda que enviaram cartas a Espanha dizendo que no Brasil havia bastante trabalho e que era um lugar com muita água.

---

não queria abandonar a Espanha, porque há algo que prende as pessoas ao lugar onde nascem, mas se esgotaram todas as esperanças de continuar lá com a falta de trabalho e o medo da Guerra de Melilla. Assim, como muitos já haviam emigrado, nós também emigramos.” (PLAZAS, 1981, p. 46-47, tradução nossa).

5 PLAZAS, Pedro Díaz. Recuerdo del pasado de Pedro Diaz Plaza. Revista Carta de España – Emigración, Espanha, nº 259, julho de 1981, p. 48-49.

6 Além de Pedro Díaz Plazas relatar na carta a contratação pelo fazendeiro Telesphoro de Almeida Campos, o registro de entrada na Hospedaria de São Paulo comprova o destino das três famílias.

Como resultado, vieram ao menos mais cinco<sup>7</sup> famílias espanholas emparentadas para trabalhar na fazenda Monte Branco.

### **Chegada de mais familiares**

Dando continuidade ao movimento migratório, três famílias decidiram se juntar às que já estavam em Indaiatuba. Foi no dia 12 de setembro de 1912<sup>8</sup> que subiram, em Gibraltar, no navio Provence, comandado pelo capitão Raffaelli:

1- Pedro Díaz Pelegrín (irmão de Antonio e Juan), sua mulher María Antonia García Sánchez, sua mãe Catalina Pelegrín González e sete filhos: Pedro, Catalina, María Encarnación, María, José, Francisco e Juana Díaz García.

2- Antonio Díaz Miñarro (irmão de Pedro Díaz Miñarro - pai falecido de Antonio, Juan e Pedro Díaz Pelegrín), sua mulher Juana Díaz Sánchez e três filhos: Maria Cipriana, Antonio e Francisco Díaz Díaz.

3- Juan Navarro Artero (único que não era familiar direto dos Díaz, mas sim vizinho e amigo de Pedro Díaz Pelegrín), sua mulher Micaela Terrones Soler, sua sogra María Soler Pérez e sete filhos: José, Andrés, Isabel, Juan, Pedro, Ginés e Ana Navarro Terrones.

O grupo chegou no dia 3 de outubro no Porto de Santos, totalizando uma viagem de 21 dias de navio. Depois, foram até a Hospedaria de Imigrantes, em São Paulo, para então partir em direção à Fazenda Monte Branco<sup>9</sup>.

Assim, essas famílias se uniram a centenas de outros imigrantes que também tiveram como destino Indaiatuba. Em 1912, a cidade recebeu um total de 875 imigrantes, sendo 651 de origem espanhola<sup>10</sup>.

Já em 1913, mais duas famílias imigraram ao Brasil para se unir aos

---

7 Pelo relato de Pedro Díaz Plazas, seriam mais seis famílias, porém só encontrei cinco. Não sei se foi erro ou se havia mais parentes que imigraram ao Brasil nessa época.

8 Em um documento de María Encarnación Díaz García consta o selo da agência marítima J. Lucas Imossi & Sons com a data de 12 de setembro de 1912, sendo esta a data programada para a saída do vapor Provence, em Gibraltar, conforme anúncio publicado no jornal El Debate, nº 284, ano II, de 12 de agosto de 1912. Já o nome do capitão foi possível descobrir no livro de bordo do vapor, que está no APESP.

9 O destino das famílias aparece no livro de entrada de imigrantes da Hospedaria de São Paulo.

10 Arquivo Público do Estado de São Paulo. Anuario Estadístico de São Paulo, 1912.

demais em Indaiatuba<sup>11</sup>. Foi no dia 17 de setembro<sup>12</sup> que eles embarcaram, em Gibraltar, no navio Espagne, comandado pelo capitão Talón. Eles chegaram a Santos no dia 3 de outubro, uma trajetória de 16 dias de viagem.

Os novos integrantes eram:

1- Francisco Carrasco Giménez (tio de María Plazas Carrasco), sua mulher María Sánchez Sánchez e o filho Francisco Carrasco Sánchez.

2- Manuel Sánchez Navarro (sobrinho de María Sánchez Sánchez), sua mulher Ana Carrasco Martínez (sobrinha de Francisco Carrasco Giménez) e quatro filhos: Micaela, Juan, María e Matías Sánchez Carrasco.

### **Do interior de São Paulo à capital**

Esses imigrantes viveram algum tempo na Fazenda Monte Branco, trabalhando na plantação de café, onde foram bem tratados pelo dono. Mas, pouco tempo depois, devido à crise no setor cafeeiro, tiveram que mudar de fazenda, passando por várias outras, como Capim Fino, Itaoca, Itaguaçu, Santo Antonio, Chácara do Rosário e Fazenda Campos Neto.

Apesar das mudanças, até 1921, essas famílias não se separaram muito. Às vezes, se distanciavam em uma mudança, mas se encontravam em outra e voltavam a viver juntos. Quando não estavam cultivando café, plantavam algodão.

Isso foi relatado por Pedro Díaz Plazas em uma carta<sup>13</sup> escrita na velhice e guardada pela família. A seguir, a transcrição de alguns trechos:

*“[...] depois de conviver algum tempo todos juntos surgiu o primeiro casamento, Andres Navarro se casou com Maria Cepliana Dias nesta mesma fazenda, que tinham vindo juntos da Espanha e ali pouco depois começou o namoro de José Navarro com Catarina Dias Plazas e quando mudemos para a fazenda do Capimfino em 1915 se casaram Jose e Catarina no Capimfino que moremos 3 anos naceu a primeira filhas [sic] Micaela Navarro Dias depois mudemos para a fazenda da Itaoca, na Itaoca moremos só um ano 1918 e mudemos para a estação*

11 A informação é comprovada por meio do contrato feito pela Agência Oficial de Colocação, que aponta o colono Francisco Carrasco Giménez como contratado por Telesphoro de Almeida Campos, proprietário da Fazenda Monte Branco, em Indaiatuba, na Estação Itaicy. O documento permanece preservado pela família.

12 A data de partida do vapor Espagne consta no registro de entrada de imigrantes da Hospedaria de São Paulo. Já o nome do comandante aparece na lista de passageiros do navio, que está no Arquivo Nacional.

13 Histórias contadas pelos filhos desses espanhóis e até mesmo registros históricos confirmam o teor da carta.



*do quilombo, e na Estação do quilombo em 1919 nasceu Maria Navarro Dias, depois mudamos para a fazenda Itaguasú 1920 ali nasceu a Cipriana Navarro Dias da fazenda Itaguassu mudamos para a Fazenda Santo Antonio aqui nas proximidades da Cidade de Itú 1921 aqui nasceu João Narro [sic] Dias desde o Casamento de José Narro [sic] com Catarina Dias até 1921 sempre moremos juntos e trabalhemos juntos, da fazenda Santo Antonio nos mudamos para a Cidade de Itú numa Chacara, e Jose e Catarina ficaram na fazenda Santo Antonio mais um ano depois mudaram para a fazenda Chacara do Rosario e ali nasceu Catarina Navarro Dias depois mudaram para a fazenda Campos Neto e ali da fazenda Campos neto mudaram [sic] para a fazenda Chacara do Rosario em um sitio que eles compraram da Chacara ali nasceu a Isabel Navarro Dias, Andres Navarro Dias, Acencion Navarro Dias, e José que faleceu pequeno nos primeiros anos de vida De todas as as [sic] familias que se juntamos na fazenda Monte Branco até 1921 que fizemos diversas mudanças estas familias não se separavam muito se em uma fazenda na mudança avia separação na outra se juntavam novamente e na fazenda Santo Antonio estávamos cuasi todos juntos outra vés, [...] as outras familias a medida que os filhos se foram casando cada uma foi tomando rumos diferentes, cado um foi procurando o meio de vida que o ambiente le facilitou mas uns mais e outros menos todos os que emigraram naquela época estão trabalhando para viver [...]"*

Nas fazendas por onde passaram, a maior parte dos trabalhadores tinha origem espanhola e italiana. Por conta da decadência no setor cafeeiro, vários imigrantes deixaram o campo e passaram a viver na capital, o que aconteceu com alguns integrantes desse grupo familiar.

É nesse momento que eles começaram a ficar mais distantes, embora não percam o contato. Enquanto alguns do grupo permaneceram no interior (principalmente em Itu, Salto e Indaiatuba), outros foram para São Paulo.

Entre os imigrantes que fizeram a transição do campo para a cidade na década de 1920 estavam Francisco Carrasco Sánchez, María Sánchez Sánchez, os irmãos Díaz García, María Antonia García Sánchez, Antonio Díaz Pelegrín, María Plazas Carrasco e Pedro Díaz Plazas. Todos se estabeleceram em São Paulo, no bairro do Pari, conhecido por abrigar uma significativa comunidade de imigrantes espanhóis.

A adaptação à vida urbana representou um desafio para eles, que haviam passado toda a sua existência no campo. No entanto, ao chegarem a São Paulo, logo procuraram novas oportunidades de trabalho. Por exemplo, Francisco Carrasco Sánchez e Antonio Díaz Pelegrín foram trabalhar como ajudantes de motorista, enquanto Pedro Díaz Plazas encontrou emprego como cobrador de bondes.

O destino dessa extensa família foi variado: alguns integrantes permaneceram em São Paulo até o final de suas vidas, outros optaram por retornar

ao interior depois de se aposentarem, uma parte dos que estavam no interior decidiu migrar para São Paulo anos mais tarde, enquanto alguns nunca saíram do interior.

Ao longo de suas vidas, eles mantiveram laços variados com sua língua e cultura de origem. Alguns preservaram seus sotaques, enquanto outros, chegando ainda na infância, assimilaram o português de tal forma que falavam o idioma com fluência e precisão.

### **Casamentos no Brasil**

Quando chegaram ao Brasil, não era tão comum as famílias se misturarem com outras nacionalidades. Alguns membros do grupo se casaram entre si, enquanto outros contraíram matrimônio com cônjuges espanhóis ou de ascendência espanhola. Contudo, em seu núcleo não havia barreiras que impedissem casamentos com outras nacionalidades, portanto, alguns integrantes se uniram a famílias brasileiras ou italianas.

Dos 34 solteiros que desembarcaram entre 1912 e 1913, 12 se casaram entre si. São eles:

- 1- Andrés Navarro Terrones e María Cipriana Díaz Díaz casaram-se aos 25-OUT-1913, em Indaiatuba.
- 2- José Navarro Terrones e Catalina Díaz Plazas casaram-se aos 2-OUT-1915, em Indaiatuba.
- 3- José Cortijos Sicilia e Isabel Navarro Terrones casaram-se aproximadamente em 1918.
- 4- Francisco Carrasco Sánchez e María Encarnación Díaz García casaram-se aos 16-NOV-1918, em Indaiatuba.
- 5- Juan Navarro Terrones e Rosa Díaz Plazas casaram-se aos 30-OUT-1924, em Itu.
- 6- Pedro Navarro Terrones e Ana Cortijos Sicilia casaram-se aos 26-FEV-1927, em Itu.

Já os demais imigrantes solteiros seguiram caminhos diversos em suas vidas matrimoniais.

Entretanto, pelo menos três faleceram solteiros pouco tempo depois de chegarem ao Brasil, são eles Antonio Díaz Díaz, Matías Sánchez Carrasco e Ana Navarro Terrones.

Só não foram encontrados os destinos de Francisco Díaz Díaz e Micaela Sánchez Carrasco.

### **Breve genealogia dos imigrantes**

A seguir, será apresentada a genealogia das oito famílias de Lorca, todas nascidas nos campos, próximos à Serra de Almenara. Ao chegarem ao Brasil, essas famílias inicialmente se estabeleceram em áreas rurais, em fazendas voltadas para a produção de café. Com o passar do tempo, parte migrou para os centros urbanos, como São Paulo.

Este estudo genealógico é fruto de uma investigação aprofundada em registros civis e eclesiásticos, bem como em outros documentos históricos. Ele permite não apenas o entendimento das origens desses imigrantes espanhóis, mas também revela aspectos de sua trajetória ao longo dos séculos. Aqui, serão traçadas as linhas de descendência e as interconexões familiares entre os Díaz, Sicília, Navarro, Carrasco e Sánchez.

Cada família será examinada individualmente, com destaque para acontecimentos marcantes, os locais em que viveram e as ocupações que exerceram durante suas vidas.

É relevante destacar que Lorca, no decorrer dos séculos, abrigou várias igrejas, cujos registros são fundamentais para a pesquisa genealógica. As paróquias de San Patricio, com registros de batismo a partir de 1598, e San Mateo, a partir de 1533, abrigam os maiores acervos documentais. Entretanto, outras paróquias, como Santa María (1554), San Juan (1521), San Cristóbal (1565), Santiago (1575) e San Pedro (1529), sofreram destruições com o passar do tempo, o que comprometeu o acesso aos seus registros históricos.

Adicionalmente, as famílias pesquisadas têm origens em localidades que, no passado, faziam parte de Lorca, como Águilas, que se tornou independente em 1834, e Puerto Lumbreras, que obteve sua autonomia em 1958. Além disso, há conexões importantes com cidades vizinhas, especialmente na província de Almería.

## Os Díaz

### §1º

- (I) ALONSO DÍAZ AZNAR<sup>14</sup> contraiu núpcias com JUANA SÁNCHEZ CARO. Ele faleceu antes de 22-FEV-1680<sup>15</sup> e ela foi enterrada no Convento de Nuestra Señora de las Huertas, extramuros, aos 27-DEZ-1704<sup>16</sup>, tendo deixado testamento.

O casal teve 16 filhos, todos batizados na Paróquia de San Mateo, em Lorca. Os registros indicam que Martín Díaz e Patricia García y Vera foram padrinhos de seus filhos.

Tiveram a seguinte descendência:

- 1(II) JUAN, batizado aos 14-SET-1649<sup>17</sup>.
- 2(II) LUCAS CARO, nascido aos 12-NOV-1652<sup>18</sup> e batizado no dia 20 subsequente. Uniu-se a FRANCISCA DE VERA, deixando geração que segue.
- 3(II) ALONSO, que nasceu aos 6-ABR-1654<sup>19</sup> e foi batizado no dia 26 do mesmo mês.

---

14 É provável que os pais de Alonso sejam Juan Díaz, filho de Martín Díaz, e Ginesa Cayuela, filha de Alonso Aznar. Esse casal teve um filho chamado Alonso, batizado aos 3-DEZ-1619, na Paróquia de San Mateo. Além disso, eles são pais de Martín Díaz, que foi padrinho de todos os filhos de Alonso com Juana - na Espanha, os padrinhos costumavam ser parentes próximos do batizado. Outro detalhe relevante é que uma das filhas de Alonso assinava como Ginesa Cayuela. Naquela época, quando uma pessoa compartilhava o mesmo nome ou tinha um vínculo especial com parentes próximos (como avós ou tios), era comum optar por usar o sobrenome desse parente em vez do dos pais.

15 Alonso aparece como falecido no casamento de sua filha Juana Díaz.

16 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Enterros de San Patricio nº 7 (1694-1714), fls. 242v.

17 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Mateo nº 4 (1643-1669), fls. 108.

18 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Mateo nº 4 (1643-1669), fls. 170v.

19 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Mateo nº 4 (1643-1669), fls. 212v.

- 4(II) ALFONSO, cujo batismo ocorreu aos 14-MAR-1655<sup>20</sup>, quando tinha dez dias de vida.
- 5(II) TOMÁS DÍAZ, nascido em 20-JAN-1656<sup>21</sup> e batizado no dia 7 do mês seguinte. A 1-SET-1687<sup>22</sup>, também na Paróquia de San Mateo, casou-se com PASCUALA DE CHUECOS, batizada por volta de 1653<sup>23</sup>, na Paróquia de Santa María, em Lorca, filha de Ginés de Chuecos e Margarita Andreo. Pascuala foi enterrada aos 11-JAN-1718<sup>24</sup>, no Convento de Nuestra Señora de las Huertas, extramuros, e outorgou testamento perante Luis Eugenio.
- 6(II) GINESA CAYUELA (ou Ginesa Díaz), batizada aos 4-OUT-1657<sup>25</sup>. Em 11-JAN-1677<sup>26</sup>, na Paróquia de San Mateo, uniu-se a MIGUEL NAVARRO, filho de Juan Navarro e Ginesa Navarro. Pertencente à Irmandade de Nuestra Señora de los Remedios, Ginesa foi sepultada, em 1-DEZ-1715<sup>27</sup>, na Igreja de San Francisco, tendo feito testamento perante Luis Eugenio de Gumiel.
- 7(II) JUANA DÍAZ, batizada a 26-ABR-1659<sup>28</sup>. No dia 22-FEV-1680<sup>29</sup>, na Paróquia de San Mateo, casou-se com JOSÉ LÓPEZ, batizado

---

20 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Mateo n.º 4 (1643-1669), fls. 234.

21 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Mateo n.º 4 (1643-1669), fls. 4 (numeração a partir do ano 1656).

22 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Matrimônios de San Mateo n.º 3 (1670-1714), fls. 15 (numeração a partir de 1686).

23 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Índice do Livro de Batismos de Santa María n.º 4, fls. 24.

24 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Enterros de San Patricio, 1710-1740, fls. 25v.

25 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Mateo n.º 4 (1643-1669), fls. 46v (numeração a partir do ano 1656).

26 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Matrimônios de San Mateo n.º 3 (1670-1714), fls. 49v.

27 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Enterros de San Mateo n.º 8 (1702-1746), fls. 84.

28 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Mateo n.º 4 (1643-1669), fls. 85v (numeração a partir do ano 1656).

29 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Matrimônios de San Mateo n.º 3 (1670-1714), fls. 83v.

aos 14-MAIO-1659<sup>30</sup>, na Paróquia de San Patricio, também em Lorca. Ele é filho de José López e Simona de Peñas (ou Simona Pérez<sup>31</sup>), naturais de Totana (Murcia), e afilhado de D. Pedro Contreras y Lara e sua filha D. Josefa Contreras y Lara.

- 8(II) INÉS, nascida em 1-ABR-1660<sup>32</sup> e batizada oito dias depois.
- 9(II) JOSEFA, com batismo realizado aos 30-MAR-1661<sup>33</sup>, tendo nascido no dia 19 do mesmo mês.
- 10(II) MARÍA, nascida aos 8-JUN-1662<sup>34</sup>, recebeu o batismo com 12 dias de vida.
- 11(II) MARTÍN, nascido em 1-JUL-1664<sup>35</sup> e batizado no dia 10 subsequente.
- 12(II) ALONSO DÍAZ, batizado junto ao seu irmão gêmeo Martín. Casou-se aos 2-MAR-1697<sup>36</sup>, na Paróquia de San Patricio, com MARÍA DE CHUMILLAS, filha de Pedro Chumillas e Isabel López. Ela foi enterrada na mesma igreja de seu matrimônio, aos 28-AGO-1707<sup>37</sup>.
- 13(II) PEDRO, nascido aos 29-JUN-1666<sup>38</sup> e batizado em 11 de julho.

30 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Patricio nº 1 (1598-1662), fls. 126v.

31 Nos registros de batismo dos filhos, Simona é mencionada apenas com o sobrenome Pérez. Em seu casamento, realizado aos 23-JUL-1640, em Totana, ela é identificada como Simona Pérez, filha de Francisco Peñas e Francisca Ruiz.

32 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Mateo nº 4 (1643-1669), fls. 109v (numeração a partir do ano 1656).

33 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Mateo nº 4 (1643-1669), fls. 135 (numeração a partir do ano 1656).

34 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Mateo nº 4 (1643-1669), fls. 163v (numeração a partir do ano 1656).

35 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Mateo nº 4 (1643-1669), fls. 225v (numeração a partir do ano 1656).

36 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Matrimônios de San Patricio nº 3 (1686-1704), fls. 57.

37 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Enterros de San Patricio, 1694-1714, fls. 297.

38 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Mateo nº 4

- 14(II) MARÍA DÍAZ, nascida a 1-AGO-1668<sup>39</sup> e batizada 17 dias depois. Em 13-OUT-1692<sup>40</sup>, casou-se com BARTOLOMÉ SÁNCHEZ SICILIA, filho de Pedro Sánchez Sicilia<sup>41</sup> e Úrsula Marín, neto paterno de Alonso Sánchez Sicilia e Sebastiana Sicilia, e neto materno de Pedro Navarro Marín e Juana García. Bartolomé nasceu aos 2-SET-1665<sup>42</sup> e foi batizado no dia 23 subsequente, tendo como padrinhos Juan Sánchez e Catalina Pérez. María Díaz faleceu com 64 anos e foi enterrada aos 2-ABR-1733<sup>43</sup>, sendo que vivia em condição de pobreza<sup>44</sup>. Todos os eventos aconteceram na Paróquia de San Mateo.
- 15(II) MELCHOR recebeu o sacramento do batismo aos 22-JAN-1670<sup>45</sup>, tendo nascido no dia 6 do mesmo mês.
- 16(II) ISABEL DÍAZ, nascida a 1-JUL-1672<sup>46</sup> e batizada 27 dias depois. Em 1-DEZ-1692<sup>47</sup>, na Paróquia de San Mateo, contraiu núpcias com BARTOLOMÉ GARCÍA MIÑARRO, filho de Francisco García Miñarro e María García. Isabel faleceu com 59 anos e foi

---

(1643-1669), fls. 292v (numeração a partir do ano 1656).

39 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Mateo nº 4 (1643-1669), fls. 363v (numeração a partir do ano 1656).

40 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Matrimônios de San Mateo nº 3 (1670-1714), fls. 57 (numeração a partir de 1686).

41 Pedro Sánchez Sicilia foi casado em primeiras núpcias com Ana de Medina, em segundas com Lucía Blázquez e em terceiras com Úrsula Marín.

42 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Mateo nº 4 (1643-1669), fls. 261v (numeração a partir do ano 1656).

43 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Enterros de San Mateo nº 8 (1702-1746), fls. 193v.

44 No registro consta que ela “fue de limosna por ser pobre de solemnidad” (“foi de esmola por ser pobre de solenidade”, tradução literal), isso significa que o funeral de María foi pago com esmolos e que ela tinha poucos recursos financeiros, sendo que deveria recorrer à caridade.

45 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Mateo nº 5 (1670-1689), fls. 1v.

46 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Mateo nº 5 (1670-1689), fls. 70.

47 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Matrimônios de San Mateo nº 3 (1670-1714), fls. 60v (numeração a partir de 1686).

enterrada, aos 9-DEZ-1731<sup>48</sup>, na Paróquia de San Patricio.

- (II) LUCAS CARO (ou Lucas Díaz Caro) casou-se aos 16-MAIO-1678<sup>49</sup>, na Paróquia de San Patricio, com FRANCISCA DE VERA<sup>50</sup>, filha de Antonio de Vera - morador de Puerto Nogalte, falecido *ab intestato* e sepultado na Paróquia de San Cristóbal em 22-JAN-1689<sup>51</sup> - e Lucía Martínez.

Lucas Caro faleceu aos 80 anos e foi enterrado a 11-SET-1733<sup>52</sup>, na mesma igreja do matrimônio, tendo outorgado testamento ante Luis Eugenio de Gumiel.

Foram moradores de *Cortijos del Puerto*<sup>53</sup> e tiveram nove filhos batizados na Paróquia de San Patricio, apenas os batismos de Francisca e Lucía não foram localizados. São eles:

- 1(III) ALFONSO recebeu o batismo aos 16-AGO-1683<sup>54</sup> e teve como padrinhos os seus tios Miguel Navarro e Ginesa Cayuela (Os Díaz, §1º, 6-II).

- 2(III) ANTONIO JOSÉ, nascido aos 18-AGO-1689<sup>55</sup> e batizado no dia 12 do mês seguinte. Foram padrinhos os seus tios Antonio de Vera

---

48 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Enterros de San Patricio, 1710-1740, fls. 85.

49 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Matrimônios de San Patricio nº 2 (1662-1686), fls. 21v.

50 A família de Francisca de Vera era paroquiana da Igreja de San Cristóbal, em Lorca, conforme evidenciado no casamento de seu irmão, Antonio de Vera, com Ana de Alajarin (ou Ana de Lajarin), ocorrido aos 26-OUT-1676, na Paróquia de San Patricio. Além disso, o seu pai está enterrado em San Cristóbal.

51 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Enterros de San Patricio, fls. 267.

52 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Enterros de San Patricio, 1710-1740, fls. 90v.

53 Trata-se da área de Puerto Lumbreras.

54 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Patricio nº 2 (1662-1685), fls. 102.

55 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Patricio nº 3 (1685-1696), fls. 48.



e Ana Alajarín.

- 3(III) MARÍA, batizada aos 24-SET-1691<sup>56</sup>, sendo afillhada de José García e sua mulher Catalina Torrecilla.
- 4(III) ANTONIO, nascido aos 27-AGO-1693<sup>57</sup> e batizado no dia 17 do mês seguinte. Teve como padrinhos Gerónimo Franco e sua mulher Catalina Torrecilla.
- 5(III) ANTONIO JOSÉ nasceu aos 18-MAR-1695<sup>58</sup> e recebeu o sacramento do batismo no dia 14 do mês seguinte, que contou com a presença do casal José García Cereceda e Catalina Martínez como padrinhos.
- 6(III) TOMÁS JOSÉ, nascido aos 26-ABR-1697<sup>59</sup> e batizado no dia 16 do mês seguinte. Teve como padrinhos o casal José García Cereceda e Catalina Martínez.
- 7(III) PASCUAL DÍAZ CARO, nascido aos 23-MAIO-1699<sup>60</sup> e batizado no dia 3 do mês seguinte. Foram padrinhos José García e sua mulher Catalina Martínez. Em 12-OUT-1722<sup>61</sup>, na Paróquia de San Patricio, celebrou matrimônio com MELCHORA PÉREZ, filha de Juan Pérez Espejo (ou Juan Pérez Monte), natural de Cuevas del Almanzora (Almería)<sup>62</sup>, e Beatriz de Guevara, neta paterna de Francisco Pérez Espejo (ou Francisco Pérez Monte) e Ana Ponce, e neta materna de Juan de Guevara e Melchora Ros (ou Melchora

---

56 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Patricio nº 3 (1685-1696), fls. 78v.

57 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Patricio nº 3 (1685-1696), fls. 111v.

58 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Patricio nº 3 (1685-1696), fls. 139.

59 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Patricio nº 4 (1696-1711), fls. 15v.

60 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Patricio nº 4 (1696-1711), fls. 44v.

61 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Matrimônios de San Patricio nº 5 (1718-1745), fls. 44v.

62 Juan Pérez Espejo nasceu aos 19-ABR-1672 e teve o batismo realizado no dia 10 de maio, na Paróquia de Nuestra Señora de la Encarnación, sendo padrinhos Juan Valero e Juana Rosique.

Ros Pérez de Tudela). Melchora Pérez nasceu aos 21-DEZ-1704<sup>63</sup> e foi batizada oito dias depois, na Paróquia de San Patricio, com os nomes Melchora María, tendo possivelmente os avós maternos como padrinhos.

8(III) LUCAS CARO (ou Lucas Díaz Caro), nascido aos 3-JAN-1702<sup>64</sup> e batizado, no dia 6 do mês seguinte, com os nomes Lucas José. Foram seus padrinhos José García Cereceda e Catalina Torrecilla. Casou-se com ÁNGELA GARCÍA (ou Ángela García Egea y Mula), filha de Juan García Romera e Ángela de Egea. Ele faleceu com 49 anos e foi sepultado na Paróquia de San Cristóbal, aos 19-ABR-1751<sup>65</sup>.

9(III) JOSÉ CARO, nascido aos 19-MAR-1704<sup>66</sup> e batizado no dia 14 do mês seguinte. Foram padrinhos D. Cristóbal José de Quesada e sua irmã D. Tomasa de Quesada. Casou-se com ÁNGELA SICILIA, deixando geração que segue.

10(III) FRANCISCA CARO (ou Francisca Díaz Caro) celebrou matrimônio em 10-OUT-1712<sup>67</sup>, na Paróquia de San Patricio, com MARTÍN FRANCO, sendo eles moradores de *La Casa de Quesada*. Batizado na mesma igreja, em 8-MAIO-1689<sup>68</sup>, ele é filho de Ginés Franco<sup>69</sup> e María León, neto paterno de Domingo Franco e Isabel de Lucerga, neto materno de Felipe García e Lucía

---

63 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Patricio nº 4 (1696-1711), fls. 113v.

64 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Patricio nº 4 (1696-1711), fls. 75v.

65 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Puerto Lumbreras, Livro de Enterros de Nuestra Señora del Rosario nº 1, fls. 80.

66 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Patricio nº 4 (1696-1711), fls. 104v.

67 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Matrimônios de San Patricio nº 4 (1704-1717), fls. 53v.

68 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Patricio nº 3 (1685-1696), fls. 45.

69 Ginés Franco foi casado em primeiras núpcias com Catalina Martínez Arroyos (ou Catalina Gómez), filha de Gregorio Martínez e Juana de Arroyos.

Sánchez, e afilhado de Bartolomé Lucerga e D. María Navarro. Já viúva, Francisca Caro foi sepultada na Igreja de San Patricio, aos 31-AGO-1756<sup>70</sup>, e outorgou testamento ante o escrivão Antonio Serrano Fajardo.

11(III) LUCÍA CARO<sup>71</sup>, casada com MATÍAS XIMÉNEZ. Ele foi enterrado a 1-MAIO-1729<sup>72</sup>, na Paróquia de San Patricio, e outorgou testamento ante o escrivão Juan Sánchez Botia. Ela teve o enterro realizado na mesma igreja, aos 22-OUT-1762<sup>73</sup>.

(III) JOSÉ CARO (ou José Díaz Caro, José Díaz Vera) casou-se em 25-NOV-1733<sup>74</sup>, na Paróquia de San Patricio, com ÁNGELA SICILIA (ou Ángela Sicilia Sánchez), filha de Mateo Sicilia e Juana María Sánchez Reverte. Ángela foi batizada na mesma igreja, aos 29-MAR-1711<sup>75</sup>, com os nomes Ángela María, sendo afilhada de Alonso de Robles e Catalina Sicilia.

José faleceu por volta de 1746 e, em aproximadamente 1748<sup>76</sup>, Ángela contraiu segundas núpcias com Miguel Rodríguez, filho de Sebastián Rodríguez e Dionisia Sánchez (Os Sánchez, §1º, 4-II).

Aos 13-OUT-1771<sup>77</sup>, a Paróquia de San Patricio recebeu notificação sobre o falecimento de Ángela na cidade de Alhama de Murcia, sendo enterrada na Igreja de San Lázaro e tendo outorgado testamento ante o escrivão Antonio de Falces.

---

70 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Enterros de San Patricio, fls. 4v.

71 Apesar de não ter sido localizado o batismo e o casamento de Lucía Caro, há indícios que comprovam o seu parentesco: o batismo de Juliana Díaz Caro e o casamento de Pedro Sánchez Franco com María Ximénez (Os Sánchez, §1º, IV).

72 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Enterros de San Patricio, 1710-1740, fls. 70.

73 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Enterros de San Patricio, fls. 127.

74 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Matrimônios de San Patricio nº 5 (1718-1745), fls. 139.

75 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Patricio nº4 (1696-1711), fls. 216.

76 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Índice de Matrimônios de San Patricio nº 6 (1745-1762), fls. 53v.

77 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Enterros de San Patricio, fls. 336v.

José e Ángela deixaram os seguintes filhos, todos batizados na Paróquia de San Patricio:

- 1(IV) FRANCISCA DÍAZ CARO, batizada aos 21-SET-1734<sup>78</sup> com os nomes Francisca María. Foram padrinhos os seus tios Lucas Caro e Ángela García (Os Díaz, §1º, 8-III). Casou-se por volta de 1749<sup>79</sup>, na mesma igreja de batismo, com ROQUE PÉREZ, filho de Francisco Pérez Espejo<sup>80</sup> e María Josefa Lorenzo (ou María Lorenzo, María Gabaldón), neto paterno de Juan Pérez Espejo e Beatriz de Guevara, e neto materno de Alfonso Lorenzo e Ana Gabaldón (ou Ana Matías). Roque nasceu aos 16-AGO-1729<sup>81</sup> e foi batizado no dia 31 do mesmo mês, em Puerto Lumbreras, com os nomes Alfonso Roque, sendo os seus padrinhos Jaime Fernández e Ana Pérez. Ele faleceu aos 42 anos, sendo a missa de corpo presente ocorrida aos 22-NOV-1771<sup>82</sup> e o sepultamento no Convento de San Francisco; outorgou testamento ante o escrivão D. Antonio Serrano e nomeou como testamentários o seu irmão Francisco Pérez e o seu cunhado Lucas Díaz. Já Francisca faleceu aos 41 anos, sua missa de corpo presente aconteceu no dia 2-OUT-1775<sup>83</sup> e o enterro ocorreu no mesmo convento de seu marido; ela também fez testamento perante o escrivão D. Serrano.
- 2(IV) JUANA FAUSTINA DÍAZ (ou Juana Díaz Caro, ou Juana Faustina Caro), que nasceu em 15-FEV-1737<sup>84</sup> e teve o batismo realizado no dia 8 do mês seguinte, sendo padrinhos os seus tios Lucas Caro e Ángela García. Por volta de 1754<sup>85</sup>, na Paróquia

78 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Patricio nº 7 (1734-1742), fls. 16.

79 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Índice de Matrimônios de San Patricio nº 6 (1745-1762), fls. 65.

80 Francisco Pérez Espejo é irmão de Melchora Pérez, casada com Pascual Díaz Caro (Os Díaz, §1º, 7-III).

81 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Puerto Lumbreras, Livro de Batismos de Nuestra Señora del Rosario nº 1, fls. 65.

82 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Puerto Lumbreras, Livro de Enterros de Nuestra Señora del Rosario nº 2, fls. 95.

83 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Puerto Lumbreras, Livro de Enterros de Nuestra Señora del Rosario nº 2, fls. 137v.

84 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Patricio nº 7 (1734-1742), fls. 142.

85 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Índice de Matrimônios de San Patricio

de San Patricio, uniu-se a PABLO XIMÉNEZ, filho de Gregorio Ximénez e Sebastiana Sánchez (Os Sánchez, §1º, 8-II). Pablo, batizado na Paróquia de San Patricio, aos 23-MAR-1730<sup>86</sup>, com os nomes Pablo Xabier, nasceu no dia 4 do mesmo mês e teve como padrinhos Pablo Ximénez e María García. Juana foi enterrada na Paróquia de San Mateo, aos 17-MAIO-1785<sup>87</sup>.

- 3(IV) JULIANA DÍAZ CARO recebeu o batismo em 6-ABR-1739<sup>88</sup>, quando lhe foram dados os nomes Juliana Patricia Josefa, tendo nascido no dia 16 de março do mesmo ano e sendo Lucas Caro e sua irmã Lucía Caro nomeados os padrinhos. Casou-se na Paróquia de San Patricio, aos 3-MAR-1762<sup>89</sup>, com PABLO XIMÉNEZ<sup>90</sup>, filho de Pablo Ximénez e Ana Rodríguez, neto paterno de Pablo Ximénez e Leonor Martínez, e neto materno de Sebastián Rodríguez e Dionisia Sánchez (Os Sánchez, §1º, 4-II). Pablo foi batizado em 15-JAN-1735<sup>91</sup>, aos dez dias de vida e com os nomes Pablo Antonio, na Paróquia de San Mateo; teve Juan de Belmar e Isabel Ximénez como padrinhos. O casal aparece, no *Padrón de Vecindario* de 1797<sup>92</sup>, como arrendatários em Purias. Juliana foi sepultada na Paróquia de San Patricio em 7-MAR-1802<sup>93</sup> e fez testamento ante o escrivão Pedro Francisco García. No dia 5-JUL-1802<sup>94</sup>, também em San Patricio, Pablo contraiu segundas núpcias com María Victoriana Aznar, viúva de Domingo García. No *Padrón*

nº 6 (1745-1762), fls. 139v.

86 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Patricio nº 6 (1722-1734), fls. 242.

87 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Enterros de San Mateo nº 9 (1757-1788), fls. 365.

88 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Patricio nº 7 (1734-1742), fls. 251v.

89 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Matrimônios de San Patricio nº 7 (1762-1780), fls. 2.

90 Ele é primo de Pablo Ximénez, casado com sua cunhada Juana Faustina Díaz. Seus pais, Gregorio e Pablo Ximénez, são irmãos.

91 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Mateo nº 8, fls. 157v.

92 Archivo Municipal de Lorca. Padrón de Vecindario, 1797, Diputación de Purias.

93 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Enterros de San Patricio nº 14, fls. 146v.

94 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Matrimônios de San Patricio nº 9 (1796-1810), fls. 116.

de *Vecindario* de 1807<sup>95</sup>, Pablo é registrado como residente de Purias, junto com sua esposa Victoriana. Eles são vizinhos de seu filho Pablo Ximénez, casado com Francisca Martínez e pai de cinco filhos: Antonio, de 16 anos; Pablo, de 14; Lucas, de 10; José, de 8; e Miguel, de 4. Já no *Padrón de Vecindario* de 1815, Pablo Ximénez reside na mesma localidade com sua mulher, dois enteados (Manuel García, 19 anos; e Domingo García, 17) e um filho (José, 8 anos).

- 4(IV) ÁNGELA DÍAZ CARO, batizada aos 19-MAR-1741<sup>96</sup> com os nomes Ángela León. Foram padrinhos Lucas Caro e Lucía Caro. Casou-se aos 3-MAR-1762<sup>97</sup>, na Paróquia de San Patricio, com JUAN PÉREZ, irmão de Roque Pérez (Os Díaz, §1º, 1-IV). Juan foi batizado aos 16-MAR-1739<sup>98</sup>, em Puerto Lumbreras, com os nomes Juan Antonio e teve como padrinhos os avós paternos. O casal morou em Pulpí (Almería)<sup>99</sup>, sendo que ele trabalhou como jornalista.
- 5(IV) LUCAS DÍAZ, nascido aos 13-JAN-1743<sup>100</sup> e batizado no dia 8 do mês seguinte com os nomes Lucas Hilario. Foram padrinhos os seus tios Lucas Caro e Ángela García. Casou três vezes, deixando geração que segue.
- 6(IV) VICTORIANA MARÍA, nascida aos 23-MAR-1745<sup>101</sup> e batizada no dia 8 do mês seguinte. Foram padrinhos os seus tios Lucas Caro e Ángela García.

95 Archivo Municipal de Lorca. Padrón de Vecindario, 1807, Diputación de Purias.

96 Na ata de batismo consta que nasceu no dia 20 do dito, portanto, existe a possibilidade dela ter nascido em 20 de fevereiro ou a data está incorreta. Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Patricio nº 7 (1734-1742), fls. 346.

97 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Matrimônios de San Patricio nº 7 (1762-1780), fls. 2.

98 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Puerto Lumbreras, Livro de Batismos de Nuestra Señora del Rosario nº 1, fls. 221v.

99 Archivo Municipal de Lorca. Padrón de Vecindario, 1807, Diputación de Pulpí.

100 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Patricio nº 8 (1742-1749), fls. 54v.

101 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Patricio nº 8 (1742-1749), fls. 178.

- (IV) LUCAS DÍAZ contraiu matrimônio aos 19-NOV-1764<sup>102</sup>, na Paróquia de San Patricio, com DAMIANA RODRÍGUEZ, filha de Miguel Rodríguez<sup>103</sup> e Tomasa Giménez<sup>104</sup>, neta materna de Bartolomé Ximénez e Tomasa Romera. Damiana foi batizada em 5-OUT-1744<sup>105</sup>, na mesma igreja do matrimônio, com os nomes Damiana María. Contou com D. Antonio García Hoyos e sua mãe D. Gabriela Fernández Valera como padrinhos. Ela faleceu aos 32 anos e foi enterrada, em 28-MAIO-1777<sup>106</sup>, também em San Patricio.

O casal teve seis filhos, todos batizados na Paróquia de San Patricio.

- 1(V) JOSÉ MARÍA REGINO, nascido aos 7-SET-1765<sup>107</sup> e batizado no dia 16 subsequente. Foram padrinhos os seus tios Roque Pérez e Francisca Díaz (Os Díaz, §1º, 1-IV). Faleceu na infância, em 18 de maio ou em 24 de agosto de 1769<sup>108</sup>.
- 2(V) ÁNGELA MARÍA TEODORA nasceu aos 8-NOV-1767<sup>109</sup> e foi batizada no dia 24 do mesmo mês. Também teve como padrinhos Roque Pérez e Francisca Díaz.

---

102 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Matrimônios de San Patricio nº 7 (1762-1780), fls. 63v, nº 250.

103 Miguel é o segundo marido de Ángela Sicilia (Os Díaz, §1º, III).

104 Na ata de batismo de Damiana, seu nome aparece como Alfonsa.

105 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Patricio nº 8 (1742-1749), fls. 143v.

106 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Enterros de San Patricio, fls. 382v.

107 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Patricio nº 12 (1761-1767), fls. 168v.

108 Há duas atas de enterro de filhos de Lucas Díaz e Damiana Rodríguez, porém está escrito apenas “*niño*” e não os nomes. Possivelmente, uma seja de José e a outra de seu irmão Miguel. Um está enterrado no Convento de San Francisco de Puerto Nogalte e o outro na Paróquia de San Patricio.

109 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Patricio nº 12 (1761-1767), fls. 382v.

- 3(V) MIGUEL ANTONIO JULIÁN, que nasceu aos 15-FEV-1769<sup>110</sup> e foi batizado no dia 2 do mês seguinte. Foram padrinhos Roque Pérez e Francisca Díaz. Faleceu com poucos meses de vida.
- 4(V) JOSÉ DÍAZ, nascido aos 24-SET-1770<sup>111</sup> e batizado no dia 10 do mês seguinte com os nomes José Ramón Mariano, tendo Roque Pérez como padrinho. Celebrou matrimônio com CATALINA MARTÍNEZ, filha de Juan Martínez e Quiteria Narcisa Martínez. No *Padrón de Vecindario* de 1807, José aparece como lavrador e residente de Purias, ao lado da esposa e do filho Lucas (5 anos), sendo vizinho de sua madrasta Úrsula.
- 5(V) TOMASA MARÍA ANTONIA, que recebeu o sacramento do batismo em 17-SET-1773<sup>112</sup>, com 12 dias de vida. Foi padrinho Francisco Pérez.
- 6(V) MIGUEL ANTONIO MARTÍN, nascido aos 30-JAN-1775<sup>113</sup> e batizado no dia 8 do mês seguinte, tendo como padrinho Francisco Pérez. Faleceu na infância e foi enterrado, na Paróquia de San Patricio, em 19-ABR-1776<sup>114</sup>.

Logo após o falecimento de Damiana, Lucas contraiu segundas núpcias com CATALINA NAVARRO, enterrada no Convento de San Francisco aos 15-DEZ-1777<sup>115</sup>, com quem não deixou descendência.

Já em 1-FEV-1778<sup>116</sup>, na Paróquia de San Patricio, Lucas uniu-se em matrimônio com ÚRSULA MARTÍNEZ, filha de Pedro Martínez e María Montiel, neta paterna de Pedro Martínez e Úrsula Vilar, e neta materna

110 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Patricio nº 13 (1767-1770), fls. 141v, nº 448.

111 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Patricio nº 14 (1770-1774), fls. 11.

112 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Patricio nº 14 (1770-1774), fls. 291v.

113 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Patricio nº 15 (1774-1779), fls. 42.

114 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Enterros de San Patricio, fls. 135.

115 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Enterros de San Patricio, fls. 170.

116 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Matrimônios de San Patricio nº 7 (1762-1780), fls. 302, nº 239.



de Mateo Montiel e María de Miras. Ela nasceu a 26-AGO-1751<sup>117</sup> e foi batizada três dias depois, na mesma igreja, com os nomes Úrsula María, e teve como padrinhos Agustín Martínez e sua avó materna.

Conforme *Padrón de Vecindario* de 1797, o casal morava em Purias, junto dos filhos Pedro, Fulgencio, Antonio e María. Enquanto Lucas trabalhava como lavrador, os dois primeiros filhos eram muleiros.

Lucas faleceu aos 59 anos e foi enterrado no Convento San Francisco, a 24-JUN-1802<sup>118</sup>. Ele outorgou poder de testar a sua mulher perante o escrivão Alfonso Marcelino Gómez.

Já no *Padrón de Vecindario* de 1807, Úrsula figura como residente em Purias, juntamente com o seu filho mais novo, Antonio. Ela morreu aos 77 anos e foi sepultada em 11-JUN-1829<sup>119</sup>, na Paróquia de San Patricio, tendo testado ante o escrivão Antonio José García.

Deixaram como descendência:

7(V) MARÍA DÍAZ, nascida aos 28-JAN-1779<sup>120</sup> e batizada no dia 7 do mês seguinte, na Paróquia de San Patricio, com os nomes María Juliana. Foi padrinho Mateo Ruiz, marido de Dionisia Rodríguez (ou Leonisa Rodríguez). Casou-se em 2-ABR-1801<sup>121</sup>, na mesma igreja, com PEDRO MONTIEL, filho de Pedro Montiel (da Paróquia de San José, em Lorca) e Dionisia Calvo, neto paterno de Blas Montiel e María Navarro, e neto materno de Diego Calvo e María Rodríguez.

8(V) PEDRO DÍAZ, nascido aos 25-OUT-1780<sup>122</sup> e batizado no dia 2 do mês seguinte, na Paróquia de San Patricio,

---

117 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Patricio n.º 9 (1749-1755), fls. 114.

118 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Enterros de San Patricio n.º 14, fls. 149.

119 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Enterros de San Patricio n.º 16, fls. 79.

120 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Patricio n.º 15 (1774-1779), fls. 391, n.º 965.

121 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Matrimônios de San Patricio n.º 9 (1796-1810), fls. 104.

122 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Patricio n.º 16, fls. 76.

com os nomes Pedro José Evaristo. Foram padrinhos Mateo Ruiz e Dionisia Rodríguez. Casou-se com MARÍA ANTONIA FERNÁNDEZ, deixando geração que segue.

9(V) FULGENCIO DÍAZ nasceu aos 16-JAN-1783<sup>123</sup> e foi batizado no dia 21 do mesmo mês, em Coy (*pedanía* de Lorca), com os nomes Fulgencio Antonio José Mariano. Teve como padrinhos Mateo Ruiz e Dionisia Rodríguez. Casou-se em primeiras núpcias, aos 8-SET-1804<sup>124</sup>, na Paróquia de San Patricio, com ANA MARÍA DE MIRAS, filha de Feliciano de Miras e Ana Bernal, neta paterna de Juan de Miras e María Ros, e neta materna de Juan Bernal e Catalina Hernández. Ela foi batizada com os nomes Ana María Juana, no dia 5-FEV-1783<sup>125</sup>, na mesma igreja do matrimônio, tendo nascido em 27 de janeiro e sendo apadrinhada por Ginés de Mula e Josefa de Miras. Ana María foi enterrada, no Campo Santo, em 31-JUL-1812<sup>126</sup> e, posteriormente, seu marido uniu-se em matrimônio com ROSA GARCÍA, filha de Diego García, natural de Murcia, e Juana Martínez, neta paterna de Pedro García, de Murcia, e Juana Moreno, de Almedina (Ciudad Real), e neta materna de Melchor Martínez, de Totana, e Rosa Gabarrón. Rosa nasceu em 22-JAN-1790<sup>127</sup> e foi batizada no dia 10 do mês seguinte, também em San Patricio, com os nomes Rosa María Vicenta, sendo os seus padrinhos José Martínez e Rosa Tudela.

10(V) ANTONIA FERMINA DOLORES, batizada a 12-JUL-1786<sup>128</sup>, com cinco dias de vida, em Coy. Foram

---

123 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Coy/Lorca, Livro de Batismos de San José nº 1781-1796, fls. 28v, nº 10.

124 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Matrimônios de San Patricio nº 9 (1796-1810), fls. 161.

125 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Patricio nº 16, fls. 301v, nº 3357.

126 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Enterros de San Patricio, fls. 395.

127 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Patricio nº 19 (1788-1791), fls. 139.

128 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Coy/Lorca, Livro de Batismos de San José nº 1781-1796, fls. 95.

padrinhos Mateo Ruiz e Dionisia Rodríguez.

11(V) ANTONIO DÍAZ, que foi batizado aos 4-FEV-1789<sup>129</sup>, em Coy, e recebeu os nomes Antonio José María de la Candelaria. Teve como padrinhos os seus irmãos José e María Díaz. Desposou D. OLALLA PORLÁN (ou Olalla Josefa Porlán), filha de D. Pedro Porlán e D. Isabel Sánchez Manzanera, na Paróquia de San Patricio, aos 26-NOV-1808<sup>130</sup>. Ela era neta paterna de D. Bernabé Porlán e D. Lucía Antonia Morales, e neta materna de Diego Sánchez Manzanera e Olaya Sánchez, esta natural de Totana. Olalla Porlán foi enterrada em 12-JAN-1839<sup>131</sup>, no Campo Santo, tendo outorgado o seu testamento, no dia 5 do mesmo mês, perante o escrivão José Fernández Briceño e declarado como testamenteiros o seu marido e Salvador García. Já Antonio Díaz foi sepultado no mesmo lugar, aos 5-JUN-1847<sup>132</sup>, e deixou testamento também ante Fernández Briceño, feito no dia 2-FEV-1843 e estipulando como testamenteiros Francisco Alcaraz e Pedro González.

12(V) MARÍA DE LA ENCARNACIÓN DOMINGA nasceu aos 4-AGO-1792<sup>133</sup>, às 22 horas, e recebeu o sacramento do batismo no dia 9 subsequente, em Coy. Foram padrinhos D. José María Muro e D. Joaquina Luisa Pérez Valiente.

(V) PEDRO DÍAZ contraiu matrimônio com MARÍA ANTONIA FERNÁNDEZ (ou María Fernández) aos 9-SET-1801<sup>134</sup>, na Paróquia de San Patricio, 129 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Coy/Lorca, Livro de Batismos de San José nº 1781-1796, fls. 156.

130 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Matrimônios de San Patricio nº 9 (1796-1810), fls. 233v.

131 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Enterros de San Patricio nº 16, fls. 143v.

132 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Enterros de San Patricio nº 16, fls. 184.

133 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Coy/Lorca, Livro de Batismos de San José nº 1781-1796, fls. 216v.

134 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Matrimônios de San Patricio

sendo eles parentes de terceiro com quarto grau de consanguinidade. Filha de Salvador Fernández e Francisca Ambel, neta paterna de Agustín Fernández e María de Tapia, e neta materna de Francisco Ambel e Francisca Díaz, María Antonia nasceu em 4-DEZ-1783<sup>135</sup> e foi batizada dois dias depois na mesma igreja, sendo Agustín Fernández e Concepción Díaz os seus padrinhos.

No *Padrón de Vecindario* de 1807<sup>136</sup>, Pedro está como morador nas *Casas del Campo*, *Diputación* de Cazalla, local em que vive um total de seis famílias. Ele aparece como hortelão e vizinho de seu irmão Fulgencio Díaz. Sua esposa está erroneamente chamada de Francisca Fernández.

Pedro faleceu aos 31 anos e foi sepultado no Campo Santo, aos 7-NOV-1811<sup>137</sup>. No livro de enterros da Paróquia de San Patricio não consta informação sobre a causa da morte, mas existe a possibilidade de ter acontecido devido a uma epidemia de febre amarela<sup>138</sup> que, no período de 1811 e 1812, dizimou parte dos habitantes da região.

Pouco antes da disseminação da doença, a cidade já estava em uma situação fragilizada. Em 22-ABR-1810, sob o comando do general Horace Sébastiani, as tropas francesas ocuparam a cidade, submetendo a população a saques contínuos, a pesados tributos de guerra e à profanação e roubo de objetos religiosos<sup>139</sup>.

María Antonia casou-se novamente, por volta de 1817<sup>140</sup>, com José Pérez, filho de Andrés Pérez, de Cuevas del Almanzora, e Rosa López. Ela faleceu

---

nº 9 (1796-1810), fls. 107v.

135 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Patricio nº 16 (1780-1783), fls. 380, nº 3662.

136 Archivo Municipal de Lorca. Padrón de Vecindario, 1807, Diputación de Cazalla.

137 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Enterros de San Patricio, fls. 376v.

138 CÁCERES PLA, Francisco. *Lorca. Noticias históricas, literarias, estadísticas, etc., de la antigua Ciudad del Sol*. Madrid: Imprenta del Boletín de Instrucción Pública, 1902, p. 106 e 109.

139 MULA GÓMEZ, Antonio José. Aproximación a la Guerra de la Independencia en Lorca y su distrito. *Anales de Historia Contemporánea*, nº 1, Molina de Segura, Universidad de Murcia y Caja de Ahorros de Alicante y Murcia, 1982, p. 66.

140 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Índice de Matrimônios de San Patricio, 1810-1830, fls. 147v.

aos 48 anos e foi enterrada, no Campo Santo, em 27-DEZ-1831<sup>141</sup>, tendo outorgado testamento ante o escrivão Joaquim Cabrera Sánchez.

Pedro e María Antonia foram pais de:

- 1(VI) LUCAS DÍAZ, nascido em 1-JAN-1807<sup>142</sup> e batizado dois dias depois, na Paróquia de San Patricio, com os nomes Lucas José Manuel. Teve como padrinhos os seus tios Pedro Montiel e María Díaz (Os Díaz, §1º, 7-V). Contraiu matrimônio com FELICIANA BUJEUQUE, filha de Francisco Bujequé e María Lizarán. Feliciano foi sepultado, no Campo Santo, a 27-JAN-1849<sup>143</sup>.
- 2(VI) SALVADOR DÍAZ nasceu aos 11-AGO-1810<sup>144</sup> e recebeu o sacramento do batismo dois dias depois, na Paróquia de San Patricio, sendo nomeado Salvador José Tiburcio. Também foram padrinhos Pedro Montiel e sua mulher María Díaz. Salvador casou-se duas vezes, deixando geração que segue.
- (VI) SALVADOR DÍAZ casou-se em primeiras núpcias, aos 5-MAR-1832<sup>145</sup>, com MARÍA GERTRUDIS AVELLANEDA, nascida em 17-NOV-1811<sup>146</sup>, às 6 horas, e batizada no dia seguinte, em Campo López (povoado da *pedanía* Carrasquilla, em Lorca). Ela era filha de Felipe Avellaneda e Leonor Escobar, neta paterna de José Avellaneda e María Pérez, e neta materna de José Escobar e Inés Fernández, tendo como padrinhos Blas Avellaneda e sua esposa Ana Pérez. O casal não teve filhos e María Gertrudis faleceu pouco tempo depois.

Em 31-DEZ-1834<sup>147</sup>, na Paróquia de San Patricio, ele contraiu segundas

141 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Enterros de San Patricio nº 16, fls. 93.

142 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Patricio nº 24 (1806-1810), fls. 57.

143 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Enterros de San Patricio nº 17 (1841-1851), fls. 156v.

144 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Patricio nº 25 (1810-1815), fls. 10.

145 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Matrimônios de San Patricio nº 11 (1830-1851), fls. 50v.

146 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Campo López/Lorca, Livro de Batismos de San Pedro Apóstol nº 2 (1811-1820), fls. 10, nº 37.

147 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Matrimônios de San Patricio nº 11 (1830-1851), fls. 128v.

núpcias com SABINA MIÑARRO, nascida a 30-JUL-1816<sup>148</sup> e batizada no dia seguinte, na mesma igreja, com os nomes Sabina María. Ela era filha de Martín Miñarro e Sabina de Jódar, neta paterna de Miguel Miñarro e Antonia Alcaraz, e neta materna de Antonio de Jódar e Ana Serrano, sendo esta última a sua madrinha.

Residente em Purias, Salvador trabalhou como lavrador<sup>149</sup> e, possivelmente, faleceu junto de sua mulher devido a uma pandemia que ocorreu em meados do século XIX. Ele morreu a 26-DEZ-1852<sup>150</sup>, aos 42 anos, enquanto Sabina em 4-JUN-1853<sup>151</sup>, aos 36 anos. Salvador outorgou testamento em 18-NOV-1852 ante o escrivão D. Juan Pérez de Tudela y Megías, porém ela não deixou testamento.

A causa para ambas as mortes foi atribuída a calenturas, no entanto, no livro de óbitos de San Patricio não há menção específica à doença, apenas constata-se que várias pessoas faleceram pelo mesmo motivo. Diversas enfermidades podem estar associadas a calenturas; todavia, é documentado que em 1852 houve um surto de malária na cidade, resultando na morte de 762 pessoas<sup>152</sup>.

Salvador e Sabina tiveram sete filhos, todos batizados na Paróquia de San Patricio:

- 1(VII) MARÍA ANTONIA GREGORIA, nascida aos 28-NOV-1835<sup>153</sup> e batizada no dia seguinte. Teve como madrinha Olalla Porlán, casada com Antonio Díaz (Os Díaz, §1º, 11-V). Possivelmente faleceu na infância, pois não aparece em documentações desde o

148 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Patricio nº 26 (1815-1818), fls. 74.

149 Archivo Municipal de Lorca. Padrón de Vecindario, 1845, Diputación de Purias.

150 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Enterros de San Patricio nº 18 (1852-1855), fls.13.

151 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Enterros de San Patricio nº 18 (1852-1855), fls. 42v.

152 CASTEJÓN PORCEL, Gregorio. Paludismo en España en los siglos XVIII-XIX: Distribución espacial y erradicación. In: RIVA, Juan de la; IBARRA, Paloma; MONTORIO, Raquel; RODRIGUES, Marcos (Eds.). *Análisis espacial y representación geográfica: innovación y aplicación*. Zaragoza: Departamento de Geografía y Ordenación del Territorio, Universidad de Zaragoza, 2015, p. 75.

153 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Patricio nº 33 (1835-1838), fls. 43.

*Padrón de Vecindario* de 1845.

- 2(VII) PEDRO DÍAZ MIÑARRO (ou Pedro José Díaz), que nasceu em 2-NOV-1837<sup>154</sup> e foi batizado no dia 5 subsequente, tendo recebido os nomes Pedro José Eustoquio. Também teve Olalla Porlán como sua madrinha. Casou-se com CATALINA PELEGRÍN GONZÁLEZ, deixando geração que segue.
- 3(VII) SABINA MARÍA JUANA DE LA CRUZ, nascida aos 24-NOV-1839<sup>155</sup> e batizada dois dias depois, sendo seu padrinho Antonio Díaz, já viúvo de Olalla Porlán. Talvez seja a María Díaz dos *Vecindarios* de 1845 e 1859, apesar de indicarem, respectivamente, 5 e 18 anos de idade.
- 4(VII) MARTÍN JOSÉ FERMÍN, nascido aos 12-OUT-1841<sup>156</sup> e batizado no dia seguinte. Foram padrinhos Antonio Díaz e sua filha Úrsola Díaz. Provavelmente faleceu na infância.
- 5(VII) ANTONIO DÍAZ MIÑARRO, batizado em 16-DEZ-1845<sup>157</sup>, aos dois dias de vida, com os nomes Antonio Nicasio. Teve como padrinho Antonio Miñarro, viúvo. Casou-se com JUANA DÍAZ SÁNCHEZ, com geração que segue no §2º.
- 6(VII) SALVADOR JOSÉ EZEQUIEL, nascido aos 10-ABR-1848<sup>158</sup> e batizado no dia 12 do mesmo mês. Seus tios, Lucas Díaz e Feliciano Bujeque, foram escolhidos como padrinhos. Faleceu na infância e foi sepultado, em Lorca, aos 9-JAN-1849<sup>159</sup>.

---

154 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Patricio nº 33 (1835-1838), fls. 300.

155 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Patricio nº 34 (1838-1841), fls. 147.

156 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Patricio nº 34 (1838-1841), fls. 473.

157 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Patricio nº 35 (1842-1845), fls. 372.

158 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Patricio nº 36 (1845-1848), fls. 252.

159 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Enterros de San Patricio nº 17 (1841-1851), fls. 155v.

7(VII) LUCAS JUAN DE LA CRUZ, nascido aos 24-NOV-1849<sup>160</sup> e batizado no dia seguinte. Teve como padrinhos Lucas Díaz e sua filha María del Pilar Díaz. Faleceu na infância e foi enterrado, em Lorca, aos 6-ABR-1851<sup>161</sup>.

(VII) PEDRO DÍAZ MIÑARRO ficou órfão aos 15 anos de idade. Pelo menos até 30-SET-1858<sup>162</sup>, ele era o arrendatário de um terreno em Sutullena, com 11 *celemines*, cujo proprietário era o Cabildo Colegial de Lorca.

Conforme *Padrón de Vecindario* realizado em 1859<sup>163</sup>, vivia em Purias com os seus irmãos María Díaz e Antonio Díaz Miñarro, na mesma casa de Pedro Pérez, meio-irmão de seu pai<sup>164</sup>.

No dia 29-NOV-1862<sup>165</sup>, em Puerto Lumbreras, Pedro casou-se com CATALINA PELEGRÍN GONZÁLEZ, nascida aos 14-JUN-1838<sup>166</sup> e batizada no dia seguinte, na mesma igreja, com os nomes Catalina Basilia. Ela era filha de Francisco Javier Pelegrín López e Sebastiana María González Morales, neta paterna de José Pelegrín e Catalina López, e neta materna de Vicente González e Josefa Morales, sendo seus padrinhos Ginés González e Antonia Pelegrín. No *Padrón de Vecindario* de 1845<sup>167</sup>, Catalina vivia com seus pais, ao lado de seus avós, em La Escucha - seu pai e o avô paterno eram jornaleiros, enquanto o avô materno era *piojarero*<sup>168</sup>.

---

160 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Patricio nº 37 (1848-1851), fls. 115.

161 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Enterros de San Patricio nº 17 (1841-1851), fls. 198v.

162 Archivo Municipal de Murcia. Boletín Oficial de la Provincia de Murcia, nº 127, 6-AGO-1858.

163 Archivo Municipal de Lorca, Padrón de Vecindario, 1860. Diputación de Purias, 1859.

164 Casado com María Cabrera, Pedro Pérez é filho do segundo matrimônio de María Fernández com José Pérez.

165 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Puerto Lumbreras, Livro de Matrimônios de Nuestra Señora del Rosario nº 6 (1857-1866), fls. 160.

166 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Puerto Lumbreras, Livro de Batismos de Nuestra Señora del Rosario nº 13 (1836-1841), fls. 101v.

167 Archivo Municipal de Lorca, Padrón de Vecindario, 1845. Diputación de La Escucha.

168 Eram denominados *piojareros* (*pegujaleros*) os camponeses que tinham pouca terra



Pedro morou em Purias, na casa nº 144<sup>169</sup>, e, ao longo de sua vida, trabalhou como ferreiro, lavrador e jornalista. Ele faleceu entre 1893 e 1899, possivelmente em Lorca, e Catalina estava viva em 1915 no Estado de São Paulo.

Deixaram a seguinte descendência:

- 1(VIII) SALVADOR, batizado por volta de 1863<sup>170</sup>, em Campo López. Não foi encontrado em outros documentos e pode ter falecido na infância.
- 2(VIII) JAVIER DÍAZ PELEGRÍN, nascido aos 28-MAIO-1865<sup>171</sup> e batizado no dia seguinte, em Campo López, com os nomes Javier Justo. Teve como padrinhos Antonio Rubio e sua mulher María del Pilar Díaz<sup>172</sup>. Ainda era vivo em 1917, ano em que aparece no *Censo Electoral Provincial*<sup>173</sup> como jornalista e residente em Purias.
- 3(VIII) PEDRO DÍAZ PELEGRÍN, que nasceu possivelmente aos 4-OUT-1869<sup>174</sup>, em Lorca. Casou-se com MARÍA ANTONIA GARCÍA SÁNCHEZ, deixando geração que segue.
- 4(VIII) LUCAS DÍAZ PELEGRÍN, com nascimento em torno de 1870. Foi excluído temporariamente do recrutamento militar em 1890 devido à baixa altura de 1.535mm, sendo avaliado nos três anos seguintes, quando chegou a 1.542mm<sup>175</sup>. Trabalhava como

---

para cultivar.

169 Archivo Municipal de Murcia. Censo Electoral de 1890. Sección 17.

170 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Campo López/Lorca, Índice de Batismos da Paróquia de San Pedro Apóstol, livro nº 8, fls. 143v. Não se sabe se o livro foi destruído ou perdido, até existe um com o número 8, porém inicia em 1860 e termina em 1861.

171 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Campo López/Lorca, Livro de Batismos de San Pedro Apóstol nº 9, fls. 28.

172 María del Pilar Díaz é filha de Lucas Díaz e Feliciano Bujeque (Os Díaz, §1º, 1-VI).

173 Archivo General de la Región de Murcia. Censo Electoral Provincial de 1917: Lorca, Distrito Municipal Quinto, Sección Tercera, Purias.

174 Informação consta no Registro de Entrada da Hospedaria de Imigrantes de São Paulo. Em seu casamento consta que era da Paróquia de San Patricio e os livros da época do seu nascimento estão desaparecidos.

175 Conforme lei, publicada no Gaceta de Madrid de 13-JUL-1885, era estabelecida altura mínima de 1.545mm para o serviço militar. Quem não alcançasse seria *excluído*

jornaleiro e, em 1920<sup>176</sup>, morava em Purias.

5(VIII) ANTONIO DÍAZ PELEGRÍN nasceu possivelmente a 24-JAN-1873<sup>177</sup>, em Lorca. Casou-se com MARÍA PLAZAS CARRASCO, com geração que segue no §3º.

6(VIII) JUAN DÍAZ PELEGRÍN, nascido provavelmente aos 5-JAN-1874<sup>178</sup>, em Lorca. Uniu-se a ANTONIA SICILIA MASEGOSA, com geração que segue no §4º.

7(VIII) JOSÉ FRUCTUOSO recebeu o batismo com dois dias de vida, a 11-FEV-1877<sup>179</sup>, em Coy. Foram padrinhos Antonio Rubio e sua mulher María del Pilar Díaz.

8(VIII) SEBASTIANA DÍAZ PELEGRÍN, nascida aos 25-MAIO-1884, em Lorca. Uniu-se a MIGUEL VIDAL CORBALÁN, nascido em 13-NOV-1878<sup>180</sup>, às 2 horas, e batizado no dia seguinte, em Puerto Lumbreras, filho de José Vidal e María Corbalán, neto paterno de Miguel Vidal e Isabel Giménez, e neto materno de Francisco Corbalán e María Pérez. Miguel foi combatente na Guerra de Cuba e deixou um testemunho de sua vida: “...*me fui a la guerra de cuba estube unos 3 meses me pagaron 50 ptas queria casarme le pedi los papeles me dijeron que no podian darmelos me bine en el camino me puse malo me metí en una posada en Lorca pase la enfermedad metido en un pesebre a donde comían las mulas y me declararan que era pormonía perdí un pormón que nunca se me curó fui tirando de la vida cuando la familia se enteraron fueron a por mi me case con mi novia con la cantidad que me dieron de 50 ptas con muchas pejugeras trabajando lo que podia llegue a tener*

---

*temporalmente* e obrigado a voltar nos três anos seguintes para aferir a altura. Caso alcançasse o estipulado, seria imediatamente declarado *sorteable*.

176 Archivo General de la Región de Murcia. Censo Electoral Provincial de 1920: Lorca, Distrito Municipal Quinto, Sección Tercera, Purias.

177 Informação consta na lista do vapor Espagne, de 18-MAR-1912.

178 Informação consta na lista do vapor Espagne, de 18-MAR-1912.

179 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Coy/Lorca, Livro de Batismos de San José nº 12 (1870-1878), fls. 324v.

180 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Puerto Lumbreras, Livro de Batismos de Nuestra Señora del Rosario nº 23 (1878-1881), fls. 74.

*12 hijos los crie con muchas penas*<sup>181</sup>”. O casal faleceu em Lorca.

(VIII) PEDRO DÍAZ PELEGRÍN contraiu matrimônio aos 10-OUT-1892<sup>182</sup>, em Puerto Lumbreras, com MARÍA ANTONIA GARCÍA SÁNCHEZ, nascida em 15-JUL-1871<sup>183</sup>, às 19 horas, e batizada dois dias depois, na mesma igreja, com os nomes María Antonia Enriqueta. Ela era filha de José Antonio García Díaz e María Encarnación Sánchez Sánchez, neta paterna de Gaspar García e María Díaz, e neta materna de Andrés Sánchez e María Sánchez; teve como padrinhos Luis Navarro e sua mulher Leonor García, sendo esta irmã de seu pai. Pedro faleceu antes de 1930 no Estado de São Paulo, enquanto María Antonia morreu em 1-AGO-1947<sup>184</sup>, na capital paulista.

Foram pais de:

1(IX) CATALINA DÍAZ GARCÍA nasceu provavelmente aos 28-AGO-1894<sup>185</sup>, em Lorca. A 25-OUT-1913, em Indaiatuba (São Paulo), contraiu matrimônio com ANDRÉS SÁNCHEZ BELZUNCE<sup>186</sup>, nascido aos 18-SET-1892<sup>187</sup> e batizado no dia seguinte, em Puerto Lumbreras, com os nomes Andrés María de los Dolores. Ele era filho de Francisco Sánchez Alonso e María Concepción Belzunce Meca, neto paterno de Andrés Sánchez Sánchez e Ana Alonso,

181 “... fui para a Guerra de Cuba, estive por cerca de 3 meses, me pagaram 50 pesetas. Queria me casar e pedi os papéis, mas me disseram que não podiam me dar. Voltei, adoeci no caminho, me hospedei em uma pousada em Lorca e fiquei em uma manjedoura, onde comiam as mulas. Me disseram que estava com pneumonia e perdi um pulmão, que nunca se curou. Fui levando a vida como pude. Quando a família soube, vieram me buscar. Casei com minha noiva com a quantia que me deram de 50 pesetas. Enfrentando muitas dificuldades e trabalhando no que podia. Cheguei a ter 12 filhos, que criei com muitas dificuldades.” (FUNDACIÓN CENTRO DE ESTUDIOS HISTÓRICOS E INVESTIGACIONES LOCALES DE LA REGIÓN DE MURCIA, p. 125, tradução nossa).

182 Consta no registro que os contraentes e seus pais trabalhavam como jornaleiros. Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Puerto Lumbreras, Livro de Matrimônios de Nuestra Señora del Rosario nº 9 (1890-1899), fls. 107v.

183 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Puerto Lumbreras, Livro de Batismos de Nuestra Señora del Rosario nº 20 (1868-1871), fls. 308.

184 Registro Civil do Brás. Livro de Óbitos nº 11, fls. 312, termo nº 14.031.

185 Informação consta no Registro de Entrada da Hospedaria de Imigrantes de São Paulo.

186 Andrés e Catalina possuem o 3º grau de consanguinidade. O avô paterno dele, Andrés Sánchez Sánchez, era irmão da avó materna dela, María Encarnación Sánchez Sánchez.

187 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Puerto Lumbreras, Livro de Batismos de Nuestra Señora del Rosario nº 28 (1890-1892), fls. 285.

e neto materno de Juan Belzunce e Ana Meca. Andrés chegou a trabalhar como carroceiro para a Cotonificio Paulista e também como ajudante de caminhão. Ela faleceu aos 28-JUL-1954<sup>188</sup>, na capital paulista, enquanto ele, no dia 26-SET-1970<sup>189</sup>, em Osasco (São Paulo).

2(IX) PEDRO DÍAZ GARCÍA, nascido possivelmente aos 3-JUN-1897<sup>190</sup>, em Lorca. Casou-se a 27-DEZ-1930<sup>191</sup>, em Ribeirão Preto (São Paulo), com IDA TONELLI, nascida em 12-FEV-1903 e batizada aos 2-JAN-1904<sup>192</sup>, na Paróquia de São Sebastião, tendo como padrinhos Manoel da Silva Cardoso e Christina Pontin. Ela era filha de Domenico Tonella, natural de Spercenigo (Treviso), e Giuseppina Donà, de Rovigo. Pedro trabalhou como motorista e faleceu aos 23-SET-1981<sup>193</sup>, enquanto sua mulher morreu a 19-SET-1992<sup>194</sup>, ambos em São Paulo.

3(IX) MARÍA ENCARNACIÓN DÍAZ GARCÍA nasceu aos 20-AGO-1899<sup>195</sup>, em Lorca. Contraiu matrimônio em Indaiatuba, no dia 16-NOV-1918<sup>196</sup>, com FRANCISCO CARRASCO SÁNCHEZ (Os Carrasco, §1º, 1-IV). María Encarnación faleceu em 17-AGO-1927<sup>197</sup>, na capital paulista, devido à septicemia, uma semana após o nascimento do seu terceiro filho. A família conta que ela foi fazer

188 Registro Civil do Pari. Livro de Óbitos C-9, fls. 159v, termo nº 6.311.

189 Registro Civil de Osasco. Livro de Óbitos C-27, fls. 193, termo nº 28.462.

190 Informação consta no Registro de Entrada da Hospedaria de Imigrantes de São Paulo.

191 Registro Civil de Ribeirão Preto. Livro de Casamentos nº 47, fls. 72v, termo nº 321.

192 Arquivo Arquidiocesano de Ribeirão Preto. Ribeirão Preto, Livro de Batismos de São Sebastião nº 21 (1902-1904), fls. 172v.

193 Registro Civil de Vila Matilde. Livro de Óbitos, fls. 37v, termo nº 2.402.

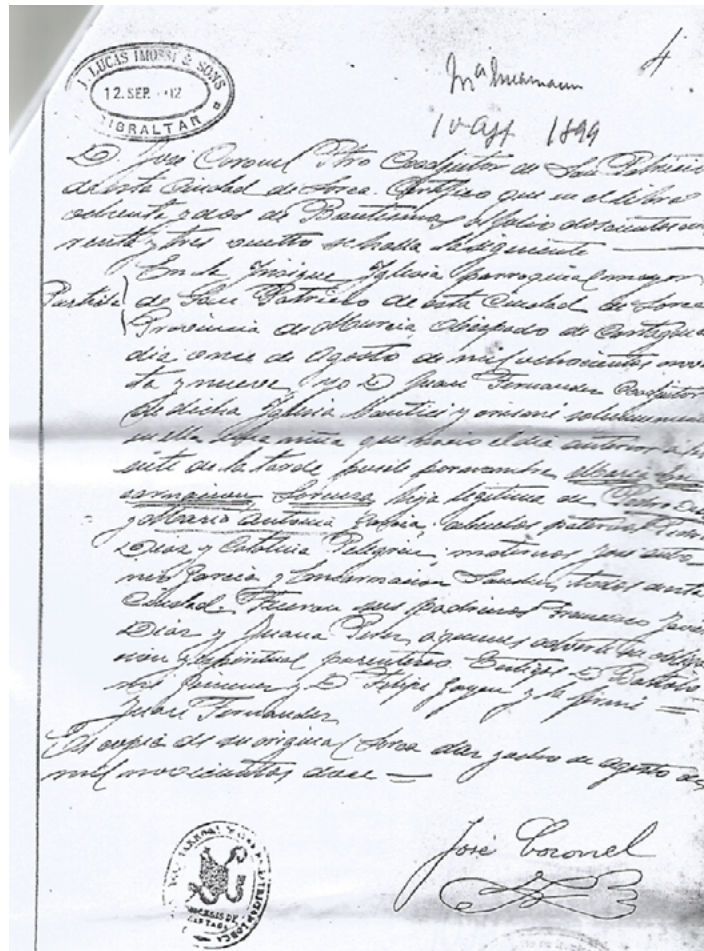
194 Registro Civil de Vila Matilde. Livro de Óbitos, fls. 64, termo 9.575.

195 Consta no livro de nascimento do Registro Civil que ela nasceu em 20-AGO-1899. Porém, uma cópia de sua certidão de batismo, da Paróquia de San Patricio (livro 82, fls. 243v - desaparecido), indica que foi batizada no dia 11-AGO-1899 e que nasceu no dia 10. Existe uma dúvida quanto à verdadeira data de nascimento, mas há a possibilidade de ser a mencionada no batismo, já que vários membros de sua família materna receberam um terceiro nome em homenagem ao santo do dia em que nasceram ou foram batizados, e 10 de agosto é dia de San Lorenzo. No batismo, ela recebeu os nomes María Encarnación Lorenza, enquanto no civil está apenas Encarnación. Seus padrinhos foram Francisco Javier Díaz e Juana Pérez.

196 Registro Civil de Indaiatuba. Livro de Casamentos, fls. 40, termo nº 61.

197 Registro Civil do Belenzinho. Livro de Óbitos nº 26, fls. 163, termo nº 775.

as tarefas domésticas, se sentiu mal e foi internada no Hospital de Caridade do Braz.



Cópia do batismo de María Encarnación Díaz García.

4(IX) JOSÉ DÍAZ GARCÍA, que nasceu possivelmente aos 24-ABR-1902<sup>198</sup>, em Lorca. Casou-se com IRIA GARCIA, nascida em São Paulo, por volta de 1911, filha de Regino García, espanhol,

<sup>198</sup> Informação consta no Registro de Entrada da Hospedaria de Imigrantes de São Paulo.

e Isabel Salvador García, natural de São Paulo. José trabalhou como motorista e faleceu a 13-JAN-1952<sup>199</sup>, na cidade do Rio de Janeiro. Já Iria morreu aos 3-NOV-2004<sup>200</sup>, em Nova Iguaçu (Rio de Janeiro).

- 5(IX) MARÍA DÍAZ GARCÍA, nascida aos 25-ABR-1906<sup>201</sup> e batizada com dois dias de vida, em Puerto Lumbreras, tendo como padrinhos Javier Díaz e Juana Pérez. Em São Paulo, uniu-se a ENRIQUE RIVERA ESCALANTE, possivelmente natural de Morón de la Frontera (Sevilha), filho de José Rivera Montes e Concepción Escalante Orta. María faleceu, aos 30-ABR-1997<sup>202</sup>, em São Paulo, e seu marido, que trabalhou como eletricista, morreu por volta de 1968.
- 6(IX) FRANCISCO DÍAZ GARCÍA (ou Francisco Gavino Dias), nascido possivelmente aos 18-FEV-1909, em Lorca. Casou-se a 14-NOV-1931<sup>203</sup>, em São Paulo, com ESMERALDA GARCÍA, nascida provavelmente aos 5-MAR-1912, também na capital paulista, e irmã de Iria Garcia (Os Díaz, §1º, 4-IX). Francisco trabalhou como pintor e faleceu aos 3-MAIO-1979<sup>204</sup>, em Barra do Piraí (Rio de Janeiro).
- 7(IX) JUANA DÍAZ GARCÍA nasceu em Lorca, possivelmente no dia 1-JUN-1912<sup>205</sup>. Aos 30-JUN-1934<sup>206</sup>, na capital paulista, celebrou matrimônio com FERNANDO PORTERO LIRIA, nascido provavelmente a 3-JAN-1906, em Tíjola (Almería), filho de Ramón Portero Rodríguez e María Liria Pérez, neto paterno de Juan Portero Fernández, de Serón (Almería), e Antonia Rodríguez Martínez. Juana estava viva em 1980 e seu marido, que trabalhou

199 Registro Civil do Rio de Janeiro, antiga 12ª Circunscrição-Irajá. Livro de Óbitos 2F 40, fls. 76v, termo nº 26.813.

200 Registro Civil da 2ª Circunscrição do 1º Distrito de Nova Iguaçu. Livro de Óbitos 135-C, fls. 96, termo nº 76.679.

201 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Puerto Lumbreras, Livro de Batismos de Nuestra Señora del Rosario nº 35 (1905-1909), fls. 75, nº 272.

202 Registro Civil de Santana. Livro de Óbitos nº 84, fls. 5v, termo nº 50.641.

203 Registro Civil de Belenzinho. Livro de Casamentos nº 32, fls. 184v, termo nº 1.797.

204 Registro Civil de Barra do Piraí. Livro de Óbitos C-4, fls. 11v, termo nº 1.705.

205 Informação consta no Registro de Entrada da Hospedaria de Imigrantes de São Paulo.

206 Registro Civil do Brás. Livro de Casamentos nº 8, fls. 61v, termo nº 4.144.

como industrial, faleceu aos 28-OUT-1957<sup>207</sup>, em São Paulo.

### §2º

- (VII) ANTONIO DÍAZ MIÑARRO contraiu matrimônio com JUANA DÍAZ SÁNCHEZ, nascida possivelmente aos 12-SET-1850<sup>208</sup>, em Lorca. Em 1890, Antonio morava na casa 2 de Purias e trabalhava como colono. O casal faleceu no Brasil.

Foram pais de:

- 1(VIII) MARÍA CIPRIANA DÍAZ DÍAZ, nascida possivelmente aos 16-SET-1890<sup>209</sup>, em Lorca. Casou-se a 25-OUT-1913<sup>210</sup>, em Indaiatuba, com ANDRÉS NAVARRO TERRONES (Os Navarro, §1º, 2-VII). María faleceu em Salto (São Paulo), no dia 22-JAN-1961<sup>211</sup>.
- 2(VIII) ANTONIO DÍAZ DÍAZ, que nasceu provavelmente a 26-FEV-1893<sup>212</sup>, em Lorca. Faleceu em Indaiatuba, no dia 11-MAIO-1916<sup>213</sup>.
- 3(VIII) FRANCISCO DÍAZ DÍAZ, nascido em Lorca, possivelmente aos 9-MAR-1896<sup>214</sup>.

### §3º

- (VIII) ANTONIO DÍAZ PELEGRÍN foi excluído temporariamente do recrutamento militar em 1890 por conta de sua baixa estatura, que era de 1.540mm. Casou-se com MARÍA PLAZAS CARRASCO (Os Carrasco, §4º, 1-IV).

\_\_\_\_ Em Lorca, Antonio trabalhou como jornalista; no Brasil, atuou como 207 Registro Civil do Brás. Livro de Óbitos nº 15, fls. 378, termo nº 18.956.

208 Informação consta no Registro de Entrada da Hospedaria de Imigrantes de São Paulo.

209 Informação consta no Registro de Entrada da Hospedaria de Imigrantes de São Paulo.

210 Arquivo Arquidiocesano de Campinas. Indaiatuba, Livro de Matrimônios de Nossa Senhora da Candelária, 1912-1916, fls. 31v, nº 31.

211 Registro Civil de Salto. Livro de Óbitos nº 14, fls. 98v, termo nº 5.008.

212 Informação consta no Registro de Entrada da Hospedaria de Imigrantes de São Paulo.

213 Arquivo Arquidiocesano de Campinas. Indaiatuba, Livro de Óbitos de Nossa Senhora da Candelária, fls. 68v.

214 Informação consta no Registro de Entrada da Hospedaria de Imigrantes de São Paulo.

colono, motorista e varredor. Se naturalizou brasileiro em janeiro de 1941<sup>215</sup> e faleceu pouco tempo depois, aos 31-MAR-1941.

O casal deixou os seguintes filhos:

- 1(IX) CATALINA DÍAZ PLAZAS, nascida possivelmente aos 26-SET-1899<sup>216</sup>, em Lorca. Casou-se a 2-OUT-1915<sup>217</sup>, em Indaiatuba, com JOSÉ NAVARRO TERRONES (Os Navarro, §1º, 1-VII). Já viúva, Catalina faleceu em Itu (São Paulo), aos 10-JUL-1982<sup>218</sup>.
- 2(IX) PEDRO DÍAZ PLAZAS nasceu a 4-JUL-1901<sup>219</sup> e recebeu o sacramento do batismo na Paróquia de San Patricio. Em 24-SET-1927, na cidade de São Paulo, uniu-se a MARÍA HELENA ALCALÁ BEAS, nascida possivelmente aos 5-AGO-1907, em Lanteria (Granada), filha de Juan Alcalá e Carmen Beas. Pedro trabalhou como cobrador na Companhia de Bondes até 1966, quando se aposentou. Posteriormente, voltou a residir em Itu, onde possuía um pequeno terreno destinado ao cultivo de hortaliças, como forma de entretenimento. Às 20 horas, costumava ouvir a Rádio Nacional da Espanha. Ele faleceu em 21-DEZ-1995<sup>220</sup>, na capital paulista, e sua mulher aos 16-SET-1987<sup>221</sup>, em Itu.

---

215 Diário Oficial da União, 10-JAN-1941, Seção 1, p. 7.

216 Informação consta na lista do vapor Espagne, de 18-MAR-1912.

217 Foram testemunhas Andrés Navarro, irmão do noivo, e Francisco Carrasco (pode ser Francisco Carrasco Sánchez ou seu pai Francisco Carrasco Giménez). Arquivo Arquidiocesano de Campinas. Indaiatuba, Livro de Matrimônios de Nossa Senhora da Candelária nº 6 (1912-1916), fls. 80.

218 Registro Civil de Itu. Livro de Óbitos, termo nº 4.162.

219 Na lista do vapor Espagne aparece que nasceu em 1902, porém no texto escrito para a Revista Cartas de España-Emigración ele conta que foi em 1901.

220 Registro Civil de Santo Amaro. Livro de Óbitos C-151, fls. 122, termo nº 97.550.

221 Registro Civil de Itu. Livro de Óbitos C-23, fls. 172, termo nº 7.577.





Pedro Díaz Plazas com seu uniforme de trabalho no dia em que se aposentou, em 1966.



Na porta de sua casa em Itu, Pedro e Maria Helena posam para foto em 1976.

- 3(IX) ROSA DÍAZ PLAZAS nasceu em Lorca, na *pedania* de Purias, aos 13-AGO-1905<sup>222</sup>. Casou-se com JUAN NAVARRO TERRONES (Os Navarro, §1º, 5-VII), em Itu, no dia 30-OUT-1924<sup>223</sup>. Ela

<sup>222</sup> Registro Civil de Lorca. Livro de Nascimentos, tomo 228, fls. 84, nº 1.307.

<sup>223</sup> Registro Civil de Itu. Livro de Casamentos B-12, fls. 95v, termo nº 161.

faleceu na mesma cidade, aos 2-SET-2000<sup>224</sup>.



Superior, à esquerda: Antonio Díaz Pelegrín, José Navarro Artero, Catalina Díaz Plazas e Pedro Díaz Plazas. Inferior, à esquerda: María Plazas Carrasco, Rosa Díaz Plazas e Catalina Pelegrín González.

#### §4º

(VIII) JUAN DÍAZ PELEGRÍN, assim como alguns de seus irmãos, em 1894, foi excluído temporariamente do recrutamento militar por conta da baixa altura de 1.540mm. Casou-se com ANTONIA SICILIA MASEGOSA (Os Sicília, §1º, 2-VII). Lavrador, Juan faleceu aos 16-MAIO-1965<sup>225</sup>, em Itu.

Deixaram como descendência:

1(IX) PEDRO DÍAZ SICILIA, nascido em Lorca, possivelmente aos

---

224 Registro Civil de Itu. Livro de Óbitos C-45, fls. 45v, termo nº 17.085.

225 Registro Civil de Itu. Livro de Óbitos C-52, fls. 84v, termo nº 18.122.

2-ABR-1902<sup>226</sup>. Casou-se com MARCILIA BOCCHINI, batizada aos 24-OUT-1903<sup>227</sup>, em Itu, com um mês e 12 dias de vida. Ela era filha de Augusto Bocchini e Ignez Bocchini. Comerciante, Pedro faleceu em Itu, por volta de 1980.

2(IX) CATALINA DÍAZ SICILIA (ou Catharina Michaela Dias), natural de Lorca e nascida possivelmente aos 20-MAIO-1906<sup>228</sup>. Casou-se a 4-DEZ-1926, em Rio das Pedras (São Paulo), com JOSÉ PIMPINATO, comerciante, nascido na mesma localidade, em 1-AGO-1906, e filho de Girolamo Pimpinato e Luigia Cecchetto (ou Luiza Chichito), ambos naturais de Correzzola (Padova). Catalina faleceu aos 26-MAIO-1984<sup>229</sup>, em São Paulo, enquanto seu marido aos 3-MAIO-1988<sup>230</sup>, em Itu.

3(IX) BEATRIZ DÍAZ SICILIA (ou Beatriz Torquato Díaz), nascida provavelmente aos 24-MAIO-1909<sup>231</sup>, em Lorca. No dia 7-DEZ-1929<sup>232</sup>, em Itu, contraiu matrimônio com JACINTHO BENITO ABAD, operário, nascido em 7-AGO-1908 e batizado a 5-DEZ-1908<sup>233</sup>, em Jardinópolis (São Paulo). Ele era filho de Felipe Benito Castillo e Bonifacia Abad, ambos espanhóis, possivelmente de Autol (La Rioja), neto paterno de Julián Benito e Isabel Castillo, e neto materno de Timoteo Abad e Casilda León. Jacinto faleceu em 11-MAR-1983. Já Beatriz morreu em Itu, no dia 2-JAN-1995<sup>234</sup>.

4(IX) ANTONIO DIAS PELEGRIN nasceu aos 29-MAR-1914 e foi batizado a 5-ABR-1914<sup>235</sup>, em Indaiatuba. Foram padrinhos os seus tios Antonio Díaz Pelegrín e María Plazas Carrasco (Os Díaz, §3º, VIII). Casou-se com NAIR ARRUDA CARNEIRO, filha de

226 Informação consta na lista do vapor Espagne, de 18-MAR-1912.

227 Arquivo Diocesano de Jundiá. Itu, Livro de Batismos de Nossa Senhora da Candelária, fls. 30.

228 Informação consta na lista do vapor Espagne, de 18-MAR-1912.

229 Registro Civil da Saúde. Livro de Óbitos C-30, fls. 212v, termo nº 27.142.

230 Registro Civil de Itu. Livro de Óbitos C-24, fls. 260, termo nº 7.965.

231 Informação consta na lista do vapor Espagne, de 18-MAR-1912.

232 Registro Civil de Itu. Livro de Casamentos nº 15, fls. 181v, termo nº 94.

233 Arquivo Arquidiocesano de Ribeirão Preto. Jardinópolis, Livro de Batismos de Nossa Senhora Aparecida nº 4 (1907-1910), fls. 126, nº 669.

234 Registro Civil de Itu. Livro de Óbitos C-37, fls. 123v, termo nº 12.450.

235 Arquivo Arquidiocesano de Campinas. Indaiatuba, Livro de Batismos de Nossa Senhora da Candelária nº 12 (1912-1914), fls. 303, nº 334.

Juvenal Carneiro e Vicentina Ribeiro da Silva.

- 5(IX) MARIA DIAS, nascida aos 18-MAIO-1918, em Indaiatuba. No dia 12-ABR-1941<sup>236</sup>, em Itu, uniu-se a ANTONIO DOMINGUES, operário nascido em Indaiatuba, aos 9-ABR-1916, e filho de Miguel Domínguez e María Carmen Martínez, ambos espanhóis. Ela faleceu aos 3-ABR-1978<sup>237</sup>, em São Paulo, e Antonio, aos 19-JUN-1975, em Itu<sup>238</sup>.

---

236 Registro Civil de Itu. Livro de Casamentos nº 22, fls. 63, termo nº 2.026.

237 Registro Civil do Jardim América. Livro de Óbitos C-41, fls. 36, termo nº 23.990.

238 Registro Civil de Itu. Livro de Óbitos C-57, fls. 2, termo nº 23.775.

## Os Sicilia

### §1º

- (I) ANDRÉS SICILIA, filho de Andrés de Sicilia e María de Bornás, casou-se aos 4-JUL-1707<sup>239</sup>, na Paróquia de San Patricio, com ISABEL DÍAZ ALVITE, filha de Alonso Díaz Alvite e Clementa Campoy Morote (ou Clementa Campoy Cubillo). Isabel foi batizada aos 2-NOV-1670<sup>240</sup>, com 13 dias de vida, na Paróquia de San Mateo, e teve como padrinhos Jaime de Campos e sua mãe Isabel de Campoy Cubillo.

Andrés e Isabel já não estavam mais vivos no casamento do filho Alfonso.

Foram pais de:

- 1(II) ANDRÉS SICILIA, que foi casado com ISABEL DE PLAZAS, deixando geração que segue.
- 2(II) ALFONSO SICILIA casou-se aos 27-AGO-1741<sup>241</sup>, na Paróquia de San Patricio, com MARÍA SÁNCHEZ, filha de Salvador Sánchez e Clementa Díaz, sendo neta paterna de Cristóbal Sánchez e Isabel Romera, e neta materna de Alonso Díaz Alvite e Ana María Pérez (ou Ana María Pérez Seva). Os dois são parentes em segundo com terceiro grau de consanguinidade<sup>242</sup>. María nasceu aos 26-FEV-1719<sup>243</sup> e foi batizada no dia 19 de março, na Paróquia de San Patricio, com os nomes María Josefa Antonia; teve como padrinho Ginés de Campoy.

(II) ANDRÉS SICILIA contraiu núpcias com ISABEL DE PLAZAS,

---

239 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Matrimônios de San Patricio nº 4 (1704-1717), fls. 13.

240 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Mateo nº 5 (1670-1689), fls. 20.

241 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Matrimônios de San Patricio nº 5 (1718-1745), fls. 216v.

242 Alonso Díaz Alvite e Clementa Campoy Morote são, respectivamente, avós maternos e bisavós de Alfonso Sicilia e María Sánchez. O avô materno de María Sánchez, Alonso Díaz Alvite, é irmão de Isabel Díaz Alvite, mãe de Alfonso Sicilia.

243 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Patricio nº 5 (1711-1722), fls. 192.

filha de D. Juan de Plazas (ou Juan Miguel de Plazas), da Paróquia de San Pedro (Lorca), e María Vilar, neta paterna de Juan de Plazas e Francisca Sánchez, e neta materna de José Vilar e María Navarro. Isabel foi enterrada, a 11-JAN-1762<sup>244</sup>, no Convento de São Francisco e fez seu testamento ante o escrivão Patricio Pérez Menduiña, sendo testamenteiros o seu marido e Felipe Díaz. Já Andrés foi sepultado aos 7-JUN-1786<sup>245</sup> e outorgou testamento ante o cura teniente da Paróquia de Puerto Lumbreras, nomeando como testamenteiros Juan e Jaime López.

Foram pais de oito filhos, todos batizados em Puerto Lumbreras. Os padrinhos foram praticamente os mesmos: Felipe Díaz (ou Felipe Díaz Alvite)<sup>246</sup> e sua mulher Catalina López - há apenas duas exceções, que são Francisca e María, onde aparece a filha do casal, Ana Díaz, no lugar da mãe.

1(III) ISABEL MARÍA, batizada aos 23-SET-1739<sup>247</sup>.

2(III) ANDRÉS DE SICILIA foi batizado com sete dias de vida, aos 21-JUL-1741<sup>248</sup>, e recebeu os nomes Andrés Antonio Ventura. Casou-se aos 6-JAN-1771<sup>249</sup>, na Paróquia de San Patricio, com ISABEL MONDÉJAR, filha de Antonio Mondéjar e Isabel Méndez, neta paterna de Pedro Mondéjar e María Romera, e neta paterna de Ginés Méndez e Isabel Gilaberte. Isabel Mondéjar foi batizada com os nomes Isabel Juliana, a 19-JAN-1741<sup>250</sup>, na Paróquia de San Patricio, tendo como padrinhos Juan López e María García Cruces. Andrés foi sepultado com 37 anos, em Lorca, a 25-SET-

244 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Puerto Lumbreras, Livro de Enterros de Nuestra Señora del Rosario n° 1, fls. 146v.

245 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Puerto Lumbreras, Livro de Enterros de Nuestra Señora del Rosario n° 2, fls. 244.

246 Felipe é primo de Andrés Sicilia, sendo filho de Alonso Díaz Alvite e Ana María Pérez, e irmão de Clementa Díaz.

247 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Puerto Lumbreras, Livro de Batismos de Nuestra Señora del Rosario n° 1, fls. 232.

248 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Puerto Lumbreras, Livro de Batismos de Nuestra Señora del Rosario n° 2, fls. 17.

249 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Matrimônios de San Patricio n° 7, fls. 179, n° 233.

250 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Patricio n° 7 (1734-1742), fls. 333v.

1778<sup>251</sup>, enquanto sua mulher faleceu com 72 anos e foi enterrada, aos 3-SET-1813<sup>252</sup>, em Puerto Lumbreras.

- 3(III) JOSÉ FRANCISCO recebeu o sacramento do batismo aos 3-SET-1743<sup>253</sup>. Faleceu com poucos meses de vida, sendo enterrado em Puerto Lumbreras, a 15-JAN-1744<sup>254</sup>.
- 4(III) JOSÉ SICILIA, batizado, aos 13-ABR-1745<sup>255</sup>, com os nomes José Ramón. Uniu-se a JUANA GARCÍA MENCHIRÓN, deixando geração que segue.
- 5(III) MIGUEL JOSÉ DOS REYES, batizado aos 15-JAN-1747<sup>256</sup>. Faleceu aos 16 anos e foi enterrado na Paróquia de San Mateo, em 14-JUN-1763<sup>257</sup>.
- 6(III) MARÍA SICILIA, nascida aos 12-DEZ-1748<sup>258</sup> e batizada com cinco dias de vida, tendo recebido os nomes María Josefa de la Concepción. Casou-se aos 12-FEV-1770<sup>259</sup>, em Puerto Lumbreras, com JUAN SÁNCHEZ, filho de Ginés Sánchez Guirado e Ana Gómez Manzanera (ou Ana Gómez Valero), neto paterno de Ginés Sánchez e Isabel Guirado, e neto materno de Juan Gómez Manzanera e Josefa Valero. Juan teve o batismo realizado aos

---

251 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Puerto Lumbreras, Livro de Enterros de Nuestra Señora del Rosario n.º 2, fls. 167v.

252 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Puerto Lumbreras, Livro de Enterros de Nuestra Señora del Rosario n.º 4, fls. 120v.

253 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Puerto Lumbreras, Livro de Batismos de Nuestra Señora del Rosario n.º 2, fls. 66v.

254 José aparece no registro sem o seu nome, mas como “párvulo”. Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Puerto Lumbreras, Livro de Enterros de Nuestra Señora del Rosario n.º 1, fls. 50.

255 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Puerto Lumbreras, Livro de Batismos de Nuestra Señora del Rosario n.º 2, fls. 106.

256 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Puerto Lumbreras, Livro de Batismos de Nuestra Señora del Rosario n.º 2, fls. 147.

257 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Puerto Lumbreras, Livro de Enterros de Nuestra Señora del Rosario n.º 1, fls. 156v.

258 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Puerto Lumbreras, Livro de Batismos de Nuestra Señora del Rosario n.º 2, fls. 187v.

259 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Puerto Lumbreras, Livro de Matrimônios de Nuestra Señora del Rosario n.º 1, fls. 262, n.º 68.

27-ABR-1745<sup>260</sup>, na mesma igreja, e recebeu os nomes Juan José, sendo padrinhos Pedro Pérez e Josefa Valero.

7(III) FELIPE JOSÉ, nascido aos 28-MAIO-1750<sup>261</sup>. Ele e seu irmão gêmeo, Joaquín, faleceram pouco tempo depois do nascimento, sendo enterrados, aparentemente<sup>262</sup>, no dia 30 do mesmo mês<sup>263</sup>.

8(III) JOAQUÍN MANUEL, irmão gêmeo de Felipe.

(III) JOSÉ SICILIA casou-se, por volta de 1773, com JUANA GARCÍA MENCHIRÓN, filha de José García Menchirón (ou José García Pallarés) e Isabel López, natural de Vélez-Rubio (Almería), neta paterna de Pascual García Menchirón (ou Pascual García Pallarés) e María Navarro Gómez, e neta materna de Cristóbal López Romero (ou Cristóbal López de la Hoz) e Juana de Rosa Sánchez (ou Juana Rosa Castellón). Juana nasceu em 1-DEZ-1748<sup>264</sup> e foi batizada no dia 14 subsequente, em Puerto Lumbreras, com os nomes Juana María Josefa, sendo seus padrinhos o casal Francisco García Menchirón (ou Francisco García Pallarés) e Francisca López<sup>265</sup>.

Foram pais de:

1(IV) ISABEL ANTONIA FULGENCIA, nascida aos 16-JAN-1774<sup>266</sup> e com batismo realizado, em Puerto Lumbreras, no dia 25 do mesmo mês. Felipe Díaz e Juana Barnés foram escolhidos como padrinhos.

---

260 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Puerto Lumbreras, Livro de Batismos de Nuestra Señora del Rosario n° 2, fls. 106.

261 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Puerto Lumbreras, Livro de Batismos de Nuestra Señora del Rosario n° 2, fls. 219.

262 O livro de batismo aponta que Felipe e Joaquín foram batizados no dia 2 de junho, porém eles já não estariam vivos com base no livro de enterros.

263 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Puerto Lumbreras, Livro de Enterros de Nuestra Señora del Rosario n° 1, fls. 76.

264 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Puerto Lumbreras, Livro de Batismos de Nuestra Señora del Rosario n° 2, fls. 187v.

265 Francisco García Menchirón é irmão de José García Menchirón, enquanto Francisca López é irmã de Isabel López.

266 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Puerto Lumbreras, Livro de Batismos de Nuestra Señora del Rosario, fls. 160.



Foi enterrada, na mesma localidade, aos 9-JAN-1789<sup>267</sup>.

- 2(IV) ANDRÉS JUAN nasceu aos 2-ABR-1777<sup>268</sup>, às 23 horas, e foi batizado no dia 13 subsequente, em Puerto Lumbreras. Teve como padrinhos Domingo Díaz, em nome de Felipe Díaz, e Juana María Barnés.
- 3(IV) JOSÉ SICILIA, nascido aos 21-FEV-1782<sup>269</sup> e batizado no dia 1 de março, em Puerto Lumbreras, com os nomes José Antonio Félix. O registro aponta que teve como padrinhos Juan López e José García<sup>270</sup>. Foi casado com MARÍA SALAS, deixando geração que segue.
- 4(IV) MARÍA SICILIA celebrou matrimônio aos 8-JUN-1801<sup>271</sup>, em Puerto Lumbreras, com ANTONIO PÉREZ ESPEJO, filho de Pedro Pérez Espejo e María Regina Mondéjar, neto paterno de Juan Pérez Espejo e Ana Ximénez, e neto materno de Antonio Mondéjar e Isabel Méndez (Os Sicilia, §1º, 2-III). Antonio nasceu a 20-ABR-1772<sup>272</sup> e recebeu o sacramento do batismo no dia 2 de maio, em Puerto Lumbreras, sendo nomeado Antonio José e tendo como padrinhos os avós maternos. No *Padrón de Vecindario* de 1807<sup>273</sup>, o casal aparece com residência na *diputación* de El Esparragal<sup>274</sup> e com um filho chamado Pedro (3 anos), sendo vizinhos de María Regina Mondéjar, já viúva.

267 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Puerto Lumbreras, Livro de Enterros de Nuestra Señora del Rosario n.º 2, fls. 289v.

268 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Puerto Lumbreras, Livro de Batismos de Nuestra Señora del Rosario, fls. 262.

269 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Puerto Lumbreras, Livro de Batismos de Nuestra Señora del Rosario, fls. 449.

270 As normas do compadrio estabelecem a escolha de um padrinho e uma madrinha. Neste caso, pode ter ocorrido um erro ao escrever os nomes dos padrinhos no livro ou é uma situação atípica.

271 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Puerto Lumbreras, Livro de Matrimônios de Nuestra Señora del Rosario n.º 2, fls. 229.

272 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Puerto Lumbreras, Livro de Batismos de Nuestra Señora del Rosario, fls. 95v.

273 Archivo Municipal de Lorca. Padrón de Vecindario, 1807, Diputación de El Esparragal.

274 É uma das quatro *diputaciones* (Puerto Lumbreras, El Esparragal, Puerto Adentro y Cabezo de la Jara) que integram o município de Puerto Lumbreras.

- (IV) JOSÉ SICILIA contraiu núpcias aos 4-OUT-1801<sup>275</sup>, na Paróquia de San Patricio, com MARÍA DE SALAS, filha de Juan de Salas e Ana Pérez Espejo<sup>276</sup>, neta paterna de Juan de Salas, natural de Huércal-Overa (Almería), e María Navarro. María nasceu a 19-NOV-1783<sup>277</sup>, entre 6 e 7 horas, e foi batizada no dia 26 do mesmo mês, em Puerto Lumbreras, com os nomes María Isabel, tendo como padrinhos Francisco Martínez e Águeda López.

José figura no *Padrón de Vecindario* de 1807 como residente em El Esparragal. Ele vive junto de sua esposa e de seu filho José (1 ano). Na mesma região também viviam os seus sogros, Juan de Salas e Ana Pérez Espejo, com dois filhos: Juan, de 20 anos, e Pedro, de 17 anos.

Ele faleceu aos 52 anos e foi enterrado, no Campo Santo, aos 19-JUL-1834<sup>278</sup>, sendo que outorgou testamento ante o escrivão D. Pedro Alcántara e declarou como testamenteiros Luis de Salas e Juan Sánchez. Já María de Salas morreu com 58 anos e foi sepultada no mesmo lugar de seu marido, em 22-JUN-1842<sup>279</sup>. Ela fez testamento perante o escrivão Francisco Mellado no dia 20 do mesmo mês, sendo declarados testamenteiros o seu filho José Sicilia e Antonio García.

Foram pais de:

- 1(V) JUANA SICILIA, nascida aos 16-NOV-1802<sup>280</sup> e batizada com os nomes Juana Rufina, no dia 20 subsequente, na Paróquia de San Patricio, tendo como padrinhos os seus tios Antonio Pérez e María Sicilia (Os Sicilia, §1º, 4-IV). Faleceu aos 8 anos de idade e foi enterrada, na mesma igreja, aos 12-DEZ-1810<sup>281</sup>.

275 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Matrimônios de San Patricio nº 9 (1796-1810), fls. 108v.

276 Ana Pérez Espejo é irmã de Antonio Pérez Espejo, casado com María Sicilia (Os Sicilia, §1º, 4-IV).

277 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Puerto Lumbreras, Livro de Batismos de Nuestra Señora del Rosario nº 5 (1783-1789), fls. 33.

278 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Enterros de San Patricio nº 16, fls. 110v.

279 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Enterros de San Patricio nº 16, fls. 163v.

280 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Patricio nº 23 (1801-1806), fls. 120v.

281 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Enterros de San Patricio, fls.

- 2(V) JOSÉ SICILIA, que nasceu aos 14-MAR-1806<sup>282</sup>, às 20 horas, e recebeu o sacramento do batismo no dia 19 do mesmo mês, em Puerto Lumbreras, com os nomes José Florentino. Seus padrinhos também foram Antonio Pérez e María Sicilia. Contraiu matrimônio com CATALINA PELEGRÍN, deixando geração que segue.
- 3(V) ANA SICILIA, nascida aos 10-FEV-1808<sup>283</sup>, às 15 horas, e batizada quatro dias depois, em Puerto Lumbreras, com os nomes Ana Josefa Escolástica, sendo seus padrinhos Antonio Pérez e María Sicilia. Casou-se, por volta de 1825<sup>284</sup>, na Paróquia de San Patricio, com BARTOLOMÉ XIMÉNEZ, filho de Bartolomé Ximénez e Catalina Guevara, neto paterno de Bartolomé Ximénez e María Mateos, e neto materno de Alfonso Guevara e Ginesa Montalván. Bartolomé nasceu aos 28-JUL-1806<sup>285</sup> e foi batizado dois dias depois, em Puerto Lumbreras, com os nomes Bartolomé José Víctor, sendo padrinhos o casal Marcos Carrillo e María Ximénez, irmã do seu pai.
- 4(V) JUAN BRUNO foi batizado com um dia de vida, aos 7-OUT-1810<sup>286</sup>, na Paróquia de San Patricio. Teve como padrinhos Antonio Pérez Espejo e Isabel de Salas.
- 5(V) ANTONIO SICILIA, nascido aos 12-FEV-1813<sup>287</sup> e batizado dois dias depois, na Paróquia de San Patricio, com os nomes Antonio José. Seu padrinho foi Antonio Pérez. Em 18-DEZ-1830<sup>288</sup>, na mesma igreja, celebrou núpcias com MARÍA MARTÍNEZ, filha

---

135.

282 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Puerto Lumbreras, Livro de Batismos de Nuestra Señora del Rosario n.º 7 (1799-1807), fls. 294v.

283 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Puerto Lumbreras, Livro de Batismos de Nuestra Señora del Rosario n.º 8 (1807-1812), fls. 73.

284 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Índice de Matrimônios de San Patricio n.º 10 (1810-1830), fls. 298.

285 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Puerto Lumbreras, Livro de Batismos de Nuestra Señora del Rosario n.º 7 (1799-1807), fls. 319v.

286 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Patricio n.º 25 (1810-1815), fls. 20v.

287 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Patricio n.º 25 (1810-1815), fls. 206.

288 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Matrimônios de San Patricio n.º 11 (1830-1851), fls. 18.

de Tomás Martínez e Agustina Ximénez, neta paterna de José Martínez e Marta García Bayonas, e neta materna de Mateo Ximénez e María Reverte. María nasceu aos 3-FEV-1812<sup>289</sup> e foi batizada com dois dias de vida, em igual localidade, com os nomes María Blasa, cujos padrinhos foram Bartolomé de Rubio e Juana Martínez, irmã de seu pai.

- 6(V) PEDRO SICILIA nasceu aos 24-MAIO-1816<sup>290</sup> e seu batismo foi realizado dois dias depois, na Paróquia de San Patricio, tendo recebido os nomes Pedro José Robustiano. Foram padrinhos Pedro de Salas e sua irmã Ana de Salas. Celebrou matrimônio com ISABEL LÓPEZ, aos 28-SET-1835<sup>291</sup>, em Puerto Lumbreras, sendo ela filha de Francisco Xavier López e Melchora Pérez, neta paterna de Juan López e Isabel Mondéjar, e neta materna de Salvador Pérez e María Concepción Piernas. Ela nasceu a 25-FEV-1818<sup>292</sup>, às 19 horas, e foi batizada com dois dias de vida, em Puerto Lumbreras, com os nomes Isabel María Josefa, e seus padrinhos foram Juan de Salas e Josefa López.

- (V) JOSÉ SICILIA (ou José Cecilia) uniu-se em matrimônio com CATALINA PELEGRÍN, filha de Miguel Pelegrín e María Manzanera. No *Padrón de Vecindario* de 1835<sup>293</sup>, José aparece como lavrador e morador em Purias, residindo na mesma casa com sua esposa, quatro filhos (José, 9 anos; María, 5; Miguel, 3; e Juan, 1), Joaquín Martínez (40 anos, criado, casado) e seu cunhado Miguel Pelegrín (12 anos).

Catalina faleceu em 10-FEV-1859<sup>294</sup>, aos 53 anos e já viúva, com “enfermidade” cujo nome não foi retratado. Ela outorgou testamento ante o

289 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Patricio n° 25 (1810-1815), fls. 124.

290 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Patricio n° 26 (1815-1818), fls. 56v.

291 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Puerto Lumbreras, Livro de Matrimônios de Nuestra Señora del Rosario n° 4 (1832-1850), fls. 67v.

292 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Puerto Lumbreras, Livro de Batismos de Nuestra Señora del Rosario n° 10 (1818-1825), fls. 8.

293 Archivo Municipal de Lorca. Padrón de Vecindario, 1835, Diputación de Purias.

294 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Óbitos de San Patricio n° 19 (1855-1859), fls. 420.

escrivão D. Andrés Tomás.

Deixaram a seguinte descendência, todos apadrinhados pelo casal Pedro de Salas<sup>295</sup> e Catalina Sánchez, exceto María Teresa, que teve apenas Catalina como madrinha.

- 1(VI) JOSÉ, com 9 anos em 1835.
- 2(VI) MARÍA TERESA SILVESTRA, nascida aos 31-DEZ-1827<sup>296</sup> e batizada em 2-JAN-1828, na Paróquia de San Patricio. Possivelmente faleceu na infância.
- 3(VI) MARÍA SICILIA (ou María Cecilia), nascida aos 10-OUT-1829<sup>297</sup> e batizada dois dias depois, na Paróquia de San Patricio, com os nomes María Isabel. Casou-se aos 4-MAIO-1859<sup>298</sup>, na mesma localidade, com PEDRO RODRÍGUEZ, filho de Pedro Rodríguez e María López (ou María del Rosario López), neto paterno de Antonio Rodríguez e D. Catalina de Tudela, e neto materno de Antonio López e Gregoria Hernández. Pedro nasceu aos 6-NOV-1826<sup>299</sup>, entre 9 e 10 horas, e foi batizado no dia 10 do mesmo mês, em Campo López, com os nomes Pedro José Leonardo, tendo como padrinhos Francisco Martínez Ximénez e Antonia Rodríguez.
- 4(VI) MIGUEL BASILIO SICILIA nasceu aos 15-ABR-1832<sup>300</sup> e foi batizado no dia 17 subsequente, na Paróquia de San Patricio. No dia 27-AGO-1855<sup>301</sup>, na mesma localidade, contraiu núpcias com

---

295 Pedro de Salas é tio materno de José Sicilia, sendo filho de Juan de Salas e Juana Pérez Espejo (Os Sicilia, §1º, IV).

296 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Patricio nº 30 (1826-1828), fls. 217v.

297 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Patricio nº 31 (1828-1831), fls. 91v.

298 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Matrimônios de San Patricio nº 14 (1857-1862), fls. 123v.

299 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Campo López/Lorca, Livro de Batismos de San Pedro Apóstol nº 3 (1820-1828), fls. 78, nº 388.

300 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Patricio nº 32 (1832-1835), fls. 37v.

301 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Matrimônios de San Patricio nº 13 (1854-1857), fls. 90.

OLAYA DÍAZ (ou Olalla Díaz, Eulalia Díaz), filha de Lucas Díaz e Feliciano Bujeque (Os Díaz, §1º, 1-VI). Ela nasceu a 16-SET-1833<sup>302</sup> e foi batizada no mesmo dia, na Paróquia de San Mateo, tendo como padrinhos o casal Antonio Díaz<sup>303</sup> e Olaya Porlán.

- 5(VI) JUAN PEDRO, nascido aos 6-MAIO-1834<sup>304</sup> e batizado no dia 8 do mesmo mês, na Paróquia de San Patricio.
- 6(VI) PEDRO GAVINO nasceu em 19-FEV-1837<sup>305</sup> e foi batizado com dois dias de vida, na Paróquia de San Patricio.
- 7(VI) ANTONIO SICILIA PELEGRÍN, nascido aos 24-AGO-1839<sup>306</sup>, recebeu o sacramento do batismo no dia 27 subsequente, na Paróquia de San Patricio, sendo nomeado Antonio Bartolomé. Casou-se com BEATRIZ MASEGOSA SÁNCHEZ, deixando geração que segue.
- 8(VI) ANDRÉS JUAN foi batizado aos 28-MAIO-1842<sup>307</sup>, quando possuía um dia de vida, na Paróquia de San Patricio.
- 9(VI) FRANCISCO recebeu o batismo com dois dias de vida, aos 10-JUL-1845<sup>308</sup>, na Paróquia de San Patricio.
- 10(VI) PATRICIO, nascido aos 17-MAR-1849<sup>309</sup>, às 19 horas, e batizado

---

302 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Mateo nº 20, fls. 167v.

303 Antonio é irmão de Pedro Díaz, avô paterno de Olaya Díaz. Antonio Díaz e Olaya Porlán também foram padrinhos de alguns primos de Olaya Díaz, como pode ser verificado em Os Díaz, §1º, VI.

304 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Patricio nº 32 (1832-1835), fls. 269v.

305 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Patricio nº 33 (1835-1838), fls. 210.

306 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Patricio nº 34, fls. 120v.

307 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Patricio nº 35 (1842-1845), fls. 48v.

308 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Patricio nº 35 (1842-1845), fls. 330v.

309 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Patricio nº 37 (1848-1851), fls. 44.

dois dias depois, na Paróquia de San Patricio. No dia 12-FEV-1873<sup>310</sup>, em Puerto Lumbreras, uniu-se em matrimônio com JOSEFA GONZÁLEZ, de 23 anos, natural de Cuevas del Almanzora, filha de Antonio González e Antonia Pelegrín.

- (VI) ANTONIO SICILIA PELEGRÍN, conforme *Padrón de Vecindario* de 1866<sup>311</sup>, residia em Purias, na mesma casa que seus irmãos, Patricio e Miguel. Além deles, moravam Olaya Díaz, esposa de Miguel, e seus filhos: Catalina, de 9 anos; Lucas, de 5; e Feliciana, de 3.

De profissão lavrador, Antonio celebrou matrimônio, por volta de 1868, com BEATRIZ MASEGOSA SÁNCHEZ, filha de Pedro Masegosa, jornalista, e Antonia Sánchez (Os Sánchez, §1º, 3-VI). Ela nasceu em 28-FEV-1840<sup>312</sup> e foi batizada no dia 2 de março, na Paróquia de San Patricio, com os nomes Beatriz María Romana, tendo como madrinha Ana Reinaldos.

Foram pais de:

- 1(VII) CATALINA SICILIA MASEGOSA nasceu possivelmente em Lorca, aos 5-AGO-1869<sup>313</sup>. Casou-se com PEDRO CORTIJOS, deixando geração que segue.
- 2(VII) ANTONIA SICILIA MASEGOSA, nascida em 18-MAIO-1879<sup>314</sup>, na *pedanía* de Purias, em Lorca. Quando nasceu, exceto seu avô materno, Pedro Masegosa, que era lavrador e morava na mesma localidade, os demais já eram falecidos. Uniu-se a JUAN DÍAZ PELEGRÍN (Os Díaz, §4º, VIII), com quem teve cinco filhos, sendo três nascidos na Espanha. Faleceu no dia 26-JUN-1959<sup>315</sup>, na cidade de Itu.

310 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Puerto Lumbreras, Livro de Matrimônios de Nuestra Señora del Rosario n.º 7 (1866-1880), fls. 149.

311 Archivo Municipal de Lorca. Padrón de Vecindario, 1866, Diputación de Purias.

312 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Patricio n.º 34 (1838-1841), fls. 183v.

313 Informação consta na lista do vapor Espagne, de 18-MAR-1912.

314 Registro Civil de Lorca. Livro de Nascimentos, fls. 85, n.º 725.

315 Registro Civil de Itu. Livro de Óbitos C-50, fls. 106v, termo n.º 15.817.

(VII) CATALINA SICILIA MASEGOSA contraiu núpcias com PEDRO CORTIJOS, falecido na Espanha antes de fevereiro de 1912.

Foram pais de:

1(VIII) ANTONIO CORTIJOS SICILIA nasceu em Lorca, provavelmente no dia 13-SET-1892<sup>316</sup>. Celebrou matrimônio com JOSEFA ACOSTA BALLESTERO, nascida por volta de 1895, em Velada (Toledo), filha de Mariano Acosta Martín e Anselma Ballester. Antonio faleceu antes de maio de 1944.

2(VIII) JOSÉ CORTIJOS SICILIA, nascido possivelmente aos 13-DEZ-1895<sup>317</sup>, em Lorca. Contraiu matrimônio, em torno de 1918, com ISABEL NAVARRO TERRONES (Os Navarro, §1º, 3-VII). José faleceu antes de dezembro de 1945.

3(VIII) PEDRO CORTIJOS SICILIA, que nasceu em Lorca, talvez no dia 23-FEV-1899<sup>318</sup>. Uniu-se a DOLORES MARMO, nascida provavelmente em 9-JUN-1905<sup>319</sup>, filha de José Marmo e Dolores Torres. Comerciante, Pedro faleceu a 21-JUL-1956<sup>320</sup>, em Itu, e sua mulher após junho de 1973.

4(VIII) JUAN CORTIJOS SICILIA, nascido supostamente aos 8-DEZ-1901<sup>321</sup>, em Lorca. Casou-se, em Cabreúva (São Paulo), com CANDELARIA BENITO, irmã de Jacintho Benito Abad (Os Díaz, §4º, 3-IX), nascida aos 20-FEV-1906<sup>322</sup>, em Jardinópolis. Motorista, Juan faleceu aos 23-NOV-1956<sup>323</sup> e sua mulher em 1-JUL-1993<sup>324</sup>, ambos na cidade de Itu.

5(VIII) MIGUEL CORTIJOS SICILIA (ou Miguel André Cortijos) nasceu

---

316 Informação consta na lista do vapor Espagne, de 18-MAR-1912.

317 Informação consta na lista do vapor Espagne, de 18-MAR-1912.

318 Informação consta na lista do vapor Espagne, de 18-MAR-1912.

319 Consta na ficha de estrangeiro que ela é natural de “Sierra D’Agua”, que possivelmente seja “Sierra de Yeguas”, em Málaga.

320 Registro Civil de Itu. Livro de Óbitos C-49, fls. 136v, termo nº 14.741.

321 Informação consta na lista do vapor Espagne, de 18-MAR-1912.

322 Registro Civil de Jardinópolis. Livro de Nascimentos, fls. 147, nº 118.

323 Registro Civil de Itu. Livro de Óbitos C-49, fls. 168, termo nº 14.866.

324 Registro Civil de Itu. Livro de Óbitos C-35, fls. 195v, termo nº 11.395.



possivelmente no dia 4-FEV-1906<sup>325</sup>, em Lorca. Ele exerceu a profissão de motorista e contraiu núpcias com ANGELA JULIÃO, filha de Silvio Zulian, natural de Villa del Conte (Padova), e Anna Legaz, natural de Mazarrón (Murcia), neta paterna de Filippo Zulian e Angela Caccaro, e neta materna de Alfonso Legaz e Antonia García. Miguel faleceu depois de junho de 1973.

- 6(VIII) ANA CORTIJOS SICILIA (ou Anna Bernardina Cortijos), nascida possivelmente aos 20-MAIO-1908<sup>326</sup>, em Lorca. No dia 26-FEV-1927, em Itu, celebrou matrimônio com PEDRO NAVARRO TERRONES (Os Navarro, §1º, 6-VII).

---

325 Informação consta na lista do vapor Espagne, de 18-MAR-1912. Já na ficha de estrangeiro está que ele nasceu aos 6-FEV-1905.

326 Informação consta na lista do vapor Espagne, de 18-MAR-1912.

## Os Navarro

### §1º

- (I) FRANCISCO NAVARRO MARÍN, filho de Juan Navarro Marín e de Josefa Carreño. Aos 29-OUT-1691<sup>327</sup>, na Paróquia de San Mateo, uniu-se a JERÓNIMA MARTÍNEZ SEGURA, filha de Juan Martínez<sup>328</sup> (ou Juan Martínez Salinas) e Catalina Segura, e neta materna de Juan de Segura e Jerónima Pérez. Jerónima nasceu a 29-MAIO-1673<sup>329</sup> e foi batizada no dia 13 de junho, na mesma igreja, tendo como padrinhos o casal Nicolás Blázquez e D. Salvadora García.

Francisco foi sepultado em 26-JUL-1711<sup>330</sup>, e Jerónima em 7-FEV-1727<sup>331</sup>. Ambos estão enterrados na Igreja de San Mateo e não deixaram testamento devido à morte repentina.

O casal deixa os seguintes filhos, todos batizados na Paróquia de San Mateo:

- 1(II) ISABEL, nascida aos 15-JUN-1692<sup>332</sup> e batizada no dia 29 do mesmo mês, tendo como padrinho Pedro Navarro.
- 2(II) BARTOLOMÉ NAVARRO, nascido aos 24-AGO-1694<sup>333</sup> e batizado no dia 11 de setembro, sendo seu padrinho Pedro Navarro. Contraíu matrimônio, aos 23-SET-1720<sup>334</sup>, na Paróquia de San

---

327 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Matrimônios de San Mateo nº 3 (1670-1714), fls. 50 (numeração a partir de 1686).

328 Juan era enteado de Francisco Durán.

329 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Mateo nº 5 (1670-1689), fls. 94v.

330 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Enterros de San Mateo nº 8 (1702-1746), fls. 57.

331 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Enterros de San Mateo nº 8 (1702-1746), fls. 156v.

332 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Mateo nº 6 (1690-1706), fls. 68v.

333 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Mateo nº 6 (1690-1706), fls. 126v.

334 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Matrimônios de San

Patricio, com GINESA ÚBEDA, filha de Bartolomé Úbeda e Lázara de Vera, neta paterna de Bartolomé de Úbeda e Lucía Ximénez, e neta materna de Bartolomé de Vera e Ginesa Hernández. Foi no dia 4-OUT-1798<sup>335</sup>, na mesma igreja do casamento, que aconteceu o batismo de Ginesa, nomeada como Ginesa María, e com Ginés García e Lucía de Úbeda sendo seus padrinhos.

- 3(II) JUAN nasceu em 2-FEV-1697<sup>336</sup> e recebeu o sacramento do batismo no dia 2 de março. Pedro Navarro também foi seu padrinho.
- 4(II) ISABEL NAVARRO, nascida aos 2?-FEV-1703<sup>337</sup> e batizada no dia 16 de março com os nomes Isabel María. Juan Blázquez e Salvadora de Miras foram seus padrinhos. Casou-se aos 11-FEV-1725<sup>338</sup>, na Paróquia de San Mateo, com DOMINGO MONDÉJAR, filho de Domingo Mondéjar e Lucía López, neto paterno de Domingo Mondéjar e Juana García Benzal, e neto materno de Tomás López e Catalina de Moya. Domingo nasceu em 20-SET-1696<sup>339</sup> e foi batizado em 6 de outubro, na mesma igreja, tendo como padrinhos Francisco Mondéjar e Francisca Marín. JUANA MARÍA nasceu aos 27-DEZ-1705<sup>340</sup> e teve o seu batismo realizado no dia 16 de janeiro do ano seguinte. Foram seus padrinhos Juan Blázquez e Salvadora de Miras.
- 5(II) AGUSTÍN NAVARRO MARTÍNEZ, nascido aos 28-AGO-1708<sup>341</sup> e batizado em 14 de setembro, com os nomes Agustín José, sendo

---

Patricio nº 5 (1718-1745), fls. 30.

335 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Patricio nº 4 (1696-1711), fls. 35v.

336 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Mateo nº 6 (1690-1706), fls. 6v (numeração a partir do ano de 1697).

337 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Mateo nº 6 (1690-1706), fls. 155v (numeração a partir do ano de 1697).

338 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Matrimônios de San Mateo nº 4 (1714-1743), fls. 125v.

339 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Mateo nº 6 (1690-1706), fls. 183.

340 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Mateo nº 6 (1690-1706), fls. 233 (numeração a partir do ano de 1697).

341 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Mateo nº 7 (1707-1729), fls. 45v.

Juan Navarro Marín e María Navarro seus padrinhos. Uniu-se em matrimônio a BLASA SÁNCHEZ, deixando geração que segue.

6(II) MARÍA JOSEFA ANTONIA, nascida aos 10-ABR-1711<sup>342</sup> e batizada no dia 25 subsequente. Teve Juan Navarro Marín e María Gómez como padrinhos.

(II) AGUSTÍN NAVARRO (ou Agustín Navarro Martínez) casou-se, a 22-MAIO-1730<sup>343</sup>, na Paróquia de San Mateo, com BLASA SÁNCHEZ, filha de Alonso Sánchez e Ginesa López, neta paterna de Alonso Sánchez e Juana Reyes, e neta materna de Bartolomé López e María Barnés. Ela foi batizada aos 18-FEV-1703<sup>344</sup>, na Paróquia de San Patricio, com os nomes Blasa Josefa e teve como padrinhos D. Sebastián Alfonso Bravo e sua irmã D. María Josefa Bravo.

Em 1757<sup>345</sup>, Agustín vivia em uma casa baixa situada na *Calle de Montalbán*, tendo esta a dimensão de sete varas de frente e oito de fundo; estando confinada à direita com uma casa de Pedro Lirón, e à esquerda com outra do presbítero D. Lucas de Moya. Seu aluguel anual era regulado em 55 *reales de vellón*.

Blasa Sánchez teve o seu corpo sepultado, aos 28-FEV-1764<sup>346</sup>, na Paróquia de San Mateo, enquanto Agustín foi enterrado no Convento de San Francisco, em 6-NOV-1781<sup>347</sup>.

Tiveram sete filhos batizados na Paróquia de San Mateo, sendo o casal

---

342 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Mateo nº 7 (1707-1729), fls. 113v.

343 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Matrimônios de San Mateo nº 4 (1714-1743), fls. 203v.

344 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Patricio nº 4 (1696-1711), fls. 86v.

345 Archivo General de la Región de Murcia. Libro de lo Real de Seculares de Lorca, T.1 (A), fls. 416v.

346 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Enterros de San Mateo nº 9 (1757-1798), fls. 84.

347 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Enterros de San Mateo nº 9 (1757-1798), fls. 312v.

Bartolomé Navarro e Ginesa Úbeda (Os Navarro, §1º, 2-II) os padrinhos de todos, exceto de Francisca Javiera, que teve D. Manuel Navarro no lugar de Bartolomé. Já o filho José não foi localizado o batismo.

- 1(III) GERÓNIMA NAVARRO, nascida aos 4-MAR-1731<sup>348</sup> e batizada no dia 17 do mesmo mês com os nomes Gerónima Ramona. Casou-se na Paróquia de San Mateo, aos 24-DEZ-1756<sup>349</sup>, com MIGUEL BARNÉS e a velação<sup>350</sup> aconteceu em 24-MAIO-1762. Ele nasceu aos 4-FEV-1733<sup>351</sup> e foi batizado no dia 17 subsequente, na mesma igreja, com os nomes Miguel Andrés, sendo filho de Francisco Barnés e Inés Marín, neto paterno de Miguel Barnés e Lucía Borrel (ou Lucía Morales), neto materno de Juan Marín e Juana Vélez, e afilhado de Melchor Barnés e Olaya de Miras.
- 2(III) GINESA MÓNICA, que nasceu em 4-MAIO-1733<sup>352</sup> e teve o batismo realizado 12 dias depois.
- 3(III) FRANCISCO NAVARRO, nascido no dia 22-SET-1735<sup>353</sup> e batizado em 3 de outubro com os nomes Francisco Mauricio. Solteiro, faleceu aos 23 anos de idade e foi enterrado no Convento de San Francisco em 4-FEV-1759.<sup>354</sup>
- 4(III) JULIÁN ALFONSO, nascido aos 16-FEV-1740<sup>355</sup>, cujo batismo

---

348 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Mateo n.º 8, fls. 23.

349 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Matrimônios de San Mateo n.º 5, fls. 153

350 A velação dos noivos era um ritual religioso que complementava o casamento, sendo muitas vezes os dois realizados no mesmo dia. Durante a missa nupcial, passava-se um véu sobre a cabeça da noiva e o ombro do noivo, simbolizando a união e o compromisso matrimonial. Sem a velação, o casamento era considerado “incompleto”.

351 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Mateo n.º 8, fls. 91.

352 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Mateo n.º 8, fls. 99v.

353 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Mateo n.º 8, fls. 189.

354 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Enterros de San Mateo n.º 9 (1757-1798), fls. 21.

355 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Mateo n.º 8, fls. 354.

aconteceu no dia 27 subsequente.

- 5(III) AGUSTÍN ANTONIO LEONARDO, que nasceu aos 6-NOV-1741<sup>356</sup> e teve seu batismo realizado no dia 17 do mesmo mês.
- 6(III) JULIÁN RAMÓN nasceu aos 28-JAN-1746<sup>357</sup> e foi batizado no dia 8 de fevereiro.
- 7(III) FRANCISCA JAVIERA NAVARRO (ou Javiera Navarro) foi batizada aos 24-DEZ-1749<sup>358</sup>, tendo nascido no dia 2 do mesmo mês. Contraiu matrimônio com VICENTE LÓPEZ, aos 16-JAN-1786<sup>359</sup>, na Paróquia de San Mateo. Ele é filho de Juan López e María Lorita, neto materno de Bernabé López e Francisca Jareño, naturais de Caravaca de la Cruz (Murcia), e neto materno de José Lorita e Andrea Navarro. Vicente nasceu em 15-JAN-1750<sup>360</sup> e foi batizado cinco dias depois, na Paróquia de San Mateo, com os nomes Vicente Antonio Narciso, sendo seus padrinhos Antonio Barberi, da República de Gênova, e María Sánchez, de Villarrobledo (Albacete). Francisca Javiera foi enterrada no dia 15-ABR-1796<sup>361</sup> no Convento de San Francisco. Em 29-OUT-1796<sup>362</sup>, Vicente contraiu segundas núpcias com Juana Tudela, viúva de Pedro Requena. Morador na *Primera Caida*<sup>363</sup>, jurisdição da Paróquia de San Mateo, Vicente era *oficial alpargatero* e faleceu aos 60 anos, sendo sepultado no Convento de San Francisco aos

356 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Mateo nº 8, fls. 28v (numeração a partir de 1741).

357 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Mateo nº 8, fls. 205.

358 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Mateo nº 9 (1748-1762), fls. 20.

359 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Matrimônios de San Mateo nº 6 (1777-1797), fls. 121.

360 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Mateo nº 9 (1748-1762), fls. 50v.

361 No registro, o seu nome aparece erroneamente escrito como Gabriela. Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Enterros de San Mateo, fls. 143v.

362 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Matrimônios de San Mateo nº 6 (1777-1797), fls. 253v.

363 Archivo Municipal de Lorca. Padrón de Vecindario, 1807, Parroquia de San Mateo.

4-OUT-1810<sup>364</sup>.

8(III) JOSÉ NAVARRO, que foi casado com ANTONIA BAUTISTA PÉREZ, deixando geração que segue.

(III) JOSÉ NAVARRO contraiu matrimônio com ANTONIA BAUTISTA PÉREZ (ou Antonia Pérez Seva), filha de Francisco Bautista Pérez (ou Francisco Pérez Seva) e Leonor Galindo (ou Leonor Pérez), neta paterna de José Pérez Seva e Francisca Pérez Oller, e neta materna de Salvador Pérez Galindo e Catalina Mateos. Ela foi batizada em Puerto Lumbreras, a 1-NOV-1738<sup>365</sup>, com os nomes Antonia Josefa e teve como padrinhos o casal Antonio Martínez Casas e Catalina Mateos.

Foram pais de cinco filhos, todos batizados na Paróquia de San Mateo.

1(IV) AGUSTÍN NAVARRO, que nasceu em 21-DEZ-1771<sup>366</sup>, às 8 horas, e foi batizado, no dia 26 do mesmo mês, com os nomes Agustín Tomás José Antonio, sendo padrinho o avô paterno. Casou-se com MICAELA SÁNCHEZ, deixando geração que segue.

2(IV) LEONOR JOSEFA, nascida aos 28-ABR-1775<sup>367</sup>, às 9 horas, e com batismo realizado em 3 de maio. Teve como padrinhos o avô paterno e sua tia Javiera Navarro (Os Navarro, §1º, 7-III).

3(IV) BLASA MARÍA, irmã gêmea de Leonor, que também teve os mesmos padrinhos.

4(IV) FRANCISCO JOSÉ MARIANO EUGENIO, nascido aos 13-NOV-1776<sup>368</sup>, às 6 horas, e batizado no dia 19 do mesmo mês. Seu avô paterno e sua tia também assumiram o papel de padrinhos.

---

364 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Enterros de San Mateo, fls. 6v.

365 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Puerto Lumbreras, Livro de Batismos de Nuestra Señora del Rosario n.º 1, fls. 212.

366 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Mateo n.º 11 (1770-1776), fls. 49.

367 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Mateo n.º 11 (1770-1776), fls. 215v.

368 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Mateo n.º 12, fls. 31.

5(IV) JOSÉ NAVARRO nasceu no dia 1-ABR-1778<sup>369</sup>, às 15h30. Seu batismo aconteceu quatro dias depois, tendo ele recebido os nomes José Antonio Mariano Venancio. Seu avô e sua tia também foram os padrinhos. Celebrou matrimônio em Puerto Lumbreras, no dia 30-NOV-1799<sup>370</sup>, com MARIANA SÁNCHEZ, filha de Ginés Sánchez e Micaela Velasco, neta paterna de Juan Sánchez Guirado e Francisca Campoy, e neta materna de Juan Velasco, de Lúcar (Almería), e Mariana Albarracín. Ela foi batizada na mesma localidade do casamento, aos 15-DEZ-1776<sup>371</sup>, com os nomes Mariana Damasa, tendo nascido no dia 11 do mesmo mês, à meia-noite; seus padrinhos foram Andrés Sánchez e María Luisa García.

(IV) AGUSTÍN NAVARRO uniu-se a MICAELA SÁNCHEZ, no dia 19-FEV-1803<sup>372</sup>, em Puerto Lumbreras. Ela é irmã de Mariana Sánchez (Os Navarro, §1º, 5-IV), tendo nascido aos 24-JAN-1782<sup>373</sup> e sendo batizada cinco dias depois, também em Puerto Lumbreras, com os nomes Micaela María de la Paz. Foram seus padrinhos Andrés Sánchez e María Luisa García.

Deixaram nove filhos, todos batizados em Puerto Lumbreras, com a presença dos tios José Navarro e Mariana Sánchez como padrinhos, exceto por dois: Martín José, cujos padrinhos foram os avós paternos, e Miguel Gervasio, que teve Agustín Navarro como padrinho.

1(V) JOSÉ NAVARRO, que nasceu a 26-FEV-1807<sup>374</sup>, às 18 horas, e foi batizado no dia 1 de março com os nomes José Alejandro. Contraíu matrimônio duas vezes, deixando geração que segue.

---

369 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Mateo nº 12, fls. 99v.

370 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Puerto Lumbreras, Livro de Matrimônios de Nuestra Señora del Rosario nº 2, fls. 213.

371 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Puerto Lumbreras, Livro de Batismos de Nuestra Señora del Rosario, fls. 249v.

372 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Puerto Lumbreras, Livro de Matrimônios de Nuestra Señora del Rosario nº 2, fls. 244.

373 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Puerto Lumbreras, Livro de Batismos de Nuestra Señora del Rosario, fls. 445.

374 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Puerto Lumbreras, Livro de Batismos de Nuestra Señora del Rosario nº 8 (1807-1812), fls. 9.



- 2(V) GINÉS ANTONIO MIGUEL, com batismo realizado em 27-MAR-1809<sup>375</sup>, sendo que nasceu no dia 22 do mesmo mês, entre 20 e 21 horas.
- 3(V) AGUSTÍN HERMENEGILDO nasceu aos 13-ABR-1811<sup>376</sup>, à 1 hora, e recebeu o batismo no dia 18 do mesmo mês.
- 4(V) JUAN EVANGELISTA ÁNGEL foi batizado aos 11-OUT-1813<sup>377</sup>. Ele nasceu no dia 2 do mesmo mês, por volta das 14 horas.
- 5(V) FRANCISCO NAVARRO, cujo nascimento aconteceu a 9-AGO-1815<sup>378</sup>, às 21 horas. Foi batizado com quatro dias de vida e recebeu os nomes Francisco Miguel Román. Casou-se em Puerto Lumbreras, a 15-FEV-1836<sup>379</sup>, com MARÍA GARCÍA, filha de Pedro García e Ángela Rodríguez, neta paterna de Tomás Raimundo García e María García, e neta materna de Miguel Rodríguez e Isabel García. Batizada como filha natural<sup>380</sup> aos 23-SET-1818<sup>381</sup>, na mesma localidade, ela nasceu no dia 8 do mesmo mês, às 23 horas, e foi nomeada María Dolores, sendo seu padrinho Alfonso Guevara.
- 6(V) MARTÍN JOSÉ, nascido aos 31-JAN-1818<sup>382</sup> e batizado em 3 de fevereiro.

---

375 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Puerto Lumbreras, Livro de Batismos de Nuestra Señora del Rosario n.º 8 (1807-1812), fls. 141v.

376 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Puerto Lumbreras, Livro de Batismos de Nuestra Señora del Rosario n.º 8 (1807-1812), fls. 270.

377 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Puerto Lumbreras, Livro de Batismos de Nuestra Señora del Rosario n.º 9 (1812-1817), fls. 47v.

378 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Puerto Lumbreras, Livro de Batismos de Nuestra Señora del Rosario n.º 9 (1812-1817), fls. 163v.

379 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Puerto Lumbreras, Livro de Matrimônios de Nuestra Señora del Rosario n.º 4 (1832-1850), fls. 76v.

380 Seus pais se casaram, em Puerto Lumbreras, aos 4-ABR-1819, sendo Ángela Rodríguez viúva de Joaquín Díaz.

381 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Puerto Lumbreras, Livro de Batismos de Nuestra Señora del Rosario n.º 10 (1818-1825), fls. 34v.

382 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Puerto Lumbreras, Livro de Batismos de Nuestra Señora del Rosario n.º 10 (1818-1825), fls. 4v.

- 7(V) MANUEL NAVARRO, que nasceu em 11-FEV-1820<sup>383</sup>, às 6 horas, e recebeu o sacramento do batismo cinco dias depois, tendo os nomes Manuel Saturnino. Casou-se em primeiras núpcias, no dia 27-NOV-1852<sup>384</sup>, em Puerto Lumbreras, com MARÍA CARRASCO, filha de Pedro Carrasco e Dolores Amador, neta paterna de José Carrasco e Rosa Guevara, e neta materna de Javier Amador e María García. María Carrasco nasceu em 2-SET-1826<sup>385</sup>, às 15 horas, e foi batizada no dia seguinte, na mesma localidade, tendo como padrinhos Ildelfonso Guevara e Antonia Carrillo. Manuel e María eram pais de Micaela Navarro, casada com Juan Sánchez Sánchez (Os Sánchez, §º1, VII). María foi enterrada, em Puerto Lumbreras, aos 5-JUL-1866<sup>386</sup>, e Manuel contraiu segundas núpcias a 4-MAR-1867<sup>387</sup>, na mesma localidade, com ROSA PARRA, de Huércal-Overa. Rosa era viúva de Francisco Carrillo e filha de Bartolomé Parra e Ana García.
- 8(V) MARÍA ANTONIA, nascida em 22-MAIO-1822<sup>388</sup>, às 19 horas, e batizada no dia 25 do mesmo mês.
- 9(V) MIGUEL GERVASIO, com batismo realizado em 20-JUN-1824<sup>389</sup>, um dia após seu nascimento.

(V) JOSÉ NAVARRO casou-se, por volta de 1829<sup>390</sup>, na Paróquia de San

---

383 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Puerto Lumbreras, Livro de Batismos de Nuestra Señora del Rosario nº 10 (1818-1825), fls. 92v.

384 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Puerto Lumbreras, Livro de Matrimônios de Nuestra Señora del Rosario nº 5, fls. 18.

385 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Puerto Lumbreras, Livro de Batismos de Nuestra Señora del Rosario nº 11, fls. 84v.

386 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Puerto Lumbreras, Livro de Enterros de Nuestra Señora del Rosario nº 8, fls. 195.

387 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Puerto Lumbreras, Livro de Matrimônios de Nuestra Señora del Rosario nº 7 (1866-1880), fls. 17.

388 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Puerto Lumbreras, Livro de Batismos de Nuestra Señora del Rosario nº 10 (1818-1825), fls. 221.

389 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Puerto Lumbreras, Livro de Batismos de Nuestra Señora del Rosario nº 10 (1818-1825), fls. 338v.

390 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Índice de Matrimônios de San Patricio nº 10 (1810-1830), fls. 360v.

Patricio, com JOSEFA CAMPOY. Na mesma época de seu matrimônio, a população de Lorca sofria com calamidades presentes, como terremotos e falta de chuva<sup>391</sup>.

Josefa era filha de José Campoy e Catalina Navarro, neta paterna de José Campoy e María Abellán, e neta materna de Diego Navarro e María Fernández Plazas. Batizada com os nomes Josefa Fernanda Salustiana em 15-JUN-1809<sup>392</sup>, na mesma localidade, ela nasceu no dia 8 do mesmo mês e teve como padrinhos Cristóbal Sánchez e María de Jesús Pérez.

Foram pais de:

1(VI) MICAELA NAVARRO, nascida aos 2-ABR-1830<sup>393</sup>, às 9 horas, e batizada dois dias depois com os nomes Micaela Dolores, em Puerto Lumbreras. Joaquín Sánchez e Francisca Sánchez foram seus padrinhos. Celebrou núpcias com JUAN ANTONIO EGEA, aos 6-MAIO-1854<sup>394</sup>, na mesma localidade. Juan é filho de Vicente Egea e Basilia Granados, paroquianos de Huércal-Overa.

2(VI) MARÍA NAVARRO, que recebeu o sacramento do batismo aos 18-JUN-1832<sup>395</sup>, em Puerto Lumbreras, com três dias de vida, e teve os nomes María Catalina Modesta. Foram padrinhos Agustín Navarro e María Campoy. Casou-se a 4-FEV-1856<sup>396</sup>, também em Puerto Lumbreras, com JUAN JOSÉ LÓPEZ, filho de Juan López e Juana Campos, neto paterno de Luis López e Rosa de Túnez, e neto materno de Francisco Campos e Catalina Morales. Nomeado Juan José Lucas, ele nasceu aos 18-OUT-1829<sup>397</sup>, às 6 horas, e

391 CÁCERES PLA, Francisco. *Lorca. Noticias históricas, literarias, estadísticas, etc., de la antigua Ciudad del Sol*. Madrid: Imprenta del Boletín de Instrucción Pública, 1902, p. 119.

392 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Patricio n.º 24 (1806-1810), fls. 290.

393 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Puerto Lumbreras, Livro de Batismos de Nuestra Señora del Rosario n.º 11, fls. 280.

394 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Puerto Lumbreras, Livro de Matrimônios de Nuestra Señora del Rosario n.º 5, fls. 65.

395 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Puerto Lumbreras, Livro de Batismos de Nuestra Señora del Rosario n.º 12 (1831-1836), fls. 59v.

396 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Puerto Lumbreras, Livro de Matrimônios de Nuestra Señora del Rosario n.º 5, fls. 125v.

397 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Puerto Lumbreras, Livro de Batismos de Nuestra Señora del Rosario n.º 11, fls. 254.

foi batizado no dia seguinte, na mesma localidade, sendo seus padrinhos José Ximénez e María García.

- 3(VI) AGUSTÍN NAVARRO, nascido a 20-OUT-1834<sup>398</sup>, às 2 horas, e batizado no dia seguinte, em Puerto Lumbreras, com os nomes Agustín Juan, tendo como padrinhos Agustín Navarro e María Campoy. Celebrou matrimônio na mesma localidade, no dia 5-ABR-1869<sup>399</sup>, com MARÍA CARRILLO, filha de Juan Carrillo e Josefa Gerez, natural de Pulpí, neta paterna de Francisco Carrillo e Isabel López, e neta materna de Juan Gerez, também de Pulpí, e María Mateos. Batizada com dois dias de vida, em Puerto Lumbreras, e tendo recebido os nomes María Josefa Regina, ela nasceu a 7-SET-1847<sup>400</sup>, às 16 horas, e teve como padrinhos Juan Gerez e sua mulher Soledad Navarro.
- 4(VI) JOSÉ, nascido a 3-ABR-1837<sup>401</sup>, às 23 horas, e batizado dois dias depois, em Puerto Lumbreras. Sua madrinha foi María Campoy.
- 5(VI) JOAQUÍN GENARO nasceu aos 19-SET-1840<sup>402</sup>, às 10 horas, e foi batizado no dia seguinte, em Puerto Lumbreras. Teve como padrinhos Manuel Navarro e sua irmã Soledad Navarro, ambos solteiros.

Josefa Campoy faleceu em 10-MAR-1856<sup>403</sup> e foi sepultada no dia seguinte, em Puerto Lumbreras.

Aos 50 anos, José Navarro contraiu segundas núpcias com ISABEL ARTERO, de 22 anos, filha de Ginés Artero, natural de Huércal-Overa, e

398 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Puerto Lumbreras, Livro de Batismos de Nuestra Señora del Rosario nº 12 (1831-1836), fls. 241.

399 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Puerto Lumbreras, Livro de Matrimônios de Nuestra Señora del Rosario nº 7 (1866-1880), fls. 51.

400 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Puerto Lumbreras, Livro de Batismos de Nuestra Señora del Rosario nº 15 (1846-1851), fls. 68v.

401 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Puerto Lumbreras, Livro de Batismos de Nuestra Señora del Rosario nº 13, fls. 43v.

402 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Puerto Lumbreras, Livro de Batismos de Nuestra Señora del Rosario nº 13, fls. 245.

403 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Puerto Lumbreras, Livro de Enterros de Nuestra Señora del Rosario nº 7 (1855-1861), fls. 14v.

Ana López, neta paterna de Ginés Artero e Quiteria Parra, e neta materna de Vicente López e Isabel Porlán. O matrimônio aconteceu em Puerto Lumbreras, no dia 9-NOV-1857<sup>404</sup>. Isabel nasceu a 24-DEZ-1834<sup>405</sup>, às 23 horas, e recebeu o batismo três dias depois, na mesma localidade, sendo escolhidos como seus padrinhos Domingo López e Beatriz Moreno.

José e Isabel deixaram a seguinte descendência:

- 6(VI) MICAELA NAVARRO ARTERO, que nasceu aos 5-JUN-1859<sup>406</sup> e foi batizada no dia 8 subsequente, em Puerto Lumbreras, com os nomes María Micaela Bonifacia. Foram seus padrinhos Juan Navarro e María López. Contraiu matrimônio aos 24-NOV-1892<sup>407</sup>, também em Puerto Lumbreras, com ANDRÉS PÉREZ SÁNCHEZ, filho de Alfonso Pérez e Sebastiana Sánchez, neto paterno de Andrés Pérez e Antonia Sánchez, e neto materno de Ginés Sánchez e Joaquina Terrones. Batizado com os nomes Andrés Francisco, na mesma localidade, aos 4-DEZ-1860<sup>408</sup>, ele nasceu no dia anterior, às 18 horas, e teve como padrinhos Juan Pérez e Juana López.
- 7(VI) GINÉS PABLO, nascido a 15-JAN-1861<sup>409</sup>, às 23 horas, e batizado com dois dias de vida, em Puerto Lumbreras. Foram padrinhos Juan Egea e Micaela Navarro (Os Navarro, §1º, 1-VI).
- 8(VI) JUAN NAVARRO ARTERO, nascido aos 17-FEV-1863<sup>410</sup> e batizado no dia seguinte, em Puerto Lumbreras, com os nomes Juan Antonio Claudio. Seus padrinhos foram Juan Egea e Micaela

---

404 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Puerto Lumbreras, Livro de Matrimônios de Nuestra Señora del Rosario nº 6 (1857-1866), fls. 22v.

405 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Puerto Lumbreras, Livro de Batismos de Nuestra Señora del Rosario nº 12 (1831-1836), fls. 254.

406 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Puerto Lumbreras, Livro de Batismos de Nuestra Señora del Rosario nº 17 (1855-1859), fls. 391v.

407 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Puerto Lumbreras, Livro de Matrimônios de Nuestra Señora del Rosario nº 9, fls. 116v.

408 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Puerto Lumbreras, Livro de Batismos de Nuestra Señora del Rosario nº 18 (1860-1864), fls. 85v.

409 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Puerto Lumbreras, Livro de Batismos de Nuestra Señora del Rosario nº 18 (1860-1864), fls. 97.

410 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Puerto Lumbreras, Livro de Batismos de Nuestra Señora del Rosario nº 18 (1860-1864), fls. 287.

Navarro. Casou-se com MICAELA TERRONES SOLER, deixando geração que segue.

9(VI) ANA NAVARRO ARTERO, que nasceu a 8-JUN-1865<sup>411</sup>, às 2 horas, e foi batizada no mesmo dia, em Puerto Lumbreras, com os nomes Ana Josefa Salustiana. Juan Egea e Micaela Navarro também são os seus padrinhos. Celebrou matrimônio com FRANCISCO GARRE DÍAZ, filho de Juan Garre e Lázara Díaz.

(VI) JUAN NAVARRO ARTERO contraiu núpcias no dia 21-JUL-1892<sup>412</sup>, em Puerto Lumbreras, com MICAELA TERRONES SOLER, nascida em Pulpí, por volta de 1871, filha de Andrés Terrones López e María Soler Pérez, neta paterna de José Terrones e Isabel López, e neta materna de Alfonso Soler e Micaela Pérez.

Juan faleceu em 10-FEV-1933 e sua mulher Micaela aos 22-OUT-1942<sup>413</sup>, sendo ambos sepultados no Cemitério Municipal de Itu.

Foram pais de:

1(VII) JOSÉ NAVARRO TERRONES nasceu a 1-AGO-1892<sup>414</sup> e foi batizado dois dias depois, em Puerto Lumbreras, com os nomes José Félix. Teve como padrinhos os seus tios Francisco Garre Díaz e Ana Navarro Artero. Casou-se com CATALINA DÍAZ PLAZAS (Os Díaz, §3º, 1-IX). José trabalhou por anos em um sítio que havia comprado em Itu, até decidir viver no centro da cidade; faleceu entre 1973 e 1982.

2(VII) ANDRÉS NAVARRO TERRONES, nascido aos 23-ABR-1894<sup>415</sup> e batizado no dia seguinte, em Puerto Lumbreras, com os nomes Andrés Jorge. Também teve como padrinhos Francisco e Ana.

---

411 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Puerto Lumbreras, Livro de Batismos de Nuestra Señora del Rosario nº 19 (1865-1868), fls. 48.

412 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Puerto Lumbreras, Livro de Matrimônios de Nuestra Señora del Rosario nº 9 (1890-1899), fls. 88v.

413 Registro Civil de Itu. Livro de Óbitos nº 42, fls. 47, termo nº 8.659.

414 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Puerto Lumbreras, Livro de Batismos de Nuestra Señora del Rosario nº 28 (1890-1892), fls. 267.

415 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Puerto Lumbreras, Livro de Batismos de Nuestra Señora del Rosario nº 29 (1890-1894), fls. 245.

Contraíu matrimônio com MARÍA CIPRIANA DÍAZ DÍAZ (Os Díaz, §2º, 1-VIII). Trabalhou como industrial e faleceu no dia 27-ABR-1962<sup>416</sup>, em Itu.

- 3(VII) ISABEL NAVARRO TERRONES, nascida aos 4-MAIO-1896<sup>417</sup> e batizada dois dias depois, em Puerto Lumbreras, com os nomes Isabel Paulina. Também foram seus padrinhos Francisco e Ana. Desposou JOSÉ CORTIJOS SICILIA (Os Sicilia, §1º, 2-VIII). Isabel faleceu aos 10-DEZ-1969<sup>418</sup>, em Itu.
- 4(VII) FRANCISCO NAVARRO TERRONES foi batizado com um dia de vida, aos 14-MAIO-1899<sup>419</sup>, em Puerto Lumbreras. Seus padrinhos também foram Francisco Garre Díaz e Ana Navarro Artero. Faleceu aos sete meses de vida, no dia 13 de dezembro<sup>420</sup>, devido a raquitismo.
- 5(VII) JUAN NAVARRO TERRONES nasceu na *pedanía* de La Escucha, a 9-MAIO-1901<sup>421</sup>, sendo batizado em Puerto Lumbreras<sup>422</sup>. Seus tios Francisco e Ana foram nomeados padrinhos. Casou-se com ROSA DÍAZ PLAZAS (Os Díaz, §3º, 3-IX), trabalhou como lavrador e faleceu aos 25-MAIO-1986<sup>423</sup>, em Itu.

---

416 Registro Civil de Itu. Livro de Óbitos C-51, fls. 68, termo nº 10.860.

417 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Puerto Lumbreras, Livro de Batismos de Nuestra Señora del Rosario nº 30 (1894-1896), fls. 283v.

418 Registro Civil de Itu. Livro de Óbitos C-54, fls. 59, termo nº 20.415.

419 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Puerto Lumbreras, Livro de Batismos de Nuestra Señora del Rosario nº 32 (1899-1900), fls. 3.

420 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Puerto Lumbreras, Livro de Óbitos de Nuestra Señora del Rosario nº 14 (1896-1904), fls. 199.

421 Registro Civil de Lorca. Livro de Nascimentos, tomo 197, fls. 46, nº 636.

422 Apesar do Registro Civil indicar que ele nasceu em 9 de maio, seu batismo teria ocorrido no dia 26 de abril e aponta que nasceu no dia anterior. Não dá para saber qual a data de nascimento de fato está correta, pois era comum os responsáveis pelos livros paroquiais demorarem para transcrever os assentos, o que poderia gerar erros nas datas.

423 Registro Civil de Itu. Livro de Óbitos nº 20, fls. 151, termo nº 6.656.

- 6(VII) PEDRO NAVARRO TERRONES, nascido aos 8-SET-1903<sup>424</sup> e batizado no dia seguinte, em Puerto Lumbreras. Seus padrinhos foram Francisco Garre Díaz e Ana Navarro Artero. Celebrou matrimônio com ANA CORTIJOS SICILIA (Os Sicilia, §1º, 6-VIII). No Brasil, trabalhou como colono e comerciante. Faleceu na cidade de Itu, em 5-JAN-1994<sup>425</sup>, enquanto sua esposa ainda estava viva.
- 7(VII) GINÉS NAVARRO TERRONES, que nasceu aos 3-JAN-1909<sup>426</sup> e recebeu o sacramento do batismo no dia 6 do mesmo mês, em Puerto Lumbreras. Possivelmente, também teve como padrinhos Francisco Garre Díaz (aparece como Francisco García Díaz) e Ana Navarro Artero. Aos 18-ABR-1931<sup>427</sup>, em Itu, uniu-se a ANTONIA EMMANOELLI, nascida a 15-JAN-1911<sup>428</sup>, em Indaiatuba. Antonia era filha de Iginio Emmanuelli, jardineiro natural do Trento e provavelmente chamado Licinio, e de Olympia da Costa, de Itu. Industriário, Ginés faleceu depois de 2-SET-1971, data em que já era viúvo.
- 8(VII) ANA NAVARRO TERRONES, nascida em Lorca, possivelmente aos 20-JUN-1911<sup>429</sup>. Pelo relato escrito de Pedro Díaz Plazas, faleceu ainda na infância, pouco tempo depois de chegar ao Brasil.

---

424 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Puerto Lumbreras, Livro de Batismos de Nuestra Señora del Rosario nº 34 (1902-1905), fls. 85.

425 Registro Civil de Itu. Livro de Óbitos C-36, fls. 72, termo nº 11.748.

426 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Puerto Lumbreras, Livro de Batismos de Nuestra Señora del Rosario nº 35, fls. 448.

427 Registro Civil de Itu. Livro de Casamentos nº 16, fls. 110v, termo nº 251.

428 Registro Civil de Indaiatuba. Livro de Nascimentos, fls. 147v, termo nº 549.

429 Informação consta no Registro de Entrada da Hospedaria de Imigrantes de São Paulo.



## Os Carrasco

### §1º

- (I) BARTOLOMÉ CARRASCO, nascido por volta de 1766. Casou-se, em torno de 1795, com ANA CARRETERO, filha de Juan Carretero e Catalina López, neta paterna de Pablo Carretero Simón e María Pinar Gómez (ou María Ginesa Pinar, María Gómez) e neta materna de Agustín López Ayora e Catalina Ximénez Salas (ou Catalina Haro) - todos naturais de Vera (Almería), exceto Agustín que é de Antas (Almería). Ana nasceu a 24-NOV-1775<sup>430</sup> e foi batizada no dia 9 de dezembro, em Vera, com os nomes Ana María, tendo como padrinhos Juan González e Luisa Martínez.

Bartolomé aparece no *Padrón de Vecindario* de 1797<sup>431</sup> com 31 anos de idade, morador no Campo de Pulpí, vizinho de sua sogra<sup>432</sup> e como jornaleiro, sendo que sua esposa exerce a função de fiandeira. Ele faleceu entre 1830 e 1835, possivelmente em Pulpí. Figura no *Padrón de Vecindario* de 1830<sup>433</sup> como *piojarero*, já no de 1835<sup>434</sup>, sua mulher Ana Carretero consta como viúva.

Ana Carretero morreu devido a calenturas, no dia 5-ABR-1855<sup>435</sup>, em Pulpí.

Foram pais de:

- 1(II) BARTOLOMÉ CARRASCO aparece com 1 ano no *Padrón de Vecindario* de 1797 e com 11 anos no de 1807<sup>436</sup>. Após ficar viúvo,

430 Archivo Diocesano de Almería. Vera, Livro de Batismos de Nuestra Señora de la Encarnación nº 24 (1769-1776), fls. 422v, nº 208.

431 Archivo Municipal de Lorca. Padrón de Vecindario, 1797, Campo de Pulpí.

432 Viúva desde 17-MAR-1786, quando seu marido faleceu no Hospital de San Agustín de “*muerte repentina*”, Catalina López, fiandeira, vive na mesma casa de sua filha Catalina Carretero, tecelã, casada com Ginés Martínez Aznar e com duas filhas (Isabel María, de 3 anos, e Catalina Antonia, com 1 mês).

433 Archivo Municipal de Lorca. Padrón de Vecindario, 1830, Pulpí.

434 Archivo Municipal de Lorca. Padrón de Vecindario, 1835, Pulpí.

435 Archivo Municipal de Vera. Pre-Registro Civil, Livro de Óbitos, 1841-1855, fls. 219v, nº 11.

436 Archivo Municipal de Lorca. Padrón de Vecindario, 1807, Diputación de Pulpí.

aos 45 anos, casou-se novamente no dia 16-JUN-1841<sup>437</sup>, em Pulpí, com FRANCISCA QUESADA, que também era viúva e tinha 32 anos. Ela era filha de Ginés Quesada e Francisca Gallardo.

- 2(II) JUAN CARRASCO aparece com 6 anos em 1807. De profissão ferreiro, contraiu matrimônio com JOSEFA QUESADA, filha de Luis Quesada e Beatriz Gallardo. Juan faleceu aos 20-SET-1873<sup>438</sup>, em Saint Leu (Orã, Argélia), sendo na época lavrador e morador em Port aux Poules<sup>439</sup>.
- 3(II) ANTONIO CARRASCO aparece com 2 anos em 1807. Faleceu a 24-SET-1865<sup>440</sup>, solteiro e com 50 anos, em Arzew (Orã, Argélia). Era jornalista e morador de Port aux Poules.
- 4(II) FRANCISCO CARRASCO CARRETERO aparece com 16 anos em 1830. Natural de Pulpí, casou-se com ANA GIMÉNEZ, deixando geração que segue.

- (II) FRANCISCO CARRASCO CARRETERO celebrou núpcias, aproximadamente em 1840, com ANA GIMÉNEZ, também de Pulpí e nascida cerca de 1819, filha de Matías Giménez “el Menor”, natural de Puerto Lumbreras, e Rosa Gallardo, de Pulpí. Ela era neta paterna de Matías Ximénez<sup>441</sup>, de Puerto Lumbreras, e Ana Quesada, de Vera, e neta materna de Manuel Gallardo<sup>442</sup>, de Lorca (Paróquia de San José), e María Josefa Lorenzo, de Puerto Lumbreras. A família de Ana trabalhava no campo, e sua avó materna ainda era costureira.

Francisco e Ana viveram em Pozo de la Higuera, localidade na qual uma parte pertence a Pulpí e outra a Lorca. Depois, passaram a residir em Purias, onde trabalhavam como jornalheiros.

437 Archivo Municipal de Vera. Pre-Registro Civil, Livro de Matrimônios, 1841, nº 5.

438 Archives nationales d'outre-mer. Livro de Óbitos de Saint Leu, 1873, fls. 2v, nº 8.

439 Atualmente, é chamada de Mers El Hadjadj.

440 Archives nationales d'outre-mer. Livro de Óbitos de Arzew, 1865, nº 67.

441 Matías Ximénez é sobrinho, pelo lado paterno, de María Ximénez de Jódar (Os Sánchez, §1º, IV).

442 Pedro Gallardo, pai de Manuel, foi casado em primeiras núpcias com Beatriz Pérez Espejo, irmã de Roque Pérez (Os Díaz, §1º, 1-IV). Contraiu segundas núpcias com Gerónima Carmona, que era viúva de Bartolomé Morales.

Francisco faleceu no dia 9-DEZ-1878<sup>443</sup>, aos 64 anos, devido a pleurite e não outorgou testamento.

Foram pais de:

- 1(III) BARTOLOMÉ, nascido possivelmente em Pulpí por volta de 1840.
- 2(III) MATÍAS CARRASCO GIMÉNEZ, nascido aos 24-DEZ-1843<sup>444</sup>, em Pozo de la Higuera (Pulpí), e batizado na Paróquia de San Miguel com os nomes Matías Antonio. Contraíu matrimônio com MARÍA MARTÍNEZ MECA, com geração que segue no §2º.
- 3(III) JUAN ANTONIO, nascido aos 28-FEV-1846<sup>445</sup>, em Pulpí, e batizado na Paróquia de San Miguel. Faleceu na mesma localidade, devido a calenturas, em 22-JAN-1849<sup>446</sup>.
- 4(III) MARÍA, que nasceu aos 28-ABR-1850<sup>447</sup>, em Pulpí, e recebeu o sacramento do batismo na Paróquia de San Miguel. Faleceu na infância, devido a catarro, em 27-FEV-1851<sup>448</sup>, e está enterrada no cemitério de Pulpí.
- 5(III) LUIS PEDRO CARRASCO GIMÉNEZ, nascido em 1-AGO-1854<sup>449</sup> e batizado no mesmo dia, em Puerto Lumbreras, tendo como padrinhos Luis García e sua mulher María Morales. Casou-se com MARÍA PÉREZ CABRERA, com geração que segue no §3º.

6(III) ROSA MARÍA CARRASCO GIMÉNEZ, que nasceu aos 14-JAN-

443 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Puerto Lumbreras, Livro de Óbitos de Nuestra Señora del Rosario nº 10 (1877-1883), fls. 82.

444 Archivo Municipal de Vera. Pre-Registro Civil, Ano 1843, nº 72.

445 Archivo Municipal de Vera. Pulpí, Pre-Registro Civil, Livro de Nascimentos, 1846-1853, nº 18.

446 Archivo Municipal de Vera. Pulpí, Pre-Registro Civil, Livro de Óbitos, 1841-1855, fls. 115, nº 1.

447 Archivo Municipal de Vera. Pulpí, Pre-Registro Civil, Livro de Nascimentos, 1846-1853, nº 37.

448 Archivo Municipal de Vera. Pulpí, Pre-Registro Civil, Livro de Óbitos, 1841-1855, fls. 147v, nº 12.

449 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Puerto Lumbreras, Livro de Batismos Nuestra Señora del Rosario nº 16 (1852-55), fls. 189v.

1856<sup>450</sup>, em Pulpí, e foi batizada na Paróquia de San Miguel. Celebrou núpcias com FERNANDO ANTONIO DE PLAZAS IZQUIERDO, com geração que segue no §4°.

7(III) FRANCISCO CARRASCO GIMÉNEZ, nascido aos 6-SET-1858<sup>451</sup> e batizado no dia seguinte, em Puerto Lumbreras, com os nomes Francisco Eugenio; também teve Luis García e María Morales como padrinhos. Casou-se com MARÍA SÁNCHEZ SÁNCHEZ, deixando geração que segue.

8(III) JOSÉ MARIANO nasceu a 5-AGO-1862<sup>452</sup> e foi batizado no mesmo dia, em Puerto Lumbreras. Seus padrinhos foram Luis García e María Morales.

9(III) JUAN CARRASCO recebeu o sacramento do batismo em 26-DEZ-1864<sup>453</sup>, com apenas um dia de vida, em Puerto Lumbreras, sendo nomeado Juan Manuel Jesús. Também foram seus padrinhos Luis García e María Morales. Faleceu na mesma localidade aos 24-SET-1877<sup>454</sup>, devido à pneumonia.

(III) FRANCISCO CARRASCO GIMÉNEZ contraiu núpcias com MARÍA SÁNCHEZ SÁNCHEZ (Os Sánchez, §1°, 5-VII). Segundo relatos familiares, Francisco era um homem muito alto, com quase 2 metros de altura, enquanto María media cerca de 1,47m. Ambos se dedicavam aos cuidados de seu único filho.

Sempre trabalharam no campo e, em Purias, possuíam um pedaço de terra, onde, pelas histórias contadas por seus netos, plantavam pimentões. Por volta de 1928, esse terreno ficou a cargo de um sobrinho, chamado pelos familiares de “conde”.

---

450 Archivo Municipal de Vera. Pulpí, Pre-Registro Civil, Livro de Nascimentos, 1854-1857, fls. 1v, nº 4.

451 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Puerto Lumbreras, Livro de Batismos de Nuestra Señora del Rosario nº 17 (1855-1859), fls. 306.

452 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Puerto Lumbreras, Livro de Batismos de Nuestra Señora del Rosario nº 18 (1860-1864), fls. 236.

453 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Puerto Lumbreras, Livro de Batismos de Nuestra Señora del Rosario nº 18 (1860-1864), fls. 466.

454 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Puerto Lumbreras, Livro de Óbitos de Nuestra Señora del Rosario nº 10 (1877-1883), fls. 31v.

Francisco faleceu em Indaiatuba, aos 3-NOV-1917<sup>455</sup>, de causas naturais, enquanto sua mulher faleceu anos depois na capital paulista.

Tiveram um filho:

- 1(IV) FRANCISCO CARRASCO SÁNCHEZ, mais conhecido como “Paco”, nascido na *pedanía* de Purias a 11-SET-1897<sup>456</sup>. Casou-se com MARÍA ENCARNACIÓN DÍAZ GARCÍA (Os Díaz, §1º, 3-IX). Na Espanha e no interior de São Paulo, trabalhou como jornalista e colono. Ao se mudar para a capital paulista, atuou como ajudante de chofer e motorista de ônibus de viagem, cargo que ocupou até sua aposentadoria. Em 1926<sup>457</sup>, Francisco sofreu um acidente de trabalho no qual o veículo em que se encontrava colidiu violentamente, resultando em um ferimento contuso na região frontoparietal direita, ao ser projetado para fora do veículo. Em 1950<sup>458</sup>, ele passou por outro acidente de trabalho; conforme relato de seu filho, Francisco aguardava o horário de saída do ônibus quando outro motorista perdeu o controle do veículo, resultando em seu prensamento contra a parede. Após sua chegada ao Brasil, seus pais o ensinaram a falar português para que pudesse auxiliar os demais membros da colônia. No entanto, na velhice, devido à perda de memória, Francisco não conseguia mais se comunicar nesse idioma, acreditando estar na Espanha. Francisco faleceu aos 14-AGO-1985<sup>459</sup>, em Mauá (São Paulo).

---

455 Registro Civil de Indaiatuba. Livro de Óbitos, fls. 131v, termo nº 576.

456 Registro Civil de Lorca. Livro de Nascimentos, tomo 171, fls. 103, nº 1.183.

457 Correio Paulistano, 14 de novembro de 1926, edição 22.743, p. 2, acesso pelo site da Hemeroteca da Biblioteca Digital.

458 Diário da Noite, 29 de novembro de 1950, edição 7.961, p. 9, , acesso pelo site da Hemeroteca da Biblioteca Digital.

459 Registro Civil de Mauá. Livro de Óbitos, fls. 145, termo nº 9.748.



Cédula Personal de Francisco Carrasco Sánchez, emitida em 14-JUL-1913.

## §2º

- (III) MATÍAS CARRASCO GIMÉNEZ contraiu matrimônio com MARÍA MARTÍNEZ MECA. Morador de Purias, ele faleceu após 1923<sup>460</sup>.

Foram pais de:

- 1(IV) ANA CARRASCO MARTÍNEZ, nascida possivelmente aos 15-AGO-1881<sup>461</sup>, em Lorca. Casou-se com MANUEL SÁNCHEZ NAVARRO, deixando geração que segue.
- 2(IV) ASCENSIÓN CARRASCO MARTÍNEZ, nascida em Lorca e batizada na Paróquia de San Patricio. Contraiu núpcias com PEDRO GRIS SÁNCHEZ, da mesma localidade, filho de Domingo Gris Sánchez e Francisca Sánchez López.

460 Aparece no Censo Electoral de Lorca de 1923 como jornaleiro e morador de Purias.

461 Informação consta no Registro de Entrada da Hospedaria de Imigrantes de São Paulo.

- (IV) ANA CARRASCO MARTÍNEZ uniu-se, por volta de 1905, com MANUEL SÁNCHEZ NAVARRO, filho de Juan Sánchez Sánchez e Micaela Navarro (Os Sánchez, §1º, 2-VIII).

Francisco e María foram pais de:

- 1(IV) MICAELA SÁNCHEZ CARRASCO, nascida possivelmente aos 22-MAR-1906<sup>462</sup>, em Lorca.
- 2(IV) JUAN SÁNCHEZ CARRASCO, que nasceu provavelmente aos 10-JUL-1907<sup>463</sup>, em Lorca. Casou-se no dia 10-JUL-1930<sup>464</sup>, em Indaiatuba, com ESMERALDA BUENO DE CAMARGO, nascida na mesma cidade aos 10-JUL-1907<sup>465</sup>, filha de João Bueno de Camargo e Marcia Angelica de Mattos. Ele faleceu aos 7-FEV-1984<sup>466</sup>, em Limeira (São Paulo), e sua esposa aos 12-DEZ-1990<sup>467</sup>, em Jundiaí (São Paulo).
- 3(IV) MARÍA SÁNCHEZ CARRASCO, mais conhecida como “Mariquita”, nascida possivelmente aos 15-JUN-1910<sup>468</sup>, em Lorca. Celebrou núpcias com JUAN ANTONIO LÓPEZ ORTIZ, lavrador, natural de Almería, filho de Ramón López García e Asención Ortiz García. Ela faleceu aos 25-OUT-1994<sup>469</sup>, em Mauá, e ele no dia 15-OUT-1973<sup>470</sup>, em São Paulo.
- 4(IV) MATÍAS SÁNCHEZ CARRASCO, nascido possivelmente aos 2-FEV-1912<sup>471</sup>, em Lorca. Faleceu de bronquite pouco tempo depois de chegar ao Brasil, na Fazenda Monte Branco, em

462 Informação consta no Registro de Entrada da Hospedaria de Imigrantes de São Paulo.

463 Informação consta no Registro de Entrada da Hospedaria de Imigrantes de São Paulo.

464 Arquivo Arquidiocesano de Campinas. Indaiatuba, Livro de Casamentos de Nossa Senhora da Candelária, fls. 9, nº 28.

465 Arquivo Arquidiocesano de Campinas. Indaiatuba, Livro de Batismos de Nossa Senhora da Candelária nº 10 (1803-1910), fls. 75, termo nº 261.

466 Registro Civil de Limeira. Livro de Óbitos, fls. 338, termo nº 7.841.

467 Registro Civil de Jundiaí. Livro de Óbitos, fls. 131v, termo nº 31.418.

468 Informação consta em seu Registro de Imigrante.

469 Registro Civil de Mauá. Livro de Óbitos, termo nº 22.327.

470 Registro Civil da Liberdade. Livro de Óbitos C-113, fls. 100, termo nº 73.934.

471 Informação consta no Registro de Entrada da Hospedaria de Imigrantes de São Paulo.

Indaiatuba, no dia 6-NOV-1913<sup>472</sup>. O declarante de seu óbito é Pedro Díaz<sup>473</sup>.

- 5(IV) FRANCISCO SANCHEZ, nascido aos 21-ABR-1917, em Indaiatuba. Trabalhou como ferroviário e casou-se com AMABILE DE HARO.
- 6(IV) MANUEL SANCHEZ, que aparece em vários documentos como Manoel Santi Filho, nascido em 6-JUN-1922<sup>474</sup> e batizado no dia 11 do mesmo mês, na Paróquia de Helvetia, em Indaiatuba. Teve como padrinhos Francisco Carrasco Sánchez e sua mãe María Sánchez Sánchez.
- 7(IV) JOSÉ SANCHES, nascido aos 30-JAN-1925<sup>475</sup> e batizado no dia 1 de fevereiro na Paróquia de Helvetia, também teve Francisco Carrasco Sánchez e María Sánchez Sánchez como padrinhos. Trabalhou como canteiro e faleceu aos 27-JUL-1993<sup>476</sup>, em Indaiatuba.

### §3º

- (III) LUIS PEDRO CARRASCO GIMÉNEZ casou-se, em torno de 1877, com MARÍA PÉREZ CABRERA, filha de Pedro Pérez e María Cabrera, neta paterna de José Pérez e María Fernández, e neta materna de Miguel Cabrera (ou Miguel Gil Cabrera) e María Pelegrín (ou María del Rosario Pelegrín)<sup>477</sup>. Imigraram para a Argélia no final do século XX.

Foram pais de:

- 1(IV) ANA CIPRIANA CARRASCO, nascida aos 26-SET-1878<sup>478</sup>

472 Registro Civil de Indaiatuba. Livro de Óbitos, fls. 116v, termo nº 446.

473 Trata-se de Pedro Díaz Pelegrín (Os Díaz, §1º, VIII), sendo comprovado por meio de sua assinatura.

474 Arquivo Arquidiocesano de Campinas. Helvetia/Indaiatuba, Paróquia Nossa Senhora de Lourdes, fls. 78, nº 112.

475 Arquivo Arquidiocesano de Campinas. Helvetia/Indaiatuba, Paróquia Nossa Senhora de Lourdes, fls. 208, nº 9.

476 Registro Civil de Indaiatuba. Livro de Óbitos C-37, fls. 572, termo nº 6.584.

477 María Pelegrín é irmã de Francisco Javier Pelegrín López (Os Díaz, §1º, VII).

478 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Puerto Lumbreras, Livro de Batismos



e batizada com dois dias de vida, em Puerto Lumbreras, sendo seus padrinhos Martín Parra e María Martínez. Casou-se aos 14-FEV-1901<sup>479</sup>, em Saint Leu (Argélia), com ANTONIO MARÍA MALDONADO, nascido a 9-ABR-1874, em Murtas (Granada), filho de José Maldonado e Rosario López.

- 2(IV) FRANCISCO ISIDRO, que nasceu aos 15-MAIO-1880<sup>480</sup> e recebeu o sacramento do batismo no dia seguinte, em Puerto Lumbreras. Foram padrinhos seus tios, Matías Carrasco e María Martínez (Os Carrasco, §2º, III).
- 3(IV) MARÍA JUANA, nascida aos 24-JUN-1881<sup>481</sup> e batizada com dois dias de vida, em Puerto Lumbreras. Foi madrinha sua tia María Martínez, mulher de Matías Carrasco.
- 4(IV) MATÍAS CARRASCO, nascido possivelmente aos 5-JUN-1886<sup>482</sup>, em Lorca.
- 5(IV) LUIS CARRASCO, nascido aos 4-JAN-1891<sup>483</sup>, em Saint Leu. Celebrou núpcias na mesma localidade, no dia 26-NOV-1921, com FRANÇOISE VALVERDE.
- 6(IV) JOSEPH FRANÇOIS CARRASCO, nascido aos 4-OUT-1893<sup>484</sup>, em Saint Leu. Casou-se no dia 10-DEZ-1921, em Port aux Poules, com PAULONIA BALVERDE. Faleceu a 12-JUL-1953, em Rabat-Souissi (Marrocos).

---

Nuestra Señora del Rosario n.º 23 (1878-1881), fls. 62v.

479 Archives nationales d'outre-mer. Livro de Matrimônios de Saint Leu - 1901, fls. 2, n.º 3. Na partida, erroneamente está janeiro, mas na margem aparece a data correta.

480 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Puerto Lumbreras, Livro de Batismos de Nuestra Señora del Rosario n.º 23 (1878-81), fls. 226.

481 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Puerto Lumbreras, Livro de Batismos de Nuestra Señora del Rosario n.º 24 (1881-83), fls. 33v.

482 Censo de Aïn-el-Hadjar (Saida, Argélia) de 1911.

483 Archives nationales d'outre-mer. Livro de Nascimentos de Saint Leu - 1891, fls. 2, n.º 3.

484 Archives nationales d'outre-mer. Livro de Nascimentos de Saint Leu - 1893, fls. 35, n.º 136.

§4º

- (III) ROSA MARÍA CARRASCO GIMÉNEZ celebrou núpcias a 25-NOV-1874, em Puerto Lumbreras, com FERNANDO ANTONIO DE PLAZAS IZQUIERDO, nascido em 17-AGO-1845<sup>485</sup> e batizado no dia 21 subsequente em Campo López, com os nomes Fernando Antonio Joaquín. Proveniente de uma família de jornaleiros e morador de Purias, ele era filho de Fernando de Plazas e María Izquierdo, neto paterno de Fernando de Plazas e Lucía Blaya, e neto materno de José Izquierdo e Francisca Carrasco; seus padrinhos foram Francisco Martínez e Catalina de Plazas. Rosa e Fernando faleceram na Espanha, antes de 1905.

Foram pais de:

- 1(IV) MARÍA PLAZAS CARRASCO, nascida aos 7-SET-1875<sup>486</sup> e batizada no dia seguinte, em Puerto Lumbreras, com os nomes María Pautila. Teve como padrinhos Manuel González e Juana de Plazas. Casou-se com ANTONIO DÍAZ PELEGRÍN (Os Díaz, §3º, VIII) e faleceu, em Itu, aos 16-SET-1959<sup>487</sup>.

**Os Sánchez**

§1º

- (I) FRANCISCO SÁNCHEZ, possivelmente natural de Vélez-Rubio, é filho de Bartolomé Sánchez e María López. Morador de Oria (Almería), ele casou-se aos 8-JAN-1674<sup>488</sup>, em Orce (Granada), com MARÍA GUILLÉN, filha de Juan Guillén e Dionisia Ramos, neta paterna de Pedro Guillén e Ana Martínez, e neta materna de Bartolomé Ramos e Mariana Gil. Os padrinhos do casamento foram Bartolomé Sánchez e sua mulher Catalina Pascual, moradores de Vélez-Blanco (Almería).

---

485 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Campo López/Lorca, Livro de Batismos de San Pedro Apóstol nº 5, fls. 9v.

486 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Puerto Lumbreras, Livro de Batismos de Nuestra Señora del Rosario nº 22 (1875-1877), fls. 73v.

487 Registro Civil de Itu. Livro de Óbitos B-36, fls. 125v, termo nº 15.893.

488 Archivo Diocesano y Capitular de Guadix-Baza. Orce, Livro de Matrimônios de Santa María, fls. 70v.

Francisco faleceu após 1703, ano em que foi padrinho de seu neto Pedro Antonio, filho de Ginés Bermejo e María Sánchez. Já viúva, María foi enterrada aos 22-AGO-1730<sup>489</sup>, na Paróquia de San Patricio, sendo moradora de Puerto Lumbreras.

Deixaram a seguinte descendência:

- 1(II) MARÍA SÁNCHEZ, casada aos 15-NOV-1697<sup>490</sup>, na Paróquia de San Mateo, com GINÉS BERMEJO<sup>491</sup>, filho de Pedro Bermejo e María de Yepes. A velação aconteceu aos 16-SET-1698.
- 2(II) FRANCISCO SÁNCHEZ, casado em primeiras núpcias, aos 20-ABR-1699<sup>492</sup>, na Paróquia de San Mateo, com QUITERIA MARTÍNEZ, natural de Honrubia (Cuenca), filha de Sebastián Martínez e Magdalena León. Quiteria faleceu a 19-FEV-1723<sup>493</sup>, em Lorca, tendo dado o poder de testar ao seu marido, que outorgou o testamento ante Luis Eugenio de Gumiel. Ele contraiu segundas núpcias, aos 16-AGO-1723<sup>494</sup>, na Paróquia de San Patricio, com FRANCISCA ABELLÁN, filha de Juan Abellán, parouquiano da Igreja de San Pedro, e María Morote, neta paterna de Simón Abellán e Francisca de Salinas, e neta materna de José Morote e María Pérez.
- 3(II) BARTOLOMÉ SÁNCHEZ, possivelmente natural de Oria, casou-se com ISABEL XIMÉNEZ, deixando geração que segue.
- 4(II) DIONISIA SÁNCHEZ, nascida possivelmente em Oria. Celebrou matrimônio aos 8-JAN-1703<sup>495</sup>, na Paróquia de San Mateo, com

489 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Enterros de San Patricio, 1710-1740, fls. 80v.

490 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Matrimônios de San Mateo nº 3 (1670-1714), fls. 101v (numeração a partir de 1686).

491 Ginés era viúvo de Isabel Martínez, filha de Ginés Martínez e Pascuala de Chuecos. Casaram-se aos 29-MAIO-1691, na Paróquia de San Patricio.

492 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Matrimônios de San Mateo nº 3 (1670-1714), fls. 113 (numeração a partir de 1686).

493 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Enterros de San Patricio, 1710-1740, fls. 37.

494 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Matrimônios de San Patricio nº 5 (1718-1745), fls. 51v.

495 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Matrimônios de San Mateo nº 3 (1670-1714), fls. 143 (numeração a partir de 1686).

SEBASTIÁN RODRÍGUEZ<sup>496</sup>, talvez natural de Albox (Almería), filho de Andrés Rodríguez e Ana Segura.

- 5(II) ANA SÁNCHEZ recebeu o sacramento do batismo aos 16-SET-1686<sup>497</sup>, na Paróquia de San Patricio, tendo como padrinhos Bartolomé Sánchez e sua esposa Catalina Pascual. Contraiu núpcias aos 9-JAN-1708<sup>498</sup>, na Paróquia de San Mateo, com BARTOLOMÉ PÉREZ, filho de Miguel Pérez e María Pascual.
- 6(II) JUANA SÁNCHEZ, batizada no mesmo dia de sua irmã Ana, teve como padrinhos Diego Carrillo e sua mulher Isabel García. Aos 14-OUT-1709<sup>499</sup>, na Paróquia de San Mateo, uniu-se a DIEGO RODRÍGUEZ, filho de Miguel Rodríguez e Ana Segura.
- 7(II) JUAN SALVADOR nasceu em 25-MAR-1689<sup>500</sup> e foi batizado no dia 21 de abril, na Paróquia de San Patricio. Teve como padrinhos Francisco de Ramos e sua mãe Catalina Sánchez.
- 8(II) SEBASTIANA SÁNCHEZ, nascida aos 8-DEZ-1691<sup>501</sup> e batizada no dia 18 de janeiro do ano seguinte, na Paróquia de San Patricio com os nomes Sebastiana María. Seus padrinhos foram Francisco de Ramos e sua mãe Catalina Sánchez. Casou-se com GREGORIO XIMÉNEZ, filho de Pablo Ximénez e Leonor Martínez, neto paterno de Juan Ximénez e Petronila Escámez, e neto materno de Gregorio Martínez e Ana de Losa. Ele nasceu aos 25-NOV-1695<sup>502</sup>

496 No casamento, consta que o nome do seu pai é Andrés Rodríguez, mas existe a probabilidade de ser Miguel Rodríguez, especialmente considerando que o primeiro filho de Sebastián e Dionisia chama-se Miguel. Portanto, ele pode ser irmão de Diego Rodríguez (Os Sánchez, §1º, 6-II).

497 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Patricio nº 3 (1685-1696), fls. 12.

498 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Matrimônios de San Mateo nº 3 (1670-1714), fls. 177 (numeração a partir de 1686).

499 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Matrimônios de San Mateo nº 3 (1670-1714), fls. 192 (numeração a partir de 1686).

500 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Patricio nº 3 (1685-1696), fls. 44v.

501 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Patricio nº 3 (1685-1696), fls. 82v.

502 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Patricio nº 3 (1685-1696), fls. 148v.

e foi batizado em 8 de dezembro, na Paróquia de San Patricio, com os nomes Gregorio José. Foram seus padrinhos Juan Ximénez e Petronila Fernández.

9(II) ANTONIO SÁNCHEZ, que nasceu a 7-JUN-1694<sup>503</sup> e recebeu o sacramento do batismo no dia 6 julho, na Paróquia de San Patricio, com os nomes Antonio José. Os padrinhos foram Bartolomé Ramos e Catalina Sánchez. Aos 13-OUT-1727<sup>504</sup>, na Paróquia de San Mateo, uniu-se a ANA GONZÁLEZ, natural de Honrubia, filha de Bernardo González e Quiteria García.

(II) BARTOLOMÉ SÁNCHEZ contraiu matrimônio aos 13-OUT-1710<sup>505</sup>, na Paróquia de San Patricio, com ISABEL XIMÉNEZ, filha de Francisco Ximénez e Antonia Martínez, todos moradores na *parte de la orilla en el partido de Purias*. Ela nasceu aos 9-SET-1689<sup>506</sup> e foi batizada dez dias depois, na mesma localidade, com os nomes Isabel María, tendo como padrinhos Francisco Durán e sua mulher Beatriz Salinas.

Já viúvo, Bartolomé foi enterrado na Igreja de San Patricio, aos 19-DEZ-1758<sup>507</sup>, e fez testamento perante o escrivão Patricio Pérez Menduïña.

Foram pais de dez filhos, todos batizados na Paróquia de San Patricio, sendo os cinco primeiros apadrinhados por Francisco Sánchez e Quiteria Martínez (Os Sánchez, §1º, 2-II). São eles:

1(III) FRANCISCO JOSÉ, com batismo celebrado a 7-SET-1711<sup>508</sup>.

---

503 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Patricio nº 3 (1685-1696), fls. 125.

504 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Matrimônios de San Mateo nº 4 (1714-1743), fls. 160v.

505 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Matrimônios de San Patricio nº 4 (1704-1717), fls. 35v.

506 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Patricio nº 3 (1685-1696), fls. 48v.

507 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Enterros de San Patricio, fls. 47.

508 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Patricio nº 5 (1711-1722), fls. 10.

- 2(III) BARTOLOMÉ JOSÉ, batizado no dia 18-MAR-1714<sup>509</sup>.
- 3(III) PEDRO SÁNCHEZ, que recebeu o batismo, em 13-FEV-1716<sup>510</sup>, com os nomes Pedro Antonio. Casou-se com FRANCISCA FRANCO, deixando geração que segue.
- 4(III) MARÍA JOSEFA, batizada a 3-ABR-1718<sup>511</sup>.
- 5(III) ANTONIA JOSEFA, nascida aos 22-AGO-1720<sup>512</sup> e batizada no dia 13 de setembro.
- 6(III) PASCUALA MARÍA, que nasceu a 28-MAR-1723<sup>513</sup> e foi batizada em 18 de abril. Andrés de Quesada e sua mulher Águeda Ximénez, irmã da mãe da batizada, foram os padrinhos.
- 7(III) MARÍA JOSEFA nasceu em 26-JAN-1726<sup>514</sup> e foi batizada aos 21 de fevereiro, tendo como padrinhos Andrés de Quesada e Águeda Ximénez.
- 8(III) FRANCISCO SÁNCHEZ, nascido em 7-FEV-1728<sup>515</sup> e batizado no dia 25 subsequente com os nomes Francisco Xavier. Seus tios Andrés e Águeda também foram os padrinhos. Celebrou matrimônio na Paróquia de San Patricio, cerca de 1754<sup>516</sup>, com FRANCISCA QUESADA, filha de Andrés de Quesada e Clara García, neta paterna de Francisco Quesada e María Canales, e neta

---

509 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Patricio nº 5 (1711-1722), fls. 66.

510 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Patricio nº 5 (1711-1722), fls. 108v.

511 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Patricio nº 5 (1711-1722), fls. 162.

512 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Patricio nº 5 (1711-1722), fls. 231v.

513 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Patricio nº 6 (1722-1734), fls. 22v.

514 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Patricio nº 6 (1722-1734), fls. 97.

515 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Patricio nº 6 (1722-1734), fls. 168.

516 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Índice de Matrimônios de San Patricio nº 6 (1745-1762), fls. 132v.

materna de José García e Agustina Lloreta. Ela foi batizada na mesma localidade, aos 25-OUT-1734<sup>517</sup>, com os nomes Nicolasa Francisca Brígida Antonia, e teve como padrinhos Andrés Quesada e Ana de Alcázar. Francisco foi enterrado em Águilas (Murcia), aos 18-OUT-1795<sup>518</sup>.

- 9(III) ISABEL SÁNCHEZ, batizada aos 12-MAR-1730<sup>519</sup> com os nomes Isabel María, tendo nascido no dia 5 de fevereiro. Foram padrinhos Andrés de Quesada e sua filha María de Quesada. Contraiu núpcias, por volta de 1760<sup>520</sup>, na Paróquia de San Patricio, com JUAN MARTÍNEZ, filho de Bernabé Martínez e Antonia de Ávila, natural de Mojácar (Almería), neto paterno de Fernando Martínez e Juana Romera, e neto materno de Damián de Ávila, de Antas, e Sebastiana Gallardo, de Mojácar. Nascido aos 7-FEV-1740<sup>521</sup>, ele foi batizado com seis dias de vida na Paróquia de San Mateo e recebeu os nomes Juan José Antonio Xavier.
- 10(III) ROMANO ANTONIO JOSÉ, nascido aos 9-AGO-1736<sup>522</sup> e com batismo celebrado no dia 19 do mesmo mês. Teve como padrinhos Andrés de Quesada e Clara García.

- (III) PEDRO SÁNCHEZ uniu-se a FRANCISCA FRANCO (ou Francisca Caro), na Paróquia de San Patricio, em 26-JAN-1744<sup>523</sup>. Nascida a 15-SET-1722<sup>524</sup> e batizada aos 11 dias de vida com os nomes Francisca Josefa

517 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Patricio nº 7 (1734-1742), fls. 21.

518 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Águilas, Livro de Enterros de San José nº 1, fls. 23v.

519 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Patricio nº 6 (1722-1734), fls. 241.

520 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Índice de Matrimônios de San Patricio nº 6 (1745-1762), fls. 216.

521 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Mateo nº8, fls. 351v.

522 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Patricio nº 7 (1734-1742), fls. 107v.

523 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Matrimônios de San Patricio nº 5 (1718-1745), fls. 258.

524 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Patricio nº 6 (1722-1734), fls. 6.

Antonia, na mesma localidade, ela é filha de Martín Franco e Francisca Caro (Os Díaz, §1º, 10-III), e afilhada de D. Francisco José Muñoz.

Foram pais de:

- 1(IV) BARTOLOMÉ SÁNCHEZ, nascido a 16-OUT-1744<sup>525</sup> e batizado no dia 1 de novembro, na Paróquia de San Patricio, com os nomes Bartolomé José Antonio, sendo seu padrinho D. Sebastián Pérez de Tudela. Casou-se em primeiras núpcias, aos 21-AGO-1769<sup>526</sup>, na mesma localidade, com JUANA DE JÓDAR<sup>527</sup>, com quem compartilha o parentesco de terceiro com quarto grau de consanguinidade. Filha de Diego Jódar<sup>528</sup> e Sabina Molina, neta paterna de Domingo de Jódar (ou Domingo Sánchez de Jódar) e Juana Ros, neta materna de Antonio Molina, natural de Cuevas del Almanzora, e Catalina Hernández, de Quesada (Jaén), ela foi batizada na mesma igreja, aos 2-FEV-1747<sup>529</sup>, com os nomes Juana Rita e teve como padrinhos os seus tios Juan de Jódar e Rita Martínez. Juana faleceu<sup>530</sup> pouco tempo depois, foi enterrada no Convento de San Francisco de Puerto Nogalte, aos 18-NOV-1769<sup>531</sup>, e outorgou testamento ante o Padre Frei José Ruiz, tendo este protocolado na escritania de Pedro José Gómez. Bartolomé

525 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Patricio nº 8 (1742-1749), fls. 148.

526 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Matrimônios de San Patricio nº 7 (1762-1780), fls. 144.

527 Juana de Jódar é irmã de Antonio de Jódar, pai de Sabina de Jódar (Os Díaz, §1º, VI).

528 Pelo Libro de lo Real de Seglares de Lorca, em 1763, Diego de Jódar vivia em Purias. Ele tinha um terreno com 10 fanegas e 8 *celemines* de plantação de sequeiro de terceira qualidade. Ficava no lugar de La Balsilla, *Diputación* de Purias, divisa por um lado com Domingo de Jódar e por outra parte com D. Manuel Menchirón. Ainda possuía uma área de dois fanegas e meia da mesma plantação, na mesma localidade, mas na fronteira com Lucas Pérez por um lado e com Catalina Giménez pelo outro. E havia outras nove fanegas de plantação, no lugar de Alporchón de Purias, divisa também com Domingo de Jódar e D. Manuel Menchirón. Por fim, tinha três fanegas de plantação em Galera, *Diputación* de La Escucha, fronteira por um lado com Lucas Pérez e por outro com Bartolomé Martínez.

529 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Patricio nº 8 (1742-1749), fls. 266v.

530 Possivelmente em homenagem a ela, seus pais Diego Jódar e Sabina Molina tiveram uma filha, nascida aos 19-MAIO-1770 e batizada oito dias depois, que recebeu os nomes Juana Josefa.

531 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Enterros de San Patricio, fls. 311.



Sánchez contraiu segundas núpcias com JUANA PÉREZ, filha de Antonio Pérez e Magdalena Simón. Ela nasceu a 4-FEV-1751<sup>532</sup>, em Mojácar (Almería), e foi batizada no dia 28 subsequente, tendo recebido os nomes Juana María Ramona. Seus avós paternos eram Francisco Pérez, natural de Vera, e Juana González, e os maternos eram Tomás Simón, de Turre (Almería) e María de Cueto.

2(IV) MARTÍN ANTONIO CELESTINO nasceu em 6-ABR-1746<sup>533</sup> e recebeu o batismo no dia 24 subsequente. Seu padrinho foi D. Pedro Alcántara Pérez de Meca y Tudela.

3(IV) ISABEL SÁNCHEZ foi batizada em 2-JUN-1748<sup>534</sup>, na Paróquia de San Patricio, com os nomes Isabel Antonia, tendo nascido no dia 28 de maio e sendo afilhada de Bartolomé Sánchez e D. Isabel de Tudela. Casou-se a 8-SET-1778<sup>535</sup>, na mesma localidade, com ANTONIO GRIS, filho de Antonio Gris e Magdalena Martínez, neto paterno de Antonio Gris e Beatriz Martínez, e neto materno de Pascual Martínez e Josefa Navarro. Antonio foi enterrado aos 17-JAN-1809<sup>536</sup>, em Águilas.

4(IV) FRANCISCA SÁNCHEZ, batizada com os nomes Francisca Xaviera, aos 7-MAR-1751<sup>537</sup>, na Paróquia de San Mateo. Ela nasceu no dia 19 de fevereiro do mesmo ano e foi afilhada de D. Pedro Alcántara Pérez de Meca. Celebrou núpcias na Paróquia de San Patricio, aos 14-SET-1772<sup>538</sup>, com FERNANDO PÉREZ, filho de Antonio Pérez e Melchora López, neto paterno de Ginés Pérez e María López, e neto materno de Gabriel López de la Osa e Juana

532 Archivo Diocesano de Almería. Mojácar, Livro de Batismos de Santa María nº 9, fls. 222.

533 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Patricio nº 8 (1742-1749), fls. 242.

534 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Patricio nº 8 (1742-1749), fls. 326.

535 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Matrimônios de San Patricio nº 7 (1762-1780), fls. 129v, nº 36.

536 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Águilas, Livro de Enterros de San José nº 1, fls. 99, nº 675.

537 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Mateo nº 9 (1748-1762), fls. 81.

538 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Matrimônios de San Patricio nº 7 (1762-1780), fls. 210.

Ladrón de Guevara. Nascido aos 30-MAIO-1750<sup>539</sup> e batizado em 21 de junho, na mesma paróquia do matrimônio, ele recebeu os nomes Fernando Miguel Antonio e foi apadrinhado por Juan Pérez e Antonia López. Francisca foi sepultada, aos 24-JUL-1798<sup>540</sup>, em Águilas.

5(IV) PEDRO SÁNCHEZ FRANCO, com 50 anos de idade, tanto no *Padrón de Vecindario* de 1797 quanto no de 1807, sendo lavrador e morador de Purias. Uniu-se a MARÍA XIMÉNEZ, deixando geração que segue.

(IV) PEDRO SÁNCHEZ FRANCO casou-se na Paróquia de San Patricio, aos 27-OUT-1783<sup>541</sup>, com MARÍA XIMÉNEZ (ou María Giménez), tendo ambos o parentesco de terceiro com quarto grau de consanguinidade<sup>542</sup>. Filha de Juan Ximénez e María Ximénez (ou María Ximénez de Jódar), neta paterna de Juan Ximénez e Manuela Serrano, e neta materna de Francisco Ximénez e María de Jódar, ela nasceu aos 11-MAIO-1761<sup>543</sup> e foi batizada nove dias depois com os nomes María Josefa Mamerta, sendo padrinhos os avós maternos.

Pedro Sánchez Franco foi sepultado no Campo Santo, aos 9-SET-1818<sup>544</sup>, enquanto María Ximénez, que fez testamento ante o *teniente cura* da Igreja de San Patricio, teve seu enterro realizado na mesma localidade em 29-MAIO-1830<sup>545</sup>.

---

539 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Patricio nº 9 (1749-1755), fls. 56v.

540 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Águilas, Livro de Enterros de San José nº 1, fls. 39.

541 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Matrimônios de San Patricio nº 8 (1780-1796), fls. 75v.

542 O único possível parentesco entre o casal estaria relacionado com Matías Ximénez e Lucía Caro, comprovando esta ser filha de Lucas Díaz Caro e Francisca de Vera (Os Díaz, §1º, 11-III). A linhagem de María Ximénez é a seguinte: María Ximénez de Jódar, filha de Francisco Ximénez, filho de Lucía Caro.

543 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Patricio nº 11 (1759-1764), fls. 152v.

544 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Enterros de San Patricio, 493v.

545 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Enterros de San Patricio nº 16, fls. 83v.

Foram pais de oito filhos, todos batizados na Paróquia de San Patricio. Os seis primeiros filhos foram apadrinhados por Bartolomé Sánchez e Juana Pérez (Os Sánchez, §1º, 1-IV).

- 1(V) PEDRO JOSÉ TOMÁS, nascido aos 7-MAR-1784<sup>546</sup> e batizado com oito dias de vida.
- 2(V) FRANCISCA SÁNCHEZ, que nasceu em 11-OUT-1786<sup>547</sup> e recebeu o sacramento do batismo nove dias depois com os nomes Francisca Fermina. Casou-se na Paróquia de San Patricio, por volta de 1814, com FRANCISCO GARCÍA, filho de Francisco Xabier García Alarcón e Agustina de Campos, neto paterno de Francisco García Alarcón e Juana Gómez, e neto materno de Juan Pedro de Campos e María de Miras. Nascido aos 20-AGO-1785<sup>548</sup> e batizado com três dias de vida, na mesma localidade, ele recebeu os nomes Francisco José Joaquín e teve como padrinhos Ginés Rosos e Ana de la Jara. Em 1815<sup>549</sup>, o casal aparece como residente em Purias e com um filho, Francisco Xabier, de 2 meses.
- 3(V) JUAN SÁNCHEZ XIMÉNEZ nasceu a 14-FEV-1789<sup>550</sup> e foi batizado aos sete dias com os nomes Juan José Valentín. Uniu-se a ÁGUEDA MARÍA RUBIO, deixando geração que segue.
- 4(V) MARÍA JOSEFA LUCÍA, nascida aos 6-JUL-1792<sup>551</sup> e batizada no dia 14 subsequente.
- 5(V) BARTOLOMÉ JOSÉ VENANCIO, que recebeu o sacramento do batismo a 8-ABR-1795<sup>552</sup>, com sete dias de vida.

---

546 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Patricio nº 17 (1784-1786), fls. 26v, nº 3824.

547 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Patricio nº 18 (1786-1788), fls. 34.

548 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Patricio nº 17 (1784-1786), fls. 177v.

549 Archivo Municipal de Lorca. Padrón de Vecindario, 1815, Diputación de Purias.

550 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Patricio nº 19 (1788-1791), fls. 33.

551 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Patricio nº 20 (1791-1794), fls. 83.

552 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Patricio nº 21, fls. 85v.

- 6(V) JUANA SÁNCHEZ nasceu a 11-SET-1798<sup>553</sup> e foi batizada aos sete dias de vida com os nomes Juana María del Patrocinio. Casouse, em torno de 1820 e na Paróquia de San Patricio, com ANDRÉS CORTIJOS, filho de Juan Cortijos e María Morales, neto paterno de Francisco Cortijos e Catalina de Jódar, e neto materno de Ginés Morales e Francisca García. Ele nasceu aos 30-NOV-1796<sup>554</sup> e foi batizado no dia 8 de dezembro com os nomes Andrés Francisco José, sendo padrinhos Juan Antonio Cortijos e Teresa Narcisa Mondéjar.
- 7(V) FRANCISCO SÁNCHEZ GIMÉNEZ, que nasceu a 10-SET-1801<sup>555</sup> e teve o batismo realizado no dia 21 subsequente, tendo recebido os nomes Francisco José Cornelio. Foram seus padrinhos Francisco Cortijos e Lucía Sánchez. Contraiu núpcias, por volta de 1822<sup>556</sup> na Paróquia de San Patricio, com JOSEFA RUBIO, filha de Juan Rubio e Josefa María Juliana Morales, neta paterna de Antonio Rubio e Ambrosia de Jódar, e neta materna de Ginés Morales e Francisca García. Com os nomes Josefa Francisca e apenas um dia de vida, ela foi batizada na mesma localidade, aos 10-MAR-1803<sup>557</sup>, tendo como padrinhos os seus tios Ginés Morales, irmão de sua mãe, e Isabel Gómez.
- 8(V) JOSÉ ANTONIO CELESTINO, nascido aos 6-ABR-1804<sup>558</sup>, recebeu o batismo no dia 11 do mesmo mês, sendo seus padrinhos Francisco Cortijos e Teresa Sánchez.

---

553 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Patricio nº 22 (1797-1801), fls. 113v.

554 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Patricio nº 21, fls. 280.

555 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Patricio nº 23 (1801-1806), fls. 31.

556 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Índice de Matrimônios de San Patricio nº 10 (1810-1830), fls. 223v.

557 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Patricio nº 23 (1801-1806), fls. 140.

558 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Patricio nº 23 (1801-1806), fls. 226v.

- (V) JUAN SÁNCHEZ XIMÉNEZ, casado com ÁGUEDA MARÍA RUBIO (ou María Rubio), que é irmã de Josefa Rubio (Os Sánchez, §1º, 7-V). Ela nasceu aos 5-FEV-1790<sup>559</sup> e foi batizada com quatro dias de vida, recebendo os nomes Águeda María Ambrosia. Os padrinhos foram seus tios Juan Carlos Carrasco e Juana Rubio.

Trabalharam no campo e foram moradores de Purias, sendo que no *Padrón de Vecindario* de 1866 aparecem como residentes na casa nº 56.

Foram pais de nove filhos, todos apadrinhados por Antonio Gris<sup>560</sup> e sua mulher Antonia de Mula.

- 1(VI) MARÍA SÁNCHEZ, nascida a 25-ABR-1810<sup>561</sup> e batizada no mesmo dia, em Campo López, com os nomes María Marquina Micaela. Em 26-FEV-1827, na mesma localidade, uniu-se a ANTONIO CARRILLO, que nasceu no dia 9-MAR-1811<sup>562</sup>, às 2 horas, e foi batizado nove dias depois com os nomes Antonio Francisco. Ele é filho de Juan Carrillo e María Magdalena Sánchez, neto paterno de Antonio Carrillo e Rosa López e neto materno de Pedro Sánchez e Simona Carrasco, sendo os últimos os seus padrinhos.
- 2(VI) JOSEFA SÁNCHEZ, que nasceu aos 21-FEV-1813<sup>563</sup> e recebeu o batismo no mesmo dia, na Paróquia de San Patricio, com os nomes Josefa Felicia. Na mesma localidade, a 25-NOV-1833<sup>564</sup>, contraiu núpcias com JOSÉ TOMÁS CARRASCO, filho de Tomás Carrasco e María Martínez, neto paterno de Domingo Carrasco e

559 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Patricio nº 19 (1788-1791), fls. 138.

560 Antonio Gris é filho de Antonio Gris e Isabel Sánchez, sendo esta última filha de Pedro Sánchez e Francisca Franco, e irmã de Pedro Sánchez Franco (Os Sánchez, §1º, 3-IV).

561 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Campo López/Lorca, Livro de Batismos de San Pedro Apóstol nº 1, fls. 142, nº 580.

562 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Campo López/Lorca, Livro de Batismos de San Pedro Apóstol nº 1, fls. 164, nº 667.

563 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Patricio nº 25 (1810-1815), fls. 208.

564 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Matrimônios de San Patricio nº 11 (1830-1851), fls. 87v.

sua segunda esposa Catalina Navarro, e neto materno de Antonio Martínez (ou Antonio Martínez Arbe) e Margarita Martínez (ou Margarita Martínez Lorente). Batizado aos dois dias de vida com os nomes José Tomás Miguel, em Campo López, ele nasceu a 17-OUT-1809<sup>565</sup> e foram padrinhos seus tios Pedro Sánchez e Simona Carrasco<sup>566</sup>.

- 3(VI) ANTONIA SÁNCHEZ, batizada com os nomes Antonia de la Cruz e com um dia de vida, na Paróquia de San Patricio. Ela nasceu a 14-SET-1815<sup>567</sup>. Uniu-se a PEDRO MASEGOSA, na mesma localidade, no dia 11-ABR-1836<sup>568</sup>. Ele é filho de Pedro Masegosa e Beatriz Martínez, neto paterno de Domingo Masegosa e Catalina de Jódar, neto materno de Pedro Martínez e Ginesa Quiñonero, e afilhado de Pedro Alonso Piña e Juana Galindo, sendo que nasceu aos 27-OUT-1817<sup>569</sup> e foi batizado no dia seguinte, também em San Patricio, com os nomes Pedro José Vicente. Uma das filhas do casal foi Beatriz Masegosa Sánchez (Os Sicília, §1º, VI).
- 4(VI) PEDRO SÁNCHEZ nasceu em 4-ABR-1818<sup>570</sup> e foi batizado no dia seguinte, na Paróquia de San Patricio, com os nomes Pedro José Isidoro. Casou-se em primeiras núpcias com ANA SÁNCHEZ. Em Puerto Lumbreras, aos 25-NOV-1857<sup>571</sup>, contraiu segundas núpcias com JUANA TERESA SÁNCHEZ, filha de Antonio Sánchez e Juana Águeda de Vera, neta paterna de Joaquín Sánchez e Francisca Sánchez, e neta materna de Ginés de Vera e Juana

565 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Campo López/Lorca, Livro de Batismos de San Pedro Apóstol nº 1, fls. 131, nº 536.

566 Simona Carrasco é meia-irmã de Tomás Carrasco, sendo filha do primeiro casamento de Domingo Carrasco com María Magdalena Mélenchon. Simona e seu marido são avós paternos de Antonio Carrillo, casado com María Sánchez (Os Sánchez §1º 1-VI). Ela também é irmã de Juan Carlos Carrasco, padrinho de Águeda María Rubio.

567 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Patricio nº 25 (1810-1815), fls. 427v.

568 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Matrimônios de San Patricio nº 11 (1830-1851), fls. 165.

569 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Patricio nº 26 (1815-1818), fls. 164v.

570 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Patricio nº 26 (1815-1818), fls. 201.

571 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Puerto Lumbreras, Livro de Matrimônios de Nuestra Señora del Rosario nº 6 (1857-1866), fls. 24.

Romero. Ela nasceu aos 14-OUT-1833<sup>572</sup>, às 22 horas, e recebeu o sacramento do batismo dois dias depois, em Puerto Lumbreras, tendo como padrinhos Salvador Sánchez e Margarita Sánchez.

- 5(VI) JUAN MATEO SÁNCHEZ, batizado com os nomes Juan José Mateo, aos 22-SET-1820<sup>573</sup>, na Paróquia de San Patricio. Ele nasceu no dia anterior ao seu batismo. Casou-se com MARÍA SÁNCHEZ, filha de José Sánchez e Ana Jódar. Em 1887<sup>574</sup>, consta no *Censo Electoral para las de Concejales* que ele residia em Lorca e que pagou uma contribuição territorial de 50 pesetas para ser eleitor<sup>575</sup>.
- 6(VI) ANTONIO MARCELINO, nascido aos 2-JUN-1823<sup>576</sup> e batizado no mesmo dia, na Paróquia de San Patricio.
- 7(VI) FRANCISCO SÁNCHEZ RUBIO, que nasceu a 8-ABR-1826<sup>577</sup>, entre 14 e 15 horas, e foi batizado no dia seguinte, em Campo López, com os nomes Francisco Dionisio. Contraiu matrimônio com MARÍA DE JESÚS SÁNCHEZ MECA, deixando geração que segue.
- 8(VI) ANTONIO SÁNCHEZ recebeu o sacramento do batismo aos 9-DEZ-1828<sup>578</sup>, na Paróquia de San Patricio, com um dia de vida e com os nomes Antonio Mariano. Uniu-se a MARÍA PELEGRÍN,

572 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Puerto Lumbreras, Livro de Batismos de Nuestra Señora del Rosario nº 12 (1831-1836), fls. 161v.

573 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Patricio nº 27, fls. 410v.

574 Archivo General de la Región de Murcia. Libro del Censo Electoral para las de Concejales de Lorca, p. 227.

575 A ley de 16 de diciembre de 1876, que reformou a de 20 de agosto de 1870, estipula que entre os possíveis eleitores estão os chefes de família com casa aberta e que tenham, ao menos, dois anos de residência no término municipal. Também é necessário que venham pagando alguma quota de contribuição de propriedades, cultivo e pecuária, ou de subsídio industrial ou de comércio, com um ano de antecedência da formação das listas eleitorais.

576 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Patricio nº 28 (1821-1824), fls. 190v.

577 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Campo López/Lorca, Livro de Batismos de San Pedro Apóstol nº 3 (1820-1835), fls. 69v, nº 351.

578 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Patricio nº 31 (1828-1831), fls. 9.

no dia 31-JAN-1853<sup>579</sup>, na mesma localidade. Ela é filha de Antonio Pelegrín e Ana Sánchez.

- 9(VI) JOSÉ SÁNCHEZ RUBIO nasceu em 11-JUN-1831<sup>580</sup> e foi batizado no dia seguinte, na Paróquia de San Patricio, com os nomes José Bernabé. Casou-se aos 21-SET-1857<sup>581</sup>, na mesma localidade, com JUANA SÁNCHEZ, filha de Sebastián Sánchez Morales e Juana de Meca, neta paterna de Juan Sánchez Sánchez e María Morales, e neta materna de Pedro de Meca Ortega e Ana Avellaneda. Ela nasceu aos 18-ABR-1833<sup>582</sup> e recebeu o batismo no dia seguinte, também em San Patricio, sendo seus nomes Juana María Eleuteria e seus padrinhos os avós maternos. Juana faleceu, em Lorca, a 15-MAR-1858<sup>583</sup> devido à pneumonia. Logo após a morte de sua esposa, em 1859, José vivia na mesma casa que os pais. No dia 6-FEV-1865<sup>584</sup>, em Puerto Lumbreras, ele contraiu segundas com MARÍA DEL ROSARIO SÁNCHEZ, irmã de Juana Teresa Sánchez (Os Sánchez, §1º, 4-VI). María del Rosario foi batizada com um dia de vida, em Puerto Lumbreras, aos 13-DEZ-1836<sup>585</sup>, tendo como padrinhos Salvador Sánchez e Margarita Sánchez.

- (VI) FRANCISCO SÁNCHEZ RUBIO casou-se em 5-FEV-1849<sup>586</sup>, em Campo López, com MARÍA DE JESÚS SÁNCHEZ MECA (ou María Sánchez Meca), irmã de Juana Sánchez (Os Sánchez, §1º, 9-VI). Ela nasceu aos

579 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Matrimônios de San Patricio nº 12 (1852-1854), fls. 49.

580 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Patricio nº 31 (1828-1831), fls. 260.

581 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Matrimônios de San Patricio nº 14 (1857-1862), fls. 21v.

582 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Patricio nº 32 (1832-1835), fls. 138v.

583 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Enterros de San Patricio nº 19, fls. 152v.

584 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Puerto Lumbreras, Livro de Matrimônios de Nuestra Señora del Rosario nº 6 (1857-1866), fls.218.

585 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Puerto Lumbreras, Livro de Batismos de Nuestra Señora del Rosario nº 1, fls. 16v.

586 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Campo López/Lorca, Livro de Matrimônios de San Pedro Apóstol, fls. 37v.



22-DEZ-1823<sup>587</sup> e foi batizada com dois dias de vida, na Paróquia de San Patricio, com os nomes María de Jesús Demetria. Seus padrinhos foram José Sánchez, irmão de seu pai, e sua mulher Ana de Jódar, que é tia materna de Sabina Miñarro (Os Díaz, §1º, VI).

Desde a infância, Francisco e María eram vizinhos e moradores de Purias. O *Padrón de Vecindario* de 1835 revela que Sebastián Sánchez e Juana de Meca, pais de María de Jesús, viviam acompanhados de seus cinco filhos. Ao lado, residiam os avós maternos, Pedro de Meca Ortega e Ana Avellaneda, com quatro filhos, o neto Pedro Meca (de 7 anos, órfão de Manuel e Inés Martínez) e Lucas Martínez. Seguia-se a casa de Juan Sánchez Ximénez e Águeda María Rubio, com seis filhos.

Francisco sempre trabalhou no campo, tendo sido registrado nos *padrones de Vecindario* de 1859<sup>588</sup> e 1866<sup>589</sup>, respectivamente, como *piojaro* e jornaleiro.

Em 1877<sup>590</sup>, sua contribuição territorial para o *Censo Electoral* foi de 28 pesetas, enquanto, em 1887, contribuiu com 13 pesetas.

Ele faleceu entre 1892 e 1897, enquanto ela foi sepultada no cemitério de San Clemente, em Lorca, no dia 20-SET-1906.

---

587 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Patricio n.º 28 (1821-1824), fls. 239v.

588 Archivo Municipal de Lorca. Padrón de Vecindario, 1860. Diputación de Purias, 1859.

589 Archivo Municipal de Lorca. Padrón de Vecindario, 1866. Diputación de Purias.

590 Archivo Municipal de Murcia. Boletín Oficial de la Provincia de Murcia, n.º 66, de 15 de setembro de 1877.



Comprovante de pagamento do enterro de María de Jesús Sánchez Meca.

Francisco e María de Jesús deixam a seguinte descendência:

- 1(VII) JUAN SÁNCHEZ SÁNCHEZ, nascido aos 27-MAIO-1850<sup>591</sup> e batizado no dia seguinte na Paróquia de San Patricio. Teve como padrinhos o casal Francisco Sánchez Giménez, irmão do seu avô paterno, e Josefa Rubio, irmã da sua avó paterna (Os Sánchez, §1º, 7-V. Casou-se com MICAELA NAVARRO, deixando geração que segue.
- 2(VII) SEBASTIÁN EUSEBIO, nascido aos 21-JUN-1853<sup>592</sup> e batizado no dia seguinte, na Paróquia de San Patricio. Também teve como padrinhos Francisco Sánchez Giménez e sua esposa Josefa Rubio. Aparece no *Padrón de Vecindario* de 1866 com 12 anos de idade.
- 3(VII) FRANCISCO, com 3 anos de idade no *Vecindario* de 1859 e 9 anos de idade no de 1866.
- 4(VII) JOSÉ SÁNCHEZ SÁNCHEZ, com um ano em 1859 e 7 anos em 1866. Contraiu matrimônio com D. MARÍA DEL ROSARIO MOULIAÁ, com geração que segue no §2º.

591 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Patricio nº 37 (1848-1851), fls. 160.

592 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Patricio nº 39 (1853-1854), fls. 30.

- 5(VII) **MARÍA SÁNCHEZ SÁNCHEZ**, nascida possivelmente aos 13-FEV-1860<sup>593</sup>, em Lorca. Aparece com 5 anos de idade no *Vecindario* de 1866 e com 67 anos em sua *Cédula de Nacionalidad* de 1927. Casou-se na Espanha com FRANCISCO CARRASCO GIMÉNEZ (Os Carrasco, §1º, III). Após a morte de sua nora, María Encarnación Díaz García, ela ajudou seu único filho a cuidar dos três netos pequenos - na época eles tinham 7 anos, 5 anos e 7 dias. Segundo as histórias familiares, ela era de baixa estatura e tinha cabelo longo, que chegava até os pés. Todos os dias fazia uma trança e, enquanto sua nora era viva, as duas costumavam escovar o cabelo uma da outra. Uma das histórias mais comentadas era que María sempre encontrava maneiras de alegrar os netos, seja pintando ovos cozidos na Páscoa, que depois escondia para que eles encontrassem, ou preparando o prato favorito: um simples arroz misturado com feijão.



María Sánchez Sánchez (1927).

- 6(VII) **PEDRO**, com 2 anos de idade em 1866.

(VII) JUAN SÁNCHEZ SÁNCHEZ casou-se aos 8-SET-1875<sup>594</sup>, em Puerto 593 Informação consta no Registro de Entrada da Hospedaria de Imigrantes de São Paulo. 594 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Puerto Lumbreras, Livro de Matrimônios de Nuestra Señora del Rosario nº 7 (1860-1880), fls. 205v.

Lumbreras, com MICAELA NAVARRO, nascida e batizada aos 10-SET-1853<sup>595</sup>, na mesma localidade, com os nomes Micaela Nicolasa. Ela é filha de Manuel Navarro e María Carrasco (Os Navarro, §1º, 7-V)<sup>596</sup> e teve como padrinhos Juan Jerez e sua mulher Soledad Sánchez.

Foram pais de:

- 1(VIII) FRANCISCO SÁNCHEZ NAVARRO, nascido por volta de 1876, em Lorca. Trabalhava como jornaleiro e foi temporariamente excluído do recrutamento militar devido à sua baixa altura de 1.537mm<sup>597</sup>.
- 2(VIII) MANUEL SÁNCHEZ NAVARRO, nascido possivelmente aos 11-JUN-1879<sup>598</sup>, em Lorca. Casou-se com ANA CARRASCO MARTÍNEZ (Os Carrasco, §1º, IV). Trabalhou no campo e, após um tempo no Brasil, como operário. Manuel faleceu aos 26-SET-1947<sup>599</sup>, em Mauá.

## §2º

- (VII) JOSÉ SÁNCHEZ SÁNCHEZ celebrou núpcias em 1-SET-1883<sup>600</sup>, na Paróquia de San Mateo, com D. MARÍA DEL ROSARIO MOULIAÁ, nascida aos 28-NOV-1863<sup>601</sup> e batizada três dias depois, na mesma igreja, com os nomes María del Rosario Gregoria Carmen Huertas. Procedente de uma família de abastados proprietários, ela é filha de D. Mariano Mouliaá Barranco e D. María de la Encarnación Ruiz Mateos Sánchez Sicilia, neta paterna de D. José Mouliaá e D. María de las Angústias Barranco Ladrón de Guevara, e neta materna de D. Francisco Ruiz Mateos García e D. María

---

595 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Puerto Lumbreras, Livro de Batismos de Nuestra Señora del Rosario nº 16 (1852-1855), fls. 112.

596 Na partida de batismo de Micaela, a sua avó paterna aparece como Nicolasa Sánchez.

597 Archivo General de la Región de Murcia. Expediente General de Reclutamiento y Reemplazo de Lorca. Año 1895, Sección 5ª.

598 Informação consta no Registro de Entrada da Hospedaria de Imigrantes de São Paulo.

599 Registro Civil de Mauá. Libro de Óbitos C-2, fls. 9, termo nº 782.

600 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Matrimônios de San Mateo, fls. 96v.

601 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Mateo nº 25 (1859-1866), fls. 167.

Rosa Sánchez Sicilia Pallarés; teve como padrinhos dois irmãos solteiros de seu pai, D. Francisco e D. María de las Huertas Mouliaá Barranco.

Foram pais de:

- 1(VIII) MARÍA DE JESÚS CASILDA, nascida aos 9-ABR-1885<sup>602</sup> e batizada no dia seguinte na Paróquia de San Mateo. Foram padrinhos os seus tios Juan Sánchez Sánchez e Micaela Navarro (Os Sánchez, §1º, VII).
- 2(VIII) MARIANO SÁNCHEZ MOULIAÁ, nascido aos 4-JAN-1893<sup>603</sup>, em Óvalo Santa Paula, e batizado com três dias de vida na Paróquia de San Mateo, recebeu os nomes Mariano de la Encarnación Aquilino José Francisco del Sagrado Corazón de Jesús. Foram padrinhos D. Joaquín Plañiol, natural de Madrid, e sua mulher D. María de la Soledad Mención. Mariano sabia ler e escrever, tendo trabalhado como moleiro e *camarero*. Faleceu após 1936<sup>604</sup>, ano em que vivia na rua Abenhalaj.
- 3(VIII) FRANCISCO SÁNCHEZ MOULIAÁ, que nasceu aos 2-MAR-1896<sup>605</sup>, em Sutullena, e foi batizado quatro dias depois, na Paróquia de San Mateo, com os nomes Francisco de Asís Mariano Pablo Baltasar del Sagrado Corazón de Jesús. Teve os mesmos padrinhos do seu irmão Mariano. Aparece no Censo Electoral de 1930<sup>606</sup> como morador de Abenhalaj e com a profissão de chofer.
- 4(VIII) JOSÉ SÁNCHEZ MOULIAÁ, nascido aos 2-OUT-1901<sup>607</sup>, em Óvalo Santa Paula, e batizado no dia 7 do mesmo mês, na Paróquia de San Mateo, com os nomes José Ángel del Sagrado Corazón

---

602 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Mateo nº 29 (1881-1886), fls. 187v.

603 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Mateo nº 31 (1891-1894), fls. 170.

604 Archivo General de la Región de Murcia. Censo Electoral Provincial de 1936: Lorca, Distrito 1º, Sección 5ª, San Mateo.

605 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Mateo nº 32 (1894-1900), fls. 111.

606 Archivo General de la Región de Murcia. Censo Electoral Provincial de 1930: Lorca, Distrito 1º, Sección 2, San Mateo.

607 Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Mateo nº 33 (1900-1907), fls. 42.

de Jesús. Também teve como padrinhos D. Joaquín Plañiol e sua mulher D. María de la Soledad Mención. Aparece no Censo Electoral de 1930 como chofer e morador de Abenhalaj.

- 5(VIII) JOAQUÍN SÁNCHEZ MOULIAÁ, nascido aos 25-DEZ-1903<sup>608</sup>, em Óvalo Santa Paula, e batizado três dias depois, na Paróquia de San Mateo, com os nomes Joaquín Rafael Mariano José Francisco del Sagrado Corazón de Jesús. Também teve como padrinhos D. Joaquín Plañiol e sua mulher D. María de la Soledad Mención. Casou em 28-SET-1926, na Paróquia del Carmen (Lorca), com MARIANA MIRAS AYALA. Trabalhou como chofer e vivia, conforme censo de 1930, em Abenhalaj.

---

<sup>608</sup> Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia. Lorca, Livro de Batismos de San Mateo n° 33 (1900-1907), fls. 143.

### **Considerações finais**

Ao término desta análise sobre a migração das famílias lorquinas para o Brasil no início do século XX, emerge um retrato vívido da coragem, determinação e resiliência desses imigrantes diante das adversidades. Desde os primeiros passos em direção a uma terra desconhecida até a adaptação à vida urbana em São Paulo, essas famílias enfrentaram desafios inimagináveis, mas nunca perderam a esperança.

Refletindo sobre a importância dessas histórias familiares, somos lembrados da necessidade de preservar e valorizar nossa herança cultural. Cada família tem sua própria jornada única, e documentar essas narrativas não apenas fortalece os laços familiares, mas também enriquece nossa compreensão da experiência humana.

Ao finalizar este trabalho, é pertinente ressaltar a relevância da pesquisa histórica e genealógica na preservação e divulgação das histórias familiares e na valorização da herança cultural. Espera-se que este estudo incentive futuras investigações sobre o tema e promova uma apreciação mais profunda da contribuição dos imigrantes para a construção da sociedade brasileira.

## **Fontes de pesquisa**

### **Arquivos Eclesiásticos**

Archivo Diocesano de Almería  
Archivo Diocesano de Cartagena-Murcia  
Archivo Diocesano y Capitular de Guadix-Baza  
Arquivo Arquidiocesano de Campinas  
Arquivo Arquidiocesano de Ribeirão Preto  
Arquivo Diocesano de Jundiaí

### **Arquivos Públicos**

Archives Nationales d'Outre-Mer (ANOM)  
Archivo General de la Región de Murcia (AGRM)  
Archivo Municipal de Lorca (AMLO)  
Archivo Municipal de Murcia (AMMU)  
Archivo Municipal de Vera (AMV)  
Arquivo Nacional (AN)  
Arquivo Público do Estado de São Paulo (APESP)

### **Registro Civil**

Cartório de Registro Civil da 2ª Circunscrição do 1º Distrito de Nova Iguaçu  
Cartório de Registro Civil de Barra do Pirai  
Cartório de Registro Civil de Indaiatuba  
Cartório de Registro Civil de Itu  
Cartório de Registro Civil de Jundiaí  
Cartório de Registro Civil de Limeira  
Cartório de Registro Civil de Mauá  
Cartório de Registro Civil de Ribeirão Preto  
Cartório de Registro Civil do Rio de Janeiro, Irajá, Antiga 12ª Circunscrição



Cartório de Registro Civil de Salto

Cartório de Registro Civil do 1º Subdistrito de Osasco

Cartório de Registro Civil do 2º Subdistrito - Liberdade, São Paulo

Cartório de Registro Civil do 6º Subdistrito - Brás, São Paulo

Cartório de Registro Civil do 8º Subdistrito - Santana, São Paulo

Cartório de Registro Civil do 10º Subdistrito - Belenzinho, São Paulo

Cartório de Registro Civil do 20º Subdistrito - Jardim América, São Paulo

Cartório de Registro Civil do 25º Subdistrito - Pari, São Paulo

Cartório de Registro Civil do 29º Subdistrito - Santo Amaro, São Paulo

Cartório de Registro Civil do 38º Subdistrito - Vila Matilde, São Paulo

Registro Civil de Lorca

## Referências

CÁCERES PLA, Francisco. *Lorca. Noticias históricas, literarias, estadísticas, etc., de la antigua Ciudad del Sol*. Madrid: Imprenta del Boletín de Instrucción Pública, 1902.

CÁNOVAS, Marília Dalva Klaumann. *Imigrantes espanhóis na Paulicéia: trabalho e sociabilidade urbana, 1890-1922*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 2009.

CASTEJÓN PORCEL, Gregorio. Paludismo en España en los siglos XVIII-XIX: Distribución espacial y erradicación. In: RIVA, Juan de la; IBARRA, Paloma; MONTORIO, Raquel; RODRIGUES, Marcos (Eds.). *Análisis espacial y representación geográfica: innovación y aplicación*. Zaragoza: Departamento de Geografía y Ordenación del Territorio, Universidad de Zaragoza, 2015, p. 69-78.

ESPAÑA. *Ley de Reclutamiento e Reemplazo del Ejército*. Gaceta de Madrid: nº 194, 13 de julho de 1885, Tomo III, p. 115-123.

FUNDACIÓN CENTRO DE ESTUDIOS HISTÓRICOS E INVESTIGACIONES LOCALES DE LA REGIÓN DE MURCIA. *Materiales I Olimpiada de Historia, Murcia*, Curso 2019-20.

GARCÍA GUILLÉN, Mario. 500 años de emigración española a Brasil. *Trocadero: Revista de historia moderna y contemporánea*, nº 10-11, 1998-1999, p. 201-214.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Brasil: 500 anos de povoamento*. Rio de Janeiro, 2000. Apêndice: Estatísticas de 500 anos de povoamento.

KLEIN, Herbert. *La inmigración española en Brasil*. Colombres (Astúrias): Fundación Archivo de Indianos, 1996.

MULA GÓMEZ, Antonio José. Aproximación a la Guerra de la Independencia en Lorca y su distrito. *Anales de Historia Contemporánea*, nº 1, Molina de Segura, Universidad de Murcia y Caja de Ahorros de Alicante y Murcia, 1982, p. 47-70.

PLAZAS, Pedro Díaz. Recuerdo del pasado de Pedro Diaz Plaza. *Revista Carta de España – Emigración*, Espanha, nº 259, julho de 1981, p. 46-50.

ROMERA FRANCO, Joaquín David. Funciones, continuidad y cambios en el espacio urbano. In: FERNÁNDEZ RUBIO, Juan Antonio (Coord.). *Historia y cultura de Lorca: (1900-1936)*. Lorca: Editorial Tres Columnas, 2019, p. 11-72.

## DOIS IRMÃOS CHOAIKY NO BRASIL NO CONTEXTO DA IMIGRAÇÃO LIBANESA

*Alessandra Choairy Coelho Myrrha*

**Resumo:** *História pessoal de dois irmãos: Jorge Miguel Choairy e Carim Miguel Choairy, vindos do Líbano ao Brasil nos anos de 1906 e 1923 respectivamente. Uma lista de seus descendentes. Contextualização quanto ao movimento migratório libanês e suas implicações na inserção cultural no país de destino.*

**Abstract:** *Personal history of two brothers: Jorge Miguel Choairy and Carim Miguel Choairy, who came from Lebanon to Brazil in 1906 and 1923 respectively. A list of their descendants. Contextualization regarding the Lebanese migratory movement and its implications for cultural insertion in the destination country.*

### 1. Introdução

Faz anos que iniciei, sem dar prosseguimento, uma pesquisa entre os descendentes de meu avô, Carim Miguel Choairy, e de seu irmão, Jorge Miguel Choairy. Voltei a me envolver quando me chegou às mãos um caderno manuscrito de meu avô, onde ele acrescenta detalhes desconhecidos para mim, até então. Os dois vieram ao Brasil e foram os únicos sobreviventes de sua família direta, sendo filhos de Miguel Nicolau Elias Cury Choairy (nascido por volta de 1870 no distrito de Metn, no Monte Líbano, provavelmente na cidade de Dhour El Choueir, nome que deu origem ao toponímico) e de sua mulher, Tekla Mussi Abinassif. Sobre os pais, temos poucas informações, além de saber que morreram, respectivamente, em 1915 e 1916, conforme anotado por Carim em seu livro de registro, seguido da palavra GUERRA em letras maiúsculas, o fato histórico que matou toda a família. Quatro outros filhos do casal faleceram em 1918, à exceção do mais velho e do mais novo, que imigraram para o Brasil nos anos de 1906 e 1923, respectivamente. Há de se lembrar que Jorge saiu ainda na dominação otomana, e podemos imaginar que teve os motivos próprios a esse período migratório, discutidos a seguir. Carim saiu já durante o mandato francês, tanto que chegou ao Brasil dominando mais o francês que o árabe. Suas motivações foram emocionais, ao acompanhar o único irmão, que não conhecia, pois Carim havia nascido quatro anos depois da partida de Jorge.

A região no Monte Líbano em que viviam era montanhosa, com pequenas vilas. Pelas características econômicas do período, podemos imaginar que a família vivia do campo, praticando a agricultura de subsistência complementada pelo pastoreio de ovelhas. Foi a desestruturação desse modo de vida que levou a imigração em ampla escala. Isso é corroborado por comentários na família e também por TRUZZI, que explica:

*“As razões que provocaram o surto migratório em direção a diferentes países das Américas vincularam-se, de modo geral, a fatores de natureza econômico-demográfica, que desagregaram a economia de subsistência anteriormente estabelecida em torno de aldeias quase autossuficientes e pouco integradas entre si. A melhoria dos transportes marítimos e terrestres ocasionou a importação de bens manufaturados, o que minou a produção local de artesãos independentes”*<sup>1</sup>.

Jorge Choairy nunca voltou ao país de origem. Viveu e morreu no Maranhão, lugar que escolheu como novo lar e onde se casou três vezes, gerando descendência numerosa. Carim fez uma viagem de regresso em 1974, pouco antes de eclodir a guerra civil que duraria até os anos 90, dividindo a nação e fazendo sofrer muitas gerações nascidas sob o peso da discórdia e rancor. Voltou de lá com fotos de familiares distantes, camponeses, que lamentavelmente não sabemos quem são ou como se ligam a nós. Dizem que foi recebido por muitos no Aeroporto de Beirute.

Embora eu venha pesquisando ao longo dos anos, junto à Embaixada, ao Arquivo Nacional e em visita a Mansourieh, meu ramo familiar não cresceu além dos nomes de meus bisavós. Organizados em vilas ligadas ao nome e à fé professada, cada grupo familiar tem sua própria igreja. Mas, infelizmente, a Igreja Ortodoxa local, onde os Choairy estariam registrados, está fechada há anos. Ali fomos bem recebidos, sendo evidente o interesse dos libaneses em colaborar com os brasileiros - não há família que não tenha ramos por aqui. E apontam orgulhosos as casas, indicando quantos agora falam Português e torcem pela seleção brasileira de futebol, assunto que rende muita conexão e interesse.

Recentemente, a tradução do árabe para o Português do *Ikhrāj* (extrato de status civil emitido pelo governo libanês) de Carim Miguel Choairy, número de família 180, registrado em 13 de janeiro de 1955 no Consulado do Rio de Janeiro e emitido em 5 de setembro de 1974 no Consulado do Líbano em Brasília, nos trouxe algumas informações adicionais quanto a seu nome e sobrenome. Carim se declara Karim Mikhayel Al Choueiry, uma grafia nova para nós e que abre espaço para muitas outras conexões. O mesmo tem se dado com os resultados dos

---

1 TRUZZI, 2005, p. 6.

exames de DNA realizados, que comprovam o compartilhamento com famílias de Mansourieh e também de Dhour El Choueir, muitas delas estabelecidas nos Estados Unidos. Possibilidades essas ainda a serem exploradas.

Handwritten civil status document (Ikhray) from Lebanon. The document is titled "صورة اخراج قيد عن سجل المرحوم" (Copy of civil status record of the deceased) and "القضاء / المحلة او القرية المرحوم" (Court / Village of the deceased). It includes columns for name, date of birth, and other details. The document is dated 13/1/1955 and 5/9/1974. It features several official stamps, including one from the Ministry of the Interior and another from the Consulate in Rio de Janeiro.

الاسم والشهرة	الاسم الاب	اسم الام وشهرتها	تاريخ ومحل الولادة بالارقام والاحرف	الذهب	العملة	تاريخ او شهر او سنة	تاريخ التسجيل	ملاحظات
كارم ميخائيل شويري	مخايل	فولاديا كوربا	13/1/1955	...	...	...	...	...
...	...	...	...	...	...	...	...	...

Reprodução do *Ikhray* (extrato de status civil emitido pelo governo libanês) de Carim Miguel Choairy, número de família 180, registrado em 13 de janeiro de 1955 no Consulado do Rio de Janeiro e emitido em 5 de setembro de 1974 no Consulado do Líbano em Brasília.

Segue, em poucas palavras, o relato de luta e superação, que nos remete à frase da imigrante Amy Lynn Chua, uma filipino-chinesa-norte-americana, professora na Faculdade de Direito da Universidade de Yale: “*Sabe o que é um sotaque estrangeiro? É sinal de coragem!*” É um lembrete poderoso de que as dificuldades enfrentadas no processo de imigração são testemunhos da resiliência e bravura daqueles que ousaram buscar uma vida diferente.

## 2. Líbano: muita história para pouca geografia

Sem pretensão de fazer um registro da longa e complexa história dessa estreita faixa de terra, cujo nome já aparece nos registros bíblicos, a lista de invasões e ocupações deste território surpreende: uma colcha de retalhos cultural costurada nas muitas ondas de civilização, que forjaram quem é o libanês moderno.<sup>2</sup>

O recorte que interessa ao momento do qual nos ocupamos nesta pesquisa inicia-se com a crise advinda a partir da autonomia da província do Monte Líbano em 1861, aprovada para proteger o grupo cristão. Diante da produção agrícola interna pouco produtiva, focalizada que estava no comércio exterior de produção da seda e ocupando terras desérticas, o quadro se complica. A atividade portuária toma fôlego no litoral, com a instalação do Vilayet de Beirute<sup>3</sup> (1888), que vem a ser bem desenvolvido no período, formando uma sociedade urbanizada sem precedentes no mundo árabe. Em 1907, os números evidenciam a importância da região, que correspondia a 11% de todo o comércio internacional da economia otomana. Era a quarta região mais populosa das 36 províncias do Império. Cria-se um descompasso entre o Monte Líbano e a capital, que se desenvolve enquanto o primeiro perde parte da atividade de pastoreio tradicional, sem incremento da atividade agrícola, basicamente centrada na subsistência. Vem uma grande crise de abastecimento e estima-se que, entre 1910 e 1914, 25% da população tenha deixado o país.

Os anos de 1914 a 1918 correspondem à grande fome no Monte Líbano, resultado de uma somatória de fatores que começa com um bloqueio econômico inglês *“que forçou a entrega de boa parte dos excedentes ao Exército Otomano, levando à morte de mais de 100 mil libaneses por fome, enquanto inúmeras vilas e aldeias eram abandonadas”*<sup>4</sup>. Acrescentem-se as pragas de gafanhotos em 1915 e o corte das amoreiras para uso militar, e a principal atividade econômica de exportação firmada na seda, falha. Associar-se com a Alemanha durante a Primeira Guerra Mundial foi um erro estratégico que colocou a última pá de cal no poder do Império Otomano.

TRUZZI nos traz uma descrição geodemográfica que ilumina o entendimento do que encontrávamos antes da formação do que viria a ser o Grande Líbano:

2 Vide anexo no final deste artigo.

3 Vilayet - primeiro nível da unidade administrativa do Império Otomano.

4 DUTRA JUNIOR, 2014, p.40.

*“A Grande Síria, ou simplesmente Síria, pátria dos sírios, é uma estreita faixa de terra, de cerca de 650 por 250 quilômetros, que se estende da faixa de Taurus e do Rio Eufrates, no norte, até a península do Sinai, no sul, limitada a oeste pelo Mar Mediterrâneo e a leste pelo deserto. Esse território incluía, ainda em seus limites, o distrito do Monte Líbano, uma faixa de terra menor ainda, adjacente ao mar, localizada entre os portos de Trípoli, Beirute e Saída, e que gozava de relativa autonomia administrativa. Além desta peculiaridade, a maior parte dos sírios que habitavam a região do Monte Líbano professava doutrinas cristãs, enquanto no restante dos territórios que havia de fato era uma região montanhosa denominada Síria predominavam os muçulmanos”*<sup>5</sup>.

Em 16 de maio de 1916, assina-se o acordo secreto de Sykes-Picot, entre França e Inglaterra, deixando dividido o espólio da região no caso de derrota do Império Otomano na Primeira Guerra Mundial e que ignorava essa organização territorial religiosa e cultural. São definidas fronteiras exclusivamente políticas. Como consequência direta, nasce em 1920 o Grande Líbano, unindo as antigas cidades do litoral ao Monte Líbano sob mandato francês. O equilíbrio sectário se complica e esforços e acordos políticos são feitos somente para dissimular uma ruptura muito mais profunda. A independência como nação só viria em 1943.

Isso explica a confusão de origem dada ao imigrante que vinha desta região até a definição do Estado libanês: ora sírio, ora turco, ora árabe, definida muito mais pela época/dominação e pelo tipo de passaporte que na ocasião fosse mais conveniente (ou possível).<sup>6</sup> O passaporte turco, na ocasião mais poderoso, podia ser usado para acesso ao porto intermediário, geralmente na Itália para quem vinha ao Brasil, ou para o destino final. Nas aldeias, centradas na família conjugal, na família estendida de três gerações e na parentela (que reúne todos descendentes de um antepassado comum), pouca importância era dada à nacionalidade, especialmente considerando que a nação ainda não nascera. Como lemos:

*“Ao questionar a nacionalidade do imigrante sírio-libanês a grande maioria dessas pessoas se autodenominarão como libaneses; alguns poucos se denominarão sírios, mas não encontraremos nenhum se considerando sírio-libanês, turcos ou árabes, embora essa última seja a nacionalidade que consta na maioria dos passaportes dos imigrantes quando estes chegam ao Brasil”*<sup>7</sup>.

As razões para a imigração variavam e definiam os ciclos migratórios, mas a fome e a guerra foram motores para essa viagem ao desconhecido que tem

5 TRUZZI, 2005, p. 1.

6 Isso quando havia passaporte, já que era comum a evasão.

7 FURTADO, 2011, p.16.

caracterizado esses movimentos ao redor de todo o mundo e em todas as épocas. Cada um que saía e dava certo, era o elo necessário na nova terra para mais um imigrante “fazer a América”.

### 3. Um grande movimento migratório em quatro atos

Conforme discutido em vários livros que tratam da imigração libanesa para o Brasil, os primeiros imigrantes vieram ainda no período colonial. FURTADO cita Tanus Jorge Bastani que relata:

*“Quando Dom João veio para o Brasil em 1808, não encontrando um solar digno de sua pessoa, passou a residir na quinta de Antun Elias Lubos, libanês que adotou o nome de Elias Antônio Lopes. A casa teria então se transformado em definitivo na Casa Imperial Brasileira, hoje Museu Nacional no Rio de Janeiro”*<sup>8</sup>.

Não há unanimidade entre os autores quanto aos ciclos migratórios do Líbano para o Brasil, embora sejam todos profundamente ligados aos acontecimentos locais. Grosso modo, podemos definir o primeiro ciclo motivado pelos últimos instantes da opressão otomana sobre os cristãos do Monte Líbano entre 1880 e 1914, “*caracterizada pela emigração de cristãos descontentes com o domínio otomano e com a falta de perspectivas econômicas devido à relação entre alta densidade demográfica, baixa urbanização, industrialização quase nula e agricultura deficiente*”<sup>9</sup>.

No Líbano, os abusos e vexames como restrição de direito, cobrança fiscal e obrigatoriedade de serviço militar foram acirradas no último século da dominação otomana e despertaram paixões político-religiosas nos grupos cristãos. Portanto, aqueles que saíram da região outrora denominada Monte Líbano, se consideram libaneses, região em que o processo migratório foi mais intenso. Os que não tinham ligação com a região do Monte Líbano eram denominados sírios. É fácil explicar porque odiavam ser chamados turcos- turcos eram os dominadores, a razão da pressão para a diáspora desses homens solteiros, viajando sozinhos.

---

8 FURTADO, 2014, p. 18.

9 GATTAZ, 2005, p. 76.



O peso da mão otomana ou francesa não explica todo o movimento, especialmente numa cultura que veio de tantas diferentes dominações em sua história e que já convivia com o domínio turco há 400 anos. À decadência do comércio internacional e da produção, já comentados, associa-se a concentração da riqueza e das terras nas mãos de uma minoria, favorecida pelo Império. A produtividade agrícola baixa para a população crescente numa terra desértica e em grande parte improdutiva, cria uma pressão social não atendida, em que as oportunidades se apresentavam cada vez mais remotas.

*“Para muitos imigrantes, assim, o que pesou na decisão de ‘fazer América’ - mais do que a própria necessidade econômica ou as perseguições políticas e religiosas - foi a impossibilidade de atingir um padrão econômico e qualidade de vida que seriam inatingíveis num país pequeno, superpovoado, eminentemente agrário e com o desenvolvimento centrado em sua capital”*<sup>10</sup>.

Mesmo sem informação primária que confirme a real motivação, podemos imaginar que Jorge Miguel Choairy, em 1906, sendo cristão ortodoxo no Monte Líbano, achou por bem sair do país, fosse pela fome que dizimava a população nos primeiros anos do século XX ou pela crescente pressão otomana que culmina em 1908, na revolução constitucional, com a obrigatoriedade de servir no exército otomano. A repressão cresce até 1914, com execuções sumárias de intelectuais. *“Os turcos submetiam a todos e, principalmente, aos camponeses, arruinando-os”*<sup>11</sup>.

O segundo ciclo se estabeleceu durante o mandato francês que se estendeu até a independência em 1943 e foi marcado pela emigração de cristãos e muçulmanos em busca de melhores perspectivas econômicas e descontentes com a nova configuração do Estado libanês após o término da Primeira Guerra. Os ânimos religiosos, anteriormente contornados e elaborados no convívio da aldeia, já se haviam acirrado, dividindo a população e fragilizando a nascente nação. É nesse período histórico que se encaixa a viagem de Carim, que vai prontamente ao encontro do irmão ao primeiro chamado, depois de se ver sozinho no Líbano após a perda dos pais e irmãos. Os compromissos familiares assumidos pelo imigrante e pela família que ficava na retaguarda, aguardando o frequente envio de reservas, permeiam esse movimento compreendido dentro de uma dinâmica familiar. Imaginamos que assim que possível, e passado o momento da Primeira Guerra Mundial, Jorge faz contato com o irmão e o traz ao Brasil. Sobre o segundo período:

---

10 GATTAZ, 2005, p.37.

11 HAJJAR, 1985, p.99.

*“A constituição pelos franceses da República do Líbano em 1920, ao passo que deu forma às aspirações nacionais árabe-cristãs, estabeleceu as bases do conflito inter-religioso que desde então ocorre no país. Isto se deu devido à anexação de áreas majoritariamente muçulmanas de parte da Síria, desfigurando as características da antiga província autônoma cristã – o pequeno Líbano, em oposição ao grande Líbano de 1920”*<sup>12</sup>.

A seguir, apenas citaremos os ciclos migratórios subsequentes para fins de contextualização, uma vez que eles não são de interesse direto deste artigo. O terceiro ciclo corresponde ao Líbano independente, com a saída tanto de cristãos como muçulmanos, ambos motivados pela limitada oportunidade profissional no ambiente urbano, ainda se recuperando da depressão econômica do pós-guerra, e aprofundados pela crescente tensão político-religiosa que resultaria na instabilidade do país após 1958. O quarto período é correspondente à Guerra Civil entre os anos 1975-1990, levando o país ao medo e insegurança, estagnação econômica e conseqüente desemprego e perseguições políticas e sectárias. Seria pretensão inferir que um quinto período se estende à atualidade quando o movimento continua em direção ao país que tem mais libaneses que o próprio Líbano?

#### **4. E por que o Brasil?**

O Brasil, no final do século XIX e início do século XX, assiste (e incentiva, em muitos casos) a um grande fluxo migratório de várias nacionalidades buscando melhores condições de vida, enquanto o país reconhece a impossibilidade de seguir com a mão de obra escravizada. No fim do século, com a abolição da escravatura em 1888 e a Proclamação da República em 1889, há um esforço do governo em trazer mão de obra da Europa para o trabalho agrícola e, um pouco mais tarde, para a indústria. O processo geralmente envolve ambos os governos. Mas para o árabe, no entanto, a iniciativa é individual, na falta absoluta de um estado que os representasse. *“A proteção, se é que existe, sempre foi a do parente ou a do vizinho de aldeia, o conterrâneo”*<sup>13</sup>. Vêm sozinhos, solteiros, com a ideia inicial de retorno, para exercer a atividade de comércio e mascateação no nascente processo de urbanização. Eram, de fato, patrocinados pela estrutura familiar de apoio a quem prestariam contas e por quem buscavam oportunidades. Essa independência admitia, por outro lado, que se dedicassem a seu próprio projeto de vida, fazendo opção pelo setor terciário em detrimento das atividades agrícolas que exerciam na terra natal. Deslocavam-se segundo melhores oportunidades e embora houvessem recebido pouca educação, oferecida somente aos mais jovens

<sup>12</sup> GATTAZ, 2005, p.31.

<sup>13</sup> HAJJAR 1985, p.108.

e em períodos letivos curtos, o percentual de alfabetizados era maior que entre os europeus. Logo aprendem por observação (nas fazendas por onde andavam os que os antecedem), que melhor declarar-se não-lavrador ao entrar no país.

A política de concessão de cidadania era liberal, ponto importante para uma população que preferia sentir-se dissociada de sua origem: o Líbano ainda não se organizara como nação e ser turco, reconhecendo o dominador, também não era interessante. A liberdade de culto e a tolerância religiosa, gestadas no sincretismo religioso português/indígena/africano, também interessava ao imigrante, que aqui encontrava um país tolerante, mas essencialmente cristão, religião dominante no meio imigrante do primeiro ciclo. Finalmente, a partir de 1920 vemos que o imigrante já chega falando francês, língua latina próxima ao português, o que se apresentava como um grande elemento favorável à escolha.

Havia dois centros de atração: o primeiro e mais importante destino durante esse período inicial foi a Amazônia, que vivia o ciclo da borracha e o segundo, um pouco mais tarde, atendendo ao ciclo do café em São Paulo, que implicava na crescente urbanização da capital paulista. No Norte, o seringueiro, muitas vezes migrante de outras regiões brasileiras, esperava ansioso pelo “regatão”, misto de barco/venda que trazia de tudo um pouco e escapava ao controle dos portos oficiais, onde os “coronéis de barranco” pretendiam o controle total do comércio. Como diz TRUZZI: “*Os mascates representavam uma feliz concorrência ao armazém do patrão*”<sup>14</sup>. O sírio fazia do barco sua casa e não havia lugar habitado onde não chegasse. A partir desse ponto inicial, estabeleciam comércio de porta, seguindo o instinto comercial de núcleo em núcleo, segundo as oportunidades

Se em todo Brasil a abolição da escravatura foi *per se* um fator desafiador para a economia, no Maranhão juntou-se à desestabilização do ciclo exportador da cana de açúcar e do algodão. Fez-se necessário o desenvolvimento de atividades fabris para o uso do algodão e também para a cana. Faz sentido pensar que, em breve, patrícios de Jorge e Carim estariam desenvolvendo um polo fabril em São Luís e que os dois tivessem na produção de cachaça uma atividade importante.

## 5. O estabelecimento no Brasil - atividades, inserção e miscigenação

O libanês não trouxe consigo uma forte noção de pertencimento a um

---

14 TRUZZI, 2005, p. 30.

país, uma vez que o mesmo só veio a ser criado em 1943, como já mencionado. A base identitária do libanês estava muito mais ligada à religião, à família e à aldeia de origem. “A maioria dos interesses do indivíduo são preenchidos na sua relação com essas instituições”<sup>15</sup>. A convivência pluri-religiosa relativamente pacífica, anterior à dominação francesa, era coerente com uma terra que viu nascer o judaísmo, o cristianismo e o islamismo. Com uma geomorfologia desafiadora, que hoje permite “*esquiar de manhã nas montanhas e nadar no Mediterrâneo à tarde*” (como explica orgulhosamente o libanês), mas que dificultava a comunicação e a integração, a aldeia, quase isolada geograficamente e autossuficiente, tornou-se o *locus* onde o conceito de família que une gerações podia ser vivenciado. O núcleo da família imediata (pais e filhos) era o menor, embora não fosse o mais poderoso, seguido do poder patriarcal da família estendida (pais, irmãos, cunhados, netos, sobrinhos), esse sim de poder quase absoluto. Não era incomum morarem juntos e obedecerem ao patriarca enquanto este fosse vivo. Seguindo a isso, vinha o conceito de parentela, sendo comum esta ser a organização primária para buscar os casamentos e sociedades produtivas. Esses foram os valores trazidos na bagagem daqueles que vieram.

Nosso imigrante também não trouxe experiência no comércio. A maioria era vinculada à atividade rural em suas terras de origem, cultivada por toda a unidade familiar. Mas ao encontrarem no Brasil uma organização agrária diferente em tudo, logo se espalhou a ideia de que, nessa atividade, o sustento não chegaria para prover a família que ficara aguardando. Uma vez solteiros, não hesitaram em trabalhar “por conta própria”, percorrendo o interior, onde proviam acesso a bens de consumo de forma mais facilitada do que a venda do fazendeiro aos colonos. A existência de um patrício que financiava as primeiras mercadorias garantiu a muitos o início da formação de um primeiro capital, imediatamente reinvestido na reposição do estoque. Havia vantagens: precisavam de pouco português, pouco investimento inicial, não temiam o desemprego, e a inserção social era consequência da eficiência da relação mútua e prolongada da confiança cliente/vendedor. Varreram, assim, todo o território nacional, progressivamente se estabelecendo em pequenas lojinhas e retroalimentando o processo ao trazerem outros conterrâneos para incrementar o “negócio”.

*“Cada casa comercial contava com um grupo de recém-chegados para trabalharem como vendedores ambulantes. A chegada de navio despertava o interesse dos comerciantes árabes, pois as companhias informavam sobre a chegada de novos grupos imigrantes. Para evitar a disputa aberta pelos novos patrícios, os comerciantes estabeleciam, de antemão, as regiões da Síria e do Líbano que cabiam a cada comerciante. Assim, ao chegar o navio, cada recém-chegado era entregue à proteção de um patrício atacadista, que cuidava de sua*

---

15 HAJJAR, 1985, p.41.

*orientação no mascateamento*”<sup>16</sup>.

O ciclo mascate/lojista/industrial foi promissor para as primeiras gerações chegadas ao Brasil e inspirou outras por anos, ainda que nem sempre as expectativas se cumprissem. Qualquer núcleo urbano, do tamanho que fosse, se beneficiava do trabalho dessa mão de obra que buscava em qualquer amontoado de gente a oportunidade de gerar renda e atividade econômica. Observem quão poucos eram os recursos no começo:

*“Então lhe deram algumas mercadorias, ensinaram os nomes e os preços e orientaram: ‘Vai por aí, rio acima. Sempre rio acima. Entra no primeiro paraná e daí para outro rio. Vai olhando para as margens. Vendo gente, se não estiver pelado,  freguês. Quando o sujeito não tiver dinheiro, faça trocas... E quando puder, volte para pagar o que levou”* <sup>17</sup>.

Foram importantes para reavivar uma economia depauperada com o fim de ciclos econmicos no Brasil e têm ao enviar ao país de origem grandes quantias para o sustento dos que ficaram. Arejaram o comércio; venderam a crédito; redefiniram o conceito de lucro, focando no volume; procuraram alta rotatividade do estoque; reinvestiram no negócio e dedicaram atenção às necessidades do consumidor. Para muitos, *“inventaram o comércio popular”* <sup>18</sup>.

Eram chamados “carcamanos” no Maranhão, “turco de prestação”, e outros apelidos nem sempre lisonjeiros. Nessa época, o contato com os maranhenses se restringia basicamente a uma relação de cliente-vendedor onde o preconceito e o distanciamento ainda imperavam.

*“Aqui no Maranhão, srio, libanês, turco, todos os rabes, enfim, foram apelidados de carcamanos. A origem da palavra  duvidosa. Talvez tenha sido emprestada do Sul, onde o carcamano é o italiano, que ‘carrega a mão na balança’. Mas, o sentido semântico é seguro, quando pilheria acerca da habitual esperteza do negociante rabe. Para melhor ganhar, calça a mão no metro de tecido, em rápida prestidigitação, diminuindo alguns centímetros. O maranhense, levando em conta essa aparente psicopata moral, diz que os seus descendentes continuarão carcamanos, mesmo com a miscigenação que se vem dando com os nacionais”* <sup>19</sup>.

---

16 SAFFADY, 1950, p.39.

17 TRUZZI, 2005, p.62.

18 TRUZZI, 2005, p. 48.

19 LIMA, 1987, p. 33.

Em contraste, sua importância para regiões remotas e no reavivamento da economia não é esquecida no mesmo texto de Lima, que expressa muito bem o processo pelo qual passaram Jorge e Carim:

*“Lembre-mos também daqueles mascates anônimos, que se enriqueceram, tocando matraca pelo interior adentro, porém contribuindo consideravelmente para o progresso da região. Quantos camponeses ficavam à espera do carcamano, à beira das estradas cavallares, para comprar agulha, linha, pente, botão. Mas, não esqueçamos o sacrifício que fazia o carcamano nas suas intermináveis andanças, no começo a pé, carregando bom peso nas costas, que na hora do negócio descansava sobre a matraca. Ao sol e à chuva. Por todos os cantos e barrancos. Sem segurança, nem proteção. Estimulado apenas pela necessidade de sobreviver, de enriquecer se possível. Logo que podia, comprava uma mula para carregar o peso do novo investimento. Era o uso da quilha que os Aqueus (micenas) difundiram, capaz de levar a mercadoria mais longe, mais depressa, mais lucrativa. A terceira etapa era a loja, um bazar, nalguma localidade. Loja que tinha de tudo, inqualificável ao fisco como ainda lembra a Casa Mohana, dirigida por Ibrahim Mohana, comerciante-intelectual. O último passo é a indústria, seja onde for. São Paulo está cheia delas, São Luís lhes acenou traiçoeiramente com efêmeras fábricas de tecido. Pelo interior maranhense são as usinas de arroz, babaçu, sabão, etc. Boa inteligência, basta que ensine a regatear. Mas, não se lhe confunda com furto: exige trabalho lícito e diuturno, assíduo e penoso, esperteza até na lealdade no negócio”*<sup>20</sup>.

O Maranhão foi a escolha de Jorge Miguel Choairy, embora, como já mencionado, não pareça ter sido sua primeira opção, tendo passado por outras regiões do norte antes de se estabelecer na Baixada Maranhense. Mas lembrem-nos: como mascates que eram, os ventos do bom comércio é que guiavam o negócio. E deve ter havido razões para que se estabelecesse em São Bento. Carim acompanhou o irmão, 13 anos depois da vinda deste. Naturalmente, ele começaria ajudando no negócio de Jorge, com quem trabalhou por oito anos antes de iniciar seu próprio empreendimento.

Em centros urbanos maiores, e depois de passados os primeiros desafiadores momentos, um grupo de conhecidos unidos pelo local de origem e religião organizava-se em entidades sociais, religiosas e beneficentes, desempenhando funções que na terra de origem eram de responsabilidade da família ou da aldeia. Como explica Truzzi: *“Sendo a inserção étnica, religiosa e regional tão decisiva em sua terra natal, a vinda para o Brasil não poderia significar, de uma hora para outra, a anulação de tantas tensões progressas”*<sup>21</sup>. Respeitavam as mesmas divisões segundo a qual viviam no Líbano, pois centralizavam conterrâneos e replicavam o modelo da aldeia de origem.

<sup>20</sup> LIMA, 1987, p. 41-42.

<sup>21</sup> TRUZZI, 2005, p.63.

Nunca ouvi que meu avô e seu irmão houvessem se envolvido neste tipo de atividade coletiva. O núcleo no interior do Maranhão parece ter sido pequeno, haja vista que é observado pelos filhos de ambos, com certo espanto, que “*até havia em São Bento uma mulher que falava árabe*”. Em tais condições, a inserção social se deu mais agilmente por meio do casamento multicultural, “*aderindo ao culto católico, dando mais ênfase às semelhanças do que às diferenças*”<sup>22</sup>. Corroborava essa ideia o fato de ambos haverem se casado com maranhenses, e ambos na Igreja Católica Romana, abdicando de suas crenças como cristãos ortodoxos.

As diferenças foram sobrepujadas em poucas gerações pelo desejo de pertencimento. Havia claramente vantagens para ambos os lados: para uns, a segurança financeira trazida pela atividade econômica atípica e empreendedora. Para outros, a inserção social e política depois da estabilidade econômica consolidada. Lima completa: “*É verdade que, de início, como veremos, havia certa discriminação de parte a parte: os brasileiros consideravam os carcamanos ‘uma raça inferior; de costumes exóticos’, os carcamanos achavam os brasileiros ‘relaxados e maus maridos’*”<sup>23</sup>.

Esses arranjos multiculturais implicavam na conjunção de uma visão de sociedade muito diferente, ainda machista e controladora, mas que, por necessidade, abria a possibilidade de maior inserção feminina:

*“Mas isso é uma situação até compreendida, pois o estilo de vida das mulheres libanesas, que estavam enclausuradas em casa e limitadas a desempenhar elas próprias os afazeres domésticos, era diferente do da mulher maranhense, que era servida por escravos ou empregadas domésticas que cumpriam as ordens das senhoras. A diferença nas relações domésticas entre uma sociedade escravocrata ou que já viveu a escravidão e o cotidiano familiar de mulheres simples, imigrantes, sem serviçais, justifica o temor dos imigrantes de seus filhos casarem com moças que ‘não sabem fazer quibe’”*<sup>24</sup>.

Socialmente, as mulheres árabes (raras nesse período inicial) ou as casadas com árabes, têm uma penetração muito maior do que o usual na sociedade patriarcal nordestina, “*tendo voz ativa e ação significativa no cotidiano local, como exemplificado pela Sociedade Feminina Libanesa*”<sup>25</sup>, organização fundada em São Luís, MA. Participavam ativamente nos negócios da família. Explica-se no contexto de que, ao estabelecer-se num ponto comercial, o árabe precisava ainda manter a atividade de mascatear, enquanto a mulher seguia na administração da venda.

22 OSMAR, 2011, p.16.

23 LIMA, 1987, p.37.

24 LIMA, 1987, p. 51.

25 LIMA, 1987, p. 58.

A sociedade que consumia dos mascates não era totalmente tolerante com o povo que vivia viajando e barganhando. Pouco depois de instalado, o libanês, que já pensa em permanecer, aprende que a ascensão social que lhe é oferecida estava ligada à capacidade intelectual. Investiu então em fazer os filhos doutores. É notável como o salto entre mascatear e o diploma tomou apenas uma geração nascida no Brasil entre muitas das famílias desse período. Profissões tradicionais de medicina, engenharia e direito prevaleciam para ao menos um dos filhos do sexo masculino. O estudo abriu também portas para a representação política, e logo o árabe, que chegou pensando em voltar, fincou raízes e exerceu poder. O fator econômico veio substituir progressivamente o valor do nome de família. Ao virem para o Brasil, “*vêm para comerciar, serem ricos, no prazo mais curto de tempo*”<sup>26</sup>. Vários entre meus tios e primos foram à capital para estudar. A exemplo, Maria José Abreu Choairy, filha caçula de Jorge Choairy, viu-se aos 13 anos na capital, matriculada no Colégio Santa Teresa de São Luís. Thomásia e Jorge se esmeraram na formação dos filhos, contrariando o costume da época, influência que se estende aos descendentes. Em esforço individual, e posterior aos anos de formação, o mesmo se deu na família de Carim.

## 6. Jorge Miguel Choairy



Foto de Jorge Miguel Choairy datada de 1956, acervo familiar

---

26 SAFADY, 1950, p.19.



Jorge foi o primeiro filho de seis homens do casal Tekla Mussi Abnassif e Miguel Nicolau Elias Cury Choairy. Declarou nascimento em 9 de maio de 1894 em Mansourieh, Metn, Monte Líbano, nos últimos anos do domínio do Império Otomano no Monte Líbano. Chegou ao Brasil em Belém do Pará em junho de 1906 no vapor Hildebrando. Sua partida tão precoce, aos 12 anos, nos faz ponderar as duras condições de vida na terra natal, incluindo a fome e a crescente pressão otomana sobre as vilas eminentemente cristãs do Monte Líbano, já discutidas. Escreve Carim Choairy sobre o irmão:

*“Veio do Líbano para o Brasil em 1906 direto para Belém do Pará. Alenquer, Mamoré e outras cidades. De Belém do Pará veio para a Capital São Luís do Maranhão. Da Capital para a cidade de São Bento, onde permaneceu longos anos”*<sup>27</sup>.

A seleção das cidades por onde passa é bem coerente com as demandas comerciais do ciclo da borracha na região amazônica, ciclo econômico curto concentrado entre 1880 e 1910. Outros que vieram para o sudeste atendiam ao ciclo do café. Safady nos lembra: *“Eram dois centros principais para onde convergiam os jovens árabes - o da borracha e o do café. Os mascates agiram a exemplo dos bandeirantes, alargando as fronteiras comerciais”*<sup>28</sup>.

Suas lutas nesse começo nos escapam. Em 05 de maio de 1920 aparece como comerciante em São Bento, listado no jornal *Pacotilha*, envolvido na cobrança de uma suposta dívida. Em 30 de dezembro de 1922 noticia-se no mesmo jornal o casamento com Dona Joana Prado Pereira ocorrido no dia 24 de dezembro anterior.

*“Civil e religiosamente, consorciaram-se em São Bento, no dia 24 do corrente, a Sra Joana Prado Pereira, estimada sobrinha do Capitão Melquíades Prado, com o Sr. Jorge Miguel Choairy, negociante naquela localidade. Testemunharam os atos os srs. Dr. Jaifé Vale Porto e esposa, Capitão Melquíades Prado e Cristóvão Pedro San Martins, Bento Praxedes Corrêa, Jacinto Corrêa, o sr. Raimundo Prado Pereira, exmas. sras. Dona Eponina Oliveira Conduru Serra, Maria Vianna Guimarães, Inês Ata e Inês Prado Pereira, e as gentis senhoritas Rita Matos Aldeide Neide Prado, Mariana Lobato Martins, Maria de Lourdes Guimarães, Iteivina Corrêa, Severa Corrêa e Maria do Prado Pereira. Aos nubentes desejamos um porvir de felicidade”*<sup>29</sup>.

---

27 Notas pessoais de Carim Miguel Choairy.

28 SAFADY, 1950 p.27.

29 Jornal *Pacotilha*. Edição número 307. Maranhão, 30 de dezembro de 1922. P.4 Disponível em: <[https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=168319\\_02&pesq=%22Jorge%20Miguel%20Choairy%22&hf=memoria.bn.br&pagfis=16624](https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=168319_02&pesq=%22Jorge%20Miguel%20Choairy%22&hf=memoria.bn.br&pagfis=16624)> Acesso em: 8-ABR-2024.

Nessa época ainda era muito comum ir buscar a noiva entre a parentela no Líbano, uma vez que as moças não migravam. Mas podemos elucidar: buscar em que parentela, tendo toda a família já falecido num curto período de tempo? Casa-se, portanto, na Matriz de São Bento, segundo os ritos católicos romanos, uma vez que o Maranhão nunca chegou a ter uma congregação cristã ortodoxa, como aconteceu em outros lugares do Brasil. Identificamos, no entanto, que as ligações no momento estabelecidas servirão a Carim, o irmão mais novo, que vai se casar na família Corrêa, cujos nomes já aparecem como convidados no casamento de Jorge. Logo vêm os cinco filhos do casal.

BR DFANBSB ESQ.PNT. MA.1036913

Ficha de Identificação CHEFATURA DE POLÍCIA DO E. DO MARANHÃO

EM. 27.4.1940 .. NACIONALIDADE LIBANEZA.

IDADE 45. ANOS. PFSO ALTURA 1,71. CMS.

PROFISSÃO COMERCIANTE..

RESIDENCIA EM. S. BENTO. MARANHÃO...

ASSINATURA *Jorge Miguel Choairy*

OBSERVAÇÕES

PROC. n. 119.40

Fis. *[Rubrica]*

343.. JORGE MIGUEL CHOAIRY. NOME

N. DE IDENTIFICAÇÃO

Joana falece cedo, em 1931, e Jorge, com cinco filhos pequenos, logo se casa com Thomásia Freitas de Abreu, viúva de João Abreu Reis. Esta já tinha um filho, homônimo do pai, que se tornou médico. Thomásia vinha de família de posses, um grupo familiar influente. A mãe, Mariana Freitas de Abreu, era senhora de engenho na Fazenda Raposa, entre Palmeirândia e São Bento. Garapa, melado e açúcar mascavo eram subprodutos da cachaça, principal atividade, além de um pouco de gado. Já era viúva em 1940. Thomásia e as irmãs aprenderam com a mãe as artes do comércio e administração da fazenda. E foi assim o par perfeito para o árabe que, nessa altura, estava fortemente estabelecido. Não era “das prendas domésticas”, mas se envolvia profundamente nos negócios dos pais e, posteriormente, do esposo. Quando se casa com Jorge, então já comerciante, Thomásia assume funções nos negócios do marido, dando força à ideia da diferença entre a cultura árabe e a cultura maranhense, onde as mulheres geralmente não desempenhavam papéis ativos. O casal gera mais três filhos, a última nascendo em 1940. Nessa época Jorge se naturaliza, processo com data de 13 de junho de 1940. No prontuário de estrangeiro, quando não apresentou documentos, lemos que tinha 1,71 m de altura. Era sisudo, calado, de poucas palavras. Desse lado

da família, é comum dizerem: “*nós, sobrinhos, tínhamos mais abertura com Tio Carim*”.

Ficha de identificação de Jorge Miguel Choairy constante de seu registro de imigrante - Arquivo Nacional

O comércio de Jorge, chamado Casa Síria (embora o mesmo fosse da região do Monte Líbano), era o maior de São Bento e vendia de tudo, a exemplo dos mercados ainda hoje encontrados no Oriente. Situava-se à Rua José Araújo número 23, no centro de São Bento, na baixada maranhense. O modelo era o mesmo: comércio na frente, casa da família atrás. Vendiam de tudo:

*“... desde a agulha de coser, anzol, carretel de linha de várias cores, botões, velas, cachaça, borzeguins, linha de pescar, tarrafa, brincos, anéis, cordões, pulseiras de latão, chapéus de palhinha, massa, couro, calças, camisas, cuecas, balas de rifle, espingardas, facões, enxadas, fósforos, cigarros de várias marcas, sabão de barra, sabonetes perfumados, mosquiteiros, redes do Ceará, fogareiros, leques, purgantes de mamona, sal-amargo, calomelano, violão, flauta, e um mundo de mercadorias, todas de péssima qualidade”*<sup>30</sup>.

“*Só não gostavam muito de vender comida*”, conta Salim Abreu Choairy, filho de Jorge. O principal produto da Fazenda Raposa, a cachaça, era engarrafada nas férias por todos os filhos e vendida no comércio de São Bento pelo genro Jorge Choairy.

Anos depois, relata a filha Maria José, construiu do outro lado da rua um sobradão, criando área de depósito aos fundos- o mesmo se estendia até a outra rua, conhecida como Rua dos Fundos. A Casa Síria prossegue nas atividades, mesmo quando a família se muda para São Luís em 1953, movimento que indica a ascensão social aí já alcançada. Miguel, o primogênito dos homens, permanece em São Bento administrando o negócio. Logo segue para São Luís onde se casa e deixa a administração ao encargo de Tomás de Aquino, que, pouco hábil, leva o mercado à bancarrota. Enquanto isso, em São Luís, Jorge se estabelece com um Armazém na rua 28 de Julho, no ponto central de comércio na Praia Grande da capital maranhense. Em 1947, Jorge é citado no jornal *Diário de São Luís* como “abastado comerciante”<sup>31</sup>. Os duros tempos estavam vencidos.

A mescla da cultura libanesa e brasileira, recém saída da escravatura, permitia a existência de Maria Pilão, também conhecida por Maria Cubana, a serviçal de origem africana que atendia a prole numerosa. Mas Jorge Choairy mantinha as tradições do oriente médio e preparava comida árabe para toda a

30 TRUZZI, 2005, p.17.

31 Diário de São Luís, edição 763, 15 de julho de 1947 p.3 <https://memoria.bn.gov.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=093874&pesq=Choairy&pasta=ano%20194&hf=memoria.bn.gov.br&pagfis=7978>

família no fim de semana. Pouco depois, a esposa Thomásia adoece com leucemia e, antes de falecer em 1954, tenta vários tratamentos em viagens pelo Brasil. Jorge tem ainda um breve relacionamento com Sulema, sua terceira esposa, e vem a falecer em São Luís em 1961, não sem antes ter casado duas das filhas com a influente família Nahuz, patrícios e comerciantes de peso no ramo de tecidos no Maranhão.

### 7. Carim Miguel Choairy



Foto do acervo familiar com Carim Miguel Choairy aos 20 anos, 1926.

Carim, nascido em 1910, era o filho caçula dos seis homens conhecidos de Miguel Nicolau Elias Cury Choairy e de Tekla Mussi Abnassif. Eram originários da aldeia de Mansourieh, distrito de Metn, Monte Líbano, e a família se lembra dele mencionar que era pastor de ovelhas. A família era cristã ortodoxa, religião que Carim declarou ao registrar seu “Ikhraj”<sup>32</sup>, família número 180 no Consulado de Brasília em 1974. Já chega ao Brasil depois de um tempo de mandato francês no Líbano e por isso falava a língua que deve ter facilitado seu aprendizado do português, e que lhe fora obrigatória nos anos de escola.

<sup>32</sup> Extrato de estado civil emitido pelo governo libanês.

Carim veio ao Brasil como tantos outros: a convite do irmão mais velho que abriu o caminho. No Líbano, depois dos anos de fome e da guerra, não sobrou ninguém da família direta. Carim deixou registrado o ano de nascimento dos irmãos e o próprio: Jorge (1894), Hibrahim (1896), Nassif (1899), Dib (1904), Salim (1907), Carim (1910) e também o falecimento de todos no ano de 1918, à exceção de si mesmo e de Jorge. Anotou também o falecimento dos pais em 1915 e 1916. Contou que, após a morte de toda a família direta, vai residir com uma tia em Beirute, onde, após alguns anos, recebeu a carta convite do irmão Jorge em julho de 1923, quando então tomou um navio com destino ao Brasil. Nas suas palavras:

*“Nasci a 6 de julho de 1910<sup>33</sup>. Depois da guerra que terminou em 1918 fiquei só com Deus em casa de uma tia até o dia 6 de julho às 10 horas da manhã, quando fui chamado pelo meu irmão Jorge que já estava em São Bento há tantos anos. Nesse mesmo dia embarquei no Porto da Capital do Líbano em Beirute para o Brasil. Chegando em Belém do Pará em 2 de agosto. Em São Luís do Maranhão no dia 6. Em São Bento às 11 horas da noite do dia 9 de agosto de 1923. Aprendi Português, trabalhei com ele por 8 anos mais ou menos. Do dia 10 de agosto de 1923 a 31 de dezembro de 1931”<sup>34</sup>.*

Chegou, portanto com 13 anos, órfão e ainda sem conhecer o irmão mais velho que migrou antes do seu nascimento. Meu pensamento de criança sempre foi: *“como um árabe se desloca de Belém a São Bento do Maranhão aos 13 anos sem falar Português?”* Carim já havia trabalhado por 8 anos com o irmão Jorge, então proprietário da Casa Síria, o maior comércio de São Bento, quando, em janeiro de 1932, *“começa sua vida com Deus”*,<sup>35</sup> como registra no seu livro manuscrito. É quando abriu seu próprio negócio, que mais tarde veio a se localizar na antiga Rua dos Sapateiros, a três blocos da Alfândega, local onde se fazia todo o registro de mercadorias. O negócio vendia de tudo, a exemplo da Casa Síria do irmão Jorge<sup>36</sup>.

---

33 A data completa, mês e ano foram adotadas em função do dia que saiu do Líbano com destino ao Brasil. Não era costume árabe ter data completa de nascimento

34 Notas pessoais de Carim Miguel Choairy, reproduzidas em parte neste trabalho.

35 Notas pessoais de Carim Miguel Choairy, reproduzidas neste trabalho.

36 Certa ocasião, num país árabe, entrei num bazar e me vi no que sempre me foi descrito como o ambiente comercial da família: prateleiras de madeira com todo tipo de necessidade da época: lamparina, querosene, tecidos, agulhas, tesouras, equipamento agrário, selas, arreios, ferraduras, arados, especiarias, chás, secos e molhados, dispostos em contêineres de madeira para venda a granel. Fiz um filme e enviei aos mais antigos: comprovando que era mesmo assim a venda não só de Carim mas também de Jorge.

Carim já estava no Brasil há dez anos quando se casa com Filomena Corrêa em 14 de dezembro de 1933. Apelidada de *Naná*, era a filha caçula de dez filhos de Marcionillo da Paz Corrêa, *Seu Macico*, homem respeitado na comunidade, onde era guarda-linhas dos telégrafos. Consta inclusive que ficou refém dos índios *urubus* em uma ocasião, enquanto realizava seu trabalho. Era, além disso, delegado, vereador, juiz de futebol e dentista prático, ajudando voluntariamente no alívio de muitos que o procuravam com dor de dentes. A mãe, Joana Olegária Furtado, *Janoca* na família, era filha única de Itelvina Rosa Guimarães, conhecida como *Dondona*, proprietária de uma fazenda na Ilha Grande. Joana era mulher centrada, sisuda e sempre atenta às regras do bom comportamento.

A história de Carim e Filomena Corrêa começa meio ao avesso, com ele indo visitar a irmã mais velha desta na casa dos respeitáveis *Sr. Macico* e *Dona Janoca*, mas passando bilhetinhos para a caçula da família, de apenas 15 anos. Moravam numa casa bem fornida, em frente à Igreja Matriz, na qual eram muito ativos. As condições de *Naná* eram boas junto à família. Mas ainda assim o namoro não tardou e aos 16 a mocinha se casa com o árabe, gerando 9 filhos até seus 30 anos. Ela relata em entrevista a mim:

*“Nosso namoro foi a coisa mais engraçada do mundo. Ele ia lá pra casa e eu ia brincar de roda na rua. Ai ele começou a mandar bilhetinho num português horrórico em que dizia que gostava de mim, que queria se casar. Falava francês no Líbano e nunca voltou a estudar aqui. Um dia ele me avisou que ia fazer o pedido de casamento e, no dia seguinte, caí de cama com febre. Isso aconteceu duas vezes. Na terceira vez, ele não me avisou. Ele me chamava de “garotinha”. Foi engraçado porque no dia do pedido eles acharam que seria uma proposta de casamento para Hilda ou Maria, minhas irmãs, e foi pra mim”<sup>37</sup>.*

Os negócios iam bem. Era especialmente famosa uma cachaça, muito conhecida na região: Rainha da Farra. Carim cuidava pessoalmente da produção, que era toda manufaturada. E os filhos ajudavam na embalagem, rotulamento e distribuição. Segundo o primogênito do casal José Carlos Corrêa Choairy, até o pequenino Carim Filho, de dois anos, participava, enfiando os dedinhos no líquido e chupando repetidamente. Nessa época, já vencido o desafio primeiro da imigração, a casa em que moravam contava com 70 portas e janelas, se gabava o árabe Carim!

---

37 CORRÊA, Filomena. Entrevista concedida a Alessandra Choairy . Belo Horizonte, MG, 2006.

Mas a felicidade não perdurou para o casal. Na tentativa de remendar relacionamentos, resolveram deixar São Bento já em 1951, mudando-se para São Luís, enquanto aguardavam a venda dos bens do casal em São Bento. Moravam no sótão do Alô Clube, um espaço grande com um enorme quintal, no bairro Areal, de propriedade do irmão Jorge Choairy. José Carlos se lembra de, nessa época, já beirando os 18 anos, trabalhar numa farmácia na Praça João Lisboa. De lá, feitos os arranjos, segue metade da família em janeiro de 1952 para Belo Horizonte, encomendados a um primo também libanês. Voaram via Aéreo Real, nos aviões Douglas MC3, que deixou fortes lembranças nos filhos mais velhos. José Carlos define com exatidão o dia em que chega a Belo Horizonte: 13 de fevereiro de 1952, trazendo consigo a mãe e um segundo grupo de irmãos.

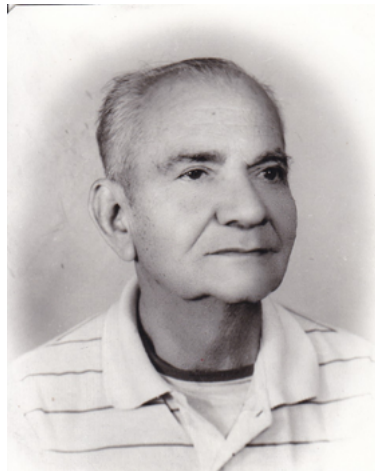
Em Belo Horizonte, moraram inicialmente na Rua Bonfim, até adquirirem um bar com casa aos fundos, na esquina da Rua Abaeté com a Rua Jaguari. Maria Amália, uma das filhas, cita um parceiro de Carim que “acabou com tudo”, enquanto, segundo lembranças de José Carlos, a compra de um Chevrolet 1952 também não foi acertada, e o intermediador não entregou o carro, alegando que o mesmo caíra no rio. A empreitada em Belo Horizonte não durou muito e ainda em fins de 1953 ou 1954, diante de tantas perdas, Carim retorna ao Maranhão, indo viver em São Luís, onde monta uma banca em um dos mercados. Leva consigo os quatro filhos mais novos: Carim Filho, Maria Amália, Maria de Jesus (Pininha) e Jorge Carlos, além de Salim, que nunca retornou às Minas Gerais. Os mais velhos permanecem com a mãe em terras mineiras. Logo Carim entrega os pequenos aos cuidados do avô materno em São Bento, e começa sua vida com Idalgisa, moça de Peri Mirim, MA, à época beirando os 18 anos. Algum tempo depois, os filhos mais novos se reúnem ao pai e à madrasta em São Luís, agora já contando com um novo membro na família, o bebê Pedro, décimo filho e o primeiro de três a nascer dessa segunda união.

Por volta de 1956 são feitos arranjos para que os filhos no Maranhão se unissem aos demais e à mãe em Belo Horizonte, para onde seguem. Na capital mineira, Filomena, moça acostumada a uma vida segura na casa dos pais, e depois com o marido comerciante, se vê obrigada a trabalhar dia e noite. Dias difíceis para sustentar a família. Catarina, a ama que acompanhou a família, minha querida “Vó Preta”, começa a produção de salgados. Logo Naná se torna costureira. Segundo palavras dela: *“eu sabia costurar porque aprendi com minha irmã, mas fazia somente para a família. Em Belo Horizonte, vi-me obrigada a ser a fonte de renda da família”*<sup>38</sup>. Foi muito duro. E logo Maria Lúcia, aos 17 anos, sendo de caráter muito comprometido, se envolve profundamente na sobrevivência da família. Há vívida lembrança e gratidão pelo sacrifício feito por essa irmã querida e guerreira.

38 CORRÊA, Filomena. Entrevista concedida a Alessandra Choairy. Belo Horizonte, MG, 2006.

A despeito do desafio, minha querida avó declara, depois de uma visita a São Bento, vendo a estagnação do lugar anos depois: *“Todos os dias eu agradeço ao meu bom Deus por Seu Carim ter me abandonado em Belo Horizonte!”* O comentário rende risadas na família até hoje!

Na inauguração de Brasília, grande parte da família vê com bons olhos a oportunidade e é quando Carim sai de São Luís com sua segunda família e se estabelece na capital federal. Em 1971 naturaliza-se brasileiro, conforme seu próprio relato.<sup>39</sup>



Carim Miguel Choairy, já na maturidade. Acervo de família.

Em 1974 viaja ao Líbano, onde se encontra com primos distantes na mesma aldeia de onde saiu. Traz fotos, mas não deixa pistas desses relacionamentos, nem encontra no Líbano documentos complementares.<sup>40</sup> Também temos registro de várias correspondências trocadas com Neif Bou Nassif, assentados em Carangola, Minas Gerais, chamando-se de primos. Imagino que seriam parentes pelo lado materno, mas como se encaixam em nossa árvore familiar, nunca foi elucidado.

---

39 Até o momento não foi possível o acesso ao processo de naturalização.

40 Dos descendentes, somente eu, Alessandra, voltei ao Líbano, em 2018, e a tentativa de encontrar parentes novamente falha. Dos descendentes do irmão Jorge, Maria José, a caçula, faz o caminho reverso em 2021.



Os anos passam e o segundo casamento se desfaz. Depois de sofrer vários AVCs em que Naná, que sempre sonhou ser enfermeira, assume parte do cuidado do ex-marido. Depois de 39 anos separados, o casal voltou a se casar oficialmente em dezembro de 2002.<sup>41</sup>

Ao contrário dos filhos, que se queixavam de um pai de educação rígida, os sobrinhos e netos conviveram com um Carim mais velho, mais carinhoso. O senso de família, de filhos e posteridade sempre foi muito forte. Deixou vários registros datilografados do que ele chama de “Tronco da Família Choairy”, onde lista todos os filhos e netos. A sobrinha Maria José se lembra de sua fala favorita: “*Sou macho, maxixe maduro. Piso no mole, piso no duro!*” E foi assim, sem se referenciar ao passado, vivendo suas marcas em silêncio e se adaptando ao meio, que Carim viveu até seus 87 anos, vindo a falecer em Belo Horizonte, em 21 de dezembro de 1997.

#### **8. Descendentes conhecidos do casal Miguel Nicolau Elias Cury Choairy e Tekla Mussi Abnassif**

##### § 1º

- I- MIGUEL NICOLAU ELIAS CURY CHOAIRY, nascido aproximadamente em 1870, Monte Líbano. Casou-se com TEKLA MUSSI ABNASSIF. Falecidos ambos entre 1915 e 1916 no distrito de Metn, Monte Líbano. Foram pais de pelo menos seis filhos todos nascidos no Líbano e, a exceção de Jorge e Carim, todos falecidos no Líbano no ano de 1918:
  - 1(II)- JORGE MIGUEL CHOAIRY, que segue.
  - 2(II)- HIBRAHIM MIGUEL CHOAIRY, nascido por volta de 1896.
  - 3(II)- NASSIF MIGUEL CHOAIRY, nascido por volta de 1899.
  - 4(II)- DIB MIGUEL CHOAIRY, nascido por volta de 1904.
  - 5(II)- SALIM MIGUEL CHOAIRY, nascido por volta de 1907.
  - 6(II)- CARIM MIGUEL CHOAIRY, que segue no § 2º.
- II. JORGE MIGUEL CHOAIRY, nascido em 1894 em Mansourieh, Líbano e falecido aos 21-ABR-1961 em São Luís, MA. Casou-se em primeiras núpcias em 30-DEZ-1922 em São Bento, MA com JOANA PRADO PEREIRA, falecida em 1931 em São Bento, MA. Foram pais de pelo menos:

---

41 A notícia tomou a mídia televisiva e impressa na época: a história de amor que foi revivida 39 anos depois.

- 1(III)- MARIA DO SOCORRO PEREIRA CHOAIRY, que segue.
- 2(III)- MARIA DE NAZARÉ PEREIRA CHOAIRY, que segue no § 3º.
- 3(III)- MIGUEL NICOLAU PEREIRA CHOAIRY, que segue no § 6º.
- 4(III)- THOMAZ DE AQUINO PEREIRA CHOAIRY, que segue no § 7º.
- 5(III)- MARIA DA GRAÇAS PEREIRA CHOAIRY, nascida em 1929, São Bento, MA e falecida antes de completar um ano, na mesma cidade.

JORGE MIGUEL CHOAIRY casou-se em segundas núpcias em 1932 em São Bento, MA, com THOMAZIA FREITAS DE ABREU, já viúva e com um filho<sup>42</sup>, nascida em 18-SET-1894 em São Bento, MA, e falecida aos 14-FEV-1954 em São Luís, MA. Foram pais de pelo menos:

- 6(III)- JOSÉ JORGE ABREU CHOAIRY, que segue no § 11º.
- 7(III)- SALIM ABREU CHOAIRY, que segue no § 18º.
- 8(III)- MARIA JOSÉ DE ABREU CHOAIRY, que segue no § 22º.

III- MARIA DO SOCORRO PEREIRA CHOAIRY, nascida em 22-ABR-1923 em São Bento, MA, casada em 27-DEZ-1943 em São Bento, MA com JORGE COELHO NAHUZ, nascido em 02-DEZ-1920 em Itapecuru-mirim, MA. Ele falecido aos 17-MAR-1965 em São Luís, MA. Ela falecida em SET-2023 em São Luís, MA. Foram pais de pelo menos:

- 1(IV)- NELSON CHOAIRY NAHUZ, que segue.
- 2(IV)- LUÍS FERNANDO CHOAIRY NAHUZ, nascido em 13-DEZ-1945 em São Luís, MA, falecido solteiro aos 03-OUT-2019 em São Luís, MA, sem descendência.
- 3(IV)- JULIO CEZAR CHOAIRY NAHUZ, nascido em 09-JUL-1947 em São Luís, MA e falecido aos 06-JUL-1959 em São Luís, MA, sem descendência.

IV- NELSON CHOAIRY NAHUZ, nascido em 13-JUL-1944 em São Luís, MA, casado em 2-DEZ-1964 em São José de Ribamar, MA com MARIA ANTONIETA RIBEIRO, nascida em 02-AGO-1946 em Buriti Bravo,

---

42 Viúva de João Abreu Reis. Nesse consórcio foram pais de João Abreu Reis nascido em São Bento, MA em 5-SET-1922, casado com Ivete Francisca Abreu em São Luís, MA, e falecido aos 10- ABR-1981. Tiveram 3 filhos: João Abreu Reis Filho, José Francisco Abreu Reis, este falecido aos 14- SET-1973, e Fernando Francisco Abreu Reis, falecido aos 17- JAN-1977.

MA. Ele falecido aos 7-AGO-2021 em São Luís, MA. Foram pais de pelo menos:

1(V)- MARIA DO SOCORRO RIBEIRO NAHUZ, nascida em 19-FEV-1965, São Luís, MA. Casou-se com ELIEL LOURENÇO DA SILVA, nascido em 17-JAN-1998 em Cuité, PB. Sem descendência.

2(V)- JORGE SADICK NAHUZ, que segue.

3(V)- FÁBIO RIBEIRO NAHUZ nascido em 12-ABR-1970 em São Luís, MA, casado em 24-DEZ-2017 na mesma cidade com VILMA REGINA LINS BACELLAR COUTO, nascida em 4-JAN-1978 em São Luís, MA, sem descendência.

4(V)- NELSON CHOAIKY NAHUZ JUNIOR, que segue no § 2º.

V- JORGE SADICK NAHUZ, nascido em 25-ABR-1967 em São Luís, MA, casado em 21-FEV-1986 na mesma cidade com IARA DE MELO BARROS, nascida em 6-JUN-1966 em São Luís, MA. Pais de dois filhos ludovicenses:

1(VI)- ANNA CAROLINA NAHUZ, nascida em 14-SET-1986.

2(VI)- JORGE SADICK NAHUZ JUNIOR, nascido em 13-ABR-1989.

§ 2º

V- NELSON CHOAIKY NAHUZ JUNIOR, filho de Nelson Choairy Nahuz e Maria Antonieta Ribeiro (n.º IV do § 1º). Casado em 19-JUN-1998 em São Luís, MA com FRANCIMARY CRISTINA MENDES PARGA, nascida em 17-AGO-1977 em Bacabal, MA. Pais de três filhos, pelo menos, todos nascidos em São Luís, MA:

1(VI)- NELSON CHOAIKY NAHUZ NETO, nascido em 19-JAN-2000.

2(VI)- LUCAS PARGA NAHUZ, nascido em 29-NOV-2003.

3(VI)- REBECA PARGA NAHUZ, nascida em 16-ABR-2007.

§ 3º

III- MARIA DE NAZARÉ PEREIRA CHOAIKY, filha de Jorge Miguel Choairy e Joana Prado Pereira (n.º II do § 1º). Nascida em 31-MAI-1924 em São Bento, MA. Falecida aos 08-JAN-2021 em Teresópolis, RJ. Casou-se em 22-ABR-1950 em São Luís, MA, com JOSÉ SADICK NAHUZ, nascido em 15-OUT-1921 em Itapecuru-mirim, MA, e falecido aos 13-SET-1971 no Rio de Janeiro, RJ. Foram pais de:

1(IV)- KATIA CHOAIRY NAHUZ, que segue.

2(IV)- JOSÉ SADICK NAHUZ FILHO, que segue no § 4º.

IV- KATIA CHOAIRY NAHUZ, nascida em 09-AGO-1951 em São Luís, MA, casada em 08-SET-1972 no Rio de Janeiro, RJ, com JOSÉ CARLOS BRAGA DE MAGALHÃES, nascido no Rio de Janeiro, RJ. Tiveram ao menos uma filha:

1(V)- KÁTIA BRAGA DE MAGALHÃES, nascida em 05-DEZ-1974 no Rio de Janeiro, RJ.

§ 4º

IV- JOSÉ SADICK NAHUZ FILHO, filho de Maria de Nazaré Pereira Choairy e José Sadick Nahuz (n.º III do § 3º). Nascido em 04-OUT-1955 em São Luís, MA, e falecido em Ribeirão Preto, SP aos 19-MAR-2015. Casado em 20-JAN-1978 no Rio de Janeiro, RJ com THAYS EUGÉLIA COUTINHO, nascida em 12-FEV-1953 no Rio de Janeiro, RJ e pais de:

1(V)- JÚLIO CÉSAR NAHUZ, que segue.

2(V)- MAÍRA COUTINHO NAHUZ, que segue no § 5º.

V- JÚLIO CÉSAR NAHUZ, nascido em 09-JAN-1981 no Rio de Janeiro, RJ. Casado em 28-JUL-2007 em Franca, SP, com CINTIA CRISTINA CHEHAB, nascida em São Paulo, SP em 04-FEV-1978. Pais de:

1(VI)- BIANCA CHEHAB NAHUZ, nascida em Franca, SP em 05-ABR-2011.

2(VI)- MURILO CHEHAB NAHUZ, nascido em Franca, SP, em 05-JAN-2016.

§ 5º

V- MAÍRA COUTINHO NAHUZ, filha de José Sadick Nahuz Filho e Thays Eugélia Coutinho (n.º IV do § 4º). Nascida em 02-ABR-1988 no Rio de Janeiro, RJ. Mãe de:

1(VI)- THIAGO NAHUZ, nascido em 30-OUT-2021 em Franca, SP.

§ 6º

III- MIGUEL NICOLAU PEREIRA CHOAIRY, filho de Jorge Miguel Choairy e Joana Prado Pereira (n.º II do § 1º). Nascido em 24-OUT-1925 em São Bento, MA, falecido aos 13-MAR-1997 em São Luís, MA. Casou-se em 12-OUT-1953 em São Luís, MA com NAZARETH DA CONCEIÇÃO

SOUSA, nascida em 15-OUT-1931, São Luís, MA. Ela falecida em 9-JUN-2023 no Brasil. Foram pais de:

1(IV) JOSÉ JORGE SOUSA CHOIRY, que segue.

IV- JOSÉ JORGE SOUSA CHOIRY nascido em 25-AGO-1954 em São Luís, MA, casou-se em 17-JAN-1987 em Inhumas, GO, com LAISE MARIA BESERRA, nascida em 10-MAR-1960, em Miranda do Norte, MA. Foram pais de:

1(V)- MARCELA BESERRA CHOIRY, que segue.

2(V)- RAFAELA BESERRA CHOIRY, nascida em 02-JAN-1989 em Brasília, DF.

V- MARCELA BESERRA CHOIRY, nascida em 23-JUL-1987 em Brasília, DF, que segue casada com ANTOINE VINCENT FLORIN, nascido em Amiens, França no dia 4-MAR-1985. Pais de pelo menos:

1(VI)- GABRIELA FLORIN CHOIRY, nascida em Paris, França, no dia 13-MAI-2022.

2(VI)- RAFAEL FLORIN CHOIRY, nascido em Paris, França, no dia 27-JUN-2024.

§ 7º

III- THOMAZ DE AQUINO PEREIRA CHOIRY, filho de Jorge Miguel Choairy e Joana Prado Pereira (n.º II do § 1º). Nascido em 04-DEZ-1928 em São Bento, MA, falecido aos 23-JUL-1996, em São Luís, MA. Casou-se em 10-ABR-1954 em São Bento, MA com LAISE PINTO, nascida em 06-JUL-1937 em São Bento, MA, falecida aos 2-AGO-2011 em São Luís, MA. Foram pais de pelo menos:

1(IV)- THOMAZ DE AQUINO CHOIRY FILHO, que segue.

2(IV)- MARIA DAS GRAÇAS PINTO CHOIRY, que segue no § 8º.

3(IV)- JORGE MIGUEL CHOIRY NETO, que segue no § 9º.

4(IV)- DENISE PINTO CHOIRY, que segue no § 10º.

IV- THOMAZ DE AQUINO CHOIRY FILHO, filho de Thomaz de Aquino Pereira Choairy e Laise Pinto (n.º III do § 7º). Nascido em 31-MAI-1958, em São Bento, MA. Faleceu em 06-AGO-2016 em São Luís, MA. Casado com INÊS MADUREIRA DE SOUZA, nascida em 05-AGO-1963 em Ipu, CE, e falecida em 14- SET-2012 em Fortaleza, CE, com quem teve ao menos os seguintes filhos:

- 1(V)- JANAYNA SOUZA CHOAIRY, nascida em 18-MAR-1990, em Fortaleza, CE.
- 2(V)- JOÃO VICTOR DE SOUZA CHOAIRY, nascido em 6-SET-1993, em São Luís, MA.

## § 8º

- IV- MARIA DAS GRAÇAS PINTO CHOAIRY, filha de Jorge Miguel Choairy e Joana Prado Pereira (n.º II do § 1º). Nascida em 6-MAI-1956 em São Bento, MA. Falecida aos 07-ABR-2014 em São Luís, MA. Casada com OLIVAL DE OLIVEIRA BEZERRA, nascido em São José do Ribamar, MA. Foram pais de:

1(V)- OLIVAL DE OLIVEIRA BEZERRA JÚNIOR, que segue.

- V- OLIVAL DE OLIVEIRA BEZERRA JÚNIOR, nascido em 8-OUT-1996 em São Luís, MA, casado em 20- JUL-2013 em São Luís, MA com EMILE VERAS LIMA, nascida em 16-JUL-1989 em São Luís, MA. Foram pais de :

1(VI)- ENZO VERAS DE OLIVEIRA BEZERRA, nascido em 17-JUN-2015 em São Luís, MA.

## § 9º

- IV- JORGE MIGUEL CHOAIRY NETO, filho de Thomaz de Aquino Pereira Choairy e Laise Pinto (n.º III do § 7º). Nascido em 31-MAI-1958 em São Bento, MA, falecido no início de 2003 no Pará. Casado com JOSILENE VIEIRA em 1977 em São Luís, nascida em 20-OUT-... em São Luís, MA. Foram pais de pelo menos uma filha:

1(V) SOCORRO NAZARETH VIEIRA CHOAIRY, nascida em 07-NOV-1978 em São Luís, MA.

## § 10º

- IV- DENISE PINTO CHOAIRY, filha de Thomaz de Aquino Pereira Choairy e Laise Pinto (n.º III do § 7º). Nascida no Maranhão, casou-se com CLAITON, nascido em São Paulo. Tiveram ao menos um filho:

1(V)- YAN

## § 11º

- III- JOSÉ JORGE ABREU CHOAIRY, filho de Jorge Miguel Choairy e Thomazia Freitas de Abreu (n.º II do § 1º). Nascido em 18-AGO-1933 em São Bento, MA e falecido aos 21-FEV-1999 em Fortaleza, CE. Casou-se

em 30-MAI-1960 em Viçosa do Ceará, CE com MARIA ASSUNÇÃO DE CASTRO FIGUEIRA, nascida em 31-MAR-1934, em Viçosa do Ceará, CE e falecida aos 18-MAR-2024 em Fortaleza, CE. Foram pais de pelo menos:

- 1(IV)- CATARINA MARIA FIGUEIRA CHOAIKY, que segue.
- 2(IV)- JORGINA FIGUEIRA CHOAIKY, que segue no § 12º.
- 3(IV)- CRISTINA FIGUEIRA CHOAIKY, que segue no § 13º.
- 4(IV)- JOSÉ JORGE ABREU CHOAIKY FILHO, que segue no § 14º.
- 5(IV)- RICARDO FIGUEIRA CHOAIKY, que segue no § 15º.
- 6(IV)- REGINA FIGUEIRA CHOAIKY, que segue no § 16º.
- 7(IV)- SONIA FIGUEIRA CHOAIKY, que segue no § 17º.
- 8(IV)- FERNANDO FIGUEIRA CHOAIKY, nascido em 26-FEV-1982, Fortaleza, CE.

IV- CATARINA MARIA FIGUEIRA CHOAIKY, nascida em 19-ABR-1962 em Sobral, CE, casou-se em 25-MAR-1993 em Fortaleza, CE, com FRANCISCO SOARES ADEODATO, nascido em 29-SET-1960 em Sobral, CE. São pais de:

- 1(V)- LARA CHOAIKY ADEODATO, que segue.
- 2(V)- LUIZA CHOAIKY ADEODATO, nascida em 01-NOV-1997 em Fortaleza, CE.

V- LARA CHOAIKY ADEODATO, nascida em 24-FEV-1996, sem evento de casamento com ARTHUR PIMENTA NORONHA, nascido em 01-JAN-1996, ambos de Fortaleza, CE. Foram pais de:

- 1(VI)- SOPHIA CHOAIKY PIMENTA em 10-DEZ-2017, em Fortaleza, CE.

#### § 12º

IV- JORGINA FIGUEIRA CHOAIKY, filha de José Jorge Abreu Choairy e Maria Assunção de Castro Figueira (n.ºIII do § 11º). Nascida em 03-AGO-1963 em Sobral, CE, casou-se em 09-ABR-1997 em Fortaleza, CE com LUIZ CARLOS DE SENA, nascido em 10-SET-1957 em Fortaleza, CE. São pais de dois filhos nascidos em Fortaleza, CE:

- 1(V)- AMANDA CHOAIKY DE SENA nascida em 17-MAI-2001.

2(V)- DAVID CHOAIKY DE SENA, nascido em 23-JUN-2004.

§ 13º

IV- CRISTINA FIGUEIRA CHOAIKY, filha de José Jorge Abreu Choairy e Maria Assunção de Castro Figueira (n.º III do § 11º). Nascida em 02-AGO-1964 em Sobral, CE, casou-se em 26-ABR-1988 em Fortaleza, CE, com ALESSANDRO DE ARAÚJO FONTENELE, nascido em 27-OUT-1964 em Aurora, CE. São pais de dois filhos naturais de Fortaleza, CE:

(V)- GUILHERME CHOAIKY FONTENELE, nascido em 07-MAR-1992.

(V)- RODRIGO CHOAIKY FONTENELE, nascido em 14-FEV-1997.

§ 14º

IV- JOSÉ JORGE ABREU CHOAIKY FILHO, filho de José Jorge Abreu Choairy e Maria Assunção de Castro Figueira (n.º III do § 11º). Nascido em 08-ABR-1966 em Sobral, CE, casou-se em 30-ABR-1999 em Fortaleza, CE, com SILVIA HELENA DA SILVA GOES, nascida em 23-JAN-1971 em Fortaleza, CE. São pais de:

1(V)- NATHALIA GOES CHOAIKY, nascida em 14-AGO-2003 em Fortaleza, CE.

§ 15º

IV- RICARDO FIGUEIRA CHOAIKY, filho de José Jorge Abreu Choairy e Maria Assunção de Castro Figueira (n.º III do § 11º). Nascido em 09-AGO-1968 em Fortaleza, CE, casou-se em 13-MAI-1995 em São Paulo, SP, com ANDREA MUNIZ FIGUEIRA, nascida em 01-MAR-1972 em São Paulo, SP. São pais de:

1(V)- LUANA MUNIZ FIGUEIRA CHOAIKY, nascida em 9-JUL-1996 em São Paulo, SP, e falecida em 12-JUL-1996 em São Paulo, SP.

2(V)- VICTOR FIGUEIRA CHOAIKY, nascido em 12-AGO-1997 em São Paulo, SP;

3(V)- JULIA MARIA FIGUEIRA CHOAIKY, em 04-NOV-2002 em Fortaleza, CE;

§ 16º

IV- REGINA FIGUEIRA CHOAIKY, filha de José Jorge Abreu Choairy e Maria Assunção de Castro Figueira (n.º III do § 11º). Nascida em 21-SET-1969 em Fortaleza, CE, casou-se em 11-FEV-1993 na mesma cidade, com



JORGE LUIZ DE SIQUEIRA FARIAS, nascido em 08-NOV-1969 em Fortaleza, CE, Brasil e falecido aos 07-DEZ-1996 na mesma cidade. São pais de:

- 1(V)- LUCAS CHOAIKY FARIAS, nascido em 07-JUN-1994 em Fortaleza, CE.

§ 17º

- IV- SONIA FIGUEIRA CHOAIKY, filha de José Jorge Abreu Choairy e Maria Assunção de Castro Figueira (n.º III do § 11º). Nascida em 07-NOV-1972 em Fortaleza, CE, casou-se em 21-OUT-2016 na mesma cidade com OSNIVANDO JOSÉ EUFRAZINO DA SILVA, nascido em 07-JAN-1963 em Fortaleza, CE. Sem descendência.

§ 18º

- III- SALIM ABREU CHOAIKY, filho de Jorge Miguel Choairy e Thomazia Freitas de Abreu (n.º II do § 1º). Nascido em 29-OUT-1934 em São Bento, MA. Casou-se em 21-DEZ-1963 em João Pessoa, PB com ARNALRA DE BARROS MOREIRA, nascida em João Pessoa, PB em 9-ABR-1938. Tiveram quatro filhas:

- 1(IV)- THOMAZIA MOREIRA CHOAIKY, que segue.  
2(IV)- KARLA MOREIRA CHOAIKY, que segue no § 19º.  
3(IV)- TEKLA MOREIRA CHOAIKY, que segue no § 20º.  
4(IV)- KARIN MOREIRA CHOAIKY, que segue no § 21º.

- IV- THOMAZIA MOREIRA CHOAIKY, nascida em João Pessoa, PB em 25-OUT-1964, casada em 25-AGO-1987, na mesma cidade com JOÃO BOSCO GERMANO JUNIOR, nascido em 25-DEZ-1965 em Recife, PE. Pais de três filhos, todos de João Pessoa, PB:

- 1(V)- GABRIELA CHOAIKY GERMANO, nascida em 06-JUN-1988, que segue.  
2(V)- THOMAZ CHOAIKY GERMANO, nascido em 01-AGO-1990.  
3(V)- JORGE MIGUEL CHOAIKY, nascido em 26-JUL-1993.

- V- GABRIELA CHOAIKY GERMANO, nascida em 06-JUN-1988, casada em 19-DEZ-2020 com MARCOS ANDERSON SANTOS DE AZEVEDO, nascido em Campina Grande, PB, em 15-NOV-1987. Tiveram:

1(VI)- STELLA CHOAIRY GERMANO DE AZEVEDO, nascida em João Pessoa, PB, em 18-SET-2023.

§ 19º

IV- KARLA MOREIRA CHOAIRY, filha de Salim Abreu Choairy e Arnaura de Barros Moreira (n.ºIII do § 18º). Nascida em João Pessoa, PB em 3-ABR-1966, casada em 23-DEZ-1988 na mesma cidade com EDUARDO AUGUSTO MEIRELES, nascido em 28-ABR-1965 também em João Pessoa, PB. Pais de:

1(V)- RAFAELA CHOAIRY MEIRELES, nascida em 25-OUT-1990 em João Pessoa, PB.

2(V)- AMANDA CHOAIRY MEIRELES, nascida em 6-OUT-1994 em João Pessoa, PB.

§ 20º

IV- TEKLA MOREIRA CHOAIRY, filha de Salim Abreu Choairy e Arnaura de Barros Moreira (n.ºIII do § 18º). Nascida em João Pessoa, PB em 27-OUT-1968, sem evento de casamento com ROMERO TAVARES DA SILVA, nascido em 29-JAN-1953 em Recife, PE. Pais de:

1(V)- YASMIM TAVARES CHOAIRY, nascida em 7-MAR-2005 em João Pessoa, PB.

§ 21º

IV- KARIM MOREIRA CHOAIRY, filha de Salim Abreu Choairy e Arnaura de Barros Moreira (n.º III do § 18º). Nascida em João Pessoa, PB, em 3-SET-1970. Casada em 10-SET-1992 em João Pessoa, PB, com EMILIANO FERNANDES DE CARVALHO, nascido em 7-SET-1970 em João Pessoa, PB, pais de:

1(V)- AUGUSTO CHOAIRY FERNANDES DE CARVALHO, nascido em 28-ABR-1993 em João Pessoa, PB.

§ 22º

III- MARIA JOSÉ DE ABREU CHOAIRY, filha de Jorge Miguel Choairy e Thomazia Freitas de Abreu (n.º II do § 1º). Nascida em 10-SET-1940, em São Bento, MA. Casada em 18-AGO-1961 em São Luís, MA com EURÍPEDES BRITO CUNHA, nascido em 15-DEZ-1935 em São Bento, MA e falecido aos 14-ABR-2014 em Salvador, BA. Pais de:

1(IV)- EURÍPEDES BRITO CUNHA JÚNIOR, que segue.

2(IV)- FERNANDO CHOIRY CUNHA, que segue no § 23º.

3(IV)- ELIANE CHOIRY CUNHA, que segue no § 24º.

IV- EURÍPEDES BRITO CUNHA JUNIOR, nascido em 7-MAI-1962 em Salvador, BA, casado em 09-MAR-1990 em Salvador, BA com ANA CRISTINA SANTOS BRAGA, nascida em 6-NOV-1963 na mesma cidade. Pais de duas filhas:

1(V)- MARINA BRAGA CUNHA, que segue.

2(V)- AMANDA BRAGA CUNHA, nascida em 1-NOV-1995 em Salvador BA.

V- MARINA BRAGA CUNHA, nascida em 31-DEZ-1993 em Salvador, BA, casada com CAIQUE COSTA. Tem até o momento uma filha:

1(VI)- OLIVIA CHOIRY CUNHA COSTA, nascida em Salvador, BA em 20-MAR-2022.

§ 23º

IV- FERNANDO CHOIRY CUNHA, filho de Maria José Abreu Choiry e Eurípedes Brito Cunha (n.º III do § 22º). Nascido em 01-AGO-1963 em Salvador, BA. Em união estável em 16-AGO-2017 em Salvador, BA, com PATRÍCIA REGINA RIZZO ARAÚJO, nascida em 8-MAR-1973 na mesma cidade. Pais até o momento de:

1(V)- VICTOR RIZZO CHOIRY, nascido em 15-OUT-2005 em Salvador, BA.

## § 24º

IV- ELIANE CHOAIKY CUNHA, filha de Maria José Abreu Choairy e Eurípedes Brito Cunha (n.º III do § 22º). Nascida em 03-AGO-1964 em Salvador, BA, casada em 16-NOV-1984 na mesma cidade, com HENDERSON NEVES DE LIMA, nascido em 31-DEZ-1957 em Salvador, BA. Pais de:

1(V)- BRUNO CHOAIKY CUNHA DE LIMA, que segue.

2(V)- TIAGO CHOAIKY CUNHA DE LIMA, que segue no § 25º.

3(V)- ANDRÉ CHOAIKY CUNHA DE LIMA, nascido em 21-MAR-1990 em Salvador, BA.

4(V)- MARIANA CHOAIKY CUNHA DE LIMA, que segue no § 26º.

V- BRUNO CHOAIKY CUNHA DE LIMA nascido em 13-AGO-1987 em Salvador, BA, casado em 16-NOV-2014 na mesma cidade com MILENA LUEDY RIVAS, nascida em 3-ABR-1987 em Salvador, BA. Pais de:

1(VI)- MARIA LUEDY RIVAS DE LIMA, nascida em Salvador, BA em 11-NOV-2015.

## § 25º

V- TIAGO CHOAIKY CUNHA DE LIMA, filho de Eliane Choairy Cunha e Henderson Neves de Lima (n.º IV do § 24º). Nascido em 8-FEV-1989 Salvador, BA, casado em 08-DEZ-2017 em Salvador, BA, com CAMILA SOUZA DOS SANTOS, nascida em 09-AGO-1985 na mesma cidade. Até o momento pais de:

1(VI)- ALICE SOUZA CHOAIRY DE LIMA, nascida em 28-MAR-2021 em Salvador, BA.

§ 26º

(V)- MARIANA CHOAIRY CUNHA DE LIMA, nascida em 10-JUL-1991 em Salvador BA, em relacionamento conjugal com NUNO BALDAQUE CAMPOS PEREIRA, nascido em 28-AGO-1990 no Porto, Portugal. Pais até o momento de:

1(VI)- LOURENÇO DE LIMA CAMPOS PEREIRA, nascido no Porto, Portugal em 10-ABR-2021.

2(VI)- OTAVIO DE LIMA CAMPOS PEREIRA, nascido no Porto, Portugal em 02-DEZ-2023.

JORGE MIGUEL CHOAIRY, sem evento de casamento até onde sabemos, manteve relacionamento conjugal, após enviuvar-se pela segunda vez, com SULEMA ZAHLUT HOCDE, moradora no Rio de Janeiro e também falecida, mas sem dados adicionais.

§ 27º

II- CARIM MIGUEL CHOAIRY, filho de Miguel Nicolau Elias Cury Choairy e Tekla Mussi Abnassif (n.º I do § 1º). Nasceu em 1910 no distrito de Metn, Líbano. Como não sabia o dia do seu nascimento, adotou o dia 6 de julho como seu. Faleceu aos 21-DEZ-1997 em Belo Horizonte, MG. Casou-se em primeiras núpcias em 17-DEZ-1933, em São Bento, MA, com Filomena Corrêa, nascida em 22-MAR-1917 em São Bento, MA e falecida em 2-JAN-2008 em Belo Horizonte, MG. Divorciaram-se em 1-JUL-1979 em Brasília, DF, voltando a casar-se em 26-DEZ-1992 em Brasília, DF. Foram pais de nove filhos, todos nascidos em São Bento, MA:

1(III)- JOSÉ CARLOS CORRÊA CHOAIRY, nascido em 31-OUT-1934. Casado em primeiras núpcias com LUZIA DA SILVA FERNANDES, nascida em 18-JUL-1928 na cidade do Rio de Janeiro, RJ e falecida. Sem geração. Casou-se novamente em 12-JAN-1990 com SHIRLEY DE PAIVA, nascida em 15-OUT-1943 em São João Del Rei, MG. Sem geração.

- 2(III)- ANTÔNIO CARLOS CORRÊA CHOIRY, que segue.
- 3(III)- MARIA LÚCIA CORRÊA CHOIRY, que segue no § 30º.
- 4(III)- MIGUEL CARLOS CORRÊA CHOIRY, que segue no § 34º.
- 5(III)- SALIM CARLOS CORRÊA CHOIRY, que segue no § 37º.
- 6(III)- CARIM MIGUEL CORRÊA CHOIRY, que segue no § 51º.
- 7(III)- MARIA AMÁLIA CORRÊA CHOIRY, que segue no § 54º.
- 8(III)- MARIA DE JESUS CORRÊA CHOIRY, que segue no § 56º.
- 9(III)- JORGE CARLOS CORRÊA CHOIRY, que segue no § 63º.

Casado em segunda núpcias em 27-JUL-1979 em Brasília, DF com ADALGISA DE JESUS ALMEIDA, nascida em 09-JUL-1937 em Perimirim, MA. Divorciaram em 17-OUT-1986 em Brasília, DF. Falecida aos 31-JAN-2013 em Brasília, DF e pais de:

- 10(III)- PEDRO ALMEIDA CHOIRY, que segue no § 64º.
- 11(III)- JOSÉ DE RIBAMAR ALMEIDA CHOIRY, que segue no § 66º.
- 12(III)- MARJOREE DE JESUS ALMEIDA CHOIRY, que segue no § 67º.

III- ANTÔNIO CARLOS CORRÊA CHOIRY, nascido em 30-DEZ-1935 em São Bento, MA, e falecido aos 6-JAN-2022 em São Paulo, SP. Sem evento de casamento com CATARINA FARIAS COSTA, nascida em 25-NOV-1935, em São Bento, MA e falecida em 11-OUT-1997 em Belo Horizonte, MG, teve com esta dois filhos:

- 1(IV)- ALBERTO FARIAS, que segue.
- 2(IV)- SÉRGIO FARIAS, nascido em 10-MAR-1955 em Belo Horizonte, MG.

Casou-se em 16-JAN-1971 com MARIA ANTÔNIA FERREIRA, nascida em 26-OUT-1936 em Minas Gerais, sem geração deste relacionamento.

Manteve um relacionamento com MARIA HELENA BARBOSA DA CRUZ, nascida em 29-ABR-1961, em Estância, SE com quem teve um filho:

- 3(IV)- ALYSSON CRUZ CHOIRY, nascido em São Paulo, SP em 16-DEZ-1992.

IV- ALBERTO FARIAS, nascido em 15-MAR-1953 em Belo Horizonte, MG e falecido aos 17-MAI-2020 em Santa Luzia, MG. Sem evento de casamento do relacionamento com EUNICE GONÇALVES DA SILVA, nascida em 30-AGO-1952 em Unaí, MG, foi pai de:

1(V)- ANDERSON GONÇALVES FARIAS, que segue.

Também sem evento de casamento, com MARIA LÚCIA FERREIRA DOS SANTOS, nascida em 30-JUN-1947 em Montes Claros, MG e falecida aos 30-ABR-2018, teve dois outros filhos:

2(V)- ALBERTO FARIAS JUNIOR, nascido em 31-OUT-1976 em Belo Horizonte, MG, que segue no § 28º.

3(V)- LUCIANA FERREIRA FARIAS, nascida em Belo Horizonte, MG em 18-JAN-1979, que segue no § 29º.

Ainda sem evento de casamento teve duas filhas nascidas em Belo Horizonte, MG, com LUIZA APARECIDA LIMA, nascida em 05-OUT-1965 em Belo Horizonte, MG:

4(V)- MICHELLE CRISTINA FARIAS, nascida em 22-OUT-1985.

5(V)- SHEILA CRISTINA FARIAS, nascida em 11-OUT-1986.

V- ANDERSON GONÇALVES FARIAS, nascido em 23-MAR-1973 em Belo Horizonte, MG. Do relacionamento com MARILEY MARTINS MOREIRA, nascida em 14-JAN-1972 em Belo Horizonte, MG, teve ao menos um filho:

1(VI)- ANDERSON GONÇALVES FARIAS JÚNIOR, nascido em 14-OUT-1991 em Belo Horizonte, MG.

Do relacionamento com MARIA REGINA SOUZA, nascida em Vazante, MG e falecida em NOV-2023 na mesma cidade, teve:

2(VI)- BRUNO DE SOUZA FARIAS, nascido em 4-NOV-1996 em Vazante, MG.

Do relacionamento com ADRIANA SANTOS OLIVEIRA MIGUEL, nascida em 6-FEV-1983 em Belo Horizonte, MG, teve:

3(VI)- PEDRO HENRIQUE GONÇALVES FARIAS MIGUEL, nascido em 01-MAR-2014 em Belo Horizonte, MG.

4(VI)- BENÍCIO GONÇALVES MIGUEL, nascido em 10-JAN-2020 em Belo Horizonte, MG.

## § 28º

- V- ALBERTO FARIAS JUNIOR, filho de Alberto Farias e Maria Lúcia Ferreira dos Santos (n.º IV do § 27º). Nasceu em 31-OUT-1976 em Belo Horizonte, MG, sem evento de casamento com JOSIANE APARECIDA DE JESUS, nascida em 25-AGO-1976 em Belo Horizonte, MG, tiveram ao menos:
- 1(VI)- AUGUSTO CESAR FARIAS, nascido em 16-NOV-1998 em Belo Horizonte, MG.

## § 29º

- V- LUCIANA FERREIRA FARIAS, filha de Alberto Farias e Maria Lúcia Ferreira dos Santos (n.º IV do § 27º). Nasceu em Belo Horizonte, MG em 18-JAN-1979, teve, com CLEIDSON FERNANDO DA PAIXÃO, nascido em 9-FEV-1981 em Contagem, MG e falecido em 6-SET-2019 na mesma cidade, uma filha:
- 1(VI)- MARIANA FERREIRA FARIAS DA PAIXÃO, nascida em 23-JAN-2009 em Belo Horizonte, MG.

## § 30º

- III- MARIA LÚCIA CORRÊA CHOIRY, filha de Carim Miguel Choairy e Filomena Corrêa (n.º II do § 27º). Nascida em 13-AGO-1937 em São Bento, MA e falecida em 02-OUT-2024 em Brasília, DF. Casada em 24-SET-1976 em Brasília, DF com AMADOR CARNEIRO DE ABREU, nascido em 10-SET-1917 em Paracatu, MG e falecido aos 16-JAN-1998 em Brasília, DF. Foram pais de quatro filhos, todos nascidos em Brasília, DF:
- 1(IV)- AMADOR CHOIRY DE ABREU, que segue.
- 2(IV)- FRANKLIN DELANO CHOIRY DE ABREU, que segue no § 31º.
- 3(IV)- LEONARDO CHOIRY DE ABREU, que segue no § 32º.
- 4(IV)- ALEXANDRE CHOIRY DE ABREU, que segue no § 33º.
- IV- AMADOR CHOIRY DE ABREU, nascido em 21-MAI-1966 em Brasília, DF, divorciado de JOANNA WAGNER, nascida em Seattle, WA, EUA, em 6-JUN-1978, com casamento em 27-JUL-2001 em Seattle, WA, EUA, sem geração. Em segundas núpcias em 17-JUN-2010 em Seattle, WA, Estados Unidos com MELISSA BARNES, nascida em 12-MAI-1979 em Provo, UT, Estados Unidos. Foram pais de:



- 1(V) LUCA BARNES DE ABREU, nascido em Seattle, WA, Estados Unidos, em 03-FEV-2011.
- 2(V) LEONARDO BARNES DE ABREU nascido em Seattle, WA, Estados Unidos, em 29-JAN- 2014.

## § 31º

- IV- FRANKLIN DELANO CHOAIRY DE ABREU, filho de Maria Lúcia Corrêa Choairy e Amador Carneiro de Abreu (n.º III do § 30º). Nascido em 13-JUL-1970 em Brasília, DF. Sem evento de casamento, teve com EDNA MACEDO DA GRAÇA, nascida em 28-MAR-1968 em Pindamonhangaba, SP, dois filhos nascidos em Brasília, DF:
  - 1(V)- GUILHERME MACEDO DA GRAÇA CHOAIRY DE ABREU, nascido em 09-JUL-1996.
  - 2(V)- GUSTAVO MACEDO DA GRAÇA CHOAIRY DE ABREU, nascido em 18-ABR-1999.

## § 32º

- IV- LEONARDO CHOAIRY DE ABREU, filho de Maria Lúcia Corrêa Choairy e Amador Carneiro de Abreu (n.º III do § 30º). Nascido em 14-JUL-1975. Casado em 17-JUL-2010 em Brasília, DF, com MARCELA NEVES ARBACH, nascida em 18-JUN-1984 na mesma cidade. Foram pais de:
  - 1(V)- ANABELA ARBACH CHOAIRY DE ABREU, nascida em Brasília, DF em 05-MAI-2014.

## § 33º

- IV- ALEXANDRE CHOAIRY DE ABREU, filho de Maria Lúcia Corrêa Choairy e Amador Carneiro de Abreu (n.º III do § 30º). Nascido em 18-OUT-1980. Casado em 18-JUN-2011 com MARINA CAMPOS DESSEN, nascida em 21-DEZ-1981 em Ribeirão Preto, SP. Foram pais de três filhos nascidos em Brasília, DF:
  - 1(V)- DAVI DESSEN CHOAIRY DE ABREU, nascido em 01-DEZ-2015.
  - 2(V)- LUCA DESSEN CHOAIRY DE ABREU, nascido em 06-JAN-2018.
  - 3(V)- LISA DESSEN CHOAIRY DE ABREU, nascido em 06-JAN-2018.

## § 34º

III- MIGUEL CARLOS CORRÊA CHOAIRY, filho de Carim Miguel Choairy e Filomena Corrêa (n.º II do § 27º). Nascido em 01-JAN-1939 em São Bento, MA. Casado em 01-JUL-1963 em Belo Horizonte, MG, com LUIZA PESSOA SIMÕES, nascida em 16-dez-1943 em Bom Jesus do Amparo, MG. Foram pais de:

1(IV)- JACQUELINE SIMÕES CHOAIRY, que segue.

2(IV)- KARYNE SIMÕES CHOAIRY, que segue no § 35º.

3(IV)- SABRINE SIMÕES CHOAIRY, nascida em 25-JAN-1966 em Belo Horizonte, MG. Casada em 16-FEV-1991, na mesma cidade com JOSÉ ROBERTO BUENO PELLOSO, nascido em 06-JUN-1958 em Varginha, MG, sem descendência.

MIGUEL CARLOS CORRÊA CHOAIRY, juntamente com ELIETE TEREZA PINTO MOL, nascida em 15-ABR-1954, foram pais de:

4(IV)- SHILLAH MOL CHOAIRY, nascida em Belo Horizonte, MG, em 23-NOV-1981.

IV- JACQUELINE SIMÕES CHOAIRY, nascida em 01-OUT-1963, Belo Horizonte, MG. Casada em 12-FEV-1991 em Belo Horizonte, MG com HENRIQUE GRANATO MATTA, nascido em 17-MAI-1955, Pequeri, MG e falecido em 17-NOV-2019 em Salvador, BA. Foram pais de:

1(V)- GUILHERME CHOAIRY GRANATO MATTA, nascido em 01-SET-1994 em Salvador, BA.

## § 35º

IV- KARYNE SIMÕES CHOAIRY, filha de Miguel Corrêa Choairy e Luíza Pessoa Simões (n.º III do § 34º). Nascida em 28-FEV-1965 em Belo Horizonte, MG. Casada na mesma cidade em 16-ABR-1988 com SAMUEL FERREIRA DE ALMEIDA, nascido em 07-JUL-1965 em Belo Horizonte, MG. Foram pais de:

1(V)- CAMILLA CHOAIRY DE ALMEIDA, que segue.

2(V)- SARAH CHOAIRY DE ALMEIDA, que segue no § 36º.

3(V)- SAMUEL CHOAIRY DE ALMEIDA, nascido em 24-JUN-1996 em Belo Horizonte, MG.

4(V)- CATHARINE CHOAIRY DE ALMEIDA, nascida em 14-MAI-1999 em Belo Horizonte, MG.

V- CAMILLA CHOAIKY DE ALMEIDA, nascida em 14-SET-1988 em Belo Horizonte, MG. Casada em 27-JAN-2018 em Santana do Parnaíba, SP, com MARCOS BLANCO DE MOURA E SILVA, nascido em 12-AGO-1989 em São Paulo, SP. São pais de, pelo menos:

1(VI)- MARCO CHOAIKY BLANCO, nascido em 29-MAR-2021 em São Paulo, SP.

2(VI)- ALICE CHOAIKY BLANCO, nascida em 29-MAR-2021 em São Paulo, SP.

§ 36º

V- SARAH CHOAIKY DE ALMEIDA, filha de Karyne Simões Choairy e Samuel Ferreira de Almeida (n.º IV do § 35º). Nascida em 14-JUN-1994 em Belo Horizonte, MG, casada em 30- JUL-2014 em Snohomish, WA, Estados Unidos, com JOSIAH STEVEN PERRON, nascido em Snohomish, WA, Estados Unidos, em 20- OUT-1993. Pais de:

1(VI)- ALEXIS ANN DE ALMEIDA PERRON, nascido em 25-NOV-2015 em Kirkland, WA, Estados Unidos .

2(VI)- ELIZABETH JOY ALMEIDA PERRON, nascida a 30-JUN-2017 em Silverdale, WA, Estados Unidos.

§ 37º

III- SALIM CARLOS CORRÊA CHOAIKY, filho de Carim Miguel Choairy e Filomena Corrêa (n.º II do § 27º). Nascido em 23-MAI-1940 em São Bento, MA e falecido aos 01-JUN-2023 em São Luís, MA. Foi casado em 06-JUN-1959 em São Luís, MA com MARIA JOSÉ ALMED, nascida em 20- SET-1945 em São Luís, MA e falecida aos 23-SET-2016 na mesma capital. Foram pais biológicos de:

1(IV)- ROSE MARY ALMED CHOAIKY, que segue.

2(IV)- SALIM CARLOS CHOAIKY FILHO, que segue no § 41º.

3(IV)- LUÍS CARLOS ALMED CHOAIKY, que segue no § 43º.

4(IV)- GIZÉLIA ALMED CHOAIKY, que segue no § 46º.

5(IV)- GERVÁZIO BENEDITO ALMED CHOAIKY, nascido em 12-JUL-1968 em São Luís, MA.

6(IV)- FÁBIO ALMED CHOAIKY, que segue no § 49º.

7(IV)- SALIM CARLOS CHOAIKY JÚNIOR, que segue no § 50º.

- IV- ROSE MARY ALMED CHOAIRY, nascida em 25-JUL-1960 em São Luís, MA. Casada em 31-JAN-1976 em São Luís, MA com FREDIMAR OLIVEIRA FILHO, nascido em 26-NOV-1952 em São Luís, MA. Foram pais de pelo menos:
- 1(V)- MÁRCIO ANDRÉ CHOAIRY OLIVEIRA, que segue.
  - 2(V)- PAULO ROBERTO CHOAIRY OLIVEIRA, que segue no § 38°.
  - 3(V)- ROSIANE CHOAIRY OLIVEIRA, que segue no § 39°.
  - 4(V)- PAULO ANDRÉ CHOAIRY OLIVEIRA, São Luís, MA.
  - 5(V)- JÉSSICA LAYANE CHOAIRY OLIVEIRA, que segue no § 40°.
- V- MÁRCIO ANDRÉ CHOAIRY OLIVEIRA, nascido em 24-OUT-1976 em São Luís, MA. Do relacionamento conjugal com SILVANA PINTO PEREIRA, nascida em 18-JAN 1975 em Penalva, MA, tiveram:
- 1(V)- SILVIA ANDRESSA PINTO OLIVEIRA, nascida em 25-MAR-1998 em São Luís, MA.
  - 2(V)- VANESSA ANDRÉA PEREIRA OLIVEIRA, nascida em 19-OUT-1999 em São Luís, MA.
  - 3(V)- ISAÍAS CHOAIRY PEREIRA OLIVEIRA, nascido em 17-JAN-2006 em São Luís, MA.

§ 38°

- V- PAULO ROBERTO CHOAIRY OLIVEIRA, filho de Rose Mary Almed Choairy e Fredimar Oliveira Filho (n.º IV do § 37°). Nascido em 13-ABR-1979 em São Luís, MA. Primeiras núpcias com LAURA HELENA FIGUEIREDO, nascida em 18-NOV-1980 em Pinheiro, MA. Foram pais de pelo menos:
- 1(V)- SAMARA LETÍCIA FIGUEIREDO OLIVEIRA, nascida em 18-MAI-2000, São Luís, MA.
  - 2(V)- PAULO ROBERTO FIGUEIREDO CHOAIRY OLIVEIRA, nascido em 7- MAR-2018 em São Luís, MA.
- Em segundas núpcias com FRANCISCA TAVARES DOS SANTOS, nascida em 08-MAI-1980 em Barra do Corda, MA, foram pais de pelo menos:
- 1(V)- FREDIMAR ROBERTO DOS SANTOS OLIVEIRA, nascido em 27-MAI-2004 em São Luís, MA.

## § 39º

- V- ROSIANE CHOAIKY OLIVEIRA, filha de Rose Mary Almed Choairy e Fredimar Oliveira Filho (n.º IV do § 37º). Nascida em 16-FEV-1981 em São Luís, MA. Sem evento declarado, teve com EDIVAM MARQUES ALVES, nascido em 10-NOV-1967, em Primeira Cruz, MA, duas filhas:
- 1(V)- ANA GABRIELA CHOAIKY OLIVEIRA ALVES, nascida em 05-MAI-2000 em São Luís, MA.
- 2(V)- ERICA GIOVANA CHOAIKY OLIVEIRA ALVES, nascida em 09-JUL-2007 em São Luís, MA.

## § 40º

- V- JÉSSICA LAYANE CHOAIKY OLIVEIRA, filha de Rose Mary Almed Choairy e Fredimar Oliveira Filho (n.º IV do § 37º). Nascida em 16-JUL-1996 em São Luís, MA. Nupcias em São Luís, MA, com MARCELO FERREIRA, nascido na mesma cidade. Foram pais de pelo menos:
- 1(IV)- LIA SOPHIA CHOAIKY OLIVEIRA FERREIRA, nascida em 17-OUT-2016 em São Luís, MA.
- 2(IV)- ÍCARO BENÍCIO CHOAIKY OLIVEIRA FERREIRA, nascido em 30-DE Z-2019 em São Luís, MA.

## § 41º

- IV- SALIM CARLOS CHOAIKY FILHO, filho de Salim Carlos Corrêa Choairy e Maria José Almed (n.º III do § 37º). Nascido em 09-OUT-1962 em São Luís, MA. Sem evento de casamento, teve com MARIA BERNADETE CARVALHO SOUSA, nascida em 08-JUN-1961 em Rosário, MA, quatro filhos:
- 1(V)- ADÍLIO SOUSA CHOAIKY, que segue.
- 2(V)- ALMICÉIA SOUSA CHOAIKY, que segue no § 42º.
- 3(V)- ALDILÉA SOUSA CHOAIKY, nascida em 22-ABR-1986 em São Luís, MA, sem geração.
- 4(V)- ÁLVARO MATEUS SOUSA CHOAIKY, nascido em 25-AGO-1999 em São Luís, MA, sem geração.
- V- ADÍLIO SOUSA CHOAIKY, nascido em 07-MAI-1982 em São Luís, MA; teve com LEILA DOS SANTOS MACHADO, nascida em São Luís, MA:
- 1(VI)- JOÃO VICTOR MACHADO CHOAIKY, nascido em 30-MAI-

2011 em São Luís, MA. Casado em 9-MAR-2013 em São Luís, MA com DAYANE DO NASCIMENTO ROCHA, nascida em 06-NOV-1986 em São Luís, MA , tiveram uma filha:

- 2(VI)- SOFIA ROCHA CHOIRY, nascida em 27-SET-2019 em São Luís, MA.

§ 42º

- V- ALMICÉIA SOUSA CHOIRY, filha de Salim Carlos Choairy Filho e Maria Bernadete Carvalho Sousa (n.º IV do § 41º). Nascida em 15-SET-1983 em São Luís, MA. Casada em 17-DEZ-2004 em São Luís, MA com JOHNNY KARDEK MACHADO, nascido em 05-MAI-1977 em São Luís, MA. Geraram pelo menos:

- 1(VI)- WILLIAN JOHN CHOIRY MACHADO, nascido em 11-JUL-2006 em São Luís, MA.  
2(VI)- KYARA GABRYELE CHOIRY MACHADO, nascida em 04-OUT-2013 em São Luís, MA.

§ 43º

- IV- LUÍS CARLOS ALMED CHOIRY, filho de Salim Carlos Corrêa Choairy e Maria José Almed (n.º III do § 37º). Nascido em 11-AGO-1964 em São Luís, MA, sem evento de casamento, teve com CONCEIÇÃO ao menos um filho:

- 1(V)- DANIEL ALMED CHOIRY, nascido em 20-SET-1986 em São Luís, MA. Falecido em MAR-2003 na mesma cidade.

Sem evento de casamento teve com CÉLIA HENRIQUE SILVA dois filhos:

- 2(V)- EDSON HENRIQUE CHOIRY, nascido em 18-AGO-1987, em São Luís, MA, falecido.  
3(V)- MÁRCIO HENRIQUE CHOIRY, nascido em 24-AGO- 1989 em São Luís, MA, com geração não apurada.

Sem evento de casamento teve com ROSINETE RIBEIRO ALMEIDA, nascida em 29-OUT-1973, dois filhos:

- 4(V)- DJAYCE JOHN RIBEIRO CHOIRY, que segue.  
5(V)- DICK DJAYSSON RIBEIRO CHOIRY, nascido em 8-NOV-1992 em São Luís, MA.

Casado em 27-FEV-2004 em São Luís, MA com MARIA DAS NEVES

SILVA SILVA, nascida em 7-JUL-1980 em Bom Jardim, MA, teve duas filhas:

6(V)- LARISSA SILVA CHOAIKY, que segue no § 44º.

7(V)- LETÍCIA SILVA CHOAIKY, que segue no § 45º.

Ainda sem evento de casamento com MARGARETE NOGUEIRA VIEIRA, nascida em São Luís, MA e falecida provavelmente em 2016, em São Luís, MA, teve:

8(V)- YURI DANIEL NOGUEIRA CHOAIKY, nascido em 18-ABR-2009 em São Luís, MA.

Ainda sem evento de casamento com MARYSÂNGELA LOPES DA SILVA, nascida em 18-DEZ-1992 em Santa Inês, MA, teve 3 filhos:

9(V)- MARIÂNGELA DA SILVA CHOAIKY, nascida em 20-JUN-2011 em Santa Inês, MA.

10(V)- LUÍS DAVI DA SILVA CHOAIKY, nascido em 22-JUL-2013 em Santa Inês, MA.

11(V)- LORENZO GABRIEL DA SILVA CHOAIKY nascido em 18-MAR- 2018 em São Luís, MA.

V- DJAYCE JOHN RIBEIRO ALMEIDA, nascido em 28-SET-1988 em São Luís, MA, casado em 13-JUN-2016 em São Luís, MA com ALINE ALMEIDA DA CONCEIÇÃO, nascida em 5-FEV-1990 em São Luís, MA. Foram pais de pelo menos:

1(VI)- KAYRO ISAAC ALMEIDA RIBEIRO, nascido em 27-JAN-2018 em São Luís, MA.

2(VI)- KYARA ISIS ALMEIDA RIBEIRO, nascida em 7-NOV- 2023 em São Luís, MA.

#### § 44º

V- LARISSA SILVA CHOAIKY, filha de Luís Carlos Almed Choairy e Maria das Neves Silva Silva (n.º IV do § 43º). Nascida em 17-JUN-1996 em São Luís, MA. Teve com LEANDRO SILVA FRANÇA, um filho:

1(VI)- LEARDSSON CHOAIKY FRANÇA, nascido em 23-OUT-2013 em Santa Inês, MA.

Com EVERALDO DOS SANTOS BERNARDES, nascido em 11-JUL-1993 em Itinga, Pará, gerou:

2(VI)- EVILLANY LUIZA CHOAIRY, nascida em 19-JAN-2019 em São Luís, MA;

§ 45º

V- LETÍCIA SILVA CHOAIRY, filha de Luís Carlos Almed Choairy e Maria das Neves Silva Silva (n.º IV do § 43º). Nascida em 17-JUL-1998 em São Luís, MA. Do relacionamento com WESLEY SANTOS CUNHA, nascido em 14-AGO-1998 em Marabá, PA, teve:

1(VI)- WELYSTHON LUCAS SILVA CHOAIRY, nascido em Santa Inês, MA, em 3-OUT-2016.

2(VI)- LEVY WELLINGTON CHOAIRY SANTOS, nascido em 4-OUT-2018 em Santa Inês, MA.

De EDUARDO MENDONÇA SERRA, nascido em 11-MAR-2002 em São LUÍS, MA teve, pelo menos:

3(VI)- LUNA EVELLYN CHOAIRY MENDONÇA, nascida em 24-MAR-2023 em São Luís, MA.

§ 46º

IV- GIZÉLIA ALMED CHOAIRY, filha de Salim Carlos Corrêa Choairy e Maria José Almed (n.º III do § 37º). Nascida em 02-JUL-1966 em São Luís, MA, casada em 4-AGO-1984 em São Luís, MA com FRANCENILTON NOGUEIRA FERRAZ, nascido em 12-AGO-1966 em São Luís, MA. Foram pais de pelo menos:

1(V)- FRANCENILTON NOGUEIRA FERRAZ JÚNIOR, que segue.

2(V)- ELENILTON CHOAIRY FERRAZ, que segue no § 47º.

3(V)- DANIELLE CHOAIRY FERRAZ, que segue no § 48º.

4(V)- WESLEY NILTON CHOAIRY FERRAZ, nascido em 04-JAN-1998 em São Luís, MA.

V- FRANCENILTON NOGUEIRA FERRAZ JÚNIOR, nascido em 23-MAI-1984 em São Luís, MA, sem evento de casamento com ROSILENE LEAL, nascida no Brejo, MA, em 14-NOV-1980. Foram pais de:

1(VI)- KAWAN LUCAS FERRAZ, em 15-AGO-2004, São Luís, MA.

Sem evento de casamento com LOURDIANE LINDOSO, de São Luís, MA, nascida em 5-ABR-1985, teve:



2(VI)- LUNA BEATRIZ ARAÚJO FERRAZ, nascida em 10-JUL-2007 em São Luís, MA.

Casou-se em São Luís, MA com SILVIA CANTANEIDE, nascida em 18-AGO- 1983 em São Luís, MA. Sem descendência.

§ 47º

V- ELENILTON CHOAIKY FERRAZ, filho de Gizélia Almed Choairy e Francenilton Nogueira Ferraz (n.º IV do § 46º). Nascido em 01-JUL-1986 em São Luís, MA, sem evento de casamento com YANE SALDANHA PONTES, nascida em 30-DEZ-1985 na mesma cidade. Foram pais de pelo menos:

1(VI)- ÍTALO GABRIEL PONTES FERRAZ, nascido em 04-ABR-2007 em São Luís, MA.

2(VI)- ISABELE PONTES FERRAZ, nascida em 27-ABR-2011 em São Luís, MA.

Sem evento de casamento com LUZENIR DUTRA, nascida em 23- DEZ-1991 em Barreirinhas, MA, teve duas filhas ludovicenses:

3(VI)- LUNA VITÓRIA DUTRA FERRAZ, nascida em 14-SET- 2015.

4(VI)- ALICIA MANUELA DUTRA FERRAZ, nascida em 7-NOV-2021.

§ 48º

V- DANIELLE CHOAIKY FERRAZ, filha de Gizélia Almed Choairy e Francenilton Nogueira Ferraz (n.º IV do § 46º). Nascida em 12-OUT-1989 em São Luís, MA, casada na mesma cidade em 06-DEZ-2010 com FLAVIO HENRIQUE MARTINS, nascido em 4-JAN-1985 em São Luís, MA. Tiveram:

1(VI)- HAYLLA VALENTINA CHOAIKY MARTINS, nascida em 20-AGO-2018 em São Luís, MA.

§ 49º

IV- FÁBIO ALMED CHOAIKY, filho de Salim Carlos Corrêa Choairy e Maria José Almed (n.º III do § 37º). Nascido em 20-JUL-1978 em São Luís, MA. Sem evento de casamento com MICHELLY SHYRDEIANE LIMA SOUSA, nascida em 10-FEV-1982 em Pedreiras, MA, foram pais de:

1(V)- GILSON SOUSA ALMED CHOAIKY, nascido em 04-ABR-1999 em São Luís, MA.

2(V)- RITA DE CÁSSIA SOUSA CHOAIRY, que segue.

V- RITA DE CÁSSIA SOUSA CHOAIRY, nascida em 05-DEZ-2001 em São Luís, MA, teve uma filha com CARLOS RAMON FERREIRA, nascido em 2-NOV-... em São Luís, MA:

1(VI)- HELENA VALENTYNA CHOAIRY FERREIRA, nascida em 5-OUT-2018 em São Luís, MA.

Em união estável com MARCELO JOSÉ ARAÚJO, nascido em 31-JAN-1990 em São Luís, MA, teve:

2(VI)- MATHIAS OLAVO CHOAIRY ARAÚJO, nascido em 28-MAR-2024 em São Luís, MA.

FÁBIO ALMED CHOAIRY casou-se em 20-JUL-2021 em Urbano Santos, MA com CONSCISMEIRE FEQUES SOUSA, nascida em 3-NOV-1979 em Urbano Santos, MA, sem geração.

§ 50º

IV- SALIM CARLOS CHOAIRY JÚNIOR, filho de Salim Carlos Corrêa Choairy e Maria José Almed (n.º III do § 37º). Nascido em 15-MAI-1990 em São Luís, MA. Do relacionamento com JOSEPHA SOFIA CAMPOS DOURADO, nascida em São Bento, MA em 19-SET-1991, tiveram um filho:

1(V)- ANTHONY LEVI CAMPOS CHOAIRY, nascido em São Luís em 29-AGO-2020.

§ 51º

III- CARIM MIGUEL CHOAIRY FILHO, filho de Carim Miguel Choairy e Filomena Corrêa (n.º II do § 27º). Nascido em São Bento, MA, em 31-MAI-1941 e casado em 16-JAN-1965 em São Bento, MA com ZILMA RAIMUNDA COSTA. Esta nascida em 22-MAI-1936 em São Bento, MA. Tiveram os seguintes filhos:

1(IV)- CARIM MIGUEL CHOAIRY NETO, que segue.

2(IV)- RITA DE CÁSSIA COSTA CHOAIRY, nascida em 17-JUN-1967 em São Bento, MA.

3(IV)- ANTÔNIO CÉSAR COSTA CHOAIRY, que segue no § 52º.

4(IV)- JORGE HENRIQUE COSTA CHOAIRY, nascido em 28-JUN-1971 em São Luís, MA.

5(IV)- FERNANDO AURÉLIO COSTA CHOAIRY, que segue no § 53º.

IV- CARIM MIGUEL CHOAIKY NETO, nascido em 07-NOV-1965 em São Bento, MA. Em relacionamento conjugal com SÔNIA MARIA DE CAMPOS, nascida em 26-OUT-1969 em Bacabal, MA. Foram pais de pelo menos:

1(V)- CARIM MIGUEL CHOAIKY TERCEIRO, nascido em 07-ABR-2001 em São Luís, MA.

2(V)- FERNANDO CAMPOS CHOAIKY, nascido em 04-OUT-2013 em São Luís, MA.

§ 52º

IV- ANTÔNIO CÉSAR COSTA CHOAIKY, filho de Carim Miguel Choairy e Zilma Raimunda Costa (n.º III do § 51º). Nascido em 3-SET-1968 em São Bento, MA. Em relacionamento conjugal com ANA PATRÍCIA DE FREITAS, nascida em 07-JUN-1971 em São Luís, MA. Foram pais de pelo menos:

1(V)- ANGELO ANTONIO DE FREITAS CHOAIKY, nascido em 11-NOV-2003 em São Luís, MA.

2(V)- ANA ALICE DE FREITAS CHOAIKY, nascida em 03-JUL-2005 em São Luís, MA.

§ 53º

IV- FERNANDO AURÉLIO COSTA CHOAIKY, filho de Carim Miguel Choairy e Zilma Raimunda Costa (n.º III do § 51º). Nascido em 09-SET-1972 em São Luís, MA e falecido aos 26-ABR-2003 na mesma cidade. Do relacionamento com LUANA CRISTINA LULA, nascida em 22-JUL-1974, MA, foram pais de:

1(V)- MARIA LUA LULA CHOAIKY, nascida em 29-SET-1999 em São Luís MA.

§ 54º

III- MARIA AMÁLIA CORRÊA CHOAIKY, filha de Carim Miguel Choairy e Filomena Corrêa (n.º II do § 27º). Nascida em 21-DEZ-1943 em São Bento, MA. Do relacionamento com WANDYR DE CAMPOS VERSIANI, nascido em 26- JAN-1942, brasileiro, teve uma filha:

1(IV)- DANIELE CORRÊA VERSIANI, que segue.

MARIA AMÁLIA CORRÊA CHOAIKY em relacionamento com MARCO ANTÔNIO BARBACHAN, nascido em 3-JUL-1977 na Ilha Grande, RJ, e já falecido, gerou uma filha:

2(IV)- ALINE CHOAIKY BARBACHAN, que segue no § no 55°.

IV- DANIELE CORRÊA VERSIANI, nascida em 06-JUN-1966, Belo Horizonte, MG, casada em primeiras núpcias com DENNY ROGER PEHRSON, nascido em 04-NOV-1960 em Salt Lake City, UT, Estados Unidos. Foram pais de:

1(V)- TYREL JAIME PEHRSON, nascido em 15-JUN-1993 em Murray, Salt Lake, UT, Estados Unidos .

2(V)- SHANELLE RAE PEHRSON nascida em 31-MAI-1996 em Murray, Salt Lake, UT, Estados Unidos.

Casada em segundas núpcias com BROOKS HAWKES POTTER nascido em 11-JUN-1968 em Logan, Cache, UT, Estados Unidos. Foram pais de:

3(V)- BRIDGER BROOKS POTTER, nascido em 12-JUL-2006 em Layton, Utah, Estados Unidos.

4(V)- GABRIELLA POTTER, nascida em 26-SET-2008 em Layton, Utah, Estados Unidos.

§ 55°

IV- ALINE CHOAIKY BARBACHAN, filha de Maria Amália Corrêa Choairy e Marco Antônio Barbachan (n.º III do § 54°). Nascida em 03-MAR-1977 em Brasília, DF. Falecida aos 18-AGO-2009 em Anápolis, Goiás, Brasil. Sem evento de casamento, teve com NEWTON RAPOSO, falecido, um filho:

1(V)- MATHEUS BARBACHAN RAPOSO, nascido em 15-AGO-2001 em Brasília, DF.

§ 56°

III- MARIA DE JESUS CORRÊA CHOAIKY, filha de Carim Miguel Choairy e Filomena Corrêa (n.º II do § 27°). Nascida em 06-FEV-1945 em São Bento, MA, casada em 12-JAN-1963 em Belo Horizonte, MG com NEWTON RODART COELHO, nascido em 12-JAN-1941 na mesma cidade. Pais de seis filhos:

1 (IV)- ALESSANDRA CHOAIKY COELHO, que segue.

2 (IV)- RICARDO CHOAIKY COELHO, que segue no § 57°.

3 (IV)- CARLA CHOAIKY COELHO, que segue no § 59°.

- 4 (IV)- MICHELLE CHOAIKY COELHO, que segue no § 60º.
- 5(IV)- GUSTAVO CHOAIKY COELHO, que segue no § 61º.
- 6(IV)- RAFAEL CHOAIKY COELHO, que segue no § 62º.
- IV- ALESSANDRA CHOAIKY COELHO, nascida em 18-JUN-1964 em Belo Horizonte, MG. Casou-se em 10-JUL-1987 na mesma cidade com RODRIGO DE LIMA E MYRRHA, nascido em 03-SET-1961 em Belo Horizonte, MG. São pais de:
- 1(V)- DIOGO CHOAIKY RODART MYRRHA, que segue.
- 2(V)- NATHALIA CHOAIKY RODARTE MYRRHA, nascida em 28-OUT-1993 em Belo Horizonte, MG e casada em 11-AGO-2023 em American Fork, UT, Estados Unidos com ANDREW CHAPMAN, nascido em 21-OUT-1985 em Sacramento, CA, Estados Unidos.
- V- DIOGO CHOAIKY RODART MYRRHA, nascido em 14-JAN-1990 em Belo Horizonte, MG. Casou-se em 5- OUT-2011 em Salt Lake City, UT, Estados Unidos, com CAMILLA AIDUKAITIS, nascida em 22- ABR-1992 em Orem, UT, Estados Unidos. São pais de:
- 1(VI)- SARAH AIDUKAITIS MYRRHA, nascida em 20-JAN-2013 em Provo, Utah, Estados Unidos.
- 2(VI)- BEATRIZ AIDUKAITIS MYRRHA, nascida em 30-SET-2015 em Provo, Utah, Estados Unidos.
- 3(VI)- VICTOR AIDUKAITIS MYRRHA, nascido em 27- NOV-2017 em Provo, Utah, Estados Unidos.

§ 57º

- IV- RICARDO CHOAIKY COELHO, filho de Maria de Jesus Corrêa Choairy e Newton Rodarte Coelho (n.º III do § 56º). Nascido em 25-OUT-1965 em Belo Horizonte, MG. Casou-se em 10-NOV-1988 em Belo Horizonte, MG com ADRIANE TEIXEIRA RODRIGUES, nascida em 15-MAR-1966 em Belo Horizonte, MG. Foram pais de:
- 1(V)- CAMILLA RODRIGUES CHOAIKY RODART, que segue.
- 2(V)- RACHEL RODRIGUES CHOAIKY RODARTE, que segue no § 58º.
- 3(V)- RAFAEL RODRIGUES CHOAIKY RODARTE, nascido em 10-MAI-1997 em Belo Horizonte, MG.

4(V)- STELLA RODRIGUES CHOAIRY RODARTE, nascida em 19-SET-2003 em Belo Horizonte, MG.

V- CAMILLA RODRIGUES CHOAIRY RODART, nascida em 26-MAI-1991 em Belo Horizonte, MG. Casou-se em 07-JUL-2011 na mesma cidade com THIAGO RODRIGUES ALVES, nascido em 26-SET-1987 também em Belo Horizonte, MG. São pais de:

1(VI)- BELLA CHOAIRY RODRIGUES ALVES, nascida em 23-JAN-2015 em Belo Horizonte, MG.

2(VI)- LUCAS CHOAIRY RODRIGUES ALVES, nascido em 04-JAN-2018 em Fayetteville, Lincoln, TN, Estados Unidos.

3(VI)- MEL CHOAIRY RODRIGUES ALVES, nascida em 16-FEV-2020 em Altamonte Springs, FL, Estados Unidos.

4(VI)- LIZ CHOAIRY RODRIGUES ALVES, nascida em 23-NOV-2022 em Longwood, FL, Estados Unidos.

§ 58º

V- RACHEL RODRIGUES CHOAIRY RODARTE, filha de Ricardo Choairy Coelho e Adriane Teixeira Rodrigues (n.º IV do § 57º). Nascida em 29-MAR-1995 em Belo Horizonte, MG. Casou-se em 08-DEZ-2020 em Belo Horizonte, MG com CARLOS EDUARDO COSTA SÜFFERT, nascido em 12-ABR-1994, Porto Alegre, RS. São pais até o momento de:

1(VI)- CLARA CHOAIRY SÜFFERT, nascida em 17-ABR-2023 em Porto Alegre, RS.

§ 59º

IV- CARLA CHOAIRY COELHO, filha de Maria de Jesus Corrêa Choairy e Newton Rodarte Coelho (n.º III do § 56º). Nascida em 26-OUT-1967 em Belo Horizonte, MG. Casou-se em 10-JUN-1994 na mesma cidade com MARCELO DE CONTI GOMES, nascido em 01-JAN-1965 em Belo Horizonte, MG. São pais de:

1(V)- BRUNA CHOAIRY DE CONTI, nascida em 05-MAI-1997 em Belo Horizonte, MG, casada em 14- MAI-2022 em Draper, UT, Estados Unidos, com STEVEN RONALD RAGSDALE JUNIOR.

2(V)- ANA CHOAIRY DE CONTI, nascida em 27-JUN-2003 em Belo Horizonte, MG.

## § 60º

IV- MICHELLE CHOAIRY COELHO, filha de Maria de Jesus Corrêa Choairy e Newton Rodarte Coelho (n.º III do § 56º). Nascida em 22-JUN-1976 em Belo Horizonte, MG. Casou-se em 11-SET-2012 em Orange, CA, Estados Unidos com JOHN GLEN COON, nascido em 27-JUN-1976 em Las Vegas, NV, Estados Unidos. São pais de:

1(V)- DRAKE CHOAIRY COON, nascido em 22-ABR-2014 em Newport Beach, CA, Estados Unidos.

2(V)- RIO CHOAIRY COON, nascida em 13-DEZ-2016 em Newport Beach, CA, Estados Unidos.

## § 61º

IV- GUSTAVO CHOAIRY COELHO, filho de Maria de Jesus Corrêa Choairy e Newton Rodarte Coelho (n.º III do § 56º). Nascido em 29-ABR-1979 em Belo Horizonte, MG. Casado em 16-AGO-2013 na mesma cidade com ANA MARIA JEBER CAMPOS, nascida em 04-JUL-1980 em Belo Horizonte, MG. São pais de:

1(V)- MARIA JEBER CAMPOS CHOAIRY RODART, nascida em 07-FEV-2014 em Belo Horizonte, MG.

## § 62º

IV- RAFAEL CHOAIRY COELHO, filho de Maria de Jesus Corrêa Choairy e Newton Rodarte Coelho (n.º III do § 56º). Nascido em 26-DEZ-1980 em Belo Horizonte, MG. Casou-se em 29-SET-2006 na mesma cidade, com ALINE MARIA TOMANIK, nascida em 29-OUT-1980 em Bauru, SP. Foram pais de:

1(V)- ANDRÉ TOMANIK CHOAIRY RODART, nascido em 12-MAI-2014 em Belo Horizonte, MG.

2(V)- CECÍLIA TOMANIK CHOAIRY RODART, nascida em 27-DEZ-2017 em Belo Horizonte, MG.

## § 63º

III- JORGE CARLOS CORRÊA CHOAIRY, filho de Carim Miguel Choairy e Filomena Corrêa (n.º II do § 27º). Nascido em 17-OUT-1947 em São Bento, MA, casado em 2-JUL-1982 com MARIA DE NAZARÉ SOARES LOPES SILVA, nascida em 1-ABR-1959 em Barão de Grajaú, MA. Foram pais de:

- 1(IV)- JORGE EDUARDO LOPES CORRÊA CHOIRY, nascido em 24-FEV-1996 em Brasília, DF.
- 2(IV)- ANNA CLÁUDIA LOPES CORRÊA CHOIRY, nascida em 07-JUN-1991 em Brasília, DF. Casou-se em 9-JUN-2023 em Toronto, Canadá com EDUARDO DA ROSA AHNERT, nascido em 16-NOV-1989 em Porto Alegre, RS.

## § 64º

- III- PEDRO ALMEIDA CHOIRY, filho de Carim Miguel Choairy e Adalgisa de Jesus Almeida (n.º II do § 27º). Nascido em 09-AGO-1956 em São Luís, MA, casado em 26-JUN-1982 em Brasília, DF, com ROSÂNGELA DE FÁTIMA TOMAZ, nascida em 10-SET-1955 em Belo Horizonte, MG. Tiveram três filhas, todas nascidas em Brasília, DF:

- 1(IV)- RENATA MARQUES TOMAZ CHOIRY, que segue.
- 2(IV)- NATHALIA TOMAZ CHOIRY, que segue no § 65º.
- 3(IV)- GABRIELLA TOMAZ CHOIRY, nascida em 26-AGO- 1987 em Brasília, DF.

Em segundas núpcias em 29-NOV-2013 em São Luís, MA com FRANCISCA JUSCELIA ALVES DA SILVA, nascida em 4-OUT-1985 em Manaus, AM, teve uma filha:

- 4(IV)- GIOVANA ALVES CHOIRY, nascida em 13-NOV-2014 em São Luís, MA.

- IV- RENATA MARQUES TOMAZ CHOIRY, nascida em 18-SET-1984 em Brasília, DF em relacionamento conjugal com HELTON GERALDO VICENTINI VALE, nascido em 19-DEZ-1980 em Brasília DF, gerou:

- 1(V)- MOISÉS CHOIRY VALE, nascido em 10-NOV-2006 em Brasília, DF.

## § 65º

- IV- NATHALIA TOMAZ CHOIRY, filha de Pedro Almeida Choairy e Rosângela de Fátima Tomaz (n.º III do § 64º). Nascida em 19-MAR-1986 em Brasília, DF, é mãe de:

- 1(V)- JOAQUIM CHOIRY, nascido em 30-ABR-2021 em Brasília, DF.



## § 66º

III- JOSÉ DE RIBAMAR ALMEIDA CHOIRY, filho de Carim Miguel Choairy e Adalgisa de Jesus Almeida (n.º II do § 27º). Nascido em 12-SET-1957 em São Luís, MA, casado em 16-NOV-1981 em Imperatriz, MA, com MARILDA SEVERINO MACIEL, nascida em 30-OUT-1961 em Paracatu, MG. Tiveram dois filhos :

1(IV)- HERIKA RAQUEL MACIEL CHOIRY, que segue.

2(IV)- MARCUS VINÍCIUS MACIEL CHOIRY, nascido em 9-NOV-1983 em Brasília, DF.

Em um segundo relacionamento com NILVA MARIA SILVA DO NASCIMENTO, nascida em 25-JUL-1965, em Grajaú, MA, gerou:

3(IV)- ANDRESSA DO NASCIMENTO CHOIRY, nascida em 23-OUT-1989 em Brasília, DF.

4(IV)- JÉSSICA DO NASCIMENTO CHOIRY, nascida em 01-MAR-1994 em Brasília, DF.

5(IV)- EMANUEL DO NASCIMENTO CHOIRY, nascido em 3-JAN-1996 em Brasília, DF.

IV- HERIKA RAQUEL MACIEL CHOIRY, nascida em 23-OUT-1981 em Imperatriz, MA, teve com WENDERSON duas filhas:

1(V)- LARA CHOIRY, nascida em Brasília, DF.

2(V)- JÚLIA CHOIRY, nascida em Brasília, DF.

## § 67º

III- MARJOREE DE JESUS ALMEIDA CHOIRY, filha de Carim Miguel Choairy e Adalgisa de Jesus Almeida (n.º II do § 27º). Nascida em 20-MAR-1959 em São Luís, MA. Sem evento de casamento com FERNANDO ANTÔNIO ALVES DOS SANTOS, nascido em 19-ABR-1954 em Goiânia, GO e falecido em 17-MAR-2017 em Brasília, DF, teve uma filha:

1(IV)- REBECA ALMEIDA CHOIRY, nascida em 19-JUL-1985 em Brasília, DF.

**9. Transcrição dos escritos pessoais de Carim Miguel Choairy (conforme registrados no Caderno de Notas em posse de Rita Choairy)**

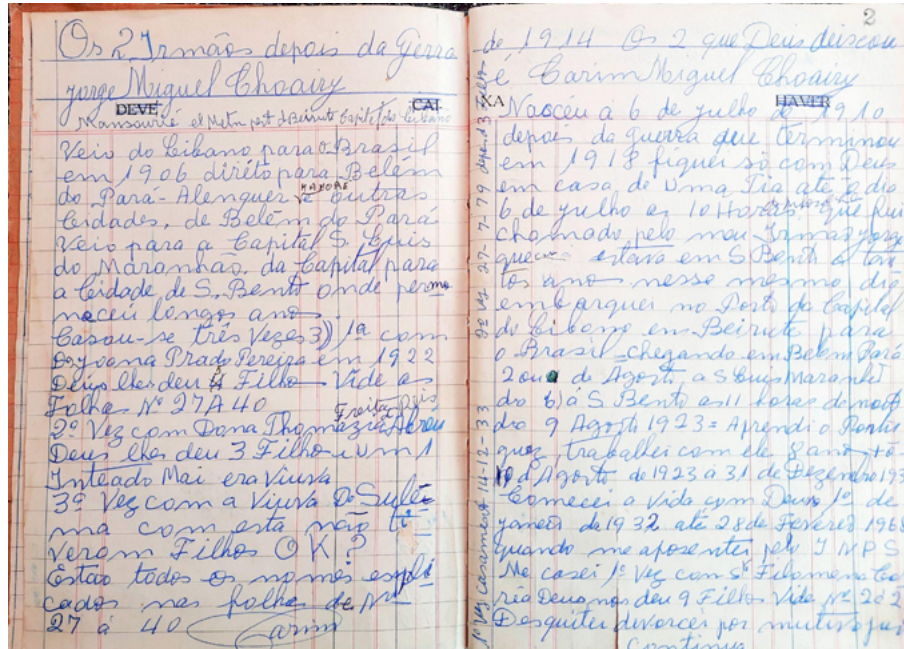


Foto do caderno manuscrito de Carim Miguel Choairy em posse da neta Rita Choairy.

“Os dois irmãos depois da Guerra de 1914, os dois que Deus deixou:  
Jorge Miguel Choairy e Carim Miguel Choairy

Mansourieh el Metn, perto de Beirute, Capital do Líbano.

Jorge

Veio do Líbano para o Brasil em 1906 direto para Belém do Pará. Alenquer, Mamoré e outras cidades. De Belém do Pará veio para a Capital São Luís do Maranhão. Da Capital para a cidade de São Bento, onde permaneceu longos anos.

Casou-se três vezes, primeiro com Dona Joana Prado Pereira em 1922. Deus lhe deu 5 filhos. Vide as folhas 27 a 40. Segunda vez (casou-se) com Dona

*Thomazia Freitas Reis de Abreu. Deus lhe deu três filhos e um enteado. A mãe era viúva. Terceira vez com a viúva Sulema e com esta não teve filhos, ok? Estão todos explicados nas folhas de número 27 a 40.*

*Carim*

*Nasci a 6 de julho de 1910. Depois da guerra que terminou em 1918 fiquei só com Deus em casa de uma tia até o dia 6 de julho às 10 horas da manhã, quando fui chamado pelo meu irmão Jorge que já estava em São Bento há tantos anos. Nesse mesmo dia embarquei no Porto da Capital do Líbano em Beirute para o Brasil. Chegando em Belém do Pará em 2 de agosto. Em São Luís do Maranhão no dia 6. Em São Bento às 11 horas da noite do dia 9 de agosto de 1923. Aprendi Portugues, trabalhei com ele por 8 anos mais ou menos. Do dia 10 de agosto de 1923 a 31 de dezembro de 1931.*

*Comecei a vida com Deus em 1 de janeiro de 1932 até 28 de fevereiro de 1968 quando me aposentei pelo INPS <sup>43</sup>. Me casei pela primeira vez com a Sra Filomena Corrêa. Deus nos deu 9 filhos. Casamento a 14 de dezembro de 1933. Vide páginas 2-23. Desquitei, divorciei por motivos justos.*

*Casei-me pela segunda vez com Idalgisa de Jesus Almeida de Peri Mirim, MA. Comecei a morar com ela em 8 de agosto de 1955. Segundo casamento em 27 de julho de 1979, depois de três filhos. Deus me deu 3 filhos. Ao total, doze filhos graças a Deus. Oito homens e 4 mulheres, 11 casados. Todos são maranhenses. Graças a Deus todos estão vivos.*

*Aposentei pelo INPS em 8 de março de 1968*

*Desquitei da primeira esposa 2 de setembro de 1969*

*Naturalizei brasileiro 2 de abril de 1971*

*Divorciei da primeira esposa 1 de julho de 1979*

*Casei com Idalgisa 27 de julho de 1979*

*Separei da Idalgisa - razão não sei 17 de outubro de 1986*

*Dei tudo em vida. Fiquei sem nada.”*

(A seguir lança dados de cada filho, com datas de nascimento. Mais adiante, lista cada filho com suas famílias listando também os netos, acrescentando fotografias

---

43 Instituto Nacional da Previdência Social.

do que ele chama “TRONCO DA FAMÍLIA CHOAIRY”)

## 10. Anexo

*O LÍBANO E AS CIVILIZAÇÕES: MUITA HISTÓRIA PARA POUCA GEOGRAFIA* “O Líbano foi conquistado e habitado ao longo dos séculos por 15 civilizações oficiais e por outros povos invasores não contabilizados, que trouxeram e instalaram seus reinos e impérios, deixando cada qual o seu rastro de histórias, cultura e natureza. Um breve panorama das principais civilizações e impérios que passaram pelo Líbano:

- 1- Os Fenícios - ou os cananeus, foram os primeiros povos civilizados a habitar o Líbano. A Fenícia se estabeleceu entre 2300-2100 a.C., prosperando ao longo do Mediterrâneo Oriental.
- 2- Os Egípcios – o povo do Egito começou a aumentar sua influência, ocupando cidades estratégicas na região no início do século XVI a.C., e as cidades fenícias de Tiro e Biblos eram seus principais alvos.
- 3- Os Hititas – esse povo vindo da Anatólia Central (antiga Turquia) fundou o seu Império e, entre 1350 e 1300 a.C., capturou várias cidades fenícias dos Egípcios.
- 4- Os Assírios - ao longo de sua existência, entre 1392 e 1056 a.C., o Império Assírio ocupou e perdeu muitas cidades fenícias várias vezes.
- Os Babilônios - depois de tomar o poder dos assírios, os babilônios governaram a Fenícia de 605 a 538 a.C.
- 5- Os Persas - em 538-539 a.C., o Governante Persa Ciro, o Grande, tomou a Fenícia das mãos dos Babilônios.
- 6- Os Macedônios - em 333 a.C., o rei Macedônio Alexandre, o Grande, derrotou os persas e partiu para conquistar Tiro, uma das cidades fenícias mais estratégicas. A partir dessa conquista, a Fenícia começou a se dissolver gradualmente.
- 7- Os Selêucidas - o Império Selêucida – formado pelo general Macedônio, Seleuco I Nicátor- conquistou o Líbano e o fez parte do seu Império.
- 8- O Império Sassânida- durou de 224 a 651 DC, durante o qual invadiu e assumiu o controle do Levante, incluindo o Líbano.
- 9- Os Romanos - o Império Romano invadiu o Líbano e o adicionou às suas províncias, o cristianismo se tornou a religião oficial, e o Império foi dividido em dois, após o que o Líbano se tornou parte do Império

Bizantino.

- 10- Os Árabes - com o surgimento do Islã no século VII, os árabes muçulmanos conquistaram a Síria e o Líbano e substituíram o Império Romano como seu governante.
- 11- Os Seljúcidas – esse Império Turco- Seldjúcida estabeleceu seu próprio califado no Levante, representando o primeiro sinal do poder turco no Oriente Médio.
- 12- O Reino de Jerusalém /Condado de Trípoli - a Primeira Cruzada, que veio da Europa no século XI, passou pelo Líbano e os invasores europeus ocuparam as áreas do sul do Líbano.
- 13- Os Mamelucos- no final do século XIII, o Líbano foi conquistado novamente pelos sultões mamelucos do Egito.
- 14- Os Otomanos - em 1299 d.C., os turcos conquistaram a região do Mediterrâneo oriental, e o Líbano fez parte de seu Império até sua queda no fim da Primeira Guerra Mundial, ficando sob o protetorado da França até 1943, quando obteve sua independência.”

## 11. Referências

ABILIO, Romeu. *Lembranças Minurcas - Histórias de Sírio- Libanês- Mineiros- Guaxupeanos*. Edifício. Osasco. 2015

CONSULADO GERAL DO LÍBANO NO RIO DE JANEIRO. *Muita História para pouca geografia, 15-FEV-2023*. <<https://www.facebook.com/share/g8GPSMMzRcKP9Tj6/?mibextid=WC7FNe>> . Acesso em: 05-ABR-2024

DUTRA JUNIOR, José Ailton . *O Líbano e o nacionalismo árabe (1952-1967): O Nasserismo como projeto para o Mundo Árabe e seu impacto no Líbano*. Orientador Osvaldo Luis Angel Coggiola. São Paulo, 2014 <[https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8137/tde-03102014-164144/publico/2014\\_JoseAiltonDutraJunior\\_VCorr.pdf](https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8137/tde-03102014-164144/publico/2014_JoseAiltonDutraJunior_VCorr.pdf)> . Acesso em: 05-ABR-2024.

FURTADO, Frederico Mamede Santos. *A Comunidade Sírio-libanesa e sua inserção na elite maranhense*. Monografia apresentada ao Curso de História da Universidade Estadual do Maranhão, para obtenção do grau de Licenciatura em História- Frederico Mamede Orientadora: Profa. Msc. Maria de Lourdes Lauande Lacroix . São Luís, 2014.

GATTAZ, André. *Do Líbano ao Brasil: história oral de imigrantes. 2a edição*. Editora Pontocom. Salvador, 2012.

HAJJAR, Claude Fahd. *Imigração Árabe -100 anos de reflexão*. Ícone Editora Ltda, São Paulo, 1985.

Jornal Pacotilha. Edição número 307. Maranhão, 30 de dezembro de 1922. P.4 Disponível em: <[https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=168319\\_02&pesq=%22Jorge%20Miguel%20Choairy%22&hf=memoria.bn.br&pagfis=16624](https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=168319_02&pesq=%22Jorge%20Miguel%20Choairy%22&hf=memoria.bn.br&pagfis=16624)> Acesso em: 8-ABR-2024.

LIMA, Olavo Correia. *Sírios e Libaneses no Maranhão*. São Luís, 1987.

OLIVEIRA, Maria das Graças Corrêa de. *As três graças de Maria*. Editora do Autor, Recife, 2001.

OSMAN, Samira Adel. *Imigração Árabe no Brasil: histórias de vida de libaneses mulçumanos e cristãos*. EJR Xamã Editora Ltda. São Paulo. 2001.

SAFADY, Jamil. *Obras Completas de Jamil Safady - 1- Panorama da Imigração Árabe*. Editora Comercial Safady Ltda, São Paulo, 1950.

TRUZZI, Oswaldo M S. *Sírios e Libaneses - Narrativas de História e Cultura*. Companhia Editora Nacional. São Paulo, 2005.

WIKIPEDIA . *Beirut Vilayet, 11 abril de 2023*. Disponível em <[https://en.wikipedia.org/wiki/Beirut\\_vilayet](https://en.wikipedia.org/wiki/Beirut_vilayet)> . Acesso em: 05-ABR-2024.

## O CASO POLYCARPO RIBEIRO BORGES: UM SUPERCENTENÁRIO EM PONTA GROSSA?

Rafael José Nogueira<sup>1</sup>

**Resumo:** O artigo busca analisar a biografia e genealogia de Polycarpo Ribeiro Borges, que foi alçado como candidato a um supercentenário e, supostamente, o ser humano que mais tempo viveu na história. O trabalho buscou elucidar de forma mais clara se as informações cruzadas e avaliadas advindas das fontes consultadas, indicam ser plausível afirmar que ele foi de fato um supercentenário ou se trata de um desencontro de dados e cronologias.

**Abstract:** This article aims to analyze the biography and genealogy of Polycarpo Ribeiro Borges, who has been considered a candidate for supercentenarian status and is supposedly the longest-living human in history. The study seeks to clarify whether the cross-referenced and evaluated information from the consulted sources makes it plausible to assert that he was indeed a supercentenarian, or if there is a discrepancy in the data and chronologies.

### Introdução:

Tudo começou quando o ponta-grossense André Rosa postou em suas redes sociais e outros grupos de história de Ponta Grossa - PR no *Facebook*, em julho de 2021, a foto de uma lápide no Cemitério Municipal São José de Ponta Grossa com dados que chamavam a atenção por apresentar um indivíduo que teria vivido, aparentemente, por mais de 120 anos.

Rapidamente vários historiadores se mobilizaram, e de forma voluntária iniciaram um trabalho de forma incansável e atenta a qualquer indício, vestígio, evidência ou sinal que desvendasse algo sobre o personagem em questão chamado Polycarpo Ribeiro Borges.

São dignas de nota as matérias jornalísticas as matérias jornalísticas de

---

1 Professor licenciado em História pela Univille – Universidade da Região de Joinville. Historiador - Registro Profissional 0000037/SC. E-mail: [rjnrafa@hotmail.com](mailto:rjnrafa@hotmail.com)

autoria de Walter Têlé Menechino<sup>2</sup> e Danilo Kossoski<sup>3</sup> no portal online *DCmais* “Diário dos Campos” nos dias 21 e 23 de julho de 2021. Também levantaram a problemática envolvendo a idade de Polycarpo Borges Ribeiro e consultaram estudiosos ligados a genealogia para refinar o debate.

As redes sociais foram fundamentais divulgando e replicando o achado de André Rosa, o qual retirou a foto de seu acervo pessoal em 2012, relatando ter conhecido a lápide desde a infância. A imagem foi vital para elucidar a figura de um homem supostamente supercentenário desconhecido até então e logo se multiplicou a notícia para um público amplo e diversificado.

No mesmo sentido o site genealógico *Family Search* rompeu fronteiras antes quase impossíveis de serem transpostas ao deixar disponíveis vários livros de registros digitalizados de forma gratuita aos investigadores que puderam investigar a vida de Polycarpo Ribeiro Borges.

Ressalta-se que todo este trabalho não se fez só; contando com inúmeros voluntários<sup>4</sup> de diferentes regiões, os quais contribuíram trazendo novas descobertas de documentos no site culminando com a criação do perfil de Polycarpo Ribeiro Borges no site genealógico *Family Search*, e claro com a ajuda de registros preservados pelas instituições religiosas e estatais a disposição dos investigadores no mesmo site. Por ser um site gratuito e coletivo, o acompanhamento e edição do perfil foi facilitado e acessível a todos.

A pesquisa começou pelo fim da vida de Polycarpo devido a singularidade em torno da escrita em sua lápide, a qual informa a ocorrência do falecimento de uma pessoa com mais de 120 anos no momento de sua morte, que causou curiosidade entre vários ponta-grossenses.

Em seguida o foco foi saber sobre quem fora este homem, cuja lápide atesta a idade mais avançada que alguém poderia ter alcançado em todos os tempos<sup>5</sup>.

---

2 MENECHINO, Walter Têlé. *Polycarpo Borges, o homem que viveu 123 anos e morreu em PG*. Disponível em: <https://dcmais.com.br/ponta-grossa/polycarpo-borges-o-homem-que-viveu-123-anos-e-morreu-em-pg/> Acesso em: 14 mai. 2024

3 KOSSOSKI, Danilo. *Internautas investigam a vida de Polycarpo*. Disponível em: <https://dcmais.com.br/ponta-grossa/internautasinvestigam-vida-e-morte-de-polycarpo/> Acesso em: 14 mai. 2024.

4 Agradecimento especial aos que concorreram para a qualidade da pesquisa, fazendo edições no Family Search e dando opiniões e dicas valiosíssimas: André Rosa, Silvani Teixeira, Ana Luiza Rodrigues de Moraes, Tiago Pereira, João Edilson Lopes, Anderson Ricardo Ferreira de Andrade, Paulo Santos, Torquato Oswaldo Torres e Silvio Rangel Silveira.

5 De acordo com o *Gerontology Research Group* (GRG) o título de pessoa que mais viveu no mundo pertence a Jeanne Louise Calment, que se afirma, alcançou a idade de 122 anos e 164 dias.



Para tanto foi preciso partir dos documentos. Ao mesmo tempo foi demonstrado as conjecturas sobre sua hipotética longa vida, e se a idade em questão encontra fundamento nos documentos estudados ou não passava de lenda ou alguma incorreção intencional ou não.

Finalmente foram tecidos alguns comentários sobre um registro de terras encontrado durante percurso da pesquisa e a possibilidade de acessar o testamento de Polycarpo como forma de encontrar mais amostras da biografia dele.

### **Começando pelo fim: a lápide e o assento de óbito**

É comum começar uma investigação genealógica pelo início da vida do indivíduo, apontando onde e quando nasceu, em que religião foi batizado e quem seriam seus pais, padrinhos e parentes próximos.

Entretanto o que engendrou a curiosidade e o debate em torno do personagem foram as informações relativas à sua morte, mais precisamente a suposta idade que teria quando faleceu na cidade paranaense de Ponta Grossa na região dos Campos Gerais, conforme indica sua sepultura.

Partindo da noção que a lápide (figura 1) é uma fonte histórica como qualquer outra, ela foi a primeira a ser apreciada e lida como tal. Nela tem-se a seguinte descrição: “*Aqui dorme Polycarpo R. Borges (Poly) Nasc. A 5-8-1804 Fall. a 16 de Março de 1927. Com 123 anos, 7 mezes e 20 dias de idade. Saudades de sua Esposa Claudina Borges*”.

Dela, infere-se à primeira vista que se trata de um supercentenário que viveu mais de 120 anos e viveu por praticamente quase todo o século XIX e mais 1/5 do século XX. Ainda a informação do nome de sua esposa e um detalhe de sua intimidade: seu apelido Poly.

Para aumentar o poder de análise se fez necessário aumentar o *corpus* documental e cruzar as descrições da lápide com outras fontes. Com a data fornecida, empreendeu-se busca nos livros do cartório e da igreja de Ponta Grossa, digitalizados e disponíveis no sítio *Family Search*<sup>6</sup>.

---

6 O site *Family Search* (antiga Sociedade Genealógica de Utah) é uma das maiores organizações genealógicas do mundo, mantida pela Igreja dos Santos dos Últimos Dias, também conhecidos como Mórmons. A organização que virou referência nos últimos anos em pesquisas genealógicas ou histórias de famílias como também é chamada, digitaliza e microfilma todos os registros civis, eclesiásticos e outros relativos à genealogia do qual obtém autorização em várias partes do mundo. O site faz o trabalho de coletar, preservar e disponibilizar esses registros genealógicos de forma gratuita.



Figura 1: Túmulo de Polycarpo Ribeiro Borges.

Fonte: Acervo pessoal de André Rosa.

Nele foram achados, pelos envolvidos na pesquisa, o registro de óbito civil no Cartório Sant’anna, assim como o assento de óbito no livro da Paróquia Sant’anna, apresentados a seguir:

*Aos dezesseis dias do mez de março de mil novecentos e vinte e sete, nesta cidade e comarca de Ponta Grossa, Estado do Paraná, compareceu em meo cartorio Adolpho Soares Ribas e exhibindo atestado do médico Dr. JM de Paula Braga declarou que hoje as duas horas e trinta e cinco minutos em domicilio nesta cidade a Rua Ermelino de Leão n.º 52, victima de arterioesclerose falleceu “POLYCARPO RIBEIRO BORGES”, com cento e vinte e quatro anos de idade, cor branca, lavrador, natural deste Estado e residente nesta cidade, filiação o declarante ignora; que era casado em segundas nupcias com Claudina Borges; que deixou filhos do primeiro matrimônio; que deixou testamento; que o corpo vae ser sepultado no cemitério desta cidade; E para constar, lavrei este termo que sendo lido e achado conforme connigo assigna o declarante. Official de registro e escrivão, Alfredo Santanna/ Adolpho Soares Ribas. (grifo)<sup>7</sup>.*

<sup>7</sup> “Livro de óbitos, nº 16, anos de 1926 a 1927, fls. 112 verso, termo 114, do Cartório de 1º Ofício de Ponta Grossa. Disponível em: <https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:9396-3NS2-6?view=index&personArk=%2Fark%3A%2F61903%2F1%3A1%3AC4YJ-5CMM&action=view> Acesso em: 7 set. 2021.

*Polycarpo. 29. Aos dezesseis de março enterrou-se Polycarpo, 123 anos, casado com Claudina Moreira. Encomendado. O vigário Martinho Weber (grifo)*<sup>8</sup>.

Os registros com leves discrepâncias apontam para mais de 120 anos de idade quando da morte de Polycarpo Ribeiro Borges, convergindo para o manifestado na lápide, o que teoricamente confirmaria Polycarpo como homem mais velho do mundo. Acrescenta-se o nome da esposa, que é o mesmo nos dois registros; entretanto, pelo registro civil de óbito dela, sabe-se ser então a segunda esposa.

Além disso, consta também a informação de ter deixado testamento como consta no assento civil de morte, bem como alegações de sepultamento endereço, médico que atestou a hora e a causa da morte no domicílio de Polycarpo e o declarante Adolpho Soares Ribas. Não se verificou parentesco entre ele e Polycarpo. Possivelmente, um amigo ou funcionário público responsável por fazer os registros de óbitos.

Como o depoente da morte de Polycarpo mostra ser à primeira vista, alguém sem ligações familiares, fica difícil estabelecer qual o fundamento dele na declaração sobre a idade de Polycarpo ao falecer. A parte disso, o registro é escasso em material genealógico extra da vida de Polycarpo como por sua filiação.

Antes de tudo é preciso levar em conta que os registros de óbito por razões lógicas de temporalidade e de quem declarou naquele momento os dados do morto, tornam suas informações pouco confiáveis e passíveis de erros ou ambiguidades. Os problemas de temporalidade entre o nascimento e morte da pessoa fazem perder a exatidão de datas e nomes, sobretudo de um pretense supercentenário que teria vivido por quase todo o século XIX, em um contexto que não havia tanta preocupação com o rigor dos dados vitais.

Obviamente não se reconstitui uma biografia com alguns poucos documentos e, para confirmá-los, são necessários outros, de tipologias variadas, nos campos genealógico e biográfico, que, cruzados, podem ter seus dados realinhados numa coerência temporal.

No caso aqui elucidado foi essencial achar e conferir os documentos de casamento civil e religioso de Polycarpo.

Desse modo, no próximo tópico, serão abordados e dissecados os registros de casamentos encontrados por pesquisadores de Ponta Grossa e região relativos a Polycarpo Ribeiro Borges, além de indicadas as pistas que esses registros têm sobre sua origem e filiação.

---

8 “Livro de óbitos, nº 7, anos de 1924 a 1958, 1961, fls. 11 verso, termo 28, da *Paróquia Sant’anna de Ponta Grossa*. Disponível em: <https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:3Q57-893H-697X-Y?i=14> Acesso em: 7 set. 2021.

### Casamentos e batismos: divergências e inconsistências

O caso Polycarpo, como foi assinalado anteriormente, movimentou outros investigadores de Ponta Grossa e outras regiões. Desta forma conseguiram-se obter dois importantes documentos que lançam indagações na pesquisa sobre a origem de Polycarpo.

O genealogista Paulo Santos<sup>9</sup> encontrou nos livros da Paróquia Sant'anna em 12-JAN-1856 o que seria o primeiro casamento de Polycarpo, assim transcrito:

*Aos doze dias do mês de janeiro de mil oitocentos e cinquenta e seis anos, nesta igreja matriz da Senhora Sant'anna na freguesia de Ponta Grossa, depois de feitas as diligências do estilo, não tendo aparecido impedimento algum, em minha presença e das testemunhas Francisco de Paula Borges e Feliciano Cardoso, a uma hora da tarde, receberam-se em matrimônio por palavras do presente POLICARPO RIBEIRO BORGES, filho de Francisca Borges e de pai incógnito com Maria Marcelina de Sousa, filha de legítima de João Pinheiro e de Maria da Conceição; aquele natural desta paróquia, sendo ambos já fregueses e esta natural da freguesia de Campo Largo desta Província e no mesmo ato receberam as benções nupciais, do que para constar, fiz este assento. O vigário Anacleto Dias Baptista<sup>10</sup>.*

Diferente do que se visualiza no óbito, existe, portanto, ao menos uma filiação materna, porém afiança-se que o pai é desconhecido. Chama a atenção o nome de uma das testemunhas do casamento chamado Francisco de Paula Borges. A coincidência do sobrenome com Polycarpo e sua mãe deixa a dúvida se ele tinha algum parentesco com eles, especialmente com Polycarpo ou se trata de apenas uma causalidade de semelhança referente ao sobrenome Borges.

No levantamento realizado sobre Francisco de Paula Borges, após apurar alguns documentos que mencionam Francisco, chegou-se ao conhecimento que provavelmente trata-se de Francisco de Paula Borges casado com Giustina Maria em 4 de agosto 1844 na paróquia Sant'nna de Ponta Grossa, filho de Manoel Antonio e Giustina Maria<sup>11</sup>. Sendo ele natural de Palmeira. Com mais subsídios sobre Francisco de Paula Borges, ficará mais claro se existe ou não alguma relação de parentesco com Polycarpo.

9 Genealogista e colaborador no site Family Search.

10 “Livro de casamentos, nº 1, anos de 1845 a 1858, fls. 65 e 65 verso, termo sem número, da Paróquia Sant'anna de Ponta Grossa. Disponível em: <https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:3QSQ-G93H-61VR?i=68&cat=1483116> Acesso em: 7 set. 2021.

11 “Livro de casamentos, Caderno nº 2, anos de 1837 a 1845, fls. 45 e 55 verso, termo sem número, da Paróquia Sant'anna de Ponta Grossa. Disponível em: <https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:3QSQ-G93H-6BC2?i=51&cat=1483116> Acesso em: 7 set. 2021.

Continuando no assento, Polycarpo é colocado como natural da paróquia de Ponta Grossa, sem especificar em qual localidade de Ponta Grossa nasceu ou residia no momento do casamento. Sua idade ou data de nascimento estão ausentes.

Para entender o motivo do assento não possuir as idades dos noivos, é preciso recorrer a legislação da Igreja Católica, que na época era denominada de “As Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia de 1707”, que no título LXXIII nomeado como “Da obrigação de haver em cada igreja paroquial, livro, em que se assentem os casados, e como se farão os assentos dos casamentos”, discorria sobre as diretrizes de como o vigário deveria elaborar o assento de casamento. Os itens que deveriam ser assentados eram: [...] *seus nomes, e de seus pais, e mãis, e das testemunhas que forem presentes, e dia, lugar, e Igreja, onde se receberão, tudo por letra ao comprido, e não por algarismo, ou abreviatura [...]*<sup>12</sup>. Como pode ser visto não era pedido que se colocasse a idade dos nubentes e nem teria algum tipo de exceção, onde haveria previsão de adicionar a idade do casal que queria contrair matrimônio. O texto prossegue apresentando o que seria um exemplo correto de assento:

*Aos tantos de talz mez, de tal ano anno pela manhã, ou de tarde em tal Igreja de tal Cidade, Villa, Lugar, ou Freguezia, feitas as denunciações na forma do Sagrado Concilio Tridentino nesta Igreja, onde os contrahentes são naturaes, e moradores, ou nesta, e tal, e taes Igrejas, onde N. contrahente é natural, ou foi, ou é assistente, ou morador, sem se descobrir impedimento, ou tendo sentença de dispensação no impedimento, que lhe sahio, como consta da certidão, ou certidões dos banhos, que ficão em meu poder, e setença que me apresentarão, ou sendo dispensados nas denuciações, ou differidas para depois do Matrimônio por licença do Senhor Arcebispo, em presença de mim N. Vigario, Capellão, ou Coadjutor da dita Igreja, ou em presença de N. de licença minha, ou do Senhor Arcebispo, ou do Provisor N., e sendo presentes por testemunhas N. e N., pessoas conhecidas, (nomeado duas, ou tres das que se acharão presentes) se casarão em face da Igreja solemnemente por palavras N. filho de N., e de N., natural, e morador de tal parte, e freguez de tal Igreja, com N. filha de N., ou viuva que ficou de N. natural, e morador de tal parte, e Freguezia desta, ou de tal Parochia: (e se logo lhe der as benções acrescentará) e logo lhe dei as benções conforme aos ritos, e ceremonias da Santa Madre Igreja, do que tudo fiz este assento no mesmo dia, que por verdade assignei<sup>13</sup>.*

No tipo de modelo acima do que seria um assento dentro de um padrão aceitável pelas Constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia, em nenhuma parte aparece algum apontamento para que fosse inserido a idade dos noivos. Nessa configuração, o vigário Anacleto Dias Baptista, não estava incorrendo em nenhum descumprimento da norma da Igreja Católica quanto a escrita do assento de casamento.

12 VIDE, Dom Sebastião Monteiro da. *Constituições primeiras do Arcebispado da Bahia*. Brasília: Senado Federal, 2007, p. 130.

13 Ibid id, 2007, p. 130.

Sem a confirmação da idade pela falta da exigência em adicionar a idade dos noivos nos assentos, não há como confrontar com a idade apresentada no registro de óbito, tanto o efetuado civilmente, como o anotado na Igreja Católica, ambos em Ponta Grossa.

Mesmo sem muita direção, pela carência do registro de casamento, já aparece a primeira grande incongruência: levando em conta que a data de nascimento fixada em 1804 da lápide esteja certa, Polycarpo teria se casado pela primeira vez aos 52 anos. Pode-se argumentar, pois, que Polycarpo não tinha paróquia próxima da sua residência para realizar o casamento, apesar da Paróquia de Ponta Grossa ter iniciado os primeiros assentos de casamentos em 1826. Polycarpo teria, então, 22 anos, se nascido em 1804 e, portanto, ainda seria jovem.

Contudo não faz sentido pensar que Polycarpo esperou 30 anos desde o início dos assentos em Ponta Grossa para se casar somente em 1856 já cinquentenário, ainda que não se possa descartar totalmente que isso possa ter ocorrido. A igreja de Castro seria outra opção, já que registrava casamentos desde 1794 a paróquia de Palmeira começando a minutar os casamentos em 1813. Todavia, em nenhuma das duas paróquias foram encontrados registros de matrimônio em nome de Polycarpo e nem na paróquia Sant'anna de Ponta Grossa.

Continuando na obtenção de documentos sobre a trajetória de Polycarpo Ribeiro Borges, chega-se ao segundo casamento dele, identificado ao mesmo tempo pelos investigadores Paulo Santos, João Edilson Lopes<sup>14</sup> e Anderson Ricardo Ferreira Andrade<sup>15</sup>. O registro é de exatos 40 anos depois, já no ano de 1896, porém no município de Entre-Rios, que atualmente é o distrito de Guaragi, pertencente à Ponta Grossa:

*Registro de Casamento número 156 – Aos quatorze dias do mês de março de um mil oitocentos e noventa e seis, às dez horas da manhã, na sala da residência do cidadão Salvador Ribeiro de Sousa, nesta Villa de Entre Rios, comarca de Ponta Grossa, Estado do Paraná, perante o segundo juiz districtal em exercicio, cidadão Tibúrcio Pupo Ferreira, commigo escrivão do seu cargo abaixo nomeado e as testemunhas Capitão Jacintho Gomes d' Oliveira e Estevão Ribeiro d' Almeida, receberam se em matrimônio Pulycarpo Ribeiro Borges, filho de Francisca Borges, já fallecida e pai incógnito com sessenta e dois annos de idade viúvo, lavrador natural e residente neste districto, Claudina Maria de Sousa, filha de Isabel Maria do Espirito Santo, pai incógnito com trinta annos de idade, viúva natural de Campo Largo, e residente neste districto; os quaes no mesmo acto declaram-se que não tem parentesco entre si em gráo prohibido e nem tem qualquer impedimento legal conhecido que os inhiba de casar-se um com outro. Declaram mais que o contrahente de seu primeiro matrimônio tem os seguintes filhos – Anna, de trinta e cinco annos de idade mais ou menos, Antônio com trinta e dois annos mais ou menos, casado, Ildifonso com trinta annos de idade mais ou menos casado e que a contrahente não tem filhos algum, Do que*

14 Pesquisador e colaborador no site Family Search.

15 Professor e historiador licenciado pela UEPG – Universidade Estadual de Ponta Grossa. Colaborador no site Family Search.

*para constar lavro o presente termo, que todos assignam, assignando mais os cidadãos Alexandre Antônio Antunes, Apollinario Cândido dos Santos, a rogo dos contrahentes por não saberem ler nem escrever. Eu Salvador Ribeiro de Sousa escrivão que escrevi: Tibúrcio Pupo Ferreira, Alexandre Antônio Antunes, Apollinario Cândido dos Santos, Jacintho Gomes de Oliveira com cincoenta e oito anos de idade, negociante e morador neste districto, Estevão Ribeiro de Almeida com trinta e sete annos de idade, negociante e morador n'esta Villa. Salvador Ribeiro de Souza<sup>16</sup>.*

Dessa vez, a descrição é mais particularizada e com mais subsídios. É a partir desses novos elementos trazidos pela fonte que se identifica a segunda incompatibilidade de idade. Tendo em mente a data de nascimento (1804) presente na lápide e o ano do segundo matrimônio, Polycarpo deveria declarar ter 92 anos de idade, o que por si só seria bem estranho.

No entanto, indo na direção contrária, aparece no registro do segundo casamento a idade de 62 anos de idade e assim ele teria nascido no período compreendido entre 1830 e 1834.

Levando em consideração a falta de exigência quanto a qualidade dos registros mais antigos e aceitando uma variação de alguns anos, a idade de 62 anos, se coloca como uma data mais aceitável, mais próxima da realidade, reforçado com a proposição que, na data do primeiro casamento, Polycarpo teria a provável idade de 22 a 26 anos, ao invés dos 52 anos indicados pela data de nascimento na lápide. O quadro ficaria assim: Polycarpo casou pela primeira vez em 1856 com 22 a 26 anos e pela segunda vez em 1896 com 62 a 66 anos.

De todo modo, fica em xeque a condição de supercentenário como apontava a inscrição na lápide e a idade colocada nos documentos de óbito religioso e civil. Acolhendo o recorte de 1830 a 1834 como data de nascimento de Polycarpo, o mesmo estaria com 93 a 97 anos no momento de sua morte no ano de 1927, o que desfaz sua candidatura a supercentenário. Para não restar dúvidas foi consultado os livros das paróquias de Palmeira, Curitiba, Lapa, Guarapuava, Ponta Grossa e Castro entre o período de 1800 a 1840 aproximadamente e não foi localizado por ora, nenhum batizado que pudesse ser de Polycarpo Ribeiro Borges.

Voltando a este segundo casamento de 1896, a filiação de Polycarpo é a mesma do primeiro casamento 1856, constando só o nome da mãe: Francisca Borges. Também é descrito que Polycarpo era viúvo, assim como a noiva, e que ambos eram analfabetos, o que sugere se tratar de pessoas de uma classe menos abastada. As testemunhas do consorcio Jacintho Gomes d' Oliveira e Estevão Ribeiro d' Almeida, eram figuras proeminentes na região de Guaragi e constantemente aparecem em registros por terem ocupados cargos na burocracia estatal.

---

16 “Livro de casamentos, nº 1-B, anos de 1891 a 1900, fls. 103 verso, 104 e 104 verso, termo 156, do *Cartório de 1º Ofício do Guaragi (atual distrito de Ponta Grossa)*. Disponível em: <https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:9396-QD3M-35?view=indx&personArk=%2Fark%3A%2F61903%2F1%3A1%3ADYWX-XYZM&action=view>  
Acesso em: 7 set. 2021.

Prosseguindo sobre as pistas do casamento realizado em 1896, por serem analfabetos fica a dúvida se detinham conhecimento suficiente para atestar com a precisão a idade que declararam ao escrivão e principalmente em que documentos se fundamentaram.

Em contato com o cartório Sant'Anna que é responsável pelo extinto cartório de Guaragi onde foi realizado o casamento, foi relatado que não consta nenhum documento de nascimento nos autos da habilitação do casamento de 1896. O decreto 181 de 24-JAN-1890 do governo provisório da recém-instalada República, exigia para habilitação, a certidão de idade ou prova que a suprisse<sup>17</sup>.

Na prática, dado o contexto, na maioria dos casos a certidão de idade era substituída por essa prova que era uma consignação simples, como foi com Polycarpo e sua segunda esposa, como o cartório Sant'anna explicou ao ser indagado sobre os documentos da habilitação do casamento de Polycarpo.

É conhecido dos estudos genealógicos que erros em registros vitais como o casamento podiam ser causados pelo receptor da informação e não necessariamente pelo emissor. Isso não elimina o fato de que analfabetos estavam assentados em um “mundo social”<sup>18</sup> diferente de sujeitos letrados e o cuidado com as informações de temporalidade não se colocava como uma preocupação de primeira urgência. Os procedimentos metodológicos básicos impõem ao genealogista que ele não seja um simples transcritor de informações que não busca apurar e questionar a veracidade dos dados contidos nos documentos. Nesse contexto, parte-se da ideia de que a idade dos noivos colocada no assento de casamento de 1896, foi estimada pelo receptor ou emissor, ou em última hipótese pelos dois lados.

De qualquer forma tudo o que se depreende do segundo enlace matrimonial se mostra mais razoável e coerente e com mais chance de estar certo e indica um caminho bem antagônico ao da lápide.

Um exemplo dos constantes desacertos e equívocos pode ser visto nos documentos de óbito dos três filhos identificados do primeiro casamento de Polycarpo. Neles foram percebidas ambiguidades que demonstram que informações repassadas de forma errada pareciam ser corriqueiras.

O primeiro retrato vem de sua filha primogênita, Anna Ribeiro Borges

---

17 BRASIL. Decreto nº 181, de 24 de janeiro de 1890 - Promulga a lei sobre o casamento civil. Disponível: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-181-24-janeiro-1890-507282-publicacaooriginal-1-pe.html> Acesso em 15 dez. 2022.

18 O mundo social por ser entendido como a composição de “características culturais e de estruturas sociais, institucionais ou não, que fundamentam e guiam o comportamento daqueles que fazem parte deste mundo. Para que o indivíduo que nasce nesse meio o compreenda, ele deverá aprender os aspectos culturais vigentes dessa sociedade.” (MUNDO EDUCAÇÃO. *Sociabilidade e socialização: a construção do indivíduo*. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/sociologia/sociabilidade-socializacao.htm#:~:text=O%20mundo%20social%20%C3%A9%20composto,aspectos%20culturais%20vigentes%20dessa%20sociedade>. Acesso em: 17 mai. 2024.



que elucida como eram comuns as inexatidões de datas. Anna foi registrada com 117 anos no momento de seu falecimento, segundo declarado em sua certidão de óbito.

Portanto teria nascido por volta de 1827 antes do nascimento de sua mãe, provocando uma divergência grande e peculiar. Na busca por seu batismo encontrou-se ele sendo realizado em 9-FEV-1827 com a idade de um mês de vida. Em suma, a idade no óbito de Anna era absurda e fora da realidade.

O filho do meio, Antonio aparece no segundo casamento de Polycarpo com 32 anos, “mais ou menos” nos termos do assento. Sendo assim Antonio deveria ter nascido próximo de 1864. No entanto, na apuração dos assentos consegue-se saber que o seu batismo se deu na data de 3-AGO-1859<sup>19</sup>. É uma falha menor, quando comparado as outras duas, só que permanece a confusão temporal nas datas declaradas.

Por fim, o filho mais novo, Ildefonso incorreu no mesmo erro quanto à idade declarada no registro da morte, à semelhança de seus irmãos. O declarante apresentou a idade de 81 anos no óbito de Ildefonso, fazendo com que Ildefonso tivesse nascido em 1849, entrando em conflito com a idade de sua mãe. Com uma pesquisa mais atenta, averiguou-se que na verdade ele foi batizado a 17-SET-1862 com 6 meses de vida.

Com a incidência de tantos erros quanto à idade dos seus três filhos, em seus respectivos registros vitais, pode-se pensar que houve o mesmo incidente com o caso do falecimento de Polycarpo. Fica claro o desencontro de datas. Mas persiste a dúvida: quando e onde realmente Polycarpo teria nascido e sido batizado?

Os casamentos de 1856 e 1896 não resolvem totalmente o problema da idade de Polycarpo e tampouco advertem sobre o local de nascimento e batizado de Polycarpo. Um dos poucos caminhos parece ser a mãe Francisca Borges, declarada pelo noivo como já supracitado, o que explicaria a origem do sobrenome Borges, visto que o pai aparece como incógnito nos dois casamentos.

Da dita Francisca Borges até o momento não foi localizado nenhum registro, além do seu nome e que teve uma filha que seria irmã de Polycarpo, sem ter contraído matrimônio.

Essa irmã poderia ser outra via para ajudar na averiguação da vida de Polycarpo. O investigador Tiago Pereira<sup>20</sup>, conseguiu identificar a irmã de Polycarpo, de nome Maria do Belém ou Bethlem (em alguns registros) Borges. Como fonte direta existe o seu casamento em Ponta Grossa datado de 11-FEV-1857<sup>21</sup>, próximo do casamento de Polycarpo e Maria Marcelina de Souza, realizado

---

19 Contribuição de Silvio Rangel, Pesquisador e colaborador no site Family Search.

20 Pesquisador e colaborador no site Family Search.

21 “Livro de casamentos, nº 1, anos de 1845 a 1858, fls. 73 e 73 verso, termo sem número, da *Paróquia Sant’anna de Ponta Grossa*. Disponível em: <https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:3Q57-L93H-6R11?i=75> Acesso em: 10 mar. 2022.

um ano antes igualmente na freguesia de Ponta Grossa.

Como já foi relatado, os párcos de Ponta Grossa não primavam pelo detalhamento de informações nos assentos e por isso só é posto que Maria do Belém era filha natural de Francisca Borges e de pai incógnito, como o irmão Polycarpo. Sem mais registros diretos ou indiretos de Maria, pouco se pode propor sobre Polycarpo e suas divergências.

Seguindo adiante, o próximo item, vai abordar outras tipologias de fontes acerca da trajetória de Polycarpo Ribeiro Borges no que tange as suas respectivas idades, nos eventos de sua vida.

### **Mapeando outros documentos: testamento, Lista nominal de habitantes ou maços de população e alistamentos de eleitores**

O pesquisador pode e deve ampliar o seu leque de fontes, para além do tradicional tripé dos registros vitais: nascimento, casamento e óbito. Nessa direção foi levantado duas potenciais fontes alternativas aos eventos vitais. São eles o testamento e as lista de eleitores de Ponta Grossa.

A informação de um testamento deixado por Polycarpo aparece no óbito civil de 1927 visto que o escrivão alegava que Polycarpo “deixou testamento”.

Dada sua natureza complexa por revelar desejos pessoais o testamento é uma boa alternativa quando os registros genealógicos cessam. Em razão de sua forma, o testamento pode ser útil por trazer: “[...] a identificação do testador (nome, condição – no caso de libertos -, naturalidade, nacionalidade, filiação, domicílio, estado conjugal, nome de cônjuge, filhos, ofício), a indicação dos testamentários e herdeiros universais”<sup>22</sup>.

A filiação e naturalidade e demais itens – se estiverem presentes no testamento – precisa ser averiguada profundamente e o que ela pode ajudar no imbróglio envolvendo sua data de nascimento. Sendo assim, foi feito o contato com os tabelionatos de Ponta Grossa, assim como com o fórum de Ponta Grossa, e ainda o Museu do Tribunal de Justiça do Paraná, e em nenhum dos contatos houve sucesso na identificação do testamento.

Uma pesquisa mais acurada, poderá descobrir em qual arquivo está acondicionado o testamento, caso a fonte tenha sido preservada. O outro passo seria saber as condições de acesso quanto a consulta, leitura e transcrição do testamento e o que pode ser extraído da fonte, seja explicitamente ou implicitamente.

Os maços de população ou listas nominais de habitantes como também são conhecidos, se apresentam como mais uma opção de fonte para localizar a passagem de Polycarpo por Ponta Grossa.

---

22 SAMARA, Eni Mesquita.; TUPY, Ismênia. Spínola Silveira Truzzi. *História & Documento e metodologia de pesquisa*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010, p. 94.

Ao consultar o maço de população do ano de 1835<sup>23</sup>, do quarteirão do bairro do Carrapato, distrito da Freguesia de Ponta Grossa pertencente ao termo da cidade de Castro, encontra-se dois registros com o nome “Policarpo”.

No fogo número 1<sup>24</sup> do fazendeiro e tropeiro Antonio José Pereira Branco<sup>25</sup>, entre seus 42 escravos, percebe-se listado um Policarpo de 3 anos de idade, de cor negra e nascido no Brasil. Ou seja, nascido, por volta de 1832. Essa idade se aproxima do período de nascimento direcionado pelo segundo matrimônio de Polycarpo em 1896, que fica aproximadamente em 1834. Por outro lado, a condição de escravo e a cor da pele, contradiz o óbito de Polycarpo em 1927, que o classifica como um homem de cor branca, embora seus filhos Ildefonso e Anna, seriam de “cor morena” conforme seus assentos de óbitos.

Mais adiante, no fogo número 20<sup>26</sup> do casal Estevão José Ribeiro e *Francisca Roiz*<sup>27</sup> *Cardoza* (Francisca Rodrigues Cardoso), além de suas duas filhas e a agregada Maria, o recenseador mencionou três netos de Estevão e Francisca, e um deles chamava-se “Policarpo” de 3 anos, branco, nascido em território brasileiro. Como se vê a idade é a mesma do Policarpo recenseado no fogo de Antonio José Pereira Branco. O ponto de diferença é a cor da pele, que agora trata-se de um Policarpo branco, que vai de encontro com o óbito de Polycarpo lavrado em 1927, que o declarante afirmou ser um indivíduo de pele branca.

O segundo nome Ribeiro, estaria explicado o motivo de Polycarpo adotá-lo, isto é, pela proximidade com o suposto avô, só restando entender a origem do sobrenome Borges.

No fogo de Antonio José Pereira Branco, não existe nenhuma Francisca como escrava ou agregada. No fogo de Estevão José Ribeiro ao contrário, uma de suas filhas, cognominava-se, Francisca de 28 anos, brasileira e casada. O sobrenome dela não é citado, algo que parecia padrão nesse maço de 1835.

Foi observado que praticamente todos filhos dos donos dos fogos recenseados não tiveram declarados os sobrenomes, mesmo os já bem adultos. O marido de Francisca, não foi elencado como morador do fogo. A irmã de Francisca,

---

23 O maço em questão de 1835, foi escolhido, por ser um dos mais completos dos ainda disponíveis e dentro do período de nascimento de Polycarpo.

24 ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SÃO PAULO [APESP], *Maços de População, Vila de Castro*, 1835: fogo nº 1 e 20, pp, 1-1v.

25 Antonio José Pereira Branco nasceu em 1777 na vila de Lages. Era filho do português Antonio José Pereira e da brasileira Maria Thereza de Jesus. Foi conhecido por ser tropeiro, criador e dono de grande escravaria. Foi casado com Balbina Iria da Piedade Guimarães que desse consorcio gerou 5 filhos. Faleceu em Ponta Grossa, no dia 2 de julho de 1866.

26 ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SÃO PAULO [APESP], *Maços de População, Vila de Castro*, 1835: fogo nº 1 e 20, pp, 1-1v e 5.

27 Segundo Maria Helena Ochi Flexor em seu dicionário, *Roiz* seria abreviatura de *Rodrigues*. In: FLEXOR, Maria Helena Ochi. *Abreviaturas: manuscritos dos séculos XVI ao XIX*. 3 ed. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2008, p. 366.

de nome Feliciano, tinha 16 anos e dificilmente seria mãe de Polycarpo e dos outros dois netos de Estevão levando em conta uma lógica temporal mínima. Por certo, esse Polycarpo e seus – talvez – irmãos eram todos filhos da dita Francisca.

O registro do fogo de Estevão José Ribeiro conta com a observação de que ele vivia de trabalhos por jornadas e que o mesmo vivia com sua família “de favor”, o que também esclareceria a condição econômica mais baixa de Polycarpo Ribeiro Borges que os documentos levam a sugerir.

Na lista nominativa de habitantes da freguesia de Ponta Grossa de 1846<sup>28</sup>, pertencente a vila de Castro, foi elaborado uma relação nominal de 1558 cidadãos de Ponta Grossa, sendo 804 homens (51,6%) e 754 mulheres. (48,3%)<sup>29</sup>. Essa lista nominativa de 1846 se distingue dos maços, por ser muito mais sucinta e objetiva, trazendo uma espécie de número do habitante, seus prenomes e sobrenomes – apesar de não ser um padrão constar os sobrenomes dos habitantes – e suas idades. A parte disso, a lista os recenseadores não levantaram mais dados da população de Ponta Grossa. Foram encontradas duas entradas como “Polycarpo Ribeiro” e uma com o prenome “Polycarpo” sem sobrenome. Com a falta de identificação dos bairros da freguesia de Ponta Grossa, como no maço de 1835, não tem como saber com exatidão a região de residência nessa lista nominal de 1846.

O primeiro caso seria um “Polycarpo Ribeiro” com 50 anos em 1846. Considerando que a idade da lista estava correta, seu nascimento seria em torno de 1796, o que deixa sua candidatura bem remota por destoar fortemente desde as datas presentes nos documentos, inclusive do admissível erro na data de nascimento inscrita na sepultura de Polycarpo Ribeiro Borges.

O próximo Polycarpo Ribeiro, teria 26 anos em 1846, que faz com que se estime que nasceu perto de 1820. Não tem uma diferença tão disforme com seu primeiro casamento em 1856.

O último Polycarpo – sem sobrenome – surge com 16 anos, fazendo que fique próximo de 1830 o seu ano de nascimento. Usando uma margem de erro de dois anos para mais ou para menos, esse jovem Polycarpo guarda similaridade com seus homônimos recenseados em 1835 nos domicílio de Antonio José Pereira Branco e Estevão José Ribeiro. Como foi explicado essa lista nominal é marcada por ser sintética e direta, que não permite induzir se a semelhança com os Polycarpes do maço de população de 1835 tem uma relação real, ou é uma mais um caso clássico de homonímia.

Continuando na busca de mais documentos sobre a biografia de Polycarpo, foi consultada quatro listas de eleitores dos anos de 1871, 1875, 1880 e 1890, todas na cidade de Ponta Grossa.

---

28 A escolha da lista nominal de 1846, seguiu o mesmo critério do maço de 1835, de ter a disposição dados mais completos e ter mais chances de identificar Polycarpo entre a adolescência e vida adulta. É preciso esclarecer que os maços e listas nominais de Castro só vão até 1847 e a lista de 1846 era uma das últimas mais completas em dados.

29 Ponta Grossa só iria se emancipar de Castro, nove anos depois em 1855.

Antes de ler as listas é importante recordar que a Constituição de 1824, que era a lei que regulava as eleições determinava a criação de listagens de cidadãos aptos a votar levando em conta sua renda de modo que fosse possível estabelecer se determinado indivíduo estava dentro dos critérios ou não para poder exercer o voto.

Para a genealogia uma lista de eleitores vai muito além de saber quem eram as pessoas com a renda mais alta e o jogo político. Elas permitem saber informações vitais para o estudo genealógico como: idade, filiação, nível de alfabetização, domicílio, estado civil e claro a já citada renda.

A primeira lista disponível que foi sondada é do ano de 1871<sup>30</sup> e trazia idade, estado civil, localidade e profissão. No 5º quarteirão de Ponta Grossa, é possível visualizar um indivíduo chamado Policarpo Ribeiro, contando com 50 anos no momento do alistamento. Era viúvo e como profissão é colocado como lavrador.

Outra lista é a de 1875<sup>31</sup>, e, novamente, no 5º Quarteirão de Ponta Grossa foi listado um Policarpo Ribeiro. Os dados expostos são quase os mesmos da lista de 1871, com exceção da localidade que é substituída pela renda. O dito Policarpo seria casado diferente do anterior que era viúvo. Era lavrador e tinha uma renda de 400 réis que impedia de ser elegível e o que mais interessa que é a sua idade, colocado em 53 anos.

Cinco anos depois na terceira lista de 1880<sup>32</sup>, os listados são muito mais dissecados, não sendo levantado somente nome, idade, residência, estado civil, profissão e a elegibilidade como nas listas anteriores. Agora parecia interessar o nível de instrução com o campo “sabe ler e escrever” e uma preocupação maior com a renda real dos alistados, com a aparição de três tipos de renda: conhecida, provada e presumida. Também agora vinha algo importante para a genealogia que era a filiação paterna. Em alguns casos havia as observações como a situação de um falecimento por exemplo.

Ao se olhar mais atentamente nessa lista de 1880, nos eleitores dos quarteirões da localidade “Carrapatos”<sup>33</sup> à época vinculada a Ponta Grossa encontra-se duas ocorrências.

---

30 BRASIL. Diretoria Geral de Estatística. *Alistamento dos eleitores do Município de Ponta Grossa – 1871*, p. 187v. Link: <https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:9396-8J93-DL?i=1803&cc=2016194&cat=1147987>

31 BRASIL. Diretoria Geral de Estatística. *Alistamento dos eleitores do Município de Ponta Grossa – 1875*, p. 108v. Link: <https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:9396-8J9S-QK?i=2006&cc=2016194&cat=1147987>

32 BRASIL. Diretoria Geral de Estatística. *Alistamento dos eleitores do Município de Ponta Grossa – 1880*. pp. 27 verso 28 e 75 verso e 76.

33 Conhecido como na época com “Bairro do Carrapatos” na então freguesia de Ponta grossa.

O primeiro registro é no 4º quarteirão de Carrapatos onde é listado um Policarpio Rodrigo Borges de 57 anos, casado, analfabeto. As rendas conhecida e provada está em branco e a presumida ficou em 30 mil réis, que não permitia que pudesse votar e nem ser votado. A parte mais relevante seria a filiação, que está como filho de pai incógnito.

Seria o segundo nome *Rodrigo* ou *Ribeiro* - como costumeiramente ele usava -, um erro do recenseador ao invés do *Rodrigues*, o sobrenome de sua pretensa avó materna Francisca Roiz (Rodrigues) Cardoza? É difícil saber por ora e necessita-se de mais fontes.

A outra ocorrência é no 9º quarteirão de Carrapatos e coincidentemente tem os mesmos elementos informativos do primeiro caso. A única alteração é idade e o prenome e sobrenome, ainda que bem semelhante: Polycarpo Borges de 27 anos.

Na lista feita com a República recém instalada data de 19 de julho de 1890<sup>34</sup>, não se deparou-se com nenhum Polycarpo ou prenome semelhante. Alguns meses depois em outubro, a região de Carrapatos pertencente a Ponta Grossa iria se desmembrar para constituir-se como o município de Entre-Rios<sup>35</sup>, que entre mudanças de nomes e idas e vindas entre as cidades da região, desde 1957 é o distrito de Guaragi administrado pela cidade de Ponta Grossa.

É recomendável examinar cada um dos registros encontrado nas listas para ter uma dimensão maior do que foi apurado nos documentos.

No primeiro caso de 1871 a idade não é tão destoante, o que deixa margem para estimar que o Polycarpo dessa lista nasceu por volta de 1821 contudo, o estado civil entra em desacordo, pois sabe-se por registro de óbito, que Polycarpo ficou viúvo em 1888. O sobrenome Borges, não aparece, o que é importante salientar pela importância que Polycarpo dava ao sempre declarar nos registros vitais.

Prosseguindo com a lista de 1875, ela se assemelha bastante com a lista de 1871 calculando a proporção de idade e anos. O que conta a seu favor, é o estado civil que muda para casado. Isso poderia uma pista de erro de preenchimento da primeira lista? Ainda não foi possível compreender totalmente.

Em relação aos dois pretensos registros da lista de 1880, é preciso examina-los em separado.

O primeiro alistado com 57 anos, que subtraindo 57 anos de 1880 chega-se à data de 1823, fica mais próximo data sugerida de 1834 pelo segundo casamento, como sendo a mais próxima da real, porém ainda com uma década de distância. Outro problema seria resolver se houve desacerto no nome Rodrigo e Ribeiro substituindo o certo que seria *Rodrigues*, sobrenome esse que teria vindo de uma suposta avó materna já mencionada no maço de população de 1835 ou se apenas foi um nome similar que leva a impressão de erro.

34 BRASIL. Diretoria Geral de Estatística. *Alistamento dos eleitores do Município de Ponta Grossa – 19 de julho de 1890*.

35 Sua criação é datada em 4 de outubro de 1890, pelo Decreto Lei nº 117.

No segundo nome com a idade apresentada de 27 anos, estima-se ter nascido em 1853 e dessa forma, não se encontra harmonia temporal com o ano estimado de nascimento e nem com a data do primeiro casamento em 1856.

Relacionando os registros das listas de 1871, 1875 e 1880, com o Policarpo Ribeiro de 26 anos da lista nominal de 1846, existe uma chance de serem a mesma pessoa. O ano de nascimento entre 1820 e 1823 tem uma verossimilhança acentuada levando em conta as variações que eram recorrentes na época, ainda que se distanciem em uma década do período considerado mais admissível, no campo dos anos de 1830 a 1834. Aliás, somente o Policarpo adolescente da lista de 1846 fica no recorte temporal de 1830 a 1834.

Sobre a ausência na lista de 1890, o documento tardio de óbito da primeira esposa em 1896 que Policarpo foi o declarante ajuda a sugerir que Policarpo continuou a viver na região no agora novo município de Entre-Rios. Isso explicaria o fato de não ser alistado em 1890 na cidade de Ponta Grossa e seus distritos. Não conseguiu se obter listas de Entre Rios.

De 1891 em diante é certo que Policarpo tenha sido impedido de votar por ser analfabeto. Essa situação de restringir o voto aos analfabetos era prevista na Constituição dos republicanos outorgada em 1891<sup>36</sup>.

Fazendo um balanço chega-se em duas aferições mais seguras. Visivelmente Policarpo vivia na localidade de Carrapatos, atualmente território do Guaragi, distrito de Ponta Grossa e lá permaneceu boa parte de sua vida, e só demonstra ter se mudado para Ponta Grossa na parte final de sua vida. Confrontando os dados ficou claro que é assertivo dizer que Policarpo nasceu entre 1820 e 1834.

Ao que se refere a transmissão de sobrenomes, nos registros é constante o segundo nome ou sobrenome Ribeiro. O sobrenome Borges só surgiu uma única vez. O prenome Policarpo é listado por Nathan Camilo como um prenome masculino com referência ao santo católico, a saber, São Policarpo de Esmirna, seguindo recomendação da Igreja Católica em dar preferência a prenome de santos<sup>37</sup>.

Ainda assim, a característica das fontes primárias arroladas acima, de nem sempre serem detalhadas – como deseja-se –, diminui consideravelmente o nível de correlação entre os registros encontrados durante a procura empreendida, inclusive na dinâmica de nomeação de Policarpo Ribeiro Borges.

Restou então fazer todas as aproximações mais próximas de uma realidade temporal e espacial que fossem factíveis e que não compromettesse a qualidade da pesquisa.

---

36 Art 70 - São eleitores os cidadãos maiores de 21 anos que se alistarem na forma da lei. § 1º - Não podem alistar-se eleitores para as eleições federais ou para as dos Estados: [...] 2º) os analfabetos [...] (BRASIL, 1891).

37 CAMILO, Nathan. *“É preferível bom nome a muitas riquezas”: dinâmica das práticas de nomeação no extremo sul do Brasil entre o final do século XVIII e o início do século XIX*. 2016. 227 f. Dissertação (Mestrado em História – Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos, São Leopoldo, p. 196.

Destarte, na próxima seção será considerada algumas hipóteses ao considerar todo o material estudado.

### Proposições e conjecturas

Avaliado todo o material exposto, propõem-se que Polycarpo Ribeiro Borges nasceu em 5 de agosto entre 1820 a 1834 e não 1804, data essa com muitas chances de se tratar de um desacerto com o cruzamento dos documentos conforme esmiuçado nos parágrafos anteriores.

Era filho natural de Francisca Borges e de pai desconhecido. Já adulto casou-se em primeiras núpcias a 12-JAN-1856 em Ponta Grossa com Maria Marcelina na faixa dos 22 a 36 anos. Viúvo, contraiu matrimônio pela segunda vez, agora na casa 62 aos 76 anos, em 14-MAR-1896, no então município de Entre-Rios, atual distrito de Guaragi, vinculado ao município de Ponta Grossa.

Tendo o seu passamento aos 16-MAR-1927 em Ponta Grossa, perto dos 93 a 107 anos, 7 meses e 20 dias. Esses meses e dias são percebidos na sua lápide, no cemitério de Ponta Grossa.

No quadro a seguir, estão organizadas as ideias postuladas para melhorar a visualização e o entendimento sobre delas:

Quadro 1: Hipóteses

	<b>Polycarpo</b>	<b>Cidade(s) ou distrito(s)</b>
<b>Nascimento</b>	5- AGO entre os anos de 1820 e 1834;	Ponta Grossa
<b>Batizado</b>	Não encontrado	Não encontrado
<b>Local de nascimento ou residência</b>	Bairro do Carrapatos na Freguesia da Ponta Grossa, nos dias atuais, território de Guaragi distrito de Ponta Grossa.	Ponta Grossa; Entre Rios; Guaragi.
<b>Casamentos</b>	1º: 12-JAN-1856; 2º: 14-MAR-1896;	Ponta Grossa e Entre-Rios/ Guaragi
<b>Idades nos casamentos</b>	1º Casamento: 22 a 36 anos; 2º Casamento: 52 a 77 anos;	Ponta Grossa e Entre-Rios/ Guaragi
<b>Morte</b>	16-MAR-1927;	Ponta Grossa
<b>Idade ao falecer</b>	93 a 107 anos.	Ponta Grossa

Fonte: Elaboração do autor.



Seguindo na busca de outras fontes, além das genealógicas, não obstante, teve-se acesso a um registro de terras<sup>38</sup> de 1895 no então município de Entre-Rios, que após idas e vindas resultou no distrito de Guaragi<sup>39</sup>, no nome de Polycarpo Ribeiro Borges. Como é de caráter do documento, ele é formal e descritivo do terreno e citam-se nominalmente os confrontantes. O documento descreve a doação de um terreno por um indivíduo chamado Feliciano Cardoso de Sousa e sua esposa que não é nomeada.

O doador Feliciano foi testemunha do primeiro casamento de Polycarpo realizado em 1856 e padrinho de batismo de Antonio, o segundo filho de Polycarpo, onde se tem a informação que o nome da esposa dele era, Feleciana Maria como se observa no assento de batismo.

O casal aparenta ter tido importância grande na vida de Polycarpo, seja sendo padrinhos de batismo, testemunha de casamento e depois cedendo até mesmo um terreno a Polycarpo que formalizou fazendo o registro da terra no cartório de Guaragi.

Na qualificação de Polycarpo durante o processo do registro do terreno, infelizmente não é atestada sua idade ou naturalidade. Pelo caráter do documento ser descritivo e factual não houve como progredir na solução do caso de Polycarpo. Como já visto um ano depois em 1896, com a propriedade legalizada se casaria pela segunda vez com Claudina Maria de Sousa, todavia ainda analfabeto e dependente de terceiros para administrar sua vida.

Com a identificação de outras fontes sobre a trajetória de Polycarpo, as chances de se chegar a um parecer mais amplo sobre qual era a verdadeira data de nascimento irão aumentar substancialmente. É um desafio que fica para pesquisas futuras.

### **Considerações finais:**

O trabalho se apoiou em fontes primárias genealógicas de eventos vitais que possibilitou refletir sobre uma pretensa legítima idade de Polycarpo Ribeiro Borges e comparar com a data na sepultura que impulsionou toda a curiosidade sobre a probabilidade de Polycarpo ter sido um supercentenário.

Uma fonte fora do escopo genealógico foi o registro de terras que Polycarpo fez para regularizar o pedaço de terra doado por seu compadre e padrinho de casamento. Infelizmente não houve como extrair dela nada relevante

---

38 PARANÁ. *Livro de registro número 35 de terras de Entre-Rios*. N. 210. Termo de registro de terras pertencente a Polycarpo Ribeiro Borges, no “Alegre”, Boa Vista como abaixo se declara. Arquivo Público do Paraná, p. 248 e 249.

39 Neste momento Entre-Rios era um município com sua criação atribuída em 4-OUT-1890, pelo Decreto Lei nº 117. Atualmente Guaragi é um distrito pertencente a Ponta Grossa.

para resolver a pendência da idade ou naturalidade de Polycarpo. Na continuidade de fontes alternativas aos registros vitais, foi a avaliação das listas de eleitores de Ponta Grossa de 1871, 1875, 1880 e 1890, que autorizou o surgimento de mais contributos as hipóteses propostas.

Depois de submeter todas as fontes arroladas e comparar umas com as outras, chega-se à conclusão de uma falha em relação a sua data de nascimento de 5-AGO-1804, inscrita em sua lápide e que gera muitas confusões com homônimos na região de Ponta Grossa. Tudo isso contribui para deixar o equívoco invisível, mesmo quando analisado por outros investigadores.

Essa data de nascimento gravada na lápide de Polycarpo se mostrou incorreta quanto a sua precisão temporal até onde foi acurado e não se chegou a outra data no mesmo ano ou mês nos registros consultados durante a pesquisa.

Conseguiu-se, chegar próximo de datas de nascimentos mais plausíveis e dentro de uma coerência temporal, apontando para um provável engano de datas, evidenciado por elementos desconstruídos e misturados, os quais levaram ao equívoco na hora de escrever a data na sepultura de Polycarpo.

Em que pese, a falta de mais fontes primárias que tragam informações mais seguras da idade ou data de nascimento do biografado em períodos anteriores aos seus dois casamentos e o seu óbito, e ao contrabalancear o teor das fontes encontradas, deve-se levar em conta que existia uma relação complexa e nem sempre padronizada entre os receptores (igreja e cartórios) e o emissor, a saber, Polycarpo Ribeiro Borges, em relação as informações prestadas ou solicitadas. É com a chegada de novas fontes primárias que vão levar a entender melhor esse entrelaçamento das informações verbais e escritas.

Vale reafirmar que determinadas fontes primárias pelo seu contexto de produção assumem um caráter sintético, lacunar e conciso, que cria entraves para estabelecer uma conexão entre os registros e a figura de Polycarpo Ribeiro Borges.

Para terminar, é sempre lúcido destacar que a figura de Polycarpo Ribeiro Borges implica uma série de complexidades a se considerar quando se tenta rastrear sua biografia, por isso a pesquisa não termina aqui e quem sabe mais à frente se consiga enfim chegar a um veredito mais apurado se Polycarpo foi ou não um supercentenário. Por ora, ficou evidenciado, diante de todo o exposto que não existe possibilidade real de Polycarpo Ribeiro Borges ter sido um supercentenário.

## Referências

BRASIL. *Decreto nº 181, de 24 de janeiro de 1890 - Promulga a lei sobre o casamento civil*. Disponível: [https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-181-24\\_janeiro-1890-507282-publicacaooriginal-1-pe.html](https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-181-24_janeiro-1890-507282-publicacaooriginal-1-pe.html) Acesso em 15 dez. 2022.

BRASIL. *Constituição (1891) – Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil: promulgada em 24 de fevereiro de 1891*. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao91.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao91.htm) Acesso em 15 dez. 2022.

CAMILO, Nathan. “*É preferível bom nome a muitas riquezas*”: *dinâmica das práticas de nomeação no extremo sul do Brasil entre o final do século XVIII e o início do século XIX*. 2016. 227 f. Dissertação (Mestrado em História – Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos, São Leopoldo.

FLEXOR, Maria Helena Ochi. *Abreviaturas: manuscritos dos séculos XVI ao XIX*. 3 ed. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2008.

MUNDO EDUCAÇÃO. *Sociabilidade e socialização: a construção do indivíduo*. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/sociologia/sociabilidade-socializacao.htm#:~:text=O%20mundo%20social%20%C3%A9%20composto,aspectos%20culturais%20vigentes%20dessa%20sociedade>. Acesso em: 17 mai. 2024.

SAMARA, Eni Mesquita.; TUPY, Ismênia. Spínola Silveira Truzzi. *História & Documento e metodologia de pesquisa*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

VIDE, Dom Sebastião Monteiro da. *Constituições primeiras do Arcebispado da Bahia*. Brasília: Senado Federal, 2007.

**Fontes primárias:**

*ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DE SÃO PAULO [APESP]*, Maços de População, Vila de Castro, 1835: fogo nº 1 e 20, pp, 1-1v e 5.

Lápide de Polycarpo Ribeiro Borges. Acervo pessoal de André Rosa.

PARANÁ. *Livro de registro número 35 de terras de Entre-Rios*. N. 210. Termo de registro de terras pertencente a Polycarpo Ribeiro Borges, no “Alegre”, Boa Vista como abaixo se declara. Arquivo Público do Estado do Paraná.

**Family Search:**

*Brasil, Paraná, registros da Igreja Católica*: COLLECTION RECORD, 1704-2008. Disponível em: <https://www.familysearch.org/search/catalog/2177282>. Acesso em: 15 dez. 2022.

*Registros civis de Ponta Grossa-PR. Brasil, Paraná, registro civil*: COLLECTION RECORD, 1852-1996. Disponível em: <https://www.familysearch.org/search/catalog/2016194>. Acesso em: 15 dez. 2022.

Óbito de Polycarpo Ribeiro Borges:

“*Brasil, Paraná, Registro Civil, 1852-1996*,” database with images, FamilySearch (<https://familysearch.org/ark:/61903/3:1:9396-3NS2-6?cc=2016194&wc=MHNZ-46D%3A337684801%2C337684802%2C340014601> : 23 February 2020), Ponta Grossa > Ponta Grossa > Óbitos 1926, Set-1927, Jul > image 116 of 205; Corregedor Geral da Justiça da Paraná (Paraná General Justice Office), Curitiba.

Casamento Civil de Polycarpo Ribeiro Borges e Claudina Maria de Sousa:

“*Brasil, Paraná, Registro Civil, 1852-1996*,” database with images, FamilySearch (<https://familysearch.org/ark:/61903/3:1:9396-QD3M-35?cc=2016194&wc=MHNF-86X%3A337684801%2C341094301%2C341112601> : 5 October 2022), Ponta Grossa > Guaragi > Matrimônios 1891, Jan-1900, Nov > image 107 of 200; Corregedor Geral da Justiça da Paraná (Paraná General Justice Office), Curitiba.

## A ANTIGA TATUÍ E A SESMARIA SOBRE A MARGEM DO RIO SOROCABA

*Marcel Wagner Defensor Dias*

**Resumo:** *Apresentação de recorte de trabalho inédito sobre o início da história de Tatuí/SP. Este pequeno trecho retrata a biografia de um dos primeiros proprietários de terra da região, Miguel João de Castro, e o histórico desde a concessão até a divisão entre herdeiros de sua sesmaria.*

**Abstract:** *Presentation of an unpublished work on the early history of Tatuí, São Paulo. This brief excerpt depicts the biography of one of the first landowners in the region, Miguel João de Castro, and the history from the grant of his land to its division among the heirs of his sesmaria.*

### Introdução

Prestes a comemorar seu segundo centenário em 2026, Tatuí – cognominada “Capital da Música” ou ainda “Cidade Ternura”<sup>1</sup> – é um município paulista com aproximadamente 123 mil habitantes, situado no sudoeste do estado, dentro de um “triângulo” formado entre os municípios de Sorocaba, Itapetininga e Botucatu. Dentro deste recorte territorial é o principal município da Região Geográfica Imediata de Tatuí<sup>2</sup>, o que indica que os demais municípios pertencentes a esta mesma divisão são diretamente ou indiretamente dependentes de Tatuí ou a têm como referência de primeira opção, em questões econômicas, de saúde, educação e de demais serviços.

Coincidentemente, estes outros municípios da Região Geográfica – que são Cesário Lange, Pereiras, Porangaba, Torre de Pedra e Quadra – fizeram parte do território tatuiano antes de suas respectivas emancipações. Outros municípios vizinhos também chegaram a fazer parte de Tatuí, como Guareí, Bofete e Conchas.

---

1 “Capital da Música” é um título antigo, porém oficializado pela lei estadual 12.544 de 2007, por este município ser a sede do Conservatório Dramático e Musical Dr. Carlos de Campos, instalado em 1954, responsável por cursos de música, luteria e artes cênicas. Já “Cidade Ternura” é um título popular que se refere à hospitalidade de seus habitantes.

2 Parte da Divisão Regional do Brasil utilizada pelo IBGE como sugestão de metodologia de instrumentalização e integração de análises e expectativas dos órgãos de planejamento estaduais.

Porém, Tatuí e aqueles 6 anteriores são os que mais dividem entre si um passado histórico, populacional, genealógico e econômico.

Isso faz com que seja um erro levantar material sobre a história de quaisquer um desses municípios sem que se analise os demais que fizeram parte da “Antiga Tatuí” – que é como me referirei a esta região neste trabalho. Estes arredores já eram conhecidos por “Tatuí”<sup>3</sup> desde 1709, quando foi concedida a primeira sesmaria<sup>4</sup> aos sertanistas moradores de Itu José de Campos Bicudo<sup>5</sup> e seu genro Antônio Rodrigues Velho<sup>6</sup> para que estes criassem gado.

Dentro de um intervalo de 100 anos, esta velha sesmaria acabou por ser dividida em três partes: a “Fazenda de Tatuí”, vendida por José aos Frades do Convento de Itu<sup>7</sup> - e que deu origem ao núcleo do atual município; uma segunda

3 Palavra de origem tupi que, em tradução livre, significa “Rio do Tatu”.

4 Concessão realizada na data provável de 10-NOV-1709 pelo donatário da Capitania de Itanhaém, descrita como “[...] seis legoas de terras, no districto da villa de Nossa Senhora da Ponte na paragem denominada Ribeirão de Tatuí, com todos os campos e restingas para pastos de seu gado, como tambem Tatuí-mirim thé o Canguera, com a largura que tiver, com mais trez legoas em quadra no Tatuí-guassú e Canguary, trez legoas para a banda do caminho de Intucatuí, seis legoas correndo paraguay abaixo para a parte do Paranapanema [...]”. A primeira bibliografia contendo este documento foi escrita pelo Dr. Laurindo Dias Minhoto, a ser mencionada mais adiante, ref. 12. Porém, nela é datado “10-NOV-1609”, o que se trata de erro crasso, provavelmente de transcrição, pois à esta data não existia a vila de Nossa Senhora da Ponte (de Sorocaba) nem havia nascido seus sesmeiros. Há outro erro no texto, informando que o sesmeiro se chamaria “João”, e não José de Campos, cujo engano será comprovado adiante, na venda da propriedade.

5 JOSÉ DE CAMPOS BICUDO, nascido a 26-JUN-1657 em Santana do Parnaíba/SP (LEME, Pedro Taques de Almeida Paes. *Nobiliarchia Paulistana Historica e Genealogica*. 3ª ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, Tomo II, p. 185, 1953) e falecido a 13-JUN-1731 em Itu/SP (LO - N.S.<sup>a</sup> da Candelária, Itu/SP, 1684-1768, p. 48 v), filho de Felipe de Campos Vanderborg e Margarida Bicudo. Se casou com INÊS MONTEIRO DA SILVA, filha de Bento Pires Ribeiro e Sebastiana Leite da Silva. Obs.: neste artigo usarei as abreviaturas “LB” para “Livro de Batismo”, “LM” para “Livro de Matrimônio” e “LO” para “Livro de Óbito”.

6 ANTÔNIO RODRIGUES VELHO, nascido a 1678 em Curitiba/PR (FREITAS, Orlando Ferreira de; FONSECA, Maria Beatriz de Freitas. *Genealogia e Histórias do Cercado de Pitangui*. Nova Serrana: Usina do Livro Gráfica e Editora, Tomo I, p. 545, 2013) e falecido a 1760 em Pitangui/MG (*Ibid.*, p. 546), filho de Garcia Rodrigues Velho e Isabel Bicudo. Se casou com MARGARIDA BICUDO DE CAMPOS, nascida a 02-JUN-1688 em Pitangui/MG (LEME, ref. 5, p. 186), filha de José de Campos Bicudo e Inês Monteiro da Silva.

7 “[...] Huma Fazenda de Gado Vacum no Distrito de Sorocaba, chamado Tainhi (sic) comprada a Joze de Campos Bicudo por 500\$000 r com Sesmaria e posse Judicial em 1709 tem 3 legoas em quadra [...] A Fazenda de Tatuhy, com 526 Cabeças de Gado Vacum. Quatro foreiros pagão annualm.e aesta Caza 4\$740 r.” (Relação de Bens do Convento do

parte que se chamava “Fazenda Guareí” e pertenceu a um filho de José, Felipe de Campos Bicudo<sup>8</sup>, sertanista ituano, e que de suas terras mais a leste se deu a origem da “Fazenda do Paiol”<sup>9</sup>, ainda existente; e uma terceira parte que ficou abandonada, sem dono, “devoluta”, entre estas duas primeiras. Apesar de terem se instalado outras sesmarias na região entre a Antiga Tatuí e Itapetininga, todas estas tinham a mera finalidade de criar ou estocar gado vacum<sup>10</sup> vindo do Sul. Seus proprietários eram pessoas que os negociavam em Sorocaba ou outros núcleos de comércio mais adiante, como Minas Gerais, Cuiabá e Santos.

O início da utilização das terras da Antiga Tatuí para agricultura comercial ou de subsistência ocorreu principalmente após 1810, com a chegada de inúmeros posseiros vindos de Porto Feliz – que englobava a atual Tietê, Cerquilha e Boituva - e Sorocaba, se estabelecendo sem título de propriedade formal, principalmente nas terras devolutas da sesmaria de José de Campos Bicudo ou em outras terras sem proprietário localizadas em seus arredores.

A concessão de sesmarias nestas terras ocupadas por estes posseiros começou em 1819, de forma que em 1822 – ano que se extinguíram as concessões – existiam no mínimo 11 sesmarias vizinhas umas às outras, cobrindo quase todo o território entre Tatuí e Bofete.

Entretanto, a primeira sesmaria dentro da Antiga Tatuí utilizada com finalidade agrícola foi concedida pouco menos de duas décadas antes, em 1803, e é sobre ela que este trabalho tratará. Também é a sesmaria mais antiga na qual alguns de seus herdeiros – depois proprietários - fizeram parte do povoamento de Tatuí.

Esta “pré-história” tatuiana, anterior à demarcação de suas primeiras ruas, em 11-AGO-1826 – data atualmente comemorada como “fundação”<sup>11</sup> do povoado

---

Carmo de Itu, 1796 *apud* Mappa Geral dos Conventos e Hospícios de Religiozos que ha nesta Capitania de S. Paulo com o número de escravos que possuem, 1798).

8 FELIPE DE CAMPOS BICUDO, batizado a 23-MAIO-1706 em Itu/SP (LB - N.S.<sup>a</sup> da Candelária, Itu/SP, 1698-1721, p. 66 v) e falecido a 14-AGO-1762 em Itu/SP (LO – N.S.<sup>a</sup> da Candelária, Itu/SP, 1684-1768, p. 169), filho do segundo casamento de José de Campos Bicudo, tomado junto a Maria Francisca de Almeida. Se casou em 13-MAR-1728 em Itu/SP (LM – N.S.<sup>a</sup> da Candelária, Itu/SP, 1703-1728, p. 98) com ISABEL DE ARRUDA, batizada a 24-OUT-1711 (LB – N.S.<sup>a</sup> da Candelária, Itu/SP, 1698-1721, p. 121) e falecida a 04-DEZ-1761 em Itu (LO – N.S.<sup>a</sup> da Candelária, Itu/SP, 1684-1768, p. 159 v), filha de Miguel de Arruda e Sá e Maria de Almeida Pimentel.

9 A Fazenda Guareí depois se tornou de seu filho, o Sargento-Mor de Itu Estanislau de Campos Arruda. A parte que originou a Fazenda do Paiol foi confirmada como Sesmaria a seu sogro Antônio Bicudo de Barros em 19-JUL-1765, que a ocupava desde 1737.

10 Gado bovino.

11 Uma data melhor apropriada seria a de 05-MAR-1822, da elevação de Tatuí à Freguesia de Itapetininga. Freguesia era um termo administrativo da Igreja Católica semelhante ao que hoje se chama de Paróquia, e semelhante a um Distrito, comparado com a Administração

-, no geral, foi pouquíssimo estudada, sendo que a maioria do que existe publicado sobre o assunto atualmente deriva da obra<sup>12</sup> que o Dr. Laurindo Dias Minhoto escreveu em 1927, um ano após o primeiro centenário de Tatuí. Advogado e político residente no município, foi talvez o primeiro a se dedicar profundamente a estas pesquisas históricas sobre o local.

### Histórico de Miguel João de Castro

Miguel João de Castro<sup>13</sup>, ituano nascido em 1761, casado com Maria da Rocha Pita, passou a maior parte de sua vida como senhor de engenho. Esteve presente e assinou o Ato de Ereção e o Termo de Demarcação de Limites da nova vila de Porto Feliz em 22-DEZ-1797 – data em que esta se separou de Itu e abandonou seu antigo nome de Araritaguaba<sup>14 15</sup>. Em 1801 é citado como vereador da mesma vila.

Alternou sua morada entre dois sítios localizados em Porto Feliz, sendo que um deles ficava no atual município de Tietê, no bairro de Itagaçaba<sup>16</sup>, próximo

---

Pública brasileira moderna.

12 MINHOTO, Laurindo Dias. Tatuhy Através da História. *Revista do IHGSP*, São Paulo, v. XXV, p. 131-200, 1928.

13 MIGUEL JOÃO DE CASTRO, batizado a 19-FEV-1761 em Itu/SP (LB – N.S.<sup>a</sup> da Candelária, Itu/SP, 1755-1769, p. 61) e falecido a 1815/1816 em Apicás/MT, filho de Cristóvão Correia de Castro e Rita Cubas. Se casou em Porto Feliz/SP com MARIA DA ROCHA PITA, nascida a 1767 em Porto Feliz/SP (vide ref. 16) e falecida a 16-JUL-1831 em Porto Feliz/SP (LO – N.S.<sup>a</sup> Mãe dos Homens, Porto Feliz/SP, 1827-1834, p. 135), filha de Antônio da Rocha Pita e Ana Maria do Prado.

14 ALMEIDA, Vicente Ferreira e. Termo de elevação da Freguesia de Araritaguaba a categoria de Villa, com a denominação de Porto Feliz. In: ARCHIVO DO ESTADO DE S. PAULO. *Documentos Interessantes para a História e Costumes de São Paulo*: Diversos. 3<sup>a</sup> ed. São Paulo: Typ. Cardoso Filho, v. III, p. 27-45, 1913.

15 ARAÚJO, André Gomes de. Representação da Camara de Porto-Feliz sobre as execuções nos engenhos de assucar. In: ARCHIVO DO ESTADO DE S. PAULO. *Documentos Interessantes para a História e Costumes de São Paulo*: Diversos. S. Paulo: Typ. Cardozo Filho & Comp., v. XLIV, p. 253-255, 1915.

16 Neste artigo, quando não identificada sua fonte de extração especificamente ou pelo desenvolver do texto, os dados que constarem apenas o ano de nascimento e casamento (não a data em específico), produção, renda, plantel de escravizados e moradia referentes a Porto Feliz foram retirados de seus respectivos Maços de População, por falta de outras fontes primárias para consulta. Maços de População eram dados estatísticos coletados sobre a população das vilas e freguesias com a mesma finalidade que ocorre o Censo, nos dias de hoje.



ao rio Tietê. Em 1801 vendeu o sítio de Porto Feliz para “*se arrancar*” nesta última propriedade em definitivo, onde em 1803 estava montando um engenho para produção de açúcar, assim como havia em sua outra morada.

No mesmo ano, recebeu em 15-FEV uma sesmaria às margens do Rio Sorocaba, na divisa entre as vilas de Porto Feliz e Itapetininga. Seria uma propriedade completamente familiar, pleiteada juntamente com seu irmão Rafael Alves de Castro<sup>17</sup>, com Antônio da Rocha Pitta<sup>18</sup> e Manuel Mâncio do Prado<sup>19</sup> – ambos irmãos de sua esposa, sendo que Antônio era genro de Rafael -, e os maridos de suas irmãs José Pais de Camargo<sup>20</sup> e Francisco Xavier Monteiro<sup>21</sup> - este último era sogro de Manuel Mâncio. A alegação para o pedido de concessão da sesmaria é que eles se “*achão dezarranchados, sem terras para trabalharem, e manterem suas famílias*”. A confirmação da propriedade em Lisboa se deu em 29-NOV-1804<sup>22</sup>.

Rafael era cabo e jornaleiro<sup>23</sup>. Antônio em 1799 era jornaleiro e vai ascendendo economicamente, conforme os anos. Em 1817 era cabo, e começava na atividade de engenho dividindo sua produção com um sócio, produzindo 100 arrobas de açúcar, e possuindo 1 escravizado. Francisco Xavier Monteiro, que

17 RAFAEL ALVES DE CASTRO, batizado a 26-NOV-1749 em Itu/SP (LB – N.S.<sup>a</sup> da Candelária, Itu/SP, 1738-1753, p. 191 v), filho de Cristóvão Correia de Castro e Rita Cubas. Se casou a 16-FEV-1775 em Sorocaba/SP (LM – N.S.<sup>a</sup> da Ponte, Sorocaba, 1773-1783, p. 48) com JOSEFA LEITE DE CAMARGO, nascida a 1757 em Sorocaba/SP, filha de Lourenço Correia de Araujo e Maria da Silva Furquim.

18 ANTÔNIO DA ROCHA PITA, nascido a 1776 em Porto Feliz/SP, filho de Antônio da Rocha Pita e Ana Maria do Prado. Se casou com MARIA MADALENA, nascida a 1776 em Porto Feliz/SP, filha de Rafael Alves de Castro e Josefa Leite de Camargo.

19 MANUEL MÂNCIO DO PRADO, nascido a 1779 em Porto Feliz/SP, filho de Antônio da Rocha Pita e Ana Maria do Prado. Se casou com MARIA LEME, batizada a 04-FEV-1780 em Itu/SP (LB – N.S.<sup>a</sup> da Candelária, Itu/SP, 1778-1787, p. 46), filha de Francisco Xavier Monteiro e Maria Antônia.

20 JOSÉ PAIS DE CAMARGO, nascido em Sorocaba/SP, filho de Antônio Furquim de Camargo e Maria Soares de Almeida. Se casou a 28-FEV-1775 em Itu/SP (LM – N.S.<sup>a</sup> da Candelária, Itu/SP, 1764-1776, p. 154) com MARIA FRANCISCA DE JESUS, nascida em Itu/SP, filha de Cristóvão Correia de Castro e Rita Cubas.

21 FRANCISCO XAVIER MONTEIRO, nascido a 1747, filho de Alberto Luís Rodrigues Monteiro e Maria Gomes de Mendonça. Se casou em segundas núpcias a 29-JUL-1775 em Itu/SP (LM – N.S.<sup>a</sup> da Candelária, Itu/SP, 1764-1776, p. 166) com MARIA ANTÔNIA, nascida a 23-JUL-1752 em Itu/SP e batizada a 27-JUL-1752 em Itu/SP (LB – N.S.<sup>a</sup> da Candelária, Itu/SP, 1738-1753, p. 216 v), filha de Cristóvão Correia de Castro e Rita Cubas.

22 Arquivo Histórico Ultramarino – Conselho Ultramarino Brasil São Paulo 023 Caixa 24 Doc. 1086.

23 Trabalhador rural que presta o seu serviço “por jornada”, ou seja, por diária.

plantava cana “de partido” e estocava açúcar em 1798, passou a viver “de suas agências”<sup>24</sup>. Manuel Mâncio era jornalista, e em 1816 era negociante do caminho de Cuiabá. À época da concessão, todos eles moravam no bairro do Curuçá, como era conhecido o atual centro do município de Tietê e seus arredores. Não se tem notícias sobre José Pais de Camargo.

Mesmo com a obtenção destas terras, nenhum deles se arranchou nela. Miguel João continuou a produzir açúcar na propriedade de Itagaçaba, onde morava. Em 1799, na última safra documentada de sua propriedade anterior, em Porto Feliz, possuía 10 escravizados que produziram 390 arrobas de açúcar. Em 1803, já com o novo engenho, seu plantel tinha aumentado para 17 escravizados, mas sua produção inicial foi de apenas 130 arrobas, atingindo o ápice de 350 arrobas em 1807, com 16 escravizados. As safras então caíram até 10 e 20 arrobas, respectivamente em 1810 e 1811, quando havia apenas 9 escravizados.

O fato é que em 1811 ele já estava se preparando para trabalhar no Mato Grosso, assim como muitos de seus vizinhos em Tietê e Porto Feliz faziam, e talvez o foco de suas forças no momento fosse para esse novo cenário.

Porto Feliz foi uma vila que se desenvolveu com a atividade dos sertanistas que se utilizavam do rio Tietê para navegar até locais distantes como o atual sul do Brasil, a Amazônia, Goiás e, como principal destino naqueles anos, as Minas de Ouro de Cuiabá, no Mato Grosso. De acordo com os censos da vila – além dos inúmeros senhores de engenho - havia muitos profissionais que se dedicavam exclusivamente às atividades das monções – como eram chamadas as expedições fluviais dos sertanistas. Havia os construtores de canoas e demais embarcações, os navegadores, os carregadores, os abridores de picadas, os que cuidavam de sua manutenção e muitas outras funções ligadas à exploração, à mineração e às viagens em si.

Sendo assim, em 02-MAIO-1811 Miguel João nomeou por procuração para lhes representar legalmente durante sua ausência três irmãos que viriam a ser sesmeiros em Tietê, os Alferes Antônio Correia de Moraes Leite e Joaquim Correia de Moraes e o Capitão Mór Francisco Correia de Moraes.

Durante sua estadia no Mato Grosso, Miguel João de Castro juntamente com Antônio Tomé de França, ambos instituídos no cargo de capitães, foram incumbidos pelo então governador e capitão-general simultâneo das capitânicas do Mato Grosso e do Pará, João Carlos Augusto de Oeynhausen, de desbravar o caminho por rio entre Cuiabá e Belém do Pará<sup>25</sup>, para que se pudesse estabelecer

---

24 Um termo bem genérico, que poderia significar praticamente qualquer coisa, desde um prestador de serviços a um profissional liberal ou a um vendedor. No geral, uma pessoa que dependia de seu próprio trabalho, um não-assalariado.

25 FRANÇA, Antônio Thomé de; CASTRO, Miguel João de. Abertura de Comunicação Commercial entre o Districto de Cuyabá e a Cidade do Pará por Meio da Navegação dos Rios Arinos e Tapajós Empreendida em Setembro de 1812 e Realizada em 1813. *In*:

comércio entre as duas capitânias.

Começaram a expedição em 14-SET-1812, que contava com 72 pessoas, sendo 8 brancos, 57 contratados e 7 escravizados. O diário da viagem é muito bem detalhado quanto às características dos rios navegados e acidentes geográficos, aos quais iam colocando nome em alguns. Como era de se esperar, houve contato com índios, que os acompanhavam pelas margens dos rios ou com suas canoas – demonstrando agressividade ou apenas os observando. Os sertanistas, por sua vez, sempre se demonstravam pacíficos e dispostos à comunicação. Em uma ocasião, houve troca de machados, facões, facas, espelhos, miçangas, anzóis, fumo e algumas roupas com os índios, que por sua vez os forneceram carne de porco do mato, farinha de mandioca e arcos e flechas. A chegada em Belém ocorreu em 03-JAN-1813, após 82 dias da partida.

Dia 08-MAR-1813 deram início ao retorno a Cuiabá, mas entre 24-ABR e 19-JUL fizeram uma pausa no caminho para construir mais embarcações para a viagem. Neste local embarcaram 83 pessoas, sendo 72 contratados. Porém, durante o percurso, 46 deles simplesmente “fugiram”, o que obrigou a expedição a abandonar muitos botes e carga, simplesmente pelo fato de não ter mais gente para conduzi-los. Em 12-SET Cap. Antônio é forçado a parar para reorganizar sua viagem, e então Miguel João segue em frente. Dia 24-OUT-1813 se encerra a viagem com a chegada a Cuiabá.

### **A medição da Sesmaria sobre as Margens do Rio Sorocaba**

À mesma época da viagem de retorno do Pará, em Porto Feliz, Antônio Correia de Moraes, um dos procuradores de Miguel, solicitou a medição judicial da sesmaria para estabelecer oficialmente seus limites<sup>26</sup>, o que não havia sido feito ainda. Foram citados para comparecer na data de medição e demarcação seus confrontantes o Tenente João Manuel Gil e sua esposa Ana Maria de Jesus, o Alferes José Antônio Pais e sua esposa, e o roteiro Capitão Antônio da Silva Leite. Caso não comparecessem, de praxe significaria que estes concordavam obrigatoriamente com o que fosse medido e demarcado, sem direito à contestação. O Tenente e o Alferes eram seus vizinhos, se localizando respectivamente a norte e a leste da sesmaria, enquanto Antônio da Silva Leite cultivava terras dentro dela. Não havia confrontantes ao sul e oeste.

---

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO E ETHNOGRAPHICO DA BRASIL.  
*Revista Trimestral*. Tomo XXXI – Primeira Parte ed. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, p.  
107-160, 1868.

26 Medição e Demarcação Sesmaria de Miguel João de Castro 1813 Cx. 013 Doc. 09  
Primeiro Ofício da Comarca de Porto Feliz. Museu Republicano de Itu.

João Manuel Gil era morador no bairro de Pirapora<sup>27</sup> e senhor de engenho, com produção de açúcar acima de 300 arrobas por ano, enquanto José Antônio era um grande senhor de engenho do bairro de Mandissununga, na atual Tietê, possuidor de quase 30 escravos que lhe produziram entre 1812 e 1813 1.000 arrobas de açúcar e 30 canadas de aguardente. Antônio era agricultor e morava no bairro de Pirapora.

Compareceram para o começo das medições e demarcações, dia 31-MAR-1813, o Tenente João Manuel Gil e sua esposa e José Joaquim de Castro, procurador do roteiro Capitão Antônio da Silva Leite. O Alferes José Antônio Pais informou que não compareceria porque não achava necessário. O local de início foi a paragem “*cabeceira da cachoeira que esta logo assima da Cachoeira grande chamada da Escramussa*”, localizada no rio Sorocaba.

Ao contrário do que constava na carta de sesmaria, a descrição de seus limites não era tão simples como parecia. No documento ela é feita da seguinte maneira:

*“(...) Légoa e meia de testada com huma de Sertão sobre a margem do Rio Sorocaba, principiando a testada na barra que sofre o dito Rio faz o Ribeirão Guararapó, descendo por elle abaixo athé a Ilha denominada da Caxueira sem Canal, com os rumos mais convenientes, e as pontas e enseadas, que tiver do lado esquerdo, com as mesmas confrontações athé incostar com as terras do Alferes Jozé Antonio Pais, principiando as mediçõens no Rio de Sorocaba, subindo rio acima da parte direita (...)”*

Na prática, as duas testadas (medição de largura) e os dois sertões (medição de fundura) não formariam, cada um deles, os lados de um retângulo - geometricamente explicando -, padrão que normalmente é encontrado para quase qualquer outra sesmaria.

O início da medição se deu no rio Sorocaba, mas não na ilha da Cachoeira sem Canal, e sim em outro local mais abaixo, a Cachoeira da Escaramuça. Logo no começo dos trabalhos o Tenente João Manuel disse que havia feito uma troca com Miguel João de um pedaço de suas propriedades, o Tenente ficando com uma parte de 300 braças por meia légua<sup>28</sup> (660m x 3.300m) encostado na sesmaria do

<sup>27</sup> Pirapora era um bairro no território do atual município de Tietê. Foi elevado à Freguesia, em 03-AGO-1811, com o mesmo nome, mas passou a ser conhecido com o tempo como “Pirapora do Curuçá”. Em 1867, já como município há alguns anos, teve seu nome mudado para o atual, “Tietê”.

<sup>28</sup> Antes do padrão de medidas do sistema métrico ser adotado no Brasil, eram utilizados outros padrões. Uma légua – nos documentos deste artigo - tem o comprimento de 3.000 braças. Uma braça é o equivalente atual a 2,2m, portanto, uma légua contém 6.600m de comprimento.

Alferes José Antônio Pais, e Miguel João com uma parte na paragem chamada “Gequitaya”<sup>29</sup> – onde já estava utilizando para agricultura - com meia légua de testada e o sertão começando 200 braças abaixo da Cachoeira da Jequitaita rumo do rio Sorocaba acima e terminando entre 200 e 300 braças abaixo da Cachoeira das Três Ilhas. Em sua oportunidade para fazer observações sobre a medição, José de Castro informou que foi tratado com Miguel e seu procurador uma rata<sup>30</sup> da propriedade para o Capitão Antônio da Silva Leite, onde havia uma plantação sua, na margem esquerda do rio Sorocaba, localizada em algum lugar entre a Cachoeira de Itagaçaba e a foz do rio Guarapó.

Por causa da troca de terras realizada com o Tenente João Manuel, a demarcação começou mais acima no rio Sorocaba, em sua margem direita, na Cachoeira Itagaçaba, ficando assim descritos os sertões e testadas:

- A parte final do primeiro sertão foi demarcada se iniciando nesta cachoeira, onde se mediram 2.200 braças (4.840m) para o leste até encontrar a sesmaria do Alferes José Antônio Pais;

- A testada da parte leste se iniciou acompanhando os limites desta sesmaria rumo ao sul, onde mediram mais 3.062 braças (6.736,4m) e fecharam uma quadra rumo à esquerda, medindo mais 1.212 braças (2.666,4m) até chegar do outro lado da foz do rio Guarapó, ainda à margem direita do rio Sorocaba. Atravessando o rio Sorocaba para sua outra margem, da foz do rio Guarapó se mediram para o oeste 1.430 braças (3.146m), encerrando a medida de uma testada;

- A medição da légua do outro sertão continuou em linha reta da primeira testada, na mesma direção para o oeste, contando com 3.000 braças (6.600m);

- A testada de oeste se deu início fazendo quadra rumo norte, ao final do segundo sertão, com duas léguas, duzentas e trinta e uma braças (13.708,2m);

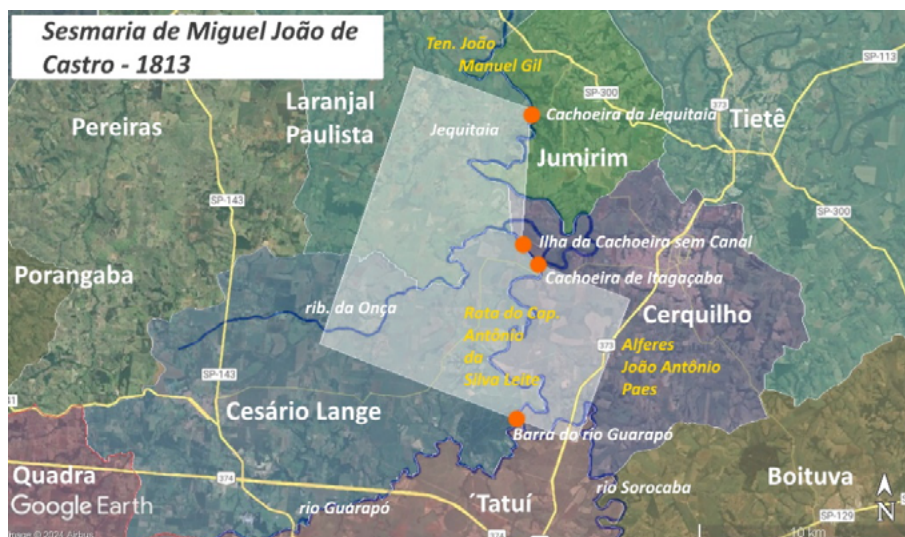
- Ao final da testada, foi medida a parte inicial do primeiro sertão, com uma légua (6.600m) em direção leste. Terminada esta légua, continuaram o rumo e mediram mais 1.060 braças (2.332m) até a Ilha da Cachoeira sem Canal, onde deram por encerrada a medição e demarcação, em 07-ABR-1813.

29 Nos comentários do vídeo “Monção de Sorocaba à Cuiabá - 'Sobrevôo' nos Saltos Jurumirim, Jequitaita e Itaipavas no Rio Sorocaba”, publicado na plataforma YouTube, há uma troca de mensagens interessante sobre os antigos nomes dos acidentes geográficos do Rio Sorocaba na região coincidente desta Sesmaria. Alguns destes acidentes estão apontados na Folha 7 da Planta do Rio Sorocaba (Comissão Geographica e Geologica de São Paulo, 1889).

30 Quando uma parte da sesmaria já era anteriormente ocupada ou cultivada por algum possessor, o sesmeiro oferecia a este a oportunidade de “ratear”, ou seja, pagar uma parte dos custos da oficialização da propriedade, de valor proporcional à área que ocupasse. Em contrapartida, o “rateiro” teria reconhecido o direito de propriedade sobre sua parte da sesmaria.

Na mesma data foi concedida a rata de terras a Antônio da Silva Leite, sendo a testada à margem esquerda do rio Sorocaba, onde ele cultivava, e o sertão atravessando o rio e se estendendo até as terras do Alferes José Antônio, pegando quase toda a parte direita da Sesmaria. Se nota que nenhum dos outros sesmeiros iniciais sequer foram mencionados na medição, se supondo que tenham vendido todas as suas partes a Miguel João ou que apenas constavam no pedido da sesmaria para justificar sua concessão - como se a intenção da posse fosse beneficiar várias famílias, e não somente uma delas.

Transplantada aos dias de hoje, a sesmaria estaria entre as divisas de 5 municípios: Cerquilha, Tatuí, Cesário Lange, Laranjal Paulista e Jumirim. Quase todas as terras entre a Ilha da Cachoeira sem Canal, a Cachoeira de Itagaçaba, o Alferes José Antônio e a foz do rio Guarapó estariam em Cerquilha, e apenas um pequeno trecho em Tatuí, entre a Rod. Antônio Romano Schincariol e o rio Sorocaba. À margem esquerda do rio Sorocaba, partindo do rio Guarapó, a propriedade faria quadra entre a Fazenda Velha e os Torninos, em Cesário Lange. De lá até a quadra entre o norte e o oeste, próximo ao ribeirão do Bicame, até a Cachoeira da Jequitaita e de lá até a Ilha da Cachoeira sem Canal estaria em Laranjal Paulista, enquanto um trecho mínimo estaria em Jumirim.



### **A partição da sesmaria após o falecimento de Miguel João e após o falecimento de sua viúva**

Miguel João de Castro não chegaria a ver sua propriedade delimitada. Em uma segunda viagem entre Mato Grosso e o Pará - não se especifica se foi na ida ou na volta, nem quando ocorreu, mas muito provavelmente em 1815 - Miguel não teve sorte alguma: chegou a perder a maior parte de sua carga e veio a falecer - talvez em um desastre com sua canoa – sendo enterrado na cachoeira de S. João da Barra, no rio Juruena, atual município de Apiacás/MT. Como a situação ainda poderia piorar, continuando a catástrofe, ao tentarem retornar a Cuiabá, no mínimo 14 pessoas da expedição morreram, por fome ou doenças<sup>31</sup>.

Entre a saída de Miguel João para o Mato Grosso e a sua morte, a produção agrícola de suas propriedades em Porto Feliz mudou de característica. Em 1813 voltou a ter uma produção razoável de açúcar, com 271 arrobas. Em 1814 e 1815 voltou a despencar para menos de 100 arrobas, passando a ter destaque a produção de milho, com 400 alqueires<sup>32</sup>.

A partir de 1816, quando a família já tem ciência de seu falecimento, a viúva Maria da Rocha Pitta alterna sua morada entre Itagaçaba, em Tietê, e o bairro das Mercês, em Porto Feliz. Em 03-ABR-1817 se tem o início do processo do Inventário de Miguel João<sup>33</sup>.

Dentre os imóveis, além da sesmaria – descrita como “*do Rio de Sorocaba em as duas margens a saber na parte além com seis mil e duzentas brasas de testada, huma légoa de sertão e daquém sette sentas brasas (...) de testada e duas mil de sertão*” -, são enumeradas cinco propriedades em Tietê - o sítio de Itagaçaba, uma morada de casas e três partes de terras - e duas casas em Porto Feliz. A sesmaria foi avaliada em 3:200\$000<sup>34</sup> e o total das outras propriedades

31 OLIVEIRA, J. J. Machado de. Memória da Nova Navegação do Rio Arinos até a Villa de Santarém, Estado do Grão-Pará. *Revista Trimestral do IHGB*, Rio de Janeiro, Tomo XIX (Tomo VI da Terceira Série) 1º Trimestre, Nº 21, p. 99-118, 1898.

32 Antigamente, “alqueire” era a designação de uma bolsa ou cesto que era colocado sobre o dorso de um animal de carga, onde se armazenavam as sementes a serem utilizadas durante o plantio de alguma cultura. Com o tempo, a palavra passou a designar a área que conseguia ser cultivada com o conteúdo deste recipiente. Atualmente, o alqueire – que alguns chamam de “alqueire paulista” – é uma medida agrária que possui 24.200m<sup>2</sup>.

33 Inventário de Miguel João de Castro - anexado ao Inventário de Maria da Rocha Pitta - 1817 Cx. 244 Doc. 08 Primeiro Ofício da Comarca de Porto Feliz. Museu Republicano de Itu.

34 Apesar da unidade monetária usada à época, o Real, ter o mesmo nome da unidade utilizada hoje, a leitura de seus valores era diferente. O plural de Real era chamado de “réis”, o milhar de “mil-réis” e o milhão de “conto de réis”. Então, por exemplo, 5:636\$562 seria lido como “cinco contos, seiscentos e trinta e seis mil, quinhentos e sessenta e dois réis”.

em 700\$000. O somatório de todos os bens e créditos a receber de seus devedores – o chamado “*monte mor*” - foi avaliado em 5:636\$562, as dívidas em 624\$504 e o líquido a ser repartido entre seus herdeiros – o “*monte menor*” – avaliado em 5:012\$058.

Na divisão da sesmaria, a viúva ficou com toda a parte da margem direita do rio Sorocaba, avaliada em 400\$000 com 700 braças de testada e 2.200 de sertão, entre as propriedades do Tenente João Manuel Gil, o Alferes José Antônio Pais e o Capitão Antônio da Silva Leite.

O restante da sesmaria, à margem esquerda do rio Sorocaba, ficou repartido entre:

- A viúva com 1.729,5 braças (3.804,9m) avaliadas em 780\$033;
- O filho José Joaquim da Rocha<sup>35</sup> com 610 braças (1.342m), “*do ribeirão da Onça para baixo, e não chegando do ribeirão para baixo si em teira para cima*”, avaliadas em 275\$046;
- O genro Antônio José de Almeida Falcão<sup>36</sup> com 461,5 braças (1.015,3m) “*com os fundos da mesma Sismaria pegadas da parte de baixo com a Sismaria do Capitam Joaquim Correia Leite*”, avaliadas em 208\$217;
- A filha Maria Gertrudes<sup>37</sup> com 276 braças (607,2m) “*de terras de testada, com os fundos da mesma Sismaria partindo da parte de baixo com Antônio José Falcão*”, avaliadas em 124\$646;
- A filha Benedita da Rocha<sup>38</sup>, casada com Francisco Antônio da Costa, com 241 braças (530,2m) de terras de testada com os fundos partindo da parte de

35 JOSÉ JOAQUIM DA ROCHA CASTRO, nascido a 1788 em Porto Feliz/SP e falecido a 15-FEV-1840 em Porto Feliz/SP (LO – N.S.<sup>a</sup> Mãe dos Homens, Porto Feliz/SP, 1834-1866, p. 20 v), filho de Miguel João de Castro e Maria da Rocha Pita. Se casou a 11-AGO-1818 em Porto Feliz/SP (LM – N.S.<sup>a</sup> Mãe dos Homens, Porto Feliz/SP, 1818-1837, p. 2 v) com MANUELA DE ARRUDA LEITE, nascida em Itu/SP, de pais incógnitos e exposta à casa do Tenente Vicente Leme do Amaral.

36 ANTÔNIO JOSÉ DE ALMEIDA FALCÃO, nascido a 1785 em Porto Feliz/SP, filho de Vicente Dias de Almeida Falcão e Maria de Lara. Se casou entre 1806 e 1807 em Porto Feliz com RITA MARIA, nascida em 1789 em Porto Feliz/SP, filha de Miguel João de Castro e Maria da Rocha Pita.

37 MARIA GERTRUDES, nascida a 1791 em Porto Feliz/SP, filha de Miguel João de Castro e Maria da Rocha Pita. Se casou entre 1806 e 1807 em Porto Feliz com JOSÉ ALEIXO DA COSTA, nascido em 1778 em Lisboa, Portugal, filho de João Antunes da Costa e Bárbara Maria.

38 BENEDITA DA ROCHA, nascida em 1794 em Porto Feliz/SP, filha de Miguel João de Castro e Maria da Rocha Pita. Se casou entre 1817 e 1818 em Porto Feliz/SP com FRANCISCO ANTÔNIO DA COSTA CARLOS, nascido em 1798 em Porto Feliz/SP, filho de Carlos Pinheiro de Almeida e Francisca Maria da Costa. Este é o primeiro casamento de Francisco, que viria a se casar depois com sua cunhada Brandina, irmã de Benedita.



baixo com Tenente José Joaquim da Rocha de Castro que fica ao pé do ribeirão da Onça, avaliadas em 108\$784;

- O filho Arcângelo José de Castro<sup>39</sup> 497 braças (1.093,4m) de terras de testada com os fundos partindo da parte de baixo com as terras de Benedita da Rocha, avaliadas em 224\$096;

- O filho Francisco José de Castro<sup>40</sup> 609,5 braças (1.340,9m) de terras de testada com os fundos da mesma sesmaria pegado da parte de baixo com Arcângelo José de Castro, avaliadas em 275\$046;

- A filha Brandina da Rocha 593 braças (1.304,6m) de terras de testada com os fundos partindo da parte de baixo com terras de Francisco José de Castro, avaliadas em 267\$733;

- A filha Ana Francisca<sup>41</sup> 597,5 braças (1.314,5m) com os fundos partindo da parte de baixo com Brandina da Rocha<sup>42</sup>, avaliadas em 269\$533;

- E a última parte à Gertrudes Maria da Rocha<sup>43</sup> 589,5 braças (1.296,9m) de terras de testada com os fundos partindo da parte de baixo com Ana Francisca.

O primeiro dos herdeiros de Miguel João a morar dentro dos limites da Antiga Tatuí foi Arcângelo José da Rocha. Se casou em 1821 em Porto Feliz com a irmã de seu cunhado Francisco Antônio da Costa Carlos, Ana Gertrudes de Almeida. Em 1825 o casal morava em Tatuí, onde Arcângelo era negociante.

---

39 ARCÂNGELO JOSÉ DE CASTRO, nascido a 1795 em Porto Feliz/SP, filho de Miguel João de Castro e Maria da Rocha Pita. Se casou a 17-NOV-1821 em Porto Feliz/SP (LM – N.S.<sup>a</sup> Mãe dos Homens, Porto Feliz/SP, 1818-1837, p. 31 v) com ANA GERTRUDES DE ALMEIDA, nascida a 1800 em Porto Feliz/SP, filha de Carlos Pinheiro de Almeida e Francisca Maria da Costa.

40 FRANCISCO JOSÉ DE CASTRO, nascido a 1801 em Porto Feliz/SP, filho de Miguel João de Castro e Maria da Rocha Pita.

41 ANA FRANCISCA DA ROCHA, nascida a 1806 em Porto Feliz/SP, filha de Miguel João de Castro e Maria da Rocha Pita. Se casou a 22-FEV-1822 em Porto Feliz/SP (LM – N.S.<sup>a</sup> Mãe dos Homens, Porto Feliz/SP, 1818-1837, p. 37) com JOSÉ GURJÃO BATISTA COTRIM, nascido a 1795 em Porto Feliz/SP, filho de Antônio Mariano Cotrim e Gertrudes Maria de Camargo.

42 BRANDINA DA ROCHA, nascida a 1802 em Porto Feliz/SP, filha de Miguel João de Castro e Maria da Rocha Pita. Se casou a aproximadamente 1820 em Porto Feliz/SP com FRANCISCO ANTÔNIO DA COSTA CARLOS, qualificado anteriormente na Referência nº 38. Este é o segundo casamento de Francisco, que havia ficado viúvo de Benedita, irmã de Brandina.

43 GERTRUDES MARIA DA ROCHA, nascida a 1804 em Porto Feliz/SP, filha de Miguel João de Castro e Maria da Rocha Pita. Se casou a 08-JUL-1823 em Porto Feliz/SP (LM – N.S.<sup>a</sup> Mãe dos Homens, Porto Feliz/SP, 1818-1837, p. 46 v) com JOSÉ DE CAMPOS BICUDO, batizado a 10-AGO-1794 em Itu/SP (LB – N.S.<sup>a</sup> da Candelária, Itu/SP, 1788-1798, p. 153), filho de Joaquim Gonçalves Bicudo e Ana Maria de Campos.

Ele foi o responsável pelo traçado das primeiras ruas da localidade, dia 12-AGO-1826, um dia após a divisão e demarcação do rocio<sup>44</sup>. Em 1835 são moradores do bairro do Guarapó<sup>45</sup>, provavelmente fora da área da sesmaria.

A matriarca Maria da Rocha Pitta falece em 1831, sendo José Joaquim da Rocha Castro seu inventariante<sup>46</sup>. Na enumeração de bens, dívidas e créditos de seu inventário, seu quinhão ainda existente na sesmaria foi descrito como “(...) *hua parte de terras no Rio de Sorocaba com quinhentas brassas de testada, e hua legoa de sertão*”, avaliadas em 236\$000. Sua localização geográfica não foi especificada no documento em nenhum momento.

O monte mor somou-se em 8:437\$854. Dele se subtraíram as dívidas, avaliadas em 1:794\$428, restando o monte menor de 6:643\$426 destinado à partilha entre os herdeiros. Porém, diferentemente de Miguel João, Maria faleceu com testamento, onde ela exerceu seu direito de usar um terço do monte menor para não entrar na partilha igualitária entre seus herdeiros e dar a destinação que desejasse – a chamada “terça”. Desta, uma parte foi utilizada para alforriar 5 escravizados e o restante foi dividido em duas partes iguais entre as filhas Maria Gertrudes – cujo marido José Aleixo novamente estava ausente para Cuiabá - e Brandina da Rocha – que se casou com seu ex-cunhado, Francisco Antônio da Costa, viúvo de Benedita Maria, falecida provavelmente em 1817 ou 1818.

Por esta razão, o somatório que cada uma das duas irmãs legatárias<sup>47</sup> recebeu pela terça e pela legítima materna<sup>48</sup> se fez em torno de 24%<sup>49</sup> da propriedade (aproximadamente 32,86 alqueires), enquanto cada um dos 7 demais herdeiros recebeu pouco mais de 7% (aproximadamente 10,1 alqueires). Estes herdeiros foram os filhos José Joaquim da Rocha Castro, Arcângelo José de Castro e Francisco José de Castro; os genros - que eram “cabeças” de suas esposas - Antônio José de Almeida Falcão, José Gurjão Batista Aranha Cotrim, morador de Mogi-Mirim - casado com Ana Francisca - e José de Campos Bicudo - casado com Gertrudes Custódia; e, por último, seu neto José, então com 13 anos de idade, filho da falecida Benedita Maria com Francisco Antônio da Costa.

Após a morte de Maria da Rocha Pita, a família deixou de se concentrar no eixo Porto Feliz/Tietê. Duas de suas filhas passam a morar em Tatuí, sem sabermos

44 MINHOTO, ref. 12, p. 147.

45 Conforme Maço de População da Vila de Itapetininga, Freguesia de Tatuí.

46 Inventário de Maria da Rocha Pita - 1831 Cx. 244 Doc. 08 Primeiro Ofício da Comarca de Porto Feliz. Museu Republicano de Itu.

47 Quem recebe parte da herança via testamento.

48 A parte da herança que se divide igualmente entre os herdeiros se chama “legítima paterna”, quando recebida por parte do pai, e “legítima materna” quando recebida por parte da mãe.

49 A partição dos imóveis entre os herdeiros foi registrada no Inventário por valores em réis, não em área. Então, para melhor entendimento, converti em porcentagem da propriedade.

em qual bairro residiram, nem se seria na sesmaria: em meados da década de 1830 Brandina da Rocha e seu marido Francisco Antônio da Costa Carlos se mudaram, vindos de Tietê; e Ana Francisca da Rocha e José Gurjão Batista Aranha Cotrim se mudaram, vindos de Mogi-Mirim entre 1835 e 1842. Assim como o falecido sogro, ocupando cargo público, José Gurjão fez parte da composição da primeira Câmara de Vereadores da cidade, em 1844.

### **Fragmentos da Sesmaria em 1856**

Encerrando este estudo, quanto à sesmaria é possível identificar sete resquícios por ocasião da declaração de propriedades para o Registro Paroquial de Terras de Tatuí<sup>50</sup>, em 1856 - 53 anos após sua concessão. A localização atual destes fragmentos se encontra no município de Cesário Lange - e talvez Laranjal Paulista.

- Nº 49 - João Pereira, no Ribeirão da Onça, com 300 braças em quadra. *“Dividindo de um lado com terras de Antonio Alves e de outro lado com terras de Antonio Pires de Campos, e de outros dois lados com terras dos órfãos de Francisco Antonio da Costa Carlos, as quais terras comprei a João Baptista Aranha por escriptura particular em 1853”*;

- Nº 101 – Francisco Antônio da Costa Carlos, no Ribeirão da Onça, *“contem sua extensão na testada tem 400 braças, e de fundo 1000 braças, divide-se pela testada com José Pais e pelos fundos com José Grujão Baptista Cotrim, para o lado de baixo com Antônio Pires de Campos, e para o lado de cima com José Grujão Baptista Aranha Cotrim; cujas terras assim confrontadas forão havidas por meação de seu Casal, pelo Inventario que pelo (sic) Juiso de Orfãos desta Villa”*;

- Nº 279 - Capitão José Gurjão Batista Aranha Cotrim<sup>51</sup> possui no Ribeirão Bonito *“contendo 728,5 braças de testada com meia legoa de comprido dividindo para o Sul com João Antônio da Costa, e para o Norte com Francisco Antonio da Costa Carlos, e para Leste com Antônio Joaquim Pereira, e para o Este com José Grujão Baptista Cotrim”*. Também possuía terras no Rio do Peixe;

- Nº 374 - José Gurjão Batista Cotrim possui no Ribeirão da Onça *“427 braças de testada, com 997,5 braças de comprido, dividindo para o Sul com Antonio Rodrigues de Almeida, e para o Norte com Manoel Joaquim da Rocha,*

---

50 Registros Paroquiais de Terras de Tatuí – 1855 a 1857. Arquivo Público do Estado de São Paulo.

51 Por estes registros e por alguns outros documentos da época não incluídos no artigo, não é possível estabelecer quais entre José Gurjão Batista Aranha Cotrim e José Gurjão Batista Cotrim era pai/filho, pois aos dois são referidos ambos os nomes. João Batista Aranha é filho de algum deles, enquanto é irmão do outro.

*para o leste com José Gurjão Baptista Aranha Cotrim, e Francisco Antonio Costa Carlos, para o Este com Salvador Rodrigues Pinheiro e Manoel Joaquim da Rocha”;*

- Nº 376 - João Batista Aranha possui no Lageado “593 braças, na frente, pelo lado de cima 500 braças, e fundo com o mesmo da frente, e o lado de baixo com 700 braças; dividindo a frente com Antônio Pires, e José Gurjão filho, o lado de cima com Salvador Rodrigues, o fundo com a Sismaria do finado João Antônio, e o lado de baixo com os órfãos de Manoel Ferreira e outros, cujo sitio possui por troca de Manoel Joaquim da Rocha”;

- Nº 444 – Antônio Pires de Campos Leite senhor e possuidor de um sítio de terras lavradas no Ribeirão da Onça “contendo de testada 193 braças, com 1.100 de fundo, as quais dividindo um lado com Antonio Alves, e de outro lado com Francisco Carlos e João Baptista Aranha, e outro com João Pereira e outro com os Orfãos de Francisco Carlos, cujas terras foi possuídas por compra que fis de João Baptista Aranha, como consta da Escripura.”;

- Nº 583 – o tutor Antônio Rodrigues Barbosa e os órfãos Inácio e Miguel em comum com o mesmo tutor, na barra do Ribeirão do Guararapó, “com legoa e meia de comprimento, mais ou menos, e 350 braças mais ou menos de largura, dividindo do lado debaixo com Francisco de Paula, e outros, e do lado de cima com Francisco Rodrigues da Costa, e outros, e no fundo o Ribeirão de Guararapó, e o Rio de Sorocaba, na testada até intestar a estrada dos Braganceiros, sendo tudo dividido por rumos, cujas terras forão compradas a Francisco da Costa Carlos, e de outros, por Carta particular”.

## Referências

ALMEIDA, Vicente Ferreira e. Termo de elevação da Freguezia de Ararituaba a categoria de Villa, com a denominação de Porto Feliz. In: ARCHIVO DO ESTADO DE S. PAULO. *Documentos Interessantes para a Historia e Costumes de São Paulo*: Diversos. 3 ed. São Paulo: Typ. Cardoso Filho, v. III, 1913. 165 p, p. 27-45. Disponível em: <https://bibdig.biblioteca.unesp.br/bitstreams/c24cc265-7316-46d4-9fbc-8e417df22cf9/download>. Acesso em: 20 jun. 2024.

ARAÚJO, André Gomes de. Representação da Camara de Porto-Feliz sobre as execuções nos engenhos de assucar. In: ARCHIVO DO ESTADO DE S. PAULO. *Documentos Interessantes para a Historia e Costumes de S. Paulo*: Diversos. S. Paulo: Typ. Cardozo Filho & Comp., v. XLIV, 1915. 383 p, p. 253-255. Disponível em: <https://bibdig.biblioteca.unesp.br/bitstreams/1df0b472-942b-465f-987c-0d12978cf672/download>. Acesso em: 20 jun. 2024.

FRANÇA, Antônio Thomé de; CASTRO, Miguel João de. Abertura de Comunicação Commercial entre o Districto de Cuyabá e a Cidade do Pará por Meio da Navegação dos Rios Arinos e Tapajós Emprehendida em Setembro de 1812 e Realizada em 1813. In: INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO E ETHNOGRAPHICO DO BRASIL. *Revista Trimestral*. Tomo XXXI - Primeira Parte ed. Rio de Janeiro: B. L. Garnier, f. 411, 1868, p. 107-160. Disponível em: [https://drive.google.com/file/d/0B\\_G9pg7CxKSscFRPaDZGaGtxOWs/view?resourcekey=0-buCxjNKMt88vs0M-FsMUiA](https://drive.google.com/file/d/0B_G9pg7CxKSscFRPaDZGaGtxOWs/view?resourcekey=0-buCxjNKMt88vs0M-FsMUiA). Acesso em: 20 jun. 2024.

FREITAS, Orlando Ferreira de; FONSECA, Maria Beatriz de Freitas. *Genealogia e Histórias do Cercado de Pitangui*. Nova Serrana: Usina do Livro Gráfica e Editora, v. I, 2013. 609 p.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. *Conheça o Município Turístico de Tatuí*. Secretaria de Turismo e Viagens. São Paulo. Disponível em: <https://www.turismo.sp.gov.br/landingpage/2067/tatui>. Acesso em: 20 jun. 2024.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. *Conheça Tatuí, a Capital da Música*. SP Notícias. São Paulo, 2015. Disponível em: <https://www.saopaulo.sp.gov.br/spnoticias/ultimas-noticias/conheca-tatui-a-capital-da-musica/>. Acesso em: 20 jun. 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. *Compreendendo o território através de suas articulações*. Agência de Notícias IBGE. Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/10542-compreendendo-o-territorio-atraves-de-suas-articulacoes>. Acesso em: 20 jun. 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. *Divisão regional do Brasil em regiões geográficas imediatas e regiões geográficas intermediárias*. IBGE. Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: [https://www.ibge.gov.br/apps/regioes\\_geograficas/#/home/](https://www.ibge.gov.br/apps/regioes_geograficas/#/home/). Acesso em: 20 jun. 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. *Tatuí*. Biblioteca Catálogo. Rio de Janeiro. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/biblioteca-catalogo.html?id=33149&view=detalhes>. Acesso em: 20 jun. 2024.

LEME, Pedro Taques de Almeida Paes. *Nobiliarchia Paulistana Historica e Genealogica*. 3ª ed. São Paulo: Livraria Martins Editora, Tomo II, 1953. 291 p. Disponível em: <https://archive.org/details/10011591-1/mode/2up>. Acesso em: 20 jun. 2024.

MINHOTO, Laurindo Dias. Tatuhy Através da História. *Revista do IHGSP*, São Paulo, v. XXV. 613 p, 1928. Disponível em: <http://ihgsp.org.br/wp-content/uploads/2018/03/Vol-25.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2024.

NO TEMPO ANTIGO. *Monção de Sorocaba à Cuiabá - 'Sobrevôo' nos Saltos Jurumirim, Jequitaia e Itaipavas no Rio Sorocaba*. YouTube. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=DDGkz5BwoPU>. Acesso em: 20 jun. 2024.

OLIVEIRA, J. J. Machado de. Memória da Nova Navegação do Rio Arinos até a Villa de Santarém, Estado do Grão-Pará. *Revista Trimestral do IHGB*, Rio de Janeiro, v. Tomo XIX. 644 p, 1898. Disponível em: [https://drive.google.com/file/d/0B\\_G9pg7CxKSscjhZS2JHaS1WcUE/view?resourcekey=0-KAs-B6wrbtJVHEJjrXIXw](https://drive.google.com/file/d/0B_G9pg7CxKSscjhZS2JHaS1WcUE/view?resourcekey=0-KAs-B6wrbtJVHEJjrXIXw). Acesso em: 20 jun. 2024.

### Fontes primárias utilizadas

#### Arquivo Histórico Ultramarino

Mappa Geral dos Conventos e Hospícios de Religiosos que ha nesta Capitania de S. Paulo com o número de escravos que possuem. Arquivo Histórico Ultramarino, Projeto Resgate - São Paulo Alfredo Mendes Gouveia (1618-1823), Biblioteca Nacional Digital, Cx. 44, Doc. 3507, 1798. Disponível em: [https://resgate.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=023-1\\_SP\\_MG&hf=resgate.bn.gov.br&pagfis=23796](https://resgate.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=023-1_SP_MG&hf=resgate.bn.gov.br&pagfis=23796). Acesso em: 20 jun. 2024.

Requerimento de Confirmação de Carta de Sesmaria de Antônio Bicudo de Barros. Arquivo Histórico Ultramarino, Projeto Resgate - São Paulo Avulsos (1644-1830), Biblioteca Digital Nacional, Cx. 5, Doc. 321, 1765. Disponível em: [https://resgate.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=023\\_SP\\_AV&pagfis=2654](https://resgate.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=023_SP_AV&pagfis=2654). Acesso em: 20 jun. 2024.

Requerimento de Confirmação de Carta de Sesmaria de Miguel João de Castro. Arquivo Histórico Ultramarino, Projeto Resgate - São Paulo Avulsos (1644-1830), Biblioteca Nacional Digital, Cx. 24, Doc. 1086, 1804. Disponível em: [https://resgate.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=023\\_SP\\_AV&pagfis=14624](https://resgate.bn.gov.br/docreader/DocReader.aspx?bib=023_SP_AV&pagfis=14624). Acesso em: 20 jun. 2024.

#### Arquivo Público do Estado de São Paulo

Autos de Contas de Testamento: Filippe de Campos Bicudo. Juízo de Resíduos, C05473, DOC 003, 1764. Disponível em: [https://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/juizo\\_residuos/BR\\_SP\\_APESP\\_JR\\_C05473\\_D003.pdf](https://www.arquivoestado.sp.gov.br/uploads/acervo/textual/juizo_residuos/BR_SP_APESP_JR_C05473_D003.pdf). Acesso em: 20 jun. 2024.

Maços de População, Itapetininga, 1769-1846.

Maços de População, Porto Feliz, 1797-1825.

Registros Paroquiais de Terras de Tatuí – 1855 a 1857.

#### Atlas de Laranjal Paulista

*Planta do Rio Sorocaba*: Folha 7. 1 Mapa. São Paulo, 1889. 1x10000cm. Disponível em: [https://www.igoreliezer.com/laranjal/wiki/images/7/78/Planta\\_do\\_Rio\\_Sorocaba\\_Folha\\_7\\_CGG\\_1888.jpg](https://www.igoreliezer.com/laranjal/wiki/images/7/78/Planta_do_Rio_Sorocaba_Folha_7_CGG_1888.jpg). Acesso em: 20 jun. 2024.

#### Family Search – A Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias

Livros de Batismo e Matrimônio, Paróquia de Nossa Senhora da Candelária, Itu/SP. Disponível em: <https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939N-35C9-9?owc=M5J5-W36%3A371872701%2C371872702%3Fcc%3D217299&wc=M5JT-MNL%3A371924701%2C371924702%2C372147001&cc=2177299>. Acesso em: 20 jun. 2024.

Livro de Matrimônio, Paróquia de Nossa Senhora da Ponte, Sorocaba/SP. Disponível em: <https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939N-395M-Q?owc=M5JP-C6D%3A371919301%2C371919302%3Fcc%3D217299&wc=M5JP-YW1%3A371919301%2C371919302%2C372461501&cc=2177299>. Acesso em 20. jun. 2024.

Livros de Matrimônio e Óbito, Paróquia de Nossa Senhora Mãe dos Homens, Porto Feliz/SP. Disponível em: <https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:939N-35C9-9?owc=M5JP-C6N%3A371924701%2C371924702%3Fcc%3D2177299&wc=M5JT-MNL%3A371924701%2C371924702%2C372147001&cc=2177299>. Acesso em: 20 jun. 2024.

#### Museu Republicano de Itu

Inventário de Maria da Rocha Pita - 1831 Cx. 244 Doc. 08 Primeiro Ofício da Comarca de Porto Feliz.

Inventário de Miguel João de Castro - anexado ao Inventário de Maria da Rocha Pita - 1817 Cx. 244 Doc. 08 Primeiro Ofício da Comarca de Porto Feliz. Museu Republicano de Itu.

Medição e Demarcação Sesmaria de Miguel João de Castro 1813 Cx. 013 Doc. 09 Primeiro Ofício da Comarca de Porto Feliz. Museu Republicano de Itu.

#### Torre do Tombo

Confirmação de Sesmaria de Antônio Bicudo de Barros. Registro Geral das Mercês, RGM do Reinado de D. José, Livro 19, Pág. 59, 1765. Disponível em: <https://digitarq.arquivos.pt/details?id=1935173>. Acesso em: 20 jun. 2024.





**LUZ, MOOCA E BRÁS, NÃO ESQUECEREMOS JAMAIS! (UMA REVISÃO  
HISTORIOGRÁFICA DA REVOLUÇÃO DE 1924)**

*Paulo Paranhos*

**Resumo:** *O centenário da revolução paulista de 1924 à luz de entendimentos das atuais pesquisas, com fundamentação em monografias, dissertações e teses.*

**Abstract:** *The centenary of the São Paulo revolution of 1924 in the light of understandings from current researchs, based on monographs, dissertations and theses.*

### **Introdução**

A Revolução de 1924, à qual pouca relevância foi dada pela historiografia nacional por muitos anos, reacende o seu interesse por ocasião do centenário do movimento que abalou a capital paulista e que se ramificou para outros estados da federação.

Consideramos que o movimento merece uma revisão historiográfica com mais pesquisas, pois escapa à nossa compreensão que a produção, por exemplo, de livros sobre o tema não chegue à casa de dois dígitos, o que surpreende, pois foram 23 dias de conflito, onde os paulistanos se viram à mercê de bombardeios, tiroteios, combates de rua, utilização de equipamentos bélicos pesados e até mesmo uso da força aérea de ambos os lados – legalistas e revoltosos.

Assim, ao se completarem 100 anos de sua triste memória, parece que os paulistanos ainda não compreenderam bem a extensão daquele momento, do que representou a incursão violenta e sangrenta pelos mais diversos bairros da capital, mais intensamente no Brás, na Mooca, na Luz, no Centro e até mesmo na Vila Mariana e no Belenzinho. Os destinos da capital, durante 23 dias, estiveram propensos para um lado ou para o outro, e nossa incursão neste tema trará detalhes sobre esse momento delicado e que não deve ser olvidado pelas gerações presentes e futuras, pois, conforme a historiadora Ilka Stern Cohen demonstrou em um de seus artigos, as marcas daquela tragédia ainda são visíveis na cidade.

Um olhar sobre a historiografia que trata do tema foi, efetivamente, a motivação liminar deste artigo, realçando-se pesquisas importantes que foram produzidas a partir da década de 1960, quer através de livros (ainda que poucos), quer através de trabalhos acadêmicos nas mais diversas instituições de ensino do país. Exemplo disso é a pesquisa pioneira dedicada à rebelião militar de 1924,

materializada na tese de doutorado de Anna Maria Martinez Correa, depois transformada em livro, *A Rebelião de 1924 em São Paulo*. Nessa esteira, vieram outras monografias, dissertações e teses de grande relevância para o estudo da revolta, como demonstrado ao longo deste artigo.

Para os que pretendem aumentar o conhecimento sobre aqueles tempos, lembramos que a Biblioteca da Câmara Municipal de São Paulo, o Arquivo Público do Estado de São Paulo e a Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo são detentores de significativo acervo sobre esse doloroso momento por que passou a cidade de São Paulo.

### Antecedentes

A Revolução de 1924 foi um levante militar organizado por jovens oficiais do Exército brasileiro que pretendiam derrubar o governo de Arthur Bernardes, descontentes com os rumos da política nacional. Talvez fosse simples assim, mas na realidade essa revolta, ocorrida essencialmente na capital paulista, e que durante anos viveu no esquecimento da historiografia, tem raízes mais profundas no seio da classe militar, principalmente na jovem oficialidade que fora educada à luz da filosofia positivista que medrou na oposição ao império, com relevância para nomes como Quintino Bocaiúva, Campos Sales, Lopes Trovão e Aristides Lobo, que praticamente colocaram no colo do marechal Deodoro da Fonseca a responsabilidade pela proclamação da República; somem-se a isso os resquícios do movimento havido na cidade do Rio de Janeiro, no ano de 1922, conhecido como Levante dos 18 do Forte de Copacabana, revolta essa também liderada por jovens oficiais do Exército, e que, de igual forma, insurgiam-se contra os desmandos cometidos pelo governo de Epiácio Pessoa e o não alinhamento à política do presidente que o sucederia, Arthur Bernardes, e mais um fato agravante, que talvez pode ser considerado como um dos fatos imediatos ao 5 de julho de 1922: a prisão do marechal Hermes da Fonseca e o fechamento do Clube Militar, do qual ele era o presidente.

Politicamente, os primeiros anos da República foram claramente dominados pelas coligações entre o Partido Republicano Mineiro e o Partido Republicano Paulista, que se alternavam na presidência da República, sem que houvesse qualquer vislumbre para a implantação do voto secreto<sup>1</sup> nas eleições e muito menos qualquer aceno de reforma política no país. Ressalte-se que na República Velha, para presidente e vice-presidente, as eleições eram realizadas em cédulas, separadas, uma para cada cargo, e eram considerados eleitos os candidatos que obtivessem 2/3 dos votos recolhidos. Os títulos não tinham fotos e o pleito não alcançava nem 10% da população.

Na realidade, essa disputa era praticamente uma herança política do Império, à época com a alternância de liberais e conservadores no gabinete ministerial, pois o que iremos encontrar no cenário dos primeiros anos do século XX era uma troca de poder entre paulistas e mineiros, consubstanciada na chamada “política dos governadores” inaugurada por Campos Sales (1898-

1 O voto secreto só foi instituído pelo Código Eleitoral de 1932.

1902). Sobre essa política, que para muitos era um esquema bem engendrado pelas oligarquias dos Partidos Republicanos (paulista e mineiro), deixemos que o professor Francisco Iglésias nos auxilie em sua compreensão:

*De acordo com esse esquema, tem-se uma composição entre o governo federal e os estaduais. O presidente da República estabelece acordos com os presidentes dos estados, de modo a obter apoio de todos os seus atos: os presidentes dos estados apoiariam o da República, bem como levariam os senadores e deputados obedientes às suas ordens. Em troca desse apoio, que garantia ao governo livre ação, o presidente da República apoiava toda a política dos estados, o que significava sobretudo a nomeação dos funcionários em cada local feita por indicação dos chefes regionais: Justiça, polícia, escola e mais atividades eram assim escolhas de gente de confiança absoluta do presidente do estado. Este, por sua vez, compunha-se com os chefes municipais, usando o mesmo artifício: apoio irrestrito em troca de apoio, ou melhor, favores (1993, p. 208).*

Essa prática, contestável sob muitos aspectos, desembocaria no Convênio de Taubaté, de 1906, que estabeleceria as bases estratégicas para maior valorização do café. Dizia-se no império que nada era mais parecido com um liberal do que um conservador, e vice-versa! As oligarquias que dominaram o cenário político da República Velha poderiam ser caracterizadas da mesma forma, ou seja, nada mais parecido com um integrante do PRP do que um integrante do PRM!

### **Tenentes rebelados**

*O sentido do tenentismo*, cuja primeira edição data de 1933, foi um dos primeiros livros onde encontramos o termo “tenentismo”, associando-o às crises dos anos 1920 – levante dos 18 do Forte de Copacabana de 1922, rebelião em São Paulo em 1924 e a Coluna Prestes. A obra é de Virgílio Santa Rosa que identificou os tenentes como *membros da classe média e defensores de seus anseios políticos, contra as elites políticas agrário-exportadoras* (1976, p. 12). Para o autor, a motivação que conduziu a essa liderança dos tenentes foi, basicamente, a ausência de canais institucionais por meio dos quais a classe média pudesse exercer oposição ao governo federal. Poder-se-ia dizer que, em parte, Santa Rosa estava coberto de razão.

No entanto, muitos que pesquisaram sobre o movimento tenentista consideram que essa ideia de Santa Rosa começou a sofrer contestação sistemática a partir dos anos 1960, quando por ocasião da publicação da obra *A Revolução de 1930, magnum opus* do historiador Boris Fausto<sup>2</sup>, que argumentou que o tenentismo dos anos 1920 teria sido na verdade

*Um movimento política e ideologicamente difuso, de características predominantemente militares, onde tendências reformistas autoritárias aparecem em embrião. As explosões de rebeldia – da Revolta do Forte de Copacabana à Coluna Prestes – ganham gradativa importância e consistência, tendo no Rio Grande do Sul uma irradiação popular maior*

2 A primeira edição veio à luz em 1970.

*do que em outras regiões. Elas se iniciam, em regra, com o caráter de tentativa insurrecional independente dos setores civis e, embora este quadro pouco a pouco se modifique, até se chegar ao acordo nacional com as oligarquias dissidentes na Revolução de 1930, o desencontro de caminhos permanece* (1972, p. 57).

Na visão de Boris Fausto, os tenentes têm como traço essencial de sua ideologia a responsabilidade da salvação nacional, como guardiões da pureza das instituições republicanas, em nome de um povo indefeso. No entanto, para esse historiador, trata-se de um movimento substitutivo e não organizador do “povo”.

*Não obstante, têm eles, na década de 20, uma espécie de reconhecimento de sua escassa preparação para assumir as tarefas da elite dirigente e procuram em figuras civis conservadoras (o conselheiro Antônio Prado, o ex-Presidente Venceslau Brás), os quadros políticos de substituição* (1972, p. 58).

Notamos também que, segundo ainda Boris Fausto, no âmbito limitado da revolta do Forte de Copacabana, estão presentes

*Em sua extensão, o isolamento, a desconfiança para com os civis e, ao mesmo tempo, a consciência da impossibilidade de entregar o poder a um nome saído das próprias fileiras tenentistas, que se revela nas articulações com o conselheiro Antônio Prado* (idem).

E ainda reforça em sua tese, após a leitura de escritos deixados pelo então major Juarez Távora, que essas características persistem

*Mas já com várias alterações, em um episódio de amplitude maior – a Revolução de 1924 em São Paulo. As tentativas de se organizar setores civis para integrá-los em um movimento que deveria se estender a vários Estados foram muito limitadas. Houve apenas alguns contatos com a dissidência paulista, os civis gaúchos, influenciados pelo Partido Libertador, que vinham de uma longa luta no Estado contra Borges de Medeiros, só foram procurados quando a revolução estourou. No curso dos acontecimentos, Plínio Casado, na Câmara Federal, em nome dos libertadores, apoiou o governo, sob a alegação de que aquela não era uma verdadeira revolução, mas uma quartelada, enquanto a antiga dissidência paulista foi ao Rio de Janeiro afirmar sua solidariedade ao governo do Estado da República* (idem).

Contudo, não podemos desconsiderar que a visão de Santa Rosa – uma visão ainda calcada na historiografia tradicional do século XIX, muito marcada pelo positivismo histórico –, era uma visão da história política tradicional. O que não se pode, no entanto, é desconsiderar a sua produção, mesmo porque, conforme já assinalado, foi o primeiro a usar o termo “tenentismo”, que ficaria perpetuado para marcar esse movimento contestatório da jovem oficialidade do Exército. Tudo, evidentemente, diferente da proposta de Boris Fausto, que produz uma

trajetória historiográfica com grande influência da Escola dos *Annales* (não fosse ele um discípulo de Lucien Febvre e Marc Bloch, quando de sua graduação em História na USP), daí essa nova visão que empresta ao movimento dos tenentes da década de 1920, considerando muito mais a chamada “história das mentalidades” e transcendendo as fronteiras daquela história tradicional, na qual, sem dúvida, Santa Rosa tinha raízes<sup>3</sup>. Aliás, Boris Fausto enaltece a obra de Santa Rosa na primeira orelha de sua principal obra.

Vejamos também que no ano de 1976, quase concomitantemente, surgem duas importantes obras: a do professor Edmundo Campos Coelho – *Em busca da identidade: o Exército e Política na Sociedade Brasileira*, e a da professora Anna Maria Martinez Corrêa – *A rebelião de 1924 em São Paulo*, ambas acentuando o caráter militar dos movimentos tenentistas dos anos 1920; o professor Campos Coelho relevou *que os movimentos de 1922 e 1924 representaram o descontentamento dos revoltosos contra o regime político e o governo, de uma perspectiva do exército e não da classe média* (1976). Já a professora Anna Maria Martinez Correa, uma das pesquisadoras que melhor entenderam e descreveram o movimento, praticamente concordando com a teoria esposada por Boris Fausto, anotou que

*O movimento de 1924 situa-se dentro de um quadro geral, onde um grupo especial de militares, constituído principalmente de jovens – “os tenentes”, preocupado com a integridade do poder político, chegou a manifestar por várias vezes de diferentes maneiras sua posição crítica diante do poder estabelecido, assumindo por vezes uma atitude de contestação* (1976, p. 1).

A citada professora avança em sua análise apontando que a argumentação dos militares, fossem revolucionários ou sediciosos

*Fundava-se na idealização da República tal como havia sido construída em 1889. Nas mãos dos civis, as proposições iniciais, defendidas pelos militares e institucionalizadas em 1891, teriam sido deturpadas. Sentiam então a necessidade de restaurar a República, nos moldes de 89, livrando-a dos vícios criados pelos civis. Para isso se apegavam à Constituição que deveria, a todo custo, ser respeitada. Apoiados na Constituição, procuraram justificar um movimento que se realizava fora do âmbito legal. Para a realização do que propunham os processos legais eram ineficazes. Daí a necessidade da utilização da violência* (Corrêa, 1976, p. 2).

---

3 Segundo o professor José D’Assunção Barros, a Escola dos *Annales*, em busca de sua conquista territorial da História, precisava enfrentar as tendências historiográficas então dominantes, mas também se afirmar contra uma força nova que começava a trazer métodos e aportes teóricos inovadores para o campo do conhecimento humano: as nascentes Ciências Sociais. Assim, propunha uma abordagem interdisciplinar da história, incorporando elementos da sociologia, geografia, antropologia e economia (Barros, 2010, p. 79).

Ainda nessa mesma linha, é José Augusto Drummond, contando com o auxílio dos ensinamentos da professora Maria Cecília Spina Forjaz, quem nos apresenta as características que deram singularidade ao movimento dos tenentes:

*Muitos oficiais jovens, num movimento coletivo e duradouro, identificam a “deturpação da república” com o “vilipêndio do Exército” e promovem revoltas violentas para regenerar o poder político nacional, entrando em choque com a cúpula militar e a maior parte do corpo de oficiais que não assumem o idealizado papel político arbitral do Exército. A reunião de todos esses elementos, durante tantos anos, no interior de uma instituição hierarquizada e que requer coesão, mostra que o tenentismo, observado dentro do Exército, nada tem de “amorfo” ou “inconsistente” (como muitas vezes se diz quando se estudam suas propostas políticas mais específicas, e muito menos de “liberal-democrático”, como diz Maria Cecília Spina Forjaz (Drummond, 1986, p. 63).*

Analisando as colocações desses insignes autores – todas merecendo o mais meritório crédito – e somando-se a percepção da classe militar forjada no decorrer da República Velha, tendo passado pelos governos de Deodoro e Floriano Peixoto, com o interregno representado pelo governo do marechal Hermes da Fonseca, podemos arriscar dizer que o movimento tenentista vem na esteira de um descontentamento social provocado não só pelos desmandos governamentais, como também pela insistência na condução de uma economia essencialmente primária, onde estados agroexportadores como São Paulo e Minas Gerais dominavam a política econômica – desde Campos Sales – sem que uma luz guiasse o governo na direção de mudanças de rumo como um maior incentivo à industrialização dos estados da federação.

Opositores a esse “revezamento” queriam, na verdade, uma revisão do Convênio de Taubaté, que praticamente concedeu especiais regalias ao hegemônico grupo dos cafeicultores. *O economista Celso Furtado considerou que esse mecanismo econômico existente desde Prudente de Moraes, poderia ser chamado de “socialização das perdas”* (Silva e Carneiro, 1975, p. 36).

Aliada à questão da economia nacional, observamos que a campanha sucessória do presidente Epitácio Pessoa, gestada pelas oligarquias de São Paulo e Minas Gerais<sup>4</sup>, desencadeou um conflito entre parte das forças armadas e o grupo dirigente, que culminou nos primeiros movimentos armados dos tenentes. Essa mesma campanha eleitoral gerou um momento de aguçamento das divergências internas das oligarquias opositoras. Assim, contra a candidatura de Arthur Bernardes, criou-se uma Reação Republicana, apresentando a candidatura do fluminense Nilo Peçanha para a presidência da República, no pleito de 1922.

Desta forma, a rebeldia oligárquica e a rebeldia militar que se associaram

---

4 Epitácio foi eleito em 13 de abril de 1919, sucedendo a Rodrigues Alves, eleito em 1º de março de 1918, que, com a saúde abalada ficou impossibilitado de tomar posse, assumindo interinamente o vice-presidente, Delfim Moreira. Rodrigues Alves faleceu em 16 de dezembro do mesmo ano. Epitácio venceu o opositor Rui Barbosa no pleito de 1919.

para combater o regime vigente se originaram, de um lado, pela honra de parte do Exército que se sentiu ofendida pela política de Epitácio Pessoa, que nomeou civis para as pastas militares e recusou o aumento dos soldos, mas, principalmente, pelas “cartas falsas”, insultuosas ao Exército e atribuídas ao candidato situacionista; por outro lado, temos a ambição de maior participação nas decisões dos setores não cafeeiros, que em sua luta pelo poder utilizaram a insatisfação militar de caráter corporativista como um escudo às suas pretensões políticas e econômicas.

À luz da historiografia existente sobre a República Velha, pode-se considerar que o governo de Epitácio Pessoa foi um campo fértil para esses movimentos contestatórios, maiormente levando-se em conta o movimento da jovem oficialidade do Exército brasileiro. Aliás, é José Maria Bello quem, lucidamente, estabelece um quadro definitivo para entendermos a razão dessas revoltas militares:

*O fim da presidência Epitácio Pessoa assinalava o início da campanha revolucionária que, tão deturpada no seu tormentoso curso, desaguarda no movimento vitorioso de 1930 e no Estado Autoritário de 1937. Não seria arbitrário também dizer que ela encontraria, embora tão diversas as aparências, sua gênese na reação civilista<sup>5</sup> de doze anos antes... Desta forma, não nos é difícil concluir que nos movimentos subversivos que agitaram o Brasil entre 1921 e 1930 (teriam surgido provavelmente em 1914 ou 1915, se não fora a conflagração mundial) se confundiriam velhos desencantos, sinceros desgostos, reflexos da crise universal, ambições de toda natureza, demagogia vulgar, intuítos subalternos, amor à aventura e à desordem (Bello, 1964, p. 249).*

Epitácio Pessoa (que era paraibano), que acenava com um afastamento do conluio político-partidário representado por São Paulo e Minas Gerais, criou expectativas na sociedade que, ao fim, não se concretizaram. Vê-se que Epitácio, ainda em campanha, teria dado mostras de uma tênue esperança de mudanças na política econômica do país; contudo, praticamente se rendeu à impetuosidade representada pelos PRs de São Paulo e Minas Gerais. Tudo isto desagradou tanto a militares quanto a civis, sendo que para os militares, conforme já assinalado, a nomeação de dois civis – Pandiá Calógeras e Raul Soares – para ocuparem, respectivamente, a pasta do Exército e da Marinha, gerou um clima de grande insatisfação.

Junte-se a tudo isto o episódio das mencionadas “cartas falsas”, atribuídas

---

<sup>5</sup> Designação dada à participação de [Rui Barbosa](#) na corrida presidencial de 1910, contra o marechal [Hermes da Fonseca](#). A campanha civilista representou a primeira grande quebra na [política do café com leite](#). Em 1910, ao contrário de boa parte das disputas que ocorreram durante a [República Velha](#), os PRs de Minas Gerais e São Paulo estiveram em lados opostos. A desavença se formou, de um lado, por divergências na política mineira e, de outro, pela tentativa de o Rio Grande do Sul ocupar um lugar de destaque no cenário nacional, fugindo da divisão instituída pela [política dos governadores](#). A morte do presidente [Afonso Penna](#) aprofundou uma crise política que culminou no retorno dos militares ao poder.

pelo jornal *Correio da Manhã*, em outubro de 1921, a Arthur Bernardes, que teria se referido ao marechal Hermes da Fonseca como um “sargento sem compostura” e a alguns generais de “anarquizadores”. As cartas acirraram ainda mais os ânimos já exaltados dos militares contra Epiácio Pessoa, mesmo se tendo apurado posteriormente que as mesmas não foram de autoria do candidato à presidência. É um dos participantes do movimento, o então tenente Juarez Távora, quem lança mais luz à questão:

*Autêntica ou apócrifa, foi essa malfadada carta o ponto de partida da crise político-militar, que deveria sacudir o país durante os dez anos seguintes. Tornara-se visível, em muitas guarnições militares, o descontentamento da oficialidade do Exército com a eleição e reconhecimento do Sr. Arthur Bernardes para presidente da República, sobretudo na capital federal (1974, p. 113).*

#### Marcha dos tenentes saídos do Forte de Copacabana<sup>6</sup>



Assim, o movimento tenentista que se deflagra em 1922 transita, necessariamente, por todas essas questões, agravando-se muito, conforme já mencionado, com a prisão do marechal Hermes da Fonseca em 2 de julho e o fechamento, por seis meses, do Clube Militar. Nessa “fase heroica”, de acordo com o que consta do artigo do professor Mário Cléber Martins Lanna Júnior, o tenentismo, como movimento de conspiração, *pegou em armas para lutar contra as oligarquias dominantes, surgindo nesse período (1920-1930) como única alternativa aos anseios das classes médias populares, ainda que tenha se mantido fiel à defesa da ordem e das instituições* (2003, p. 316).

6 **Fonte:** [https://www.kuadro.com.br/resumos-enem-vestibulares/historia/primeira-republica/movimento-tenentista-%E2%80%93-a-revolta-dos-18-do-forte-de-copacabana-\(1922\)-e-a-revolucao-paulista-\(1924\)?id=1132&topicId=8063](https://www.kuadro.com.br/resumos-enem-vestibulares/historia/primeira-republica/movimento-tenentista-%E2%80%93-a-revolta-dos-18-do-forte-de-copacabana-(1922)-e-a-revolucao-paulista-(1924)?id=1132&topicId=8063). Acesso em: 13 abr. 2024.



### **O que motivou a revolução de 1924**

Para compreendermos a motivação dessa revolta, devemos voltar nossas atenções para o delicado contexto social do país na década de 1920, realçando que a economia brasileira passava por uma grave crise econômica, influenciada pela queda nas exportações, considerando-se que o mundo vivia praticamente o fim da Primeira Grande Guerra. Além disso, assistia-se a um momento político conturbado, em especial pela insatisfação de vários estados com a chamada “política do café com leite”, pois o protecionismo econômico nacional, principalmente ao café, gerava descontentamentos naqueles que não pertenciam a essa classe de produtores; não menos relevante nesse cenário é que se tornava urgente e indispensável uma revisão no sistema eleitoral, no sistema judiciário e no ensino público.

Assim é que uma oposição representada pelos estados do Rio Grande do Sul, Pernambuco, Rio de Janeiro e Bahia, insurge-se contra os situacionistas (paulistas e mineiros), unindo forças na chamada “Reação Republicana”, tendo como bandeira principal que o governo federal também desse atenção a outros produtos produzidos no país, e não somente ao café.

No ano de 1922 o país se viu envolvido com eleições, emergindo dois candidatos ao Palácio do Catete: Nilo Peçanha, da chamada Reação Republicana, e Arthur Bernardes, representante do Partido Republicano Mineiro. A vitória de Bernardes pode ser considerada também como a gênese de alguns problemas, principalmente o descontentamento dos militares, que não viam com bons olhos essa continuidade da Velha República e se insurgiriam contra o resultado das eleições que, repise-se, não eram nem secretas nem populares.

Movimentos militares contrários à política do governo espoucaram em várias partes do país, com destaque para a revolta do Forte de Copacabana, aliás, com um desfecho trágico em 5 de julho. Porém, esse descontentamento não iria arrefecer, haja vista que, no decorrer de 1923, vários deles, insatisfeitos, articularam uma nova conspiração, organizando “centros cívicos” em vários estados para, através dali, deflagar um plano de insurreição cujo objetivo era a deposição do presidente Arthur Bernardes e a implantação de um programa revolucionário, mesmo que não houvesse qualquer projeto mais robusto de governo.

O movimento foi liderado pelo general reformado Isidoro Dias Lopes e pelos capitães Joaquim e Juarez Távora, contando com a participação de Antônio de Siqueira Campos e Eduardo Gomes<sup>7</sup>, remanescentes da revolta do Forte de

---

<sup>7</sup> Eram jovens oficiais do Exército brasileiro, imbuídos das motivações que levaram outros tantos ao combate. Eduardo Gomes seria, adiante, o criador do Correio Aéreo Nacional, e com a criação em 1941 do Ministério da Aeronáutica o seu primeiro ministro. Foi candidato à presidência da República em duas oportunidades, sendo, no entanto, derrotado por Eurico Dutra e Getúlio Vargas. Juarez Távora foi em diversos governos ministro de estado. Joaquim Távora não resistiu a um ferimento na revolução de 1924. Antônio de Siqueira Campos faleceu em 1930 num desastre aéreo, após participar também ativamente da Coluna Prestes. Esse acidente foi o primeiro da aviação comercial da América do Sul, ocorrido com um hidroavião francês que fazia a rota de Buenos Aires para Porto Alegre.

Copacabana. A articulação também contava com o apoio de Nilo Peçanha, candidato derrotado.

Vejamos o que José Augusto Drummond fala sobre o porquê de o comando ter sido dado ao general Isidoro Dias Lopes para o início do movimento em São Paulo:

*Houve contramarchas na conspiração de 1924 em São Paulo; houve, por exemplo, a dificuldade de encontrar um comandante militar de patente elevada; foi só depois de muita relutância que Isidoro Dias Lopes aceitou liderar a conspiração da qual vinha participando, pois não se considerava suficientemente “prestigiado” no Exército. De fato, Isidoro nunca alcançou renome profissional entre seus pares, e a insistência dos jovens tenentes tinha em vista outra faceta de Isidoro, quando jovem oficial, ele fora um rebelde, integrando com destaque o estado-maior das principais forças da Revolta Federalista, em 1893-95. Enquanto Isidoro esteve indeciso, os tenentes cogitaram até convidar o general Abílio de Noronha, comandante da Segunda Região Militar, sediada em São Paulo, apesar de ele nunca ter mostrado qualquer inclinação rebelde (Drummond, 1986, p. 102).*

Na realidade, segundo o mesmo autor, ao procurarem o comando de oficiais de alta patente e com prestígio no Exército,

*Os tenentes revelavam sua valorização do preceito militar da hierarquia, valorização essa que não é tão “simbólica” quanto possa parecer; há um importante raciocínio realista, prático e operacional embutido nessa busca, pois os tenentes sabiam que líderes bem situados na hierarquia eram capazes de precipitar adesões de outros oficiais a eles ligados, seja por subordinação, seja por camaradagem, seja pelo mero exemplo (idem, p. 103).*

Lembremos que no episódio dos 18 do Forte o grande líder dos tenentes revoltosos era o marechal Hermes da Fonseca, naquele momento o oficial mais graduado e presidente do Clube Militar, e, ainda mais, um ferrenho opositor à candidatura de Arthur Bernardes.

Assim é que Hermes da Fonseca, Isidoro Dias Lopes, José Calasans e, mais tarde, Góis Monteiro, *representavam para os tenentes a possibilidade de importante e nada fictícia de catalisar apoio de última hora dentro da oficialidade do Exército, arrastando colegas mais próximos e/ou hesitantes para a rebelião (Drummond, 1986, p. 103).*

Também podemos acrescentar que, independentemente da violenta repressão ao movimento de Copacabana, outra grande insatisfação militar veio na esteira da decisão de dezembro de 1923, e esse episódio calou fundo na jovem oficialidade do Exército, inclusive em alguns segmentos de mais alta patente: os oficiais que se envolveram no levante de 1922 foram julgados com base no artigo

Caiu em território uruguaio e o traslado do corpo de Siqueira Campos foi feito para o Rio de Janeiro através de um navio francês, uma vez que o governo de Washington Luís não permitiu que fosse transportado em embarcação brasileira.

107 Código Penal vigente, que previa o *banimento aos cabeças, e aos corrêus a reclusão por cinco a dez anos, por tentarem, diretamente e por fatos, mudar por meios violentos a Constituição política da República, ou a forma de governo estabelecida*, o que levava, inclusive, à perda de patente e expulsão do Exército. Foram condenados, ao todo, 73 oficiais do Exército, sendo 1 general, 3 coronéis, 1 tenente-coronel, 2 majores, 12 capitães, 52 primeiros-tenentes e 2 aspirantes.

A escolha dos conspiradores para esse novo movimento recaiu na cidade de São Paulo, num movimento que deveria contar com a adesão de outros tantos em Santa Catarina, Paraná, Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Mato Grosso. A professora Anna Maria Martinez Corrêa nos esclarece o porquê da escolha pela capital paulista como ponto de partida para a Revolução:

*Residia no fato de São Paulo ser uma cidade em ritmo acelerado de crescimento, onde se notava um início de prosperidade industrial. A ocupação de uma cidade nessas condições poderia garantir aos revolucionários uma sólida posição dentro da estratégia geral de sua luta. São Paulo funcionaria como ponto de concentração do movimento revolucionário. Apesar de claramente definidos os objetivos da tomada do poder, os planos elaborados diziam respeito apenas à primeira parte, isto é, à ocupação militar da cidade de São Paulo, com o estabelecimento de relações com as unidades do interior do Estado e Mato Grosso, Paraná, Centro e Sul de Minas Gerais, provocando o isolamento do Rio de Janeiro (1976, p. 79).*

Um outro olhar sobre o porquê da escolha de São Paulo para a revolta de 1924 vem também através de um estudo da professora Juliana Martins de Oliveira Santos, que trazemos a este artigo como uma importante contribuição. A referida professora indaga em seu estudo: *por que escolher essa cidade como cenário da revolução?* E apresenta três diferentes *chaves*, que foi buscar nas análises anteriormente feitas pelas historiadoras Vavy Pacheco Borges e Ilka Stern Cohen:

*A primeira seria começar o movimento em São Paulo para garantir a tomada do porto de Santos e o Vale do Paraíba, para então ir em direção ao Rio de Janeiro depor o governo federal; a segunda é apresentada por uma fala de Joaquim Távora, de que as mais importantes decisões políticas do país foram tomadas na cidade, como a proclamação da Independência, da Abolição da escravatura e a proclamação da República, e que então o que acontecesse em São Paulo “sairia grande”; e por último a possibilidade de adesão da elite política dissidente do Partido Republicano Paulista e da classe operária, que propagaria a ideia da revolução (2019, p. 29).*

Assim é que, dentro de um planejamento mais geral,

*A estratégia consistia em garantir para o comando militar uma posição definida a fim de abalar a situação governamental. Para isso escolheu-se a guerra de decisão rápida, violenta e centralizada com o deslocamento e concentração de forças em locais estrategicamente sensíveis. As operações táticas deveriam ocorrer dentro de um prazo rigorosamente estipulado. A ocupação da cidade de São Paulo deveria*

*ser feita em poucas horas. O deslocamento e concentração de forças deveriam realizar-se num tempo determinado. O ponto estratégico mais importante na colocação das tropas era Barra do Pirai, onde, num prazo de 24 horas, deveriam estar colocadas as tropas que fariam o bloqueio da descida da Serra do Mar, em direção ao Rio de Janeiro (Corrêa, 1976, p. 80).*

Escolhida a mesma data de 5 de julho para o início da insurreição, os revoltosos pretendiam rapidamente ocupar as ruas da capital paulista, abrindo trincheiras, sublevando os quartéis, ocupando o palácio do governo e organizando uma marcha revolucionária para forçar a deposição do presidente no Rio de Janeiro. José Augusto Drummond nos fornece detalhes sobre a escolha da data da deflagração da insurreição:

*O dia da revolta só foi decidido depois que Isidoro resolveu aceitar o comando das operações (pois nenhum general da ativa se engajou). A data escolhida, 5 de julho, foi uma opção intencional para apregoar a continuidade em relação a 5 de julho de 1922. O sentido simbólico é inegável, mas é também verdade que a conspiração da jovem oficialidade esteve virtualmente interrompida em vários momentos entre julho de 1922 e dezembro de 1923 (1986, p. 105).*

A mesma professora Anna Maria Martinez Corrêa dá outras informações sobre o planejamento do movimento:

*A queda militar da cidade de São Paulo não só era garantia necessária para o prosseguimento do plano como ainda se esperava que ela ocorresse em algumas horas. Posto em execução o plano, que sobre os mapas havia resultado eficiente, começou a enfrentar os imprevistos. A ação deveria se desenvolver a partir de dois centros de articulação: o quartel do 4º BC de Santana e parte do quartel de Quitaúna que deveriam sublevar-se simultaneamente (1976, p. 111).*

### **Deflagração da Revolta**

Às primeiras horas de uma madrugada fria do dia 5 de julho, os revolucionários, após tomarem o 4º Batalhão de Caçadores, rumaram para o Quartel-General da Força Pública, sob a liderança dos tenentes Asdrubal Gwayer de Azevedo e Luís Cordeiro de Castro Afilhado e dos capitães Newton Estilac Leal, e dos irmãos Joaquim e Juarez Távora. Contando com o auxílio do major Miguel Costa, tomaram de assalto o 4º e o 2º batalhões de Polícia. O tenente João Cabanas, com sua tropa, ocupou a Estação da Luz. *Sob o comando do major Marcílio Franco, bombeiros e praças do 1º Batalhão da Força Pública ocuparam postos policiais no Brás, Mooca, Liberdade e Luz, além do prédio do Telégrafo Nacional (Corrêa, 1976, p. 112).*

**Quartel-general dos revolucionários – rua João Theodoro – bairro da Luz<sup>8</sup>**

E prossegue, mostrando como seu deu a estratégia inicial:

*Uma vez conseguidas aquelas posições, conforme o planejamento contido nas “ordens”, deveriam os rebeldes se apoderar dos principais edifícios públicos, palácio dos Campos Elíseos, Secretaria da Justiça e palácio do Governo. Tendo aumentado o ataque ao palácio dos Campos Elíseos, Carlos de Campos transferiu-se para a Secretaria de Justiça. No dia 7, os militares rebeldes conseguiram tomar a estação dos bombeiros sediada na Alameda Barão de Piracicaba e o Liceu Coração de Jesus, o que acabou por facilitar a tomada do palácio dos Campos Elíseos. No dia 8, à tarde, Carlos de Campos deixou a cidade (idem).*

A historiadora Ilka Stern Cohen é outra pesquisadora que demonstrou interesse pela revolução de 1924 e deu significativa contribuição à historiografia, com detalhes do bombardeio da cidade no limiar do movimento:

*O principal alvo da artilharia “revolucionária” foi o Palácio dos Campos Elísios, residência oficial do Presidente do Estado, Carlos de Campos. Com isso, o Presidente foi levado à Secretaria de Justiça, que também seria bombardeada, levando Carlos de Campos a se refugiar em Guaiaúna, localizada próxima ao bairro da Penha de França, no dia 9 de julho. Essa fuga de Carlos de Campos deu combustível aos militares envolvidos no movimento, que estavam desacreditados com os rumos*

<sup>8</sup> Hoje aqui se encontra a sede do Batalhão da Rota. Ao fundo, a chaminé projetada por Ramos de Azevedo em 1892, parte integrante da primeira usina termelétrica da cidade, que ainda hoje guarda as marcas da artilharia deixadas durante a Revolução de 1924. Acervo Fundação Energia e Saneamento. Disponível em: <<https://avidanocentro.com.br/imagens/revolta-de-1924-o-conflito-que-deixou-sao-paulo-destruida-veja-fotos/>>. Acesso em: 24 abr. 2024.

*do levante, tendo em conta a demora inesperada para tomar a cidade, principalmente Isidoro Dias Lopes, que propôs o reconhecimento da derrota, indo de encontro com as posições de Miguel Costa e João Cabanas, que defendiam a continuação da luta (2007, p. 37).*

A capital paulista foi severamente castigada com bombardeios durante o raide rebelde, tendo casas e prédios destruídos, o que obrigou muitas pessoas a abandonarem a cidade em direção ao interior com o intuito de se protegerem dos ataques. Foram 23 dias de intenso combate, ocasião em que vários bairros foram bastante atingidos, interrompendo-se as comunicações telefônicas, e com um sensível corte no fornecimento de energia elétrica. Os quartéis da 2ª Região Militar e da Força Pública foram ocupados, e seus comandantes foram presos. O comando revolucionário instalou-se no quartel-general da Força Pública de São Paulo.

Este era o cenário suficiente para que, no dia seguinte ao início da revolta, o presidente Artur Bernardes solicitasse ao Congresso Nacional a decretação do estado de sítio, enviando, incontinenti, para Santos os destróieres *Alagoas* e *Bahia*, bem como o encouraçado *Minas Gerais*, com um efetivo que chegava quase que a três mil homens.

De outro lado, recrudescia a artilharia pesada dos revoltosos. Vejamos aqui o que foi narrado pelo professor Francisco Moacir Assunção Filho em sua dissertação de mestrado:

*Militares do Exército haviam tomado quartéis da Força Pública, em aliança com os oficiais desta corporação estadual, e sitiavam o Palácio Campos Elíseos. O presidente Carlos de Campos, cercado no palácio com sua guarda pessoal, comandada pelo major Marcílio Franco, e alguns civis que o apoiavam, deslocou-se para a Secretaria de Justiça, no Largo do Palácio (atual Pátio do Colégio), onde permaneceu mais um dia. A partir de pontos diferentes da cidade, os rebeldes bombardeavam o palácio, na Avenida Rio Branco. Um desses tiros de canhão Krupp, de propriedade do sublevado Quartel do Exército em Quitaiúna, atingiu uma residência vizinha ao local, matando a moradora Maria Clara Gomes. Na mesma rua, uma criança, Ulisses Garcia, também foi morta ao ser atingida pelos petardos da artilharia. Logo depois, um outro tiro de artilharia, a partir da torre da Estação da Luz, já tomada pelos rebeldes, atingiu o Liceu Coração de Jesus, vizinho ao Palácio dos Campos Elíseos, ferindo um aluno, Arnaldo Petersen Barreto... Posteriormente, outro tiro de canhão disparado a partir do Largo de São Bento, abriu um buraco na parede da secretaria (do Palácio) e forçou a retirada do presidente para a vilazinha de Guaiatúna, na Penha de França, ponto final da Estrada de Ferro Central do Brasil que vinha do Rio de Janeiro (2014, p. 29).*

Sobre a participação de oficiais da Força Pública de São Paulo, José Augusto Drummond faz uma constatação:

*Não consegui levantar qualquer explicação satisfatória para a*

*predisposição rebelde de duas dezenas de oficiais da Força Pública de São Paulo. Infelizmente, o minucioso trabalho de Heloisa Rodrigues Fernandes sobre a corporação não entra nessa questão. O estudo de Dalmo Dallari também não esclarece a disponibilidade rebelde da Força Pública, que ele mesmo diz ter sido, até 1924, um “instrumento dócil” da oligarquia paulista. Mas é inegável que, do ponto de vista dos tenentes, os rebeldes da Força Pública, uma corporação militar muito bem dotada de recursos humanos, materiais e bélicos, constituíam uma importante adesão militar (1986, p. 101).*

No dia 9 de julho o palácio dos Campos Elíseos foi tomado, logo após a fuga do presidente do estado para a Zona Leste da cidade, sendo na ocasião formada uma junta militar, presidida pelo general Isidoro Dias Lopes, da qual participaram o general Augusto Ximeno de Villeroy, o marechal Odílio Bacelar Randolpho, os majores Bertoldo Klinger e Miguel Costa. Tinham como intenção entregar o governo de São Paulo ao conselheiro Antônio da Silva Prado, que fora prefeito da cidade por quatro mandatos. Este, por sua vez, declinou do convite, e segundo informações quase que testemunhais de Ciro Costa e Eurico de Góes (1924, p. 53), demonstrou surpresa

*Com a notícia de que os revoltosos de São Paulo tinham declarado haver proposto o meu nome para governador civil de São Paulo. Declaro terminantemente que não fui consultado por ninguém a esse respeito, e nada podia autorizar tal indicação, pois não aceitaria nenhuma investidura de origem revolucionária.*

Na realidade, grande parte da população periférica não tinha a menor ideia do que estava ocorrendo, pois, na confusão dos primeiros dias, os combates se deram em pleno centro da cidade. Os próprios soldados não sabiam a quem deviam ordens: *Soldados vestidos com o mesmo uniforme caqui lutavam entre si; marinheiros e guardas civis pró e contra o governo enfrentavam-se, ainda incertos quanto ao comando a que deviam obedecer*, de acordo com o que esclareceu a professora Ilka Cohen em um excelente artigo que mostra imagens impressionantes da herança do conflito (2005, p. 97).

O então presidente da Associação Comercial de São Paulo, José Carlos de Macedo Soares relata um episódio bastante interessante: dirigindo-se de automóvel ao quartel-general, junto com o prefeito Firmiano Pinto, com o intuito de parlamentar com Isidoro Dias Lopes, ambos foram parados por uma patrulha que os acompanhou à Estação da Luz. Naquela oportunidade, o cabo da Força Pública, armado com uma carabina, a certa altura perguntou ao prefeito: – *Afinal quem ganhou, fomos nós?* (Soares, 1925, p. 35).

Nada de proveitoso ocorreu daquela entrevista, mesmo porque o general Isidoro ali não se encontrava no momento, e os bombardeios continuaram, o que ensejou aos moradores de bairros bem atingidos, como o foram, além do Brás, da Mooca, da Luz, também os Campos Elíseos, Bom Retiro, São Caetano, Santana e as imediações dos quartéis, que deixassem suas casas e buscassem abrigo em

bairros mais afastados, principalmente em casas de parentes e amigos. A escassez de comida deu ensejo a saques às lojas, e tudo isto com uma certa convivência das tropas revoltadas, que na verdade pretendiam um maior apoio da população às suas reivindicações.

O tenente João Cabanas, um dos líderes revolucionários, posteriormente um dos fundadores da Aliança Nacional Libertadora, fazendo oposição ao governo Vargas, e que na década de 1950 foi suplente de deputado federal por São Paulo, anotou em seu livro *Os fariseus da revolução* um episódio de um saque que fora por ele mesmo autorizado, e justifica assim aquela ação:

*Tendo verificado com bastante amargura o sofrimento de grande parte da população pela escassez de gêneros alimentícios, deliberei atenuar esses sofrimentos, fazendo de qualquer modo ou meio ao meu alcance, que o comércio de produtos de primeira necessidade abrisse suas portas ao público e que este se abastecesse pelos preços correntes antes da revolução. Nesse intuito dirigi-me ao Mercado (municipal) para começar aí o que tinha deliberado. As portas do estabelecimento estavam fechadas; em volta dele uma multidão apinhava-se furiosa e rugia reclamando ingresso aos gritos. Imediatamente e com a urgência que o caso requeria, mandei chamar o administrador do mesmo e entendi-me com os negociantes das adjacências para que abrissem as portas de seus estabelecimentos.*

*Com o administrador do Mercado não tive bom êxito. Este funcionário, indiferente à desgraça do povo e à fome que o abatia já há quatro dias, não quis atender-me negando-se a comparecer à minha presença iludindo assim os meus propósitos. O momento não comportava dilações; os populares ansiosos esperavam uma resolução. Resolvi tomá-la, ordenando que se arrombassem as portas e que os gêneros ali acumulados fossem distribuídos gratuitamente pelas famílias pobres. Como o abastecimento era livre, alguns abusos foram praticados, apesar da vigilância com que procurava evitá-los. Assim é que tive o desgosto de castigar severamente alguns malfeitores e pequenos negociantes que carregavam gêneros para revendê-los fora (1924, p. 33-34).*

Gente com mais posses conseguiu fugir para o interior do estado. São os insígnies historiadores Hélio Silva e Maria Cecília Ribas Carneiro quem nos pintam um quadro desse cenário:

*A cidade estava acéfala e entregue, administrativamente, à sua própria sorte. A confusão era geral. O tiroteio era contínuo. Travavam-se combates em cada esquina. Bandos armados disputavam a posse de certos edifícios públicos de maior importância. Os combatentes não podiam, nem cogitavam do policiamento. Por isso praticavam-se abusos de toda espécie. Na manhã do dia 9 de julho, no largo do Arouche, uma multidão desesperada saqueia o armazém da firma Matarazzo, levando tudo que encontra, até a última tábuca das prateleiras. Os assaltos se sucedem em vários bairros da cidade, invadindo depósitos e armazéns, principalmente na Mooca, no Bom Retiro e no Brás (1976, p. 121).*



Casa na Mooca<sup>9</sup>

Em vários pontos foram verificados combates sangrentos, sendo os feridos em sua grande maioria encaminhados à Santa Casa da Misericórdia, onde voluntários colaboravam no atendimento. A Cruz Vermelha apelava àqueles que tivessem condição de transportar os feridos em seus automóveis particulares que assim o fizessem.

No dia 10 de julho, após cinco dias de combates intensos, parecia que os revoltosos estavam senhores da situação, o que motivou a manchete de primeira página do *Jornal do Commercio* desse mesmo dia: *Levante militar. As forças sublevadas triunfaram ocupando a capital.*

Soldados e insurgentes entrincheirados no bairro do Pari – 1924<sup>10</sup>

<sup>9</sup>Fonte: <https://portaldamooca.com.br/a-mooca-e-as-revolucoes-de-1924-e-1932/#>. Acesso em: 13 abr. 2024.

<sup>10</sup> Fonte: <https://www.ambientelegal.com.br/a-revolucao-esquecida-de-1924/>. Acesso em: 13 abr. 2024.

Dentro dessa confusão que se estabeleceu, com ataques, inclusive, a bairros proletários, onde grande parte da população era de operários estrangeiros, pobres, vemos que muitos, indignados, também se sublevaram e incorporaram-se nos chamados “batalhões de estrangeiros”, antevendo nesse alistamento militar uma forma de sobrevivência. De acordo com a professora Laura Christina Mello de Aquino, em sua dissertação de mestrado, esses batalhões eram formados por italianos, alemães e húngaros, mas também neles se incorporavam *integrantes da Inglaterra, Áustria, Tchecoslováquia, Polônia, Suíça, Suécia, Noruega, Dinamarca, Espanha, Rússia, entre outros, recém-chegados da Europa, tendo muitos deles enfrentado a Primeira Guerra Mundial, contribuindo com seus conhecimentos e habilidades* (1995, p. 62).

Ainda sobre a participação de imigrantes nos quadros da revolução de 1924, cabem aqui parênteses: muitos vieram para São Paulo para trabalhar na lavoura cafeeira a partir do terceiro quartel do século XIX, com grande participação no desenvolvimento dessa agricultura nas primeiras décadas do século XX, e muitos deles e seus descendentes, com a crescente industrialização da capital, passaram a residir em bairros periféricos e trabalhar na construção de edifícios comerciais, residenciais e fábricas.

Seguindo o confronto, vemos que pelo lado do governo, o presidente Carlos de Campos estabelecia uma estratégia consistindo em promover o cerco da cidade, impedindo a fuga dos revoltosos para Santos ou para o Rio de Janeiro, antevendo a chegada iminente de reforços por mar ou por terra. Isto, inclusive, pôde ser constatado na região do Vale do Paraíba, a partir da altura da cidade de Cruzeiro, onde tropas federais comandadas pelo general Eduardo Sócrates barraram a entrada de insurrectos vindos de Minas Gerais. O cerco foi completado com a ocupação do ramal da *São Paulo Railway* (que ligava São Paulo a Jundiáí), além do reforço das posições do governo no ramal que vinha de Itararé, na divisa com o Paraná.

O historiador Carlos Romani lembra em seu artigo que na manhã do dia 11, por volta das dez horas, ouviam-se assobios que vinham de longe.

*De repente, uma série de explosões fez levantar uma nuvem de poeira e fumaça sobre a cidade. Formava um círculo tendo como diâmetro o eixo da Avenida Rangel Pestana, desde o centro velho até o Brás. Mulheres gritavam, carregando no colo suas crianças ensanguentadas. Saíam de trás dos escombros e choravam ajoelhadas em frente aos familiares mortos. Uma multidão de pessoas saiu às ruas para ver o que acontecia. Velhos e crianças corriam desesperados sem entender o que se passava. A sucessão de explosões prosseguia. Os tiros vinham da extrema zona leste, das colinas da Vila Matilde, onde as tropas legalistas estavam posicionadas. O general Eduardo Sócrates ordenara o ataque com canhões e obuses lançando bombas e granadas sobre os bairros operários de São Paulo. Os petardos eram dirigidos deliberadamente sobre as zonas residenciais da Mooca, do Brás e do Belém, provocando*

*a desgraça entre as famílias de trabalhadores. No outro lado da cidade, do alto da Avenida Paulista, no Pacaembu, no Higienópolis e nos Campos Elíseos, sede do desalojado governo de Carlos de Campos, a burguesia paulistana assistia protegida ao espetáculo aéreo de chamas, ouvindo retumbar ao fundo os tiros dos canhões (2011, p. 163).*

Na confrontação sangrenta entre legalistas e revoltosos, ambos os lados recorreram ao uso de aviões para aquilatar a força dos adversários e até mesmo para lançar panfletos; mas, segundo insuspeitos testemunhos, os aviões, além de panfletos, também jogavam granadas sobre a população indefesa<sup>11</sup>.

O citado historiador Carlos Romani, com base em jornais da época e em depoimentos de sobreviventes, anotou que, tristemente, somente pobres indefesos pereceram nos ataques. E arremata que

*Posicionado no alto da Penha, da Rua Guaiaúna, o general Sócrates avistava de binóculo o tormento dos miseráveis. A estratégia do Exército era simples. Estabelecer o terror entre a população civil para que implorasse aos rebeldes que se rendessem. Lá embaixo, centenas de feridos, muitos deles mutilados, eram encaminhados para a Santa Casa já completamente abarrotada de pacientes. Pelas ruas, os cadáveres não recolhidos já empestavam o ar; enquanto parentes perambulavam a esmo em busca de seus mortos. Aproximadamente mil pessoas morreram e outras tantas milhares ficaram feridas nesse 11 de julho que ficou conhecido como o dia do “bombardeio terrificante”. Ataques menores sucederam-se nos dias seguintes, nesse exercício de guerra realizado pelo Exército, testando suas armas em cobaias humanas, civis de pouco valor (idem).*

Ciro Costa e Eurico de Góes também nos transmitem um quadro dantesco:

*Inumeráveis mortos e feridos dão entrada nos hospitais de sangue. Acumula-se o lixo pelas ruas. Reina a imundice. Apesar da tabela reduzida de preços, para os gêneros alimentícios, campeia a fome, qual uma praga imobilizadora. [...] Continuam as remoções de famílias fugitivas. [...] Em vários pontos da cidade, ostentam-se cavalos mortos e abandonados. Um cheiro pestilento invade o espaço, num prenúncio de epidemia, e tortura os olfatos (1924, p. 166).*

Bairros até então preservados, como Liberdade, Vila Mariana e Aclamação, foram atingidos pelo bombardeio aéreo. O jornalista Paulo Duarte, do jornal *O Estado de S. Paulo*, praticamente uma testemunha ocular dos acontecimentos na capital paulista, em sua obra *Agora nós!*, relata que diante dos ataques aéreos promovidos pelos revoltosos, a população da capital começou a temer o contra-ataque do governo, considerando que

11 Sabe-se que no dia 22 de julho um avião dos revoltosos teria como destino a cidade do Rio de Janeiro, onde jogaria panfletos para a população e também uma dinamite sobre o Palácio do Catete. Motivos técnicos fizeram com que pousasse na cidade de Cunha, sendo abortada a missão.

*Os civis inocentes é que tributaram com a vida a pequice dos generais do governo e a crueza mórbida desse mesmo governo. As granadas caíam a esmo, ora aqui, ora acolá, como se o objetivo só da artilharia governista fosse atirar sobre a cidade em geral, sem ponto certo. É o que aconteceu. O bombardeio durava dias e noites sem cessar; a Santa Casa se enchia de mulheres e crianças, os cemitérios pejavam-se de cadáveres e as fileiras revolucionárias não perdiam um só homem. Dir-se-ia que o governo demonstrava o seu ódio não à revolução, mas ao povo paulista (1924, p. 148).*

A professora Juliana Martins de Oliveira Santos, que estudou a revolução sob o aspecto de compreender o cotidiano da cidade, a liderança política e os confrontos militares nas ruas da capital, apontou que São Paulo começava a experimentar uma grande prosperidade, inclusive com a vinda de fazendeiros do interior do estado para bairros da cidade próximos às vias férreas, possibilitando a ida às suas fazendas com mais facilidade. Anota que, fazendo coro com a historiadora Paula Beiguelman, *esses fazendeiros investiram o seu capital na crescente atividade industrial na capital paulista, capital esse que vinha desde as atividades agrícolas mais antigas que o café, além do mercado imobiliário crescente na cidade (2019, p. 27).*

Vê, inclusive, ainda trazendo os ensinamentos de Juliana Santos, que no limiar dos anos 1910

*Já é possível observar a atividade industrial na cidade de São Paulo, nas áreas da tecelagem (Cotonifício Crespi, Companhia Industrial São Paulo, F. Matarazzo & Cia – Fábrica Mariângela, Companhia Nacional de Tecidos de Juta), a Companhia Antártica Paulista na produção de cerveja; novamente a F. Matarazzo & Cia, mas com moinho de trigo, a Vidraria Santa Marina, a Clark Ltda. no setor de calçados, entre outras, que mantiveram sua importância dentro do cenário econômico da cidade (2019, p. 28).*

**Cotonificio Crespi<sup>12</sup>**

No Brás, na Mooca e no Belenzinho vivia uma população de imigrantes praticamente recém-chegada a São Paulo, além de trabalhadores brasileiros em fábricas, morando naquelas vilas operárias. O predomínio era italiano. O Belenzinho, por exemplo, de acordo com as informações do professor Francisco Assunção Filho

*Era território das indústrias de vidrarias, como a Germânia, a Santa Maria, a Itália, a Paraíba e a Nadir Figueiredo, quase todas de propriedade de estrangeiros imigrados. O bairro, antes conhecido como Marco da Meia Légua, havia sido uma estância climática até por volta do fim do século XIX, procurado por quem tentava se curar da tuberculose, por causa do ar puro, mas em 1924 já estava bastante industrializado (2014, p. 30).*

Foram alvos certos da artilharia pesada tanto de legalistas quanto de revoltosos, que, praticamente, arrasaram esses edifícios, como se fossem eles os responsáveis pela insanidade que se abateu sobre o país por esses tempos.

Para disto se ter uma ideia, vejamos que no dia 16 de julho o presidente Carlos de Campos faz uma visita aos legalistas e, recebido pelo comandante da 2ª Bateria, o capitão Correia Lima, por este foi informado sobre alguns dados técnicos, esclarecendo que uma determinada peça atirava uma granada num raio de ação de 600 metros.

---

12 Fonte: <https://www.studium.iar.unicamp.br/oito/5.html>. Acesso em: 13 abr. 2019.

**Bateria contra a cidade<sup>13</sup>**

Segundo o capitão, isto queria dizer que *duas pessoas distantes 1.200 metros, uma da outra, podem ser mortas por estilhaços de uma única granada. Numa ocasião como esta, sobre São Paulo, o melhor uso desta bateria é ficar silenciosa* (Silva e Carneiro, 1976, p. 140). Informações dos historiadores Hélio Silva e Maria Cecília Ribas Carneiro dão conta de que o *presidente Carlos de Campos “empertigou-se e depois de instantes de reflexão, respondeu: “Destrua-se São Paulo, mas fique impoluto o princípio da autoridade”* (idem). De acordo com o que ainda foi narrado por Hélio Silva e Maria Cecília Ribas Carneiro, o *capitão olhou para o municionador, sem dizer uma palavra e, também dali não se moveu, quando o governador do Estado se retirou. Nos dias que se seguiram aquelas Baterias não cessaram de despejar granadas sobre São Paulo* (idem).

Seguindo o curso da revolta, vejamos que no dia 17 de julho, carta do general Isidoro, como chefe das forças rebeldes, apontava os quesitos apresentados pelos revolucionários para a deposição das armas, tendo como preâmbulo:

*A entrega imediata do Governo da União a um Governo Provisório composto de nomes de reconhecida probidade e da confiança dos revolucionários. Exemplo: dr. Venceslau Brás. O Governo Provisório convocará, quando julgar oportuno, uma Constituinte que manterá obrigatoriamente:*

*1º - Forma de Governo Republicana Federativa.*

*7º - Proibição da reeleição do presidente da República e dos presidentes dos Estados. Do mesmo modo a mesma proibição quanto a deputados estaduais, federais e senadores, salvo se alcançarem o sufrágio de 2/3 do eleitorado comparecente* (Silva e Carneiro, 1976, p. 130).

<sup>13</sup>Fonte: <https://ensinarhistoria.com.br/linha-do-tempo/revolucao-de-1924-a-revolta-tenentista-de-sao-paulo/>. Acesso em: 13 abr. 2024

E no correr das exigências daquela carta, pretendiam que o Governo Provisório que seria instituído estaria obrigado a:

.....  
3º - *A decretar o voto secreto.*

4º - *A realizar as reformas tributárias e aduaneiras, sendo que será proibida a participação dos agentes fiscais e alfandegários no lucro das multas e apreensões.*

*Em relação às classes armadas será exigido um absoluto respeito da administração aos direitos legais dos militares e da legislatura aos seus direitos constitucionais (idem).*

Conforme já assinalado, personalidades civis e eclesiásticas compuseram uma comissão, primeiro para tentar convencer Isidoro Dias Lopes a arrefecer os combates contra os legalistas e a população civil; em segundo lugar para solicitar ao presidente Arthur Bernardes a cessação dos bombardeios sobre a capital paulista. Essa comissão tinha à frente, além dos já mencionados prefeito Firmiano Pinto e José Carlos de Macedo Soares, também o arcebispo metropolitano, D. Duarte Leopoldo e Silva e o presidente da Liga Nacionalista, Frederico Vergueiro Steidel. Debalde seus esforços, pois o governo federal, a exemplo da resposta dos revoltosos, também não acataria essa tentativa de diálogo, dando por finda a reivindicação da comissão. Até mesmo o comandante da 2ª Região Militar, general Abílio Noronha, que fora feito prisioneiro pelos amotinados, tentou intermediar uma proposta de entendimento, fracassados também os seus esforços, considerando que Isidoro Dias Lopes impunha como condição para o diálogo a imediata deposição do presidente da República.

Carlos de Campos também manifestou o propósito de não ceder.

Os bombardeios recrudesciam e as consequências para a cidade eram desastrosas. Contudo, nada disso poderia justificar os horrores e a violência por parte das tropas federais no centro da capital. Um escritor suíço que passava férias na cidade fez anotações e cujo teor foi descrito na obra do historiador Paulo Sérgio Pinheiro:

*Mal colocou sua artilharia em posição sobre as colinas que dominam a cidade, o general Sócrates, comandante das tropas federais de cerco, desencadeou sobre a cidade aberta, da qual nenhum dos seus 800 mil habitantes havia evacuado, um bombardeio "à alemã". Soube aproveitar as lições da Grande Guerra europeia. Não tendo nenhuma catedral de Reims para demolir, Sócrates dava como alvo a seus canhões, ora um hotel reluzente de novo, ora bela fábrica moderna, ora um dos novos arranha-céus da cidade, destroçando um bonde, mandando aos ares uma confeitaria, espirrando uma escola, explodindo uma praça ou um bar... Percebia-se que os oficiais legalistas faziam isso de coração alegre. As ordens eram formais: era preciso esmagar a sedição, pior para a cidade, ela seria reconstruída (1992, p. 79).*

O já citado professor Francisco Moacir Assunção Filho resgata em sua dissertação de mestrado os cenários do período, reconstituindo a história de personagens que viveram de perto o drama do bombardeio. Disse ele que o governo federal cercou a capital paulista com um anel de ferro e fogo. A artilharia pesada do Exército atirava de hora em hora contra fábricas e bairros proletários, na tentativa de jogar o povo e os operários contra as tropas amotinadas. Segundo o professor,

*Os paulistanos demonstravam sua impotência diante da situação vivida. Se não era possível a fuga para a maioria, a única saída era permanecer, enquanto durasse a guerra, escondidos nos porões, únicos lugares em que estavam relativamente a salvo dos tiros e das bombas nas ruas. Iniciado pelo Brás e Mooca, o bombardeio se estendeu, depois, a outras regiões, como o Cambuci e Vila Mariana, onde soldados governistas e rebeldes trocavam tiros na rua. A população não tinha para onde correr, pelo que se depreende dos relatos dos moradores (2014, p. 63).*

No dia 22 de julho, o governo federal, intensificando os bombardeios, distribuiu à população o seguinte boletim:

*As tropas legais precisam agir com liberdade contra os sediciosos, que se obstinam em combater sob a proteção moral da população civil, cujo doloroso sacrifício nos cumpre evitar. Faço à nobre e laboriosa população de S. Paulo apelo, para que abandone a cidade, deixando os rebeldes entregues à sua própria sorte. É esta uma dura necessidade que urge aceitar como imperiosa, para pôr termo, de vez, ao estado de coisas criado por essa sedição, que avilta os nossos créditos de povo culto. Espero que todos atendam a esse apelo, como é preciso para se pouparem os efeitos das operações militares, que, dentro em poucos dias, serão executadas (Pereira, 2010, p. 148).*

Prenunciava-se mais violência contra a população, pois, a partir dali o que se viu foi o aumento das ações militares, com centenas de edificações destruídas ou gravemente danificadas pelos canhões enviados de trem pelo ramal que vinha do Rio de Janeiro. O cenário era dantesco, com ruas cheias de escombros, o que dificultava o socorro às vítimas, haja vista que os carros fúnebres não conseguiam circular em meio ao bombardeio inclemente. Assim, centenas de mortos foram enterrados em quintais, praças e jardins. Como informado, atendendo aos apelos do governo federal, cerca de 300 mil pessoas abandonaram a capital, refugiando-se no interior.

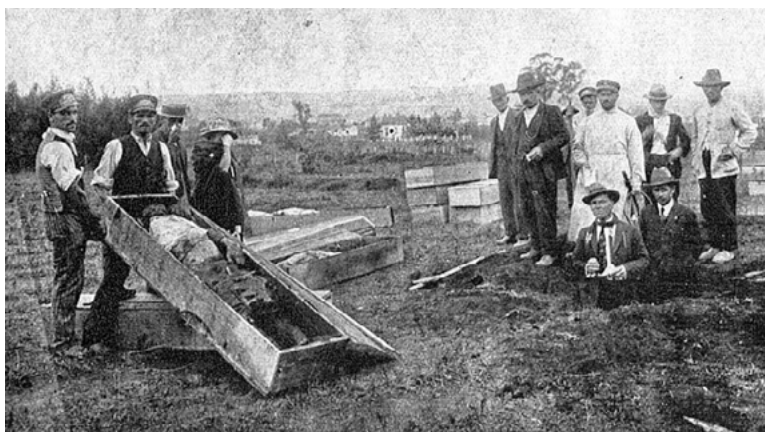
Ciro Costa e Eurico de Góes mostram um rápido panorama do que acontecia com a população mais pobre que procurava debandar da cidade através dos ramais ferroviários:

*Fugiam, de preferência, os retirantes nos trens vertiginosos que transbordavam, não só em carros de passageiros, aboletados sem distinção de classes, pelo excesso invencível e acabrunhador das lotações, mas nas chamadas gaiolas, galeras e gôndolas, em vagões fechados ou abertos, onde, nos períodos comuns, transitam os animais destinados aos matadouros e às cargas e mercadorias [...] Iam*



*premidos, raros sentados e seguros aos bancos, aos porta-chapéus, às janelas, às grades e aos breques das plataformas, entre malas e sacos* (1924, p. 68).

**Civis mortos em decorrência dos bombardeios são enterrados<sup>14</sup>**



Ainda é o professor Francisco Assunção Filho quem nos presta valiosa informação sobre o tumulto causado na cidade:

*As consequências da guerra travada dentro da cidade logo se fizeram sentir. Eram a fome, quando já começava a faltar comida, já que não era mais possível abastecer as prateleiras, o desemprego, por causa da destruição das fábricas, e o medo constante de morrer, atingido pelas bombas e granadas. O saque às fábricas e aos moinhos ainda em atividade, além dos mercados municipais, começaram a ocorrer. O êxodo veio na sequência. Premidos e atemorizados pelos ataques, muitos moradores começaram, então, a fugir da cidade para não morrer* (2014, p. 66).

Chegamos, então, à última semana da revolta, quando o general Isidoro Dias Lopes, vislumbrando a fragilidade e o desânimo que tomou conta de seus comandados, tentou negociar com o governo a rendição e a desocupação do centro da cidade; em contrapartida solicitava a anistia para os revolucionários, pedido que não prosperou junto aos generais governistas. Essa decisão forçaria uma retirada rápida por parte dos revoltosos do cenário de guerra. É o professor Matheus Bino Teixeira quem nos fornece a informação de que

*Os ataques terrestres e aéreos continuaram a devastar a cidade de São Paulo, enquanto as tropas legalistas reconquistavam posições na Zona Sul e na Zona Leste. Isolados e sem perspectivas de vitória, os*

<sup>14</sup> **Fonte:** <https://www.ambientelegal.com.br/a-revolucao-esquecida-de-1924/>. Acesso em: 13 abr. 2024.

*revoltosos admitiram a inutilidade dos esforços e decidiram deixar a cidade, tendo os comandantes Isidoro Dias Lopes e o major Miguel Costa organizado uma estratégia de fuga. Os militares revolucionários posicionaram bonecos de palha nas trincheiras para atrasar as tropas legalistas durante o dia, e na noite do dia 27 de julho, cerca de 3.500 soldados deixaram a cidade por meio de trens de carga na antiga São Paulo Railway, na estação da Luz (2022, p. 8).*

Em 28 de julho, dia em que muitos revolucionários deixaram a capital paulista, Isidoro Dias Lopes agradeceu à população e declarou que a semente do espírito revolucionário estava lançada, o que, efetivamente, não deixava de ser uma verdade, pois logo parte do que restou das tropas revolucionárias perseguidas embrenharam-se pelo interior do estado, em direção ao Paraná, e ali se juntaram às tropas rebeldes que vinham do Rio Grande do Sul sob o comando de Luís Carlos Prestes, o idealizador da Coluna Prestes, que durante dois anos percorreu o país pregando uma revolução social, procurando manter viva a semente lançada pelos tenentes no limiar da década de 1920.

No dia 29, com a vitória das forças legalistas, o presidente Carlos de Campos retornou ao palácio dos Campos Elíseos<sup>15</sup>. A cidade quase que totalmente arrasada, vilipendiada, enlutada, buscava retomar a sua normalidade.

### **Considerações finais**

Ainda que muitos insistam – e não sem alguma razão – que a revolução de 1924 em São Paulo se fez em consideração estritamente às ideias dos militares para apearem do poder o presidente Arthur Bernardes, é importante considerar que um desdobramento da rebelião teve, como chamou José Augusto Drummond, *um importante eco civil* (1986, p. 115), com a união de opositoristas de várias origens em uma Sociedade Invisível de Ação Política, que redundou, em fevereiro de 1926, na criação do núcleo do Partido Democrático de São Paulo.

A grande verdade é que quando os revolucionários fugiram de São Paulo, os paulistanos é quem sofreram com a punição que, segundo o manifesto deixado por Isidoro Dias Lopes, não era intenção do grupo, e sim *o desejo de poupar a cidade de uma destruição desoladora, grosseira e infame, e de poupar à nossa querida e gloriosa pátria um vexame tremendo que a todos nos constrangeria* (Silva e Carneiro, 1976, p. 137).

---

15 O Palácio dos Campos Elíseos, então sede do governo do estado de São Paulo até o ano de 1965, na Avenida Rio Branco, 1269, hoje tem como hóspede o Museu das Favelas.



Anna Maria Martinez Corrêa conclui sua obra afirmando que os integrantes da revolução de 1924 não levaram muito em consideração o apoio popular, nem se desligaram suficientemente do governo do Rio de Janeiro, assim o movimento não teria condição de sobreviver, aliando-se ao fato de que *a posição dos velhos setores, mais conservadores, era ainda bastante sólida para que um movimento dessa natureza viesse abalá-la* (1976, p. 187).

A professora está coberta de razão em sua lúcida análise, porque, como informa, a solidez das oligarquias agroexportadoras da República Velha manteve-se inalterada, seu patrimônio não restou, em momento algum, diminuído ou diluído com a insensatez daquele movimento. Mas o legado de vinte e três dias de batalhas, 503 mortos, 4.846 feridos (na maioria civis) e mais de 20 mil desabrigados, além de quase 2.000 imóveis completamente destruídos, não pode ser esquecido, ainda mais quando vemos que foram brasileiros lutando contra brasileiros. Os números representam o saldo de um episódio pouco conhecido, mas de importância histórica para a cidade de São Paulo, que completa cem anos neste 5 de julho, ainda que as marcas daquele conflito não estejam hoje muito visíveis.

O movimento tenentista da década de 1920 demonstrou a rebeldia militar contra as práticas políticas adotadas pelas oligarquias regionais durante a República Velha. As ações da jovem oficialidade armada em 1922, ainda que sem uma ideologia clara, una e coesa, as contestações ao sistema oligárquico visando à moralização das práticas políticas do país prosseguiram em 1924 e em 1926.

Edgard Carone lembra que nessas duas revoltas os tenentes praticamente *Propagavam a defesa e valorização do Exército, da liberdade de opinião e imprensa, do voto secreto, do equilíbrio entre os poderes, da instrução pública, do acesso à justiça, da mudança do sistema de nomeação dos magistrados, entre outros, além da crítica aos vícios do sistema oligárquico como o nepotismo, a “incompetência técnica” na administração, a “falta de integridade moral”, a “perversão dos costumes políticos”, entre outros (1975, p. 275).*

Especificamente com relação à revolta de 1924, observamos pela historiografia que, pelo menos até os anos 1960, havia esquecimento e absorção. Esquecimento oficial, simbolizado pela ausência de referências ao acontecimento em datas e monumentos oficiais. Absorção historiográfica, com algumas exceções, por meio da assimilação da rebelião no conjunto do movimento dos tenentes.

Ainda com relação a esse “esquecimento”, é o professor Adelino Martins quem traz importante conclusão em um de seus artigos, considerando, inclusive, que a revolta de 1924 teve um viés completamente diferente da motivação de 1932 na mesma cidade de São Paulo. Para o referido professor

*A produção oficial do esquecimento a respeito da rebelião de 1924 decorre de várias causas. Sim, houve sofrimento suficiente para que não haja o que comemorar. E, sim, a elite política paulista não protagonizou a rebelião. Porém, em nosso entendimento, há que se considerar a intensa e coordenada atividade da elite política paulista, no Executivo e no Congresso Legislativo, para consignar em textos e normas oficiais a execração da rebelião, de suas motivações e de suas consequências. Por fim, é preciso ter em conta, que o projeto político do movimento de 1924 era oposto aos valores que nortearam o movimento político consagrado pela memória oficial paulista, a Revolução Constitucionalista de 1932 (2012, p. 28).*

Porém, diante de tanta violência, devastação, mortes e danos irreparáveis ao patrimônio público, o movimento tenentista não estava inteiramente sufocado. O levante se estendeu a várias cidades do interior, como Campinas, Jundiaí, Itu, São Carlos, Botucatu, Araras, São José do Rio Preto e Pirassununga. Estimulou movimentos em outros estados: Mato Grosso (12 de julho), Sergipe (13 de julho), Amazonas (23 de julho), Pará (26 de julho) e a revolução do Rio Grande do Sul (29 de outubro).

Contudo, a repressão movida pelo governo federal foi enérgica: cerca de 10 mil pessoas foram presas, incluindo tenentes, anarquistas, comunistas, sindicalistas e simpatizantes, todos enviados para as ilhas de Trindade, Grande e Fernão de Noronha, transformadas em presídios.

No entanto, não podemos olvidar que essas revoltas legaram nomes importantes para a vida pública brasileira e, na análise dos participantes das duas sedições – 1922 e 1924 –, com ramificações para outros estados da federação, podemos realçar nomes como os de Eduardo Gomes, Antônio de Siqueira Campos e os irmãos Juarez e Joaquim Távora. Isidoro Dias Lopes participou ativamente

de outros movimentos revolucionários, e, mesmo anistiado pelo governo Vargas, no ano de 1934, retornou ao Brasil, depois de um exílio em Portugal por sua participação na Revolução Constitucionalista de 1932, tentando uma retomada com a Intentona Comunista de 1935, sendo a mesma sufocada, presos os seus líderes, o que ocasionou a retirada de Isidoro do cenário político brasileiro.

Miguel Costa, que era major da cavalaria da Força Pública de São Paulo, também participou ativamente da Coluna Prestes, que em um determinado momento passou a se chamar “Coluna Miguel Costa-Prestes”. Também perdeu a patente militar e a cidadania (era uruguaio de nascimento) com o término da Intentona Comunista e a implantação do Estado Novo. Somente em 1959 recuperou a cidadania brasileira, pouco antes de falecer.

João Cabanas, diferentemente dos outros revoltosos, não participou diretamente da Coluna Prestes, foi exilado no Uruguai e também fez oposição ao governo Vargas. Um dos fundadores da Aliança Nacional Libertadora. Foi suplente de deputado federal em dois mandatos. Autor de obras como *Os fariseus da Revolução* e *A Coluna da Morte*.

A jovem oficialidade do Exército procurou, nos anos 1920 e 1930, de alguma forma, tentar sacudir o empoeirado *establishment* que se prolongava na política brasileira desde meados do século XIX. A eles coube o papel de se tornarem “soldados-cidadãos”, ou seja, também participarem dos destinos políticos e econômicos da nação, não se subjugando às alternativas desenhadas pelos latifundiários, senhores e propagadores da política do café com leite. As rebeliões de 1922 e 1924 foram um alerta nacional para isto. O que aconteceu em 1930 nada mais foi do que um eco daquilo que pediam os tenentes de Copacabana e de São Paulo, secundados por todos aqueles outros esporádicos movimentos vindos daqui e dali do território brasileiro.

## Referências

AQUINO, Laura Christina Mello de. *A participação de batalhões estrangeiros na rebelião de 1924 em São Paulo*. 1995. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1995.

ASSUNÇÃO FILHO, Francisco Moacir. *1924 – Delenda São Paulo: a cidade e a população vítimas das armas de guerra e das disputas políticas*. 2014. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

BARROS, José D’Assunção. A Escola dos Annales e a crítica ao Historicismo e ao Positivismo. *Revista Territórios & Fronteiras*. Cuiabá, ICHS/UFMT, v. 3, jan/jun, 2010.

BELLO, José Maria. *História da República (1889-1954) – síntese de sessenta e cinco anos de vida brasileira*. São Paulo: Editora Nacional, 1964.

CABANAS, João. *Os fariseus da revolução*. Assunção, 1926.

CARONE, Edgard. *O tenentismo: acontecimentos – personagens – programas*. São Paulo: Difel, 1975.

COELHO, Edmundo Campos. *Em busca da identidade: o Exército e Política na Sociedade Brasileira*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1976.

COHEN, Ilka Stern. *Bombas sobre São Paulo: a Revolução de 1924*. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

COHEN, Ilka Stern. Imagens de 1924. *Studium*, Campinas, n. 21, p. 88–106, 2005. DOI: 10.20396/studium.v0i21.12224. Disponível em: <<https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/studium/article/view/12224>>. Acesso em: 4 abr. 2024.

CORRÊA, Anna Maria Martinez. *A Rebelião de 1924 em São Paulo*. São Paulo: Hucitec, 1976.

COSTA, Ciro; GÓES, Eurico de. *Sob a metralha: história da revolta de São Paulo*. São Paulo: Monteiro Lobato, 1924.

DRUMMOND, José Augusto. *O movimento tenentista: a intervenção militar e conflito hierárquico (1922-1935)*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

DUARTE, Paulo. *Agora nós!* chronica da revolução paulista, com os perfis de alguns heroes da retaguarda. São Paulo, 1927.

FAUSTO, Boris. *A revolução de 1930: história e historiografia*. 2.ed. São Paulo: Brasiliense, 1972.

IGLÉSIAS, Francisco. *Trajectoria política do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

LANNA JÚNIOR, Mário Cléber Martins. Tenentismo e crises políticas na Primeira República. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (org.). *O Brasil republicano: o tempo do liberalismo excludente – da proclamação da República à Revolução de 1930*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. Livro 1, p. 313-350.

MARTINS, Adelino. *Negregada revolta*. 2012. Disponível em: <<https://www.al.sp.gov.br/alesp/biblioteca-digital/obra/?id=238>>. Acesso em: 14 mar. 2024.

PEREIRA, Duarte Pacheco. *1924 – O diário da revolução – os 23 dias que abalaram São Paulo*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2010.

PINHEIRO, Paulo Sérgio. *Estratégias da ilusão: a revolução mundial e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

ROMANI, Carlos. Antecipando a era Vargas: a Revolução Paulista de 1924 e a efetivação das práticas de controle político e social. *Topoi*, São Paulo, v. 12, n. 23, p. 161-178, jul.-dez., 2011. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/topoi/a/9xSMsYPZSdzbt7fM5gwH7tg/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 13 abr. 2024.

SANTA ROSA, Virgílio. *O sentido do tenentismo*. 3.ed. São Paulo: Alfa Ômega, 1976.

SANTOS, Juliana Martins de Oliveira. *Entre bombas: cotidiano da cidade de São Paulo durante a revolução de 1924*. 2019. (Monografia de conclusão de curso) – Escola de Filosofia, Letras e Ciências – Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2019.

SILVA, Hélio; CARNEIRO, Maria Cecília Ribas. *O poder civil*. São Paulo: Editora Três, 1975.

SOARES, José Carlos de Macedo. *Justiça*. Revolta militar de São Paulo. Paris, 1925.

TÁVORA, Juarez. *Uma vida e muitas lutas*. Da planície à borda do altiplano. 5.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1974.

TEIXEIRA, Matheus Bino. Julho de 1924: a “Revolta Esquecida” na cidade de São Paulo. *Revista de História da UEG*. Morrinhos, Goiás, v. 11, n. 1, 2022. Disponível em: <<https://www.revista.ueg.br/index.php/revistahistoria/article/view/12308/9089>>. Acesso em: 25 mar. 2024.





**NECROLÓGICO****José Fernando Cedeño de Barros<sup>1</sup>**

No dia 11-JUL-2024, na capital paulista, faleceu Dr. José Fernando Cedeño de Barros, aos 65 anos de idade. Natural de Ribeirão Preto, SP, era advogado, graduado em direito pela Universidade Presbiteriana Mackenzie e mestre em processo tributário pela Universidade de São Paulo. Autor de livros e artigos na área jurídica, foi professor na Escola Superior de Advocacia e na Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado - FECAP.

Foi membro do extinto Instituto Genealógico Brasileiro, bem como associado fundador da ASBRAP, na qual exerceu o cargo de 2º secretário na primeira diretoria (1993-1995), além de membro do conselho fiscal tanto como suplente (1995-1997) quanto como membro efetivo (1997-1999, 2003-2005 e 2020-2021). Também foi autor dos seguintes trabalhos de cunho histórico e genealógico:

---

<sup>1</sup> Fonte da imagem: <https://www.guilhermesantannaecedenedebarrosadvogadosassociados.com/>. Acesso em: 8-NOV-2024.

- *Os Ribeiros do Valle e a fundação de Santa Rita do Passa Quatro*, na Edição Comemorativa do Cinquentenário do Instituto Genealógico Brasileiro, 1991;
- *Fazendas da família Junqueira*, na Revista da ASBRAP n.º. 1, 1993;
- *A benemerência privada no Estado de São Paulo vista através de dois testamentos*, na Revista da ASBRAP n.º. 16, 2010;
- *A família Imperial do Brasil e o ramo Real francês*, na Revista da ASBRAP n.º. 20, 2014; e
- *A música na Corte de D. João VI e de D. Carlota Joaquina*, na Revista da ASBRAP n.º. 21, 2015.

Era proprietário de um sítio em Itu, onde mantinha outra de suas paixões: os cavalos. Solteiro, *Zé Fernando* deixou uma irmã e três sobrinhos.

### **Maria Celina Exner Godoy Isoldi**



Nascida no dia 13-JUN-1952, em São José do Rio Pardo, SP, Maria Celina Exner Godoy Isoldi era um dos grandes nomes da genealogia brasileira da atualidade. Dedicou-se não apenas a pesquisas sobre seus antepassados como também de diversas famílias da região mogiana em São Paulo, sul e centro de Minas Gerais.

Formada em matemática, foi associada do extinto Instituto Genealógico Brasileiro. Era associada do Colégio Brasileiro de Genealogia desde 1996, tornando-se associada adjunta desse sodalício aos 20-DEZ-2007. Em 2001, foi fundadora da *Associação Gentree – Genealogia & História*.

Foi associada efetiva e fundadora da ASBRAP, da qual foi 1ª tesoureira (1997-1999 e 2003-2005), 2ª secretária (1999-2001), membro da Comissão Fiscal (2001-2003, 2005-2007, 2007-2009, 2016-2017 e 2018-2019), além de fazer parte da Comissão de Publicações por várias vezes.

Autora de diversos trabalhos de cunho genealógico, sempre contendo dados inéditos das famílias estudadas:

- *A descendência de Elias de Mello Castanho*, na Edição Comemorativa do Cinquentenário do Instituto Genealógico Brasileiro, 1991;
- *Um ramo da família Bueno de Camargo*, na Edição Comemorativa

do Cinquentenário do Instituto Genealógico Brasileiro, 1991;

- *Esboço sobre a descendência de Domingos da Rocha e de sua mulher, Domingas Ribeiro*, na Revista da ASBRAP nº. 1, 1994;
- *A Família Mello de São José do Rio Pardo e Região*, em coautoria com Carlos Alberto da Silveira Isoldi Filho, na Revista da ASBRAP nº. 2, 1995;
- *O Capitão Tomás José de Andrade e seus descendentes*, na Revista da ASBRAP nº. 4, 1997;
- *Um Antigo Habitante da Região de Cabo Verde (Minas Gerais): Frutuoso Machado Tavares e Silva*, na Revista da ASBRAP nº. 5, 1998;
- *A família Lima de Casa Branca e região*, em coautoria com Marta Maria Amato, na Revista da ASBRAP nº. 20, 2013;
- *Apontamentos para a genealogia de Cândido de Faria Moraes*, em coautoria com outros, no jornal Cidade Livre do Rio Pardo, de 5/8/2016;
- *Genealogia de Genebra Machado, um lapso a corrigir*, na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais v. 42, 2017.
- *Genebra Machado, um lapso a corrigir*, na Revista da ASBRAP nº. 24, 2017;
- *Família Silveira Vasconcellos, de Bragança Paulista*, na Revista da ASBRAP nº. 24, 2017;
- *Transcrições de assentos matrimoniais de filhas dos inconfidentes Cláudio Manuel da Costa e Inácio José de Alvarenga*, na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais suplemento ao v. 44, 2019; e na Revista da ASBRAP nº. 27, 2020;
- *Algumas famílias povoadoras do Alto Rio das Velhas: Ferreira Pedrosa, Aguiar, Pereira Lima e Rodrigues Peixoto*, em coautoria com Carlos Alberto da Silveira Isoldi Filho, na Revista da ASBRAP nº. 26, 2019;
- *Apontamentos sobre os Martins da Silva, de São Caetano da Moeda, Minas Gerais*, em coautoria com Carlos Alberto da Silveira Isoldi Filho, na Revista da ASBRAP nº. 27, 2020; e na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais v. 49, 2022;

- *Um ramo inédito da família Godoy Moreira*, na revista Brasil Genealógico, do Colégio Brasileiro de Genealogia, tomo VI, n.º 2, 2021; e
- *Descendência de Baltazar de Godoy Mendonça, achegas a Silva Leme*, na Revista da ASBRAP n.º 31, 2024.

Faleceu aos 20-JUL-2024, em sua cidade natal, onde foi sepultada, deixando os filhos Carlos Alberto, Ana Luiza e Ana Beatriz, bem como os netos Manuela, Laura, Luiza, Carlos, Vinícius e Lorena.